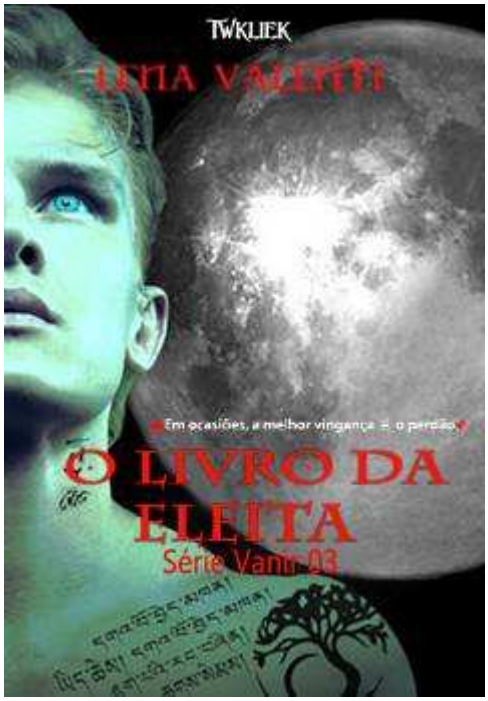
TWKliek apresenta:



Lena Valenti

O Livro da Eleita

Série Vanir 03

Disp em Esp: *MR*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Cris Reinbold*
Revisão Final: *Lory*
Finalização: *Thais*
Formatação: *Greicy*
Capa: *Elica Leal*
TWKliek

Para a vanira Daanna McKenna, a imortalidade é como viver uma morte longa e em agonia. Marcada pelas estrelas em seu nascimento, e ungida pelos deuses na transformação, viu-se obrigada a existir superprotegida, sem luz e sem liberdade, esperando que desperte o suposto dom que a faz tão importante para seu clã. Agora, quando o Ragnarök está chegando a porta, os deuses exigem sua participação direta no desenlace da guerra. Mas Freyja não dá nada gratuitamente: Daanna poderá receber seu dom. Entretanto, não imaginava que a chave que liberava seu poder estava nas mãos do homem que roubou seu coração, o qual estava a um passo de entregar-se à escuridão. Ela lutará para recuperá-lo das trevas, consciente de que tentando resgatar o vaniro, não só poderia perder o orgulho que a mantém de pé século atrás século, além disso, ele exigiria sua alma em troca.

A eternidade e Menw McCloud eram sinônimo de martírio e contradição. Ele, o curador dos vaniros keltois[1], era incapaz de encontrar a cura para seu desespero. Durante mais de dois mil

[1] *Celtas em gaélico.*

anos esperou que sua inequívoca cáraid[2] o perdoasse e desse a oportunidade de explicar-se, e enquanto esperava que isso acontecesse, pagava por um pecado que ele, na realidade, nunca cometeu. Agora, a Escolhida, depois de muito tempo atormentando-o, obteve seu objetivo vingando-se dele e lançando-o ao abismo do sangue e das trevas. Entretanto, o destino guardava uma última surpresa: a própria Daanna. Menw terá a possibilidade de entregar o dom ou de fazê-la cair em desgraça.
Loki procura o buraco por onde entrar no Midgard. Newscientist pressiona os clãs. Os deuses movem ficha. Vaniros e berserkers fecham filas. E as sombras do passado arremetem contra duas almas destruídas que procuram uma maneira de cicatrizar suas feridas. Quantos segredos podem custodiar a eternidade? Em certas ocasiões, a melhor vingança é o perdão.

Comentário das Revisoras

Comentário Cris Reinbold: Karma, qual é o seu? Já viveu todas as sensações, trabalhou todas as debilidades, vivenciou todos os sentimentos, teve fé, esperança, sentiu ódio, raiva, ficou desesperado, sentiu-se perdido, e isso tudo em quanto tempo, vinte anos, trinta.
Agora imagina sentir tudo isso durante vinte séculos... e no final ainda acreditar no amor.

Comentário Lory: O que falar? O livro é simplesmente maravilhoso. Confesso que foi um dos que mais me emocionaram. Eu chorei, sorri, gargalhei, me emocionei, senti raiva, tudo e muito mais.

Comentário Thaís: Completamente apaixonada por esse livro!!! A história é linda, emocionante. O casal é lindo, e quanto amor um sente pelo outro. Mas o orgulho, rancor e desencontros da vida os deixaram separados por 2000 anos. Mas também quando se encontram... Não li os anteriores, mas gostei da escrita da autora, você sente tudo com os personagens, a alegria, tristeza, angústia, felicidade, prazer... tudo!! E a história ainda deixa algumas lições de vida ao mostrar que muitas vezes nossa felicidade está tão perto, do nosso lado, mas por orgulho, medo, culpa, a deixamos passar e perdemos um tempo precioso. Mas para tudo ainda existe uma segunda chance. Assim, divirtam-se e se emocionem também com esta linda história de amor, perdão e recomeço. Livro mais que recomendado!!!

[2] *Casal em gaélico.*

Diz a profecia...

Haverá uma guerra entre os deuses do céu, chamado Ragnarök (O destino dos deuses). A guerra começará com uma rebelião a favor da supremacia divina sobre todos os habitantes da Terra. Mas nem todos os deuses estarão de acordo e se dividirão em dois lados. Os jotuns, liderados por Loki, ficarão a favor da subversão dos humanos, e os Aesir e Vanir, liderados por Odin, vão preferir nos dar o livre arbítrio, sem depender das divindades, e observar constantemente nossa evolução como civilização. Este destino apocalíptico é conhecido em outras culturas como o fim dos tempos ou o livro do Apocalipse. Supõe-se que nesse juízo final não só os deuses envolvidos perecerão, mas parte desse universo irá desaparecer. Odin, conhecendo a terrível profecia e o desacato que Loki está prestes a cometer, o bane. Mesmo assim, Loki escapa da prisão em Asgard e cai em nossa dimensão, Midgard, a Terra, evocando aqui sua própria prisão invisível e coexistindo com seres humanos, criando o caos, destruição e confusão para onde quer que vá.
Foi assim que chegaram à Terra os berserkers e o vanirios. Criados pela magia dos deuses Aesir e os Vanir, cuidaram dos humanos e de afastar Loki (alguns o conhecem como diabo). Vão tentar por todos os meios que Ragnarök não chegue, e que Loki não incomode os seres humanos mais que o necessário. O Caído, por sua vez, faz todos os esforços para desestabilizar a ordem que Odin quer manter em nossa dimensão.
A batalha entre o bem e o mal já começou. Ragnarök se aproxima. E você.... do lado de quem está?

TERMOS GAÉLICOS

Aileen: A que está cheia de luz
Ál: Jovem e adorável
Álainn: Menina formosa
Atalayas: Os 4 guardiões dos elementos. Um para cada ponto cardeal.
Beat: Mordida
Beatha: A que dá a vida
Bratháir: irmão
Cahal: O poderoso na batalha
Caleb: O guerreiro valente
Cáraid: Companheiro, amigo
Carbaidh: Caramelo

Chailin: Dama
Cianoil choin: Idiota asqueroso
Comharradh: marca, sinal
Daanna: a eleita e venerada
Doch: trovão
Duine: Homem
Gall: Intruso
Gwyn: nome gaélico que significa branco, santo, abençoado.
Keltoi: Celta
Leannán: doce coração
Mada-ruadh: Puta
Madadh-allaidh: Besta-lobo
Mamaidh: Mãe
Maru: Grande
Menw: o que pode curar
Peanás Follaiseach: Castigo público.
Piuthar: Irmã
Rix: Rei
Wicca: tradição neo-pagã de magia e bruxaria.

FRASES GAÉLICAS

Cha b· éid mi, athair (Eles não são como eu, pai)
Mo bréagha donn (Minha menina linda)
Carson (Por quê?)
Liuthad, mo álainn (Tudo, minha bela)
Gobha (Mais profundo)
Beat is beat (Mordida a mordida)
Tha mi gu tinn á t· áonais (Porque fico doente sem você)
Mas fheàrr leat xxxx, gabh e, leannán (Se preferes xxxx, tome-o, meu doce coração)
Guir fuathach leam do thu (Odeio você)
Thagh mi thu (Escolho você)
Cha dèan (Deixe-me em paz)
Tha thu mo leannán (Você é meu doce coração)
¿' N deíd thu lium, mo chailin? (Virá comigo, minha dama?)
Ó furrain (Podes?)
Mo ghraidh (Meu amor)

TERMOS NÓRDICOS

Asgard: residência dos deuses, em particular dos Aesir.
Barnepike: ama
Bastão Conselho: o bastão que Odin deu ao líder do clã enfurecido para levá-lo com ele como um símbolo da paz entre clãs.
Bror: irmão
Canto Joik: canto de noaiti que evoca os espíritos.
Comitatus: um grupo de pessoas reconhecidas como família entre eles, embora não haja nenhum laço de sangue entre eles. O comitatus ocorre entre os berserkers.
Constantes: sacerdotisas que recebem imortalidade para combater o mal para sempre.
Druht: o dom da profecia e adivinhação.
Hallsbänd: o colar usado no pacto de escravidão e que submete quem o coloca.
Jotunheim: casa dos gigantes, considerada a fonte de todo o mal.
Juramento Piuthar: juramento pronunciado entre as irmãs sacerdotisas.
Katt: gata
Kompis: parceiro
Kone: como os berserkers chamam suas esposas, que significa *"mulher esposa"*.
Leder: líder
Matronae: nome dado para as sacerdotisas que apoiam as constantes.
Midgard: o nome que os deuses nórdicos dão à Terra.
Noaiti: o xamã do clã berserker, também conhecido como *"O Senhor dos animais"*.
Nonne: apelido carinhoso dado às irmãs, é como *"pequena irmã"* ou *"irmãzinha"*.
Nornas: as três parcas nórdicas que tecem o destino.
Od: um dos presentes dados por Odin para os berserkers. É a raiva animal.
Pacto Slavery: pacto de escravidão que acontece no clã berserker quando um homem blasfema a uma mulher.
Ragnarök: batalha final em que aparecem deuses, jotuns e humanos.
Reflekt: apelido carinhoso dos berserkers a suas companheiras. Para eles suas companheiras são um reflexo do que eles são.
Seidr: magia muito poderosa.
Seidrman: bruxo que domina a magia negra Seidr.
Slave: escravo.
Soster: irmã de sangue.
Spädom e Drom: livro das profecias e sonhos de noaiti.
Valhalla: residência das valkyrias.
Vanenheim: residência dos Vanir.

Velge: a ungida.
Voluspá: a profecia da vidente. Assim se conhece a profecia de Ragnarök.
Völva: vidente.

Peanás Follaiseach

Quando um guerreiro alega, maltrata, fere ou calunia outro injustificadamente, a pessoa paga seu erro com punição pública.
Punição pública é uma flagelação aos olhos de todos os membros do clã.
Quem recebe o castigo, sofrerá em seu corpo o número de chibatadas iguais aos anos que a pessoa lesada tenha. As cordas castigadoras são feitas de couro e seus extremos untados com vidro quebrado.
Se o guerreiro sobreviver às lesões e infecções subsequentes, obtém o perdão do clã. Se morrer, é considerada morte justa.

O comharradh

O rótulo. Os casais Celtas antigamente se davam um nó perene como sinal de amor eterno. Freya (a deusa que torna dependentes seus pares vanirios) ama essa tradição romântica dos celtas e decidiu selar todos os casais vaniros vinculando o corpo, mente e alma, com uma réplica do nó perene tatuado em seus corpos.

A noite das fogueiras

Como é chamada a noite de São João pelos vanirios. Em seus rituais pulam, dançam e bebem Hidromel ao redor do fogo.
Na noite das fogueiras os vanirios podem encontrar seu parceiro e mesmo se eles fizeram a vinculação podem ser selados pelos deuses.
Para o Celtas-vaniros, é uma noite muito especial porque através do fogo (considerado símbolo sagrado para eles) podem queimar o passado e olhar para um novo futuro.

Capítulo 1

Ano 60 AC ao norte do Rio Tamesis.
Noite do Imbok.

Era noite aberta, uma esplêndida lua cheia. As estrelas cintilavam ao som de uma melodia inaudível para o ser mortal. Mas cheia de excelência para o universo. Fazia pouco tempo que o filho de Beli Mawr, Caswallwn, entrou na zona da tribo Trinovants na Grã-Bretanha. Os Trinovants aceitaram a soberania, vivendo com seus invasores em relativa paz e harmonia.

Aquela noite estava assinalada pelos astros.

Para o clã dos McKenna e os McCloud era momento de celebração.

Os pais de Menw e Cahal, únicos druidas casivelanos, previram o nascimento de uma nova estrela entre os humanos. As runas falaram sobre uma menina a que cuidar, uma mulher futura a que venerar, alguém que marcaria o destino da humanidade. Seu corpo seria um templo de luz, e dela sairia uma nova esperança. E aquela noite do Imbold era a assinalada.

Os celtas encheram o povoado de pequenas tochas, a luz afastaria os maus espíritos. Os membros dos clãs se encontravam reunidos ao redor da pequena casa circular dos McKenna, seu chakra[3]. Estas pequenas cabanas, lares cheios de calor para eles, se colocavam estrategicamente sobre pontos energéticos da terra, e nelas se concentrava a energia telúrica e a luz dos elementares mais puros. Os celtas, que adoravam o círculo, acreditavam que sua forma repelia a energia negativa, já que, ao não ter esquinas, nada podia ficar preso: tudo fluía em círculo, tudo se renovava.

Uma estrela fugaz cruzou o céu. O pequeno Menw McCloud olhou o céu e sorriu a aquela parte de luz que, com rebeldia e sem nenhum tipo de licença de seus maiores, atravessava o teto estelar de ponta a ponta.

Diziam que a menina que nasceria seria uma estrela. Brilharia? Se ele se atrevesse a tocá-la, queimaria a pele?

— No que pensa, Brathair[4]? — perguntou Cahal, seu irmão mais velho que estava do seu lado tentando escutar os ruídos que saíam do interior do chakra dos McKenna.

Os dois meninos eram muito parecidos fisicamente, ambos loiros de cabelo comprido e revolto, com olhos muito grandes e azuis, os de Menw ligeiramente mais escuros que os de Cahal. Com suas covinhas em seus queixos e a beleza selvagem dos rapazes que crescem em liberdade e sem restrições. Eram dois cavalos loucos. — Acha que a escolhida… brilha? — perguntou Menw cheio de curiosidade.

---

[3] *Nome que dava as casas dos celtas.*

[4] *Irmão em gaélico.*

Cahal franziu o cenho e olhou seu irmão, curioso. — Por que brilharia?

— Mamaidh diz que será uma estrela entre os humanos. Olhou as estrelas, Cahal? São faróis cheios de luz. Seria bonito que ela brilhasse. — Deu um suspiro sonhador.

— Menw — olhou seu irmão com pesar, — está obcecado com as stíchean e com as deusas. Só elas brilham.

Menw baixou a vista, envergonhado, e chutou uma pedra com o pé.

— Só pensei que seria bonito que ela brilhasse — murmurou. — Como a lua.

— Ela é só uma menina.

— E por que não brilharia? — com a voz de Thor MacAllister, um bonito jovem moreno de grandes olhos verdes, seis anos mais velho que eles, as esperanças do pequeno foram renovadas. Sorriu a Menw e revolveu o cabelo. O rosto de Thor estava manchado de barro, pois esteve brigando novamente para ser um grande guerreiro. Os druidas já anunciaram que a Bretanha seria assediada nos anos vindouros por um grupo de homens com metais no corpo e na cabeça, e com estranhas pelagens vermelhas sobre o crânio. Uns homens com diferentes credos, que não acreditavam no que eles acreditavam e por isso quereriam matá-los. Ele queria estar preparado para isso. — Menw, se você quiser que brilhe, brilhará.

Menw sorriu, e Cahal riu divertido ao ver seu irmão feliz por aquela confirmação. Thor era como um irmão mais velho para eles. De repente, se ouviu os gritos e os soluços de um bebê em todo o acampamento. As pessoas ficaram inquietas e espectadoras. A menina estaria bem?

Cahal, Menw e Thor andaram até chegar ante da porta do chakra. Tinham os olhos abertos e esperavam ver aquele diminuto milagre. Do chakra saiu um homem muito moreno, com barba espessa e olhos azuis, era Duncan McKenna, o vigia do clã. Levava algo nos braços, coberto com um manto de pele de cervo.

— Minha filha!— exclamou um Duncan orgulhoso, elevando-a por cima da cabeça. — Minha Daanna!

Todos aclamavam à pequena e o pai. Era um dia de alegria e de júbilo. A Escolhida nasceu no Imbold, o que aumentou a sua lenda pessoal. Daanna estava marcada pela magia e as runas, mas nascer neste dia era como colocar a cereja no bolo. O Imbold se celebrava em um mês frio como era fevereiro. Mas esse dia estava marcado por feitos muito mais transcendentais. Naquelas datas apareciam sinais da vida que renasce na terra: a terra inunda com as chuvas, os cordeiros nasciam novamente, a natureza começava a retomar seu curso, voltava a ouvir o canto de esperança das cotovias… Em resumo, era o retorno da vida com a chegada da primavera, é por isso que o Imbold estava relacionado com Brigit, a deusa celta, portadora da luz, a jovem donzela da primavera; frágil, necessitada de segurança, mas que era mais forte cada dia que o sol revive seu fogo interior. Daanna representava tudo isso em seu pequeno corpo. Contudo, Daanna conduzia esse peso sobre suas minúsculas costas. Muito para uma menina.

Depois que todos ali presentes saudaram a menina e parabenizaram ao pai, só os meninos ficaram no chakra. Caleb, o filho pequeno de Duncan, convidou-os a entrar e sentou na poltrona que havia ao lado do fogo. Seu pai prometeu que quando estivessem mais tranquilos deixaria que pegasse Daanna.

Cahal, Menw e Thor se sentaram ao lado de Caleb, e Duncan, com o rosto cheio de orgulho e amor, pôs à pequena Daanna nos braços de seu filho de seis anos.

— É sua piuthar[5], Cal. Vai ter que cuidar dela.

Caleb, com seus olhos tão grandes como dois sóis, assentiu e beijou a cabecinha da sua irmãzinha.

Menw não perdia nenhum detalhe daquela menina pequena e rosada, que só fazia beicinho e não deixava de mover. Era tão pequena. Tão diminuta.

Levantou e foi para a cama em que estava Maron, a mãe de Caleb e Daanna. Estava muito cansada e abatida, o pequeno sentiu admiração e compaixão por ela. Que de um corpo pudesse sair uma vida tão grande como aquela, era… magia.

— Senhora McKenna — disse, aproximando com convicção. Maron abriu seus olhos azuis e revolveu o cabelo do pequeno anjo.

— O que passa jovenzinho?

— Mamaidh me deu isso para você. — Mostrou um tecido cheio de dobras. — São plantas para fazer caldo quente. Para que reponha e façam sentir bem.

— Sua mãe é uma deusa. — Sorriu Maron pegando a bolsa de suas mãos. — Duncan.

O homem se aproximou de sua mulher e levou a bolsa com ele:

— Agora farei uma pouco de caldo, *mo gbraidh*[6]. Descansa.

Maron sorriu a seu marido e olhou Menw com olhos tenros.

— O que você achou da minha filha? — se acomodou sem poder dissimular os dores que sentia ao falar com ele.

Menw ficou vermelho como um tomate e olhou ao chão.

— É muito pequena.

— Claro que sim, é um bebê.

— Sim — sorriu. — Quando for maior, abrir os olhos e crescer o cabelo, direi o que acho de Daanna, senhora McKenna. Agora se parece com o velho MacAllister, o avô de Thor. Está um pouco calva, sem dentes e enrugada, é como ele.

Mason desencaixou a mandíbula em face às dores começou a rir como louca. Quando se acalmou, limpou as lágrimas dos olhos e acrescentou:

— Cuidará dela Menw? Cuidará dela entre todos? Daanna será especial. Será muito importante. Cuidará, pequeno?

O pequeno endireitou os ombros e assentiu solenemente.

— Sempre, senhora.

Dito isso, o menino se foi com Daanna e Caleb, e tomou seu tempo para estudá-la com atenção. Tinha um pequeno arbusto de cabelo negro na cabeça, as mãos fechadas como punhos e procurava o calor do corpo de seu irmão.

Menw estendeu sua mão e com um dedo tremente acariciou o punho fechado da menina. Esta, imediatamente e em um movimento reflexo, pegou com força. Os quatro meninos

[5] *Irmã em gaélico.*
[6] *Meu amor em gaélico.*

começaram a rir.

— Vê como não brilha? — disse Cahal, passando um braço por cima dos ombros de Menw.

— Sim brilha. — Murmurou Menw maravilhado. Daanna abriu seus olhos e o olhou fixamente. O pequeno tragou saliva e sentiu que algo poderoso e cheio de magia percorria seu corpo. — Sim brilha, Cahal, só que você não pode ver sua luz.

Passaram as primaveras e Daanna se converteu em uma formosa menina de cabelo negro azeviche e olhos verdes tão claros como o céu. Era rebelde. Impetuosa, mas muito doce e carinhosa. Os meninos a protegiam aonde ia. Todo o povoado a adorava, todos a queriam. Mas Daanna tinha a energia dos meninos de sua idade, cinco anos cheios de vitalidade e curiosidade que deixavam o povoado louco, e também uma fixação: um menino de onze anos, cabelo loiro e cara de anjo. Seu amigo, Menw.

Caleb já aceitara que Daanna não seria fácil de controlar, e devido à grande influência de seu amigo sobre ela, necessitaria de sua ajuda para que a pequena obedecesse, já que não aceitava ordens com facilidade.

Um dia, as crianças estavam pescando trutas no rio. Menw e Cahal tentavam abandonar a uma especialmente grande que se escondeu sob uma rocha. Thor e seu irmão Samuel, que contavam com quinze e dezesseis anos, brigavam na água, rindo um do outro, fazendo caso omisso dos peixes que passavam ao seu lado e escapavam de suas mãos. Outros meninos mais como Seth, Lain e Shenna riam das brincadeiras dos irmãos e aclamavam Menw que elevava vitorioso com suas longas extremidades uma truta de mais de dois quilos de peso.

Daanna estava sentada à borda do rio, com o queixo apoiado nos joelhos, aplaudiu a caça de seu amigo e olhou orgulhosa e sonhadora como Menw se dirigia para ela a fim de mostrar o que caçou.

Menw e os outros estavam se convertendo em meninos grandes. O menino já estava com onze anos, seu irmão Cahal treze, Caleb quatorze, Samael dezesseis e Thor com quinze… e ela só tinha cinco. Queria ter a mesma idade de Menw para poder fazer o que ele fazia. Seu amigo cresceu muito; era magro e desajeitado como os outros, mas era como um príncipe sitich, um príncipe das fadas. Com seu cabelo brilhante e comprido, cheio de raios de sol, lábios grossos e seu doce olhar azul. E ela já sabia que Menw, por alguma razão que não sabia explicar seu pequeno e inocente coração, era dela.

— Viu pequena? — perguntou Menw gabando de sua pesca.

Daanna levantou, polvilhou a túnica e sorriu para observar o peixe que movia sua boquinha tentando respirar. Dava muita pena comer animais; todos em sua tribo caçavam e comiam animais, mas ela sempre pensava na família que esses seres deixavam atrás.

— É muito grande, Menw — sussurrou Daanna.

Menw se inchou como um galo ante as palavras da menina. Sua doce Daanna. Sua estrela.

— Não terá peixinhos que o esperem?— sussurrou com tristeza. — E seus filhinhos?

Menw sorriu com ternura e olhou à cabecinha morena que estava inclinada olhando o que estava em suas mãos. Daanna era misericordiosa, e tinha um espírito muito especial. Não queria fazer mal a nada nem a ninguém, nunca.

— Este peixe é maior, idoso — explicou Menw para tranquilizá-la. — Já cumpriu seu ciclo de vida.

Daanna franziu o cenho. — Como sabe?

— Pela cor de suas escamas, pelo tato áspero de sua cauda e porque está cansado de nadar.

— Está cansado de nadar?— repetiu Daanna, prestando atenção. — Os peixes não se cansam de nadar, Menw. Nasceram para isso.

— Este sim. — Tocou as nadadeiras do peixe e este se moveu instintivamente. — Olha, vê? Não as move bem, é lento e não luta por sua vida. Acredito que este peixe está preparado para dizer adeus.

Daanna tragou saliva e seus enormes olhos cor esmeralda se umedeceram.

— Ninguém está preparado para dizer adeus. — Murmurou a pequena com grande sabedoria. — Porque a vida é muito bonita para se despedir dela.

Menw olhou à criatura com atenção e sentiu que Daanna sempre, de algum jeito, podia fazer que mudasse de opinião.

— Mas este peixe não se despede assim. Despede-se porque já é mais velho.

— Deixa que diga adeus rodeado de sua família. Solta, Menw. — De repente a pequena, que não estava nada convencida, pôs uma mão sobre a de Menw e o obrigou a abrir os dedos e a deixar de capturar a pobre truta. — O solte. — Sussurrou com um doce sorriso.

Daanna era convincente e cativante. Menw olhou ao seu redor, sorriu com doçura a Daanna e compreendeu que não podia quebrar seu brilhante coração. A truta saltou à água e nadou com lentidão. Menw negou com a cabeça e Daanna sorriu e saltou sobre ele, abraçando com força. Aquelas amostras espontâneas que Daanna só mostrava com ele sempre o deixavam aturdido e eufórico por partes iguais.

— Obrigada, príncipe. Obrigada, obrigada!

Menw a abraçou com carinho e a deixou no chão de novo. Aquilo não podia ser. Não era a primeira vez que fazia, e só fazia a ele.

— Não pode me fazer isso cada vez que esteja caçando. Não me acompanhe mais ou retornarei ao chakra com as mãos vazias.

Daanna inclinou a cabeça com culpabilidade e assentiu envergonhada.

— É que, Menw, eu acredito que a vida se deve… se deve… — não saía à palavra e desesperava quando não podia explicar. — Respeitar. Isso. Respeitar. Isso está errado? — perguntou confundida.

Menw prendeu o cabelo com uma fita e pensou em tudo que precisavam fazer para alimentar, em tudo que deviam fazer para sobreviver… Daanna era pequena, mas sua alma era muito sábia. Estava errado respeitar a vida? Estava errado comer animais?

— Pois não sei. — Respondeu, retirando uma mecha de cabelo negro e colocando atrás da orelha. — É o que sempre temos feito, é o que nos ensinaram a fazer. Mas acredito que… é bonito pensar como você, pequena.

Daanna ruborizou e assentiu, emocionada pelas palavras de seu príncipe sitich.

De repente ouviram um squash enorme. Seth deixou cair uma rocha imensa sobre a água e

caçou a pobre truta que Menw liberou. O menino correu para Daanna com orgulho e mostrou o peixe como se fosse um troféu.

— É para você, Daanna. — Disse o menino de olhos e cabelo negro crespo. — É para que coma nossa estrela. Seu pai estará orgulhoso de mim.

Daanna apertou a mandíbula e sorriu a contra gosto a Seth. Assentiu com a cabeça como uma princesa, pois assim era considerada no clã, e disse:

— É muito amável, Seth. Muito obrigada.

Seth olhou Menw de soslaio, orgulhoso de sua proeza, e se afastou com a truta morta nas mãos.

Daanna suspirou e olhou o chão com os olhos cheios de pesar.

Menw olhava Seth enquanto se afastava feliz com sua caça nas mãos, e apertou os punhos. Esse patife do Seth sempre estragava tudo.

— Obrigada por me escutar, Menw — disse Daanna suavemente. — Você sempre me escuta.

Menw se centrou de novo na doce menina que estava em sua frente e sentiu que sua luz o banhava por completo.

— Eu sempre a escutarei, pequena.

****

Meses mais tarde, as mensagens das runas se cumpriram. Os romanos chegaram às costas da Bretanha. Os casivelanos e os trinovante se uniram para enfrentá-los, mas não contavam com a traição de um dos membros de seu clã. Quando as tropas romanas os saquearam, Gall, o olho direito do rei e melhor amigo de Duncan, e alguns traidores mais, lideraram a emboscada romana, aproveitando que o vigia do povo celta, naquele dia era um rapaz de apenas quatorze anos, Caleb McKenna, e que ele não veria nada estranho os membros de seu clã se aproximar e o saudar. Caleb era hábil e muito rápido, mas o pegaram antes que desse tempo de acender as fogueiras de aviso, colocadas estrategicamente nos penhascos das montanhas mais altas. O arrastaram com os cavalos e chegou gravemente ferido ante os seus. Os romanos queimaram os chakras, assassinaram os guerreiros celtas e levaram às mulheres para usar em outro tipo de mistérios…

Um grupo de meninos e adolescentes presenciaram, impotentes, a matança. Vários romanos rodearam e apontaram com lanças para que não escapassem nem tentassem opor resistência alguma. A Caleb e Daanna, embora brigassem, obrigaram a ver como cortavam a cabeça de seu pai Duncan. Menw e Cahal viram como seu pai, o druida mais velho dos trinovante, também perdia a vida nas mãos de espadas romanas. Thor, Samael, Seth, Lain… todos viram a carnificina.

Os romanos levaram às mulheres para que servissem de todas as maneiras possíveis. Gall levou a mãe de Daanna. Caleb tentou pará-lo, mas recebeu uma boa surra nas mãos desse homem maior que ele.

— A próxima será sua irmã. A levarei. — Limpou o sangue do lábio, um ligeiro corte que Caleb produziu com o cotovelo, e olhou de esguelha a menina — Veremos como é especial,

Escolhida. Viremos pegá-los amanhã e nos servirão, e jurarão lealdade a Roma.

Menw grunhiu e puxou Daanna até colocá-la atrás dele.

— Não — disse o jovem loiro, igualmente sujo e machucado como os demais. — Não a levará.

Daanna se agarrou a seu cinturão e ocultou o rosto em suas costas. Cahal também a cobriu, igual ao resto dos meninos sequestrados. Deviam protegê-la, sempre.

Gall elevou o lábio com um sorriso de suficiência e agarrou uma das lanças que o romano mais magro de todos sustentava.

— Você não tem força — disse Gall. — Vai protegê-la? — riu

Olhando Menw.

— Gall, miserável carnicei… arg!

Gall cortou seu peito com a ponta afiada de metal, uma ferida profunda e vistosa que cruzava o peito à altura do coração. Menw franziu o cenho devido à dor e levou as mãos ao peitoral. Mãos que se enchiam de seu jovem sangue.

— Menw!— gritou Daanna, ajudando imediatamente que se mantivesse em pé.

Todos os rapazes fizeram a tentativa de brigar, mas as lanças doíam quando se cravavam na pele, e no final, a contra gosto, estreitaram mais o cerco, só dispostos a defender.

— Amarra-os. — Ordenou Gall aos romanos. — São muito escorregadios.

***

Aquela mesma noite, liderados por Thor MacAllister, todos os jovens do povoado, mais de vinte, conseguiram escapar das garras romanas e se fecharam no bosque.

Nos livros de história falam de grandes lendas celtas. Narram que um ano depois, os romanos venceram o rei Casivelanos, e, entretanto, nunca conseguiram dominar os bretões. A culpa disso era dos jovens celtas que se fecharam nos bosques. Alguns os chamavam pictos, já que pintavam a pele quando foram à guerra. Outros os chamavam filhos dos bosques, e para os romanos eram simplesmente, *A semente de Satã*. Os primeiros pictos foram os filhos dos casivelanos, Thor e seu clã.

Viviam no interior dos bosques bretões; conseguiram combater os romanos durante anos, com muitíssimo êxito já que, em todo esse tempo, apenas dois deles morreram nas mãos dos membros do exército do César, e, entretanto, eles acabaram com a vida de muitos. Nos bosques encontraram com mais treze jovens, já adolescentes como eles, que conseguiram escapar dos centuriões. As tribos dos casivelanos de Thor e a dos caledônios recém-encontrados se uniram e combateram juntos contra Roma.

Nenhuma morte foi tão celebrada como a de Gall. Os Caledônios foram executados através de suas mãos, e Lucius, um dos caledonios mais agressivo, o líder contou a Thor com todos os detalhes, como entrar em seu acampamento, e descreveu com ódio e raiva tudo o que o traidor fizera.

Foram ao seu acampamento de noite, uma emboscada cheia de sigilo. Suas pernas mais

jovens e mais atléticas eram silenciosas, o bosque lhes ensinou a não despertar os animais e agora parecia que voavam. Foi Caleb quem deu a punhalada final em Gall. Todos esperavam encontrar às mães que perderam tempo atrás, mas já não estavam. Descobriram na voz moribunda de Gall que algumas morreram, ou que as trocaram com chefes de outros clãs em troca de cooperação para acabar com o cerco e conquistar a Bretanha pelas mãos de Roma.

Muitos bretões se comprometeram a pagar tributo e a jurar fidelidade, mas os pictos jamais se dobraram. Criou um vínculo muito forte entre eles, eram os sobreviventes de uma maneira de viver, de um modo de pensar.

Os romanos temiam, inclusive os bretões o faziam. Eram grandes estrategistas, e autênticos animais de caça nas batalhas. Inclusive as mulheres sabiam lutar, eram incríveis arqueiras. Daanna era a única garota que não podia ir à guerra devido a sua condição. Todos esperavam algo dela, acreditavam que ela poderia parar a guerra, mas ela não sabia nada disso. — Me deixem ao menos lutar com vocês. — Disse Daanna uma noite a seu irmão maior. — Pratico todos os dias com o arco, Brathair, sou muito boa.

Caleb sorriu a jovem a frente. Daanna, com os anos, se converteu em uma linda jovem de dezessete anos. — Não pode princesa.

— Não posso? — grunhiu farta de tanta proteção. — Onde está Menw?

— Preparando infusões em seu chakra.

Daanna não necessitou mais. Girou sobre seus calcanhares e dirigiu às panelas, um lugar retirado em um pequeno chakra no interior do bosque onde Menw criava suas beberagens e suas infusões medicinais. Quando entrou e o viu de costas, mexendo à água fervendo, com esses ombros tão largos e esse cabelo tão loiro, notou o que sempre acontecia: ruborizava e seu corpo tremia, reagindo a sua presença. Seu príncipe das fadas a afetava muitíssimo.

— Menw?

Menw a olhou por cima do ombro e sorriu, convidando-a a que se aproximasse.

— Princesa, vem e me ajude com isso. Necessito outro par de mãos para ajudar a misturar a água e o mel.

Daanna se aproximou e Menw, com grande naturalidade, puxou pela cintura e a colocou a frente, entre a panela e seu corpo. Menw se inclinou e fez ondas em seu cabelo com prazer.

— Cheira bem — disse encantado. Menw sabia muitíssimas coisas a respeito de Daanna. A primeira é que estava apaixonado por ela desde anos, e a segunda, que a Escolhida nunca poderia ser reclamada até que cumprisse sua profecia. Todos juraram protegê-la, desde o primeiro até o último dos pictos, mas isso também incluía protegê-la de si mesmos e de seus instintos. A jovem era uma deusa encarnada em mulher. Seus olhos, seu corpo e apenas sua presença fazia os guerreiros se sentirem bem, e incomodava às mulheres. Mas ela não parecia se dar conta de como seu aspecto era magnético. E isso era algo que Menw adorava nela. Não era vaidosa e nunca utilizava essa arma para surrupiar nada de ninguém.

— O quê? — sussurrou à jovem dando voltas a enorme colher de pau. Que Menw aproximasse tanto era muito ruim para ela, desorientava.

— Seu cabelo. Cheira muito bem. — Repetiu ele, aprisionando-a com os braços e ajudando

com a enorme colher de pau. — Assim. Mexa assim. — Rodeou suas mãos com as suas e indicou como fazer.

— Menw — disse com voz afogada.

— Mmm?

— Menw… — disse, — meu irmão não me deixa lutar com vocês. Todas as mulheres aprenderam a fazer e acompanham em suas brigas. Por que não me deixam?

— Você é especial.

— Não sou. Não me sinto especial, Menw.

— Sim é.

— Mas me sentiria melhor se me deixasse lutar… a seu lado. Ao lado de todos. — Esclareceu a garganta.

Menw parou a colher e olhou a cabeça negra que estava à altura do queixo.

— Não posso permitir isso, Daanna — sentenciou Menw.

Daanna apertou a mandíbula e girou raivosa para encará-lo.

— Você não é meu amigo. Não é, Menw. Nunca me deixa fazer nada. — Suas bochechas estavam vermelhas de raiva.

— Pode fazer o que quiser enquanto eu ou Caleb possamos cuidar de você.

— Mas deixam Shenna ou Beatha. A elas deixam que os acompanhem. São mulheres, como eu.

Beatha chegou com o clã de Lucius.

— Elas já têm quem as protejam. — Explicou ele, paciente. — E elas, embora sejam minhas amigas, não são especiais como você.

— O que tenho de especial? Não sei nada do que tenho que fazer. Diz que os deuses têm algo preparado, mas não sei o que é. Sinto-me inútil. Um estorvo.

Menw levantou o queixo com o indicador e o polegar e a olhou fixamente nos olhos verdes.

— *Mo leanabh*… você quer que me matem?

— Como? Não! Claro que não, Menw! Não diga essas coisas ou os deuses… simplesmente não diga. — Pôs seus dedos sobre os lábios de Menw e ambos se olharam fixamente nos olhos. Um contato tão íntimo, tão próximo e pessoal. A boca de Menw atraía a jovem como a luz das tochas às traças.

Menw beijou seus dedos ligeiramente e ela os deslizou até seu queixo, áspera pelo nascimento da barba. Que diferente eram um do outro.

— Me matariam se viesse comigo, Daanna.

A jovem tragou saliva e olhou para o chão.

— Por quê?

— Porque estaria preso a você. Assim não poderia proteger-me.

Voltou a elevar o queixo.

— Por que cuida tanto de mim? — perguntou Daanna assombrada pela luz dos olhos de Menw. Aumentou os seus verdes, cheios de expectativa. — Todos fazem, mas você… é diferente. É diferente comigo.

O que podia dizer? A verdade? Que sempre a quis para ele? Não podia. Não podia proteger Daanna sendo seu cáraid. Seria um autêntico desastre. E ela estava marcada, era a Escolhida.

— Eu me comprometi com sua mãe, a Maron.

Os olhos de Daanna escureceram de decepção, e uma pequena centelha de algo mais, ira, brilhou neles. Menw, seu príncipe, nunca dizia o que queria ouvir. Sempre a chamava de palavras formosas, logo, no momento da verdade, nunca dizia o que ela desejava escutar.

— Entendo — murmurou, afastando das panelas e, acima de tudo, dele.

Na porta do chakra e com os ombros cansados em claro gesto de derrota, girou e disse:

— O mel já se desfez Menw.

***

O tempo passou. Daanna se converteu numa mulher espetacular, cheia de habilidades que ninguém deixava pôr em prática por medo de que saísse ferida. Beatha e Shenna eram suas melhores confidentes. Com Menw não podia falar muito porque havia uma tensão no ar entre eles. Menw sempre estava com ela, acompanhava a todos os lados, mas não podiam olhar com inocência como antes. O celta agora a transpassava com os olhos, sempre de cima a baixo, com descaramento, e nunca dissimulava o quanto gostava do que via. E ela não podia fazer outra coisa que ruborizar. Seguiam sendo muito bons amigos. Daanna sempre queria estar perto, e sempre necessitava, embora ele não se decidisse nunca a reclamá-la. Mas há coisas que as mulheres sabem sem necessidade de palavras, e Daanna sabia o que não dizia Menw. Beatha sempre tentava averiguar o que havia entre eles e sempre queria dar uma mão, aproximando. Mas Menw não queria saber nada dela e isso era a morte para Daanna. Até que um dia Daanna se comportou de outra maneira e jogou a resistência de Menw pelos ares. Então, tudo mudou.

***

Foi no enlace de Lain e Shenna. Daanna esteve dançando toda a noite com Seth sob o atento olhar de Menw, que não tirava os olhos deles. Controlava-se, mas, por cima de tudo, estudava as expressões de Daanna, e ela cuidou em todo momento de fingir que passava às mil maravilhas com Seth. Seth era um homem muito atrativo e viril, agressivo fisicamente. Daanna não gostava especialmente, mas funcionaria para seu ardil.

Menw estava queimando de ciúmes. Esses dois faziam bom par, mas com quem não faria bom par Daanna? Sua beleza valia por dois. Uma posse doentia percorreu seu corpo e decidiu que aquilo não podia passar. Seth e Daanna juntos? Nem pensar.

Aquela noite, Menw acompanhou Caleb e Daanna até seu chakra, como fazia sempre, mas, esta vez, o curador, que era como conheciam Menw no clã, agarrou pelo pulso à irmã de Caleb e a obrigou a parar. Queria sua atenção.

— Preciso falar com você.

Daanna sentiu como ardiam as mãos de Menw ao contato com sua pele. Os olhos azuis de

seu amigo eram suplicantes.

— Claro. — Esclareceu a garganta e olhou a seu irmão de soslaio.

Caleb entrecerrou os olhos, olhando Menw.

— Não demorem muito. — Houve uma comunicação não verbal entre homens muito explícita. Como se Caleb soubesse o que passaria.

Menw assentiu e convidou Daanna a que caminhasse a frente, dentro do oco de um tronco. Nos carvalhos, os druidas como Cahal faziam muitas iniciações.

Daanna esfregou as palmas das mãos. A temperatura da noite descia de uma maneira muito brusca, as ilhas eram úmidas e frias. A névoa deslizava pela erva e a lua seria a única testemunha do que ia acontecer ali.

— O que quer? — girou para ele e encontrou com a boca de Menw sobre a sua. Um beijo cheio de contenção, de desejo e de paciência.

Menw comeu Daanna. A desejava a tanto tempo, que acreditava que estava ficando louco. Mas agora já sabia que de nada servia amar alguém se nunca pudesse dizer em voz alta. Ele a protegeria, não abaixaria a guarda. Já decidiu. Só bastou ver como Seth colocava as mãos em cima e brincava com ela essa noite para se dar conta de que Daanna poderia escolher perfeitamente a quem quisesse, e de que embora ele quisesse se emparelhar com ela por medo de falhar em seu amparo, muitos outros como Seth não teriam, e tampouco ela. Não havia um homem, à exceção de Cahal e Caleb, que não desejasse e respeitasse Daanna, mas se o respeito fizesse com que Daanna acabasse escolhendo outro, então Menw estava certo que precisava bani-lo.

Puxou o rosto e a absorveu. Respirava através dela. Sempre fez.

— Pela Morgana… Menw! — não a deixava falar. Beijava de tal maneira que parecia que ela esteve longe dele. Daanna sentiu que explodia de alegria por dentro, e agarrou a seus ombros. Finalmente! — Daanna. Quero estar com você para sempre. — A beijou no pescoço e a abraçou com força. — Seth e você não…?

— Seth? Isso é por Seth? — murmurou sobre seu peito. — Está me beijando porque viu Seth me cortejando?

— Seth sempre te perseguiu. Pensava que não se dava conta. Mas hoje, ao vê-los dançar…

— Não sou tão inocente, Menw.

— Não pode estar com ele — disse apaixonado. — Nem com ele nem com ninguém. Só comigo.

Daanna elevou a cabeça e o olhou nos olhos.

— Eu sempre quis estar com você, Menw. Mas sabia que não queria se envolver pela profecia e porque não estava seguro que pudesse me dar o amparo que eu necessitava. Mas eu… só… sempre foi você. Sempre.

Menw engoliu saliva e juntou sua testa com a dela enquanto acariciava as bochechas com os polegares.

— Não quero esperar mais, Daanna. Já fiz suficiente. Passa a noite comigo, se emparelhe comigo. Levo anos desejando, querendo…

— Eu também o quero. — Se elevou nas pontas dos pés e cobriu o rosto de beijos. — E a

profecia?

— A compartilharemos. Viveremos juntos.

Daanna sentiu que ardiam os olhos, e Menw que o coração explodiria.

— Vem. — Entrelaçou os dedos com os dela e a guiou até seu chakra.

Caminhavam pelo bosque, paravam e se beijavam. Avançavam de novo, Menw a apoiava em uma árvore e a voltava a beijar, faminto. Ele estava muito nervoso, por fim podia tocar o que era dele.

Uma vez dentro de sua casa, fechou a porta de madeira e a assegurou com um pau para que ninguém pudesse entrar. Em seu interior havia panelas, utensílios de pedra e madeira onde guardava todo tipo de plantas. O interior de sua casa cheirava a alecrim e a essências picantes. Guiou-a até a cama, composta por peles de urso cheias de plumas.

— Menw, vamos a…!

Menw assentiu. Nada, nem ninguém poderia reivindicar Daanna, só ele. E queria reivindicá-la nesse preciso momento.

— Está nervosa? — acariciou a bochecha, entrelaçou a outra mão com a dela e a beijou brandamente na têmpora. — Quero fazer agora Daanna. Faz tanto tempo que a desejo, tanto… mas se você não quiser, podemos deixar até que façamos uma cerimônia de emparelhamento como a de Shenna, se isso…

— Não — se apressou ela. Se Menw voltasse atrás não o perdoaria nunca. — Menw… acredito que necessitei estar com você desde que nasci. Necessitei você sempre.

Menw a olhou com adoração e a beijou de novo.

— Você é para mim Daanna. Você é para mim.

Ela assentiu hipnotizada e deixou que Menw fizesse o que quisesse com ela.

— Gwynn e Beatha também estão… — suspirou quando sentiu a mão grande de Menw deslizar por suas costas e desabotoar o nó da espécie de tartán de peles que se atava à altura do sacro. — Acredito que também… querem… acredito que… está me despindo, Menw? — afundou seu rosto no peito e se refugiou em seus braços. O que sabia sobre o amor? Como se uniam um homem e uma mulher? Shenna explicou muitas coisas, Beatha também, mas… não estava segura de que ela soubesse fazer isso. — Eu não deveria perguntar tanto, verdade?

Menw sorriu e baixou a cabeça procurando seus lábios.

— Estou amando, *Mo leanabb*[7]. Não tenha medo de mim. Nunca lhe faria mal, isso seria como fazer mal a mim mesmo.

Daanna aceitou o beijo de Menw e rodeou seu pescoço com os braços.

— Bem, mas você não deixe de me beijar.

Menw negou com a cabeça, e enquanto a despia, voltou por sua boca. Os lábios de Daanna eram exuberantes, puro sexo e sensualidade, mas seus olhos cheios de doçura o deslocavam e Menw não sabia se ia rápido ou lento com ela. Mas era sua primeira vez e se prometeu controlar. Todos no clã acreditavam que era um homem pacífico, que era sensato e cabal, mas ninguém,

[7] *Minha amada*

exceto Cahal, sabia o que provocava Daanna em seu sistema nervoso, em sua alma e em seu coração. Era como um desses pós que Thor e Cahal inventavam para lutar contra os centuriões romanos e chamavam de *fogo mágico*. Isso era Daanna para ele. Puro fogo que o fazia explodir pelos ares quando entravam em contato. Não importava o que fizesse; um olhar, um sorriso, um gesto mínimo de agradecimento ou de ira. Tudo, tudo de bom e de mau que pudesse acontecer, começavam e terminavam nela. Nessa mulher linda, que tremia sob suas carícias e que se entregava a ele com plena confiança.

— Daanna… — a despiu e deixou que a luz da lua e o calor do fogo moldassem sua figura e a mostrassem a ele como uma oferenda. Era uma deusa. Menw estava com a boca seca e levantou uma mão para acariciar um peito. Passou o polegar pelo mamilo e desenhou um círculo sobre ele até que se eriçou. — Mulher, você é… é a mais bonita que vi em minha vida, Daanna.

A garota olhava para ele impressionada e também divertida.

— E você tem cara de lobo… parece que tem fome. — Sorriu e retirou o cabelo negro e comprido dos ombros para que ele pudesse vê-la bem. — O estranho é que não saíram às presas.

Os olhos azuis de Menw se escureceram e a olharam perigosamente. Baixou a cabeça e tomou um seio de Daanna na boca. Ela só pôde afogar um grito, mas no momento, morta de prazer, pegou a cabeça e a sustentou contra ela. Deixaram cair na cama. Daanna o despiu como pôde, e não foi fácil, porque Menw banqueteava-se com seus seios.

Ela se sentia febril, com um segundo coração entre as pernas, um que palpitava docemente e a deixava com vontade de algo mais.

— A deusa! — exclamou Daanna olhando como sugava e lambia seu busto. — Menw…

Conseguiu tirar as peles de cima e ficar nu, de joelhos diante dela. Daanna parou para contemplá-lo. Menw era um príncipe dourado, loiro e formoso.

— Quero ver — sussurrou Daanna, se incorporando e colocando também de joelhos diante dele.

Acariciou seu peito, grande e musculoso, salpicado de ligeiro cabelo loiro. Como se sentiria esse pelo sobre seus seios? Acariciou as laterais do torso e percebeu como mudou a respiração de seu curador; sorriu insegura, Menw era belo. Por fora e por dentro. Nunca faria mal, jamais a trataria mal, sempre a respeitaria e a amaria como ela o amava. Com essa segurança, agradecida com a vida por permitir esse momento de entrega, deu-se a ele, porque sem estar convencida disso nunca faria. Deslizou os olhos até seu umbigo e logo entre as pernas. Mordeu o lábio inferior e ficou com o olhar fixo no pênis de Menw e imediatamente suas mãos foram até essa parte de sua anatomia que se levantava com soberba e reclamava atenção exclusiva. Pôs a mão sobre a ereção e a acariciou. Menw ronronou e colocou sua mão maior sobre a dela, guiando-a, mostrando como dar prazer.

— Assim, princesa… — sua voz estava rouca e os olhos eram duas linhas azuis que a olhavam fixamente.

Daanna o acariciou como ele queria enquanto Menw beliscava os mamilos. Quando não pôde aguentar mais, caiu com ela sobre a cama, de lado, olhando cara a cara, e acariciou todo o corpo, acendendo, a fogo lento. Menw era muito maior e corpulento que ela, mas nunca se sentiu

tão segura com ninguém.

— Menw…

— O quê? — murmurou ele beijando o pescoço, sabendo perfeitamente o estado de excitação em que ela se encontrava. — Tranquila amor. Deixe-me.

Deslizou uma mão por sua nádega esquerda e a moldou com intensidade e logo a puxou pela coxa e a levantou até colocar sobre seu quadril, abrindo-a para ele. Com suaves e sussurrantes palavras, levou seus dedos à virilha úmida de Daanna e ali brincou com eles, e brincou também com ela. Acariciava brandamente em sua entrada, logo era mais intenso e mais duro quando roçava o clitóris. Daanna estava vermelha como um tomate e seus olhos verdes brilhavam úmidos e surpreendidos pelo que Menw fazia. Menw a beijou e colocou sua língua na boca de Daanna num gesto dominante e sensual. Daanna aceitou o beijo e acariciou sua língua várias vezes. Gostava desses beijos. A boca podia acariciar de muitas maneiras, e notar o calor e a suavidade da língua de Menw era algo incrível, e, além disso, seu sabor era tão bom… Estava perdida nessa troca quando Menw introduziu um dedo invasor em seu corpo e ela esticou e o mordeu no lábio. O curador, excitado por essa reação, introduziu o dedo mais profundamente e Daanna jogou faíscas pelos olhos.

— Tranquila pantera — murmurou divertido, passando a língua pelo lábio inferior. — Tem as presas afiadas.

— Sinto… — se desculpou, escondendo o rosto no largo ombro. — É que… *De'n gonadh ou th' Ann*[8]. — Sussurrou com um gemido de apreensão e vergonha.

Ele sorriu pormenorizado, e tomou um mamilo na boca.

— Estou fazendo isso para que doa menos. — Moveu o dedo de um lado ao outro e quando viu que havia menos resistência introduziu um segundo dedo. — Quero que sua primeira vez seja especial e quero que desfrutes de verdade. — Menw entrou nela até os nódulos e a abriu de tal maneira que tocou o hímen da jovem. Fez um movimento de tesouras com os dedos, enquanto com o dedo polegar acariciou o clitóris, que brilhava inchado e palpitante. Penetrava com os dedos, dentro e fora, repetidas vezes.

Daanna gemeu e levantou a cabeça para beijá-lo de novo na boca e curar com a língua os lábios feridos com a dentada. Sentia o corpo e a pele em chamas e não tinha suficiente com o que fazia seu príncipe, ela ia à busca de algo que escapava, algo que precisava rebelar em seu interior.

Escapar.

— Estou bem… — começou a mover os quadris para frente e para trás, em um movimento pélvico de vaivém. Daanna se umedecia e isso facilitava a penetração de Menw. Beijava com força e seu corpo se cobria de uma fina capa de suor. — Menw… — gemeu. — Menw… faz algo…

Ele soube que ela já estava no ponto, assim que se colocou em cima, abriu as pernas e retirou os dedos rapidamente para substituí-los por seu membro. Entrou pouco a pouco, estudando os gestos de sua mulher que esticou imediatamente ante a invasão maior.

[8] *Isso dói um montão.*

— Sem a *tha' gam gonadh*[9] — soluçou ela, jogando o pescoço para trás.

O curador aproveitou e passou a língua por seu pescoço, para logo marcá-la ali com os lábios. Apertou com o quadril e empurrou forte até transpassar a barreira da virgindade de Daanna.

Daanna gritou e mordeu com força no ombro. Pelos deuses! Doía como o demônio.

Menw gemeu e ficou muito dentro, quieto, dando a Daanna tempo suficiente para que se acostumasse. Ela tremia e sorvia pelo nariz, chorava e isso destroçava o coração. Acomodou sobre ela, colocou os antebraços a cada lado da cabeça da escolhida e a olhou nos olhos com ternura e arrependimento.

— Princesa… — limpou as lágrimas com seus dedos e a beijou na boca. A dor cessaria, mas antes devia entretê-la. A ambos adoravam beijar pelo que pôde comprovar. — Me Beije, Daanna — pediu Menw, juntando a testa com a dela. — Dói. Faça-me esquecer da dor.

— O que dói? — disse ele assombrada. — A mim também — respondeu compassiva com ele, mas tranquila ao saber que isso era normal e que seu pobre príncipe também sentia dor. — Então se acalme — rogou ele, fingindo, só para que ela pudesse centrar de novo e esquecer a dor que supunha causar a perda da virgindade. Daanna era inocente, não sabia nada sobre relações sexuais.

— Não queria fazer mal — murmurou ela levantando a cabeça, desculpando ingenuamente. Puxou o rosto e o beijou, tomando seu tempo.

Menw sorriu e então arrasou sua boca até tê-la febril e movendo os quadris de novo.

— Quero mais, Menw. Você quer mais? — perguntou enquanto movia os quadris.

— Mais. Isso, Daanna — ficou quieto, cotovelos aos lados, olhando para baixo como ela o engolia e fazia quase todo o trabalho. Sempre ao seu ritmo, sempre ela antes que ele. Daanna era tão delicada e especial…

Menw estava a ponto de gozar, e ela também. Empalava cada vez com mais força e profundidade. — Minha pantera — gemeu eufórico. Mudou a posição de seu corpo e se encurvou sobre ela, para que seu púbis roçasse o clitóris de sua garota. Daanna levou as mãos a suas nádegas e se agarrou a ele enquanto ela mesma chegava a sua liberação. Esticou, soltou um gemido e de repente estava cavalgando num orgasmo doloroso e estremecedor. Menw gozou por sua vez, movendo os quadris, deixando que ela o drenasse, que também tirasse sua virgindade. Foi à primeira vez de ambos.

Menw sempre a esperou, tanto como ela a ele. E agora estavam juntos, abraçados, sem deixar de beijar, de acariciar e de avivar com seus mimos.

— Vou amá-la toda minha vida, Menw — sussurrou ela, acariciando o cabelo e beijando ligeiramente os lábios.

Ele assentiu com as bochechas vermelhas e os olhos úmidos de emoção. Tomaria sua palavra e a gravaria a fogo em sua pele.

— Você promete?

---

[9] *Isso é o que me faz mal na realidade.*

— Eu prometo.
— *Mae*?[10]
— *Mae, mo ghraidh*[11].

Capítulo 2

Três semanas atrás. Ministry of Sound.
Londres.

Por Morgana! É que nem sequer em um dia como esse podia passar bem? pensou Daanna enquanto agachava para se desviar do corpo de um humano que voava pelos ares até se chocar contra a parede as suas costas. Aquela noite celebrava a união de Ás e Maria, seu enlace, seu pedido de casamento. O líder berserker se mostrou diante de todos como um homem apaixonado, e no Dogstar, um local muito conhecido londrino, pediu a Maria que se casasse com ele. Maria resultou ser uma sacerdotisa, como Ruth, à exceção de que esta última não era apenas uma sacerdotisa. Sua amiga de cabelo vermelho e olhos ambarinos era, além disso, a mítica Caçadora de almas. Pequena surpresa a destas duas! E um pequeno alvoroço levantou com sua atuação de uns minutos atrás, cantando o dueto, *Shook me all night long*. Todos os homens e mulheres desse famoso local queriam, literalmente, pular em cima de Ruth, especialmente Adam, que agora a protegia, subiu ao palco com ela, defendendo-a de qualquer pessoa que quisesse feri-la. Adam e Ruth… quem diria?

Ali, naquele local musical tão popular, onde a música e a alegria não tinham fim, estavam sendo assediados por humanos possuídos, e por vampiros.

Na noite do amor de Ministry of Sound, todos lutavam contra todos, e se defendiam como melhor podiam. Parecia que Strike, um poderoso lobacho com aspirações xamânicas, preparou uma boa emboscada.

Daanna queria assegurar-se de que Gabriel estava bem. Ele era humano, não um guerreiro imortal como outros, e não podia evitar se preocupar muito por seu amigo. *O príncipe*, assim era chamado no clã. Mas para ela não era um príncipe, era todo um cavalheiro. Alguém que brindou sua amizade e lhe arrancou mais de um sorriso, dos quais ela acreditava já oxidada. Graças a Gab percebeu de que não estava oxidada, estava viva. Quando o buscou entre a multidão, comprovou mais tranquila que Noah, o berserker que parecia um tigre de bengala, levava Maria e Gab e os tirava do local. Os dois eram os mais fracos nessas situações, não tinham nem poderes nem dons com os quais lutar.

Dois caras enormes foram por ela, e Daanna esperou. A vanira adorava brigar. Adorava descarregar tudo o que tinha dentro em uma boa briga. Nesse momento não precisava comportar

[10] Para sempre?
[11] Para sempre, meu amor.

como ninguém especial, simplesmente se limitava a repartir lenha, a permitir que a frustração percorresse suas extremidades e golpeasse a quem ficasse pela frente com toda sua fúria. Aí se liberava. Podia gritar, podia chiar e deixar de fingir que estava bem, que era fria e elegante, que sempre mantinha a pose. Nesses momentos, toda aquela necessária e protetora hipocrisia deixava de importar, e só ficava ela e sua dor. Ela e suas emoções. Ela e seu coração destroçado. Seu irmão Caleb não gostava que ela se visse envolta em brigas de nenhum tipo, mas Daanna sempre o fazia se calar com seu valor e suas aptidões. Era absurdo protegê-la pela profecia que a assinalava como alguém importante nos clãs. Ela considerava que, se ainda não se manifestou seu dom, o melhor que podia fazer era servir de ajuda na guerra contra Loki e os jotuns, lutando contra eles, cotovelo com cotovelo com o Vaniros e berserkers. Aileen, a híbrida, era uma autêntica assassina lutando, e, além disso, era o par de seu irmão, assim se Aileen lutava, ela faria ao seu lado. As mulheres deveriam apoiar-se sempre.

Pegou um dos caras e deu uma joelhada nos testículo. Ao outro fez uma chave de judô, agarrando pelo braço e fazendo alavanca com suas costas até lançá-lo contra a parede do outro extremo da sala, despedido como um míssil.

Não. Ela não era forte por dentro, por muito que outros queriam acreditar o contrário, mas sim que era forte fisicamente. Os homens a olhavam e a julgavam por seu corpo, por seu aspecto, de fato já se acostumou a isso. Inclusive as mulheres a olhavam, mas fazia tempo que essas adulações deixaram de importar. Do que servia ser bela e forte se não podia ter o que queria? Sem esperá-lo, chocou contra alguém e girou para dar um murro, mas desta vez foi Menw quem parou o golpe.

Menw McCloud, o homem que a torturava dia a dia, que não deixava que cicatrizassem suas feridas. O homem que mostrou uma vez o que era o amor, a fidelidade e o amparo, para logo arrebatar tudo de repente. Vestia-se todo de negro, levava botas de motoqueiro e um casaco com capuz. Era muito grande e muito alto e chamava muito a atenção, especialmente com esse cabelo loiro da cor dos raios do sol que sempre prendia para trás com uma fita. O vaniro fechou os dedos sobre seu punho e o capturou, sustentando Daanna, mantendo-a perto, embora fosse só à força. Nada lhe importava mais, o que importa se a raptava e a atava a ele? Ela deixaria?

Não, nem pensar. Daanna nunca cederia diante dele. Jamais. Mas, tampouco importava o que ela pensasse ou o que ela quisesse, o egoísmo do vampiro impregnava nele e já não possuía remorso algum. Ela tentou liberar, mas ele não a deixou. Merda, que mulher mais bonita. Via todos os dias a dois mil anos e cada vergonhoso dia o deixava nocauteado. Seu corpo estava envolto num vestido negro curto que se ajustava como uma luva a suas formas, e Daanna tinha muitas, elegantes e felinas, como seu rosto.

A vanira o olhou fixamente e ele deixou que visse no que estava se convertendo.

Menw apresentava mudanças patentes, pode ser que nem todos se dessem conta, mas ela sim. Seu rosto estava um pouco pálido e desfigurado, seus olhos eram um inferno azul, seu fôlego cheirava a uísque e sangue. Percorreu um calafrio. Menw bebia sangue e seu rosto perdia expressão a passos largos.

— Aposto o que quiser, princesa, que gostaria de me bater no rosto, verdade? — perguntou

impassível.

Daanna respirou agitada e olhou sua boca. As presas estavam manchadas de sangue. Um vaniro podia morder, já que as presas podiam ser tão funcionais como os de um animal. Rasgavam músculos do mesmo modo que extirpavam membros, mas Menw não só cheirava a sangue e a álcool, seus olhos azuis, antigamente cheios de tortura, melancolia e calor, agora eram duas geleiras claras, quase como os olhos de um vidente, e se assemelhavam perigosamente aos olhos sem alma de um vampiro. Um puto vampiro.

— O que está fazendo, Menw? — perguntou ela assustada.

— Não importa.

Daanna tentou se liberar, até que Menw a soltou e ela andou para trás. Pisou num copo de vidro com o salto de suas botas brancas, as quais chegavam até os joelhos, e este arrebentou sob seu peso. Esfregou o pulso e o olhou com desconfiança. Seus olhos verdes claros cheios de ódio o atravessaram.

— Está bebendo sangue? — perguntou horrorizada. Como se a simples palavra desse asco. — Está se deixando levar?

Menw girou, agarrou um vampiro pelo pescoço e, com grande agilidade e raiva, golpeou entre os olhos com o cotovelo e logo jogou o pescoço para trás até cravar as presas na traqueia. Com um movimento da cabeça, a extirpou da garganta e, finalmente, afundou o punho no peito do nosferatus até amassar seu asqueroso e negro coração.

Quando acabou com ele, encarou Daanna de novo. Limpou o sangue em suas calças negras e encolheu os ombros, divertido.

— Foi sem querer. — Confessou com falsa inocência.

Daanna apertou os punhos, enfrentando a ele.

— Repito isso: está bebendo sangue, Menw? O que acha que está fazendo? Sabe que se seguir assim pode…

Menw a agarrou pelo cabelo azeviche, farto de tanta conversa, e jogou a cabeça para trás, em um gesto claramente desenquadrado e dominante.

Daanna abriu os olhos, surpreendida.

— Você fala demais. Por que finge que se importa? — mostrou as presas. — Deixa de fazer. Você e eu sabemos que não importa o que faça ou deixe de fazer. Pediu que a deixasse em paz, me deixe em paz você.

Daanna grunhiu e tentou liberar, mas Menw a tinha bem agarrada.

— Como não? — se burlou ela. — Se faça agora de mártir, como sempre. — O olhou desafiante — Sabe o quê? Não me dá nenhuma pena. Quer se destruir, dane-se você, mas faz longe de nós.

As pupilas de Menw se dilataram, parecia faminto. A música do Black Eyed Peas, *I Gotta Feeling*, soava muito alto, tanto que o chão tremia sob seus pés, mas Daanna e ele estavam tão concentrados um no outro que até podiam escutar suas próprias respirações.

Ele estalou a língua.

— Não entendo como pude me enganar durante tanto tempo, Princesinha inalcançável.

Parece alguém carinhosa e pormenorizada, pode ser que um pouco estirada e arrogante, mas sempre a considerei alguém doce.

Uma pessoa… misericordiosa. — Inclinou sobre seu pescoço e inalou. O aroma de Daanna o deixou louco. Fazia séculos que seu aroma o afligia, séculos de espera, de rejeição e de frustração, e o deixava sempre desejoso de mordê-la. Ela era tão intocável e tão nociva como o sol. Era sua criptonita.

— Não! — gritou Daanna, empurrando com todas suas forças até lançá-lo contra uma das colunas do Ministry.

O último que ela desejava era lutar fisicamente contra Menw. O que mais fariam antes de se destruírem por completo? Podiam fazer mais mal do que já fizeram? Daanna desejava com todas suas forças devolver a jogada, a afronta, mas com suas mesmas artimanhas, as que uma vez utilizou contra ela.

Menw devia conhecer como doía a traição. Mas aquele não era o momento adequado. O vaniro golpeou o concreto com as costas, caiu de pé e se escondeu como um leão. Elevou os olhos e cravou seu olhar nela, um olhar que prometia de tudo, menos carícias. Impulsionou com os calcanhares e voou para ela, muito zangado.

— Tanto asco daria que eu a mordesse?— perguntou furioso e cheio de veneno. — Maldição, Escolhida.

Daanna apertou a mandíbula e recuou. Distenderam as aletas do nariz. Elevou o queixo e disse:

— Asco? — respondeu dando valor a resposta. — Sim. Dá asco, Menw. É uma vergonha para nós. Depois de todo este tempo, deu-se por vencido. Loki viu por fim que é um mentiroso e foi por você. O que me surpreende é que tenha demorado tanto. Nunca soube controlar seus impulsos.

Menw parou abruptamente justo antes de alcançá-la.

— Por vencido, diz? Estou assim por sua maldita culpa! — gritou, voltando a rir como louco. — Você é a culpada de meu estado, e em troca, fará algo para remediá-lo? — Puxou a nuca e a aproximou dele. — Não. A princesinha de gelo, a Escolhida, é muito boa para dar uma segunda oportunidade, verdade? Ela nunca se equivoca. É perfeita.

— Não sou! — gritou, com os olhos verdes cheios de lágrimas. Por que Menw ainda tinha o poder de afetá-la? — Mas ao menos cumpro minhas promessas! Me solte Menw, e não volte! Não nos serve assim. Eu disse para ir embora da minha vida, e você disse que me deixaria em paz. — Tremeu o lábio inferior.

— Claro, deixar em paz. — Sorriu ele com indiferença. — Que fácil… — acrescentou irônico. — Já não sirvo, Daanna? Não sirvo para você, verdade? Tudo é você. Você é o centro de seu mundo, está… — abriu os braços abrangendo o que os rodeava. — Prazer em conhecê-lo!

— Se cale!

— Mulher egocêntrica que não vê além de seu umbigo, essa é você. Mas, inclusive você é uma decepção. — As palavras zumbiam como facas lançadas ao ar. — Me diga, Escolhida, quando se supõe que se cumprirá sua profecia? Conheço você há mais de dois mil anos e nunca tem feito nada fora do comum, nunca fez nada que demonstrasse que era especial. Onde está seu dom?

Enganou-me. — Assegurou, acusando com dureza. — Está nos enganando? Pensa despertar quando já for muito tarde? É uma fraude — cuspiu aborrecido.

— E você um merda! — os olhos de Daanna brilharam de ira e humilhação.

Não gostava de dizer palavrões e, embora Menw estivesse longe de despertar seu dom, sim que estimulava e despertava seu lado mais sombrio, um que uma mulher de sua posição não deveria ter.

— Entretanto, já não me importa tudo isso. — O vaniro se afastou dela, sentindo o senhor e controlador da situação. — Não importo para você, tampouco você a mim… Bom, deixemos, pois já não gosto de como cheira.

Daanna sentiu um aperto no coração e ficou pálida. Por que a ofendia tanto esse comentário? Por que importava que Menw já não gostasse de seu aroma? — Assim já não cheiro como antes? Genial, então já sabe onde não tem que colocar seu nariz. — Tremia a voz e as lágrimas engasgaram. Fez de forte jogando os ombros para trás. — E pode saber qual é o meu cheiro? — Menw nunca disse como cheirava sua pele.

Tampouco queria saber, mas…

O loiro ameaçador deu as costas, disposto a afastar, mas então respondeu sem nem sequer olhá-la:

— Cheira a humano, bonita. Cheira a Gabriel, a debilidade. Claro que já não gosto, o que esperava?

E depois disso, Menw se limitou a lutar com mais agressividade que antes, ignorando-a por completo, sem protegê-la nem interessar-se por ela como fez muitas outras vezes. Como fez cada dia durante mais de dois mil anos.

Capítulo 3

Na atualidade, Dudley, Black Country.

Daanna olhava através da ampla janela do salão de sua casa como a escuridão caía sobre o Dudley. O céu avermelhado cobria aquele condenado local cheio de fábricas e gente trabalhadora. No Dudley não havia casas desenhadas como as dos Vaniros, por isso, para não levantar suspeitas estavam bem ocultas. Os vidros das casas se escureciam com a luz do dia permitindo que aqueles que eram como ela, seres imortais fracos à luz do sol, pudessem acampar facilmente em sua casa a qualquer hora. Ao entardecer, quando o sol se escondia entre as montanhas, os vidros ficavam transparentes. Daanna estava refletida neles e estudava. Usava uma camisola comprida e negra, vaporosa, que moldava seus seios, mas voava ao redor de sua cintura e seus quadris. O que ela via em seu reflexo? O que veriam outros nela? Era a mesma de sempre: olhos verdes como os de seu irmão Caleb, ligeiramente mais claros, grandes e rasgados nas comissuras; suas sobrancelhas negras que se arqueavam harmonicamente; sua boca voluptuosa e seu corpo exuberante onde devia ser. Prendeu o cabelo negro no alto da cabeça e várias mechas emolduravam o rosto

ovalado. Nunca envelheceria, era uma guerreira, uma escolhida pelos deuses, respeitada por seu clã e querida por seu irmão…, mas, o que tinha a mulher? Onde estava a mulher que uma vez foi?

Apoiou a testa no vidro frio e fechou os olhos, *Onde diabos está Menw?* Fez à mesma pergunta as últimas três semanas. Agora, como cada noite desde que ele se foi, sairia em busca dele e de seu irmão Cahal. E ia sozinha, não como ato de rebeldia, mas sim porque realmente não gostava de estar em companhia de ninguém. Nem de Ruth, nem de Aileen, nem de seu irmão… porque embora se alegrasse pela felicidade que a rodeava, infelizmente, não era feliz, e a alegria que os três irradiavam fazia com que se sentisse mal. Era idiota por sentir assim?

Menw MacCloud desapareceu do mapa, assim como seu irmão Cahal, o qual ninguém sabia desde a festa de Ministry. E não saber dele, o vazio, um nada provocado pelo desaparecimento de Menw fazia com que Daanna sumisse em um poço negro e sem fundo. Não viu o curador desde o enterro de seu amigo Gabriel. E como doía sua ausência, como feriam as palavras que disseram pela última vez.

Daanna abraçou a si mesma, e se obrigou a não chorar. Ultimamente chorava muitíssimo, algo que não fez em seus dois mil anos de idade, mas os últimos dias foram caóticos. Ruth esteve a ponto de morrer, mas Adam, o xamã do clã berserker, salvou-a. Entretanto, na guerra que Vaniros e berserkers cruzavam contra os jotuns sempre havia baixas. Como a de Gab. Suspirou e abraçou a si mesma com mais força. Ela tentou salvá-lo, mas sem muitas esperanças porque a ferida de Gab na garganta era muito má e morreu antes que lhe desse sua veia. E Menw a viu. Merda, viu tudo. Viu como ela sangrava pelo humano e oferecia seu sangue, como se fossem um par.

Estava enojada consigo mesma. Ela não o fez por amor, fez porque acreditava que era o precisava fazer como amiga. E também porque queria livrar-se do que Menw significava para ela, admitiu envergonhada. Precisava fazê-lo por Gabriel e por ela. Gabriel merecia viver, e ela precisava tirar o espinho que a traição de Menw colocou em sua alma.

A vanira estremeceu e afastou do vidro. Foi horrível. Tão feio, tão triste. Menw recitou em voz alta os votos de matrimônio celta, e a deixou ali, olhando-a com desprezo. Abandonou-a e se afastou dela para sempre.

Daanna arranhou a bochecha, mas deu com uma gota úmida e salgada. Uma lágrima. Chorava de novo. Não podia controlar, não podia suportar essa sensação de decepção e vergonha que o último desencontro com Menw deixou. Tentava comunicar-se com ele, mas eles dois não tinham nenhum vínculo para poder falar assim. Poderiam ter tido, de fato havia tantos *poderia* entre eles. Poderiam ter amado, querido e respeitado. Mas não, no final, o deles era o *ter sido e não foi,* essa frase resumiria sua relação. Entretanto, mesmo agora, sabendo que estavam perdidos um para o outro, sentia de novo essa sensação de estar incompleta, de não formar parte de nada. Quando Menw estava perto, embora se despachassem e se odiassem, ao menos, nesses momentos, formava parte dele, de sua raiva e seu ódio mútuo. Isso os unia. Mas naqueles momentos nem sequer seu orgulho a mantinha em pé, e o orgulho era o único que a estimulou a continuar. E agora o quê? Ele se foi. Deveria estar feliz, conseguiu a liberdade que tanto desejava, mas uma vez livre o que ficava? A que se agarrava agora? Nem Ruth, nem Aileen sabiam como se sentia. Ninguém conhecia sua história, só Caleb e Cahal, ninguém mais. Mas suas amigas, as

amigas com as quais foi abençoada, não imaginavam o que passou entre eles. Aquela ferida era dela, ninguém deveria ser responsável por ela. Subiu a seu quarto e abriu seu armário. Precisava estar cômoda para lutar e cômoda para se mover. Colocou umas calças de cintura baixa e umas botas altas, negras, de salto. Uma camiseta negra muito ajustada que moldava seus seios à perfeição e um casaco de motoqueira de pele-vermelha. Colocou a adaga keltoi na parte traseira do cinturão e pegou seu iPhone. Normalmente não dava um passo sem que alguém do clã a cobrisse ou vigiasse, mas ela já sabia como despistá-los. Aguçou o ouvido, desviou o olhar para a porta de entrada. Sua casa estava completamente aberta, tudo se comunicava, contudo, não havia paredes, apenas zonas separadas.

Alguém se aproximava. Pulou de um salto do andar de acima até o andar principal e caiu justo no saguão. Deu uma olhada pelo olho mágico e franziu o cenho. Ás e Caleb? O que fazia o líder do clã berserker em sua casa?

Abriu a porta antes que tocassem o timbre.

— Brathair, o que acontece? — perguntou ela se afastando.

Caleb sorriu com ternura a sua irmã, mas havia um brilho de culpa em seus olhos cor esmeralda. Passou a mão por seu cabelo negro como a noite e disse:

— Vem Daanna. Necessitamos você.

A vanira olhou de um a outro. Berserker e vaniro. Ás cada dia estava mais bonito, e era normal, porque Maria estava devolvendo a felicidade. Com sua barba negra recortada e seu cabelo recolhido com um rabo baixo, estava mais maduro e muito interessante.

— É o momento de despertar — assegurou Ás com solenidade. — Não há mais tempo.

— Despertar? Agora não posso. Temos que continuar a busca de Cahal e Menw.

— Daanna. — Ás levantou a mão para que se calasse. — Meus meninos estão no Ragnarök, junto com minha neta e Ruth. Eles se encarregaram de procurar o druida e ao curador esta noite. Você vem conosco e não há mais o que discutir. Quer seu dom, *velge*[12]? Então, vem comigo.

— Não sou uma berserker para que me fale assim. — Disse Daanna olhando fixamente, com um tom perigosamente frio. — E o que é isso? Resulta que agora depende de você que eu saiba por fim qual é meu encargo? Está tirando o sarro?!

Caleb pigarreou, agarrou seu pulso e a puxou de sua casa. Seu irmão tinha muito caráter, e seu ritmo dificilmente se alterava, mas ele sabia quando algo a chateava, porque seus olhos verdes se escureciam ligeiramente, como naquele momento.

— Vai à frente, Ás. Minha irmã e eu seguiremos voando.

A pele de Daanna estava arrepiada. Como você ficaria quando o líder do clã berserker e o líder do clã vaniro vêm por você e dizem que chegou o momento de despertar? Estava muito nervosa, e por sua vez, irritada pelo tom de voz que Ás empregou com ela. Ás sabia como ajudá-la? Não entendia nada.

Seguia a seu irmão através do céu, voando à velocidade de dois mísseis, mesclando com as nuvens. Olhou para baixo e com sua visão noturna pôde localizar o líder berserker correndo entre

[12] *Escolhida*

os prados e as montanhas, tal e como faziam os lobos.

— Aonde vamos, Cal? — gritou Daanna.

— Ao Stonehenge. — Se colocou ao lado de sua irmã.

Daanna estremeceu. Desde que foram convertidos pelos deuses nos Vaniros não voltaram a pisar nesse lugar sagrado.

— Por que estamos seguindo Ás? Ele na realidade sabe o que tenho que fazer?

— Não disse isso, mas me assegurou que depois desta noite me explicará tudo isso. Estou tão confuso quanto você. — A olhou de esguelha, estudou suas roupas e suspirou. Daanna voltava para suas escapadas noturnas. — Foi a alguma parte?

A jovem olhou para outro lado e Caleb negou com a cabeça.

— Ainda não sabemos nada de Menw nem de Cahal. Estamos varrendo toda a zona, Daanna, mas é como se a terra os tragasse. — Grunhiu com pesar. — Necessito que você esteja a salvo. Acha que não sei que estás procurando por conta própria?

Daanna grunhiu. Caleb não deixava passar nada. Nunca.

— Tem que me deixar respirar, Cal.

— Cuido de você, irmãzinha. Não vou deixá-la nem um minuto. Agora Menw não está e…

— Temos que encontrá-los, Caleb — o cortou. — São muito importantes para o clã. Eu só espero que estejam bem. — Sussurrou com tristeza. Não queria pensar em que algo de ruim acontecesse com ele... a nenhum dos irmãos.

— Estamos perdendo Menw, verdade? — a olhou nos olhos, tentando averiguar seus pensamentos, entrar neles. Eram irmãos, podiam fazê-lo telepaticamente, mas Daanna levantou suas próprias questões antes que perguntasse.

— Não brinque Caleb. — Seus olhos verdes o atravessaram. — Não entre em minha cabeça sem minha permissão, Aileen ainda não te pôs no lugar?

O líder vaniro sorriu. Sua Aileen era capaz de pôr de joelhos a todo um exército. Mas não podia com ele. Ou ao menos isso é o que gostava de pensar.

— O que passou entre vocês dois?

— Nada — ela se apressou a responder. — É só que Menw não está bem… mas… é que ele necessita ajuda.

— Começou a beber sangue. — Ela sentiu um calafrio. — Terá que recuperá-lo, Daanna. Você dará o que ele necessita?

Os olhos de Daanna dispararam adagas envenenadas a seu irmão.

— Não, ele não é meu cáraid.

— Estou farto de ouvi-lo. Farto de que se engane. Não suporto vê-los sofrer.

— Não sofro Caleb. Estou be…

— E uma merda! Acorda de uma maldita vez. Já é suficiente.

Daanna mordeu a língua e fechou os olhos para não recordar.

Vieram à cabeça as últimas palavras que Menw dirigiu em gaélico: *byth eto*. Nunca mais.

Sentiu o coração contrair novamente, mas se voltou para ocultar suas emoções e seguir voando ao lado de seu irmão, estavam chegando a Wiltshire.

— Descemos ali — ordenou Caleb, descendo até o monumento angélico conhecido como Stonehenge.

Os grandes blocos de pedra retangulares se distribuíam em quatro circunferências concêntricas. Desde as pedras de arenito aos blocos menores, azuladas. No centro das circunferências se encontrava o altar ritual. Quando pisou na grama onde se estava o monumento. Daanna entendeu que não importava quanto tempo passasse, a essência das coisas era imperturbável, eterna, se concentrando, sobretudo, em lugares tão mágicos e místicos como aquele.

Dois mil anos atrás, um grupo de trinta e três pictos foi transformado pelos deuses Njörd, Frey e Freyja, deuses Vanir, para ajudar a equilibrar a batalha contra Loki e seus jotuns, justo naquele lugar. Ali começou tudo. Receberam dons e debilidades, e se tornaram imortais. Daanna recordava esse dia com perfeição, um dia no que toda sua vida mudou para sempre e se encheu de escuridão.

— O que fazemos aqui? — perguntou Daanna, passando as pontas dos dedos no altar de arenito micáceo.

— Não sei muito bem, só obedeço a ordens. — Ás apareceu de braços cruzados e se apoiou em uma das pedras do círculo interior.

— Ordens? Ordens de quem? — disse a vanira girando para olhá-lo. — Há alguém acima de você que não conheçamos, Ás?

— Sempre há alguém acima de nós, princesa — respondeu o berserker com seriedade.

Ás falava sempre com respeito e reverência, e isso a deixava nervosa, porque a fazia sentir como se esperasse algo dela. De fato, todos esperavam algo, mas, o que era?

Nesse momento ouviram um som como de metais se chocando e logo algo parecido a um zumbido elétrico. Um brilho de fogo se colocou sobre o altar e de sua luz saiu o corpo de um homem enorme, musculoso e tão perigoso quanto à morte. Seu cabelo era loiro, um emplastro de pele negra no olho esquerdo e o outro olho brilhava como a prata, um brilho sobrenatural. A barba loira bem barbeada e seu comprido cabelo dourado preso em uma trança. Ia vestido todo de couro negro e seu pescoço estava tatuado com símbolos rúnicos. Daanna já viu esse rosto, mas não sabia localizá-lo em suas lembranças.

Ás baixou a cabeça em sua presença, e aquele homem enorme, que media mais de dois metros, olhou com orgulho. Caleb e Daanna estavam aturdidos, e então o gigante se dirigiu aos dois com cara de poucos amigos, como se algo doesse muito, e parou abruptamente.

— Freyja! Está pisando! — exclamou irritado.

Nesse momento, a alta deusa do amor, da fertilidade e da arte se materializou ao seu lado, vestida com uma túnica vermelha transparente e um cabelo loiro platinado preso em duas complicadas tranças. O salto do sapato prateado em seu pé direito estava, literalmente, em cima das botas de motoqueiro do homem com emplastro no olho. Freyja o olhou divertida, repassando de cima a baixo:

— Vá, vá. Odin… é do Village People[13]?

Odin a tirou de cima com irritação e a separou de seu lado.

— E você? Vem do prostíbulo? E sua roupa interior? — a recriminou o deus nórdico.

— Ops — colocou uma mão coquete na boca e se aproximou, rebolando os quadris e mostrando toda sua estatura. Levou sua mão até o bolso traseiro das calças de couro do deus escandinavo e tirou uma cacinha vermelha do mesmo tom. — Menino mau — murmurou. Com uma gargalhada colocou a calcinha diante do olhar estupefato dos três imortais.

— É uma provocadora — murmurou Odin com aborrecimento.

Daanna e Caleb não podiam afastar a vista da deusa. O que estava acontecendo aí? O que faziam Freyja e Odin juntos?

— Obrigada líder, por obedecer minhas ordens. — Odin olhou Ás com reconhecimento.

— É uma honra — respondeu o berserker.

— Que merda acontece aqui? — exigiu saber Caleb, cada vez mais incômodo.

— Filhos meus! — grito Freyja, saltitando ao redor dos dois Vaniros. — Estão incríveis! Normal, fiz um trabalho excelente com vocês… que belos! Que impactantes!

Revirou os olhos e Daanna a olhou com desconfiança.

— Veja, a Escolhida está linda. — Freyja a puxou pelo queixo e admirou suas feições como quem olha um quadro. — Mas é uma beleza mal aproveitada.

— O que quer Freyja? — perguntou Daanna retirando o rosto.

Aquela deusa era a culpada de todas as suas torturas.

— O que quero? — a observou pensativa. — Quero tudo, você não? — seus olhos prateados igual aos de Odin olhavam no interior da alma da vanira. — Mudou, Daanna. Quando a converti, seu rosto resplandecia de… algo. Agora é sexy. Dura. Fria. — Sorriu e a repassou com olhos interessados. — Mmm… eu gosto. Há muito drama em seu olhar.

Daanna odiava as adivinhações, preferia que as pessoas falassem na cara, fossem diretas e ao ponto com ela.

— O que fazemos aqui?— exigiu saber a escolhida.

— Resolver um enigma — respondeu a Deusa, dando volta sobre si mesmo e olhando as estrelas. — Chegou o momento de pôr todas as cartas sobre a mesa. Já não há tempo. Só necessito você. — Disse a deusa dando um golpe no nariz. — Apenas você. O seu bom irmão Caleb e Ás podem ir dar uma volta se quiserem.

— Eu não me movo daqui — assegurou Caleb com um sorriso altivo em sua cara.

— Como quiser. — Freyja encolheu os ombros. — É seu momento Escolhida. Chega sua vez. O momento de cumprir sua tarefa. — Daanna passou a língua pelos lábios e olhou a Freyja. Seu momento?

— O que devo fazer? — Freyja olhou Odin e indicou com o dedo que se aproximasse, enquanto contemplava Daanna: — Só tem que vir conosco. Queremos mostrar algo.

— O quê?

---

[13] *O Village People é uma banda disco norte-americana. O grupo, surgido em boates gays nos Estados Unidos, foi criado em fins da década de 1970*

Odin se colocou ao lado de Freyja e puxou o pulso da vanira.

— Um momento do passado. Um momento chave — ele assegurou. — Vamos fazer uma pequena regressão dinâmica. Entraremos em ação.

Depois disso a terra girou e Daanna se viu envolta em uma espiral de luz e cores.

Capítulo 4

Daanna estava ajoelhada sobre a grama verde e densa.

Os ouvidos zumbiam, e doía a cabeça. O estômago revolveu e estava nauseada. Levou as mãos à testa e abriu os olhos.

Estavam no interior de um bosque. Cheirava a plantas, a infusões: romã, hortelã, camomila… O coração contraiu quando o aroma a fez ser consciente do lugar em que se encontravam realmente. Era seu povoado. O povoado picto. E esse aroma… Assim cheirava o bosque quando Menw fervia suas plantas medicinais e fazia seus caldos e infusões. Era de madrugada, algum galo começava a cacarejar dando boas vindas ao novo dia.

— Onde…? — sussurrou Daanna retirando os cabelos do rosto.

Freyja ofereceu a mão para ajudá-la a levantar. Daanna, aturdida, aceitou e se apoiou nela.

— Chegamos antes. — Murmurou Odin, olhando ao seu redor com desgosto. — Vamos tentar de novo a…

— Não. — Freyja o parou antes que tocasse em Daanna novamente. — Não, Viking. Pode ser que Daanna precise recordar algo… por isso as normas nos trouxeram para este momento.

Odin observou a vanira. Os pés da morena caminhavam sozinhos por volta de um dos chakras que se divisavam ao longe.

Daanna se sentiu em casa de novo. Aquele era seu povoado cruithni, sua aldeia picta, seu bosque, seus… Eles na realidade foram os primeiros pictos em encher os bosques, deles aprenderam todos outros, aprenderam a arte da vingança e como empregá-la contra as incursões romanas. Daanna fechou os olhos e escutou o som do rio Forth. Parou em seco. *O chakra de Menw, devia encontrar o chakra de Menw*. O coração bombeou com força em seu peito. Apertou os dedos contra as palmas até cravar as unhas e caminhou com lentidão até esse lugar. Seu refúgio. Que foi seu verdadeiro lar.

Freyja e Odin se olharam e a seguiram em silêncio.

Daanna chegou ao chakra, coberto do resto do povoado. Aproximou para ver se ouvia vozes. Para ver se encontrava Menw em seu interior, para vê-lo uma vez mais. Ouviu murmúrios, sussurros cúmplices, como os que têm lugar entre um homem e uma mulher apaixonados. Daanna tremeu e se agachou para que não a vissem. Pouco a pouco elevou a cabeça até divisar através de um dos orifícios que faziam de janelas quem estava ali, quem compartilhava esse momento tenro e doce no chakra do curador.

Quando conseguiu divisar os amantes, ficou como pedra. O sangue deixou de correr por suas

veias e algo no centro de seu peito explodiu, como um grito de dor.

Ali, nesse chakra, estavam Menw e ela, à noite depois de se entregar a ele, de fazer amor. Menw beijava a nuca enquanto tatuava um pouco de cor azul com uma vara metálica sobre seu ombro direito; o nó perene que se entregavam os casais celtas como símbolo de seu amor imortal e eterno. Ela se queixava, mas Menw a beijava de vez em quando e limpava o sangue com doçura, com suavidade.

Daanna olhava a cena atônita. O celta estava impressionante, com o imponente torso descoberto, seu cabelo loiro solto que caía sobre os ombros e seus olhos azuis cheios de luz e adoração. Seu príncipe das fadas… pigarreou e se obrigou a presenciar a cena, embora doesse.

Recordava esse momento. Ausente levou a mão ao ombro, ali onde ainda estava aquela tatuagem em tinta azul escura. Daanna insistia em que ele tatuasse seu nome no interior, mas Menw não queria fazer mais dano. E disse que em outro momento o faria.

Fez um nó no estomago. Então, a vida não podia parecer mais maravilhosa. Amava Menw com todo seu coração e sua alma, sentia segura com ele. Era sua alma gêmea.

Aquela Daanna feliz roçou a tatuagem com a ponta dos dedos, mas ao tocar a ferida se queixou e lubrificou os dedos com um pouco de sangue.

— *Mo gbraidh*, não faça isso. — Menw tomou os dedos e os levou a boca para limpar o mesmo.

Os olhos verdes de Daanna se obscureceram diante daquela intimidade, sorriu e acariciou a bochecha com a mão.

— Me beije, príncipe. — Sussurrou sobre seus lábios.

Menw a beijou com uma doçura e uma entrega tal que até a Daanna real podia saboreá-la em sua boca.

— Isso e... — murmurou Freyja. — Mete até as amídalas.

Daanna a olhou com raiva. Não queria que uma deusa como ela visse esse momento tão intimo, tão… vulnerável.

— Não podem nos ver. — Disse Odin com desinteresse. — Estamos numa pequena bolha atemporal. Na realidade é como se não estivéssemos aqui, ninguém pode nos ver. Não existimos neste tempo.

De repente, Cahal entrou no chakra e interrompeu o beijo que cada vez ficava mais quente entre os apaixonados. As bochechas de Cahal estavam pintadas com giz negro, seus olhos azuis refulgiam e seu arrumado rosto enfeitiçava. Estava vestido com peles negras e levava meio cabelo preso em uma trança.

Menw cobriu Daanna com a manta e a colocou atrás dele, para protegê-la do olhar chicoteado de seu irmão.

— Bom dia a você também, irmão — disse Cahal, sorrindo. — Olá, Daanna.

Daanna ficou vermelha como um tomate.

— O que acontece, Brathair?

Cahal seguia sorrindo a Daanna e piscou um olho a Menw.

— Estou orgulhoso de você — disse o celta com alegria. — Já era hora.

— Obrigado, Cah — Menw, impaciente, esfregou o rosto com as mãos e sentiu como a testa de Daanna se apoiava mortificada em suas costas. — Para que veio? Aonde vai? — observou que seu irmão estava vestido e preparado para fazer uma viagem.

— Te corrijo, aonde vamos, irmão. Vamos todos daqui.

— Como? — Daanna elevou a cabeça por cima do ombro direito de Menw. — Viu algo nas runas, Cahal? — o loiro indomável, assentiu.

— Temos um encontro no Stonehenge. Devemos nos encontrar com os deuses. Os cavalos estão preparados.

— Todos? Deixamos o povoado? — perguntou Menw sem deixar de cobrir a Daanna. — Com os deuses?

— Bebeu muito hidromel. — Acrescentou Menw olhando-o com ironia.

— É uma chamada geral, e é irrevogável. — Anunciou Cahal apertando a mandíbula. — Já avisei Thor, Caleb e Lucius. Tenham pressa. — Antes de sair do chakra, girou e sorriu por cima do ombro. — Me alegro por vocês. Minhas felicitações.

Daanna recordava esse momento. Odin pôs a mão sobre o ombro e de repente se moveu a terra sob seus pés. Sentiu que se desvanecia de novo e caiu desabada.

Quando abriu os olhos, igualmente enjoada e com vontade de vomitar, estava em um lugar diferente. Stonehenge. Os pictos, liderados por Thor, estavam no círculo central do monumento megalítico. No interior do círculo humano que criaram os três deuses Vanir falavam e outorgavam todo tipo de poderes. Freyja, Frey e Njörd. Loiros, altos, imponentes e cheios de arrogância. Assim os recordava Daanna.

— O que me querem mostrar? — grunhiu Daanna. — Recordo isso perfeitamente.

— Precisa ver algo — explicou Odin. — E deve tomar uma decisão uma vez que tenha comprovado com seus próprios olhos o que aconteceu.

Daanna sentiu que gelavam os ossos.

— Sei o que aconteceu. Freyja e sua família nos mudaram.

A deusa, aludida, levantou uma sobrancelha e sorriu com desdém.

— Me agradeça isso bonita.

— O que tenho que agradecer? Tem nos feito sofrer com seus malditos dons.

— Sofrem porque querem — cuspiu a deusa.

— Leva uma vida de santa.

Daanna foi para Freyja, mas ela levantou uma mão e a fez voar pelos ares até que se chocou contra uma das pedras centrais.

— É como uma tigresa. Daanna. Guarda as unhas para outro momento. — Freyja fez levitar o corpo de Daanna até que a teve em frente, e então elevou o queixo com o dedo indicador. — Quero que abra os olhos, Escolhida. Quero que os abra bem e veja o que na realidade aconteceu.

Daanna queria colocar uma estaca pelo traseiro dessa mulher presunçosa. A odiava com todas suas forças.

— Esse orgulho que tem vanira, vai acabar com você. — Murmurou desgostada.

— Vai à merda, puta manipuladora.

Odin começou a rir.

— Elogios e mais elogios… — respondeu melodramática a deusa. Agarrou o cabelo de Daanna e jogou o pescoço para trás, mostrando as presas e cheirando seu pescoço com desejo. Daanna, por sua vez, mostrou as suas e mostrou resistência. — O que vou fazer com você? Acredito que vou desfrutar vendo como tem que tragar todo esse amor próprio que tem, por um bem maior. Agora olha. — Dirigiu a cabeça para o círculo de pictos.

Daanna se obrigou a observar tudo. Como se alguma vez pudesse esquecê-lo.

Freyja tocou a todos os presentes. Deu-lhes uma beleza magnética, atraentes aos olhos de outros, sexualmente aditivos. Deu a regeneração curativa, telepatia, telecinese e outros dons mágicos. Deu de presente à capacidade de voar.

— E agora vem o melhor… — grunhiu Daanna, olhando a Freyja com repulsa. — Agora decide nos fazer fracos diante de nossos pares e nos mata de fome por toda a eternidade.

Freyja encolheu os ombros e sorriu.

— Só até que encontrasse seu casal de vida, seu cáraid. Mas suponho que às vezes o amor é cego. Verdade, Escolhida?

— Seu experimento tem um erro, sabe maldita deusa?

Freyja deu uma bofetada tão forte que a cabeça de Daanna foi para trás. Os olhos verdes da vanira clarearam e olhando-a desafiante lambeu o lábio partido. Daanna se moveu inquieta, precisava golpear essa deusa muito alto, tão alto como sua estatura.

— Onde está sua educação? Tornou-se uma lavadeira. Relaxe, vanira — espetou rindo. — Apenas olha.

— Fez com que fôssemos dependentes de sangue — continuou Daanna, ignorando sua ordem.

— Só de seus companheiros eternos. No fundo, acredito no amor verdadeiro.

— Não. Você só acredita na dor. A fome vanira se vai com o sangue humano, aí está à rachadura de seu invento.

— Só quando decide se converter em vampiro e entregar sua alma a Loki.

— Foi idiota. Tudo porque estava despeitada com seu marido, *O assalta camas*. Embora o entenda sabe? — soltou uma risada. — Entendo que ele não a quisesse. Quem te aguentaria?

— Você me fala de despeito? Você? — Freyja a olhou. — Arrasta seu orgulho há dois mil anos, colocando-o antes de tudo. Dá pena, Daana. Olha isso.

— Te odeio Freyja.

— Me diga algo que não saiba vanira. — Deixou que ela caísse ao chão e cruzou os braços, olhando a cena.

A cena da transformação seguia diante seus olhos.

Todos entendiam qual seria seu encargo, todos estiveram de acordo com o pacto dos deuses: Lain, Shenna, Gwynn, Beatha, Lucius, Samael, Seth, Cahal, Caleb, Thor, Menw, ela e todos outros.

Frey, o outro deus loiro e resplandecente, irmão de Freyja, os fez fracos ao sol. Frey era um deus do sol nascente. Os Vaniros podiam ser muito poderosos, mas nunca mais que seus deuses

criadores, dessa forma outorgaram essa debilidade.

Njörd, o irmão de Nerthus, pai de Frey e Freyja, outorgou a imortalidade, embora deixasse claro que só morriam se suas cabeças fossem cortadas e seus corações arrancados. Também deu dons comunicativos com os animais e a terra.

Os três deuses se encarregaram de explicar todas as faculdades que agora tinham e como as pôr em funcionamento.

— Agora são Vaniros — gritou Freyja, — meus Filhos. Filhos dos Vanir. Já não são humanos, e como tal, não podem participar de conflitos bélicos. Esqueçam de Roma, esqueçam daqueles que acreditavam seus deuses e nos jurem homenagem.

A contra gosto, os Vaniros se ajoelharam diante de seus deuses criadores.

— Se em algum momento — ressaltou o deus Njörd, — nos inteirarmos de que estão alterando o destino da humanidade com suas intervenções, os mataremos. Não haverá piedade. Sua alma será aniquilada e jamais voltarão a reencarnar. Seu encargo aqui é equilibrar as forças e unir na luta contra os jotuns de Loki.

Os três deuses elevaram suas mãos e um manto de luz dourada cobriu os corpos dos celtas.

A maldição indolor. De repente se olharam uns aos outros, e se viram distintos. Daanna recordava a sensação das presas na boca, a mudança de cor de seus olhos, o instinto depredador que crescia neles. E a fome. A fome era pior. E depois estava o desejo… um desejo enlouquecedor e absoluto por Menw.

Horas depois de sua transformação, veio à dolorosa separação. Uma separação que seria somente por três dias, mas que para ela e o curador seria definitiva.

— Desejo que encontrem seu casal de vida e que compartilhem a eternidade. — Gritou uma Freyja eufórica.

A Freyja da atualidade repetiu suas palavras em voz baixa, orgulhosa de seu discurso, em toda sua egolatria.

— Com o casal irá acordar um dom único e intransferível. — Sussurrou Freyja, olhando a Daanna de soslaio.

— Você me marcou!— gritou Daanna ajoelhada sobre o chão, olhando a cena com pena.

— Nasceu marcada, Daanna. Sua alma é especial. Seu corpo é… especial.

Daanna soprou e levantou cansada. — Quando me tocou e pediu ao clã que me protegessem sempre, acima de tudo, por que eu era distinta, enterrou-me em vida — disse ferida.

— Pfff… no caso que me fizeste. É uma rebelde.

— Nunca fui. Não me deixaram espaço para ser. — Freyja a estudou e negou com a cabeça. — Não acredito. Revelou-se acima de tudo e todos. Sobretudo, esteve rebelando durante mais de dois mil anos contra o que sente aqui. — Freyja se aproximou e pôs uma mão sobre o coração. Surpreendida, retirou ao sentir uma dor aguda nos dedos. — Vá, se dói.

— Claro que dói! — a empurrou com força e a deusa caiu para trás. — Dói! — Freyja ficou surpreendida diante da força e a explosão de ira da vanira.

— Vou matá-la. — A deusa mostrou as presas e seu rosto se encheu de veias azuis. Antes que a vanira morresse as mãos da Freyja. Odin pegou Daanna pela mão e a mudou para outro

lugar.

Capítulo 5

Estavam na Caledônia. Os romanos assaltaram os poucos povoados celtas que ainda resistiam a pagar tributo ao César.

Nesse momento estavam ao lado de Menw, Lucius, Seth e Cahal. A mesma noite que se transformaram. Uma noite fria e tormentosa.

— O que fazemos? — perguntou Daanna ainda aturdida.

— Quero que veja o que passou essa noite — disse Odin, olhando a cena com solenidade.

Os quatro Vaniros estavam escondidos atrás de umas montanhas rochosas. Sabiam que uma das normas dos deuses era que não deviam interceder nos conflitos entre os humanos. Mas embora agora fossem Vaniros, em seu coração e em seu sangue ainda corria sangue keltoi, e seguiam odiando e aclamando vingança contra os centuriões romanos.

— O que fazem ali? — sussurrou Daanna, observando aniquilada aos quatro Vaniros.

Daanna não entendia nada. Que fazia Menw aí?

— Às vezes — explicou Odin, — para mudar a história, devem fazer grandes sacrifícios. As coisas nem sempre são o que parecem. Você só sabe o que viram seus olhos, mas não sabe a verdade do que aconteceu antes.

Daanna tragou saliva e se preparou para ver o que imaginava que passaria.

Cahal, Lucius, Seth e Menw desceram ao povoado como anjos vingadores e enquanto os três primeiros se limitaram a esquartejar e a brincar com os romanos que provocaram o terrível genocídio contra o que foi seu povo, o último, Menw, limitou a percorrer os chakras procurando vida. Havia crianças, mulheres e anciões cobrindo a terra úmida do lugar; corpos sem vida e maltratados.

Menw odiava a guerra. Obviamente, era indispensável conhecer sua arte para sobreviver, mas isso não a fazia menos detestável.

— Aquela noite — sussurrou Daanna vendo a cena, — os homens do clã se foram para exercitar seus novos poderes. As mulheres se moveram para as montanhas rochosas, porque ali podíamos nos ocultar do sol e descansar com relativa calma. Obrigaram-nos a permanecermos separados durante três dias e três noites, já que a energia entre homens e mulheres era muito forte, e devíamos aprender a controlá-la e a não nos deixar influenciar uns pelos outros. Eu não sabia que os quatro não cumpriram as normas dos deuses…

— Ninguém soube. E ninguém sabe.

— Não entendo… — Daanna franziu o cenho enquanto observava os movimentos de Menw.

O curador entrou numa chakra queimada e com passo lento e pesaroso desapareceu entre os escombros.

— Mostrarei o que passou dentro do chakra. — Odin tocou Daanna e a levou até o interior

da casa.

Ali havia uma garota de não mais de dezesseis, caída no chão, com a roupa rasgada e corte por todos os lados. Havia sangue nas pernas e a pele estava cheia de fuligem.

Menw se ajoelhou diante dela e retirou o cabelo do rosto.

Daanna apertou os punhos e sentiu que ficava sem respiração. Não, não, não… isso não podia ser. Estava vendo seu temido pesadelo?

— O que fizeram com você? — sussurrou Menw a jovem desconhecida. Levou os dedos ao pescoço e sentiu que seu coração ainda pulsava fracamente.

Seu pescoço estava esmigalhado, como se alguém a tivesse rasgado ou como se alguém tivesse cortado com um rastelo de arar.

Odin tocou Daanna para que sentisse o que sentia Menw nesse momento.

— Não! — gritou Daanna levando as mãos ao estômago. — Por favor, não…

— Necessita saber a verdade.

A jovem humana abriu os olhos e elevou a mão até que fechou os dedos sobre o colete de pele de Menw.

— Ajude-me — rogou. — A… ajude-me…

— Como?

— Dê seu sangue. — Seth entrou no chakra e se colocou ao seu lado. — Não precisa beber dela. Só dê seu sangue. Frey e Freyja nos disseram que nosso sangue é poderoso. Podemos salvá-la.

Menw começou a tremer e sentiu dor ao pensar sequer em oferecer o sangue a uma que não fosse sua Daanna, e recusou. Morria de vontade de voltar a estar com ela, mas aquele apartheid[14] ao que foram submetidos devia durar mais três noites. Ninguém sabia que os dois eram um par, à exceção de Cahal, que os pegou em uma situação mais que comprometida, e Caleb, que a deixou nas mãos de Menw na noite anterior. Daanna queria anunciar seu emparelhamento assim que ambos estivessem juntos de novo. Assim não, não daria seu sangue a essa garota.

— Não posso. Não podemos nos colocar nos conflitos humanos. Não posso salvá-la…

— Não se trata de mudar nada, curador. Nada de atar. Só dê um pouco de seu sangue. Você gosta de salvar às pessoas, você gosta de curar. Olha o que têm feito os romanos conosco… — Seth abriu os braços e abrangeu todo o povoado. — Já não podemos interceder nesta guerra. — Daanna não se sentirá orgulhosa de você se comportar assim. Ela te vê como um salvador, como alguém bom e misericordioso.

Daanna, que olhava a cena horrorizada, não podia acreditar no que ouvia nem no que viam seus olhos.

— Não a meta nisto.

— Eu só digo. — Seth tentou consolar dando um golpe amistoso nas costas.

— Faz você, já que se preocupa tanto.

[14] *Separação.*

— Não, amigo. Aqui, quem tem uma alma imaculada e ao que ainda ficam frestas de compaixão é você. A guerra arrancou tudo isso de mim. Importa-me muito pouco se esta garota vive ou morre.

— Então o que faz aqui? — grunhiu Menw

— O sabor da vingança é muito… viciante. — Seth sorriu e mostrou as presas. — Aí deixo com seus demônios. — E desapareceu entre os escombros.

A jovem estava morrendo virtualmente nos braços de Menw. O que devia fazer? A garota estava sofrendo horrores, seus pulmões brigavam por uma fibra de ar. Menw pensou em Daanna e a vanira percebeu seus pensamentos. *Daanna me conhece. Sabe que é minha, que nos pertencemos. Só darei um pouco, não provarei seu sangue, Daanna, prometo, não tenho sequer vontade. Rodeado como estou, não tenho nenhuma desejo de prová-la. Tenho que salvar esta garota, ao menos, tentar. Daanna, não se zangue por isso. Só um pouco para ver se assim reage*.

Daanna tragou saliva enquanto enchia os olhos de lágrimas. Era muito doloroso ver como Menw oferecia seu sangue à outra mulher que não era ela. Era lacerante.

— Como se chama? — perguntou Menw, pedindo a atenção da jovem. Falava com tanta ternura que Daanna se desfazia para ouvir seu timbre de voz.

Os lábios da garota estavam roxos e muito pálidos.

— Brenda — sussurrou Daanna, enquanto se ajoelhava ao lado de Menw, sendo testemunha direta daquele momento. Ela conhecia muito bem aquela garota. Ela foi sua ruína.

— Bren… Brenda — disse a jovem fechando seus olhos marrons claros sem vida. — Morro…

— Não. — Menw mordeu o pulso e ofereceu algumas gotas de sangue. — Bebe um pouco e pode ser que se salve. Pode ser que te dê força, Brenda. Bebe!

O sangue de Menw molhou a boca da moribunda, e chegou até o fundo da garganta de Brenda. Menw fechou a ferida com a língua, já que, como explicou Freyja, a saliva era cicatrizante. Ficou um momento com ela para ver se reagia a seu sangue, mas, ao ver que a garota não se movia, desistiu disso.

— Eu tentei — sussurrou o curador.

— Tentou. — Levantou com pesar, mas antes de sair do chakra, a deusa Freyja fechou o passo.

— Zombando das normas? — perguntou aquela mulher toda vestida de branco, formosa e reluzente como um anjo.

— Não tenho feito nada.

— Mordeu à humana?

— Não — disse Menw horrorizado. — Só tentei salvá-la.

— Resposta incorreta. Toda violação das normas merece um castigo. Se meus pais se inteiram desta, eles aniquilarão aos quatros e suponho que não querem isso verdade? Dissemos que não podiam se misturar com assuntos terrestres, assuntos humanos. Pagarão por seu engano.

Menw olhou ao exterior e se encontrou com Frey que conversava com Cahal, Seth e Lucius, mas não podia ouvir nada do que dizia. Ele só queria retornar a sua mulher, a Daanna.

— Qual será seu castigo? — perguntou Freyja a si mesma, pensativa e arranhando queixo. —

Não posso deixar que matem você, não. Meu pai Njörd o fará se souber que estiveste aqui assassinando alguns romanos descerebrados. E por outro lado, não é o momento de que unas a seu… deixemos. Enfim, terá que te afastar do que mais queres — sussurrou Freyja, olhando a Menw com interesse.

O curador apertou a mandíbula. — De que fala? Não farei. Não tenho feito nada errado.

— Acabam de infringir os mandamentos, vaniro! Terá que pagar por isso. Minha decisão é a seguinte: deverá se afastar de Daanna.

Daanna fez uma exclamação afogada e negou com a cabeça. *A muito puta!* pensou.

— Nunca — respondeu Menw. — Não vou me afastar dela, ela é tudo o que tenho e o que mais me importa.

Algo quente banhou Daanna quando ouviu Menw falar assim sobre ela.

— Se não o faz, a matarei. — Freyja elevou uma mão e emitiu um reflexo de Daanna vomitando sangue em um dos bosques que rodeavam as covas rochosas nas que se encontravam as mulheres do clã…

Menw sentiu que os olhos umedeciam e que o coração imortal deixava de pulsar. Que não tocasse em Daanna, ele faria algo, mas não a fizesse sofrer.

Daanna percebeu os pensamentos e os sentimentos de Menw e sentiu que algo se rompia por dentro.

— Não posso me afastar — disse com voz afogada. Não poderia afastar. — Eu… morrerei se não puder tocá-la ou…

— Não se afaste. Daanna necessita amparo, só que não poderá estar com ela como você necessita. Aliás — moveu a mão como se nada do que dissesse tivesse importância, e a imagem de Daanna se esfumou, — não será eternamente. Será sua penitência, um comprido castigo, vaniro — explicou Freyja. — Os dois viverão, já que não compartilharam seu sangue, mas será uma experiência de autocontrole para ambos — sorriu como uma menina pequena. — O que são uns anos para alguém que é imortal?

— Não durará? Quando poderei estar com ela de novo?

— Só durante o tempo em que ela queira estar zangada. Não mais — sorriu, ocultando um grande segredo que só ela conhecia. — Se não fizer curador — assegurou Freyja, — ela morrerá por sua culpa, e nos asseguraremos de que sofra como ninguém o tem feito em vida. Sei que a morte não importa para você, que não dá importância, mas com ela você se importa. Não permitirá que ela sofra, verdade?

Menw tragou saliva e fechou os olhos, evocando a imagem doce, cheia de calor e querida de Daanna. Uma imagem que ele se encarregaria de destruir por não ter controlado bem seus instintos vingativos. Isso não podia estar acontecendo. Pensou que não seria eterno e que chegaria o momento em que ambos poderiam estar juntos novamente, porque o amor dos dois aguentaria tudo, inclusive o tempo.

— E o que devo fazer?

— Simplesmente diga que não a quer. Quando retornarem às montanhas rochosas, ninguém saberá nada sobre sua violação das normas, mas você terá que admitir que esteve com outra

mulher, que trocou seu sangue com ela. Ela não poderá saber a verdade porque você não a deixará mordê-lo, de acordo?

— E como ainda não têm vínculo telepático porque não trocaram seu sangue, tampouco poderá ler sua mente.

— Mas… isso não é verdade. Eu nunca poderia estar com outra mulher. Sei que Daanna é minha cáraid, já sei que não bebemos um do outro, mas sei que é ela…

— Não sabe nada e disso se trata curador. Terá que mentir. Nós mentiremos por vocês para que ninguém saiba que interferiu nos conflitos humanos, e isso os salvará de que não os sacrifique Nerthus nem meu pai Njörd. Seguirão vivos. Em troca, você deve renunciar a ela. — Menw tinha o olhar pedido. Que classe de vida teria sem sua cáraid? Sem o calor de seu corpo nem a alegria de seu sorriso. Daanna e ele não completaram o rito vaniro do intercâmbio entre casal, mas ele já tinha fome dela. Sempre teve, mesmo quando ainda era humana, e o que agora sentia pela vanira se multiplicou. O que faria ele? Sem sua voz quente nem sua compreensão incondicional. O que podia fazer sem Daanna?

— Sobreviver — sussurrou Daanna com o rosto sulcado de lágrimas.

— Sobreviver, vaniro — disse Freyja olhando com misericórdia. — As reconciliações, embora se façam esperar, sempre valem a pena.

Daanna queria matar a deusa. Queria afogá-la com suas próprias mãos e arrancar esse maldito e negro coração do peito.

Odin pôs uma mão sobre o ombro da vanira e a acalmou.

— Precisa ver o que aconteceu depois? — perguntou o deus, preocupado. Daanna não deixava de soluçar. Claro que não precisava ver. Recordava todos os malditos e longos dias que passou sem ele.

— Há algo que não entendo — murmurou Daanna limpando as lágrimas com a ponta dos dedos. — Brenda o acompanhou. Os homens do clã retornaram às montanhas rochosas no final dos três dias, e essa garota acompanhava Menw como uma vanira. Mudou, e só deu umas gotas de sangue, não trocou nada com ele. Como transformou Brenda?! Nem sequer Freyja contava com isso verdade?!

— Não. Ninguém contava com isso, Loki sabe jogar suas cartas, Daanna, e jogou com a situação. Ele sabia como eram Lucius e Seth, assim que os tentou estimulando seu lado ambicioso, e eles não resistiram. Como sabe, Lucius e Seth os deixaram, e agora são uns traidores. São vampiros. A conversão afeta a uns e a outros de diferentes maneiras, afeta à essência das pessoas e aumenta os instintos básicos, Lucius e Seth odiavam os romanos, e o ódio e suas ânsias de vingança os cegaram. Assim que viram que dispunham desses poderes, ficaram loucos e decidiram fazer justiça por sua mão, porque se acreditavam superiores e com o direito para isso, Loki os convenceu disso. Enquanto o clã treinava seus novos dons, os dois voaram a Caledônia. Queriam sozinhos aniquilar o exército centurião. Os romanos já arrasaram o povoado e deixaram com vida Brenda, a mais jovem das garotas. Violaram e golpearam quando mostrou resistência, mas seguia com vida, Seth e Lucius a morderam e deram seu sangue para transformá-la, prometendo que despertaria a uma nova vida cheia de poderes e vingança. Brenda era sua isca.

— Por isso Brenda estava com o pescoço esmigalhado? Das dentadas de Seth e Lucius? Então…, eles chegaram antes que Menw e Cahal.

— Sim, assim é. Chegaram antes, mas não a tempo de salvar às pessoas do povoado. Brenda estava ali, intencionalmente. Deixaram-na preparada para Menw. Hipnotizaram aos romanos e os deixaram no acampamento. Queriam ver se mais alguém unia à causa, se podiam contar com mais membros de seu clã para unir a sua revolução. Por isso avisaram a Menw e Cahal, o druida e o curador do clã keltoi, duas das peças mais importantes do grupo. Thor era o líder e ele não aceitaria que violassem as leis dos deuses, assim decidiram não comentar nada a respeito. Convenceram os dois irmãos para que fossem com eles. E aconteceu o que viu. Encontraram com o povoado destroçado e os celtas mortos. Os romanos seguiam hipnotizados e vivos pelas ordens mentais de Seth e Lucius e assim permaneceriam até que chegassem acompanhados de Menw e Cahal. O druida não pôde suportar a raiva e também participou da matança, mas Menw só estava interessado em curar, não na destruição, sempre foi assim, verdade?

Daanna assentiu. Sim, Menw era um guerreiro excelente, mas ele sabia que era mais importante recuperar as pessoas que levá-las diretamente ao inferno.

— Quando entrou no chakra destroçado — prosseguiu Odin, — e viu Brenda, seu instinto de curador sobressaiu. Seth o animou a fazer, conhecia-o bem. Como disse, estenderam uma armadilha. Deixaram à garota preparada para ele.

— Seth… mas por quê? — com o Menw preso a outra mulher que não fosse você e sendo cúmplice do que fizeram, já tinham o curador e, por conseguinte, também o druida, já que Cahal nunca abandonaria seu irmão. São unha e carne. Só faltava a Escolhida, quer dizer você, daí que Seth a cortejou depois da transformação. Você tinha um papel importante. Estaria livre de Menw se ele aparecia atado com outra mulher. Eles sabiam como reagiria à traição de McCloud, porque os dois sabiam perfeitamente que vocês dois estavam apaixonados. Mas Seth queria você para ele, vivia obcecado com você e preparou toda a armadilha para ter o campo livre e te seduzir.

— Então… Menw completou o ciclo de troca com Brenda ao dar, pela terceira vez, sangue vanira — recapitulou com o olhar perdido. — Ele fechou o intercâmbio, sem saber.

— Assim é. Brenda despertou como uma de vocês. E como Menw foi o último em dar sangue isso a atou a ele definitivamente. Como se fossem casal. Foi um intercâmbio muito brusco, por isso a sede de sangue de Brenda era maior, e não a podia controlar. Essa foi a principal razão de que fosse tão agressiva e insaciável. Menw era incapaz de dizer que não a queria, assim Brenda foi à cobertura perfeita — confessou Odin encolhendo os ombros.

Daanna odiava recordar aquele momento. Odiava recordar a sua avidez e malícia. Odiava recordar essa noite em que a viu, chegando com todos os homens, agarrada a mão de Menw.

Os homens retornaram às montanhas para encontrar com as mulheres convertidas. Menw e Brenda chegaram juntos, a jovem não deixava de tocá-lo e mimá-lo. Daanna sentiu que morria quando os viu chegar. Quem era essa mulher? Menw a apresentou diante de todos como seu casal, e o coração de Daanna congelou.

Só Caleb se mostrou resistente a felicitar, já que o resto estava contente de que um vaniro se unisse em casal a sua cáraid. Cahal estava distante e tampouco demonstrou fúria, mas ele não

podia fazer nada. Essa mesma noite, às escondidas, Menw explicou a uma Daanna destroçada que mordeu e trocou sangue com Brenda. Narrou os fatos de um modo desapaixonado, mostrando indiferença diante das lágrimas de Daanna. Disse que cheirou Brenda como se fosse seu casal e a reconheceu. Disse que a energia lhe saiu do controle, que o desejo vaniro era mais forte e que não pôde evitar estar com ela. Daanna se congelou por dentro diante daquela triste e impessoal declaração, como se o que eles compartilharam cinco noites atrás e virtualmente desde que se conheceram não significasse nada. Como se esvaziasse todo esse amor que sentiam um pelo outro. Violado por uma maldita transa chamada Brenda. Aquele dia, os olhos verdes claro de Daanna deixaram de emitir luz e gosto pela vida. E ela se encheu de ódio e ressentimento para ele. Para Menw. O golpe foi tão grande que ainda agora tentava superar dia a dia.

Mas agora, naquele momento, entendia tudo…

Daanna escutou o zumbido metálico que se ouvia quando algum deus entrava em cena, era como se o ar se carregasse de eletricidade e não pensou duas vezes. Levantou como uma mola agarrou uma das adagas douradas que tinha Odin na coxa e se girou a tempo para cravar a uma Freyja que se acabava de materializar e que a olhava impressionada e surpreendida, com a boca aberta.

— Vá, isso sim que deve doer, verdade? — sussurrou a furiosa vanira, repetindo o que a deusa disse quando colocou a mão sobre o coração. — Mas recorda isso, maldita deusa: nada, absolutamente nada, assemelha à dor que eu tive que sofrer por culpa de suas maquinações. Arrancaram o que mais queria!

— Você se limitou a acreditar. Você se afastou dele.

— Me disse que me enganou! Veio com ela! E tudo por sua culpa!

— Você teve mais de uma oportunidade para beber dele, para saber a verdade e nunca quis. Desdenhou!

— Acreditava que me traiu!

— Só os valentes sobrevivem, Daanna. Você e ele foram muito valentes — murmurou Odin, admirando a fortaleza da vanira.

— Você não teve que escutar durante várias noites como Brenda suplicava a Menw que tocasse e que a alimentasse. Eu sim!— gritou Daanna.

— Menw dava seu sangue, mas ele não bebia o seu — explicou Freyja dolorida. — Seth e Lucius se alimentavam de Brenda, eles sim trocavam sangue com a garota, mas, tampouco ela não era suficiente para eles. Necessitavam mais. Mais sangue. Mais poder. Menw nunca bebeu dela.

— E você o que sabe? — Daanna retorceu a adaga no estômago da deusa e seu vestido branco se cobriu de sangue. — Preferia morrer, Freyja. Eu escolheria morrer a viver esta longa vida sem ele, odiando e desejando a cada instante.

— Eu sei. Sei tudo, Daanna. Odin tire o maldito punhal! — grunhiu, fincando as unhas no pulso da vanira.

— Encantado. — Odin afastou Daanna e arrancou a adaga do estômago de Freyja.

A deusa gritou e caiu de joelhos, levando as mãos à ferida do estômago. Poucas coisas feriam os deuses como suas próprias armas. — Rasgou o vestido — vaiou Freyja olhando à

Escolhida.

Daanna não podia parar de chorar e a raiva crescia em seu interior queimando tudo por onde passava.

— A alma desses três era podre e foram alvos muito visíveis para Loki desde o primeiro momento — explicou Freyja. — Lucius, Seth e Brenda os abandonaram dias mais tarde e procuraram seu próprio caminho. Um que pudessem saciar sua fome e ambição. O caminho dos jotuns.

— Por que os transformou então? Se sabia que não eram de confiança…

— Porque só se aprende através dos enganos. Eles saíram errados…

— E Samuel.

— Sim, mas muitos outros resultaram ser excelentes Vaniros. Odin passou o mesmo com seus cachorrinhos.

— Berserkers, cadela. Chamam berserkers — explicou Odin com o olhar sombrio.

A deusa levantou e a ferida do estômago se fechou por arte de magia.

— Todos nós podemos errar, só precisamos encontrar o caminho para saber retificar, verdade, Daanna? — quando a deusa olhou a vanira havia um quente afeto em seu olhar prateado.

Daanna olhou Freyja e Odin e, de repente, se sentiu derrotada.

— A chegada de Brenda deu realismo à mentira de Menw. Loki ocultou de algum modo o que Seth e Lucius fizeram, ocultou aos nossos olhos, por isso nunca soubemos o que passou realmente, utilizou o seidr para invocar um feitiço que nos ocultasse o que Seth e Lucius fizeram. Loki acreditava que Seth e Lucius se sairiam com a sua, mas você rejeitou Seth, e Cahal e Menw decidiram não seguir o caminho desses traidores e ficaram no clã, com vocês. Como vê, as decisões que tomamos afetam ao destino. O tiro saiu pela culatra.

— Aí há uma mensagem: Nunca dê nada por certo. E agora, Daanna… — suspirou cansada, — necessitamos sua ajuda.

— O que querem de mim? Já me tiraram tudo. Destroçaram minha vida e fez com que vivesse uma eternidade só e com o coração dolorido. Fez que Menw e eu nos separássemos… O que querem agora?

— Eu coloquei a semente para que isso acontecesse, tem razão. — Freyja olhou seu vestido destroçado e imediatamente estalou os dedos para que o rasgo sumisse. — Mas seu rancor foi o que de verdade afastou Menw. Você tem orgulho. Sei que não acha, mas tinha minhas razões para fazer o que fiz. Todos nós temos nossas razões para fazer as coisas que fazemos. Agora tudo se descontrolou… Nós não podíamos permitir que Menw e você se enlaçassem então, por que…

— Freyja — Odin chamou a atenção da deusa para que se calasse.

— Por quê? — perguntou Daanna impaciente. — Não quero mais segredos. Deixem de brincar comigo.

— Sei que o aconteceu foi muito mal, Daanna — Freyja olhou de esguelha a Odin, — mas era a única maneira que não atassem. Era importante que não fizessem porque não era o momento. Ainda não. Agora estou oferecendo a oportunidade de que recupere o tempo perdido com Menw.

De que tentem solucionar as coisas, porque é agora, Escolhida, quando os necessitamos juntos. Aconteceram muitas coisas que provocaram uma reação em cadeia e tudo está acelerando no midgard. Se perdeu o coração, só precisa encontrá-lo. Deixe-nos arrumar o que fizemos com vocês, nos deixe que a levemos a ele antes que seja muito tarde. Não rejeite o presente que deu Gabriel.

— Freyja — voltou a chamar a atenção Odin, perdendo a paciência.

Daanna entrecerrou os olhos e se dirigiu de novo à deusa. — Gab? Está com vocês?

— Humph — Freyja levantou as sobrancelhas, dissimulando o melhor que podia.

— De verdade? — tremeu o lábio inferior. Alegrava de ouvir aquilo. Alegrava por seu amigo humano. — O que ele tem haver com isso? — Freyja e Odin se olharam e o deus viking assentiu com um movimento seco de seu queixo.

— O seu envolvimento nisso, não importa. Necessito que diga Daanna — disse Odin com severidade.

— Assim que agora me necessita… — elevou o olhar. — Mas o que acredita? Que somos suas marionetes? — atravessou Odin e Freyja com seus olhos felinos cheios de lágrimas.

— Fiz o que acreditei conveniente — respondeu Freyja.

— Não quero ajudá-la — Daanna se negou dando a volta. — Não quero ajudar… Eu não…

— Pensa bem o que vai responder Daanna. Menw esteve sofrendo desnecessariamente seu despeito, sua ira e sua indiferença. Fica pouco, Daanna; e sabe. Também vai matá-lo? Vai negá-lo isso?

Ambas as mulheres se olharam uma à outra. Medindo e reconhecendo. Transmitindo segredos.

— Você sabe — Daanna a assinalou enquanto limpava as lágrimas com a outra mão, — sabe que perdi algo mais que meu coração. Sabe o que perdi, verdade?

— Eu sei — assentiu Freyja em tom crítico. — Mas às vezes são perdas necessárias, Escolhida. Sempre há razões maiores para que umas coisas saiam de um modo ou de outro, sempre há motivos.

— Que razões são essas?

— Simplesmente — encolheu os ombros, — não era seu momento, Daanna. Agora sim. Não posso dizer mais, só vocês dois devem descobrir. O Ragnarök está a um passo de começar e precisamos pôr em marcha todas nossas peças, mas não podemos obrigar a essas peças que atuem como queremos. Seu dom deve despertar agora, a um passo do alinhamento planetário que abrirá os portais para que os jotuns do submundo e Loki possam sair e materializar diante dos humanos, aniquilando esta realidade. Todo este projeto dos deuses, a humanidade, irá se tomar vento se Loki se sair com a sua. O deus mais mentiroso do mundo jogou com as debilidades de Seth e Lucius. Mas nós seguimos o jogo com vocês. Uma partida muito longa, e aproxima o momento de finalizá-la. Os dons pessoais que cada um tem serão imprescindíveis para o êxito da partida. Não estou pedindo que faça por mim. Faça por seus amigos, pelas pessoas que quer… Faça por Ruth, Aileen, Maria, Caleb… Por Gabriel, por seu amigo. Faça porque deve a Menw, e porque é seu destino. Deve isso a você mesma. Toma seu destino de uma vez por todas, aceite seu

dom.

Daanna baixou o olhar e olhou a ponta das botas.

— E como acordar meu dom?

— Recuperando o que é teu, o que te pertence. Terá que convencer Menw. Se unir a ele.

Daanna tremeu. O que era que pertencia a ela? Depois de tanto tempo sobrevivendo com o impulso da raiva e o rancor, o que devia fazer agora? E depois de tanto tempo, ela precisava oferecer a Menw? E se ele a rejeitasse?

— Vai por seu cáraid, Daanna, antes que seja muito tarde. Menw está perdendo sua alma e não é certo que a possa recuperar, mas para eles terá que entregar-se a ele completamente.

— Ao melhor eu já não sou seu cáraid. Pode ser que ele já não queira…

— Claro, e os porcos voam — respondeu uma incrédula Freyja. — Menw e você têm uma chave em todo o desenlace do Ragnarök, e para que se cumpra precisa apenas mantê-lo são — pediu Freyja com humildade. — É um sacrifício e ele é o único que pode entregar seu dom. Retenha-o ao seu lado, não deixe que o levem.

— Igual a você reteve Odin? — perguntou a vanira olhando com desprezo.

— Outra como Ruth — a fulminou com os olhos. — Como disse, todos cometemos erros — respondeu com raiva. — Ele voltará. Não é que me importe, mas ele voltará. A questão é que necessitávamos que soubesse a verdade para que fosses procurar por própria vontade seu curador. Nem antes, nem depois. Agora. Justo neste momento. Não vamos obrigá-la a isso. Mas esperamos que sua vontade de se redimir seja suficiente para ir por ele, a quem mais ama.

— Como o encontro? Não sei onde está. Menw desapareceu. — Claro que iria por ele, por muito assustada que estivesse, iria a sua busca.

— Eu sei onde está — respondeu Odin. — A levarei a ele se me prometer que fará o possível para recuperá-lo. Necessitamos em plenas condições, como vaniro. Ninguém deve saber o que passou realmente nesse dia. Mantém o segredo.

Odin sabia onde encontrar Menw? Algo à altura de seu peito começou a palpitar. Era seu coração? Daanna sentiu vergonha de si mesma, medo e uma grande sensação de irrealidade por tudo o que estava acontecendo.

— Por Morgana… — tremiam os joelhos. Sempre esteve tão segura dela mesma e agora era açoitada por todos seus temores. — Não sei se vou poder… Não acredito que…

— Necessitamos que despertem um ao outro entende? — Odin pegou à Escolhida pela mão. — Ele é seu cáraid? Sim ou não?

— Não estou segura… — disse aturdida. — Ele não vai querer nem me ver…

— Leva tudo o que precisa? — a interrompeu Odin. — A levo diretamente onde ele está, de acordo?

— Um momento, por favor! — Coragem. Onde estava sua coragem? Necessitava pensar em muitas coisas. Caleb não sabia onde estaria ela e… — Meu irmão deve saber que…

— Seu irmão está dando uma surra em Ás por ocultar o fato de que tem contato conosco. Agora estão ocupados. Você se preocupe apenas com você.

Seu irmão e Ás brigando de novo? A murros? Estavam todos loucos… Mas não podia pensar

nisso agora. Menw.

— Me odeia. Ele me odeia — assegurou, levando as mãos ao rosto. — Eu… eu não me comportei bem.

— Tem suas razões — a tranquilizou Freyja.

— Não. O enganaram! Nunca quis escutar, nunca! Acredito que não vai fazer conta de mim. Assim que me veja, me ignorará. *Byth eto*… ele disse!

— Acabe com seu rancor e orgulho. Se ajoelhe se precisar, Daanna. Às vezes não custa nada limpar um pouco o chão.

— Espero vê-la ajoelhada algum dia, Freyja — ela desejou cheia de raiva.

A deusa soltou uma gargalhada e negou com a cabeça.

— Os deuses não se ajoelham nunca. Odin ofereceu a mão a vanira e ela deu um passo a frente e tomou, precisava se afastar dessa mulher que tantos estragos causou em sua vida.

***

Daanna não estava segura de nada, estava aterrorizada, mas seguiria o exemplo de suas melhores amigas, Aileen dominou Caleb, e Ruth domesticou Adam. O amor, em seus casos, sempre foi mais forte que todo o resto. Ela… ela não sabia como amar Menw de novo, mas sabia que devia pedir perdão porque o sacrifício de Menw foi maior que o seu, não? Daanna se limitou a acreditar no que o curador disse. Seus olhos viram Brenda, e a tomou como prova de seu delito, a prova de sua infidelidade, mas, realmente viu Menw apaixonado por essa mulher? Viu a realidade que se ocultava sob as aparências? Brenda e Menw só estiveram juntos três semanas, até que a jovem fugiu faminta de sangue humano junto a Seth e Lucius. Daanna sabia que Menw escolheu mal, ela conhecia o coração do curador e estava segura de que o pertenceu, mas a traição, seu engano, foi imperdoável. Depois disso, nunca mais estiveram juntos, nunca mais se tocaram, porque não podia suportar, nem sequer aguentava a sua presença. E assim, com todo o ressentimento e a frustração, passaram a eternidade. Até que chegou a duvidar se alguma vez o amou de verdade.

Ela nunca imaginou que seu dom dependesse de Menw, já que chegou a duvidar se Menw e ela realmente fossem cáraid frustrados. Tantos anos juntos, tão separados, dois mil anos… Saberia Menw? Saberia Menw que seu dom dependia de que ele a alimentasse?

— Ele está tão perdido quanto você — Odin leu sua mente. — Terão que fazer um esforço, mas pode ser que custe a escutar, está ofuscado… Não desista dele, de acordo?

— Depende de você mover a peça, Daanna — apontou Freyja, desaparecendo diante de seus olhos. — O sacrifício pode valer à pena.

Chegou o momento de que a Escolhida desperte de sua letargia, só se deixar sua dor para trás, isso rezava a profecia do Skuld.

— Só os valentes sobrevivem — sussurrou Daanna em voz baixa, repetindo a frase final da profecia que recebeu três semanas atrás do noaiti do clã berserker. O chão tremeu, sentiu que ela mesma se desintegrava e se preparou para outra viagem com Odin. Menw e ela fizeram uma

viagem comprida e milenar de ida, mas esta vez, ela lutaria para que a viagem fosse de volta. — E eu jamais fui uma covarde. Me leve até ele, Odin. Farei o que for preciso para trazê-lo de volta.

Capítulo 6

Na atualidade.
Hotel 55, Hanger Lane. Londres

Fazia três semanas que Menw McCloud não dormia. Três semanas de absoluta perdição e desespero. Vinte e um dias de busca e vinte e um dias de perda irreparável. Em pouco tempo, todas as esperanças que ele albergou para si, todas, foram pelos ares. Seu irmão amado desapareceu, e ele lutava hora após hora para encontrá-lo. Ninguém sabia nada dele. Ninguém conhecia seu paradeiro. Desde a noite do Ministry, Cahal desapareceu do mapa. Aquela noite o viu perseguir uma loira incrível, uma mulher que ia acompanhada de duas garotas igualmente sensuais, embora, mais masculinas. Seu irmão ficou impressionado logo que a viu e isso não era um bom sinal, porque ficar petrificado por uma mulher era o pior que podia acontecer a um homem. Cahal sempre o disse, com essas exatas palavras, mas Menw nunca acreditou porque para ele, sua Daanna era especial, e sempre mantinha a esperança de que a vanira voltasse para seu lado. Pelo visto, Cahal sempre teve a razão.

Menw olhou às duas mulheres na sua frente. Estavam no quarto daquele hotel boutique, diante de sua imensa cama dupla, coberta de impolutos lençóis brancos e uma colcha de renda marrom escuro. As garotas tiraram a camisa, ambas mostrando uns seios muito sugestivos. A loira levava um sutiã vermelho e a de cabelo castanho um negro. Ambas tinham seios consideráveis, os da loira retocados por um cirurgião. Mas não fizeram bem, pensou Menw; o mamilo direito estava mais para cima que o esquerdo e podia ver pelo fato do sutiã ser transparente. O antigo Menw teria recusado estar com duas mulheres de luxo, às quais não conhecia nem um pouco. Não se sentiria bem porque seu coração e sua alma estavam em outra parte, estavam com… ela. Mas agora seu coração se abrandou e pouco a pouco secava, e sua alma, que uma vez foi inquebrável, agora era constantemente tentada por Loki. Simplesmente já não possuía mais forças. E já não fazia sentido lutar, porque ninguém o reivindicaria, ninguém apagaria sua fome eterna e ninguém agradeceria o amor. Para que lutar? Ele sabia que ela já não viria.

Estava se convertendo em vampiro. Via na cor de seus olhos quando se olhava no espelho, agora mais claros, mais mortíferos. Notava em seu traço sério e no gesto predador de seu olhar. Via refletido no sorriso frio e inclemente que agora desenhavam seus lábios.

Loki aparecia em sonhos, e faltava muito pouco para que Menw dissesse um alto e claro: Sim, por favor! Precisava deixar de sofrer e desejar, deixar de perder e deixar de esperar encontrar. As necessidades do seu corpo e sua alma desde que foi transformado nunca foram saciadas e isso porque ele sabia e estava convencido que Daanna era sua cáraid. Sempre procurou seu perdão, sempre o desejou e, como um menino esperando seu presente de natal que

demorava a chegar, sempre esperou.

Mas pelo visto, Daanna nunca pensou em perdoá-lo. Amou-o alguma vez? Foi tudo uma maldita cruel ilusão?

Todos mentiram. Todos. Seth e Lucius estenderam uma armadilha, Freyja mentiu, Daanna o traiu, e seu irmão Cahal o abandonou. O que ficava para ele? Nada. Porque nem sequer interessava o que pudesse acontecer com os humanos, já nem sequer sua luta era honorável. Sua natureza se tornava egoísta, em sua mente só cabiam ele e sua necessidade, ou ele e seu desejo de foder a Loki. Queria foder pelo que ele sofria devido a essa necessidade de sangue.

Os humanos? Para outros.

Já não importavam. Uma vez importou o que acontecesse a eles, e por isso estava nessa situação. Mas a crua realidade era que já fazia muito tempo que não sentia carinho por nada nem ninguém. Era um homem completamente desapegado, e o pouco apego que teve pelas emoções Daanna se encarregou de destruí-lo. Era um mártir? Porque seus dois mil anos de idade foram um suplício criminal. Sofrer tanto por uma mulher, chorar por culpa de seu despeito, era o pior que podia viver um guerreiro.

Enquanto olhava às duas belezas na sua frente, levou as mãos à parte baixa da camiseta e puxou para cima até tirar pela cabeça, deixando à vista o corpo delineado por músculos e tendões. Forte, ágil, alto e agressivo.

— É muito moreno de pele para ser tão loiro, bombom — disse a do cabelo dourado, passando a língua pelos lábios.

— Não fale. — Menw a agarrou pelo pulso e a aproximou violentamente. Não queria ouvir suas vozes, muito roucas, muito forçadas, pouco autênticas.

A humana o olhou fixamente nos olhos e ficou hipnotizada por sua cor e suas palavras. O vaniro olhou o cabelo e se desgostou. Continuando, olhou à outra e também se mostrou descontente com sua tonalidade.

Menw girou, dirigiu à cômoda de carvalho e abriu uma gaveta. Tirou duas perucas lisas, de longo cabelo de cor negra, e as colocou com meticulosidade, sem deixar escapar nenhuma mecha que não fosse do tom que gostava. Negro azulado.

Quando acabou assentiu, enquanto tomava sua taça de champanhe mesclada com gotas de sangue. Sim, bebia sangue. Poucas quantidades e todas medidas com proveta. Sabia que ultrapassando os litros que albergava seu corpo, a transformação seria imediata, e ainda precisava acabar com algumas coisas antes que ceder ao vampirismo, antes que entregar a alma a Loki. Mas o vampirismo era complexo, era uma enfermidade não só física, mas também, sobretudo, mental. Entretanto, ainda lutava contra isso, lutava por não render-se, porque ainda ficavam coisas por fazer. Como por exemplo, precisava encontrar um tratamento para os que, como ele, passavam fome tanto tempo. Menw não desejava essa tortura a ninguém. Ele sobreviveu porque, pelo menos, sua droga estava perto. A presença de Daanna acalmava o desejo, mas a proximidade e a insatisfação o destruiu e o converteu no que era agora.

O sangue acalmava os Vaniros famintos, e o fazia de algum jeito biológico, mas, do mesmo modo, era aditiva e logo despertava a sede animal, sede de mais e mais, de nunca ter suficiente.

Se encontrasse a perfeita combinação química, poderia resolver esses problemas. Não obstante, ainda não achara a solução.

Por outro lado, precisava resgatar seu irmão e voar pelos ares a sede do Newscientists da Rua Oxford. Precisava destruir ao menos outro de seus edifícios em vingança por todo o dano causado aos seus. E esse seria o segundo espinho que tiraria essa noite. O primeiro, olhou seu relógio, certamente já liquidou.

Notava a mudança nele, notava a sede e a violência, notava que a essência do depredador já estava aderida em sua pele, em seu ser. Ficava pouco tempo para deixar de fazer as coisas conscientemente.

— E um bombom, bonito — disse a do cabelo castanho, agora com peruca negra. — Tem corpo de nadador, mas você é mais musculoso — passou um dedo pelo seio. — Olha esses músculos e todas estas tatuagens nos…

Antes que ela acariciasse o tribal que levava no ombro, para ele o mais especial, afastou-a segurando pelo queixo. Menw a olhou nos olhos, uns olhos negros muito bonitos, mas não eram de seu agrado. Gostavam de turquesa, verdes insolitamente claros. Aproximou e abaixou a saia negra ajustada levando também as meias. Ficou de calcinha e tirou os sapatos de salto agulha. Essa mulher era muito baixa na realidade. Gostava das mais altas. Merda precisava deixar de pensar nela.

— Vou atar você — sussurrou ele acariciando uma mecha da peruca.

A mulher sorriu com expectativa e ofereceu os pulsos.

— Amarra já, céu.

O homem nele teve pena daquela mulher, mas o vampiro uivou divertido. Essa mulher não sabia o que era ser atada por alguém que estava a ponto de perder a alma.

Menw tirou uma corda de couro da gaveta e a passou por um colchete preso no teto. Atou com presteza os pulsos da prostituta e fez polia com o outro extremo da corda até levantar a mulher do chão e elevá-la com os braços estirados. Atou o extremo a outra fivela da parede.

— Os donos do hotel sabem que está fazendo obras em seu quarto? — perguntou a outra mulher, excitada ao ver o que estava fazendo esse homem loiro e enorme.

— Eu faço o que quero, quando quero — contestou ele friamente. — Em vez de falar, por que não tira a saia, bonita? Dispa. Agora.

A mulher sentiu um calafrio e fez o que ordenava.

Menw agarrou pelas coxas à garota que estava pendurada e a apoiou sobre os ombros, abrindo-a completamente a ele. Ouviu o ronrono gostoso da fêmea. Menw podia ver o sexo através do tecido transparente de sua calcinha negra. Castanho escuro. Não era negro. Grunhiu e passou os lábios pelo interior da coxa de sua presa. Ainda não entendia por que frustrava não estar com alguém como Daanna, com seu cabelo negro e seus olhos tão grandes e verdes. Ela já disse que não de forma ativa e passiva. Mas ele seguia se sentindo incompleto. Ele seguia necessitando algo dela.

O problema era que o que desejava fazer a Daanna não tinha nada a ver com o amor que uma vez professou. Não tinha relação com a ternura. Agora, seu lado vampiro só queria guerra e,

sobretudo queria castigá-la, por rejeitá-lo tão cruelmente e por dar de beber a outro que não era ele.

Seus sentimentos para Gabriel eram confusos.

O rapaz foi um humano bom, um amigo leal, provavelmente um dos que mereciam ser salvos, mas esse cara, Gabriel, esteve com algo que pertencia e gozou de algo que Menw acreditava que seria para ele… Algum dia, ou ao menos isso acreditou dois mil anos atrás.

Entretanto, a Escolhida era uma mulher orgulhosa que não sabia perdoar, nem sequer soube averiguar se o que viu e o que passou entre Brenda e ele foi certo. Nunca quis provar seu sangue.

— Meu Deus, Janete — sussurrou a loira aumentando os olhos. — Estão saindo presas… este homem tem… presas! — gritou assustada, recolhendo suas roupas a toda pressa, tremendo de medo.

Janete estava em um transe sensual induzido por Menw e pouco importava se possuía ou não dentes caninos.

— Não me importa, Linda — murmurou, olhando Menw com os olhos brilhantes, — me morda, homem. — Janete rebolou os quadris ante o rosto de Menw.

— Está louca?! Não sei que tipo de truque é este, mas eu não gosto nenhum pouco…

Antes que pudesse fugir, Menw agarrou a garota pelos ombros e obrigou a olhá-lo.

— Você não vai se mover daqui, Linda — disse Menw baixando a voz, obrigando à mulher a relaxar.

— Separem-se os dois agora mesmo.

Menw olhou para trás e viu a mulher que o deixou louco e o jogou ao inferno sem contemplações: Daanna.

A vanira estava em posição de defesa. Os punhos apertados aos lados dos quadris e as pernas abertas. Seu longo cabelo com reflexos azulados e seus olhos escuros, verdes, mas verde musgo. Estava muito zangada. Muito. E isso era algo que Menw adorava; os olhos de Daanna transmitiam emoções, emoções que ele já não possuía.

O vaniro olhou Linda, Janete e logo a Daanna.

— Vai se unir à festa, Escolhida?

Daanna estava tão absorta nele, em seu corpo seminu, que por um momento esqueceu à mulher pendurada numa corda e à outra garota que Menw agora agarrava pelo cabelo, se voltando para ela enquanto se colocava atrás e cheirava sua garganta, deslizando os lábios por sua pele.

A vanira tragou saliva. Por Brigit, não podia suportar ver Menw assim. O cabelo comprido e loiro um pouco despenteado, com uma multidão de mechas caindo sobre o rosto. E em seu corpo, complicadas tatuagens ao redor dos bíceps, os antebraços e as mãos. Negras tatuagens tribais de formas diferentes. Desde quando ele tinha essas tatuagens? Dirigiu seus olhos a seu ombro direito e viu ali o nó perene que o rodeava. Ainda estava ali? Era seu nó perene. Dela.

Tratava de Menw, mas, ao mesmo tempo, não era ele.

Inspirou profundamente porque queria detectar esse aroma de baunilha que só o corpo do curador desprendia. E não era um aroma pegajoso, havia tinturas frutadas, e encantava cheirá-lo,

estava fascinava. Entretanto, não havia rastro do aroma e se havia, estava encoberto pelo aroma de depravação, sangue e sexo que agora emitiam os poros do vaniro. Porque sim, ainda era um vaniro.

Não aguentava que tocasse a outra e menos que estivessem quase nuas diante dele. E a tudo isso acrescentava a profunda vergonha que sentia por si mesma com apenas olhá-lo, e o medo inclemente que ele a rejeitasse. Mas tinha muito claro o que veio procurar. O amor entre eles estava destruído, esmagado a base de traições e mentiras, mas não estava morto. Seguiam vivos, não? Devia resgatar Menw da escuridão e não importava o pedágio que tivesse que pagar para isso. Era um vampiro? Por completo? Isso só ela poderia averiguar e desta vez não voltaria atrás.

— Logo. Fora as duas! — Daanna entrou na suíte de luxo daquele hotel, com seu passo elegante e sua pose altiva. Desde quando Menw estava ali?

O Hotel 55 não possuía mais de vinte e cinco quartos, era um lugar muito exclusivo e de grife. Estava a meia hora do centro de Londres, bem em frente da parada de metrô do North Lane. Esteve ali todo esse tempo? Aquilo era uma grande indiscrição. Onde dormia? Como dormia? Furiosa pela exposição a que foi voluntariamente exposto Menw, a vanira se dirigiu a Janete e a desprendeu com agilidade. Pelo menos escolheu um quarto que dava ao interior, para um jardim tipo chill out[15].

— Se a descer e elas forem embora, você será meu prato, Escolhida.

Daanna enrijeceu ao ouvir a voz fria do curador. Olhou a Janete e a fez sair do transe.

— Coloque suas roupas e saiam daqui. Não vão recordar nada. — Induziu à garota para que a obedecesse, ignorando a ameaça de Menw. Janete assim o fez, mas se virou quando viu que Linda não a seguia. Menw ainda a segurava pelo cabelo e desfrutava passando a língua por sua carótida.

Daanna apertou a mandíbula e o encarou. Vê-lo assim doía uma barbaridade. Vê-lo com outra era destrutivo. Mas já o viu antes acreditando o pior, de algum jeito já viveu aquilo. Agora sabia que o que ele fazia era apenas por despeito, porque estava zangado com ela. Bem, ela também estava com ela mesma e, sobretudo com ele. Mas, acima de tudo, odiava os deuses por ter brincado com eles dessa maneira.

— Deixa Menw. A solte agora mesmo.

Menw arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Tira a roupa Daanna, e pode ser que quando estiver como ela, faça uma troca entre vocês, certo? Veio por algo e ainda não sei o que é, mas não vou obedecer de qualquer maneira, meus tempos como um cãozinho de madame acabaram.

Daanna fechou os olhos diante daquela vazia insinuação. Assim a trataria? E o que esperava? Que a recebesse com os braços abertos?

Menw mudou. Nunca pareceu tão perigoso e mortal como agora. E seu príncipe das fadas? Ela o pisoteou e agora havia um anjo do inferno feroz e descontrolado.

---

[15] *Chill out (ou chillout) é um termo derivado do calão para a palavra "relaxar" em inglês.*

— Disse que se dispa Daanna! — repetiu com impaciência. — Elas por você, ou senão, bebo essa aqui mesmo.

A jovem exalou tremente e levou as mãos às lapelas de seu casaco de pele-vermelha. A tirou com elegância, enquanto os olhos se enchiam de lágrimas. Se sacrificaria, mas não pela humanidade nem pelos deuses, sacrificaria para ressarci-lo. Se sacrificaria por ele.

— De acordo, Menw. Isso é o que quer?

Estava eufórica por tê-lo encontrado, de saco cheio por descobrir que estava com duas mulheres, e triste porque metade da alma de Menw estava com Loki. Aquilo foi culpa dela? Deixou cair a casaco ao chão e logo levou as mãos à parte baixa da camiseta de alças ajustada e a tirou pouco a pouco pela cabeça.

Menw soltou Linda, e umedeceu os lábios.

— Vai, Linda — disse, olhando-a nos olhos. — Não recordará nada disso. Fecha a porta quando sair.

Linda seguiu a Janete, arrastando os pés como um zumbi e afastando daquele quarto. Quando ouviram que a porta se fechava, o calor e a energia do quarto se esquentaram.

Daanna o olhou nos olhos, mas ele só estava interessado em seu corpo. Naqueles seios tão altos e perfeitos, cortados por um sutiã de renda negro. A beleza de Daanna era inigualável, desafiante. Nem todos os homens se atreveriam a se aproximar dela. Irritou-se ao pensar em outros homens, e veio à mente o humano morto: Gabriel. Ele a viu assim?

Passou os olhos por seu estômago escultural e seus abdomens, por aqueles quadris tão bem moldados. Merda, as sardas salpicavam seu estômago plano… Eram uma delícia. Deu uma volta ao redor enquanto formigavam as mãos pela necessidade de tocar aquela pele mais branca que a sua. Sem avisar e num movimento veloz, pegou a suas costas e puxou o cabelo, puxando duramente para ele.

— Como me encontrou? — perguntou Menw.

Daanna estremeceu ao senti-lo tão perto dela, mas ao mesmo tempo tão longe. Diria a verdade.

— Me disseram que estava aqui.

— Quem?

— Odin e Freyja.

Menw grunhiu.

— Os deuses? Agora fala com os deuses? Não me faça rir. O que faz aqui, Escolhida?

— Não é nenhuma brincadeira. Vim te buscar, Menw.

— Por quê?

— Por que… — mordeu o lábio. O que devia dizer? Que precisava dele para despertar seu dom? Seu dom pouco importava agora. Só queria falar com ele. — Porque queria te ver, precisava falar com você.

— Sobre o quê?

— Sobre…

— Sabe o que acredito? — Menw jogou o pescoço para trás. — Acredito que está aqui

porque agora que Gabriel morreu não tem com quem brincar. E acha que eu estarei disponível?

Daanna sentiu a fúria que fervia sob a pele e as couraças. Não, isso não era verdade. Puxou a cabeça para que ele a soltasse, mas Menw não a liberou.

— Isso não é verdade! Não seja desagradável!

— Não imagina como posso chegar a ser desagradável agora — murmurou aborrecido.

— Onde esteve todo este tempo, Menw? Aqui?! Com suas putas?! Procurou sequer a seu irmão?! Tem ideia de como estivemos preocupados?!

Menw rodeou sua cintura com um braço e a deixou de lado para que sentisse o poder de sua excitação. Seu corpo todo endurecido. Grunhiu e de novo puxou para trás pelo cabelo até roçar com seus lábios o lóbulo de sua orelha.

— Você esteve preocupada comigo? — perguntou incrédulo. — Você? É a maldita princesa do gelo, Daanna. Nunca te importei, sempre fui uma chateação para você, e agora vem aqui e se atreve a despir em meu rosto e foder os planos. O que pensou? Acaso não viu no que estou me convertendo? Sou meio vampiro… Por sua culpa! — empurrou e a afastou dele. Aferrou o cabelo com as mãos e olhou ao teto tentando dominar seu temperamento. — Vá! Não quero nem lhe ver.

Daanna não podia rebater aquilo. Menw estava certo. Ela o condenou. Sentiu pena e frio em seu gelado coração, não possuía muitos argumentos para poder enfrentá-lo, nem se atrevia a dizer o que disseram os deuses. E, entretanto, devia a verdade.

Temia se descontrolar, ela odiava perder o controle e agora estava a ponto de desmoronar.

— Quer saber o que faço aqui?! — gritou. — Sei tudo, Menw. Sei o que aconteceu com Brenda, sei que não foi tua culpa e sei que obrigaram a mentir para me salvar, porque Freyja te ameaçou me matando. Eu… não sabia Menw. Nunca dei a oportunidade de explicar e o culpei de tudo. Tudo. — Sussurrou horrorizada levando as mãos ao estômago. Voltaria a chorar. Odiava que a vissem chorar.

O rosto de Menw não refletiu nenhuma emoção, nem sequer uma faísca de interesse pelo que dizia a vanira.

— Vai — disse ele inflexível.

— Não — Daanna elevou o queixo e se apresentou a batalha.

— A que veio princesinha? — repetiu em um tom plano.

— Estou dizendo Menw. Vim me desculpar por tudo…

— Muito tarde — deu um passo adiante e deixou que a luz da lua que entrava pelas janelas o iluminasse. — Não me interessam suas desculpas. Tampouco quero saber o que sabe e o que não sabe. Já não importa. E agora estou dando a possibilidade de escolher: vai. Se não for, sairá daqui chorando, Daanna.

Ela foi para trás, mas não recuou em seu objetivo. Não seria fácil, sabia.

— Resta pouco para ir procurar Loki — continuou Menw. — Vê no que estou me convertendo? — assinalou e deu uma volta sobre si mesmo. — Mas ainda tenho tempo para deixar minha marca neste fim do mundo que se aproxima — anunciou com o olhar perdido, — e quero aproveitá-lo.

— Eu ajudarei — assegurou, tentando aproximar. — Não permitirei que ele te leve, Menw.

— Eu já não sinto nada por você — cuspiu, olhando com aborrecimento. — E se veio para me salvar, economize isso, já não pode fazer nada por este curador. Meu vício está muito avançado.

Daanna sentiu que tremiam os joelhos e que ardiam os pulmões. Era pior que uma bofetada. Ouvir essas palavras de Menw, escutar sua rendição diante da escuridão, enervou-a. A música da festa privada do hotel chegava até seu quarto e penetrava pela janela aberta onde se encontravam. As letras da canção da Rihanna e Eminem, *I love the way you*, encheu o quarto com todas aquelas palavras que não se diziam.

— Vai de uma maldita vez, já não há nada que possa fazer.

— Covarde! Se rende tão fácil?! O clã confia em você, é o curador e não pode se dar por vencido! — Se aproximou dele e o empurrou com todas suas forças. — E vai deixar Cahal sozinho. Não sabemos onde está nem o que passou com ele. Não pode abandonar. Não me… Não nos pode deixar. — Sentia-se tão impotente e tão culpada que queria quebrar coisas, começando pelo muro de gelo erguido entre eles.

Menw chocou contra a parede e saiu de seu atordoamento. Mas antes de ricochetear no chão se equilibrou sobre Daanna e a encurralou contra a parede.

— A quem acredita que está provocando? — mostrou as presas e seus olhos se arregalaram. — O que acha que vai conseguir com essa atitude? Sou um maldito assassino, mulher. Já não pode brincar comigo. — Olhou de cima a baixo e uma faísca vermelha brilhou nas profundidades de seu olhar.

Daanna viu sua oportunidade, viu o desejo refletido nos olhos cristalinos do vaniro e pegou o desafio.

— Dê-me tempo, Menw. Só peço tempo. Talvez juntos possamos nos recuperar.

— Cada dia que passa estou mais perdido, Daanna. Não tenho tempo.

Chamou-a Daanna outra vez. E não importava o quão zangado estivesse, sempre sussurrava seu nome com doçura.

— Vai ou se arrependerá.

— Não vou. Não vou fugir. Acha que está perdido? Tem sede? Então, bebe de mim. Só com meu sangue. Faça comigo o que você quiser, Menw. Ofereço-me a você. Mas não me diga outra vez para eu ir porque não vou fazer. Não posso… ir — sua voz tremeu. — Isto é mais importante que você ou eu. É mais forte que nós.

Ele escutou essas palavras e se obrigou memorizá-las. Esmagou seu torso contra o seio e a puxou pelos pulsos até elevar por cima da cabeça, deixando-a necessitada. Sua alma, parte vampiro, ria diante da declaração da velge, desfrutava ao vê-la se humilhar dessa maneira, mas a parte humana que conhecia Daanna estava intrigada. Sabia que escondia algo.

— Não está fazendo por mim, verdade? Claro, como não? Há algo que não me conta. O motivo real que a fez decidir se arrastar e vir em minha busca.

Daanna baixou os olhos e o cabelo cobriu o rosto. Seria sincera com ele.

— Não vou mentir. O necessito para que desperte meu dom, Menw — apoiou a testa em

seu peito. Desejou, esperou que ele a abraçasse e a acalmasse, mas esse gesto nunca chegou. — Necessito seu sangue para saber que poder tenho como Escolhida. Mas não venho só por isso…

— Assim que está me utilizando… — sentia-se desiludido e ainda não sabia por que. Ele começava a carecer de emoções, mas a vanira ainda o afetava. — Está se vendendo, Daanna? Seu sangue em troca de que te subministre o meu?

Daanna elevou a cabeça e o olhou.

— Não me vendo. Só quero que ambos nos ajudemos.

Menw cravou os largos cílios úmidos de lágrimas sem derramar, ainda podia comovê-lo e não gostou disso porque significava que Daanna podia abatê-lo.

— Você não é minha cáraid, princesinha. — Falava o vampiro raivoso. — Os deuses quiseram que meu sangue fosse importante para você. Mas você não é minha mulher, não pode ser, demonstrou isso em dois milênios. Eu acreditava que sim… Que entre você e eu havia algo especial, mas já aprendi a lição, Daanna, levou dois mil anos entendê-la. — Encolheu os ombros rindo de si mesmo. — Agora quero que você entenda algo: já não tenho escrúpulos — falou. — Assim, se eu não entendi errado, está se oferecendo para mim, verdade? É isso?

Daanna sentiu uma cãibra no estômago e percebeu que o cabelo arrepiava. Menw dava medo nesse estado.

— Te ofereço meu sangue, Menw. Pode que…

— Teu sangue… — murmurou ele olhando os seios recolhidos pelo sutiã. — Aí fora há muitos pescoços apetecíveis, o teu me é indiferente. Aqui, a que está interessada em meu sangue é você — concluiu com gesto vaidoso.

Maldito vampiro, pensou Daanna. Sabia o que precisava dizer para feri-la, mas estava ali para suportá-lo e recuperá-lo.

— Para beber de meu sangue terá que ganhar esse direito, pantera.

— Farei o que for preciso.

— Qualquer coisa?

Daanna assentiu com a cabeça.

— O que diria o clã se soubesse que sua Escolhida está se comportando como uma puta?

— Quer me tratar igual a elas? Se engane o quanto quiser, não o sou. — Os olhos felinos de Daanna não desafiaram.

— Serás o que eu diga — disse ele soltando-a e dirigindo-se à cama. A estudou com avareza. — Façamos um trato. Eu te dou meu sangue para que seu dom se desperte, e você, em troca, me afasta um tempo das trevas.

— Com meu sangue?

— Menw elevou o canto de sua boca de maneira depreciativa. — Bom, não estará mal beber de graça. Mas o que quero é seu corpo. Vou me vingar Daanna. Seu sangue me dará um tempo extra para procurar meu irmão e dizer o que penso de suas escapadas, e quando souber o que precisa fazer, a deixarei.

— Compartilharemos sangue, Menw — grunhiu com voz tremente. Compartilhariam muito mais coisas se ela concordasse com esses favores, mas não importava. Queria que Menw

retornasse, e se era necessário tragar o orgulho, faria. — Dependeremos um do outro. Sabe como são as relações entre…

— Tenho que repetir que não me importa? — levantou a mão direita detendo as palavras da moça. — Não te pedi que me salve! É um intercâmbio temporário. Eu já estou perdido, Daanna. E já não tenho coração para me preocupar com você, fiz isso durante muito tempo. Mas tranquila, não ficará necessitada. Não esperava que viesse me buscar, é… surpreendente e muito… divertido.

— Acha isso engraçado, Menw?

— Ver como vende sua dignidade? Sim. — Disse com voz gutural sorrindo orgulhosamente. — Mas não tem que se preocupar por nosso intercâmbio de sangue, não te deixará louca se eu morrer.

Daanna apertou a mandíbula.

— Ah, não? Acha que o que eu lamentaria se você morresse seria só não poder beber de você? — Menw pelo visto acreditava que não havia sentimentos nela. — O vampiro é você, não eu.

— Não sou vampiro, ainda — piscou um olho.

— Então deixa de fingir que não importa que eu esteja aqui — falou ferida, — e deixa de te comportar como se nada fosse de sua incumbência.

— Mas é que não me importa. Refiro-me ao fato de que estive trabalhando para suprir a fome com um suplemento especial hemoglobínico. Ainda não está acabado, mas estou perto de obter a fórmula correta. Esperava terminá-lo em umas horas, depois de minha festa com…

— As prostitutas.

— Quando eu não estiver mais aqui, poderá se servir disso. O que te parece?

— Tem tanta vontade de ir para o lado de Loki? — estremeceu. — Estou dando a oportunidade de se curar, Menw.

— Já não me interessa mais. Tenho vontade de desaparecer, Daanna. O que me prende a este mundo? Não quero ir com Loki, mas me entregarei ao amanhecer. Não ficam motivos para estar aqui. Só sinto vazio. — Abaixou à cabeça e em um gesto quase desesperado, cobriu o rosto com as mãos.

A vanira se aproximou da cama e se colocou diante dele, tremente e com vontade de esbofeteá-lo. Não ficavam motivos? Tão estragado se sentia? Ela tentaria dar razões para que não desistisse. Não suplicaria nada, e muito menos agora que ele não a escutaria, mas Daanna esperava que seu sangue esquentasse o coração.

— Sabe o que? — explicou. — O vampirismo afeta nossos cérebros e desconecta nossas emoções de nossas lembranças, inclusive algumas se apagam. Deixa intacto apenas nosso ego para acabar nos tornando loucos, para que sintamos constantemente mal com nós mesmos. É… desesperador. — Levantou os olhos frágeis e avermelhados e ficou preso nos dela, que estava a cinco centímetros dele. Sorriu com curiosidade. — Precisou que eu perdesse um pouco a alma para poder ter uma conversa com você de mais de duas palavras… que triste.

— Está experimentando com você mesmo, Menw? — perguntou aturdida. Daí que não importasse beber sangue? Era um sacrifício? — Está levando seu corpo a esses extremos?

— Não tenho nada a perder e alguém tem que fazê-lo para saber como atua o vício em nosso corpo. Para tentar encontrar uma cobaia. Quem melhor do que eu? Estou a dois mil anos esperando a um casal equivocado — assegurou desgostoso, — não vou esperar mais para encontrar à correta. Sacrifico-me em nome de outros.

Nem pensar. A única que jogaria tudo seria ela.

— Pode provar com outro, Menw, porque não vou deixar que seja você quem se vá daqui.

Capítulo 7

Daanna o puxou pelo rosto e inclinou-se para beijá-lo, porque não aguentava mais. Seu príncipe das fadas estava a sua frente, ferido e abandonado, decidido a ir e rejeitá-la. Necessitava um beijo. Só um. Um beijo dele que fizesse recordar o que ambos foram juntos uma vez, mas ele se afastou com rapidez e deixou que ela deitasse sobre o leito e ficasse de barriga para baixo.

Menw sentou sobre ela e a esmagou com seu corpo, estirando as mãos por cima da cabeça. Se acreditava que necessitava ternura, estava muito equivocada. Daanna foi a culpada de sua reação, de sua rendição e agora a submeteria de qualquer maneira. Não queria compaixão. Devia fazer um trato? Perfeito. Mas ele escrevia as cláusulas desse trato, não ela. E a primeira era que não queria doçura.

— E eu não vou deixar que me provoque e finja interesse quando perfeitamente não tem Daanna. Disse que se quiser meu sangue terá que ganhá-lo. Você vai jogar? — mordeu o lóbulo de sua orelha esquerda e puxou com força. — Se atreve?

— Não tenho medo, Menw — grunhiu ela.

— Não? O medo pode ser muito excitante, sabe? Darei meu sangue, Daanna, mas terá que me satisfazer quando e como eu queira. Minhas regras, minhas condições. Não está em posição de rejeitar. Se você se comportar mal, não haverá recompensa.

Menw estava certo. Não estava em posição de rechaçar nada, tampouco queria fazer.

Ele levantou o torso e puxou das cordas de couro do teto até levar-se consigo a fivela.

— Uma das coisas que eu não gosto desde que estou neste lado escuro é que me toquem. Não aguento que me toquem. — Se abateu sobre ela de novo e agarrou as correias de couro até atar os pulsos e atar os extremos à lateral da cama.

O cabelo loiro e comprido de Menw fez cócegas nas costas nuas. Daanna afundou o rosto no colchão e chorou em silêncio, enquanto se estremecia e os ombros tremiam. A posição era muito submissa.

Antes que os transformasse, Menw adorava que ela o tocasse de qualquer maneira, sempre procurava seu contato, inclusive quando não eram amantes. Certamente quando era vaniro também desejou que o tocasse, mas agora… agora não queria ternura nem calor. Nada dela. Entretanto, ela precisava perguntar tantas coisas! Precisava explicar por que foi assim, precisava falar com ele, mas infelizmente Menw só queria uma coisa.

— Vai me bater? — perguntou Daanna tragando as lágrimas.

— Não. Não bato em mulheres. — Desabotoou seus jeans e os deixou cair. Colocou os polegares no elástico da cueca negra e desceu de um puxão. Caminhou para ela nu e se inclinou até tomá-la pelos quadris e aproximá-la ao extremo da cama. — Embora você mereça mais de um açoite, Escolhida. Riu da minha bondade.

— Não ri de você.

Menw a açoitou com a palma aberta em toda a nádega. Um açoite sonoro, forte e picante, e sorriu quando ela vaiou de dor.

— Se atreva a me tocar outra vez e te mato, me odeia? — disse ela levantando a cabeça por cima de seu ombro.

Menw sorriu e afogou uma gargalhada.

Que idiota!, pensou Daanna. Com certeza ficaria uma marca vermelha.

O vaniro passou uma mão inconscientemente por seu traseiro para acalmá-lo e o amassou. Daanna não seria submissa, não saberia ser.

— E o que vamos fazer você e eu agora, pouco tem a ver com sua primeira vez... Lembra-se de sua primeira vez… comigo?

Como esqueceria?

— Sim — murmurou com tristeza contra a colcha.

Daanna permanecia calada, hipersensibilizada as suas carícias. Quando Menw bebesse dela e se conectasse mentalmente, poderia ver quase tudo e sentir o que ela sentiu desde quando não estavam juntos. Ele entenderia e, embora custasse, certamente a perdoaria e poderiam dar uma segunda oportunidade. O sangue era poderoso e a união entre cáraids era definitiva. Menw era seu cáraid, precisava ser, e estar juntos de novo, embora fosse nestes termos, demonstraria para ele e o faria recuar em sua decisão de entregar à luz.

Sem pensar duas vezes, Menw colocou a mão por debaixo dos quadris de Daanna e desabotoou os botões de sua estreita calça. Abaixou até as coxas e ficou olhando seu traseiro em pompa e sua calcinha negra de seda. Aquela mulher era muito sexy, os deuses a fizeram à mão. E certamente outros provaram seu sabor. Era impossível que Daanna se mantivesse celibatária desde a transformação. Ele a vigiou todo esse tempo, mas chegou um ponto em que desconfiava de tudo.

— Como gostava de fazer Gabriel? — perguntou de repente.

Daanna não podia responder. Ela não gostava do tom de Menw. Já era vergonhoso e depravado estar assim diante dele, para que, além disso, perguntasse sobre seu amigo morto, não lhe daria o prazer de deixar de acreditar que Gab e ela fizeram sexo.

— E as putas que estavam em seu quarto? Como gostavam?

— Como você. Gostam que as atem. — Agarrou a calcinha e rasgou pela metade. — Cheiro, Daanna. Está excitada. Vá, Escolhida… aprendeu muito sem mim por aqui? — deslizou uma mão entre as pernas e tocou com a palma calosa o sexo completamente liso da vanira. Menw fechou os olhos e gemeu de prazer. — Pronta? Completamente… pronta? Não foi assim antes.

— A mutação provocou mudanças em nossos corpos — disse com voz débil. — Não esteve

com nenhuma vanira, pelo visto. — Ocultou um sorriso por sabê-lo.

Menw passou a língua pelas presas que cravavam o lábio inferior.

— Com vaniras não — respondeu, insinuando em sua resposta que esteve, em troca, com humanas.

Daanna se esticou, se apertou e fechou as mãos várias vezes. *Porco*.

Menw a observou e se sentiu bem ao feri-la. Daanna precisava saber que doía. Levou a mão ao membro e o segurou, tocando e acariciando com dureza. A transformação nos homens também produziu mudanças visíveis. Njörd não era representado por um símbolo fálico por pura casualidade. Dotou os vaniros de um grande poder sexual, e de um membro vigoroso. Freyja ficou encantada com essas mudanças.

— Também nos mudou — murmurou Menw, inclinando sobre ela e acariciando o sexo de Daanna superficialmente. — Você gosta disto.

Daanna mordeu a língua, morta de vergonha, porque era verdade. Estava com Menw, a sós, em circunstâncias completamente equivocadas, e ainda por cima em um quarto que bem poderia ser o salão privado de um bordel. E ainda assim, não estava com medo, só com vontade de gritar e se liberar.

Não temia Menw, disse a verdade.

Doía estar assim com ele, aquilo estava mau, mas necessitava que ele se desafogasse e que também a ajudasse a desafogar, através do prazer ou através da dor. A raiva necessitava desatar de algum modo e ela o aceitava, apenas se essa explosão o provocasse.

— Não me contestou. — Retirou as mãos daquela fogueira úmida, tirou as botas e tirou as calças. — O que fazia Gabriel para que decidisse dar seu sangue?

— De verdade, quer saber? — esse jogo incomodava. Ele não podia acreditar que ela e Gabriel se deitaram. Não podia acreditar na realidade. Estava cego? Ela também podia endurecer acima de tudo, se quisesse poderia ser tão expressiva como um pedaço de madeira. — Me deu algo que havia perdido. — *Me deu esperança*.

Menw levou as mãos ao sutiã e o desabotoou, sem delicadeza. Mas como não podia tirá-lo acabou por rasgá-lo com suas mãos. Gabriel deu algo… O quê? Queria o corpo de Daanna completamente limpo, sem roupa, sem… Seu olhar ficou fixo na tatuagem azul que levava a jovem no ombro. As lembranças vieram a sua cabeça e fez com que se sentisse estranho. Seu nó perene, seu combarradh[16]. Inclinou sobre ela, completamente nu e a cobriu inteira. Queria castigá-la, era algo que sua natureza vampira necessitava para sentir prazer, mas sua parte vanira não deixava. Daanna levava uma tatuagem, o símbolo que era dado livremente ao casal de vida. Um símbolo que na realidade era entregue em forma de anel ou medalhão, assim faziam os celtas, mas ela e ele mudaram o ritual e o tatuaram. Sua parte vanira, da qual ainda não podia desconectar, não permitiria lhe fazer mal. Passou os lábios pela tatuagem e a lambeu. A boca encheu de um sabor totalmente cítrico e açucarado, como uma quinquilharia: limão. As presas alargaram.

Era o sabor de Daanna. Seu sabor real. E seu aroma… Pelos deuses! Enlouqueceria,

[16] *Tatuagem que aparece nos casais vaniras que foram vinculadas. Tem forma de nó perene. Para eles significa "o sinal".*

enlouqueceria o vampiro e o vaniro por igual. Quando não fez? Era seu aroma favorito. Sua pele era suave e quente, pronta e se via frágil e delicada em comparação com a sua, mais morena e curtida.

Menw grunhiu, irritado pelas emoções que a jovem despertava nele, emoções estranhas e que pareciam alheias a sua natureza, mas aí estavam. Estirou sobre ela e alargou o braço até a mesinha de noite. Abriu a primeira gaveta e agarrou um pacote.

Daanna viu o pacote e se estremeceu. Uma camisinha. Menw ia utilizar uma camisinha com ela, como se não quisesse compartilhar essa parte dele, como se não quisesse se unir a ela.

— Por quê? — perguntou Daanna, ferida.

— Porque não quero deixar cabos soltos — sussurrou em seu ouvido. — As vaniras têm muitos problemas para conceber, mas, algumas vezes concebem sabe, não?

Abriu o pacote com os dentes e tirou a camisinha. Colocou sobre o pênis ereto e a seguir, colocou uma perna entre as de Daanna para abri-la a ele.

— Quer algo rápido? Como você gosta agora?

— Isso é horrível, Menw — murmurou, negando com a cabeça.

— Isso é o que você quer.

— Não, assim é o que você quer. Mas, temos um trato, não? — sentenciou com toda a dignidade que foi capaz.

— Teremos um trato. Meu sangue por seu corpo.

Agarrou o membro com uma mão, e o levou a entrada secreta de Daanna. Estava quente, mas não muito úmida. Viu como ela afundava o rosto no colchão e se agarrava à correia com suas mãos.

Deuses estava gelada. Morta de frio. Tentava manter em sua mente as lembranças da primeira vez com Menw, sua única vez, mas o corpo musculoso e grande de Menw, maior do que ela recordava, a esmagava contra a cama, com pouca delicadeza. Quando sentiu a glande de Menw entrando nela apertou os dentes. Era muito grande, e ela não estava preparada ainda, mas isto não importava para um vampiro. Quando esse pensamento cruzou sua mente, foi como uma bofetada. Era Menw. Seguia sendo ele entre todas essas capas de gelo e ressentimento, e ela queria que ele se percebesse com quem estava.

— Não está preparada, Escolhida. Não posso entrar se…

Daanna se removeu como uma cobra e deu a volta, obtendo que ambos ficassem olhando cara a cara.

— Não tem porque ser assim — disse ela, rogando com os olhos verdes úmidos de lágrimas sem derramar. — Sei que está aí, Menw. Não foi de tudo, ainda não. Vim pedir perdão, que volte comigo, que…

Menw ficou de pedra, rígido e imóvel sobre ela. Franziu o cenho porque essas palavras golpeavam de novo o centro de seu peito, transtornavam, e não gostava disso.

Mostrou os dentes a Daanna e a girou novamente. Pôs as mãos sobre a nuca e abriu as pernas com uma de suas poderosas coxas.

— Necessita meu sangue? — gritou.

Necessito você, pensou zangada.

— Sim, necessito.

— O quer? — voltou a colocar a glande em seu portal e empurrou os quadris para frente, entrando pouco a pouco.

Daanna aceitou a essa invasão, porque Menw, embora estivesse cheio de ódio, tentava ser cuidadoso, não queria empalá-la com violência, não queria fazer mal.

— Quero Menw. — Se queixou ela ao sentir como aquela vara se deslizava em seu interior e expandia seus músculos internos.

— Será como eu quero. — Balançou os quadris até introduzir a metade do pênis.

Daanna gemeu e se agarrou pela colcha como pôde. Menw não era assim antes, não era tão… grande.

— Nós também mudamos — murmurou no ouvido, acariciando com os lábios. — Cede, Daanna. Tem que ceder... — adiantou os quadris e se introduziu centímetros mais.

— Não posso… — grunhiu ela mordendo a colcha com as presas. — Não… mais devagar.

— Entendo que não esteve com nenhum vaniro. — Grunhiu afundando mais no corpo daquela mulher, e afundando de uma vez o nariz em seu elegante pescoço. Levou uma mão ao ventre de Daanna, rodeando com ardor, e deslizou até sua zona mais vulnerável. Quase morreu de felicidade ao tocá-la. Começou a estimulá-la com o dedo do coração, roçando o clitóris com movimentos circulares e repetitivos, esperando que ela umedecesse para fazer a invasão mais cômoda. Ainda não era um animal de todo. — Relaxe.

Daanna gemeu e mordeu o lábio com as presas.

Menw introduziu com movimentos curtos e certeiros e se deslizou até o fundo, até que ela gritou pela impressão.

— Quantos humanos? — exigiu saber Menw, respirando custosamente sobre ela.

A vanira elevou a cabeça e o olhou por cima do ombro. Era um cretino. Atrevia a perguntar isso quando estava dentro dela? Quando estava vulnerável?

— Milhares — respondeu elevando o queixo desafiante, com os olhos verdes mudando para tons claros e escuros.

Menw grunhiu com o pescoço para trás. Apoiou em uma mão enquanto com a outra a levantava, tomando sua parte mais íntima, excitando com a palma. Penetrou-a uma e outra vez, com fúria e obsessão.

Levantou mais Daanna até quase colocá-la de joelhos sobre o colchão e aproximou seu peito a suas costas. Menw grunhia como um animal selvagem, e em um desses rugidos, enquanto se deslizava até o fundo, deu à primeira dentada. No pescoço.

Daanna tentou apoiar sobre os cotovelos já que atada como estava não podia mover muito, mas a invasão de Menw estava sendo demolidora e não pôde evitar chiar quando notou como suas presas penetravam em sua pele.

Menw começou a beber sem deixar de mover os quadris para frente e para trás, acima e abaixo, de um lado ao outro, de um modo frenético. Mas quando o sangue quente de Daanna tocou sua língua, suas pupilas gustativas começaram a saltar alegres, e aquele líquido

avermelhado escorregou por sua garganta conectando com as lembranças daquela garota. Sem trégua, derrubou as defesas mentais de Daanna com um empurrão e deixou que seus pensamentos e suas emoções o banhassem. Nesse momento não ouvia os gritos nem os soluços de Daanna. Não ouvia nada, só podia ver.

E viu tudo. E sentiu tudo. Todas as lembranças da jovem passaram diante de seus olhos, e se impressionou ao ver que suas lembranças eram de quando ainda eram humanos. E aquelas lembranças que ela entesourava feriram, porque não combinavam com o que era agora. Todas as lembranças de Daanna se relacionavam com ele.

Recordava inclusive o dia do seu nascimento, e como ela tomou o dedo de um menino loiro, alto e magro com cara manchada. Era ele? Ele foi alguma vez tão inocente?

Menw gemeu e desencravou as presas. Mais frustrado do que desejava. Retirou o cabelo e o colocou a um lado para que a outra parte imaculada de sua garganta ficasse a sua vista. Seus olhos azuis se esclareceram e afundou as presas profundamente em sua pele de marfim.

— Arg! — gritou Daanna removendo, incômoda.

Ardia à garganta até provocar lágrimas que não podia liberar, doía o ventre e ardia o sexo. Menw estava sendo brutal, mas o aceitava. Mordeu o lábio e tentou não gemer, não gritar de novo. Mas não podia evitar, já estava na segunda onda. Sentiu o prazer que se aglutinava à altura do umbigo, muito dentro dela, justo onde Menw golpeava sem piedade. Notava como ele esfregava esse casulo tão sensível entre suas pernas enquanto não dava descanso com suas investidas. E ela não era tão forte para lutar contra isso. Afundou as presas na colcha e a rasgou novamente enquanto gozava incontrolavelmente.

Menw seguia imerso no sangue. Sentia o amor que ela uma vez teve para ele. Suas primeiras risadas juntos; seus primeiros jogos; suas primeiras paqueras; suas conversas… sentia saudade disso. Saudade de falar com ela de tudo. Sugou e revirou os olhos.

A noite que passaram juntos antes da transformação, na qual se amaram e se tocaram com reverência, e a lembrança acariciou um ponto enterrado em sua alma. Alma? Se ele já não possuía.

Viu através dela a transformação a que foram submetidos e o posterior engano quando ele chegou com Brenda como casal de vida. A dor de Daanna o varreu e o deixou frio. Golpeou com força e o internou em uma luta com a mentalidade do vampiro.

Menw sabia que estava imerso em um comportamento bipolar, havia duas personalidades nele que lutavam por controlar suas ações: O vampiro que controlava uma parte de sua mente, mas o vaniro não se rendia. O primeiro dizia: *Venha! Morde de novo! A deixe sem sangue! Acabe com ela!,* mas o vaniro, que ainda guardava uma essência boa nele, respondia, *É Daanna. Não vê que ela também sofreu? Você ainda a ama. Perdoa. Se perdoe.*

Não sabia quanto tempo esteve bebendo até que sentiu como chegava o orgasmo. Esticou, e com dois empurrões firmes até o fundo, gozou no interior da Escolhida. Menw sacudiu a cabeça enquanto seguia trespassando com força, desfrutando dos tremores remanescentes do orgasmo. Queria seguir lendo seu sangue, mas detectou que ela erigia novas barreiras mentais e que não deixava entrar. Daanna era muito poderosa a esses níveis, e embora o tentasse dobrá-la para que

o deixasse ver que mais guardava em sua cabeça, ela não o permitiria. Entretanto, transmitiu a solidão que albergava sua alma, e essa solidão também se converteu na dele. Era a mesma sensação. Daanna se protegeu e se cobriu como uma larva para que ele não visse nada mais.

Aturdido, desencravou as presas e observou sua pele rasgada e as incisões abertas a um lado e ao outro de sua garganta.

O vampiro sorriu e o vaniro gemeu horrorizado. Mas Menw já não era uma coisa nem a outra, até que decidisse lutar contra suas duas naturezas para saber de uma vez qual ganharia, a essência mais escura ou a outra mais honorável.

Queria mordê-la de novo, Daanna era seu banquete, e suas emoções, completamente descontroladas, conseguia confundi-lo. O sangue no vampiro provocava mais vício, mas Daanna provocava um efeito muito aditivo, mas também calmante.

Retirou o longo cabelo negro de sua nuca e a expandiu sobre seu travesseiro, deixando toda a pele exposta a ele. Seus quadris tinham uma autonomia, seguiam movendo, fincando no interior desse corpo de mulher tão quente e sensual. Os olhos de Daanna seguiam semi-fechados e lutava por tomar ar. Suas lágrimas mancharam a colcha e estava ligeiramente pálida. Menw repassou seu corpo de cima abaixo enquanto via seu membro desaparecer e emergir brilhante de entre a cova íntima da Escolhida, que o agarrava com força e tomava como uma luva.

E uma nova sensação o varreu. Uma sensação de propriedade. O coração começou a bombear com mais força, um coração que batia mais lentamente desde que seu corpo se submeteu ao vampirismo. Mas agora, com o sangue daquela mulher em suas veias, seu coração se agitava e se esquentava. Sua pele se esquentava louco de euforia, inclinou sobre Daanna e se apoiou sobre os cotovelos, colocando-os a cada lado de sua cabeça e de novo investiu sobre ela em um ritmo frenético.

Quando estava a ponto de gozar de novo, mordeu na nuca e bebeu com avareza, sumido no êxtase. Jogou a cabeça para trás e uivou como faria um lobo satisfeito.

Estava desmaiando. Perdia o conhecimento enquanto Menw a submetia a um prisão de músculo, sangue e erotismo. Isso era o sexo frenético? Aquilo era a paixão? Beatha e Aileen já falaram disso. Disseram que o sexo entre vaniros era apoteótico, mas o que culminava realmente o ato era a união entre casais, o intercâmbio de sangue. De repente, uma necessidade imperiosa de beber o sangue do curador se apoderou dela. Morreria de combustão espontânea. Sentia que o calor se expandia do interior da matriz a todo seu corpo. Precisava provar Menw, já não por seu dom, mas sim pelo instinto e curiosidade feminina.

Menw bebia dela como se tratasse de um oásis em um deserto. E não se detinha, mas devia fazê-lo porque ela podia perder a consciência a qualquer momento.

O curador parou e desabou sobre ela, ainda em seu interior. Desencravou as presas e esfregou a bochecha inconscientemente no ombro de Daanna, sobre o nó perene, a ela encheram os olhos de lágrimas pela enésima vez desde que entrou nessa suíte do Hotel 55. Dava conta Menw do que fazia?

— Sabe muito bem — murmurou ele sobre suas costas.

Estendeu as mãos e rodeou os pulsos com os dedos. Desatou com delicadeza e ela deixou

cair os braços, duros e esgotados da tensão. Menw acariciou os pulsos com o polegar.

A Daanna não doíam, de fato, não notava o corpo. Ela era forte, bem poderia ter se liberado com facilidade das correias, mas lhe devia isso, devia esse gesto de rendição. E devia a ele. O devia a ela mesma.

— Menw? — sua voz rouca. Tentou virar e olhá-lo à cara, mas nem sequer tinha forças para isso. — Me deixa beber de você? — Ele era dela. Não entendia por que devia pedir permissão, mas ele bebeu dela e agora era sua vez.

Menw afundou o rosto em seu cabelo e negou com a cabeça.

— Menw?

— Não, Daanna.

Ela tragou saliva e ficou imóvel sob seu peso. Apertou a mandíbula e afundou o rosto no colchão.

— Fizemos um trato.

— Nunca confie na palavra de um vampiro.

Menw não daria seu sangue por muitas razões. O sangue os vinculava mentalmente, e ele não estava em condições de deixar que outra pessoa rondasse por sua cabeça e soubesse de seu comportamento psicótico obsessivo com o sangue humano. Daanna serviria para manter esses impulsos a raia, mas não podia permitir que ela soubesse o que ele pensava em todo momento. Por outro lado, ele possuía todas as chances para se converter em vampiro. Levava o vício no sangue, era um processo químico e por nada do mundo queria que ela fosse afetada pelos parasitas dos quais, certamente já era portador.

Daanna seguia afetando-o. Estava ressentido com ela por tê-lo rejeitado durante tanto tempo, por não dar uma segunda oportunidade, por deixá-lo louco e pelo que fez com Gabriel. Ele estava presente, merda, e foi cruel presenciá-lo. Mas com tudo isso, a vanira seguia hipnotizando-o, e não a colocaria em perigo, nem daria mais poder do que já tinha sobre ele. Se tiver que morrer, morreria porque era sua decisão, não porque uma mulher lhe tirasse a vida pouco a pouco.

— Mas… dei meu sangue, voluntariamente — sussurrou ela.

— O faz com todos, não? Não é algo exclusivo — saiu de seu interior e levantou da cama. — Entretanto, o intercâmbio de sangue não serve para salvar o humano.

Daanna ficou sem ar diante dessa acusação. Não soube de onde agarrou forças, mas de repente, lançou-se sobre Menw, puxou pelos ombros e o cravou na parede. O curador não se defendeu. Ambos se olharam nos olhos, os de Daanna inchados e avermelhados de chorar, e os de Menw brilhantes e sedutores, os olhos de um vaniro recém alimentado. O vaniro viu como tremia o queixo e lutava por não se derrubar. Estava nua diante dele, havia sangue pelas feridas no pescoço, mas não importava. Menw levantou uma sobrancelha sardônica.

— Não fale disso como se a morte de Gabriel não importasse para você — ordenou com severidade.

— Está nua diante de mim, Daanna. Onde está sua altivez? Onde está sua elegância? E seu orgulho? Não pode dar ordens assim.

— É difícil mantê-lo quando se deita com um homem que se comporta como um cachorro diante de uma parte de carne. Ou quando está diante de um homem que a trata como se fosse uma prostituta. Mas deveria ver também, vaniro. Está nu, com uma ereção que aponta à lua e uma camisinha cheia que está a ponto de sair voando. Tampouco parece muito digno agora.

Menw sentiu uma pontada de culpabilidade e dirigiu os olhos para as feridas de sua garganta. Ignorou o comentário que fez para sua pessoa, mas não pôde evitar desejar fechar suas feridas e abraçá-la. Sua personalidade vampira apagou rapidamente aquela responsabilidade para ela: *Não é nada teu. Nunca foi. Não tem porque cuidar dela*.

— Mas suponho que mereço seu desprezo, não? — continuou Daanna. Olhou para outro lado porque sentia vergonha daquela situação. Aquilo também era responsabilidade sua. — Deixo passar isso por esta noite, Menw. Foram dois mil anos de frustração, mas não há tempo para que agora você me castigue por mais uma eternidade, entende? Disse que não vou deixá-lo cair, curador. Esperarei que me ofereça seu sangue, não vou obrigar isso, mas o faço responsável pelo que possa passar a partir de agora com minha profecia. Disse que é importante que eu beba de você para desenvolver meu dom. Eu ainda não sei do que se trata, mas independente do que seja, terá que me oferecer isso por vontade própria. E tampouco vou permitir que me trate assim. — Assinalou as cordas e a cama destroçada. — O que aconteceu aqui não vai se repetir mais — tremeu a voz. — Não assim.

— Estará comigo quando e como quiser. Amanhã, se levar bem, pode ser que deixe que beba meu sangue. Se tão desejosa estiver… — disse guturalmente.

— É tolo, Menw. Amanhã será você que virá me rogar por mais. Bebeu de mim. — Por um momento, seu rosto deixou de refletir cansaço, olheiras e palidez, e mostrou Daanna em todo seu esplendor. Uma mulher segura de si mesma, de suas armas e seus pontos fortes.

— Devo recordá-la que não pode negociar nada com um vampiro? — perguntou ele, confundido por seu olhar sexy e ao mesmo tempo doce.

Daanna o soltou e se afastou.

— Querido, não é um vampiro. — Revirou os olhos e desabou sobre o parqué[17]. E, antes de desmaiar, olhou ao teto. — Só é um covarde.

Capítulo 8

Daanna estava exausta. Desmaiou. Ele não pôde se controlar ao provar seu sangue. Um sangue delicioso, único, justo como a vanira era. Com matizes açucarados, cítricos, como um saboroso bolo de limão. E ter o sabor de limão era o que mais gostava. Assim não cabia dúvida. Daanna era dele. Sempre soube sem necessidade de prová-la, era algo que o coração sábio

[17] *Piso de madeira. Consiste de uma série de faixas de madeira, geralmente formando padrões geométricos.*

averiguava de antemão. Mas ele não era dela.

A limpou e vestiu enquanto ela seguia inconsciente. Demorou porque um corpo como o daquela mulher podia cegar um homem. Daanna era tão explosiva, tão feminina… Sua pessoa era uma arma de destruição maciça. Sorriu pensando nos estragos que sempre causou no sexo oposto. Ele sempre a vigiou, sempre cuidou dela, e o passou muito bem intimidando a todos os que ousavam aproximar mais do devido. Eles tiveram uma vida maravilhosa e, entretanto, embora soubessem quem eram e o que significavam ou significaram um para o outro, agora eram completamente desconhecidos.

Fazer amor com Daanna assim foi excitante, mas também decadente. Daanna era uma mulher muito digna, uma senhorita protegida, e ela não podia gostar desses jogos sexuais. Embora tampouco agradassem ao vaniro esses exercícios de dominação, deixavam o vampiro duro como uma pedra.

Daanna e ele tinham um problema. Um problema humilhante. E era nessa equação em que se supunha que dois cáraid podem se reconhecer, ela, Daanna a Escolhida, não o amava.

Sua bela vanira estava ali por culpabilidade, por seus remorsos e por interesse. E ele, cansado como estava agora, não gostava de lutar por nada nem por ninguém. Não permitiria que quebrasse seu coração novamente, porque agora podia viver com a alma quebrada sabendo que logo diria um adeus definitivo, mas se ele confiasse nela e Daanna o rejeitasse desta vez, já não se veria com forças, nem sequer para entregar-se ao amanhecer. Ainda ficavam escrúpulos, mas se ela os arrebatava, então Loki teria um novo membro para seu exército. Não seria capaz de negar, porque ele, melhor do que ninguém sabia o quão insistente e idiota que podia ser o vigarista por excelência.

Tirou uma pequena malha de pele de sua mochila militar negra. Pegou uma seringa, deu dois golpes até que saiu o ar acumulado e agarrou o braço de Daanna. Não podia trocar seu sangue com ela, mas a jovem necessitava forças para seguir, e precisavam sair dali antes que explodisse todo o conflito. Injetou adrenalina. Jogou a seringa no lixo e esperou que a substância fizesse efeito.

Ninguém mais sabia o que fizera, o que preparara. Quem imaginaria? Nunca foi um reacionário, mas o vampirismo o eximia de toda culpa. Ver como Daanna deu sangue a outro homem, ver suas lágrimas por Gabriel, saber que seu irmão Cahal desapareceu e que levava três malditas semanas sem contatar mentalmente com ele… Era muito. Assim que se limitou a atuar e a vingar todas as injustiças que se cometeram contra seu coração, contra sua integridade moral.

Daanna despertou poucos minutos após a adrenalina correr por sua corrente sanguínea. Abriu seus olhos verdes e olhou ao redor, buscando, Menw estava de braços cruzados olhando pela pequena janela do quarto. Os quartos do Hotel 55 não era muito grande, era funcional, havia wifi, uma cafeteira expresso, uma televisão plana e comodidades básicas. Mas não eram ostentosas. Tampouco ele.

A vanira se incorporou até ficar sentada. Usava sua roupa de antes, Menw a vestiu. Sua roupa interior estava destroçada assim que apalpou os seios e grunhiu ao notar que ia sem sutiã… E sem calcinha.

— Estão no lixo — murmurou Menw sem deixar de olhar pela janela. — Rasgados.

Daanna ia responder algo mordaz, mas se absteve disso. Levantou e sentiu uma espetada incômoda entre as pernas. Quanto tempo desde que ele não passou por ali? Dois mil anos.

Menw deu um coice e girou a cabeça para olhá-la. Estudando como se fosse uma raridade. Daanna o olhou fixamente e aceitou que ele estivesse em sua mente, não importava. Necessitava estar por aí, que fizesse, mas não se conectaria com suas emoções nem com seus sentimentos, ela se encarregaria de quebrar esses circuitos.

Estava disposta a se expor, mas não para que a ferisse como sabia que Menw faria. Essa parte era dela e até que ele não se abrisse por igual, ela tampouco faria.

— O que me…? — pigarreou ao notar a garganta adormecida. — O que me deu.

— Adrenalina. — Daanna acariciou o pescoço e vaiou ao notar as feridas abertas.

Menw deu a volta, passou por seu lado e abriu uma gaveta, procurando entre toda a roupa. Roupa de mulher. Daanna apertou a mandíbula e afastou o olhar.

— Ponha isso — ofereceu um lenço de seda negra para que se cobrisse o pescoço.

— Feche as feridas — ordenou ela, tremendo. Sentia-se eufórica e cheia de energia.

— E a adrenalina, Daanna.

— A falta de sangue… — Daanna encolheu os ombros e olhou o lenço de seda com desprezo. — Não penso usar algo que cheire a pachulí[18] e que é de outra mulher. Tem um grande repertório, Menw. Perucas, chicotes, algemas, lenços de seda… Não há presas nem lentes de contato verdes?

Daanna quis mostrar que sabia que disfarçava às garotas para que se parecesse com ela. Ele sorriu indolente e inclinou a cabeça, observando-a.

— Quer que todos vejam minhas marcas? — ronronou provocador observando sua garganta. — Quer que saibam o que fiz?

— Refere ao açougue que fez em meu pescoço? Sim, quero que todos vejam. Sabe? Daanna só há uma — disse orgulhosa de manter a pose diante dele. Uma pose que não era fácil para ela ao sentir tão exposta. — Disfarça a todas para que se pareçam comigo?

— Exato. Disfarço às mulheres para que se pareçam com uma pu…

Daanna lhe deu um murro. Um murro em toda a face. Não uma bofetada dessas que dão as mulheres, com a mão aberta. Não, golpeou com tanta força que Menw caiu para trás, chocou contra a cômoda, a qual caiu com ele. As gavetas se abriram e tudo o que albergavam em seus interiores se esparramou pelo chão. Havia mordaças, varas, objetos de sodomia, lubrificantes, máscaras…

Menw a olhou com frieza, mas os rastros não duraram o suficiente para evitar refletir a vergonha que sentia pelo que ela via.

Sua Daanna subiu em cima dele e o agarrou pela camiseta.

— Não fale assim comigo. Não faça mais isso — o sacudiu, mas parou imediatamente ao ver a pérola de sangue que cobria seu lábio superior. Com naturalidade se inclinou para lambê-la. Precisava prová-lo, desejava beijá-lo, mas ele foi mais rápido e afastou o rosto.

[18] *Perfume obtido de uma planta com uma forte fragrância originária da China e Oceania.*

A Escolhida respirava agitada pela droga e pelas emoções tão vulcânicas que emergiam do fundo de seu coração. Doía seu rechaço.

Doía mais que tudo no mundo.

De repente, a porta do quarto abriu de par em par.

Caleb McKenna estava com o supercílio aberto e o lábio partido, e toda sua cara roupa feita farrapos. Mas o líder do clã berserker não estava em melhores condições. Brigou com Ás por ocultar seu contato com os deuses, por saber mais que ele e não comunicar. Centrou os olhos no Menw e em sua irmã. Caleb estava de saco cheio, e ver todos esses brinquedos de escravidão no chão e Daanna em cima de Menw acrescentou sua fúria.

— Caleb? — Daanna levantou e liberou Menw. — Como sabia onde estava? Ás disse isso?

— Eu li em sua mente, irmãzinha. Estava muito ocupada levantando barreiras contra ele — assinalou Menw com um gesto de seu queixo. — Não se deu conta e foi só um momento.

Daanna grunhiu e apertou os punhos. Seu irmão não a respeitava.

— Menw. — Caleb o saudou friamente.

— Cal — o curador levantou, ligeiramente divertido. — Espero que não tenha visto mu…

Não deu tempo para acabar a frase. O líder do clã vaniro o levou ao teto, e estavam os dois levitando enquanto Cal o mantinha seguro pelo pescoço.

— Foi você? — gritou.

Menw olhou Daanna fixamente e logo a seu irmão.

— Você voou a sede do Newscientists do Barcelona? — Caleb mostrou as presas.

— Como? — sussurrou a jovem assombrada.

— Estava arrebentando o rosto do avô de minha mulher, quando Aileen me chamou do Ragnarök. Assistiam as notícias internacionais quando anunciaram em um boletim informativo de última hora que a sede do Newscientists em Barcelona foi pelos ares.

Menw se sentia bem. Uma maçã podre a menos.

— Sim. Fui eu — afirmou Menw sem remorsos.

— Por quê? — exigiu saber o líder.

— Menw não pôde ser por que… — tentou rebater Daanna aturdida. — Por que… De repente, ao longe, ouviram um terrível estrondo. Os humanos não poderiam ouvi-lo, mas os Vaniros sim, inclusive puderam captar como os vidros tremiam. Caleb franziu a testa e fixou a vista na janela.

— Outra explosão… — sussurrou Daanna aguçando o ouvido.

— Boom — murmurou o curador, agradado consigo mesmo.

Caleb gritou e lançou Menw contra o chão.

— Caleb! — Daanna correu a socorrer o curador, tentou protegê-lo da ira de seu irmão já que Menw não se protegia, pelo visto queria que o espancassem.

— Também foi você? O que fez? — Caleb apartou sua irmã e o agarrou de novo até levantá-lo do chão. — Fala!

— Enviei a merda o Newscientists daqui, em Londres. Voaram pelos ares. — Os olhos de Menw eram frios e inexpressivos.

Daanna sentiu seu coração apertado. Levou uma mão tremente ao peito e negou com a cabeça.

— Está afastado do clã até nova ordem — Caleb soltou e tomou Daanna pela mão. — Vamos, aqui não pode ficar. Está fora de controle.

Daanna cravou os calcanhares e escapou de sua mão.

— Menw vem comigo. — Inclusive com as novas notícias, que a deixaram um pouco sobressaltada, sabia que não ia abandoná-lo.

— Não necessito a nenhum dos dois — gritou o curador. — Deixa de me proteger, Daanna. Não necessito que…

— Maldição, fica quieto! — a vanira o deixou paralisado com aquele olhar desafiante e cheio de ameaça. — Não é um vampiro, Menw. Vai voltar comigo para casa. Retornará conosco. Menw vem, Caleb.

— Não é uma boa ideia — negou Caleb, estudando os olhos claros de Menw. — Precisa se recuperar. Neste estado coloca todos em perigo.

— Disse que vem Brathair. — Daanna não daria seu braço a torcer.

— Não te disse isso sua irmãzinha? — grunhiu Menw sorrindo. — Necessita meu sangue para que desperte seu dom, por isso está aqui. Necessita-me.

Caleb se aproximou de Menw lentamente e parou a um centímetro de seus olhos. Eram da mesma estatura. Menw bebeu de sua irmã, mas ele não a alimentou. Maldito egoísta.

— Então, Menw, mais certo que a dê ou então extrairei isso eu mesmo, com conta gotas. Você gosta da ideia?

— Não pode obrigar-me.

— Não o duvide, irmão. Não o duvide — deu um soco no rosto e se dirigiu a porta. — Vamos, há trabalho a fazer na Rua Oxford. Alguém tem que lavar o cérebro dos forenses. Por certo, Menw, vou vigiá-lo de perto, não vai escapar e seria melhor que se comporte.

Caleb desapareceu e ficaram Menw e ela a sós. O quarto parecia um desastre, tal e como estavam seus estados mentais.

— Por que tem feito isso? — perguntou ela com voz tremente enquanto agarrava o lenço negro que cheirava a pachuli e o enrolava ao redor do pescoço. — Por que se vinga com suas próprias mãos? Colocou-nos em perigo. — Localizou seu casaco de motoqueira vermelho no chão e colocou. — Vamos.

Menw apertou os punhos e baixou o olhar ao chão. Por que não o deixavam em paz? Acaso não viam como estava perdido?

— E você por que faz isso, Escolhida? Quer viver um inferno comigo? Já disse que não vou ficar. Já sabe quais são meus planos.

— Estou vivendo um inferno há mais de dois mil anos. Não passará nada se o inferno se alargar uns dias mais. E, além disso, necessito seu sangue. Menw. Se quer se vingar de Loki. Dos deuses e de mim. Dando-me seu sangue fará ambas as coisas de uma vez. Eu desenvolverei meu dom e saberei por que sou a Escolhida, assim foderá Loki. Mas, além disso, me foderá. Se for verdade que é meu cáraid, enlouquecerei quando não estiver e certamente me entregarei ao

amanhecer. Beber de seu sangue me fará viciada em você. E me destruirá quando desaparecer — sorriu com tristeza. — E não é isso o que quer? E por último, vingaria de Freyja e Odin. Se eu morrer… o que acontecerá ao Ragnarök? O que acontecerá com eles?

Menw ficou com a pele arrepiada por ouvir aquela declaração. Daanna não ia a nenhuma parte.

— Já disse que terá seu suplemento hemoglobínico. Isso fará que…

— Não me fale de suplementos, por favor — disse. — Tem a vingança perfeita de bandeja, curador. Não vai tomá-la?

Uma explosão em pleno centro de Londres, a altas horas da madrugada, poderia levantar todo tipo de hipóteses, mas só uma era válida para os Vaniros e os berserkers. Ninguém nunca poderia saber o que se gerava ali, com o que trabalhava e do que se tratava. Se o ser humano comum averiguasse um tipo de DNA desconhecido nos rastros daquela nova zona zero, poderia ficar muito entusiasmado. E isso não interessava.

Entretanto, Menw fazia as coisas bem. Pensou Caleb enquanto o olhava de esguelha. Não havia restos de corpos, tampouco nada que demonstrasse que nessa empresa do diabo eram feitos experimentos genéticos com seres que foram mudados pelos deuses. Foi fácil penetrar nas cabeças dos cientistas humanos e plantar todo tipo de ideias confiáveis sobre o que provocou tal explosão; tendo em conta que se tratava de uma empresa chamada Newscientists, que trabalhava com produtos químicos e altamente nocivos, não era difícil chegar a tal conclusão.

Mas o ato terrorista de Menw também provocou danos colaterais inevitáveis. Muitas pessoas ficaram feridas, e os edifícios de ao redor não apresentavam melhor aspecto. Havia ambulâncias, carros de polícia, forenses procurando restos de corpos e DNA, mas ali não havia nada disso, Menw fez muito bem e não deixou nenhuma prova.

Caleb se aproximou de Menw que, ligeiramente divertido, olhava com orgulho sua obra, Menw estava descontrolado, perdido e ia à deriva. Mas no fundo, seguia sendo ele. O clã vaniro não podia permitir mais baixas; já era difícil saber que o druida desapareceu e seria pior se Menw o seguisse. O vaniro estava aqui, seu cáraid estava aqui. Caleb sabia que Daanna e Menw se pertenciam, sempre soube. Nunca entendeu o que aconteceu com ele e sua irmã, a traição de Menw foi um golpe muito duro para ela e também para ele. Foi decepcionante. No clã, todos esperavam sua vinculação, mas nunca imaginaram que Menw aparecesse com Brenda. Entretanto, a eternidade poucas vezes é benevolente com os imortais, e ao curador foi dada uma segunda oportunidade. Daanna. Ela o ancoraria à luz, e ele faria o possível para que sua profecia se cumprisse.

Deviam salvá-lo, custe o que custar.

— Como fez?

O atormentado loiro encolheu os ombros e apoiou em uma das luzes que ainda ficava de pé ao redor do acidente.

— Me ancorei na mente dos cientistas. Os obriguei a drogar os trabalhadores através de um

derivado do Rohypnol[19] em gás. Precisavam distribuir por todo o edifício enquanto eles se cobriam com uma máscara. Logo insisti para que desconectassem os alarmes de incêndios, e depois, compeli a que queimassem todos os corpos dos que ali se encontravam em uma de suas salas seladas. Desde órgãos, fetos e outras aberrações que tratavam ali… Necessitavam fazer um puto crematório, orvalhá-los com alvejante e queimá-los por completo. Enquanto aquilo ardia, deveriam ir à sala onde esterilizavam todos os instrumentos de cirurgia e ajustar os parafusos da caldeira.

— Converteu a sala de esterilização em uma bomba de pressão.

— Sim, têm aparelhos muito complexos, mas na realidade todas as caldeiras de esterilização seguem o modelo Chamberlain. É fácil se descuidar com ela e fechar as válvulas indevidamente.

— Como se ligou a eles?

— Bebi.

— Quando viajou a Barcelona?

— Há uma semana.

Uma brisa gelada despenteou Menw e o aroma de sangue de todos os pedestres e civis que resultaram feridos chegou até ele. Esticou, e se obrigou a permanecer sereno. Não perderia os nervos diante de Caleb, embora isso já não devesse importar a ele, não?

— É consciente do que tem feito Menw?

— O que tenho feito Cal? — respondeu ele desafiante.

— Colocou a todos nós em perigo. Colocou-a em perigo — assinalou sua irmã, furioso. — Não esperava isso de você. Terá consequências.

— Desde que Aileen chegou, a guerra já era completamente aberta. Às vezes uns golpeiam antes, e outros mais tarde. Desta vez, era minha obrigação fazer algo.

Daanna controlava mentalmente a todos os presentes, insuflava circuitos mentais com conclusões e soluções razoáveis para o ser humano. Um vazamento de gás, uma faísca elétrica, a sala de esterilização e as válvulas mal fechadas, assim como ouviu Menw dizer a Caleb.

Conclusões que poderiam facilitar o fechamento do caso rapidamente. Os humanos eram fáceis de manipular. Também tentava vigiar Menw e a seu irmão pela extremidade do olho. Ardia o pescoço, e parecia que seus olhos se avermelhavam e choravam sem sua permissão. Ela dominava suas emoções, por que agora não podia? Quando tudo estava sob seu domínio, do seu agrado, aproximou dos dois.

— Pronto, Cal. Estão todos sob controle.

— Não precisava se esforçar — disse Menw, soando com interesse. — Deixei tudo bem preso.

— Não confia em você. — Reprovou Caleb. Menw a olhou de cima abaixo e seus olhos claros dilataram.

[19] *Medicamento comercializado pela Roche. Tem como príncipio ativo o Flunitrazepam, um benzodiazepínico, que induz ao sono de forma rápida e intensa. Apresentam também efeito ansiolítico, anticonvulsivo e relaxante muscular.*

— *Omhailp*[20] — murmurou, levando as mãos ao pescoço, cobrindo-as marcas com o lenço.

— Senti falta dos seus insultos — elevou as sobrancelhas e cruzou os braços e pernas sem deixar de repassá-la com o olhar.

Por sua vez, a vanira o olhou e negou com a cabeça, seu tom era muito depreciativo. Mas quando estava decidida a responder, Gwyn e Ione apareceram atrás deles.

— Merda, o que aconteceu? — disse o loiro alto e de compleição mais magra. Assobiou assombrado.

— Menw foi à festa sem nós — respondeu Cal.

Ione e Gwyn estudaram o curador dos McCloud. Este se incomodou porque sabia o que viam. Viam alguém que sucumbiu à fome e ao desespero. Alguém sem honra. Por que o contrariava o que eles pensassem? Antes não importava, antes era indiferente a tudo.

Antes de provar Daanna… Menw a olhou e apertou a mandíbula. Era seu sangue. Seu sangue fazia isso. Aquela mulher também seria sua perdição como vampiro?

Daanna baixou o olhar e se envergonhou pelo que aqueles olhos azuis diziam. Odiavam. Desprezavam.

— Vou. Já tenho feito o que devia fazer… — resmungou confundido. — Que esteja tudo bem.

Daanna exalou um som afogado de surpresa. Gwyn e Ione o olharam assombrado, e Caleb se enfureceu.

— Estás detido, Menw — disse o líder dos Vaniros.

— E uma merda — protestou. Deu a volta para elevar o voo, mas antes de dar o primeiro passo, Caleb o agarrou pelas costas e o segurou.

— Solte-me!

— Sem falar. — Cal esperou que Gwyn o ajudasse a mantê-lo quieto. — Vem com a gente — grunhiu com ódio. — Minha irmã necessita sangue, necessita seu sangue. E eu necessito o meu amigo comigo, não deixarei que vá, Menw. Ione dê a maldita injeção!

O vaniro se removia e lutava por liberar com todas suas forças. Caíram ao chão e rolaram, enquanto Caleb o agarrava fortemente do pescoço e Gwyn o segurava pelos braços. Menw olhou Daanna do chão. Estava assustado, apavorado. Indefeso, era a palavra. Se o deixassem novamente a mercê dela, se trocavam sangue, ela o mataria. Que poder teria ele agora para se defender? O mataria de desgosto. E preferia morrer sem sofrer, sendo um maldito vampiro, a que a princesa de gelo o manipulasse como sempre fez.

— Brenda não era meu par — cuspiu Menw diante de todos, elevando a voz para que o mundo inteiro ouvisse. — Ela exigia que eu desse sangue, mas eu nunca bebi dela. Ao menos, Brenda respeitou minha decisão. Tampouco você é meu par! — declarou gritando. — Mas como é a princesinha, exige que lhe dê isso e vai tomar à força! É pior que ela! Eu, nunca, nunca a quererei! Ouve? Nunca!

Daanna corou e se sentiu profundamente ferida. Começou a tremer e abraçou a si mesma

[20] *Estúpido em gaélico.*

enquanto via como Menw fechava os olhos e caía inconsciente depois da injeção de Ione.

Ione e Gwyn o carregaram em silêncio. As palavras utilizadas pelo curador eram muito duras. Os três Vaniros sentiam compaixão por Daanna e ela odiava a compaixão.

— Aonde o levará? — perguntou com calma, para quebrar o frio silêncio.

— A sala da Fome. Precisará se desintoxicar, Daanna — explicou Caleb. — Levem isso. Os dois Vaniros assentiram e o levaram voando. Caleb ficou com sua irmã e pôs as mãos sobre os ombros.

— Não foi ele quem falou — assegurou-o.

Daanna mordeu o lábio para não começar a chorar ali mesmo.

— Tem razão. Não posso obrigá-lo a me dar seu sangue. Não sou melhor que ela…

— Claro que pode. É a única maneira de salvar de si mesmo, e é o único modo para que você dê um passo adiante, Escolhida. — Caleb sorriu, beijou-a na bochecha e ofereceu a mão. — Isto está acima de um conflito de casal.

Falamos do Ragnarök, do final dos tempos. Farei o impossível para te proteger e proteger aos meus. Vamos, irmãzinha. Não perca a esperança.

Daanna olhou o rosto do Caleb. Aileen o suavizou e deu empatia.

— Aileen o mudou — murmurou orgulhosa. Orgulhosa de sua cunhada, da irmã que a vida lhe deu.

— O amor verdadeiro muda a todos, dá luz. E é por essa luz que terá que lutar. Não se renda Daanna.

A vanira tragou saliva para aliviar o nó que tinha na garganta e tomou a mão cheia de fortaleza e apoio de seu irmão. Juntos empreenderam o voo.

***

Em algum lugar da Inglaterra. Em grutas subterrâneas

Passos acelerados de Patrick Cerril e Sebastián Smith ressonavam nas paredes úmidas das fossas nas quais se encontravam. Túneis que foram modificados e arrumados para suas comodidades, decorados com múltiplos aparelhos da mais avançada tecnologia. Fazia anos que baixavam ali, anos de escritórios e experimentos. Lustros de reuniões secretas e irmandades. Décadas de explorar as diferenças entre magia e ciência.

Eram multimilionários, homens que conseguiam tudo o que queriam com um estalo de seus dedos. Os governos trabalhavam para eles, inclusive os mais poderosos trabalhavam para eles. O diabo era seu benfeitor e seu máximo aliado. E era um ser muito mais complexo do que as religiões, que eles mesmos criaram para confundir à humanidade, vendiam como origem de todo mal. Eles adoravam, Loki iluminava.

A realidade era que descobriram a existência de outros seres, seres mudados por deuses. Deuses que eles consideravam entidades superiores à humanidade, doadores de vida, criadores de vida. Resultava que era certo que a humanidade era um experimento. Era certo que outras

realidades existiam. Existiam outras raças, outros seres, outros mundos. E eles os raptavam, estudavam, utilizavam e os manipulavam para criar algo mais poderoso, um exército que estabeleceria uma nova ordem universal, sempre e quando Loki fosse seu rei.

Patrick Cerril era um homem de meia idade, moreno e ambicioso. O cabelo grisalho, o olhar negro, alto e magro, de aspecto aristocrata, revelava que era um homem sem escrúpulos, de fato, aqueles que o conheciam afirmavam que não tinham alma. Assim devia ser para triunfar. A alma trazia consigo remorsos e ele não os necessitava. O êxito era tudo, e depois de consegui-lo nunca seria suficiente. Sempre desejaria mais. O poder. A Terra, o Universo, a Verdade.

Desde jovem sempre soube que estava destinado a conseguir algo grande, sua família era poderosa e ele era inteligente, só necessitava que algo fascinante e incrível chegasse a sua vida para estimulá-lo. Quando a Seita Lokasenna bateu em sua porta, não se importou. Tinha tudo. Era um homem rico, mentalmente brilhante, proveniente de uma família real cheia de poder e protegido por um escudo que silenciava bocas, precisando apenas aparecer. Entretanto, nunca imaginou o que a Seita Lokasenna tinha em mãos. Ouviu falar deles de seu avô, de seu pai… Eram conhecimentos que se transmitiam de geração em geração. Mas para entrar na Seita devia haver um sacrifício. Só o primogênito devia carregar o peso do conhecimento, só o primogênito devia aguentar o peso da família, só um levava o escudo da iluminação. A condição para que isso ocorresse era simples. Matar seus irmãos.

Os irmãos de seu avô morreram em condições estranhas. Seus tios, irmãos de seu pai, pereceram todos em um acidente de avião em condições igualmente perturbadoras. Não eram meras casualidades, portanto, era algo que sempre se fez em sua família. E tampouco custou fazer.

Depois desse sacrifício, os luciferinos revelaram o segredo, a demonstração de que Deus não existia como tal, entretanto, que existiam, sim, arquitetos superiores aos humanos. Arquitetos que vinham dos céus e que mudaram corpos que uma vez foram mortais, entregando incríveis dons. Os vampiros existiam, os homens lobos também. Mas havia algo mais fascinante; os Vaniros e os berserkers. Os patrões originais mudados. Conhecer Lucius, Seth, Samael, Brenda, Hummus e Strike foi impactante para ele. Eles foram os fundadores da Seita Lokasenna. Eles o fizeram ver a religião de Loki e sua clarividência. Loki era o grande iluminado e embora não entrasse em contato com ele, sabia que utilizava o poder de seus súditos imortais para comunicar e dar diretrizes. Aproximava uma data assinalada, uma ruptura cósmica. Abriria uma porta dimensional, eles a forçariam, e graças a isso, Loki poderia emergir da escuridão e iluminar ao universo com sua sabedoria. E ele seria o artífice, ele e Sebastián Smith, o segundo no comando. Sebastián estava mais interessado em misturar DNA berserker e vaniro e criar exércitos invisíveis que lutassem nesse dia, quando porta se abriria ao lado dos jotuns, seus senhores. Já tentaram muitas variantes, com bons resultados. Obtiveram híbridos de ambas as raças. Agora tinham muitos cachorrinhos híbridos sendo adestrados para a luta e utilizados para criar bancos de sangue que ajudassem aos vampiros a andar sob a luz do sol. Mikhail e Samael descobriram a peculiaridade do sangue híbrido. Ambos, entretanto, perderam a vida.

Strike e Lillian fizeram averiguações sobre o que acontecerá no Ragnarök e encontraram um

modo de convocar às almas que serão reencarnadas. Eles também morreram no encontro com o noaiti do clã berserker e sua irritante Caçadora.

Estavam fartos de tantos obstáculos. Uma híbrida, um Vaniro que caminhava sob a luz do sol, um xamã, uma Caçadora de almas, dois gêmeos incovenientes… O que mais podia se intrometer em seu caminho? Ah, sim. Uma Escolhida. Escolhida para quê? Seth e Lucius asseguraram que a irmã do líder do clã vaniro, Daanna McKenna estava marcada pelos deuses que era importante para eles. Nunca puderam aproximar muito porque era super protegida, pelo visto o clã se esforçava por ela. O objetivo seguinte era capturá-la. E sabiam perfeitamente como fazê-lo.

Pararam no final do corredor, diante de uma janela que dava para uma enorme sala esterilizada, pintada de branco, com uma maca central. Nessa maca, um homem loiro jazia nu, com milhares de cabos e agulhas inseridas em seus braços, profundos cortes no abdômen e na virilha e o rosto cheio de machucados. Dava pena. Sebastián pressionou o botão que dava ao comunicador interno e perguntou:

— Falou?

— Nem uma palavra, senhor — respondeu uma voz rouca de mulher. — Não importa o que façamos, este é uma tumba.

— Cede às imagens que está plantando?

— Não, senhor. Controla muito bem sua mente.

— Tem que rompê-lo. Quebrar sua vontade. Tem que nos contar tudo o que sabe sobre o clã, como matar o noaiti e à Caçadora, a esse par de pirralhos, e preciso utilizar seus circuitos mentais. Necessito que ceda e que nos abra sua cabeça. Maldição, quero saber tudo sobre eles. É o druida do clã, ele alberga a magia e a sabedoria, não?

— Com todo respeito — a garota se esclareceu garganta, — o vampiro se faz mais receptivo com Mizar, senhor, e faz dias que ela não passa por aqui. Depois da última tortura.

— Pois diremos que venha de novo — respondeu Sebastián.

— Esse não é seu trabalho — replicou Patrick, visivelmente molesto. — Seth pôde ver em suas adivinhações Mizar com Cahal. Ela foi a isca utilizada para atraí-lo e capturá-lo, mas estamos falando de uma física quântica que precisa investir seu talento nos quarks[21] e nos campos eletromagnéticos, não em torturar ninguém. Não podemos entretê-la com estas coisas por muito que ela o desfrute. Está muito perto de conseguir o que pedimos.

Sebastián sorriu. Mizar odiava aos vampiros e acreditava que os Vaniros eram como eles. Descarregava sua frustração ferindo e quebrando. Era metódica e sua mão nunca tremia. Ela sabia fazer fórmula matemática sobre o espaço e o tempo com a mesma agilidade com a que podia cortar os dedos de uma mão. Rápida, veloz e única, Patrick a adotou quando ela tinha apenas oito anos e sabia que, a sua maneira, se sentia responsável por ela. Lucius a trouxe em estado de

[21] *Quark, na física de partículas, é um dos dois elementos básicos que constituem a matéria (o outro é o lépton) e é a única, dentre as partículas, que interage através de todas as quatro forças fundamentais. Os quarks têm uma unidade de carga hadrônica, que aparece em três tipos distintos (cores).*

choque após uma de suas equipes de nosferatus sequestrá-la e mordê-la, provocando todo tipo de lacerações. Também sequestraram sua mãe e sua irmã mais velha. Elas foram violadas e deixadas sangrando diante dos olhos da pequena Mizar. Lucius não matou à pequena loira, a levou ao Patrick.

— Você vai criá-la, e dar a melhor educação que possa oferecer. Enquanto violávamos sua mãe e sua irmã, esta cachorrinha tentava fugir do que via nomeando mentalmente a sequência numérica do Pi[22]. Ela nunca me viu, acredita que sou seu herói e aproveitarei dessa confiança. Nomeou mais de mil cifras. É um gênio e pode ser útil no futuro.

Patrick obedeceu e a adotou.

Mizar não sabia das visões proféticas de Strike; nunca soube nada sobre a verdade do que ali se fazia, tampouco sabia que trabalhava para uma empresa que na realidade estava colaborando com o que ela mais odiava. Ela acreditava que assim ajudava à humanidade, que limpava a terra destes seres vis e com presas. E de fato, já fazia isso há muito tempo, mas nunca soube que tratava com a versão honrada e boa do vampiro: os Vaniros.

— Avisa a Mizar, Laila — ordenou Sebastián. — Se ela afeta o druida de algum modo, quero vê-lo com meus próprios olhos e não me importa que seja a melhor física que temos. Além disso, gosta de pegar aos vampiros. Ela o fará falar. E diga que venham Lucius, Brenda e Seth a presenciá-lo tudo. Gozarão ao ver Mizar em ação com o druida.

Sebastián e Patrick sorriram orgulhosos.

A Seita Lokasenna possuía um objetivo claro, alguns perderam a vida pelo caminho, mas se obtivessem o que se propunham, Loki daria a eternidade e o verdadeiro poder. Sebastián e Patrick procuravam o mesmo, embora cada um visse a glória de diferente modo. Mediriam com os deuses e, por tudo isso, valia a pena todos os esforços.

O celular de Smith começou a tocar e ele o atendeu com rapidez.

— Smith.

— Queimaram duas de nossas sedes — disse uma voz rouca muito masculina.

Sebastián apertou o celular com força e sentiu que o coração acelerava.

— Seth? O que disse?

— O que ouviu, estúpido. Enviaram dois edifícios a merda. No mesmo dia. Não fica um puto tijolo em pé. Hummus e Lucius estão aqui comigo e vamos contra-atacar.

— O que têm pensado? Não podem armar muito tumulto, a segurança nacional poderia tirar conclusões precipitadas ou… Tudo deve desembrulhar no mais absoluto silêncio. A humanidade não deve saber que…

— Este é seu trabalho, Smith. Não nos importa o que te ocorra para parar os falatórios. O druida já falou?

---

[22] *Na matemática, π é uma proporção numérica originada da relação entre as grandezas do perímetro de uma circunferência e seu diâmetro; por outras palavras, se uma circunferência tem perímetro p e diâmetro d, então aquele número é igual a p/d. É representado pela letra grega π. Para a maioria dos cálculos simples é comum aproximar π por 3,14. Uma boa parte das calculadoras científicas de 8 dígitos aproxima π por 3,1415927.*

— Não. Mas Mizar obterá que abra a boca. Pelo visto o vaniro responde a ela.

— Isso foi o que nos disse Strike — seu tom mostrava afirmação, — se assegure dela. Precisamos saber tudo. E acima de tudo, mantenham as sedes com os olhos bem abertos, dobrem a segurança e preparem aos exércitos. A guerra pode começar antes do tempo. O que dizem os físicos? O que adiantou Mizar?

— Está avançando muito. Pede uns dias mais…

— Não temos esses dias. Precisamos saber com certeza…

— Eu sei, sei. O que farão vocês?

— Bater onde mais dói. Se não tiver respostas rápidas, o único que podemos fazer é destruir antes. Atuaremos sem restrições, quando for o momento adequado.

— Como?

Uma risada feminina sinistra reverberou do outro lado da linha.

— Deixe isso conosco, humano.

Capítulo 9

Três noites mais tarde.
Tipton. Nas entranhas do Jubilee Park

Os dias nunca pareceram mais longos nem as horas tão eternas. A solidão e o desespero golpeavam duramente, sem remissão. Daanna não deixou de pensar em Menw nesses três dias em que esteve na Sala da Fome. Era desesperador não poder vê-lo, não poder saber. Caleb explicou que Menw precisava se purificar, e necessitava que seu sangue o sarasse. Pretendia com essa ação agressiva conseguir que Menw ficasse viciado apenas no sangue da Escolhida, e de ninguém mais. Para isso, extraíram sangue de Daanna três vezes para oferecer ao curador em garrafas.

— Aceitou meu alimento? — perguntou Daanna a seu irmão. Caleb assentiu com um golpe seco de sua cabeça. — O forçou a beber? — ela retorceu as mãos sobre seu colo enquanto seu corpo tremia diante da resposta. Caleb a olhou com seus olhos verdes, refletindo neles uma amostra de solidariedade. Moveu a cabeça afirmativamente.

— Não foi fácil. Acredito que não gosta de estar à sua mercê. — Esclareceu a garganta. — Há muito a se falar — sentenciou solene.

— Menw não quer estar nas mãos de ninguém — sussurrou ela. — Não confia em mim.

— E você confia nele?

— Não sei. Sei que segue sendo ele em algum lugar no seu interior, mas Menw e eu somos virtualmente desconhecidos um para o outro, já não sei quem é.

— Não sabe nada dele, mas ele já bebeu de você. Observou Caleb, olhando fixamente. — Mudou, e você também. A eternidade é tempo suficiente para mudar de mil maneiras diferentes. Entretanto, nada disso importa agora, têm que começar a trabalharem juntos.

— Isso soou a uma ordem irmãozinho — disse Daanna ofendida.

— Eu não me importo como soou isso. Não sei quanto tempo necessita Menw para sarar, nem quantos dias mais são convenientes mantê-lo preso, mas sei que têm que intercambiar o sangue. Mantenho o encerrado porque ainda é perigoso para você. — Olhou seu pescoço e se alegrou de que as marcas cicatrizassem com rapidez. — Mas logo sairá dali, e quando sair, deixarei o destino em suas mãos. Os deuses já disseram a você tudo e pelo visto, terá que acatar.

— E o que vamos fazer? Obrigar a que tente me suportar?

— É uma mulher, maldição — a olhou ruborizado. — você sabe como fazê-lo ceder, Daanna. É seu par, não?

— Os casais se reconhecem imediatamente, Cal. Eu… deveria… mas não o reconheço.

— Ah, claro — soltou, rindo de tal hipótese. — Igual eu reconheci minha Aileen quando a tive em minhas mãos? Às vezes, os prejuízos e o ressentimento nos podem cegar. Há ocasiões, Daanna, que negamos a admitir que aquilo que deseja nosso instinto mais primitivo, aquilo pelo que suplica a alma, está bem diante de nós. Não quis reconhecer Menw, que é diferente, mas acredito que o via.

— Tornou-se muito observador.

— Olha — passou as mãos pelo cabelo negro em um gesto de exasperação, — não quero me meter no meio mais do que já estou. Isso é algo vocês que devem solucionar, mas... — elevou o queixo para olhá-la diretamente nos olhos. — Se ele ficar violento de algum modo, se realmente o vampirismo o está anulando, necessitarei que me diga isso, Daanna. Não deixarei que te exponha ao perigo mais do que o necessário. Ele só terá uma oportunidade quando sair.

Ela assentiu com os olhos brilhantes, e ele concordou com sua afirmação.

— Esta noite procuraremos Cahal, vamos varrer o sul da Inglaterra. Você deve estar aqui. Está débil. Promete que não fará nada indevido esta noite? Obedecerá?

— Sim.

Entretanto, estava rompendo suas promessas de uma maneira deliberada. Conhecia o Ragnarök onde ficou com Ruth e Aileen, e, além disso, sabia que não podia cumprir com sua palavra de entregar Menw em caso de que o vaniro estivesse definitivamente perdido, coisa que duvidava, ou melhor, não queria acreditar. Ela nunca entregaria Menw. Não faria, não seria capaz.

Estacionou seu Mini Cooper de cor vermelha e branca com seus vidros escuros, numa das calçadas de Jubilee Park. Comprou o carro a pouco tempo e o escondeu em seu estacionamento subterrâneo, uma vaga que ninguém sabia que possuía. Ela necessitava um lugar para ocultar seus pequenos delitos e desafios, porque se escapasse nas noites com o Cayenne vermelho, sabia que chamaria a atenção dos clãs, de seu irmão, e também dos possíveis vampiros e lobachos que a vigiavam. Com o Mini não a reconheceriam, além disso, ela não era partidária de voar se não fosse necessário. Soltou uma risada histérica. Era tudo tão absurdo! Carros novos para escapar da vigilância dos outros, uma vida eterna superprotegida odiando ao único homem que amou, marcada por uns deuses traidores, e agora, depois de tudo isso, necessitava recorrer a Menw para que desse seu dom. E o pior, ele não queria beber dela!

Deuses, precisava vê-lo. Fechou os olhos e deixou cair à testa sobre o volante. Queria

eliminar esse olhar apático e distante. Ele sempre esteve perto dela, protegendo-a. Quando brigavam, seus olhos azuis refletiam diversão e afeto, não essa maldita indiferença com a que a olhou. Olhou o pulso enfaixado. Um pulso que abriu três vezes nos últimos dias para oferecer seu sangue, para que ele se alimentasse. E se sentia como um animal utilizado. Menw estava conectado com ela a níveis muito elementares, podia acalmá-la, podia falar com ela mentalmente, explicar se estava bem ou não. E o maldito não falou nenhuma só vez, estava castigando-a.

Furiosa com ela mesma por sentir tão necessitada por culpa desse homem saiu do carro e o fechou de uma portada. Agradeceu o frio noturno. Era estimulante e a fazia reagir. Com passos ágeis se dirigiu à cabine telefônica vermelha que era a entrada secreta do Ragnarök. Pressionou a chave no teclado e imediatamente desceu ao metrô.

O Ragnarök era um lugar espetacular. Uma gruta cheia de cores, pequenos lagos de água quente, um salão enorme para organizar reuniões sociais, danças, jantares, o que quisessem… Tudo com a última tecnologia e cenário de um modo muito vanguardista. Além disso, nos andares superiores havia salões privados, e quartos para os membros dos clãs. Precisava reconhecer: Adam Njörd, o noaiti do clã berserker, tinha um gosto delicioso.

O tema do Within Temtation, *Memories*, soava no ambiente. Fantástico. Era uma das canções que mais escutava nos últimos anos porque a transportava ao passado, a suas lembranças. Tanto tempo levava vivendo delas? Ela adorava esse grupo e considerava que todos seus temas eram bons, certamente porque vibravam ao mesmo nível que sua alma.

Ruth e Aileen estavam em uma das salas privadas, conversando com as quatro humanas que estavam no local. Estas sacerdotisas foram escolhidas por suas habilidades sociais e informáticas. Sabiam muito sobre mitologia celta e escandinava, encarregavam de conduzir os fóruns e avisavam quando encontravam um usuário com mais conhecimento do que o normal sobre tradições antigas. E também sabiam sobre os Vaniros e os berserkers. Meses atrás, só a ideia de partilhar com algum humano o que eles eram, arrepiava a pele e a fazia entrar em negação. Mas as últimas experiências vividas com eles outorgaram um voto de confiança. Luna, Emejota, Ana e Lourdes, se encaixaram neles à perfeição. Eram discretas, sabiam escutar e só falavam se perguntassem algo. Caso contrário, observavam e acumulavam informação. Daanna estava convencida que as quatro garotas sabiam mais coisas sobre sua pessoa do que ela mesma. Tinham olhos muito inteligentes.

Ruth virou e deu um de seus enormes sorrisos deslumbrantes. A Caçadora era uma mulher facilmente apaixonante. Com seus olhos dourados e seu cabelo mogno, sendo como era: carinhosa, divertida, audaz e leal; Ruth era magnética, e Daanna caía a seus pés, a adorava. A eternidade lhe deu um grande presente com ela.

E logo estava Aileen. A híbrida ganhou seu coração apenas por domar seu irmão Caleb, mas Daanna não gostava de Aileen apenas por isso. Aileen podia despertar admiração e inveja com seus olhos lilás, seu cabelo negro e aquela pele bronzeada, parecia uma modelo brasileira, uma beleza das que não se esquecia. Sua cunhada tinha uma língua muito grande, era uma guerreira como ela e dotada de muitíssimo caráter, mas embora todos fossem traços admiráveis, Daanna a amava porque Aileen sabia perdoar. Admirava e a respeitava por isso, porque ela não soube fazer.

— Vem aqui, vanira, e nos conte como está o pirotécnico — disse Ruth sorrindo, dando golpes sobre a poltrona que ao seu lado.

— Muito graciosa Ruth. — Respondeu Daanna, observando, faminta, o que comiam suas amigas.

— Não leve a mal, Daanna, mas desde que a Caçadora tem ao bulldog em casa, está de um humor de cães. — Aileen piscou o olho a Daanna e esta sorriu, embora custasse. — Como está? — Tomou seu pulso com delicadeza e a inspecionou sem mostrar preocupações, já que sabia o muito que Daanna odiava que tivessem pena.

Daanna já se acostumara com essas amostras de afeto por parte da Aileen. Sua cunhada era esmagadora e não respeitava o espaço vital de ninguém.

— Já deu de beber? — Ruth levantou, ficou ao lado de Daanna e retirou o longo cabelo negro para estudar as marcas do pescoço. — Foi muito carinhoso, não? — comentou sarcástica.

— Quero um prato como o delas, por favor — pediu, olhando Lourdes e Anna. Daanna podia sentir a raiva de Aileen e Ruth alinhavar com a sua própria. — Sinto-me… incômoda com isso, por favor… — fez um gesto com a cabeça para que Ruth soltasse o cabelo e retirou a mão para que Aileen deixasse de acariciar o pulso.

— Está bem. Quer falar? — perguntou Ruth sentando a seu lado.

— Não há nada do que falar. Estive equivocada durante dois mil anos, perdi tudo o que queria e desejava, e agora ele quer me castigar. Não quer salvar-se. E meu dom depende de que ele me alimente, coisa que, é óbvio, não quer. — Não era fácil manter o tom prático que estava utilizando, mas devia fazê-lo para se manter inteira. Ponto e final.

— Desde quando não o vê? — Aileen a olhou de esguelha.

— Há três dias.

— Caleb não permite visitá-lo?

— Não.

— Hum. E… como se sente?

Como se sentia? Queria que alguém arrancasse seu coração para que deixasse de doer. — Muito bem, obrigada — respondeu displicente. Ruth limpou a comissura dos lábios com o guardanapo, mas não pôde evitar que seus gestos refletissem sua impaciência.

— Será que se sente bem mesmo? — perguntou de supetão.

As quatro humanas olharam umas às outras, incômodas diante da tensão que começava a ser sentida no ar.

— Perdão? — Daanna olhou fixamente a Ruth.

— Com quem acredita que está falando, Daanna? — Ruth a olhou de esguelha. Seus olhos dourados jogavam faíscas.

— Ruth. — Aileen a repreendeu com o olhar.

— Não me importo — respondeu ela, encarando a seguir a vanira. — Não vai me enganar. Não faz muito tempo que a conheço, mas a conheço. É minha amiga. Não vou deixar que guarde tudo para você, entende? Tem que tirá-lo Daanna. O que corrói, o que faz mal, maldição, lança fora. Estamos aqui para te escutar.

Serviram o prato com uma garrafa de vinho tinto. Daanna deixou de ouvir a Ruth, serviu uma taça e olhou a salada de arroz com tomates, milho, maçã e tofu, alinhada com azeite e vinagre caramelizado. Deu um longo gole no vinho e por um momento imaginou que era outro tipo de líquido avermelhado, o sangue de um curador que a obrigaram a beber, seu sangue. Ignorou o tom da Caçadora e começou a comer com as maneiras de uma rainha. Não era próprio dela atuar assim, de fato, considerava muito educada e gentil para ignorar as palavras de alguém que estivesse falando. Mas não estava de bom humor e, além disso, não servia para confessar, nem para abrir como uma flor.

— É surda, agora? — cravou Ruth. — Faz três dias que não sabemos nada de você, exceto o que nos contaram Ás e Caleb. Não nos ligou, não responde nossas chamadas… fui vê-la — reprovou Ruth, — e sabe, sabia que estava ali e não abriu a maldita porta. Estivemos muito preocupadas.

Daanna seguiu comendo. Era verdade. Ruth a visitou e falou através da porta, uma porta que ela não abriu. Ruth queria falar com ela, precisava contar algo e queria ajudá-la de algum modo, mas Daanna não deixou que ninguém, exceto a dor que sentia, penetrasse através das gretas de sua couraça. Ruth tentou inclusive entrar em contato com ela mentalmente, mas Daanna fechou o passo, e contra atacou, inclusive sabendo que Ruth ia com uma grande enxaqueca para casa.

Merda, o que fazia ali? Por que foi falar com elas se não queria estar com ninguém? Agora mesmo não era boa companhia. Sentia débil, faminta e chateada com ela mesma. Ela só necessitava uma coisa. Calor. Queria calor. Desde o que passou com Menw se encerrou em sua casa e o último que queria era ver Ruth e Aileen, e sentia-se mesquinha e enojada por isso.

— Daanna, acredito que faria melhor falar disto — a híbrida inclinou sobre ela. — Acredito que…

— Vim para comer com vocês, Aileen. — Secou a boca com um guardanapo e o dobrou deixando pulcramente ao lado do prato. — Não é suficiente? Não preciso falar de nada nem explicar detalhes sobre nada. Só quero me distrair.

— Por que não? — perguntou Ruth cada vez mais afetada. — Por que não se apoia um pouco em nós, Daanna? Eu contei com vocês quando necessitei. Somos suas amigas.

— Pois se quer seguir sendo, Caçadora, deixa de me incomodar — espetou Daanna cortante como um cirurgião. — Não preciso explicar mais coisas nem me desafogar para me sentir melhor. Não sou fraca nem frágil como…

— Como nós? Como eu? — Ruth tragou saliva e levantou o queixo. — É isso o que quer dizer.

Aileen notou que Daanna segurava os talheres com tanta força que os deformava. Sua cunhada estava muito irritável e ela sabia por que estava assim. Era a fome e a dor da rejeição o que a fazia estar tão à defensiva.

— Sim, isso é o que quis dizer — afirmou Daanna com sinceridade, desejando enviar tudo ao inferno.

— Sou fraca, Escolhida — respondeu Ruth mal-humorada, tomando as chaves de seu Smart Roadstar e pendurando a bolsa no ombro. — Mas lhe asseguro que sei muito bem qual é a

diferença entre uma amiga e um palhaço, e eu não passei três dias morrendo de preocupação e de raiva, esperando te ver, para que agora só queira que a entretenha. Aluga um palhaço, vanira.

Ruth se aproximou de Aileen, beijou-a na bochecha e se despediu das garotas. Olhou Daanna pela última vez e se foi dali.

O que foi isso? Daanna deixou cair os talheres dobrados sobre o prato e pediu perdão a Lorena e a Emejota em voz baixa. Moveu os dedos para que circulasse o sangue e deixou cair os ombros. Por que estava assim?

Olhou para trás esperando ver Ruth na porta, e se sentiu mal quando não a encontrou. Por que descontava nelas?

Aileen não deixava de olhá-la, como se quisesse transmitir a ela que entendia pelo que estava passando.

— Ninguém a julga, Daanna. Ruth e eu estivemos muito preocupadas com você. Mas sei que é muito independente, que é diferente, e não vou te obrigar a abrir. — Aileen falou com calma. — Mas do mesmo modo, não pode nos obrigar que não a queiramos e que não desejemos estar com você ou ajudar, Daanna. Estamos para o bem ou para o mau, aconteça o que acontecer. É o que diferencia às amigas, dos palhaços.

— E o que a faz pensar que não prefiro aos palhaços?

Daanna se levantou da cadeira e se dispôs a deixar Aileen plantada. Mas a híbrida era mais agressiva que Ruth, assim que a puxou pelo antebraço e fez que se voltasse para ela.

— Sei o que passa Daanna. Tem sede. E não uma sede qualquer, tem sede dele. Está gelada e sente frio e, certamente, se sente abandonada. É o que faz qualquer tipo de vinculação entre cáraid. Aconteceu o mesmo quando Caleb bebeu de mim — explicou Aileen com humildade. — Também estive uns dias sem vê-lo, embora o odiasse, odiava de morte — repetiu, sorrindo ainda incrédula diante da lembrança daquela sensação. — E para mim foi pior, porque depois do que fez, o desejava como uma louca. Foi humilhante, não entendia nada. Até que compreendi. Compreendi que nas relações entre cáraid, não pode haver orgulho, sabe? Caleb me disse que podia chegar a ser frustrante o quão dependentes seríamos um do outro. Mas… se entrega totalmente, porque nem sua alma, nem seu coração podem conceber de outra maneira. E nada se faz pela metade.

— Me solte, Aileen. — Olhou os dedos finos e compridos de sua amiga que retinham seu braço com força.

— Sua vinculação começou e não há volta — insistiu.

— Maldição! Não bebi dele! Nem uma vez! Caleb não lhe deu de seu sangue porque queria dar o poder de escolher, queria que você oferecesse a ele e houve uma troca autêntica. Menw não me deu isso porque não quer se enlaçar comigo. Não quis me alimentar. — Conseguiu escapar de sua mão e ficou pálida ao ver que a couraça começava a quebrar. Precisava sair dali, correr a um lugar onde ninguém pudesse compadecê-la. — Não se compare comigo, Aileen. Estamos em posições muito diferentes.

— Daanna…

— Não!

Daanna saiu do Ragnarök a toda pressa. Desde quando perdia os nervos assim? Por que se comportou de um modo tão frio com suas amigas?

Saiu ao parque e tomou várias baforadas de ar. O céu estava negro por completo, não havia nenhuma estrela. O aroma de umidade impregnou suas fossas nasais. Apertou os olhos com os dedos e grunhiu frustrada.

— Menw… — sussurrou, sorvendo as lágrimas. Impressionada, passou os dedos pelas bochechas e prendeu as gotas salgadas para olhá-las estupefata. — Olha o que está fazendo comigo. — Estava farta.

Agitada como nunca esteve, dirigiu ao Mini Cooper e entrou nele mal-humorada. Ligou o rádio e pôs à música da Rihanna, *Cry*, à máxima potência, queria que as letras e o som cheio de vingança e promessas daquela voz gravassem suas mensagens em seu coração.

I´m not the type to get my heart broken
I´m not the type to get upset and cry
Cause I never leave my heart open… [23]

Conduziu como uma louca até sua casa em Black Country. Queria acreditar em cada verso, cada palavra. E se ela fosse assim forte? Mas não era não era, e isso a rasgava.

I'm losing grip what's happening?
I stray from love
this is how I feel…[24]

Por que não era? Para essa pergunta havia uma fácil resposta, embora se obrigasse a ser sincera consigo mesma; uma que revelava quem e como era na realidade.

This time was different
Felt like I was just a victim
and it cut me like a knife?
When you walked out of my life…[25]

---

[23] *Não sou do tipo de garota que deixa que quebrem seu coração*
Não sou do tipo de garota que se zanga e chora
Porque nunca deixo meu coração aberto

[24] *Estou perdendo força O que é o que acontece?*
Estou perdida de amor
Assim é como me sinto.

[25] *Esta vez foi diferente*
Se sentia como se fora uma vítima
E me cortou como uma faca
Quando você saiu de minha vida

E o que aconteceria quando Menw saísse do confinamento a que foi submetido? Quando o deixassem de obrigar a beber seu sangue, o que aconteceria a eles?

Sentia tão insegura a respeito… Sua mente era um caos de possibilidades e cada uma delas era nociva para sua saúde mental. Necessitava fortaleza para aguentar a atitude de Menw para ela. Ele estava em seu direito…, mas… ela também! Algo em seu interior recusava a se render e a submeter diante dele. Não podia fazer se seguia odiando-a, não se rebaixaria mais.

…But no matter what
you'll never see me cry… [26]

Chegou a sua casa e colocou o carro na vaga interior, um pequeno compartimento subterrâneo que ela mandou construir secretamente para cobrir seus pequenos tesouros, como o carro, alguma ou outra moto e armas de última geração. Os membros do clã não gostariam de saber que a Escolhida era uma autêntica fetichista das armas, sobretudo, espadas. Adorava as katanas. Sorriu ao imaginar as caras que fariam se descobrissem todos os objetos guardados ali, tendo em conta que acreditavam que deviam apenas protegê-la com obstinação, e que ela não devia lutar.

O único problema daquela sala era que não conectava com as escadas de sua casa, e que para sair dali precisava passar por um pequeno portal que comunicava com os túneis subterrâneos e davam ao exterior.

Saindo pelo diminuto buraco, seguiu o corredor e subiu as escadas que davam a uns cinquenta metros do que era o alpendre traseiro da casa. Nem Caleb, nem Menw, nem ninguém, poderiam averiguar essa saída secreta a não ser que alguma vez entrassem no compartimento onde ela deixou o carro. E ninguém mais usaria esse esconderijo exceto ela, porque ao fazê-lo, sua liberdade tão brigada durante tantos séculos se acabaria.

Deu meia volta e ficou olhando sua casa. Sua linda casa Branca, construída em cubos, embora os cômodos sejam circulares em seu interior, de amplas janelas negras que clareavam ao entardecer e a cobriam dos raios UVA da manhã. Um pequeno santuário onde ela podia se resguardar do mundo e desses dias infinitos e solitários, que a abraçavam como uma jiboia e a deixavam sem fôlego. Mas ali, entre as suas quatro paredes, ela não estava tão mal.

Não estava sozinha. A acompanhavam seus sonhos e suas esperanças de alguma vez se sentir… completa.

Havia dois Vaniros ocultos nas árvores. Vigiando para que ela não saísse de sua casa, tal e como ordenou Caleb. Daria lhes apoplexia se soubessem que havia uma entrada e uma saída secreta.

Deu um passo para frente e então… Boom!

Daanna ouviu a explosão antes de ver como seu precioso lar saía voando pelos ares. Sentiu

[26] *Mas não importa como*
Você jamais me verá chorar

como os restos do que considerava sua guarida a alcançavam, e percebeu que ela também era varrida pela força daquele furacão de fogo, cristais e tijolos. Seu corpo foi sacudido pelos ares até que algo duro e rugoso a parou. A força do impacto a deixou sem respiração e sentiu uma dor surda nas costelas e na cabeça. De repente um suor frio cobriu sua pele. Desabou imediatamente, como se apagassem a luz de repente.

***

Menw McCloud estava inquieto como um tigre ameaçado numa jaula. E essa inquietação não nascia dele. Vinha dos pensamentos dela, de Daanna. Seu delicioso sangue o limpou, devolveu parte da prudência perdida nesses dias escuros e desgraçados, nos quais Loki costurava uma realidade horrível para ele. Sem luz. Mas a essência de Daanna limpou o suficiente para voltar a sentir as emoções entorpecidas; as emoções que alguma vez pôde ter por ela. Sentimentos que nunca foram correspondidos, que não eram igualmente fortes nela, mas que ele não podia evitar possuir, e, entretanto, necessitava ocultá-los, protegê-los de Daanna.

Também foi devolvida sua preocupação constante. Como o que arrasava sua pele e seu sentido comum. Era como um ataque de pânico. Estava assustado e nem sequer sabia por que. Sentia medo por ela e sentia dor pelo abandono que ela experimentava. A dor de Daanna era sua. Embora a vanira se protegesse bem contra suas intromissões mentais, havia algo que os conectava e fazia a distância entre eles ser insuportável, e o sofrimento que sentia proveniente dela era algo que colocava o animal nele em alerta. Os casais vaniras desenvolviam a empatia no primeiro intercâmbio de sangue. Ele sabia como ela se sentia, mas o contrário não acontecia, já que Daanna não o mordeu.

Por que estava assim a Escolhida? O que acontecia?

Caminhava em círculos como um elegante leão pensativo. A Sala da Fome estava revestida por grossas paredes de concreto, e ele acreditava que era toda branca, embora não poderia dizer por que estava às escuras, e o lugar se encontrava fechado hermeticamente no interior da terra. Era como uma fossa cavada a modo de um nicho no interior do subsolo. No chão havia uns pequenos respiradouros por onde entrava o oxigênio.

Menw ficou quieto como uma estátua. Daanna não se encontrava bem, seu mal-estar emocional era colossal. Suas sensações o varriam como se fossem ondas que chegavam à borda do mar, e quando se afastavam o deixavam nu e indefeso. Passou as mãos pelo cabelo. Usou muito comprido e estava embaraçado e sujo. Estava nu da cintura para cima e só levava as calças negras com as quais saiu do Hotel 55. Brigou com Gwyn e com Lain e perdeu a camiseta e as botas na luta.

Sentia-se impotente. E enquanto ele estava preso e o sangue de Daanna o esquentava nesses três dias de isolamento, ela sofria e…

Menw levou as mãos às bochechas ao notar como algo úmido se deslizava por sua pele. Não podia ver, assim esfregou os dedos para ver do que se tratava. Levou o indicador à boca e notou o sabor salgado. O sal das lágrimas, o sal que não deixava cicatrizar as feridas. Daanna estava

chorando e ele sentia: a empatia era tão grande que inclusive ele chorava com ela.

Cravou os joelhos na terra úmida desse sarcófago gigante e afundou os dedos até fazer punhos de terra.

Daanna? Algo vai mal?

Custava respirar. E se surpreendia ao se dar conta da força com que chegavam todas essas novas emoções. Daanna o deu de novo a capacidade de sentir. Mas, para quê? Se não correspondia, do que servia a ele sentir algo? Mas seus corpos podiam reconhecer de algum modo, a atração existia. Embora não fosse suficiente porque, depois de tudo, por que ia querer? Ele se equivocou no passado, se rendeu ao vampirismo no presente, e a chantageou como um bandido, e para piorar, não lhe deu de beber. E se sentia melhor depois disso? Não.

Daanna nem sequer o olharia, mas claro, seu sangue era importante para ela. Seu dom dependia dele, assim que ela não se afastaria muito. O desespero por ela retornou, e era pior do que antes, mas desta vez não mendigaria sua atenção ou seu perdão. Por agora, Daanna lhe pertencia. Seu sangue corria por suas veias e insuflava vida. Ela dependia dele em muitos sentidos, e usaria essa dependência para mantê-la ao seu lado.

Não era bom como Gabriel, como o humano que conseguiu se aproximar de sua vanira. Os Vaniros tinham outros instintos de conservação, e uma vez que provam o sangue de seu verdadeiro casal, enlouqueciam por ela e precisavam cuidá-la. Ele cuidaria de Daanna, vigiaria, estaria ali para ela. Depois de tudo, não sabia o que sentia por ela. Muitas coisas minavam o caminho que o guiava até seu coração. A odiava por lhe trair com Gabriel. A amava por dar-lhe seu sangue e aceitar lhe recuperar, por afastá-lo das trevas. Mas há anos que não reconhecia em Daanna à mulher pela qual uma vez se apaixonou. Certamente os desenganos e os enfrentamentos entre eles azedaram as lembranças de seu amor. Quem era ela? Quem era ele? Dois mil anos podiam mudar a essência de alguém. No momento, sabia quem era ela. Daanna era seu bote salva-vidas, e se aferraria a ela. E graças a ela, sabia o que ele já não podia ser: um vampiro.

Grunhiu e golpeou o chão ao ver que não respondia. A menina caprichosa sabia muito bem como fechar a banda. Mas não podia tirar essa sensação amarga da boca do estômago. Daanna não estava bem, não estava a salvo, algo acontecia.

Afundou o punho na terra e esta cedeu. O chão não era firme, tinha a consistência do barro úmido. Sorriu. Podia sair dali?

Escavou como um selvagem para ir à busca da mulher que, embora arrancasse seu coração uma vez, devolveu a prudência.

Foi então, quando a meio caminho do túnel subterrâneo que ele cavava com suas próprias mãos, sentiu o brilho da explosão em seus próprios olhos. Quando, sem poder evitá-lo, começou a chorar como um menino, e a arrancar metros e metros de raízes, terra e pedras, Quando lutou por não abandonar mentalmente Daanna embora ela não o quisesse ali. Quando sentiu que a dor, a surpresa e a decepção atacavam contra o corpo da Escolhida e a deixava inconsciente.

Então gritou, gritou de raiva, e de impotência. E deixou a pele até sair ao exterior.

Como um animal encurralado, olhou ao seu redor para se localizar. Com terra no nariz, nos

olhos e na boca. Cuspiu enquanto se elevava pelos ares e voava guiado unicamente pelo ritmo abrandado do coração de sua garota, e pelo calor cada vez mais fraco de limão doce que era sua Daanna.

Não. Nunca a abandonaria. E ninguém a arrebataria desta vez.

***

Tentou abrir os olhos, mas quando os abriu, não via bem. O sangue percorria seu rosto e caía por suas pálpebras. Levou a mão à cara e percebeu que um cristal de uns dez centímetros atravessou sua palma. Tentou mover a outra mão para limpar o sangue do rosto, mas o ombro doía muitíssimo. Assim desistiu. Devia parecer um Cristo. Tinha uma dor cada vez mais insuportável nas costelas direitas, quase à altura do esterno, e custava respirar. Havia algo parecido nessa zona e esperava que não atravessasse o pulmão. Sentia as pernas machucadas, sobretudo a coxa esquerda. Nela, havia uma parte de tijolo encravado. Necessitava ajuda, ajuda urgente.

— O que temos aqui? Segue viva?

Daanna ficou parada. Ela conhecia aquela voz; conhecia e a odiava com todas suas forças. Uma mulher, de cabelo castanho escuro ondulado e olhos quase brancos se agachou diante dela. Suas presas muito afiadas e sorrindo com diversão.

— Brenda?

— Escolhida? — perguntou zombadora a vampira. — Esta noite levo o grande prêmio. — Apoiou na coxa ferida de Daanna e começou a rir quando ouviu seus gritos de dor. — As ordens eram eliminar, vi você entrar com seu carro e pensei que depois da explosão estaria sepultada em sua casa, destruída… Acreditei que não ficava nada de você, mas é persistente como as baratas. Acredito que a levarei viva diante deles. — Afundou os dedos na coxa ferida e apertou com força, até ver que saltavam lágrimas a Daanna. — Por que está tão desprotegida? — E seu irmãozinho? E os cães, dos quais se fizeram tão amigos? Onde está o líder berserker? Chama-se… Idiot-Ás?

— Ás está… está com Seth, já sabe que gosta que deem por atrás… — os olhos verdes de Daanna cintilaram. Brenda não lhe dava medo, a enojava, por isso não tivera escrúpulos em provocá-la. E a provocava se metendo com um dos que compartilhava seu sangue, se é que ainda fazia.

A reação à provocação não demorou muito. Brenda a esbofeteou e Daanna sorriu. O caráter infantil de Brenda não mudou nada.

— Acredito que ao final vou lhe matar — murmurou a vampira. — Mas antes a levarei a Seth e Lucius, eles passarão bem com você, sabe? Além disso, Hummus agradecerá por conhecer você.

— Hummus? — grunhiu Daanna. — O que você tem a haver com Hu…? — emudeceu. Cheirava a baunilha? Cheirava Menw? Surpreendida, olhou ao céu.

— Também gostaria de conhecer Hummus.

Menw aterrissou atrás de Brenda, com um aspecto ameaçador e aterrador. Respirava como se tivesse corrido uma maratona, o corpo e o cabelo machados de barro, e as calças rasgadas

pelas coxas e os joelhos. Estava descalço. Seus olhos azuis se centraram na vampira, olhou a um lado e ao outro esperando que os outros dois vampiros que detectava perto aparecessem.

— Menw? — Brenda deu um passo atrás, alarmada. — Hummus me disse que estava perdido, que estava nas garras de Loki, que…

— De verdade? Acha que sou um vampiro? — deu dois passos para ela, mas a vampira era muito veloz e se dirigiu para a Escolhida para dar um golpe mortal.

Menw correu e se colocou na frente de Daanna, empurrou Brenda e a fez cair para trás. Protegeria à Escolhida com seu corpo e sua vida.

— Não se aproxime dela, Brenda. — Mostrou as presas e franziu a testa.

— Interessante… — murmurou a vampira observando com interesse. — Acabem com eles!

Dois vampiros caíram das copas da árvore na qual Daanna estava apoiada e ferida gravemente. Menw agarrou um das lapelas e o estampou no chão. Com dois dedos pressionou uma zona do pescoço e o ombro, deixando-o paralisado.

— Menw, atrás de você! — gritou Daanna.

O curador se agachou e esquivou das garras que se dirigiam a sua garganta. O aspecto do outro vampiro era deplorável: o cabelo branco, a pele quase transparente, as presas amarelas e muito magro. Menw elevou a perna e o golpeou no tórax. Impulsionou com as mãos e saltou sobre ele no ar, quebrou o pescoço com um movimento mestre de suas mãos. Afundou a mão em seu peito e arrancou o coração.

— Os Vaniros são mais fortes que vocês — Menw disse ao corpo morto do vampiro, jogando o órgão sobre o estômago.

— Vai escapar! Não deixe que escape! — gritou Daanna olhando como Brenda se afastava voando, mas o esforço fez que se queixasse imediatamente da dor das costelas.

Menw seguia olhando ao redor, ignorando as palavras de Daanna. Bem, não cheirava a ninguém mais, à exceção do aroma de queimado da explosão e o aroma do sangue de Daanna que estava o deixando louco.

Menw se aproximou dela e se abaixou para inspecionar as feridas da vanira. Apertou os punhos ao ver como estava ferida gravemente.

— Menw… deixou que se fosse… por que deixou que se fosse?! — recriminou.

— Me encarregarei dela em outro momento, Daanna, agora deixa que me ocupe de você.

Daanna tragou saliva ao senti-lo tão perto. Pelos deuses, esse homem era impressionante. Parecia o guerreiro celta que ela recordava, com o rosto manchado e todos esses músculos elegantes no corpo. Um guerreiro que retornava a casa depois da batalha.

— Não posso acreditar que esteja aqui. Escapou? — observou seus braços cheios de tatuagens de escravas, e suas mãos, todas cheias de sangue e arranhões, as unhas negras e quebradas. Sentiu necessidade de curá-lo.

— Faz silêncio um momento e respira — pediu, enquanto se concentrava em suas feridas. Pegou a mão que não estava atravessada por um vidro, e pressionou um ponto no centro da palma.

— Ouch! *Ghon e meu gu doa*![27] — gritou ela. Menw levantou uma sobrancelha. — Dei um ponto de acupuntura. Agora não sentirá dor.

Umedeceu os lábios e assentiu agradecida. As mãos de Menw baixavam sobre ela com suavidade e doçura, como se fossem asas de mariposas.

Isso estava acontecendo? Menw estava ali com ela? Poderia cortar a tensão com uma faca? Menw extraiu o vidro da mão e a parte de tijolo da coxa. Ele colocou o ombro no lugar de onde havia deslocado e afastou o cabelo da frente para retirar os pequenos vidros que caíram no rosto.

Daanna o olhava, maravilhada. — Parece Tarzan, todo sujo e selvagem… — murmurou algo enquanto fechava os olhos e apoiava a cabeça no tronco da árvore. Não importava como ela mesma parecia, era consciente apenas da presença dele. De seu calor.

— Seu aspecto não é melhor — sussurrou Menw enquanto levava sua mão às costelas. — Parece que saiu de uma explosão — brincou. Apalpou a parte de tronco que atravessava o lado direito de Daanna e o partiu com as mãos.

Daanna abriu os olhos e o olhou por entre as entupidas pestanas. Menw utilizava outro tom, parecido ao Menw antigo.

— Está de volta, verdade? — perguntou. Menw recuperou o azul peculiar de seus olhos e, além disso, desprendia o aroma que tanto a embriagava. Sentiu que formigavam as presas e se ruborizou.

Ele exalou, ajoelhou diante dela e apoiou as palmas das mãos nas coxas, como um mestre de karatê sentado no tatame.

— Estarei aqui enquanto você me alimente — respondeu sinceramente. — E estarei aqui para dar seu dom, Daanna. Mas quero que entenda que as coisas mudaram. Se beber de mim, é minha responsabilidade, de ninguém mais. Se der meu sangue está sob meu amparo. Os deuses brincaram conosco, estamos envolvido nos seu jogo e agora que recuperei a consciência, quero ser responsável por isso. Não vou lhe enganar: sigo zangado com você e suponho que você segue zangada comigo pelo passado e presente… Mas é meu sangue que entrego, e serão as minhas normas que deve acatar. Veio para mim em busca de seu dom, veio para mim porque os deuses estimularam isso. Nossa relação deu um giro inesperado para ambos, um giro que não tem por que nos dar prazer, mas, é o que há.

Daanna o olhou fixamente e com seriedade. Não falava de permanecer ao seu lado por amor, era mais uma obrigação. Mas valeria a pena se assim pudesse gozar de tempo com ele.

— Entendo — respondeu ela. Esclareceu a garganta e adotou uma pose mais acalmada. — Juntamos mindinhos?

O curador não deixava de olhar através de sua alma, não tirava os olhos de cima. Algo brilhou em suas profundidades, algo parecido a um sorriso.

— Isso não muda minha decisão de ir uma vez que acabe tudo. — Daanna apertou a mandíbula, e se Menw viu ou não viu sua dor, a verdade é que o dissimulou muito bem. — Mas não tem que se preocupar por nada.

---

[27] *Doi muito!*

— Suponho que não acha que sejamos cáraids, não? Senão, nunca pensaria em ir.

Menw arqueou as sobrancelhas e sorriu incrédulo.

— Não acredito, não — mentiu. — E espero que você tampouco. Somos um capricho dos deuses. Você e eu nunca fomos parte um do outro como Vaniros. Mas o fato de não ficarmos juntos uma vez que acabe esta história de seu dom não implica que não possamos desfrutar do nosso trato como casal de conveniência.

O que dizia era horrível. Imundo. Menw sabia e ela também. Daanna pôde comprovar que seguia zangado tal e como disse, e que não confiava absolutamente nada nela. Mas os deuses advertiram que não seria fácil e ela jogaria todas suas cartas; não importava o que se deixasse no caminho se no final podia recuperar o amor de Menw, um amor sincero que ela pisoteou e desdenhou muitas vezes. Bem, tinha paciência. E se agarraria a ela. Mas até sabendo isso, o orgulho, que era a roupa favorita da Escolhida, a obrigou a responder mordazmente.

— Suponho que isso será muito duro e um sacrifício para você. Deveria agradecer por suportar este suplício. — Olhou para outro lado, sentindo mais frio de que podia tolerar.

— Não me dê isso ainda, isso acaba de começar. Rodeie-me o pescoço com os braços. Vou tirá-la daqui.

Daana sentiu que estava tremendo e que começavam a bater os dentes.

— É a perda de sangue que está fazendo com que entre em choque. Tranquila, ficará bem.

E aí estava esse tom preocupado por ela. Claro que ficaria bem, era imortal, não? Não lhe cortaram a cabeça nem lhe arrancaram o coração, assim sim, ficaria bem, mas ele precisava alimentá-la.

— Menw? — Daanna se abraçou forte a ele, e apoiou a testa em seu ombro. Não podia ter tudo de repente, não podia ser tão egoísta. Respeitaria as decisões de Menw, por agora. O mais importante era que seu curador estava de volta.

— Me diga.

— O vampiro que deixou paralisado no chão… — disse em voz baixa.

— Sim? …. explodiu a cabeça. Menw sorriu e fechou os olhos com força, para ver se assim conseguia desprender dessa ternura que despertava a docilidade da vanira.

Nada de emocionar por tê-la em seus braços e voar com ela.

Nada de sentir o calor de seu corpo tão próximo, a voz doce com que agora falava; uma voz que recordava a chakras e povoados antigos, a uma apaixonada noite de amor e de nós perenes. Para levar Daanna precisava manter-se emocionalmente afastado dela, caso contrário, ela acabaria com ele.

— Dei uns pontos de bloqueio da pressão sanguínea. Pontos Sipalki[28]. O sangue regou unicamente o cérebro, o inchou, e o crânio não suportou a pressão.

[28] *Sipalki-Do, em (coreano: Sib Pal Ki ou Sib Pal Gi, é uma arte marcial de origem milenar com raízes na China, que foi introduzida na região onde hoje se situa a Coréia do Sul por Mongóis. Até o ano 1552 d.C., na Coréia existiam mais de 56 técnicas distintas, com e sem o uso de armas. E no ano 1970, por ordem do Imperador da Coréia, as técnicas de Artes Marciais foram resumidas a 18, originando-se assim o nome Sipalki: SIP=10, PAL=8, KI= técnica, 18 técnicas (com e sem armas) ou "O Caminho para as 18 Técnicas".*

— Você gosta de lançar as coisas pelos ares. — Daanna estava aprendendo o conhecimento. Abraçou a ele com força e procurou o calor da pele do seu guerreiro. — Menw?

— Mmm? — não pôde evitar acariciar o cocuruto da cabeça morena de Daanna com a bochecha. — Se tudo fosse diferente…

— Eu não estou zangada com você. Não mais.

Menw não respondeu. Aumentou a velocidade e dirigiu a Piccadilly Circus, um apartamento de cobertura que só ele conhecia.

Capítulo 10

Piccadilly Circus

Menw sentiu como Daanna, inconscientemente, apertava contra seu corpo para procurar calor, enquanto cortava o gelado céu londrino.

Chamou ao líder Vaniro e contou tudo o que aconteceu. Caleb estava impressionado; primeiro porque não entendia como Daanna conseguiu burlar a segurança submetida a ela, e ainda por cima, montou um local alternativo pelo qual entrava e saía. E segundo, porque não podia acreditar que Menw saiu da Sala da Fome escavando como toupeira.

— Como ela está?

— Ferida, mas se recuperará — respondeu Menw, olhando preocupado. — De agora em diante, eu me encarrego dela. Daanna estará sob meu amparo.

— Em que sentido, Menw? Porque não sei se segue sendo meu amigo ou se passou para o lado escuro da força, e se for assim, então terei que afastá-la do seu lado.

— Vou estar bem se ela cumprir sua função.

— Cumprirá você a tua, Brathair? A alimentará?

Cumpriria? É óbvio. Desejava ver qual era o dom da Escolhida, ver como ela dependia dele e, também, em seu coração egoísta e atormentado, queria era estar com ela. Deitar com ela. Desfrutar e demonstrar tudo o que rejeitou ao desdenhar, ao traí-lo. Não era um homem vingativo, aquela era a verdade, mas a mulher que estava em seus braços o levou ao limite até que o cruzou, por sua culpa quase não volta do outro lado.

— Sim, cumprirei a minha. E a alimentarei, se ela quiser. Assim será.

— Bem — sussurrou Caleb, — avisarei a todos. Devemos nos mudar a outros lares, já que estamos muito expostos nas casas de Black Country. Será melhor que comecemos a elaborar um plano de ação que suporte o que provocou com seus festivais?

— Isso eu não provoquei, eles estão atrás de Daanna há muito tempo, e agora já decidiram ir por ela, certamente pela mesma razão pela qual os deuses se puseram em contato com vocês para nos dar novas diretrizes. Isso me diz apenas que o tempo de ir à guerra se aproxima.

— Avisarei todo mundo.

— Cal.

— Sim?

— Sabe algo de meu irmão? — perguntou esperançado.

— Sabemos o mesmo que você. Curador Menw?

— Sim.

— De verdade que é você? De verdade que voltou dos perdidos?

— Sim.

A linha ficou em silêncio.

— Obrigado por salvar minha irmã. Agora veja se pode cuidar dela de uma maldita vez.

— Vou tentar.

— Amanhã ao entardecer teremos uma reunião no Ragnarök. Espero os dois.

— De acordo.

Depois da conversa com Caleb, estava mais tranquilo. Sob seus pés, o frenesi e as luzes de Piccadilly Circus diziam que a vida seguia. A ignorância humana demonstrava que o fim do mundo ainda não chegou. Chegou ao seu apartamento de cobertura e aterrissou no terraço. As portas do balcão estavam totalmente abertas.

— O que fazemos no Piccadilly? — perguntou Daanna com voz rouca.

Ela adorava esta zona de Londres, Piccadilly era uma praça circular que concentrava uma intercessão de ruas populares e comerciais londrinas, bem no coração de West End. Compras, entretenimento, cultura, gastronomia… Tudo isso era Piccadilly, por isso era uma das atrações turísticas mais interessantes da cidade inglesa. Havia pôsteres publicitários e enormes telas de néon nas fachadas dos edifícios, na esquina do lado Norte. Ao redor, edifícios populares como o Londres Pavillon, o Criterion Theatre, ou monumentos como a fonte do Shaftesbury. Entretanto, mais de uma vez ela se perdeu olhando a estátua do guardião Anteros, o vingador do amor não correspondido. Daanna observou a figura e teve vontade de gritar. Seguramente era o herói de Menw. Anteros castigava os que não correspondiam e desprezavam o amor dos outros. *Anteros vai me matar*. As pessoas acreditavam que se tratava de Eros, o anjo do amor cristão, mas ela sabia que não. Esteve presente quando a construíram e sabia perfeitamente de que se tratava.

Menw entrou na casa com ela e disse: — Luz. — Imediatamente todo o piso se iluminou. Daanna sorriu.

— Vá, o que aconteceria se dissesse *comida*?

Menw a olhou de soslaio e ela não viu como os cantos de seu lábio se elevava para cima.

— Vamos ao banheiro, Daanna. Terá que se limpar.

Deuses, Menw tinha um autêntico lar montado ali. Um lar cheio de pequenos detalhes que davam calor e personalidade: das plantas interiores aos sofás cheios de almofadas; os tapetes brancos sobre parqué claro; as paredes de cores terrosas e as telas de plasma; os símbolos celtas de pedra na parede; o aroma de hortelã, alecrim, menta e camomila… estava convencida de que nesse apartamento de cobertura, o curador possuía um jardim botânico em algum lugar, ou uma estufa na qual podia trabalhar com suas plantas e sua medicina alternativa. Entretanto, o que mais entusiasmou e comoveu Daanna foram os tetos de cristal. Se elevasse o rosto ao céu tinha a sensação de que viviam sobre as nuvens, e era uma sensação tão agradável…

Entre a lua e as estrelas. Ela podia se imaginar ali, vivendo com ele. *Claro, Daanna, agora vai jogar conchinhas?* pensou irritada consigo mesma por albergar esses ridículos pensamentos.

Desde quando Menw tinha uma casa ali? O que ela sabia dele? Nada. Já não sabia nada. E o pior era que tentava se convencer de que o homem que a levava nos braços até seu banheiro seguia sendo o mesmo curador de antigamente. Mas o doce Menw de milênios atrás, o príncipe que sentia saudade, não tinha a ver com o Vaniro meio nu que a carregava como se fosse à caça do dia.

Deus, doía o corpo. As feridas ardiam, a pele ardia, e Menw cheirava tão bem…, não obstante, também estava ferida e com a dignidade ao chão.

Acabavam de destruir o único lugar no qual ela se encontrava bem.

Daanna tinha muito dinheiro, como todos os Vaniros. Eram seres com alto poder aquisitivo, mas ela não o gastava, já que não queria dar explicações a ninguém sobre o que fazia ou não fazia com ele. A superproteção a que foi exposta a aborreceu a tal ponto que fazia poucas coisas, unicamente para não ter que dar explicações a ninguém. Por isso se sentiu tão bem ao burlar a segurança que impôs. Sentiu-se poderosa.

Mas Brenda e seus vampiros lhe roubaram tudo com uma facilidade surpreendente. Seu carro, seu piano, sua música, seus livros, suas armas… adorava poder colecionar essas coisas, e agora estavam sepultadas sob um montão de escombros. Inúteis e imprestáveis. Como ela se sentia.

Brenda lhe roubou tudo, inclusive, sem se propor, roubou o único homem pelo qual ela esteve apaixonada. O único homem que ainda amava. E agora essa mulher voltava dentre os mortos para atormentá-la. Já não teve suficiente? Um arrebatamento de raiva a invadiu.

— Sentiu algo? — perguntou sem poder evitar. Sua voz rasgou o silêncio como cristais cortantes entre os dois.

— Quando?

— Quando a viu. Quando viu Brenda. — Apertou os punhos que estavam ao redor do pescoço do Vaniro.

— Nada em especial. E você?

Entraram no banheiro, que é óbvio estava com as luzes acesas. Era muito amplo, de cores negras e brancas, todo de mármore, exceto a cabine da ducha de hidromassagem que media uns dois metros e tinha umas pranchas de madeira escura no chão. Um espelho cobria por inteiro uma das paredes.

— Eu? Eu somente quis lhe arrancar as unhas e lhe arrancar os olhos. Como vê, não guardo rancor. — Comentou cheia de sarcasmo.

Mas guardava rancor. E muito. Igualmente guardava rancor dele, embora não de um modo tão visceral. Recordar Brenda era recordar às duas mulheres do Hotel 55. Com quantas mulheres se deitou Menw? Por que seguia doendo o que ele fazia? Demônios, sentia-se tão perdida. Destroçada, emocionalmente abalada, assim estava.

Menw estava se controlando, colocou um muro de gelo entre eles. Ainda pensava em abandoná-la quando tudo acabasse, e isso ela não permitiria. Queria seu dom, mas acima de tudo,

queria a ele. E lutaria por ele. Mas para isso precisava obrigá-lo a perder o controle. Queria arrancar essa máscara de indiferença. E só ocorria cruzar a linha. Ela devia dar o primeiro passo, ela devia guiá-lo de novo até seu coração.

— Sinto por sua casa — disse olhando-a nos olhos.

— É só uma casa. — Mas não era só isso. Era o lugar no qual lambia suas feridas depois de brigar com ele. E durante anos, brigar era unicamente o que faziam. E agora estavam virtualmente obrigados a se entender. Para ele era uma obrigação, e para ela uma necessidade de reivindicar.

— Sinto por Gabriel — acrescentou Menw com voz fria. — Deve ser duro para você perdê-lo.

Bastardo. Isso a ajudou a reunir forças. Não esperava um golpe baixo como esse. Daanna apertou a mandíbula e o fulminou com os olhos verdes jogando faíscas. Oh, sim. Menw não estava cômodo com a situação e desfrutaria perseguindo-a.

— Não quero brigar, Daanna. Não me olhe assim.

— Então não diga o nome do meu amigo como se a morte dele fosse engraçada. Não me provoque. Acabam de arrebatar a única coisa que eu ainda me apegava, minha casa, Menw, e por pouco me matam. Agora mesmo não tenho nada. — Foi sincera e mordeu o interior da bochecha para se fazer de forte. — Nada. Não é justo que diga algo assim. Não está certo.

— Só constato uma realidade — encolheu os ombros. — Perdeu o homem com quem interessou se vincular. Devia estar muito apaixonada, não? — Menw a olhava de esguelha enquanto a deixava no chão.

Dizia tudo a sério, como se acreditasse de verdade nas palavras que saíam de sua boca. De verdade acreditava? Não. Só a estava desafiando.

Bem. Jogariam os dois. — Sabe? É estranho — ela repôs, queixando-se ao pôr a perna ferida no chão.

— O quê? — ligou o grifo de água quente.

Tão distante, tão altivo. — Não vejo cordas nos tetos, nem varas, nem cadeiras de tortura… — sorriu interiormente ao ver como esticava as costas e a encarava.

— Não vá por aí.

—… não vejo perucas negras, nem lentes de contato verdes…

— Maldição, se cale. — A puxou pelos braços e a obrigou a ficar nas pontas dos pés. — Nem presas, nem… — continuou sem se amedrontar.

— Daanna! — gritou Menw com as bochechas vermelhas. Seu grito fez que os cristais tremessem.

—… nem nada que te possa fazer recordar as mulheres que pudesse trazer ao seu ninho de amor parecidas comigo! Não vejo nada disso em seu castelo, Menw, por quê? Só faz em hotéis?

— Se cale ou senão…

— O quê?! — explodiu com tanta energia que sentiu como ele se excitou ao recebê-la. — Me amordaçaria? Penduraria-me no teto como se fosse um porco em um matadouro? Deixará meu traseiro como um tomate?! O que, Menw? O que me fará?!

— Quer assim? — se aproximou com seu corpo e mostrou a expressão furiosa de seu rosto cheio de arranhões. — Te ate, submeta e amordace?

Odiava. Odiava brigar com ele e que os olhos enchessem de lágrimas sem derramar. E essas eram as piores, porque o sal ardia muito no interior, e ela estava machucada por dentro. Menw sábia como machucá-la, sabia como dar uma boa estocada e ela não suportava que se fizessem mal. Não podiam ir por aí. Alguém precisava ceder.

— Não quero assim! — começou a tremer cheia de fúria. Os olhos verdes dele se obscureceram. — Eu… eu… somente… quero…

— O quê?! Peça isso Daanna! — ele podia ver em seu interior e sabia perfeitamente o que ela necessitava. Ele estava ali para dar, mas desta vez Daanna precisava aprender a tragar o orgulho e solicitar. — Me diga de uma vez o que é que quer de mim!

Os lábios de Daanna tremeram. O que queria? *Tudo. Quero tudo. Sou assim egoísta*. Em outros tempos, Menw sempre se oferecia e sabia com antecipação o que pediria. Daanna não demandava nada, sempre previa e provia antes que ela abrisse a boca. Acostumou a que a servisse e que ele, de algum modo, cobrisse suas necessidades. Mas tudo isso mudou. Fazendo provisão de coragem levantou o queixo, mas esquivou seu olhar azul.

— *Omhailth*? — murmurou em voz muito baixa. — Me beije.

***

Menw se encheu como um galo. E ficou olhando para ela por um longo momento, desfrutando dessa pequena vitória.

Por que me olha assim? Por que não faz algo? Ele tinha o poder de enterrá-la viva se a rejeitasse.

— Me perdoa, não ouvi. O que disse? — *Só um pouco mais, empurrá-la um pouco mais.* Daanna apertou os punhos e o olhou nos olhos. Nenhum dos dois esperou aquela reação.

— Me beije! — o empurrou com todas suas forças e golpeou o peito com o punho fechado. — Me beije! — golpeou de novo, com toda a cólera e o desespero que sentia. — Faça que sinta algo! Faça que desapareça o frio! Faça que…!

Menw a beijou. E não foi um beijo do príncipe das fadas. Foi o beijo do demônio. Um brutal, descontrolado, que a estimulou e a fez reagir em questão de segundos. Jogou a cabeça para trás e colocou a língua na boca, com força, agressivamente. Como um guerreiro conquistador que não dava trégua a nada nem a ninguém.

Daanna não esperava aquela sensação. A língua de Menw acariciava o interior de sua boca, forçava que o aceitasse e logo brigava com a sua. Ela pediu, mas não esperava essa reação, e não significa que a surpreendesse. Seu curador a beijava depois de dois mil anos, e se sentia… tão bem.

Ela cedeu, necessitava desse contato. Abriu a boca e montou timidamente com sua língua a dele. Menw grunhiu. Puxou sua cintura, a levantou e a segurou contra a parede. Logo levou suas enormes mãos a suas nádegas e a agarrou pelo traseiro enquanto ele se balançava contra ela. Daanna se queixou imediatamente e cortou o beijo, encostou sua testa no mármore negro, ao lado do ombro ferido da vanira.

— Não pare, não pare, por favor… — implorou, sepultando o rosto em seu pescoço. Inalou profundamente e seu coração se sentiu em casa ao cheirar a baunilha frutada que desprendia da pele de Menw. Segurava seus ombros com força. Estava enjoada. Respirava com dificuldade. Deuses, as presas doíam e a faziam salivar. Sua virilha palpitava e estava preparada para ele, seu corpo vazio exigia que o enchessem. E ela o queria enchendo tudo o que oferecia. Abriu a boca e deu uma longa lambida sensual na carótida.

— Merda… oh, vou cair! — exclamou, sua ereção aderindo a sua virilha. — Está bem, tranquilo… — disse a si mesmo. Ele não podia acreditar que com apenas um beijo seu corpo reagiria dessa maneira. — Antes tem que se curar Daanna. Tem que estar bem.

Aquele tom de voz… Quando Menw se preocupava com ela era tão tenro. Roçou sua pele com as presas e deu uma pequena dentada superficial.

— Será minha primeira vez, Menw — murmurou, levantando uma perna e rodeando a cintura com ela. — A primeira vez que mordo alguém. Minha primeira vez com você. Vai-me negar isso?

A voz de Menw se moveu de cima a baixo quando tragou saliva. Já estava aí a pantera.

— Deixará que eu beba de você? — perguntou insegura, esperando com expectativa sua resposta.

— Quero que beba de mim. — Deixou claro aderindo a ela. — Mas Daanna, se fizer, não haverá volta para nenhum dos dois. — Enterrou o rosto em seu cabelo e a olhou. — Tem que estar segura. Já sabe o que passará. Sabe que não vou ficar.

— Não me importa — mentiu. Acha que vai me deixar. *Fa'oin*[29]? — Tenho sede. Sede de você.

— Se beber de mim, não me negue o que venha depois. Sabe que o sangue é afrodisíaco, verdade?

— Se cale Menw. — Levou uma mão a seu cabelo e a fechou num punho. Abriu a boca e pregou os incisivos em sua pele. Então começou a beber como uma mulher sedenta de vida, como uma jovem necessitada de amor.

Menw revirou os olhos e aceitou que a mulher que estava em seus braços bebesse dele. Daanna bebia e bebia. Não se saciava, seu sangue esquentou a alma e a pele, e demoliu uma parte do gigantesco muro que havia entre os dois. Mas Menw estava fechado mentalmente. Não queria compartilhar seus pensamentos. Estava louco? Com ela não podia jogar assim, ela era muito forte mentalmente, estava especializada em circuitos neurais. Deu um empurrão mental e ele se entrincheirou. Não, não permitiria, não a deixaria ler seu sangue. Ele não brigaria com ela por isso também. Voltou a empurrar com insistência e ele se negou a deixá-la entrar.

Daanna. Não. Daanna.

Deixe-me entrar, Menw. Quero ver tudo. Quero saber.

Daanna puxou seu cabelo loiro e emaranhado, acariciou a parte posterior da coxa com seu pé, e balançou sua ereção com sua virilha, movendo os quadris para frente e para trás. Menw

[29] *Tolo.*

uivou, ela sorriu e entrou em suas lembranças. *Homens.*

E então viu tudo.

A primeira vez que ele a viu quando ainda era um bebê.

Seus jogos e suas conversas quando crianças.

Seus olhares e suas insinuações quando adolescentes.

O modo em que a protegia dos romanos e seu modo de demonstrar que a amava.

Seus segredos e suas confissões.

Sua primeira e única noite juntos.

Suas tatuagens do nó perene. Essa lembrança estava quase coberta de ouro, num pedestal. Durante séculos, essa noite o salvou da escuridão total. *Deuses, Menw*.

A transformação e a chantagem que o obrigaram a aceitar os Vanir.

Dor. Quanta dor sentiu ao ter que traí-la. Quanto desconsolo ao vê-la tão mal por sua traição. Quão pouco pormenorizada foi ela com isso.

Sentiu a esperança que renascia nele quando Brenda se foi com Lucius e Seth. Menw acreditava que ela voltaria, que se interessaria por suas razões, que iriam poder falar. Olhava então ao futuro com otimismo, com a crença de que ela o perdoaria.

Não fiz, verdade? Abraçou-o com mais força e bebeu dele com todo o cuidado de que foi capaz. Então, Daanna se viu através de seus olhos, sob seu prisma. Sofreu todos seus desaforos, toda sua raiva e sua indiferença em sua própria pele. Ele sempre esteve ali para ela, protegendo, cuidando, esperando, sempre esperando. Ela nunca lhe deu oportunidade. A esperança se tornou incerteza, e com os séculos, a incerteza se tornou em decepção. E, entretanto, cada vez que ele se afundava, ou quando sentia a necessidade de atirar tudo pelo muro, recorria à lembrança de sua noite juntos como humanos, de sua promessa, de suas tatuagens.

Enquanto bebia seu sangue, os olhos de Daanna não deixavam de chorar e caíam lágrimas enormes, cheias de pesar através dos cantos de seus olhos.

Numa noite decidiu quebrar o coração. Aquela noite veria Gabriel, e Menw rogou que desse outra oportunidade, e ela desfez sua reclamação. Primeiro fez de boca, e logo através de suas ações. Quando Menw presenciou a troca de sangue, Daanna pôde sentir o frio que penetrou em seu interior e como a pequena luz que ele seguiu mantendo em seu interior e que serviu como farol para nunca ir à deriva se apagou. Ela a apagou.

Ele se voltou louco, perdeu-se. Começou a beber sangue, não muito, doses pequenas, porque ele sabia que se bebesse mais, transbordaria a quantidade de sangue em seu corpo e estaria definitivamente perdido. Aproveitava umas gotas de suas vítimas e as mesclava com suas bebidas. Daanna estava vendo o que fazia com as outras mulheres. Ele queria acreditar que se tratava dela. Era a ela quem mordia, era dela o sangue que bebia e era ela a quem castigava. O vampiro a odiava e a desejava em partes iguais, e em sua cabeça, aquela era sua vingança. O Vaniro não estava muito afastado dessas emoções, mas a honra estava tão enraizada em seus princípios que conseguiu manter a raia a baixeza do nosferatus que queria nascer. Por sorte, Menw foi forte. Não se deitava com essas mulheres, graças aos deuses, não se deitou com ninguém. Mas as mordia e as tocava por onde tinha vontade. *Cortar as mãos, cretino*. O puxou

pelo cabelo com força e o rasgou com as presas.

— É isso! — Menw jogou o pescoço para trás e começou a mover os quadris com força. — Me demonstre que está gostando, pantera.

E como última lembrança, as palavras que disse em Oxford Street depois de voar a sede do Newscientists: *Nunca será meu par. Nunca o quererei.* Por que o fazia depois de tudo o que ela fez para afastá-lo? Que motivo havia para querê-la ou para aceitá-la de novo?

Capítulo 11

Daanna deixou de beber. Poderia beber dele toda vida, poderia estar grudada ao seu pescoço como uma tatuagem e seria feliz para sempre, mas deixou de beber. Lambeu as feridas dos incisivos e beijou a zona com tanta doçura que a Menw tremeram os joelhos.

Apoiou a testa em seu ombro e ficou pensando em tudo o que viu. O que precisava fazer para recuperá-lo? Seus olhos clarearam, sentia-se forte e bem fisicamente. Seu estado de ânimo que estava mal. Uma merda e ela não teriam muitas diferenças nesse momento.

Menw estudou sua expressão. Ela recusava a olhá-lo, estava envergonhada ou muito afetada por tudo o que viu.

Ah, não. Nem pensar. Estava com uma ereção enorme e essa mulher o deixou louco desde que nasceu. Não deixaria que agora se intimidasse. Levantou o queixo, mas ela se negava a olhá-lo nos olhos e puxou seu belo rosto.

— Gostou de meu sangue, Daanna? Há…? Daanna esqueça o que viu. — Ordenou, agarrando fortemente seu rosto. — Gostou de beber de mim?

Daanna tinha um nó na garganta que não permitia falar. Menw se sentia tão inseguro e desconfiado a respeito dela que pensava que não cumpriria sua parte do trato ou que sequer gostaria de seu sangue.

Doía ver que não se sentia seguro consigo mesmo quando estava com ela.

A jovem clareou a garganta e obrigou a responder. — Eu adoro seu sangue. Menw. Deixa-me louca. — O olhou nos olhos com sinceridade. Ele relaxou, soltou seu rosto e levou suas mãos ao seu cabelo. Retirou dois cristais que foram certamente expulsos de seu couro cabeludo uma vez que sarou as feridas, e os jogou ao chão. Ambos titubeavam no ar, um ar carregado de vapor. Nenhum dos dois queria dar um passo em falso.

— Me deseja. — Ela comprovou movendo a virilha contra sua ereção.

— Não me diga? E eu que pensava que o que tinha aí era uma cenoura.

Daanna meio que sorriu, ainda não estava segura do humor que havia entre eles. Não confiavam um no outro, mas havia uma história entre eles. Uma história passada, mas cheia de experiências e aquilo os unia. — Uma cenoura gigante. Menw deseja?

— Disse a você. O sangue é afrodisíaco, claro que desejo.

— O sangue é afrodisíaco quando se trocam entre casais reais ou entre casais que se gostam muito. Sabia por que Shenna, Beatha e Aileen o explicaram.

— Bom, a atração nunca foi um problema entre você e eu, verdade? — perguntou ele olhando a boca e as presas. — É a única realidade entre nós dois Daanna. — Perguntou com decisão. — Vai se acovardar? Não vai cumprir sua parte do trato? Dei meu sangue, o que faço agora?

— Não sou nenhuma covarde, você sim — o acusou abertamente.

— Você que está dizendo. Não sou covarde, sou inteligente e precavido, e agora me responda, você me deseja?

Daanna o olhou nos olhos e assentiu.

— Sempre, Menw. Cada dia de minha vida.

— Não minta — fulminou com o olhar.

Daanna elevou a mão e a pôs sobre os lábios. Menw negaria cada uma das confissões que reconhecesse. Era resistente a confiar, reticente a acreditar em qualquer coisa que contasse sobre seus sentimentos.

Bom, havia outras maneiras de demonstrar o muito que gostava.

— Quieto, quer ver o muito que o desejo? Olha. — Pegou a mão que Menw segurou em seu traseiro, e a levou a parte da frente.

Entrelaçou seus dedos com os dele e a colocou dentro da calça, por debaixo da calcinha, até alcançar sua parte mais sensível e achar o calor e a umidade que aí residia. Ela ficou nas pontas dos pés e abriu um pouco as pernas.

— Deuses, Daanna, estás… — gemeu.

— Sim… por você… — murmurou ela mordendo o lábio. — Vê o que me faz? — se inclinou para frente e o beijou nos lábios, muito lentamente.

Menw moveu os dedos em sua umidade acariciou o diminuto buraco por onde ele a possuiria.

— Menw.

— Quer foder?

— Tire a minha roupa.

Ele se rendeu diante daquelas palavras.

Simplesmente assim. Fácil assim. Daanna pedia e ele obedecia, O que importava se havia um abismo entre eles? Seus corpos estavam aí e iriam se servir deles.

Com mãos trementes, agachou e tirou as botas. Logo desabotoou as calças curtas e as baixou, levando com ele as meias destroçadas. Quando se levantou, levou a camisa de corte italiana manchada de sangue, e a seguir desabotoou o sutiã branco que fechava na frente. Uma vez nua Menw ficou olhando como se fosse uma aparição.

Aquela mulher, vestida só com uma diminuta calcinha branca, tinha o poder de colocá-lo de joelhos, Daanna, inclusive com o cabelo embaraçado, olhos avermelhados de ter chorado, o rosto cheio de machucados, e aquela boca ilegal e voluptuosa, personificava o pecado. Seu corpo era

uma ode ao vício e ao prazer da carne. Tinha uns ombros preciosos, a cintura magra e uns quadris marcados com curvas capazes de provocar um infarto. Suas pernas perfeitamente moldadas e ligeiramente musculosas. Longas, firmes, como seu estômago. Ele sempre soube. Era dinamite.

Ela o olhava por sua vez, tremente e excitada.

— Tire a calcinha — Menw acomodou a ereção dentro da calça com a mão.

Ela se ruborizou um pouco, mas obedeceu. Deslizou os polegares pelas costuras laterais da roupa interior e moveu os quadris de um lado ao outro, seduzindo, hipnotizando com o movimento, até tirar pelos tornozelos. Ficou tal e como veio ao mundo. Não tão inocente, mas sim completamente nua.

— Sua vez — disse ela com voz rouca. — Fique nu.

Daanna deu um passo a frente e penetrou seus dedos na cintura das calças e tocou por todos os lados. As abaixou e levou a cueca negra com elas. Levantou enquanto acariciava seu corpo com as mãos e o estudou um pouco intimidada.

Suas tatuagens, seu corpo agressivo e maior que o dela, esses ombros tão largos e… deuses, era todo musculoso. Olhou sua ereção e sentiu que umedecia entre as pernas como resposta. Como pôde caber? Tinha um pênis muito grosso e comprido que se levantava soberbo para cima, dentre um arbusto de cabelo púbico claro. Quase da mesma cor que seu cabelo, mas não tão claro como o da cabeça. O cabelo de Menw era um loiro tão limpo e tão dourado que mais de uma campanha publicitária de xampu gostaria de tê-lo para si. Agora estava sujo e despenteado, mas, o que importava? Era formoso. Estava inchado e venoso, e tinha a pele clara. Na ponta do prepúcio uma gota perolada de desejo. Seus olhos azuis o olhavam através de seus cílios negros, tão cheios que às vezes parecia que pintava a linha do olho com Kohl. — Você gosta do que vê?

— É um pouco ameaçador — sussurrou ela acariciando seu corpo com os olhos.

Menw levou a mão ao pênis tão duro como uma rocha e o acariciou. — Os deuses Njörd e Frey nos mudaram. O fizeram maior.

— Fantástico. Deixam-nos sem pelo e vocês ficam maiores. Viva a igualdade — murmurou, dando outro passo para ele até tocar com seus seios o torso dele. Menw exalou tremente. — Já estive dentro de você. Não tema.

Ela olhou para ele assustada e recordou a experiência no hotel. Não. Ela não queria voltar a ter sexo como se fosse um cavalo. Ela queria que a olhasse enquanto fazia amor.

— Não, Menw, assim não…

— Tranquila, *mo* Daanna — acariciou a têmpora com os lábios e pôs uma mão no quadril, rendido à suavidade daquela mulher. — Não será assim. — Ela assentiu mais tranquila e levou suas trêmulas mãos a seu peito. Passou-lhe os polegares pelos mamilos e ele ronronou.

— Menw.

— Sim?

— Este coelho quer sua cenoura.

Uma risada rouca atravessou o interior de Menw. Comentários assim eram próprios de Daanna humana. Daquela mulher celta cheia de vida e alegria, que brincava com ele e provocava até deixá-lo louco. Louco de desejo. Louco de calor, de carinho, de amor, louco dela. Mas o tempo

e a traição a converteram numa mulher fria e distante, afastada das emoções e muito altiva.

Não era justo pensar que só ele sofreu com aquela relação. Mas saber tampouco devolvia à calma e a segurança, e nem tirava o rancor que sentia por ela pelo que aconteceu no final. Daanna e ele não eram cáraid reconhecidos, mas sentia como se infringisse a mais alta traição entre casais. Entretanto, ela estava ali, na frente dele, ambos nus e tremendo pelo desejo não satisfeito.

Sim, era seu trato.

O desejo. Isso era unicamente o que tiveram em comum, e isso era o que ele exploraria ao máximo, até que já não pudesse mais nem um, nem o outro.

— Daanna.

— Sim? — disse ela, acariciando um bíceps com a ponta dos dedos, alheia a todos os pensamentos que ele tinha a respeito dela.

— Não diga que não adverti isso. Não diga que não dei a oportunidade de escolher. — Elevou pela cintura e a beijou na boca. Ela aceitou sua invasão e deixou que a levasse a ducha enquanto o beijava com o mesmo frenesi.

Suas línguas se trancaram em uma batalha vibrante e escorregadia, uma que aviva as chamas. Ela rodeou seu pescoço com os braços e gemeu ao sentir que mordia ligeiramente a ponta da língua.

— Rodeia minha cintura com suas pernas.

Com ela ancorada de pernas e braços em seu enorme corpo, Menw os internou na cabine ampla da ducha, e enquanto a beijava permitiu que a água os lavasse, limpasse. A tocava por baixo, por todos os lados. Seus dedos se moviam destros em seu sexo, esfregando e pulverizando o creme de seu desejo. Estava preparando a consciência. Suas presas se alargaram e as dela também enquanto, abraçados, balançavam um ao outro.

— Vê a barra metálica que há sobre sua cabeça?

Daanna assentiu. Poderia ser um toalheiro perfeitamente, mas sabia que ali era onde Menw fazia flexões verticais.

— Pega ela.

Daanna elevou os braços e se pendurou na barra. Isso fez que seus seios ficassem à altura do vaniro como uma oferenda. Menw a olhou fixamente e baixou a cabeça para dar uma lenta, comprida e úmida lambida ao mamilo rosado de Daanna. Este em seguida se endureceu. Daanna fechou os olhos e jogou o pescoço para trás.

— Olha-me. Olha tudo o que faço — ordenou Menw, beliscando o outro mamilo com os dedos. Enquanto ambos se observavam, Menw fez círculos com sua língua sobre o mamilo até deixá-lo duro como uma pedra.

Daanna balançou seus quadris para frente e ele grunhiu, continuando seus movimentos. Ao mesmo tempo, abriu a boca e ela ficou a tremer quando divisou suas presas maiores e largas que as dela, mas não a mordeu. Fechou os lábios sobre ele e começou a sorver e a chupá-lo com delicadeza.

Deuses, iria gozar. Podia alguém gozar através dos seios?

Menw não tinha muita paciência quando se tratava de Daanna. O corpo da vanira, os anos

de frustração e eternidades inteiras o deixaram fraco para ela, e agora, o único que queria era se meter entre suas pernas e fazê-la explodir até que nenhum dos dois pudesse caminhar. Pôs a ponta grossa de sua ereção na pequena entrada de Daanna.

— Desce pouco a pouco. — Ela estava gemendo com apenas entrar em contato com ele. — Não o faça de repente ou farei mal.

— É muito mandão — respondeu.

— Sou dominante e eu gosto.

Bem, ela também. Lentamente, baixou sobre seu corpo até que notou como aquele falo enorme a distendia. Era excessivo. Ele se impulsionava para cima e a abria sem olhares. Sabia que Menw tentava ser cuidadoso, mas não podia. Com esse aparelho entre as pernas não seria fácil para nenhuma mulher. Mas ela era sua mulher.

— Isso é, *mo leanabb*.

Daanna abriu a boca para agarrar ar a baforadas. O coração ia a mil por horas. Menw a chamou, minha menina, em um momento intenso entre eles, e o disse com tanta doçura que estava a ponto de voltar a chorar. Impulsionou-se para baixo até que notou que a ampla cabeça entrava e que meio tronco se deslizava de repente em seu interior. Impressionada aumentou os olhos e soltou um grito afogado. Ele a agarrou pelos quadris e rugiu como um leão faminto. Apertou os dentes e com uma mão a puxou pelo cabelo e a estampou contra a parede enquanto a mantinha trespassada. O movimento surpreendeu os dois.

— Não se mova, agora… não mova, não quero perder o controle.

Estava sofrendo, Menw estava sofrendo por ela. Mas ela não tinha medo dele, e sabia que ele cuidaria de suas necessidades.

— Menw — sussurrou em seu ouvido e mordeu o lóbulo da orelha. — Menw. Somos apenas nós dois. O controle aqui sobra, eu não gosto dos trios.

Ele levantou a cabeça de repente e sorriu como um selvagem, perdido em seu corpo e alheio a nada que não fosse ela. Então a ancorou como um animal à parede e começou a investi-la com uma força arrebatadora. Entrou por completo à terceira estocada e Daanna podia apenas se segurar e se entregar a ele. Escorregavam as mãos da barra metálica, e levou uma delas à nuca de Menw, para se firmar ali. Puxou seu cabelo e amarrou bem, obrigando a olhá-la nos olhos. A ducha cheirava a sexo, de baunilha e de limão.

— Olha-me — choramingou ela, mordendo o lábio inferior. — Olhe-me para que veja com quem está, sou eu, Daanna.

Menw grunhiu e afundou a cabeça em seu peito para mamá-lo como um homem faminto. Ele afundava até o fundo, sentia como ela se umedecia e lubrificava a penetração. Já não era tão doloroso.

Daanna deixou que fizesse com seu corpo o que tivesse vontade.

Estava bem se entregar ao único homem que amava. Estava bem ceder ao desejo frustrado por tantos anos. O único que precisava fazer era não se perder totalmente na entrega. Estava bem. Não?

E então investiu com tanta força e tão dentro que tocou um ponto que nem ela sabia que

tinha. Estava estimulando aí, justo aí, em seu interior e notava que o orgasmo vinha desse lugar secreto e ultrassensível.

— Você gosta aí? Bem dentro? — perguntou, movendo os quadris para reforçar a pergunta. Ela assentiu com a cabeça, pois não podia falar.

— A mim também.

O golpe da carne contra a carne acompanhava as rítmicas estocadas, ela sentia como os testículos de Menw açoitavam o traseiro. Ele de repente abriu a boca sobre seu peito e, sem avisar, cravo as presas. Daanna grito com todas suas forças, e o segurou grosseiramente pelo cabelo. Mas quando começou a beber e a sugar, os tremores do orgasmo percorreram os seios, o estômago e a virilha, acariciando por toda parte. E ela explodiu. Explodiu com tanta força que esteve a ponto de levar a barra consigo. Menw não deixava de beber, não parou de arrasar seu corpo até que, cravando os dedos nas nádegas, impulsionou os quadris com força em três movimentos hábeis e encheu em seu interior até gozar. Esvaziou-se nela, para logo deslizar até o chão de madeira com Daanna em seus braços. E ambos se entregaram à luz do êxtase, a única que vaniros como eles podiam ver e tocar sem ser danificados fisicamente. A única que não os poria vulneráveis. Ou ao menos, isso acreditava.

Aí estava sua perdição. Ele, seu príncipe das fadas.

Estavam no chão, abraçados, ela em cima dele, na mesma posição em que caíram sem forças. Ela sentada escarranchada com esse homem enorme em seu interior, ainda balançando lentamente e tremendo com as sensações secundárias do orgasmo. A boca grudada ao peito, e respirando sobre o mamilo, como um menino completamente satisfeito.

Mas não era nenhum bebê. Era um macho dominante, depravado após tirar de sua fêmea o que necessitava. Passou a língua sobre as incisões e as fechou com sua saliva cicatrizante.

Menw pode fazer o mesmo com meu coração? Feche as feridas. Estava acariciando o nó perene que rodeava o amplo e inchado ombro pelo esforço de sustentá-la, meu.

Como mudaram! Quanto tempo passou até que a resistência os fez pedaços! Já não se conheciam e houve tanto dano… Repassou com a ponta dos dedos as tatuagens que rodeavam o braço. Eram espetaculares, Menw tinha dez pulseiras desenhadas em cada braço. Pulseiras que cobriam a pele por completo, dos bíceps até os pulsos. Em cada pulseira havia uns intrincados símbolos que ela desconhecia. No ombro esquerdo havia uma árvore celta da vida e a morte, que igual ao combarradh, rodeava seu ombro por completo.

Quando o fez? O que eram? Estando assim acariciando. Um ao outro, em silêncio, parecia que o tempo não passava.

— Quando me toca e me beija assim, sinto que nada mudou. Que o tempo não passou — sussurrou com a bochecha sobre seu ombro, apoiada no, *Wow, garota, muito depressa, mais tranquila. Não pode assustá-lo, não pode se lançar*, se recriminou ao se dar conta que seguia sendo impulsiva estando com ele. Não, não podia evitar o fato de que as coisas entre eles não estavam bem. Ele não confiava nela e ela não podia expor tanto. — O que é esta tatuagem?

Menw se moveu um pouco incômodo e beijou o mamilo com suavidade.

— Mas passou. Passaram dois mil anos — murmurou, acariciando o seio com a barba loira

incipiente que crescia. A pele de Daanna era tão cor de marfim que logo ficou marcada. — E aprendi a lição, as tatuagens são uma prova disso. Agora sei como é — levantou o rosto e a olhou fixamente, — como sou.

— O tempo me abriu os olhos. Aprendi à força, não acha? Fez-me acreditar que era compassiva, que se compadecia das pessoas e que era misericordiosa. Passei minha vida como humano te venerando e cuidando de você, acreditando que era boa e pura e que jamais faria mal a ninguém intencionadamente. Daanna a Escolhida — recitou solenemente. — Me equivoquei.

Ela esticou e seus olhos se obscureceram. Menw se balançou de novo em seu interior e voltou a deixá-la quente e molhada.

— Cometi um engano. Fui presa em um jogo dos deuses e me obrigaram a renunciar a você. E eu aceitei as normas que me impuseram porque queria te proteger, porque estava convencido de que me daria à possibilidade de me explicar, que esse castigo e seu ódio não seriam eternos, e que, em algum momento, poderíamos solucioná-lo.

Ele precisava deixar claro qual era sua postura. Dois mil anos e a pior punhalada do mundo não seriam esquecidos por uma transa com ela na ducha. Ele queria que ela reconhecesse algo. Que reconhecesse que foi ela, em sua última sacanagem, a que a enviou ao mesmo inferno. Daanna ocultava um grande segredo. Ele podia ver, notava. Ocultou quando bebeu dela no hotel, e ocultou agora, enquanto faziam amor. E ele sabia perfeitamente de que se tratava, mas queria que ela admitisse.

— Mas estávamos longe de solucioná-lo. Viu quantas vezes me humilhei por você? — acariciou o rosto admirando suas belas feições.

Maçãs do rosto altas, sobrancelhas arqueadas, olhos verdes e rasgados, agora brilhavam afetados pelo que ele dizia. E essa boca, essa boca que fazia beicinho e ele necessitava ser forte para levá-la contra as cordas.

— Quantas vezes roguei por…?

— Não sabia Menw. Juro que não sabia.

Ele apertou a mandíbula.

— Não iria me perdoar nunca. Iria abandonar-me. Bom, me abandonou. — Esclareceu, adiantando os quadris e levantando para logo girar e deixá-la de costas no chão. Abriu as pálidas coxas e empurrou com potência, em cima dela. — E te assegurou de fazê-lo bem. Acreditam que é um anjo, que vai salvar o mundo, mas engana a todos. Uma pessoa que tem bom coração não faz o que você fez.

Pôs as palmas das mãos sobre o peito e tentou apartá-lo, mas ele não permitiu.

— Não, vai me escutar. Trocou sangue com um morto. Gabriel já estava morto e você sabia. Fez todos acreditarem que foi um ato de bondade desinteressado, mas sabia que não podia fazer nada por ele.

— Eu queria salvá-lo!

— Mentirosa! — gritou a um palmo de sua cara. — Bebo de seu sangue e há um muro. Sei qual é e sei do que se trata. — Menw soube que ela entendia ao vê-la empalidecer tão rapidamente. — Não pode ocultar isso porque sei aqui — pôs a mão sobre o peito, no coração. —

Bem aqui.

Daanna negava frenética e lutava com ele. Menw tomou as mãos e as levantou por cima da cabeça, deixando-a indefesa.

— Não faça isso, Menw — implorou.

— A verdade é esta: sabia que eu chegava à casa de Adam. Sabia da mesma forma que eu podia saber quando você estava perto. Cheirava e não havia mais escolha que seguir. Deu-se conta que eu me aproximava porque senti sua pena e seu desconsolo e eu ia socorrê-lo como um inútil! A verdade é que o fez com premeditação. Deu seu sangue a Gabriel em meu maldito rosto — acariciou um peito com a mão. — E tive que engolir toda a cerimônia, e você foi consciente que eu estava ali, vendo tudo. Vingou-se de mim e o fez com consciência, Daanna. Não foi um engano, não uma fatalidade do destino, nenhuma casualidade. A menina doce, a mulher carinhosa que eu acreditava que foi, desapareceu diante de meus olhos quando vi a baixeza do que fazia.

— Não! Não, Menw!

— Reconhece! — A água jorrava através de suas mechas largas de cabelo loiro e se mesclavam com as lágrimas e a impotência da vanira. — Diga a verdade! Seja sincera!

Mordeu no pescoço e começou a mover os quadris de novo, enchendo-a até o limite e retirando para voltar a começar. Ficou de joelhos e levantou seus quadris com ele sem deixar de sacudir seu interior. O corpo de Daanna fazia um arco perfeito sobre o chão da ducha. Seu cabelo negro caía para trás, úmida cortina azeviche, e ela estava lá, perdida nas acusações e submetida ao corpo de Menw, a ponto de chegar ao orgasmo. Explodiria, embora não quisesse fazê-lo, não desse modo, com Menw despindo suas intenções e suas baixezas. Gritaria a ponto de culminar, mas então ele parou e levantou a cabeça de novo para olhá-la.

— Diz — estava cansado e muito excitado. Estava furioso.

Daanna tentou mover para alcançar o orgasmo sozinha, mas ele a imobilizou.

— Nada disso — baixou as pernas e a deixou novamente estirada. — Diga. Não me deixa ver em sua mente, acha que pode ocultar isso, mas há coisas que não podem esconder ao casal de vida, Daanna. Não a mim.

Ela ficou sem respiração quando Menw reconheceu que era seu cáraid, quando o disse sem emoção, como se falasse a hora. Então esfriou e reconheceu que sabia uma de suas duas vergonhas, Menw dizia a verdade. Ela o fez de propósito, e em um ato de impotência e ódio para a vida, castigou-o e se vingou por toda a dor infligida. Não estava orgulhosa disso.

— Você me lançou à escuridão — murmurou ele em seu ouvido. — Você. Admite. A verdade pode ser liberadora, já não terá que me ocultar nada nessa tua cabecinha, mas pelo menos teremos sido sinceros um com o outro. Queria deixar as coisas claras e demonstrar que não vai me provocar. Não é um anjo. Nem misericordiosa. Nem uma santa. E caiu do meu pedestal semanas atrás, as mesmas que passei com Loki pisando os calcanhares.

Ambos ficaram calados, cansados da intensidade de suas emoções. Menw não sairia de cima e não o faria até que admitisse sua falta.

— Sim — disse ela por fim, com o olhar perdido e a voz monótona. — Sim. Sabia o que fazia e sabia que estava ali. Sim, o sinto. Peço perdão por isso. Rogo que me perdoe — mas não olhava.

Já não olhava nada, e seus olhos verdes se apagaram. Era um brinquedo quebrado cheio de vergonha.

— Entende por que não posso ficar? — sussurrou ele, lambendo a dentada de seu pescoço. — Entende agora? Matou-me. O que fará se a faço zangar-se? Ou se decidir que não quer ficar comigo? O que fará se aparecer outro Gabriel por aí? Morderá ele?

Ela fechou os olhos um momento, e quando os abriu de novo, seu olhar aterrorizado, como se vivesse um pesadelo do passado, e impactou totalmente no peito.

— Não. Não penso fazer nada disso. Eu sofri a mesma dor que você quando o vi chegar com ela — choramingou com a voz apagada, — com Brenda…, também me feriu. Agora sei que estive equivocada, mas nestes dois milênios sobrevivi a sua suposta traição, porque então, eu acreditava no que me dizia, acreditei em tudo. Admitiu diante de todos, Seth, Lucius e Cahal, não negou. Você e Brenda estavam emparelhados. Entretanto, há uma diferença entre você e eu. Eu não cedi a Loki, e você, desde que me viu com Gabriel, demorou apenas três semanas para quase se entregar a ele. Diz que te matei — murmurou falando contra a parede, — mas eu estou morta a dois mil anos. Pense nisso.

— Então talvez eu passe mais dois mil anos sofrendo a agonia de meu injusto rechaço, e sim o suporte, e quando tiverem passado, você e eu tenhamos uma oportunidade.

Daanna voltou o rosto para olhá-lo. Estava defraudada, decepcionada. Ele ficou parado diante da expressão sem vida da vanira. Já não estava excitada. Nem angustiada. Já não sentia nada. Seu corpo nu se esfriava apesar da água ardendo que emanava da ducha.

Ele tentou esquentá-la de novo, mas já não havia volta. Daanna estava totalmente impotente. Menw decidiu deixá-la tranquila e saiu dela com suavidade. Sentiu seu estremecimento, mas imediatamente, como um robô sem emoções, a jovem levantou, e ao fazê-lo, tropeçou. Ele correu a socorrê-la e a puxou pelo antebraço para que não caísse. — Com cuidado — disse ele em voz baixa e culpado.

Daanna o olhou de soslaio e se afastou, dando a entender que não queria que a tocasse. Saiu da ducha com serenidade. Fugiu dele. — As toalhas estão em…

Ela o ignorou. Abriu o armário branco embutido sob a pia, e tirou uma toalha laranja. Cobriu-se com ela. Era o que dava ler a mente. Agora conhecia a casa de cima abaixo.

— Vem a meu dormitório. Dormirá comigo. — Era uma ordem, e ele se surpreendeu ao usar esse tom autoritário. Sim que era dominante.

Daanna encolheu os ombros, indiferente, e saiu do banho, agradecendo o frescor do resto da casa. Deixando Menw, seu cáraid, esfriando na ducha de água quente.

Quando ela fechou a porta atrás de si, o curador se apoiou na parede, confundido. Revelou o segredo de Daanna. Ela o confessou. Como conseguiu isso poderia ser discutido; se estava certo ou errado não importava. Ele só queria que ela reconhecesse o ato cruel que cometeu para com ele. Mais agora que conseguiu estava angustiado, comprovando que não se sentia melhor. E também percebeu algo mais. A vingança não resultava nada doce.

Capítulo 12

Na realidade, Noah não sabia o que estava fazendo ali. Diante do totem régio e desafiante que marcava territorialmente a zona do Wolverhamptom como conclave berserker, se fazia continuamente a mesma pergunta cada noite. O que esperava encontrar? Desde o enterro de Gabriel não deixou de visitar o lugar onde o humano foi despedido com todas as honras, mediante ritos celtas e vikings. E para piorar seu pesar, tampouco deixou de pensar naquela mulher que desceu dos céus e levou o corpo daquele homem caído na batalha: Nanna. Uma Valkyria.

Não sabia que as Valkyrias podiam chegar a ser tão… cativantes. Em geral, eram seres muito desafiantes, perigosas, imprevisíveis… e umas crédulas. Estavam as ordens de Freyja, a poderosa deusa Vanir; viviam no Valhala; e sabia que elas levavam aos homens que em nome do bem e dos deuses perdiam sua vida mortal na batalha. Gabriel arriscou a vida para salvar Ruth, e tendo em conta que Ruth, a Caçadora, era o casal de noaiti do clã berserker, esse sacrifício o enlaçava diretamente aos deuses Aesir. Entretanto, Nanna o levou para o terreno de Freyja, e estava convencido de que Gabriel desfrutaria de todos e cada um dos cuidados que prodigalizassem as Valkyrias, já que se dizia que, embora fossem fêmeas virgens, podiam devolver os sorrisos aos homens mortos.

Noah apertou os punhos aos lados e cruzou os braços. Estava contrariado, muito confuso, essa mulher o deslocou. Tampouco sua vida estivesse em uma ordem absoluta, com todas as peças em seu lugar, como se fosse um quebra cabeça perfeito. Não, não ia se enganar; sua vida estava muito longe de estar em ordem. Muitos enigmas ao seu redor, muita solidão… Mas a pouca estabilidade que conseguiu Nanna e seu precioso rosto o desordenou. O que estava errado? O que não encaixava?

O sentido auditivo de Noah ficou em alerta. Separou da árvore em que estava apoiado e ficou imóvel, esperando, como um tigre espera sua presa. A calma cobriu o bosque com manto invisível, e os animais se ocultaram em suas tocas ou fugiram intranquilos diante do que percebiam. O céu noturno, coberto de espessas nuvens cinzentas e muito inquietas, transportava raios. Era uma súbita tormenta elétrica.

Repentinamente, um raio azulado e sonoro caiu bem no local onde se achava a figura totêmica do deus Lobo.

Noah ficou em guarda. O raio levantou a grama e a terra, cheirava a queimado, e uma nuvem de fumaça ocultava parte de sua visibilidade frontal. O berserker apertou os olhos e esperou que a baforada desaparecesse, e então, quando extinguiu, revelou um corpo esbelto de mulher, embelezado com roupas de guerra saídas do sonho de um dominante. Era ela, Nanna. Como se seus próprios pensamentos a tivessem conjurado. Seu cabelo castanho com reflexos loiros cresceu, e agora usava o cabelo três dedos abaixo de suas orelhas, nas quais brilhavam duas pedras carmesins. Os cachos tampavam ligeiramente o rosto, não ocultavam seus grandes olhos acobreados e oblíquos, que o olhavam com uma mescla de satisfação e presunção e sem um ápice

de surpresa. Como se ela esperasse aquele encontro.

A Valkyria não sorria, mas seus olhos sim faziam. Seu nariz arrebitado e suas bochechas rosadas davam um toque infantil e feminino, mas seu corpo, seu olhar, e aqueles lábios amaciados e delineados, reclamavam os cuidados de um homem.

Ela levantou uma sobrancelha e olhou de cima a baixo, provocando, meio divertida. Desde sua casa, o Vingólf[30], através da mente de sua irmã Valkyria, Róta, viu esse lugar, mas Noah não pareceu tão grande como agora. As Valkyrias estavam treinando, preparando para a batalha iminente que devia chegar ao Midgard, até que Gúnnr propôs um jogo para deleite de alguns einherjars que ali habitavam. Quantas maçãs eram capazes de atravessar com suas adagas?

A ideia não pareceu atrativa até que disseram que o prêmio por ganhar o tal jogo era o pendente de diamante que Gabriel tinha em sua orelha e que perdeu acidentalmente quando Nanna o foi procurar. Róta mostrou o lugar onde jazia a pedra, para que a ganhadora se orientasse, e Nanna viu que ele estava ali, entre a entupida natureza do bosque. Noah permanecia no Totem. Esperando? E então, diante desse pensamento, uma força impulsiva e misteriosa a levou a vê-lo.

Agora, estando os dois à mesma altura, Noah sobressaía um palmo e meio. Era grande e largo. Esse homem transformado deveria ser um autêntico espetáculo. O cabelo do berserker era tão loiro que parecia branco, muito curto. Seus traços eram duros e afiados. A pele de cor canela e os olhos amarelos. Uns olhos de felino depravado impressionantes, mas não deixava de ser um tigre enorme. Um tigre de bengala. Em sua orelha direita havia um topázio negro, e uma cicatriz que atravessava horizontalmente sua sobrancelha esquerda. Seus lábios pareciam sorrir. Vestia uma calça jeans muito larga e uma camiseta ajustada negra de manga larga, que marcava todo o poderio muscular e a saúde que gozava.

Noah nem sequer ousava se mover. *Eu me chamo Nanna, e sei que você também gosta*, disse depois de apresentar, antes de elevar e levar Gabriel ao Adgard. Noah se esticou, era uma altiva! Mas então desejou ser o único proprietário de seus sorrisos, que ninguém mais pudesse desfrutar deles, que nenhum macho pudesse aproximar-se dela esperando um gesto amável e disposto de sua parte. Aquela sensação golpeou no peito, no fundo da alma metade animal que ele mantinha sob controle diariamente.

— O que faz aqui? — ele perguntou, elevando a vista ao céu e logo olhando com atenção.

Nanna não respondeu. Seguiu observando, quieta, curiosa e distante. Noah era muito intimidante, e embora não temessem os guerreiros da Ordem, por este sim sentia algo estranho, parecido ao respeito. Além disso, não se confiava nem um fio de cabelo.

— Agora não fala? — inquiriu ele, aproximando-se silenciosamente.

— Ajuda-me a procurar algo. — Disse rapidamente, dando um passo para afastar de seu lado. — Gabriel perdeu um diamante. — Mostrou a orelha na que reluzia seu rubi, — e ganhei uma aposta feita entre minha irmã e eu; assim, como prêmio, posso ficar com seu brilhante. Está por aí — assinalou uma parte de terreno onde a grama estava queimada, lembrança da pira

[30] *É a casa onde residem as Valkyrias no Valhala.*

ardente em que Gabriel seria incinerado.

— Você se encarrega do humano? — por que se sentia ofendido? Havia algo em seu interior que pedia a gritos que ela cuidasse dele exclusivamente.

— Na realidade todas nós cuidamos dele — girou para agachar e remover a terra com suas mãos. — Mas é um assunto que não lhe diz respeito. Gabriel já não é assunto seu. Vai ajudar ou não? — olhou por cima do ombro.

Noah franziu o cenho. As Valkyrias eram mulheres muito caprichosas que adoravam as joias e os objetos exóticos feito de lindas pedras. Como umas criaturas tão bélicas e fortes podiam prestar atenção a vaidades como essas? Agachou-se a seu lado.

— O que fazia aqui, plantado como uma árvore?

— Não sei exatamente. — Encolheu os ombros enquanto removia as pedras e as ervas. — De que cor é o que procuramos?

— Âmbar — calou uns segundos. — Esperava por mim, berserker?

Noah virou-se para ela, com aquele rosto inabalado, ligeiramente surpreso pela franqueza e o atrevimento da jovem. A mulher acabava de descer dos céus, procurava um diamante para sua mais que possível coleção, e ainda por cima estava convencida de que ele a esperava no Totem, seguro de que algum dia voltaria a ver, aguardando esse momento. A Valkyria se acreditava toda-poderosa, com o mundo a seus pés.

— Teu cabelo é mais longo, só faz três semanas que a vi — observou Noah.

Nanna sorriu um pouco, orgulhosa de que ele percebesse sua mudança.

— O tempo lá em cima não tem nada a ver com o que daqui, de fato, não existe. São diferentes realidades. Digamos que enquanto aqui passou um dia, no Asgard se passara semanas.

Noah elevou a mão para acariciar uma mecha que caía na frente. Não pôde evitar. Nanna deu um salto para trás e ficou de pé, olhando pálida como uma bola de nove.

— Não está permitido me tocar, berserker. — Grunhiu. Seus olhos pardos, assustados, mudaram para um intenso vermelho sangue.

Noah entrecerrou os olhos e levantou zangado consigo mesmo por ter que aguentar uma reprimenda dessa… feiticeira.

— Não? — levantou uma sobrancelha e abriu a palma da mão para mostrar o pendente que ele encontrou. — Estava sob um arbusto — sorriu orgulhoso de si mesmo e o rosto adoçou, transformando em um menino grande e travesso.

Nanna apertou a mandíbula e levantou a palma da mão, ignorando a transformação que seu sorriso fazia em seu rosto. Ele podia sentir sua resistência e sua fúria crescer como um vulcão a ponto de explodir.

— Dá, é meu.

— Teu?

— Sim, ganhei isso.

— Ganhou lá cima — recordou Noah, olhando o pendente com diversão. — Se quiser, ganhe aqui embaixo.

Nanna arqueou as sobrancelhas e levantou o queixo.

— Vai fazer que me zangue e não vai gostar.

— Faz algo que eu goste e lhe darei isso. Seguramente não há nada que eu possa gostar suficiente para que eu lhe dê o brilhantezinho — cantarolou.

Nanna sentiu que suas orelhas bicudas tremiam excitadas diante do desafio. Ela adorava as provocações. Além disso, preferia a provocação antes que lutar com o Noah. Sabia que não podia fazer um trato com um homem, não podia permitir que ele a tocasse. Os deuses se zangariam e Freyja descarregaria mil raios sobre ela, e doíam, doíam muito quando tocavam sua pele.

— Dê sua palavra de que não me tocará.

Noah sorriu como um lobo e ela soube que não podia confiar no animal.

— Tua palavra de homem.

— É tua. — Assentiu Noah.

Nanna exalou com cansaço, e colocou uma mecha de cachos atrás da orelha. Faria pelo diamante e para ganhar o desafio. — Avante berserker — ordenou com indiferença.

O berserker obedeceu, excitado.

— Ponha o pendente entre seu indicador e o polegar e ofereça. — Ela não deixava de olhá-lo nos olhos. O tom vermelho fúria desapareceu para deixar lugar ao quente marrom.

— O que oferece por isso? Não sou tolo.

— Ofereça berserker, como um alimento. — Esclareceu, revirando os olhos.

Noah ficou como um jumento ao ouvir isso. Entre casais, dar alimento com a própria mão era excitante. Tragou saliva e sorriu. Era seu dia de sorte pelo visto. Elevou a mão e pôs o brilhante à altura da boca. Não havia por que soltar o diminuto acessório, não?

— Me deu sua palavra — inclinou para frente, confiando nele. — Farei algo que você goste e você me dará meu presente, de acordo? — paciência, estava convencendo a si mesma.

A mão do berserker tremia, e seu corpo se esticou ao ver que a Valkyria abria a boca inocentemente. Ele pôde ver a linha perfeita de dentes brancos e como a língua saía para tomar seus dedos em sua úmida cavidade. Com a ponta dos dedos chegou a tocá-la mais fundo, e então ela foi se retirando pouco a pouco, e, enquanto o fazia, acariciava com a língua os dois dedos, até que chegou a ponta dos mesmos.

Noah fechou os olhos e abaixou a cabeça, rendido às sensações. Deuses, essa era a morte. Nanna o observava feliz com ela mesma por saber que estava dando prazer. Sugou a ponta dos dedos onde estava o pendente e os mordeu ligeiramente até que Noah liberou o objeto.

Nanna sorriu de orelha a orelha enquanto agarrava o pendente de sua boca, mas o berserker já não a olhava. Tinha os ombros caídos e a cabeça inclinada para baixo. Seguia com os olhos fechados e o corpo tremia. Com cautela, a Valkyria deu um passo para trás, e pisou em um ramo de uma árvore.

Noah elevou a cabeça ao escutar o ruído e seus olhos amarelos começaram a mudar de cor. Tornavam-se vermelho-tormenta.

— Não vai daqui, Nanna. — Assegurou Noah.

Ela estava com raiva e caminhou para trás.

— Me prometeu isso!

— Sim, mas me roubou o pendente e não gostei muito do que me fez. — Murmurou perseguindo, mentindo como um servente. — Me fez uma armadilha.

Nanna soltou uma exclamação afogada.

— Mentiroso! O que quer dizer? O que tem, Chopino em tuas calças? — gritou indignada, se colocando atrás de uma rocha e olhando a impressionante ereção que adivinhava através dos jeans.

Noah franziu a testa e parou em seco.

— Que merda é Chopino?

— O boneco de pau que quando diz mentiras cresce o nariz! O filho do Peyote!

— Fala de Pinóquio, o filho do Gepetto?

Nanna fez cara de não entender do que estava falando e a forma como Noah movia as sobrancelhas em desaprovação o deixou escandalosamente sexy.

— Vem aqui. — Ordenou ele segurando uma gargalhada.

— Noah, não é piada. — Explicou nervosa e olhando ao céu. — Arynfar! — explicou nervosa, utilizando o grito de guerra da Valkyrias, chamando a suas irmãs. — Disse que não pode me tocar porq…

O berserker, veloz como um raio, abandonou-a contra a enorme pedra cheia de musgo, mas ela também era rápida, e conseguiu escapar até colocar-se a suas costas.

— Não faça que a persiga. Isso me põe lascivo. — Murmurou Noah mostrando as presas.

— Fascinante… — sussurrou Nanna. Era… belo. Pela Freyja, era tão formoso que poderia se vender por ele. — Te quero cachorrinho.

Mas Noah já corria atrás, e Nanna se assustou tanto que tirou uma adaga da capa atada a sua coxa, e a lançou em direção a seu ombro direito. Poderia quebrar as regras por ele, mas não estava louca. Merda era sua adaga favorita, presente de Freyja, toda cheia de pedras lindas brancas e vermelhas. E agora a perderia.

O berserker olhou a adaga e apertando a mandíbula a arrancou do corpo. Foi para ela, com a adaga ensanguentada em mão. Estava descontrolado. Ou a tocava, ou se voltaria louco.

— Noah, vai *ersa snill* — pediu, por favor, em sua língua que parasse. Ao ver que ele não fazia, sua fúria Valkyria despertou. Noah a enganou e queria tocá-la, mas se fazia, ela sairia ferida. E agora rompia sua palavra porque isso era o que ele queria, e não a escutava. Elevou seu braço com a palma levantada enquanto o olhava muito zangada. De repente um trovão caiu do céu e Nanna o agarrou como se tratasse de um cipó. O bosque estava iluminado de cores amarelas e azuis. O raio ao que Nanna se agarrava estava fazendo um buraco na grama verde e pequenas chispitas voavam a seu redor. Seus cachos se moviam alvoroçados contra seu rosto devido à energia eletrostática.

— Não vá — ordenou, correndo para ela.

— É um mentiroso, animal — disse deslizando para cima, flutuando como se tratasse de um elevador. Seus olhos pardos o olhavam com decepção.

— Ainda me deve algo! — gritou olhando para cima. — Merda! E é Pinóquio.

— Foda-se! — gritou a Valkyria ofendida. Com seu grito, outro raio caiu aos pés de Noah e o

lançou pelos ares.

***

Daanna olhava através da janela do quarto onde dormiria e compartilharia a cama com Menw. Via perfeitamente Piccadilly Circus. A essas horas não havia muito movimento. Vestiu uma camiseta negra de Menw que cobria meia coxa; encontrou em seu armário. Agora conhecia a distribuição daquela casa como se fosse dela.

Beber de Menw mostrou muito. Serviu para entender tudo o que ele passou durante tanto tempo. Ela somente foi consciente de sua própria dor, não foi o suficientemente empática para entendê-lo. Estava arrependida por tantas coisas, e, entretanto, nunca poderia revelar toda a verdade. E certamente, seria seu maior engano não fazê-lo; mas se ela revelasse seu último constrangimento, se revelasse sua maior tristeza, pode ser que então tudo o que ela foi anos atrás, desapareceria. Porque há verdades, acontecimentos que não se quer acreditar, e os guarda para si mesmo, não os revela, então parece que nunca aconteceram. E Daanna desejava isso com todas suas forças: desejava acreditar que foi o suficientemente forte para retê-lo, para mantê-lo com ela.

Menw a envergonhou, e mostrou que não era melhor que ele. Que atuou errado. Aileen, Ruth, Maria, seu irmão... Todos acreditavam que foi uma fatal casualidade que Menw a visse tentando salvar Gabriel. Que grande mentirosa era. Queria dar uma estocada final no vaniro que fez tanto dano. Agora sabia a verdade, e vendo o que ele realmente fez e por que o fez, a deixava no chão.

Sentia-se como uma merda.

Daanna soprou e apoiou a testa no cristal. O cabelo comprido já seco agora cobria seu rosto. Abraçou-se pela cintura, e desejou poder ter seu piano a mão para desafogar. Mas claro, seu piano estava no fundo, sob os escombros de sua casa. Destruído, quase como ela. Menw tinha um piano em seu salão, mas não se atrevia a tocá-lo diante dele. Se fizesse seria vulnerável, e então evocaria um passado feliz e cheio de confiança, diferente de seu presente. Quando eram humanos, Menw pedia que cantasse muito frequentemente ao anoitecer enquanto, tombados sobre a grama, sem tocar, só estando perto um do outro, olhavam as estrelas. Ela cantava porque sentia que dava uma parte de si mesma. Imaginava que sua voz beijava e acariciava, já que faltava coragem ao seu corpo e iniciativa para fazê-lo. Então se servia de suas canções, e só cantava para ele para expressar todo seu amor. Mas embora perdesse esses momentos com ele nos que a melodia dizia tudo o que não se atrevia a expressar, Daanna seguiu com seu amor pela música. Tocava o violão, o piano e o violino. E o fazia como uma profissional. E seguia com a música porque era uma parte pura dela, uma que não foi afetada por suas múltiplas brigas e ofensas, uma parte que a conectava com ele de algum modo, com o Menw de sua vida.

Caramba, olhando para trás, alguém se dava conta de como foram tolos. Quando humanos foram muito tímidos, tiveram tantas reservas para se aproximar, mostrar seus verdadeiros sentimentos… Ambos se amavam, virtualmente desde o primeiro dia: amor de crianças, amor

adolescente, amor de homem e mulher. Viveram todas essas etapas, e não o consolidaram até essa noite. Uma única noite em que suas almas pareceram unir para sempre, uma noite real, juntos, como um casal que sempre se pertenceu. E essa noite, não só era entesourada por ele para servir de âncora e assim seguir lutando, como para continuar a seu lado, para não esquecer o que foram juntos. Essa parte ela também guardava em seu coração, aceitava-a e dava forças para abrir os olhos a cada dia. Levou a mão ao ombro onde seu nó perene certificava que tudo foi real, e desta vez o acariciou. Deus, tantas vezes tentou cortar. Sempre acabava com a pele aberta e sangrando, mas no final, horas depois a pele cicatrizava, e o nó perene seguia ali, rindo dela, tentou apagar de seu corpo, de sua pele, como se assim pudesse expulsar ao curador de sua mente. Mas nada funcionava.

Menw, Menw foi tão receoso a respeito a sua profecia, sentiu tantas reservas, que ele não queria ser nenhum impedimento para que ela cumprisse o que tivesse que cumprir e, embora sempre estivesse ali, a seu lado, a seu redor, não a reclamava. Daanna sorriu com tristeza e fechou os olhos. Não se compadecia de si mesma, nunca fazia. A compaixão para consigo mesma era pior que a luz do dia. Prejudicial. Admitia que sua situação agora fosse o resultado de todas as decisões tomadas anos atrás.

Podia gostar mais, podia gostar menos, mas ela e Menw eram o que eles fizeram de si mesmos. Ambos culpados. Ambos inocentes.

Seu corpo ainda estava sensível por tudo o que ele despertou nela. Suas carícias, sua maneira de tocá-la, tão desesperada, tão exigente. Menw mudou. Suas reclamações eram outras; claro que, em sua primeira vez, foi tenro e considerado com ela, agora não mais. Agora pedia e tomava sem permissão. Era muito exigente.

Daanna gemeu e apertou as coxas. No banheiro, depois de que jogasse na cara sua baixeza, toda a excitação foi substituída por vergonha. Mas agora, seguia sentindo a necessidade palpitante entre suas pernas. O sangue de Menw não parou, era algo indescritível para ela, insuflava vida e despertava todas as suas terminações nervosas. Sua pele estava mais sensível, inclusive a camiseta que roçava os mamilos nus a estimulava. Se isso acontecia a ela, ele devia estar igual. Eram casal de sangue. E para ela, também de coração, embora o curador fosse resistente a admitir e, além disso, estivesse muito disposto a abandoná-la. Entretanto, Menw não conhecia quão firme era sua determinação por recuperá-lo, e ela iria deixar a alma em tão difícil encargo.

— Daanna?

A voz de Menw a atravessou como um relâmpago. Ela girou, resignada com sua nova situação. Percebeu como o vaniro, coberto da cintura para baixo com uma toalha laranja, sorriu ao vê-la com uma de suas camisetas, e como seu pomo de Adão se movia ao tragar saliva. Embora Daanna fosse alta, ele era mais, e suas roupas a cobria como um vestido curto. Ela pigarreou e jogou o cabelo para trás, decidida a não abaixar o olhar, a se apresentar para batalha seja ela qual for.

— Escuta…

Ela o interrompeu levantando a mão.

— Não quero suas desculpas, Menw, por favor. Não disse nenhuma mentira aí dentro. Não me orgulho do que fiz. Merecia isso.

Menw foi varrido por uma onda enorme de humildade. Daanna não tentava nada e culminou por sua culpa. Menw deixou cair os ombros e se aproximou. Cheirava a bolo de limão por todos os lados, picavam os dedos pela vontade de acariciá-la, e as presas doíam outra vez. Essa jovem, tão amada por ele durante anos, também o fez ver quão facilmente ele mesmo se rendeu. Daanna sobreviveu a sua suposta traição dois mil anos e ele… ele em três semanas mandou tudo à merda, e só não fez porque ela… porque o salvou… ele… deuses! Estava tão confundido. Essa mulher roubava a capacidade de pensar. Sempre o fez. E agora ela estava em suas mãos. Sua vida, sua alma, seu sangue… e seu coração? O que dizia seu coração? Também estava em seu poder?

— Está bem. — Assentiu conformado. — Não o farei. Sente-se diferente?

Daanna mordeu o interior do lábio e negou com a cabeça.

— Não há nada sobre seu dom? Ou melhor, meu sangue não é a adequa…

— Nem pensar! — exclamou ela, olhando para ele. Seus olhos eram duas esmeraldas angustiadas. — É você. É seu sangue. Não sei como nem quando despertará meu dom, mas sei que é você… — falava rápido e sentia pavor que Menw rebaixasse seu sangue, seu presente, a algo sem importância, quando para ela foi como um incrível despertador de suas emoções. — Não diga mais.

Ele apertou a mandíbula e mudou o peso do corpo de uma perna à outra, com nervosismo. *Não direi nunca mais*.

— Durante vinte séculos trabalhei todas minhas debilidades a respeito de você.

Ela se abraçou de novo e sacudiu a cabeça:

— Do que fala?

— As tatuagens. Perguntou sobre as tatuagens. — Destacou os braços e passou um dedo por cima das pulseiras com letras sânscritas. Daanna seguia seu dedo com atenção. — Tenho vinte pulseiras. Dez em cada braço. — Levantou o olhar e cravou nela.

— Que…?— pigarreou ao ver que o nó da garganta oprimia a voz. — Que língua é?

— Tibetano.

— Porque as fez?

Menw deixou cair à cabeça a um lado e sorriu sem vontade.

— No primeiro século trabalhei a esperança. — Destacou a primeira pulseira que rodeava a parte superior do bíceps, como uma anaconda. — Um século não significava nada para alguém imortal, assim mantinha a esperança de que voltasse para mim.

Daanna ficou sem respiração e cobriu seus exuberantes lábios trementes com as pontas dos dedos.

— No segundo século trabalhei a fé. Já vê — encolheu os ombros, chato. — Ainda esperava, e não podia perder a fé em nós. No terceiro século trabalhei a serenidade. — Jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. — A necessitava, não sabe o quanto. A paciência, a sabedoria. — E ia assinalando as pulseiras uma por uma e enquanto nomeava tudo o que necessitou para aguentar,

passou ao outro braço —…, a alma, o coração, o desejo, o ódio, a raiva, a perdição… — Menw apertou a mandíbula e negou com a cabeça. — Tampouco foi fácil para mim.

Daanna tinha uma mão sobre o peito, enrugando a camiseta ao tempo que negava com a cabeça, *Deuses, Menw… meu Menw*.

— Não! — gritou o curador assustado ao receber a mensagem mental de Daanna. — Não faça isso. Vê este? — destacou o que rodeava seu pulso esquerdo.

— Sim.

— A compaixão. Trabalhei neste último século. Não quero Daanna. Não quero sua compaixão. Todos nós temos o que merecemos, não? Karma. — Destacou a pulseira que havia em cima da palavra compaixão.

— Nem eu quero a tua. — Replicou ela desesperada.

— Bem — sussurrou mais tranquilo. — Odeio a compaixão.

— E eu.

Estar cara a cara com ela, sabendo que não levava nada debaixo da camiseta…

— Claro que levo Menw. Coloquei uma cueca sua — levantou a camiseta e mostrou o objeto que marcava o traseiro à perfeição e que ficava largo nos músculos. — Importa?

Menw apertou os dentes e sentiu que se juntava de novo sob a toalha. Ela arqueou as sobrancelhas e sorriu maliciosamente.

— Gosta.

Ele se aproximou, tenso como um predador faminto.

— Daanna… ficou com fome? — perguntou ele contrito e levantando uma mão tremente até seu queixo. Essa necessidade seria assim crua de agora em diante? Se for assim, não havia nenhuma possibilidade de que a deixasse em paz. — Enquanto seja seu casal, enquanto estejamos unidos, não quero que lhe falte nada, Daanna. Quero fazê-lo fácil, o que tenha passado entre nós no passado permanecerá lá sempre, não irá, mas neste tempo que estejamos juntos podemos criar boas lembranças. Se sentir necessidade de qualquer coisa, apenas me peça isso, você pede, eu provejo. Sem complicações, de acordo?

Daanna fechou os olhos e desfrutou de sua doçura. A acariciava! E sem sexo no meio! Queria sair a sacada e gritar de alegria. Esse homem se aproximava perigosamente ao príncipe das fadas que ela adorava e desejava com toda sua alma. Oh deuses, e suas tatuagens… De verdade era por ela? Quando abriu os olhos de novo, viu que os olhos tão azuis de Menw estavam cravados em sua boca. Ela passou a língua pelo lábio inferior.

— Segue fazendo meus joelhos tremerem — murmurou ele, surpreso por ouvir seus pensamentos em voz alta. Ia retirar a mão. — Você…

Ela aumentou os olhos e embalou sua mão enorme com a sua, não permitiria que ele a deixasse. *Ajude-me Menw! Ajude-me a ser eu mesma! A ser valente e reclamar!*

— Menw — gemeu, falando contra sua palma, agarrando como se fosse uma boia salva-vidas, — há tantas coisas que quero dizer… que quero explicar…

O curador levou os dedos a seus lábios e a sossegou.

— Quieta — murmurou, retirando os dedos e aproximando seus lábios. Roçou-os como se

tratasse das asas de uma mariposa.

Daanna ficou rendida e esmagou sua boca contra a dele. Menw pôs uma mão na nádega e deu um coice. Franziu o cenho abriu os olhos, Menw a observava com atenção e um sorriso de desculpa nos lábios. Enquanto a sustentava pela nuca a beijou de novo e disse contra sua boca:

— Esta noite sairei a procurar meu irmão. Não vai brigar Daanna. Não vai se colocar em perigo. Ficará aqui e descansará. Amanhã, se quiser, poderá me despedaçar, mas agora me obedecerá, embora seja à força.

Ela aumentou os olhos e tentou golpear com o punho, mas seu corpo não respondia a suas demandas. Não podia dizer isso! Não!

— Filho da…!

Hipnotizada, sentiu como as pálpebras começavam a pesar e como seu corpo ia ficando relaxado em seus braços. A cabeça caiu para trás e o último pensamento que teve antes de ficar inconsciente foi que Menw a enganou.

O curador a tomou nos braços e a deixou brandamente na cama. Passou o polegar pela testa e alisou a ruga de mau gênio que saiu ao dar conta de seu ardil. Retirou a colcha, mas, antes de cobri-la com ela, sentou-se pensativo ao seu lado, e a observou.

Seu precisava irmão.

Cahal estava em perigo e o sentia no mais fundo de seu coração. Sua intuição não falhava e estava convencido de que aquela loira que viu no Ministry of Sound estava relacionada com a ausência prolongada do druida. Quem seria? Trabalharia para o Newscientists? Um estremecimento percorreu seu corpo. Se fizessem algo a seu irmão ele mataria a todos. Encontraria a forma.

E logo, estava a segurança da Escolhida. Daanna o deixava esfomeado, e era frustrante sentir assim. Não podia afastar a vista dela. Acariciou as pernas nuas e subiu até as coxas. Tão suave, tão tensa… Se inclinou para frente e subiu a camiseta até descobrir os quadris, o ventre e os seios. Beijou um mamilo e logo o outro. Deixou cair à testa sobre seu abdômen e suspirou:

— Isto não vai sair bem… deixa que me vá, mo leanabh. — Negou com a cabeça e lambeu seus abdomens. Falava em voz baixa. — Deixa que eu mantenha ao menos meu amor próprio. Amar você me aflige, porque me faz desejar coisas que não posso ter… Você não tem nem ideia do que sinto quando está ao meu lado. Deixo de viver para mim. Respiro só para você. Sempre foi assim. Que direito tem de fazê-lo? — com o queixo acariciou o umbigo e logo o beijou. Pôs a mão nos quadris e as acariciou. Os pequenos ossos marcavam e isso o encantava. A questão era: o que não gostava dela? Como era cabeçuda e orgulhosa, ele era indiferente para ela, enquanto que ele morria se ficasse um dia sem vê-la.

Mulher teimosa. Beijou seus quadris e logo centrou o olhar em seu sexo, coberto por suas cuecas negras. Deuses! Ele sabia bem quão suave era ela ali, nessa zona. Pôs a palma entre as pernas. *Agora não me ouça*. E grunhiu.

— Hum e assim… minha. — A sentia inchada e ardendo. Irritada depois do sexo na ducha. Uma pontada de pesar atravessou o peito. Os Vaniros eram obrigados a sempre satisfazer seus casais, de subministrar tudo aquilo que elas necessitassem. Proibiu o clímax. — Não esteve bem —

separou as pernas. Queria prová-la, mas logo voltou atrás. Ela estava adormecida, não desfrutaria, e ele queria vê-la enlouquecer. Faria. Lamberia o sexo de cima a baixo, se perderia com ela, e logo a morderia. E ela ficaria viciada nisso. Viciada no que lhe dava. Se no final Daanna não o deixasse partir, ele voltaria a se perder nela de novo, asseguraria de que nunca tivesse desejos de deixá-lo. *Não posso pensar isso. Irei. Não quero sofrer mais*.

Beijou-a no púbis e se levantou da cama. Daanna dormiria até o amanhecer e ele já estaria ali com ela. Ficavam umas horas para seguir varrendo mentalmente às pessoas que frequentavam o Ministry. Cada noite foi ali, camuflado em um canto, tentando passar despercebido, e entraria no interior de cada cabecinha até dar com alguém que conhecesse a tal loira que hipnotizou Cahal. Vestiu uma camisa negra, calças desgastadas, colocou um casaco de couro e suas botas militares desabotoadas por cima da calça. Essa noite encontraria alguma prova para seguir. Por seu irmão, a encontraria.

Capítulo 13

Que dia era? Que hora era? Fazia tão frio… Sentia tanta dor… Sentir dor significava que estava morto? Porque a verdade era que em vida não sentia nada de nada.

Quando estava livre, durante tanto anos, dois mil para ser exato, seu corpo era como de borracha. Respirava, vivia, mas não podia notar nada. Era como se estivesse gelado. Os Vaniros keltoi acreditavam que era feito de ferro, que suportava tudo; a pior ferida para ele não era tão grave. Ele seguia lutando, seguia gritando e matando com suas mãos. Seguia fatiando gargantas e arrancando corações, embora tivesse um buraco enorme no peito ou embora partissem os ossos, ou embora sangrassem. Um dom. Uma cruz. Uma maldição que o fazia poderoso diante dos olhos de seu clã. Um malefício que só seu irmão Menw conhecia. E, entretanto, esse malefício fraquejava com essa mulher. E isso o que queria dizer? Que estava fodido!

Cahal fechou os olhos e tragou saliva. Oh sim, a dor estava em todos os lados. No interior de sua garganta ressecada e irritada de tanto gritar, na piscada de seus olhos arroxeados e inchados. As lágrimas de guerra ferviam e ardiam quando regavam as feridas das maçãs do rosto, como se os cortes precisassem crescer. Aí estava à dor, o sinal inequívoco de que seguia preso no inferno. A dor palpitava em suas extremidades cruelmente açoitadas e em seu ventre aberto com um bisturi. Não foi um golpe, não era por que o torturavam assim, mas o fizeram duas mulheres tão masculinas que controlavam seu corpo com as máquinas, entretanto, graças aos monitores de controle cardíaco podiam ver que seu coração se acelerava quando ela estava perto e também comprovavam que seu corpo sangrava mais. Por isso a chamaram. Sabiam que o afetava. Feridas ardiam com ela, à pele queimava, inclusive o cabelo o doía, a superfície em que estava estirado era dura e estava gelada. Também pegajosa pelo sangue derramado.

Quando cometeu o engano de acompanhar Seth e Lucius dois mil anos atrás para matar romanos, Frey o castigou. Tirou qualquer tipo de sensibilidade, não sentiria carícias, feridas, beijos,

dentadas, tristeza, alegria, nem sequer fome, nada… Seria como uma casca vazia com patas. Até que conhecesse sua cáraid.

Frey disse: *Sua cáraid será a que devolverá as emoções, mas também a que mais mal lhe fará*. Essa mulher de cabelo loiro e bata branca tentava não se aproximar muito dele. Estava pálida, mas sua determinação a obrigava a estar ali, a colocar os dedos dentro de suas feridas. Se outro o fazia, como as duas mulheres que a acompanharam no Ministry, as mesmas que o feriram daquele modo, não sentia nada. Podiam cortá-lo em pedaços se quisessem que fosse completamente indiferente a seus cuidados. Mas quando a loira o fazia, quando o tocava, então, merda! Ardia como o inferno! E ele sonhava e fantasiava fazendo de tudo com ela, sem censura, como vingança, e em que ambos ardiam e os levavam os demônios.

Mizar afundou os dedos nas feridas das coxas terrivelmente maltratadas de Cahal. Sentiu como o quadril se queixava ante a intrusão e como todo o corpo desse vampiro tremia do esforço por não tornar a gritar. Mas, desta vez, como todas as anteriores, não o pôde evitar. Seu alarido ressonou na sala a prova de som, uma sala de puro branco que agora estava salpicada de vermelho, do sangue desse monstro. Olhou de esguelha. Não parava de olhar para ela. Embora ela retorcesse os órgãos ou cortasse seus ossos, esses olhos azuis insondáveis estudavam cada um de seus movimentos, cada um de seus gestos, ele inclusive, controlava a sua respiração. Levava três dias estudando, tentando entrar em sua cabeça, e como bom sociópata, os vampiros eram todos sociópatas, acreditava saber quem era ela, como atuava e por que o fazia.

Mizar notava como o vampiro se concentrava em respirar como ela. A verdade era que estava um pouco desconcertada. Os vampiros eram seres manipuladores, muitos frios e, além disso, covardes e abusadores. Estava amarrado pelos pés e mãos naquela prancha metálica, amotinado por ela, não era covarde. Encarava, e juraria que recriminava pessoalmente que fizesse isso.

— Por que faz isso? — perguntou Cahal. — Você não gosta de me fazer mal.

Mizar apertou a mandíbula e jogou um olhar indiferente. Sabia que não podia ler sua mente, não? Não, já não estava segura. Quando era pequena, Patrick e Lucius ensinaram a fazê-lo. Graças aos dois pôde encontrar as forças para superar o que ocorreu a sua mãe e a sua irmã, e pôde se fazer forte e encontrar uma saída para seu dom. Exalou, cansada.

— Não faz frequentemente. Você não tortura, verdade? — morreria antes de reconhecer que o matava de dor. — Não. Seu porte distante, frio, é mais o de uma rata de laboratório que o de uma sádica. Embora esteja convencido de que um traje de látex e couro, umas botas vermelhas de salto até os joelhos e algumas correntes ficariam ótimas.

Mizar esticou. Muitos dias com ele. Muitas horas… Deveria falar a Patrick que ela já não podia fazer isso. Esse maldito vampiro era uma tumba, mas não jogaria com ela. Mizar afundou ainda mais os dedos e os rodou de um lado ao outro. Cahal puxou das correntes de seus pulsos, jogou o pescoço para trás e gritou como um possesso, mas não pôde fazer nada para se liberar. As correntes dos tornozelos e pulsos tinham uma banda de luz diurna no interior, e queimavam a pele até os cotovelos e os joelhos, de maneira que, também debilitavam suas forças.

— Como pode fazer isso? — perguntou Cahal de novo, com os dentes apertados, logo que se

acalmou. — Têm pirralhos nestas instalações! Meninos! Olhe-me? — agitou as correntes de novo.

Ele os ouvia. Escutava gritar e chorar e nem sequer sabia se eram como ele. Eram Vaniros? Quantos meninos presos ali? E quantos homens e mulheres? Também escutou suas súplicas, e compartilhou suas lágrimas. Não podia entrar em contato mental com eles por culpa da maldita bruma que fazia tudo confuso. A droga criava um padrão mental, uma espécie de névoa que impedia contatasse telepaticamente entre eles. Cahal adivinhava que havia muitos vaniros e muitos berserkers presos ali, e quem sabe quais outros *fenômenos da natureza*. Utilizavam desodorantes para esfumar seus aromas, mas havia um aroma que não se podia diluir: o aroma de dor.

— Isso é mentira — replicou ela, horrorizada.

Cahal negou com a cabeça e levantou um pouco o pescoço para vê-la melhor. Estava surpreso e ao mesmo tempo aliviado.

— Não sabe, verdade? Estão fazendo experiências com crianças, não importa se são ou não humanos, são crianças. Ouço. Ouço sua pena e frustração. Acaso não viu alguma vez?

Mizar o agarrou pelo cabelo e o olhou nos olhos.

— Não use suas artimanhas comigo, imbecil. Aqui só matamos vampiros, não fazemos nada mais. Não há crianças neste lugar.

— Não tem nem uma maldita ideia do que é um vampiro, neném. Não o reconheceria nem que estivesse a um centímetro de distância.

— Não me chame, *neném*. E sei muito bem o que é um vampiro — o puxou pelo cabelo. — Se cale de uma vez.

— Já vejo. Não tem sentimentos, mulher? Por que não me mata de uma vez? — Cahal queria desenquadrá-la, pensar que essa mulher era seu casal o colocava doente e eufórico ao mesmo tempo.

Mizar murmurou algo para si mesmo, e separou do corpo de Cahal. Tirou as luvas lubrificadas de sangue e olhou para cima, para a ampla cristaleira opaca que havia na planta superior.

— Necessito um descanso — pediu com voz inflexível.

Cahal observou como o coque desfazia e as largas mechas de cabelo loiro caíam por acaso no seu rosto e suas costas. Deuses! Estava moribundo, necessitava sangue, e depois do que sentia… Desejo e fome. As normas do destino eram muito putas. O traziam para sua cáraid, devolviam as sensações e o tato, e resultava que essa mulher destinada para ele era uma psicopata do Newscientists.

— Não — disse uma voz de mulher. — Lucius e Patrick deixaram os padrões claros, Mizar. Tem que dizer o que sabe.

Cahal levantou a cabeça bruscamente e ficou olhando a escuridão que refletiam os cristais. Conhecia essa voz muito bem. Muito bem.

— Brenda? Lucius?! — gritou. Puxou as correntes tão fortes como pôde, mas ao fazê-lo, as feridas se abriram. — Ele está aí com você? Deixe-me vê-la, covarde!

Mizar arregalou os olhos e olhou a Cahal com surpresa. Conhecia Lucius? E Brenda? É óbvio

que os conhecia. Lucius lutou contra os vampiros durante muitíssimo tempo, da mesma forma, Brenda. Seguramente que enfrentou algum deles.

— Segue com o vampiro, Mizar — disse a voz de Brenda. — Não deixe que a engane. Tem que tirar a informação que pedimos.

— Não me disse nada em três dias que levo com ele. Olhe o corpo. Não pode mais — murmurou com asco. — As drogas não fazem efeito. É como se seu corpo as repelisse. E eu tampouco posso mais. Além disso, preciso seguir com os quarks. Estamos a um passo de conseguí-lo.

— Eu sei, Mizar. E estamos muito orgulhosos de você — disse Brenda docemente. — Mas agora Lucius te necessita aqui. Fará por ele?

Cahal observou como suavizava o rosto de Mizar e meio que sorria negando com a cabeça. Merda. O que havia entre Lucius e ela na realidade?

— Está bem.

— Não! — gritou Cahal mostrando as presas. Seus olhos azuis esclareceram perigosamente e a ameaçou com o olhar. — Brenda e Lucius são vampiros. Estão te enganando, maldição. Está se deitando com ele? — apertou os olhos e a perfurou com o olhar.

Mizar levantou as sobrancelhas loiras.

— Perdão?

— Tem algo com ele?

— Vampiro, está me perguntando sobre se me deito ou não com meu procurador?

Escutou uma risada e Mizar elevou o olhar para sorrir a sua companheira com cumplicidade. Agora só havia uma delas. Chamava Laila. A morena de cabelo de menino a olhou de cima a baixo, repassando com seus olhos negros, cheios de desejo, e as bochechas avermelhadas. A loira, por sua vez, sorriu com carinho.

— Não — disse ele cortante, ignorando a sua companheira. — Pergunto quanto tempo está de joelhos e dá procuração de outras *coisas*. Ele não te mordeu, não cheira a morto por nenhuma parte.

Mizar deixou de olhar a Laila e esta vez a risada desapareceu de seu rosto. Esse nosferatus estava louco ou o que? Acabava de perguntar se Lucius a chupava?

— Deixa Lucius em paz, entendido? — o ameaçou.

— Manipularam — sussurrou olhando para outro lado. — A estão manipulando.

— Não. Ninguém me manipula. Lucius me deu as ferramentas necessárias para que nunca caia nas mãos de seres como você — disse Mizar. Devia recordar a sua mãe e a sua irmã. O que fazia, no que se converteu, fez por elas e agora esse vampiro não a molestaria. — E vai beber o que eu te dê.

— Claro que beberei o que me dê — sorriu para Mizar, enigmático, e logo clareou o olhar de novo na sala envidraçada, — e me assegurarei de que me de até a última gota. Ele te está enganando. Não sou um vampiro. — Se Lucius sabia que essa mulher o afetava assim, usaria contra ele. Embora já soubesse e por isso jogava com ela. Claro que sabia e, se isso era certo, certamente os dois morreriam ali. Mas isso não passaria. Ele a protegeria.

— Não, por isso. — Esta vez foi ela quem sorriu cinicamente. — É lixo, monstro. Não é um homem, é um vampiro e merece todo meu desprezo.

— Se saio vivo daqui, assegurarei de passar dias te demonstrando que não sou um vampiro e que sim, sou um homem.

Mizar se inclinou para sua orelha e murmurou, farta de tanto jogo e fora do sério.

— Você e eu sabemos perfeitamente que isso nunca vai acontecer. Está em minhas mãos… — sussurrou roçando a orelha com os lábios, — vampiro. — Prendeu o cabelo loiro em um coque alto e colocou as luvas.

— Não conseguirá nenhuma só palavra de meus lábios, bonequinha. Nenhuma. Pode me fazer o que quiser — acrescentou soberbo e fechando os olhos. — Você não vai me dobrar. — Abriu os olhos uma última vez e disse: — Mas chegará o momento que descobrirá a verdade, e esse dia, vou cobrar cada uma das *carícias* que me está prodigalizando… neném. Serei implacável, Mizar. Assim vou tratá-la.

Não suportava que falasse desse modo ou que perdesse o respeito, e menos ouvi-lo de um ser tão indesejável como esse vampiro presunçoso e déspota preso à mesa. Pelo visto, o vampiro estava desafiando-a.

— Disse que não me chame *neném*.

— Então, me trate bem — grunhiu, quando sentiu novamente os dedos de Mizar em seu estômago, — neném.

Depois de duas horas de incessantes torturas, nas quais Mizar se esforçou em provocar a máxima dor. Cahal desmaiou sem responder a nenhuma das perguntas que fizeram sobre os clãs, sobre seus líderes, suas debilidades, seus lugares de encontro. Cahal não era nenhum vampiro, mas durante o interrogatório se manteve em silêncio como um morto.

***

Quando Menw chegou ao seu apartamento de cobertura no Piccadilly, teve que segurar na maçaneta da porta para não desmaiar de felicidade ao sentir o novo aroma que desprendia sua casa. Bolo de limão. Merda, que bom. Nem bem entrou e já vinha uma ereção nas calças, uma bem disposta que gritava: *Daanna, vamos acabar na ducha!*

Sorriu. Seguro que subiria pelas paredes quando o visse chegar. De fato, estava convencido de que já estava acordada, oculta em algum lugar, esperando para lançar algo contra a cabeça. Preparou-se para isso.

Deixou as bolsas na entrada. Comprou roupa e também resgatou suas coisas de seu local secreto. O fato de que estivesse afastado da base de sua casa salvou quase todos seus pertences, embora para conseguir recuperá-los precisou afastar os escombros. Esperava que isso acalmasse sua irritação. Era seu presente em forma de desculpas por encerrá-la.

A noite foi frutífera em todos os sentidos. Encontrou por fim uma mulher que conhecia uma das garotas que levou Cahal. Três semanas de uma interrompida busca levaram a dar com o primeiro elo que o aproximaria, se tudo saísse bem, ao encontro de seu querido irmão maior.

Pensar que ele pudesse estar sofrendo, o destruía pouco a pouco, e seguia sua intuição de irmão, não estava no caminho errado. Cahal não estava bem.

Com a caixa do Dunkin' Donuts e cafés fumegantes, entrou no quarto. O café cheirava maravilhosamente, estava recém feito e os donuts seguiam quentes. Provariam juntos a primeira refeição, saciariam como imortais, já que, agora que beberam sangue um do outro, podiam desfrutar novamente de ter os estômagos cheios.

No quarto não havia ninguém. Que estranho. Estava tudo calmo e só se ouvia o som repetitivo de algo golpeando contra a parede. Toc, toc, toc…

Não, contra a parede não… Olhou para cima, ao teto envidraçado do quarto:

— Merda!

Um redemoinho de cor. Isso era um imenso, chamativo, deslumbrante e quase cegador redemoinho de vívidas tonalidades e impressionante forma. Daanna ia lançada ao centro desse redemoinho. Não tinha nenhum medo, só a sensação de que levitava e ia à busca de algo ou de alguém. De quem?

Recebe seu dom, Daanna. Pode ir à bilocação[31] *e tem a capacidade de estar em dois lugares de uma vez.*

— Essa era a voz da Freyja?

Pode transportar objetos e pessoas de suas bilocações, pode se deslocar de um espaço a outro, mas para isso, não deve permitir que a firam ali onde te desloque. Se isso acontecer, seu corpo de amarração, que é o que está dormindo e permite que saia inconscientemente, desaparecerá e se verá presa no lugar onde tenha deslocado até que sare e volte a dormir. Boa sorte, Escolhida.

De repente, a espiral desapareceu.

Encontrou-se sentada cara a cara com um homem que escrevia algo em um pequeno portátil. Pelos deuses, esse homem estava falando no fórum de mitologia nórdica e escandinava que levava as humanas. O cabelo castanho recolhido em uma espécie de coque à altura da nuca, como se acabasse de vir da praia, a tez muito morena, e vestia roupas casuais. Jeans gastos, camiseta de ponto muito ajustada, e um colete de couro marrom com a gola levantada. Em suas mãos havia tatuagens japonesas. Estava sentado em um sofá brincalhão, tomando um café Starbucks, e a imagem pareceria ridícula porque ele era quase maior que esse sofá. Daanna olhou a seu redor.

Sim, sem dúvida estavam em uma dessas populares cafeterias norte-americanas. Ele elevou o olhar de seu MAC prateado. Seus olhos cinza, estranhamente achinados se cravaram nos verdes dela. O homem possuía feições ocidentais, mas esses olhos insinuavam também matizes orientais. Luzia uma cicatriz em seu queixo. Muito seguro de si mesmo, inclinou a cabeça e a estudou. — Você não está aqui — disse. — Não exatamente. Quem é?

— Me chamo Daanna — ela tragou saliva e se acomodou no sofá. — O que quer dizer com que eu não estou aqui… exatamente?

[31] *A Bilocação pode ser definida como a presença simultânea de uma pessoa em dois lugares diferentes*

— Não recorda onde estava antes de vir aqui?

— Sim. Em Londres, no Piccadilly. Na casa do meu… — esclareceu a garganta. — De um amigo.

— Agora está em Chicago. No Starbucks da Avenida Michigan, Daanna — deslizou seu nome por sua língua como se fora um manjar. — Um nome gaélico precioso — murmurou. — A Escolhida e a venerada. Significa isso, não? — Daanna o olhou atentamente. Como sabia? Quem era esse homem? Que fazia em Chicago? Moveu as mãos e as tocou para sentir que realmente estava ali. Sua pele, seus ossos, tudo estava em seu lugar.

— Quem é você? O que faço aqui? — olhou através da janela. Era de noite; a atividade nessa cidade estava cheia de frenesi e estresse. Os táxis foram e vinham, e as pessoas caminhavam de um lado ao outro, com pressa, como se nunca chegassem a tempo. Os arranha-céus eram testemunhas de como transcorria rápido o tempo ali. Não era muito diferente de Londres.

De repente, Daanna notou que o guerreiro se esticava e era plenamente consciente da entrada de uma beleza ruiva e de olhos azuis. A jovem parecia insegura e não tirava a vista de cima. Daanna podia sentir que debaixo dessa roupa havia força, mais da que aparentava. A garota centrou o olhar nela, e a vanira percebeu uma onda expansiva de fúria. Juraria que os olhos azuis se tornaram completamente vermelhos.

— Sim, você não sabe… — o homem deixou o portátil a um lado e o fechou, centrando em Daanna e evitando à outra mulher que ficou como estátua em meio da cafeteria. Inclinou para frente, apoiou os cotovelos nos joelhos e deixou as mãos pendurando entre elas. — Tem umas presas lindas — falou. — Você é toda uma aparição. Vem por mim?

De repente, como se algo em seu interior despertasse, reconheceu a esse homem. Evocou uma lembrança que não era sua, mas se lembrava como se fosse. Freyja o converteu em vaniro junto com outros guerreiros vestidos de negro com espadas samurais. Quem era? Então recordou o que falaram a umas noites no Dogstar. Ruth e Gabriel informaram que na Web e no fórum de mitologia escandinava e celta havia visitas constantes de um IP de Chicago, de um Starbucks. Poderia ser ele? Então, soube perfeitamente o que precisava fazer. Teria que reunir aos clãs e ela era o instrumento do que se serviam os deuses para fazê-lo. Miya, disse uma voz mentalmente. Seu nome é Miya.

— Miya. Assim te chama? — O homem a olhou com receio ao princípio, mas logo se tranquilizou.

— É um vaniro, como eu.

— Sim. — Daanna apertou os punhos com alegria e otimismo.

— Sou Daanna McKenna — disse veemente. — Pertenço ao clã keltoi. Freyja converteu meu clã dois mil anos atrás. Estamos localizados em Londres, na Black Country. Meu irmão Caleb é nosso líder. — Miya escutava, apertou os nódulos e repousou todo seu corpo sobre o respaldo do sofá, como se tivesse tirado um grande peso de cima. — Estou aqui para convocar os membros dos clãs ao Ragnarök. Está perto, e necessário que todos estejam alerta. Devemos lutar juntos.

Depois dessa apresentação, Daanna também tirou outro peso de cima; o de por fim assumir sua responsabilidade e descobrir para que a necessitavam. Sabia que era esse o motivo de sua

bilocação, e estava tão segura quanto estava da sua respiração nesse momento.

— Cheguei a pensar que estávamos sozinhos — confessou Miya cruzando os braços. — Que não teríamos possibilidade contra Loki e seus seguidores. São muitos. Aqui em Chicago há brigas todas as noites.

— Sim, em Londres é a mesma coisa — assentiu Daanna. — Mas juntos teremos mais oportunidades de vencer.

— Há mais no mundo como nós?

— Seguramente que sim, mas ainda não nos pusemos em contato. Acredito que sou eu quem desencadeará isso.

— Entendo — olhou para trás para ver se a ruiva de cabelo encaracolado seguia ali. É óbvio que seguia ali. Uma aura vermelha e negra a rodeava. — Não posso deixar esta cidade, está infestada de vampiros e vira-latas raivosos. Tampouco somos muitos aqui, e os humanos necessitam nosso amparo.

— Não têm por que se mobilizar ainda. Só têm que estar alerta ao Dia do Ocaso. O portal se abrirá em algum lugar e deveremos estar preparados para lutar contra o que seja que possa sair dali, em caso de que o consigam. Nós avisaremos.

— E se supõe que você virá me visitar todas as noites para me explicar como estão as coisas? — seu olhar cinza era tão intenso que podia desfazer geleiras com ele.

A ruiva olhou para outro lado. Tremia o queixo.

— Não — sorriu, entretida. Estava flertando? — Mas seguiremos em contato através do fórum que estava visitando. Qual é seu apelido?

— Miyaman.

— Direi a Caleb e Ás que fiquem em contato com você e que informem sobre sua situação.

— Quem é Ás?

— O líder do clã berserker.

— São amigos dos berserkers? Aqui não são bem-vindos.

— Nós já deixamos para trás nossas diferenças — explicou Daanna, jogando uma olhada à bolsa vermelha que havia a seus pés. Não pôde evitar porque sobressaía o punho de uma espada japonesa. Uma chokuto. Ela era apaixonada pelas espadas e essa era linda.

— Gosta? — perguntou Miya.

— É uma chokuto?

Miya sorriu agradecido e abriu a bolsa para tirar a obra de arte mais formosa que os olhos verdes de Daanna viram.

— Sim. Corta só por um lado e é completamente reta. É do século V, d.C. — Desencapou a espada até a metade e a luz se refletiu no aço, enfocando o rosto de Daanna, seus olhos, seu nariz e sua boca. Era Miya quem jogava com seu resplendor. — Embora sua aparência seja muito mais perigosa.

— Bem, obrigada — Daanna levantou do sofá. Não sabia como ir dali ou como retornar a casa de Menw.

— Não levante, preciosidade. — A puxou pelo pulso e fez que se sentasse de novo. — Não

quererá enlouquecer as pessoas, não?

Daanna franziu o cenho e olhou para baixo. Merda. Só levava a roupa que Menw lhe emprestou. A camiseta negra e os shorts.

— Está dividida. Retornará quanto menos espere isso.

— Não tenho nem ideia de como fazer.

— Acontecerá, já verá. Na antiguidade havia mestres que controlavam a arte das viagens astrais e a bilocação. Só deixa que passe — aconselhou. — A espada é para você. Fique como presente — esclareceu Miya. — Com certeza é uma grande guerreira, tem a presença de uma pantera. Sigilosa e letal, como elas. — Daanna ficou de pedra ao ouvir esse elogio. *Com certeza é uma grande guerreira*. Se esse homem soubesse que precisava lutar precisamente para que a deixassem brigar seguramente riria dela. — Toma — agachou a cabeça e a ofereceu com ambas as mãos, — por favor, fique, acredito que esta espada foi para ti desde que a comprei.

Daanna levantou a vista e se fixou na garota que agora dava meia volta e ocultava o rosto em seu cabelo vermelho, para que ninguém a visse chorar. *Ai, amiga. Você e eu estamos na mesma situação, não?*

— Creio que não tomarei — disse sem deixar de olhar a jovem.

— Faz o favor, rogo isso. Toma — estava rogando com os olhos que aceitasse a espada e que tirasse um peso de cima. — Necessito que ela o veja, que veja como a aceita. Tenho que salvá-la, me compreende? — seus olhos achinados estavam atormentados. — Por favor...

Daanna tragou saliva, em dúvida, e ao final estendeu as mãos para aceitar o presente.

— Obri… obrigada — Daanna tomou a arma e acariciou maravilhada.

Miya olhou para trás e pôde ver que o corpo da ruiva envolto em um vestido negro, botas negras de salto alto, e sua nuvem de cachos selvagens saíam pela porta do Starbucks sem olhar atrás. De repente, a vanira sentiu o corpo pesado e o estômago revolto.

— Oh, oh… — murmurou fechando os olhos com força. — Acredito que vou… manteremos… contato.

— Conta com ela, zan mey — sorriu e se inclinou para despedir-se ao estilo japonês.

Daanna se desmaterializou.

Primeiro veio à escuridão, logo sentiu como levitava e então retornou ao redemoinho de cor e luz. E o fez com um presente de um vaniro de outro continente, com a sensação de ter presenciado a ruptura de um casal e com a emoção de ter sido abençoada pela primeira vez do modo que ela sempre sentiu que era: uma autêntica guerreira.

***

Daanna? Daanna, querida? Acorda, por favor. Menw estava aterrorizado. Não era normal que a vanira não despertasse, tampouco era comum estar tão fria e seu coração batendo tão rápido. O que passava? Teria sido o sonífero? — Daanna, *mo leanabh*, abre os olhos — a sacudiu.

Então ela piscou confusa e focalizou o olhar. As pupilas ao princípio estavam dilatadas, logo adotaram seu tamanho normal. Diante dela, Menw a abraçava e acariciava por todos os lados,

dando calor.

— O que fazia no teto do quarto? — estavam os dois voando, e não saíam disparados para o céu porque o cristal os impedia.

Menw a afastou ligeiramente para olhar o rosto. Tinha uma cor maravilhosa, os olhos brilhavam e as bochechas estavam coloridas. Sua boca entreaberta com um meio sorriso, e suas pequenas presas a saudavam entre o lábio superior. — Quando entrei a encontrei levitando, e só o teto de cristal impediu que fosse direta ao amanhecer. Mata-me de susto — grunhiu, abraçando-a com mais força.

Daanna se deixou tocar. Deuses, que gostoso sentir que um homem como ele a acariciava dessa maneira.

— Menw, foi incrível… — explicou excitada. Mas quantos braços tinha Menw? A tocava por todos os lados. — Escute-me…

— Não, não... — a puxou pelo rosto. — Pensei que errei à mão com o sonífero… Daanna… Merda, está linda quando acordada.

Inclinou para beijá-la com todas as vontades que sentia da noite anterior, mas então ela se afastou. Daanna abriu os olhos e todo o calor e a cor de seu rosto desapareceu. Pegou Menw pela gola de sua camisa negra, aproximou-se dele e justo quando ele acreditava que ia colocar-lhe a língua na boca, ela colocou uma perna entre as suas e elevou o joelho com força em um golpe certeiro e seco.

— Arg! — Menw ficou sem respiração e abriu os olhos que estavam avermelhados. Ambos caíram como pesos pesados contra o parqué.

Daanna ficou sentada em cima dele, escarranchada, enquanto Menw se retorcia de dor. Custava até respirar.

— Não esperava isso? — perguntou ela com falsa doçura. — Ui, pobrezinho… — beliscou o queixo. — Ontem tampouco eu esperava que me deixasse aqui em sua casa, inconsciente. Traiu-me, Menw. Enganou-me! — golpeou o peito com as palmas das mãos. — Nunca mais volte a fazer! Nunca mais me prenda ou te asseguro que o matarei!

— Merda, merda na… — grunhiu ele contra o chão, levando a mão aos testículos. — Tenho na garganta, Daanna.

— Bem, então espero que extirpem as amídalas. Não quero falar com você, cretino. Foi mesquinho.

Levantou-se de cima dele. Olhou ao teto e esperou que a espada retornasse da espiral. Algo que levasse em suas bilocações, voltaria com ela. E assim foi. Algo cintilou no teto de cristal, e então apareceu a chokuto. Com seu punho negro e vermelho e sua capa de pele negra. Daanna elevou a mão e a agarrou ao voo. Sim, senhor. Estava muito orgulhosa de seu presente.

— O que é isso?

Menw se levantou todo dolorido, com o rosto vermelho, e estava atrás dela observando a espada. Puxou o pulso e a obrigou a mostrá-la. Mas ela o empurrou e colocou a ponta da espada desencapada sobre seu peito.

— É um presente e não quero que o toque — advertiu.

Menw ficou olhando Daanna entre o assombro e a fascinação. Seu cabelo azeviche e brilhante caía em graciosas mechas sobre seu rosto, tampando parte desses olhos enormes que só ela tinha. Parecia uma mulher selvagem.

— Onde esteve? O que passou? Estava muito preocupado por você.

Daanna jogou com a ponta da espada sobre sua camisa e fez um buraco à altura do coração.

— Recebi meu dom.

Menw aumentou os olhos e não soube como reagir. Se Daanna já recebeu seu dom, queria dizer que não necessitava mais seu sangue? Deu um passo à frente, mas ela negou com a cabeça, imobilizando com a espada.

— Qual é? Dá cabeçadas contra os vidros?

— Muito gracioso. Nem um passo. Quer que nos levemos bem, Menw?

— O que dure o trato.

Ah, já chegou Menw defensivo.

— Pois sim — murmurou ferida. Agarrou ar e levantou o queixo, era muito altiva. — Não fico em casa, entende? Quero muito sair para lutar com vocês; ao lado de meu irmão e, sobretudo você, me deixará liberdade suficiente para respirar sem ter que pedir permissão. Sou uma excelente guerreira. Estamos obrigados a trocar nosso sangue e conviver como casal, mas…

— Daanna…

— Mas se voltar a me fazer igual esta noite — pressionou a ponta da espada em seu peito, — eu mesma te obrigarei a te entregar ao amanhecer. Vou aonde você for. Ou vou onde me dê à vontade. Mas não faço o que você me diga por que seja o macho alfa. Não te confunda comigo. Sou vanira, e sou guerreira.

Menw apertou a mandíbula. Os olhos verdes de Daanna refletiam quão ferida estava e com certeza o fazia sentir o que viveu por um momento. De onde saiu à espada?

— Vai me custar.

— A mim também vai custar estar aqui com você sabendo que irá e que me deixará, mas o aceito porque é sua decisão. — As mentiras podiam cortar por dentro? Porque doía o estômago depois o que acabava de admitir. — Você aceita minhas condições?

O curador assentiu a contra gosto. Ambos se olhavam com cautela, sem confiar nem um fio de cabelo um do outro.

— Leva uma katana? De onde saiu?

— De Chicago. E não é uma katana. Chama-se chokuto.

— O quê? — perguntou perdido.

— Tenho o dom da bilocação. Estar em dois lugares de uma vez. Pelo visto me acontece ao dormir, depois de beber seu sangue — disse confundida. — Minha outra parte viaja e localiza os membros dos clãs que estão repartidos por todo mundo. Tenho que avisá-los e reunificá-los para poder lutar juntos no Ragnarök. Estive em Chicago, com Miya.

— Com quem? — perguntou secamente e à defensiva.

— Miya. — Daanna elevou o queixo novamente e o desafiou a que soltasse um de seus comentários depreciativos, mas Menw estava muito surpreso para fazer. — É um vaniro… é como

um samurai. Ele me deu de presente a espada…

— Foi ao encontro de outro homem? — perguntou com voz fria. — Levo duas horas tentando te despertar e você esteve com outro?

Duas horas? Daanna mordeu o lábio para não voltar a rir. Aquilo soava muito neardental.

— Não fui ao encontro de ninguém, machoman.

Menw se moveu tão rápido que ela não pôde reagir. Colocou a suas costas e a prendeu entre seus braços, imobilizando-a.

— Não se equivoque, Daanna. Eu não gosto das brincadeiras.

— Não é uma brincadeira. — Ela se revolveu, sentia-se fraca depois da viagem do espaço temporário que fez, mas Menw era muito forte e estava bravo.

— Fui diretamente a ele, me apresentei e ele me disse quem era. Pedi que… Está-me fazendo mal, bruto, para de me apertar assim…

— E uma merda! — retirou o cabelo do pescoço e olhou para ver se tinha marcas. A cheirou e logo puxou os pulsos com uma só mão.

— Você está me soltando, Menw.

— Vai à merda, *Omhailp*!

— E te apresentou assim? Com esta roupa? Com minha roupa? — especificou, lambendo a carótida da garganta. — É uma provocadora.

— E você não sabe o que quer — o olhou e o encarou. Seus olhares colidiram. — Não sei por que te comporta assim. Você quer me abandonar, diz que vai.

— Ah, mas se equivoca. Se souber o que quero — inclinou o pescoço a um lado, abriu a boca sobre sua pele e cravou as presas profundamente. Começou a beber não por sede, mas para marcá-la como dele. E logo lhe deu só uma lambida, para que ao menos ficasse a marca avermelhada dos dois incisivos, como uma tatuagem. Ela estava tremendo, e muito excitada. As dentadas entre casais eram sedutoras e, sobretudo afrodisíacas. Menw a sustentou contra ele, abraçando-a com possessividade. Ambos com a respiração acelerada.

— Minha enquanto dure o pacto, recorde — murmurou sobre a pele. — Não vou permitir outro comportamento ou outra atitude como a que teve com o Gabriel. Nem pensar, Daanna. — Deslizou suas mãos quentes por debaixo de sua camiseta e cobriu os seios nus com elas. — Maldição! — gritou contra sua garganta. — Sem sutiã, com minha roupa interior, na frente de outro homem que dá presentes e que é vaniro como nós… o que acredita que sou? Um idiota?

— Você… você está com ciúmes.

— Seriamente?

— Quer me deixar louca — choramingou, deixando cair à espada no solo. — O que é o que quer? — se enroscou contra ele até que pôde encará-lo cara a cara. — O que, Menw?

O curador olhou a boca e logo os olhos. Esses olhos que sempre o enfeitiçaram. No entardecer de seu povoado, quando ainda era humano, Menw e Daanna observavam juntos como o sol caía nas montanhas. Então ele não olhava o sol, ele só podia olhá-la, às tonalidades verdes e claras que seus olhos adquiriam com o reflexo do astro. Ela era seu verdadeiro sol.

Quero tudo.

— Só que me respeite durante o tempo em que estejamos juntos — disse finalmente.

A luz dos olhos de Daanna se apagou. O que passaria entre eles? Sobreviveriam a essa convivência?

— Eu faço, Menw. Acredite. — Elevou uma mão e afastou uma mecha loira do rosto. Adorava seu cabelo, sua cor, tão brilhante e limpa. — Leu meu sangue, minha mente, viu meu encontro com Miya, verdade?

— Sim — assentiu mais tranquilo e se recreou na carícia da mão de Daanna. Essa mulher o convertia em um histérico. Esse tal Miya gostou de Daanna. E a quem não? Sua mulher era um pecado andante. — Acredito. Mas eu não gosto de nada do que vi. Até e assim, há algo que sei que não me diz, algo que não deixa que veja.

— Mostrei tudo.

— Não. Não é sobre seu encontro com Miya. É sobre algo teu… o que é?

— Não há nada que não disse ou mostrei, Menw. Viu tudo de mim — assegurou fazendo beicinho.

— Não vi tudo, e antes que o nosso tempo acabe, descobrirei. — Seus olhos azuis refletiam a mais firme das promessas.

— O que você disser — encolheu os ombros com indiferença. — Iremos ao Ragnarök as sete, verdade? Morro de vontade de contar tudo ao Caleb e Ás. Sairei para comprar um pouco de roupa.

Daanna se separou dele, protegendo de seu olhar inquisitivo e deu meia volta para ir ao banho e limpar.

— Não irá vestida assim. Já comprei roupa e quinquilharias das quais você gosta e, além disso, resgatei algumas coisas de seu *local secreto*. — Pelo visto você adora as espadas… sim, e esse tal Miya coincidentemente te deu uma, o gracioso.

Daanna se voltou, impactada, ante o anúncio de Menw.

— Também trouxe seu carro — continuou o vaniro. Elevou o comando automático de seu Mini Cooper vermelho e branco e sorriu, um sorriso presunçoso e orgulhoso de si mesmo. — Está em meu estacionamento, logo mostrarei isso. Também seu iPhone, deixou isso sobre o porta-luvas. Como vê, nem tudo está perdido.

Estava emocionada. Suas coisas… Bom não todas, algumas delas… Menw as trouxe? Comprou roupa? Seria verdade que não estava tudo perdido? Nem sequer eles?

— Minhas armas?

— Sim, senhorita Croft. E também alguns livros e alguns instrumentos musicais, e… ah, sim! Muitos trajes de luta e muitos pares de calçados… por que tem tantos?

— Se chama moda — respondeu, levantando uma sobrancelha atrevida. — Eu… não sei o que dizer — admitiu timidamente.

— Não precisa dizer nada. Valeu a pena só para ver o rosto de surpresa que fez. Encantou-me — admitiu lançando a chave sobre a almofada. — E agora come comigo — assinalou os donuts e os cafés, envergonhado, — estão frios, mas ao menos se pode…

— É um convite? Porque soou a ordem, sabe? — arranhou o queixo, com diversão. — Você

gostaria de comer comigo estes maravilhosos donuts frios e duros como uma pedra, e esse café gelado? — fez uma reverência. — Não tem fome? É a primeira vez que vou comer depois de trocar sangue com minha vanira, e pensei que você gostaria de compartilhá-lo.

E a ela por pouco não cai a cueca ao chão. Esse homem tinha o dom de convertê-la em uma estúpida. Começou a rir e negou com a cabeça.

— Morro de fome e tem uma aparência estupenda, obrigada. — Passou por seu lado, ficou nas pontas dos pés e o beijou no canto dos lábios. Num gesto cheio de agradecimento. Apoiou com uma mão em seu ombro e disse ao ouvido: — Cuidado, que o príncipe das fadas ameaça voltar. E se voltar, pode ser que não te deixe partir. Se voltar, pode ser que ao final não queira que vá, curador.

— Basta, Daanna — murmurou ele se fazendo o forte.

— O que disse? — se separou dele e o olhou sem entender nada, fingindo alienação. — Disse algo? Deve ser a bilocação que ainda me deixa confusa.

Menw recordou então como Daanna provocava quando era humana, como olhava com os olhos abatidos, e sorria piscando. Ou como soltava comentários com duplo sentido que ele sempre captava e agarrava no ar. Era uma descarada, e seguia sendo. Daanna também estava de volta.

A vanira tomou um donut e o levou a boca, faminta, enquanto ele recolhia do chão a espada samurai e a deixava em cima da cama.

Comeram os donuts em um ambiente cordial e amistoso, sabendo que atrás dessa fachada de desenvoltura, o passado, a paixão e o ciúme fariam um coquetel molotov que os faria voar pelos ares, cedo ou tarde. E nenhum dos dois era tão tolo como para não se dar conta disso.

Capítulo 14

Menw sabia que Daanna estava impressionada. Ele tinha um novo carro, uma casa a seu gosto e um estilo de vida diferente ao que certamente ela imaginava. Não só estava impressionada, estava surpreendida. E ele também. A verdade era que gostava de tê-la em seu lar, adorava poder cuidar dela. Daanna usava sua roupa e suas quinquilharias, as que ele pediu de seu iPhone às lojas londrinas mais exclusivas. Só precisava dar seu número de pedido e esperar que os dependentes dos locais acudissem solicitamente para trazer os pacotes. Necessitava fazer assim, sobretudo se em pleno centro de Londres o dia era caloroso e ensolarado, como era o caso. Comprou tudo na primeira hora da manhã, e morreu de felicidade ao ver o rosto de alegria de Daanna em cima de tudo o que recuperou. Sentia-se orgulhoso disso, de poder adorá-la embora fosse dessa maneira.

A marca brilhava no pescoço de sua vanira, dois pontos avermelhados que a marcavam como dele. E, além disso, comprou o mesmo relógio que ele usava, mas de garota. Usava um vestido negro com um cinto vermelho largo que emoldurava a cintura, e umas botas vermelhas de

salto que chegavam por debaixo do joelho. Colocou um lenço vermelho de seda preso ao pescoço, e uma jaqueta muito fina de pele negra que apanhava perfeitamente os braços. Parecia uma modelo parisiense. Daanna tinha seu próprio estilo.

Agora, enquanto Menw conduzia seu Porche marrom 911 Carreira S. Daanna olhava para ele de esguelha, pensativa. E ele estava desejoso de deitar com ela de novo; mas após drogá-la e de sua primeira bilocação não acreditava conveniente aproveitar de sua debilidade. Daanna precisava adaptar-se a sua nova situação, entender seu dom e saber controlá-lo. O susto que levou ao vê-la contra o vidro, o fez pensar que se seu dom despertasse sempre ao dormir e após beber seu sangue, iria a mais de um lugar nua, e isso ele não permitiria. A Daanna esperavam umas noites muito movimentadas, com ele entre sua perna, e se tentava ir, ele iria com ela.

— Do que ri? — perguntou Daanna com curiosidade, deslizando o dedo indicador por seu lábio inferior.

— De nada — olhou pelo retrovisor e sorriu enigmático. — Bom… a verdade é que comeu os donuts com muito prazer. Estava… muito bonita, parecia uma menina pequena com um pirulito.

Daanna cruzou os braços e riu:

— Verdade? Estavam tão bons! — revirou os olhos. — Quando bebe sangue de seu casal é incrível como a comida sacia rápido. Oh, desfrutei comendo — recordou com o semblante sonhador. — Depois de dois mil anos, notar como os mantimentos enchem seu estômago é fascinante.

— Fiquei louco vendo-a comer — sussurrou, jogando um olhar furtivo.

Ela ruborizou. Aí estava outra vez. Seu Menw, seu príncipe, seu melhor amigo, o amor de sua vida. O único.

— Sabe? Deixou-me com a boca aberta, Menw. Conhece exatamente meus tamanhos, e como eu gosto da roupa. Comprou minhas bolsas favoritas, um relógio igual ao teu, meu perfume…

— Davidoff, Cool Water — contestou sem perder de vista a estrada.

— Sim — murmurou ela, acomodando na poltrona de pele, olhando fixamente, tentando descobrir o que havia atrás de todos esses gestos, e esperava que não só fosse o conhecimento que outorgava o compartilhar dois mil anos de suas vidas. — A roupa interior que escolheu é muito provocadora, não parece?

Menw tragou saliva e apertou o volante com as mãos. *Merda, merda, que não me diga o que vestiu…*

— Uso o conjunto negro transparente nos mamilos e parte de minh…

— Suficiente — disse com voz afogada. Daanna sorriu e olhou pela janela. Teria piedade. Não, não ia atormentá-lo. Ainda. Maravilhoso. Sentia bem com ele. Tão a gosto que esperava ficar ali para sempre.

— Este carro é lindo. Vi algum por Londres, antes, mas sei que há poucos. — O que acontecia? Não podia deixar de falar.

— Obrigado. Mas em Londres só há um. Este — sorriu, e ao fazê-lo uma mecha de cabelo loiro cobriu seu olho direito.

Daanna desejava afastar com os dedos, mas antes de fazer esticou. Como que um? — Quando comprou?

— Há uns meses.

— Antes de…?

— Sim. Antes da chegada de Aileen.

Daanna mordeu a unha do dedo indicador e meditou nessa revelação.

— Sabia que havia comprado o Mini? Diga-me a verdade.

Menw entendeu que Daanna prendeu os cabos.

— Sim.

— Me seguia? — incrível, era ele o Porche que sempre cruzava no caminho.

— Cuidava de você, é diferente.

— Cuidou de mim estas semanas anteriores nas quais eu acreditava que havia ido embora? — apertou os punhos até deixar marcas com as unhas. Sentia falta dele e não podia suportar não vê-lo, não saber dele. E enquanto ela fazia suas escapadas para encontrar, para buscar, para ver embora fosse um instante, Menw cuidava dela? Estava bem atrás? Por que não o viu em suas lembranças ao beber dele? Fácil, Menw também levantou muros mentais. Vá, os dois.

— Eu sempre estive perto de você, Daanna — reconheceu, olhando para frente. — Inclusive quando acreditava que já não estava. Sempre estive ao seu lado, vigiando.

— Controlava-me.

— Não. Protegendo. Não disse nada a Caleb, porque eu já estava ali para me encarregar. Meus olhos a seguiam e não necessitava mais. Nunca foi consciente de como era importante sua pessoa para o clã, nem tampouco foi consciente do muito que me importava. Estas noites em que sozinha burlou a segurança do clã, as manhãs que conduziu por Londres evitando algo tão perigoso para nós como o sol, demonstrou mais uma vez como foi inconsciente. Que não pensa nos outros, em quão preocupados podemos estar por você.

Um nó de tristeza fechou a garganta de Daanna. *Está brigando outra vez?*

— E agora? — perguntou ela servindo de seu cabelo para ocultar sou rosto. — O que sente agora? Importo tanto como antes?

— Falemos de outras coisas, por favor.

Outras coisas? Do que? Para ela nada era mais importante que recuperar o amor de seu cáraid. Só isso importava. O descobrimento de seu dom foi uma imensa sorte, sentiu realizada, mas não estava completa. Não era feliz. Queria que Menw a quisesse, e queria que reconhecesse a verdade. Diante dela, diante de si mesmo. Não podiam merecer uma segunda oportunidade? De verdade que quando tudo acabasse Menw a abandonaria?

— Não. Não quero falar de outras coisas. Custa acreditar que não sinta nada aí dentro, Menw — o acusou, girando todo o corpo para estar a sua altura e poder encará-lo.

— Sinto séculos de dura instrução, Daanna — a olhou de soslaio. — Minha atitude é a reação as suas ações.

— Sim, segue dizendo isso a você mesmo. Eu me equivoquei, me enganaram e eu acreditei no que vi. Não vou me desculpar mais por isso. Tento arrumá-lo, tento… — puxou o queixo e o

obrigou a olhar — olhe para mim, Menw.

— Estou dirigindo. Solte-me.

— Tem suficiente reflexos para conduzir com os olhos enfaixados e plugues nos ouvidos. Olhe-me. — Menw o fez, e o que viu desfez um pouco mais o iceberg que cristalizou em seu coração. Daanna estava se abrindo para ele, com toda a naturalidade e a honestidade que tinha quando era humano. Daanna estava despertando. — Não vou me dar por vencida. Você sim?

— Aceito minha situação.

— Porque não confia em mim? — perguntou com voz trêmula. — Acha que lhe farei mal?

— Porque já não sinto o que sentia por você. Porque agora estamos vinculados à força, e a vinculação forçada pode nos confundir. Não acredito que sejamos cáraid. É impossível resistir dois mil anos a seu verdadeiro casal, e você e eu temos feito. Talvez estejamos apenas apaixonados um pelo outro — não sentiu prazer ao ver como Daanna empalidecia. — Estamos cumprindo um trato, mas não devemos deixar que o que trocamos durante o trato nos faça acreditar em algo que não somos. Tive a eternidade para amar você, Daanna. Mas me castigou a uma eternidade sem perdão. Eu rogava que me perdoasse, cada dia. Cada mísero dia, recorda? — grunhiu a um centímetro de sua cara. — Perdoa sinceramente se te causei algum dano. Inclusive, em meu caso, embora na realidade não fosse culpado disso.

Daanna recebeu essas palavras como um cubo de água fria. Menw seria capaz de mentir dessa maneira olhando-a nos olhos? Não. Isso não tolerava. Seu coração não poderia aguentar. Puxou pelo queixo com mais força. Era uma vanira, uma mulher pantera, como Menw, e inclusive Miya a chamou assim. Lutaria sempre.

— Darei outra coisa em troca, Menw. Está muito fechado em sua dor, no mal que passou, nos desplantes que recebeu de minha parte. Sinto muito, sinto muito, sabe? Mas há duas partes nesta história, e tem que reconhecer. Deixa de me culpar, deixa de me castigar. Acha que me viu chorar? Acha que tive o suficiente?! Que a dor da perda passou alguma vez? O que nunca saberá, é que de todas essas lágrimas que derramei, as mais amargas, as que nenhum de vocês viram, foram as que não deixei cair, ou neste caso, as que derramei em silêncio.

— O que quer me dizer com isso? O que aconteceu pior que eu? Há algo que não me conta? Então, diga isso.

— Passei imensamente pior! — deixou cair à mão de seu rosto e se acomodou de novo no banco do copiloto. Apoiou o queixo em seu punho e sorveu pelo nariz. — E te asseguro que é algo que carrego todos os dias. A pena, o abandono, o arrependimento e a vergonha. Fui eu que sofri, eu fui traída, eu que precisei ver como o homem ao que amava ia com outra mulher e o admitia como um deslize. E já não me importa se era ou não certo, eu vivi como uma realidade. Sofri o golpe. Fui eu que perdi tudo — abraçou a si mesma. — Eu também sofri.

— Não chore, por favor.

— Não choro! — gritou com os olhos cheios de lágrimas, furiosa com esse homem cego e obcecado, que queria destruí-los como casal, que queria negar a oportunidade que davam os deuses para atar novamente. — Insiste em seu papel de vítima, e eu? A diferença entre nós é que você se rendeu em mais de um sentido — falou. — Eu não. Mas juro que vou fazer que engula

cada uma de suas palavras. Vou demonstrar que sou sua cáraid, imbecil.

Menw sentiu que a pele arrepiava. Vá, a pantera mostrava as garras, e por todos os deuses, como desejava vê-la em ação. Como gostava de ouvir a voz de Daanna em sua cabeça.

— Está me desafiando?

— Estou advertindo. Quer me negar? Quer ignorar ou matar o que há entre nós? Pois vai ter que brigar, porque eu não vou permitir que o faça. E vai ter que brigar comigo ou contra mim. Ninguém vai jogar outra vez com meu coração e muito menos arrebatar algo que é meu.

Menw sorriu secretamente, pôs a alavanca de mudança em primeira e acelerou. Conhecia. Conhecia-a tão bem… Sabia como provocá-la, como dar na tecla certa para que ela reagisse e desse o primeiro passo. Isso sim, faria com elegância e com a classe que o caracterizava, não tinha nenhuma dúvida a respeito. Daanna era Daanna. Gostava que aquela mulher desprendesse tanta vida e tanta paixão. E adulava saber que lutaria por ele. Já era hora de que a Escolhida tirasse a máscara e demonstrasse se o queria ou não. Merda, o brilho de seu olhar esmeralda, o calor de seus olhos quando o olhava como agora, jurando que era dela e que ninguém o arrebataria… Precisava fazer amor com ela urgentemente. *Esta noite*, prometeu.

— Então, que ganhe o melhor — disse, olhando-a de soslaio e colocando os óculos de sol Carrera. Ligou o rádio de seu Porche e deu play. A canção *Just a Dream* do Nelly começou a tocar. — Veremos qual dos dois tem razão.

Iriam a Ragnarök, poriam aos clãs em dia e em funcionamento e de noite, a sós, Daanna saberia o muito que ele a necessitava e saberia o que ele pedia exatamente para ficar com ela. Só a verdade. A mais pura verdade. Havia uma porta fechada na mente de Daanna, algo que não contava, e se deu conta que só ele podia saber, porque ninguém melhor do que ele a conhecia. Durante a noite teria a Daanna em suas mãos.

***

Se você pegou esse livro no blog "Romances Sobrenaturais', da Isis, saiba que ela prejudica propositalmente nosso grupo.
Estamos sendo ameaçados por editoras, cujos livros pedimos para não serem postados, e o blog citado, insiste em não acatar um dos pedidos que fazemos: "A não divulgação desses livros (séries compradas por editoras no Brasil) em blogs abertos".
Ela quer que vocês fiquem sem os livros!!!
E vocês estão colaborando com isso, ao participarem do blog dela.
Gostou desse livro? Pegue direto na fonte e não de terceiros que somente prejudicam quem verdadeiramente faz o trabalho!

***

Quando chegaram à discoteca subterrânea, todos esperavam. E aquilo sim que foi uma entrada triunfal. Menw recuperou o tom; vestia uma camisa vermelha arregaçada nos antebraços e umas calças negras de vestir, com um cinto de pele negra. Mostrava as tatuagens pela primeira vez e o fazia livremente. Seu cabelo loiro e liso emoldurava o rosto. Era como um leão. E seus

olhos azuis não perdiam nenhum detalhe daquele lugar.

Não esteve ali antes. Daanna explicou que Adam o construiu e que o casamento de Ás e Maria foi celebrado nesse local. As quatro humanas que iam e vinham servindo aos presentes eram as que se encarregavam dos fóruns e da Web e foram instruídas pelas sacerdotisas.

Nunca antes se sentiu tão à vontade em um lugar, e desta vez, ao lado da vanira, sentia bem. O sangue de Daanna o fazia forte, e Daanna estava a seu lado, como uma princesa, olhando todos à cara como se não temesse nada, segura de si mesmo e do que devia fazer. Merda, estava tão orgulhoso dela.

— Está bem? — Aileen correu a saudar a Daanna e segurou seu rosto. — Sinto muito por sua casa — falou sua cunhada com seus olhos lilás. Inalou com dissimulação e sorriu maliciosamente.

— O importante é que não aconteceu nada mal — a tranquilizou Daanna e sorriu com carinho, olhando de esguelha como Caleb e outros recebiam Menw. Respirou tranquila ao ver que Gwyn, Lair, Ione e o resto o saudavam com alegria, contentes de vê-los aí de novo. Inclusive os berserkers davam boas vindas. — Só uns arranhões.

— Menw lhe pôs as mãos em cima, outra vez. — Não era uma pergunta, era uma afirmação em voz baixa feita pela híbrida, a quem não escapava nada. — Estão vinculados.

— Sim — falou Daanna ruborizando. Não estava de todo cômoda falando de suas intimidades.

— Me alegro. Espero que as coisas se arrumem de uma vez por todas.

Oxalá Menw colaborasse um pouco mais, pensou Daanna.

Ruth apareceu por atrás da Aileen e sorriu à Escolhida, com certa reticência. Os olhos ambarinos de Ruth a olharam de cima a baixo, assegurando de que tudo estava em seu lugar. Daanna alisou umas rugas inexistentes do vestido e fugiu do seu olhar. A humana era tão protetora como Aileen, e ofendeu Ruth na última vez que se viram. A Caçadora a estudava e olhava a seu redor, tentando escutar algo que só ela, pelo visto, podia ouvir. Imediatamente, Daanna abriu as muralhas mentais que a protegiam de qualquer invasão. Ruth deixou cair os ombros, decepcionada. *Não olhe, Ruth. Não sei o que quer de mim*.

— Me alegra ver você bem, Daanna — disse Ruth com voz doce. Ela sabia muito bem que a Escolhida estava perto de quebrar e decidiu não ir abraçá-la. Terei que te dar espaço.

Uma onda de orgulho e admiração por elas a deixou tremendo, emocionada. *Minhas amigas*, sentiu um aperto em seu coração. Angustiou e assentiu, agradecendo as palavras. *Mas, o que me passa? Eu sou mais forte, não tão sensível*. Afastou-se, até que se viu rodeada pelos braços de Maria, a mulher de Ás. Ruth e Aileen se olharam uma à outra e se obrigaram a não voltar a rir.

— Não me importa que meu marido te veja como a uma princesa, tem muito respeito — murmurou ao ouvido enquanto a abraçava com mais força. — Para mim é uma de minhas meninas. — Beijou na bochecha e sorriu afavelmente enquanto acariciava o cabelo e o rosto. Seus olhos negros e seu cabelo liso e comprido a protegiam como uma loba cuida de seus cachorros. — Não me dê mais sustos destes, de acordo?

Daanna tragou saliva e assentiu novamente.

— Está bem.

Uff, começaria a chorar como uma criança. Mas então sentiu que alguém entrelaçava os dedos com ela.

Está bem?

Menw. *Não estou segura. Só estou emocionada. Vai, me trata como se fosse seu casal?*

Menw ficou atrás, com suas mãos entrelaçadas. Se necessitasse, ele seria seu apoio, por agora.

O que sente se chama emoções. Despertam como uma explosão quando começamos a assimilar o sangue de nosso companheiro.

De verdade? Pois as tuas estão hibernando, não?

Menw jogou o pescoço para trás e soltou uma gargalhada.

Que bom, eu adoro que ria de mim. Daanna tentou soltar a mão, mas ele entrelaçou os dedos com mais força.

Garota, pantera. É provocadora. Se agarre a mim e tudo será mais suportável. Agora está afligida. Relaxe e aceita os gestos de carinho dos outros.

É engraçado que você me diga isso.

Maria se afastou e deu passo a Caleb. Este, tão intimidante como sempre, pôs as mãos sobre os ombros de sua irmã e grudou sua testa à dela. Olharam nos olhos fixamente, ambos de exatas tonalidades verdes.

— Irmãzinha… vou te matar por me arrancar anos de imortalidade — murmurou com ternura. — É uma rebelde. Compra um carro e faz um salão de armas sob uma garagem nova em sua casa?

— Brathair, só está ofendido porque lhe feri o orgulho — sorriu, fechando os olhos, agradecida diante do tato de seu irmão maior. — Isso me salvou a vida.

— Eu sei, e nunca estive tão orgulhoso de que desobedecesse minhas ordens.

— Lembre-se disso que me diz, Cal. Terei em conta de agora em diante — sorriu.

— Bem, espero que não toureie Menw do mesmo modo — deu um beijo fraternal nos lábios, — no momento leva roupa vermelha. — Mostrou o curador olhando as botas, o lenço e o cinto. Mas, sobretudo, a boca. Essa boca era demolidora. Daanna era o que para um touro seria uma capa vermelha.

— Sim, e uma espada linda que deixei na recepção. — Daanna levantou uma sobrancelha. — Para te cortar o rabo.

Menw sorriu abertamente e ela simplesmente sentiu que caía no abismo, que estava tão apaixonada por ele que esqueceria todos seus princípios. Sim, completamente apaixonada.

Aileen esclareceu garganta e olhou para outro lado, lendo a situação entre linhas.

— Sentemos e falemos do que vai acontecer a partir de agora, por favor. — Caleb abriu os braços e convidou a todos os membros dos clãs para que tomassem assento.

Vaniros e berserkers retomaram seus postos na sala, e ficaram em silêncio.

As sacerdotisas, inclusive os meninos estavam ali. Daanna observou que Liam e Nora não se afastavam do lado de Ruth. Os gêmeos a olhavam como se ela fosse um dia de Natal. Adam Njörd, o noaiti do clã berserker, passava um braço por cima do respaldo da cadeira de Ruth e se inclinava

para ela. Ruth sorriu e os olhos encheram de ternura e de amor. *Que bonito*. Sua amiga de cabelo vermelho e coração de ouro domara um lobo moreno e teimoso, e agora ele comia em sua mão. Apaixonado.

A seu lado, Noah Thöryn, um dos olhos de Ás, não deixava de mover o ombro e tocar como se doesse, enquanto a mão acariciava ocasionalmente o cocuruto de Brave, o huskie de Aileen e Caleb que se converteu em patrimônio dos clãs. Ele fazia uma massagem digital. Ela aprendeu técnicas de massagem oriental, e um de seus movimentos era esse, esfregar utilizando só os dígitos, as pontas dos dedos, daí seu nome. Parecia um pouco confuso, algo incomum nele, que era um dos homens mais imperturbáveis que Daanna conhecera.

Do outro lado da mesa, Caleb e Aileen se sentavam ombro com ombro. Sempre tocando, sempre sentindo, e comunicando com os olhares e os corpos. Seu irmão e Aileen eram um desses casais que podiam incendiar os lugares por onde passavam. Química perfeita.

Ás Landín, o líder do clã berserker, bebia um gole de vinho, e entrelaçava os dedos com Maria. Ás tinha um cabelo escuro e um pouco grisalho. Seus olhos da cor do jade escutavam com atenção a sua nova mulher. Maria era como uma mãe, a maior desse grupo de amigas que fez desde que Aileen chegou à Inglaterra e entrou como uma flecha direta no coração e na vida dos clãs. A híbrida foi uma bênção para eles. Sua chegada uniu os Vaniros e berserkers, e graças a isso seu irmão podia sair sob a luz do sol, e todos podiam se reunir para preparar e resistir os ataques do Loki e seus jotuns, como essa noite.

Na frente deles estava Beatha e Gwyn, o casal do Vaniros mais antigo junto a Laín e Shenna. Shenna apresentava uma gravidez muita avançada, devia ficar já pouco. Nayoba e Lisber brincavam de correr ao redor dos pais, Beatha e Gwyn. O casal de loiros perdeu mais dois filhos nas mãos do Newscientists fazia anos, e a perda ainda se refletia em seus olhos. Rena e Jared puxavam as tranças de seu pai Ione, enquanto Inis não se aguentava de tanto rir. No clã se dizia que Inis e Ione não eram cáraid autênticos, mas que o respeito e o carinho mútuo deram lugar a um amor duradouro e fiel, e desse amor já nasceram duas criaturas. Os dois demônios que incomodavam seu pai e que queriam o deixar calvo. Enok, o pequeno de três anos, estava a cargo das sacerdotisas. Seus pais, Sullyvan e Maggie, estavam sentados em um canto, falando com alguns homens e mulheres berserkers. Daanna teve uma boa relação com as mulheres do clã, especialmente com Beatha e Shenna, mas quando elas se emparelharam, acabaram se distanciando. A verdade era que ela se afastou, porque o amor dos outros a deixava mal, quão egoísta era. E nesse momento, não se sentia muito diferente de como o fazia antigamente sempre que os observava. Daanna sentiu uma pontada no coração ao ver essas famílias interagindo. Olhou Menw de soslaio, mas ele já estava a observando com atenção. A vanira afastou o rosto para que ele não visse mais do necessário

— Adam, por favor — falou Ás. — Pode ler a profecia que recebeu do Skuld?

O berserker assentiu e se levantou para ler o recebido em voz alta:

Sou Skuld, a voz da profecia, a voz que fala antes do dia.
Duas almas iguais e puras estão no Midgard. Duas bússolas. Ele descobrirá a fratura por

onde se abrirão as portas do Ragnarök. Os jotuns daí sairão. Ela pode ver onde se encontra o deus jotuns.

Cuidem, são sua salvação. Cuidá-los é sua obrigação.

Chegou o momento de que a velge desperte de sua letargia, apenas se deixar para trás sua dor.

Na batalha final, uma alma ainda não nascida, poderá defender o Midgard, apenas se aceitarem os dons e os enganos.

O amor e o perdão abrirão os olhos às almas feridas, e o humano conhecedor de seu mundo ficará ao seu lado. Apenas se o magiker expulsar o veneno que há dentro em seu coração.

O deus dourado retornará e com ele na Terra chegará à vingança, apenas os pecados dos pais são perdoados.

Morrerão muitos. Viverão os justos.

Recordem que a luz brilha apenas na escuridão.

Chegou o momento da redenção e a rendição. Embora ninguém o acredite, apenas os valentes se ajoelham.

— Bem — Ás se levantou apoiando as palmas da mão sobre a mesa. — O noaiti recebeu esta profecia faz apenas quatro semanas. Pelo visto, dia após dia entendemos pouco a pouco dos quais nos falam. São peças essenciais para finalmente entender o que será o Ragnarök. Os deuses não nos abandonaram nunca.

Caleb o olhou de esguelha, e Ás o ameaçou com o olhar, para assegurar de que o vaniro não dissesse nada.

Não, Cal. Pediu Aileen pondo uma mão sobre seu joelho. *Já falamos disso e me disse que tinha suas razões para ocultar seu conhecimento, não? Não quero que briguem mais.*

Sim, tinha suas razões. Mas sabê-lo não impede que deixe de me ofender por não anunciar que teve contato com Odin. Não baterei mais, prometo.

— Newscientists e os jotuns liderados por Loki vêm diretamente por nós — dizia Ás com o semblante sério. — Ontem de noite atacaram Daanna e quase a perdemos na explosão. Um dos Vaniros que a vigiavam perdeu a vida, o outro está se recuperando. Caleb nos recomendou que abandonássemos nossos domicílios como forma de não sofrer outra emboscada como a que sofreu sua irmã. Entretanto, depois de muito meditá-lo, decidimos ficar. Não iremos de nossos territórios. Se querem vir, que venham, enfrentaremos em nossa casa. Nós não fugimos. Nunca.

Caleb olhou a Ás com orgulho, plenamente de acordo com o pensar do avô de sua amada, assim que o apoiou assentindo.

— Pensamos que todos poderiam viver em um acampamento — comentou Caleb, — mas…

— Não — disse Menw interrompendo Caleb. — Seria como pôr um alvo em nosso traseiro.

— Isso mesmo me disse — contestou Caleb sorrindo. — Não podemos dar nenhuma facilidade. Entrei na base de dados e armamento da inteligência militar. Facilitarão um sistema AMB de longo alcance.

— Um quê? — perguntou Maria franzindo o cenho.

— Uma versão dos escudos antimísseis — explicou Noah, estirando o pescoço de um lado a outro.

Daanna levantou uma sobrancelha. O que passava ao berserker? Parecia que doía o ombro ou as costas, como se estivesse incômodo.

— O sistema reconhece pequenos mísseis e qualquer artefato explosivo que lancem contra nossas casas. Quando detecta um corpo estranho agressivo, o escudo irradia uma energia azul que o reduz a sua expressão molecular mais primária.

— Os decompõem. — Simplificou Menw.

— Fantástico — murmurou Daanna. — E não podia ter pedido um joguinho desses ontem? Minha casa ainda estaria em pé.

— Agradeça que não tenha torcido seu pescoço por desobedecer minhas ordens, Daanna — disse Caleb, perfurando com o olhar.

— Morro de medo. Você e seus olhares… — revirou os olhos. Seu irmão acreditava o rei do mundo às vezes.

— Devemos ter os olhos bem abertos — interveio Ás. — Resistimos todos e cada um de seus ataques, mas desta vez, já não serão ardis. Serão diretos. Eles querem o retorno de Loki, ele é seu deus e nós somos os únicos que podemos impedir seu objetivo. Temos os nomes das cabeças visíveis da organização. Menw voou dois centros Newscientists pelos ares e agora estão de muito saco cheio.

— Eles têm meu irmão — rebateu o aludido.

— Não estamos seguros disso — disse Noah cruzando os braços. — Nem sequer sabemos se segue vivo. Além disso, seu irmão Cahal tem uma reputação que…

— Cahal segue vivo — assegurou Ruth. — Sua alma não veio até mim, e já não há nenhum praticante do Seidr que possa fazer passar pela Caçadora de almas. Guio a muitos espíritos cada noite, e ele não apareceu. Está vivo, mas onde?

— Que esteja vivo não implica que esteja em perigo. Não era um mulherengo?

— Vai à merda, Noah! Disse que têm meu irmão — assinalou com o dedo. — E agora estou mais seguro que nunca.

— Por quê? — perguntou Daanna, prestando atenção às palavras do curador. Menw sabia algo e não disse?

— Ontem de noite estive no Ministry. Fui ali todas as noites desde que ele desapareceu.

E quando foi? Antes ou depois de ir às putas?

Menw levantou da cadeira e olhou Daanna. Sua voz parecia suave e cortante como uma navalha. A vanira o olhava por sua vez desafiando a que a contradissera. Optou por ignorá-la, já que essa reação era a que mais raiva daria à Escolhida. Todos notaram a tensão que havia entre eles.

— Ontem de noite li uma mulher: Sarah Park. Conhece duas das garotas que ele perseguiu. São um casal de lésbicas ou ao menos uma delas é com certeza.

Caleb franziu o cenho.

Daanna apertou a mandíbula e olhou para outro lado. *E se zanga comigo porque meu dom*

me levou diante de um vaniro. E enquanto isso, ele vai à discoteca se meter na cabeça de uma mulher. Esticou e jogou os ombros para trás. E se fez algo mais com ela? Menw podia ocultar mentalmente alguns sucessos do mesmo modo que ocultava os seus, mas, depois da bilocação, ela não bebeu de seu sangue e não tinha modo de ver o que mais fez com essa mulher. Merda, estava passando mal e ficando doente só de imaginá-lo no Ministry? Mas se as garotas iam ali desesperadas por uma transa! E Menw não passava despercebido: era mais alto, mais bonito, mais vaniro que qualquer outro humano que pudesse estar pescando naquela discoteca. Estava com raiva e decepcionada. Não só esteve envolvido com prostitutas… *Aff, estava de saco cheio*.

— Cahal perseguiu um casal de lésbicas? — Caleb meneou a cabeça morena, contrariado. — Cahal? Está seguro?

— Ridículo, verdade? — disse Menw tentando não voltar a rir. — Mas é certo. Saiu atrás delas. Eram três.

— Três mulheres — afirmou Noah. — Sim, eu também vi como Cahal saía pela porta de emergência traseira perseguindo alguém.

— Eram elas — Menw fechou os olhos e recordou tudo o que a mente daquela mulher que leu na popular discoteca havia revelado. — Uma delas se chama Laila Johnson, é morena, de cara fina, alta e de estilo bastante masculino. Tem o cabelo curto de menino. A outra garota é muito mais feminina.

— Como se chama a outra? — perguntou Caleb com interesse.

— Mizar — Menw abriu os olhos azuis e cravou no líder vaniro. — Mizar Cerril.

Capítulo 15

— Mizar Cerril? — replicou Caleb arqueando as sobrancelhas. — Sobrinha de Patrick?

Menw encolheu os ombros. — Pode ser. Não sei muito mais sobre elas, à exceção do que estava na cabeça de Sarah. Ela saiu com Laila alguma vez, e Laila trouxe Mizar com ela em cada uma de suas saídas. Sarah então se deitou com Laila só para chatear Mizar, já que segundo o julgamento de Sarah, entre Mizar e Laila há algo… algo que não soube descrever.

— Me está narrando um capítulo de L-Word[32]? — Ruth aumentou os olhos e voltou a rir. — Quem serão elas? Tibette ou Sharmen? — se dobrando de tanto rir repetidas vezes.

— Eu gosto de Sharmen — murmurou Aileen sorrindo a Ruth.

Em Barcelona, tinham visto essa famosa série de temática lésbica e ficaram petrificadas ao ver como eram explícitas as cenas, inclusive acreditavam que as atrizes eram na realidade lésbicas, porque a seu parecer, faziam muito bem.

— Me alegra que tudo isto a divirta — as cortou Menw.

[32] The L Word é um seriado dramático da televisão a cabo dos Estados Unidos. A série mostra as vidas de um grupo de amigas lésbicas e bissexuais que vivem na cidade de Los Angeles, Califórnia. Foi ao ar pela primeira vez em 18 de janeiro de 2004.

— Paramos quando Sarah se deitou com Laila por despeito a Mizar — recordou Daanna, urgindo a que continuasse.

— Merda, cara — Noah sorria de orelha a orelha. — Viu como se deitavam?

— Sim — Menw piscou um olho brincalhão. — Mas isso não é o mais importante. Vi onde.

— Em um elevador? Na banheira? O que faziam? Tesouras? — Noah se inclinou para frente com interesse.

— O que diz tio Noah, Ruth? — perguntou Nora com cara de não entender nada.

— Nada céu. Tio Noah quer jogar pedra-papel-tesouras — Ruth fulminou a Noah com os olhos, mas de nada serve, porque inclusive a ela, escapava a risada. — Menos, tio Noah, não?

— Interessante — murmurou Adam pensativo.

— Adam! — Ruth beliscou o braço.

— Sei onde vive Laila. E sei onde trabalha — assegurou Menw. Retornando ao tema central da conversa, é claro. Tirar um assunto assim em uma sala cheia de homens e mulheres dotados de grande sensualidade podia desviar para um debate aberto, já que, embora esses homens fossem guerreiros antigos, o sexo não era sexo, e sempre vendia e chamava a atenção.

— Como sabe? Como sabe onde trabalha essa mulher? — perguntou Caleb.

— Porque na mente de Sarah está gravada o quarto onde fizeram amor. Havia um escritório contra a janela, e a luz das luzes se refletia em um arquivo negro com um logotipo na tampa.

— Que logotipo?

— Um círculo dourado com um N e um S no centro, e ao redor do círculo, uma cadeia de DNA rodeando.

— Newscientists — os olhos verdes de Caleb se escureceram. — Bem feito, Menw — reconheceu o líder.

— Se pegamos Laila, ela nos levará até Mizar — prosseguiu o curador, orgulhoso de si mesmo. — Se Mizar tiver algo a ver com o Patrick Cerril, seja sua filha ou sua sobrinha, podemos extorquir até que nos diga onde está, não?

— Explodi Newscientists da Inglaterra, e também a sede de Barcelona, mas não sabemos se há outras ocultas, ou de onde trabalham agora. Se pegarmos Laila e Mizar, elas podem nos informar sobre tudo.

— São excelentes notícias — confirmou Ás.

— Mas as *excelentes notícias* não acabam aí — Menw olhou a Daanna e sorriu como um lobo. *Sua vez* — Daanna já recebeu seu dom. A Escolhida está aqui.

Sabe como fazer uma boa entrada, pensou Daanna. Fantástico, agora era sua vez. Levantou-se com a dignidade de uma rainha e olhou a todos ali presente, um por um, diretamente nos olhos.

— É verdade? — Caleb centrou sua atenção em sua irmã. Estava esperançoso e feliz por ela.

— Sim. Ontem noite, enquanto dormia, fiz uma bilocação. Desloquei até Chicago. — Deuses, como se sentia bem quando podia ajudar. — E ali conheci Miya.

— Miya? — perguntaram Aileen e Ruth de uma vez.

Daanna mordeu o lábio para não sorrir. Já estavam essas duas pensando na direção

equivocada.

— Miya é um vaniro.

— Um vaniro? — Caleb retirou a cadeira e se dirigiu a sua irmã. Caleb a puxou pelos ombros. — Um keltoi?

A Escolhida negou com a cabeça.

— Não, não é um keltoi, Brathair. Em minha mente pude visualizar que formava parte de um grupo de samurais do quarto século. Eles estão em Chicago, e acredito que Miya é seu líder. Já sei qual é meu dom, Caleb — o olhou emocionada. — Eu me encarregarei de avisar os membros dos clãs de todo o planeta e reuni-los para combater juntos no Ragnarök. Faço bilocação e me levam diretamente a eles.

Todos os vaniros e os berserkers da sala, inclusive as quatro humanas servindo os pratos de comida, ficaram imóveis e boquiabertos. As sacerdotisas olharam o teto e agradeceram à deusa o presente que supunha Daanna para os clãs. E de repente, Ás se levantou, correu para Daanna e fez algo que nunca antes fez, algo que mandava seu particular protocolo para os ares, a abraçou diante de todos. Menw não gostou nem um pouco que Ás tocasse Daanna, embora fosse respeitosamente. Era impressionante, insuportável, quão possessivo se sentia a respeito dela.

— Solta — ordenou, se colocando atrás e olhando fixamente ao berserker.

Ás deu um passo atrás, não porque o vaniro o ordenasse, e ficou olhando à morena de olhos verdes, que estava estupefata.

— É uma bênção, velge — inclinou a cabeça e dirigiu de novo a seu lugar, ao lado de Maria, que olhava a cena morrendo de rir.

Daanna seguia imóvel até que notou a mão de Menw na parte baixa da cintura. Até escutou sua ordem, o tom ameaçador disso *é só meu* que empregou Menw nada mais e nada menos que com o líder do clã do Wolverhamptom. Seu coração dava saltos de alegria. Nam, Nam Menw. Comerá suas palavras. Olhou por cima do ombro e advertiu que se comportava como um vaniro ciumento e possessivo. Como seu cáraid, desmentindo ele mesmo.

— É incrível, Daanna — disse Caleb maravilhado. — Temos vaniros em Chicago. — E também berserkers.

Os berserkers murmuraram surpreendidos pelas boas novas que dava Daanna.

— Embora não se levam bem entre eles, por que será?

— Todos começaram a rir diante de seu comentário. — A questão é que Miya ficará em contato através do fórum. Garotas, estejam atentas, seu nome de usuário é Miyaman — advertiu às quatro humanas que correram a ligar os computadores para ver se já deu sinais de vida.

— O temos! — exclamou Lua eufórica. — Nos mandou um correio privado. — Me remeta isso, Lua — disse Caleb.

— Está localizado em um Starbucks, na Rua Michigan, Chicago — disse Emejota.

— Então é o usuário que tínhamos controlado. Surpreendente. — Caleb negava com a cabeça.

— Não sei se voltarei a fazer — esclareceu Daanna. — Não controlo o dom, ontem foi à primeira vez. Só sei que fiz bilocação enquanto dormia, depois de beber…

— De mim — interrompeu Menw, — depois de beber de mim. — Olhou a todos os machos da sala e se assegurou de que entendessem suas palavras. Daanna era dele e ponto. Depois disso ficou satisfeito e relaxado, voltando a tomar assento como se nada tivesse acontecido.

Isso foi desnecessário. As costas de Daanna estavam muito reta e tremia da indignação. As pessoas não sabiam como reagir, muitos fizeram cara de pôquer, e outros os olhavam como se fosse algo evidente. Era vergonhoso que Menw se comportasse assim, de um modo tão cavernícola, tão arrogante, tão…

É uma merda desnecessária. Meu trato, minhas regras.

Recordará isso mais vezes? Deixou claro por ativa e por passiva que isto é um trato e que já não sente nada por mim. Contradiz constantemente e faz que me enerve. Por que disse isso então?

Porque me deu a vontade.

— Continuando — continuou Daanna cravando-as unhas nas palmas, — falar com os membros dos clãs, esse é meu dom. Pode ser que esta noite volte a acontecer.

— Percebem? — Ás nunca esteve tão alegre. — Temos às bússolas, e a velge. Os gêmeos de Nora e Liam estão aprendendo a desenvolver seu dom. Liam faz viagens astrais e observa a terra. Ruth e Adam estão convencidos de que as explosões de luz que ele vê no planeta são possíveis portais dimensionais pelos quais os jotuns podem chegar. Pelo visto, há muitos focos, só se abrirá uma porta. Estamos muito orgulhosos de Liam, verdade? — Todos os membros dos clãs sorriram ao pequeno menino moreno que parecia um índio presumido, e sorria com seus dentes trincados. Cruzou os braços e levantou a cabeça. Para Liam era importante manter a posição corporal, tal e como seu tio ensinava diariamente.

— Farei o melhor que possa, líder Ás.

— Não o duvido, berserker — Ás inclinou a cabeça a Liam em sinal de respeito. — Nossa pequena Nora — olhou à menina loira de olhos negros que agora estava sentada sobre as pernas de seu tio Adam, — é uma autêntica valente que pode encontrar Loki.

— Sim, mas eu já não vejo Lokito — particularizou Nora, espontaneamente. Ruth e Nora o chamavam Lokito porque era uma das maneiras nas que a pequena berserker deixava de temer o deus trapaceiro. — Não é, Ruth? — Ruth segurou seu rosto e a obrigou a olhá-la.

— Não exatamente — Ruth tomou as mãozinhas de Nora e beijou as palmas. — Há algumas noites esta pequena só consegue ver um homem de cabelo comprido e negro, nu do tronco para acima e que parece estar rezando, verdade, querida?

— Sim. Sempre o vejo — explicou a menina fingindo interesse ao brincar com suas tranças e olhando a Jared, o pequeno vaniro filho do Inis e Ione, — mas estava de costas e não posso ver o rosto. — Não me dá medo. Bom, só um pouco, mas não sei o que Lokito tem a ver com ele. Só sei que não é Lokito.

— Não sabemos quem é — sentenciou Ruth com cara de preocupação.

— Nos sonhos anteriores — acrescentou Adam, — Nora pôde ver Lillian e Strike, e pôde adivinhar seus movimentos porque Loki usava-os para atuar. Strike era um bruxo e ele o canalizava, por isso Nora os podia ver. Desta vez, ela vai a este homem, não sabe nada dele. Nenhum detalhe que possa nos dar alguma pista sobre seu paradeiro, sobre o que faz ou quem é.

Não sabemos nada.

— Nora, parece uma guerreira — disse Aileen piscando um olho. Nora ruborizou e assentiu com a cabeça.

— Eu quero ajudar, mas só vejo isso — explicou com sua doce voz.

— Faz muito bem, menina — disse Adam, apertando a mão com carinho.

— As duas bússolas estão localizadas — continuou Ás. — O *noaiti* recuperou seu dom, temos à Caçadora de almas conosco, um vaniro que pode caminhar sob o sol, e uma híbrida entre as duas raças. E agora a velge, que despertou no momento certo.

— E a alma nonata — acrescentou Lain olhando Shenna, sua cáraid. — Shenna é a única vanira grávida. Tampouco há mulheres berserkers que estejam assim — disse Lain sorrindo com adoração a sua mulher. — Só Shenna.

— Pode ser — assentiu Shenna. — Mas a profecia não diz que o menino tenha que ser de nosso clã, nem do berserker, nem sequer dos clãs da Inglaterra. E se tratar de um menino humano? E se for alguma vanira de outra parte? E se…?

— Shenna tem razão — Noah levantou e pôs a mão sobre o ventre de Shenna. Seu rosto se sombreou. — Não se preocupe, tudo sairá bem — sussurrou para tranquiliza-la. Notou quão nervosa e atemorizada estava Shenna pelo bebê, por submetê-lo a esta pressão de ser ou não a alma nonata da profecia do Skuld. — Obrigada.

Noah assentiu, mas seus olhos amarelos não a olharam. Sentou de novo.

— Este é o plano — disse Caleb. — Seguimos em nossas casas, e conectamos com a equipe ABM. Ligaremos sempre nosso sistema de segurança informático e o enlaçamos com os celulares de todos. No momento que qualquer alarme disparar, se refletirá em nossa tela, eu atualizarei a aplicação. É minha — admitiu orgulhoso, olhando de esguelha a seu casal, a qual revirava os olhos diante de tanta petulância. — Daanna, fará com todos os guerreiros com os quais contate o mesmo que fez com Miya. Explicará onde estamos e alertará para que se preparem. Que se conectem diretamente ao nosso fórum e que fiquem em contato com as administradoras via MP. Elas me remeterão isso e eu informarei sobre como estamos funcionando e os colocarei em dia. Por outro lado, Liam e Nora seguirão com suas averiguações, ok, campeão? — Caleb piscou um olho ao Liam, o pequeno fez o mesmo e Nora suspirou como uma menina apaixonada, como uma autêntica fã doentia. — E agora vaniros, vamos pela senhorita Teimosa e a por essa tal Laila.

— Sim, vamos por Laila — exclamou Ruth, levantando um punho.

— Está louca — murmurou Adam, rodeando-a com um braço.

— Se Laila trabalhar para o Newscientists é possível que tenha guardas em sua casa — comentou Caleb. — Daana, você ficará na casa de Menw, ali estará mais segura. Ele e eu iremos procurar a…

— Nem tente. — Não precisou elevar a voz para que todos a olhassem. — Nunca mais ficarei presa, Caleb. Nunca mais. Sou melhor guerreira que muitos dos homens que há aqui, e sabe — seus olhos verdes eram duas linhas claras e quase iridescentes. Estava muito zangada.

— É a velge, devemos te proteger.

— Coloque a segurança onde caiba. Acabou. Não ficarei em casa nem um dia mais. Sei que

as mulheres são apreciadas no clã, que devem nos proteger e que de nós dependem muitas coisas, mas eu não quero isso para mim. As demais, que façam o que mais as convém, mas eu tomo minha própria decisão nisto. Não quero que Beatha, Shenna e Íris, briguem. Seus meninos são pequenos e as necessitam. Mas eu posso sair, quero sair. Deixa de me prender, rogo isso. Tampouco pode me proteger nas bilocações entende? Não pode me proteger sempre.

Caleb lutou consigo mesmo. Sua irmã pequena… Ele protegia a sua família. Ele era responsável por ela.

— Eu estou com Daanna — disse Aileen levantando da cadeira. — Acredito que já é hora de que deixem que tome suas próprias decisões — pôs uma mão na parte baixa das costas de Caleb e o acariciou para convencê-lo.

— Isso! — Ruth também se levantou. — O que pensa essa mulher? Por ser a Escolhida tem preferência? Tem que lutar! — sorriu. Um sorriso cúmplice e secreto que só reconheciam as amigas de verdade, e sabia que Daanna estava vendo. — Daanna é todo um espetáculo quando luta. É elegante. Eu não perderia isso por nada do mundo — comentou Maria animando com o calor de seus olhos negros.

— Daanna sempre foi a melhor de nós — explicou Beatha olhando-a com honestidade. — Todas fomos mulheres guerreiras, seguimos sendo em nosso interior, não somos apenas keltoi[33], somos cruithni[34] devido à mudança e Daanna sempre foi a mais forte de todas. Ela faz falta, precisamos dela. Além disso, agora tem Menw que a protegerá como é devido, verdade? — a alta mulher loira cravou seus olhos acusatórios em Menw.

Os olhos de Daanna estavam vermelhos, produto das lágrimas que não sabia derramar. Beatha sua amiga, Beatha falava a seu favor.

— Menw? — o líder vaniro girou a cabeça em direção ao curador. — O que diz você?

— Eu não quero que lute — respondeu com rigidez. O último que queria era ver Daanna em perigo. Suava frio quando lutava contra outros e ele não estava ao seu lado para defendê-la. Sempre passou mal quando ela estava no meio de alguma briga, mas, sabia que a jovem sairia com a sua. Encarar seu irmão diante dos clãs seria uma declaração de suas intenções. — Entretanto, na realidade, Daanna e eu só compartilhamos o sangue, não somos cáraids. O que eu diga não importa, fará o que lhe dê vontade, como sempre tem feito.

Isso sim me doeu, idiota. Daanna observou a reação de suas amigas.

Aileen estava a ponto de saltar sobre a mesa e estrangular Menw.

Ruth olhava a Menw como se fosse escória, e Maria murmurava em voz baixa algo parecido a *galinha*. Acabava de rejeitá-la em público admitindo que não eram casal, embora bebessem um do outro, como um negócio, com frieza, com indiferença. Precisava recuperar rapidamente.

— Perfeito — retirou com seus dedos uma penugem inexistente do vestido. — Agora que já está tudo dito, quero ser eu quem acompanhe Menw a procurar essa tal Laila. Como deixou claro, só compartilhamos o sangue, mas se nos ferem ou nos fazem mal de algum jeito, só nosso sangue

[33] *Celta em gaélico.*

[34] *Pictos em gaélico.*

nos curará com mais rapidez. É o justo ir juntos.

Caleb tragou saliva e olhou alternativamente a sua irmã e a seu amigo. Que eles arrumassem suas diferenças, estava farto de estar no meio! Assentiu com um golpe de cabeça e se retirou da mesa para ir falar com as quatro humanas. Pela linguagem corporal o vaniro podia adivinhar que não gostava de sair derrotado no que se referia à segurança de sua irmã. *Vou falar com ele*, soletrou Aileen a Daanna. *Está muito assustado por você*.

Ela assentiu, e enquanto todos se dispersavam e aproveitavam para comer e comentar todas as notícias que deram naquela noite, girou para falar com Menw, que seguia sentado, os braços cruzados, olhando fixamente à frente.

— Saiu com a tua. — Esperou carrancudo. Não queria olhá-la, era muito consciente do que disse e do tom com o que o disse. Queria zangar-se com Daanna tanto como ele se zangou com sua decisão de ser finalmente uma guerreira. O mataria de desgostos. Sempre teria medo por ela. Um momento, sempre? *Sempre*, implicava ficar com ela, compartilhar a eternidade. E ele não o faria sem primeiro obter a rendição dela. Uma rendição que valia a entrega absoluta e a destruição de todos os seus muros. Daanna seguiu olhando, sem responder, sem dizer nada. Disse a todo mundo que bebiam sangue um do outro, mas que não eram cáraids, o que acreditou?

— Não foi suficiente o, *depois de beber de mim*, Tarzan? — Não podia acreditar que Menw fosse tão idiota. — Freyja nos fez muito sensíveis a esses comentários. Sabe o que significa o sangue e a troca para nós. Fez que parecesse vulgar e sujo, Menw. Uma transação, quando sabe que há algo mais que…

— Não vou pedir desculpas, é uma guerreira, não? — a olhou enfurecido. — Pois aprende a encaixar os golpes. Além disso, não pode ser que em umas coisas importe o que eu diga e em outras não. Você leva em conta meus desejos de que deixe de pôr em perigo?

Daanna levantou o queixo e respirou fundo. Aí estava o Rei Leão, sentado em uma cadeira com o pé direito apoiado sobre um joelho, os braços cruzados sobre o largo peito, os olhos azuis que refletiam como estava de saco cheio, e o cabelo loiro que emoldurava o rosto. Com suas calças negras e sua camisa vermelha. Até agora não se deu conta de que estavam combinando, como se fossem dançar um tango ou algo muito latino e quente. Mas a quentura passou fazia um momento. Sabia que devia ter paciência com Menw, entretanto, havia coisas que não estava disposta a engolir. Para tudo havia um limite.

— Está seguro de que não fica resto de vampiro em você? — saiu dando um chute na perna que estava apoiada no chão, fazendo com que ele se desequilibrasse. — Porque segue sendo um filho da puta.

Menw levantou como um dragão, jogando fumaça pelo nariz, com os punhos apertando a cada lado dos quadris e caminhando para ela. Acabava de afundá-lo ao deixar claro que lutaria! Como devia sentir se ele?

— Daanna não jogue…

— Meninos! — gritou Lorena desde outra mesa cheia de telas de computador em que se refletiam todas as emissoras da polícia londrina. — Há confusão. Forte briga em… — olhou o mapa da tela principal.

— Onde? — perguntou Noah correndo para se informar.

— O que é o que dizem?

Necessitamos reforços. Estes caras correm e cortam… merda! Viu isso? Mas que merda são?! … merda… garras! dizia uma voz de um policial através dos comunicadores.

— Onde? — perguntou Caleb enquanto prendia o cabelo em um rabo baixo.

— Perto do parque Kensington — comentou Ana.

Aileen penetrou entre seu casal e sua cunhada e olhou com o cenho franzido a tela do computador.

— Esta noite é o concerto do World Stage que organiza a MTV no Hyde Park. Mais de sessenta mil pessoas abarrotarão o parque. Haverá movimento.

— Os lobachos e os vampiros irão a caça — afirmou Caleb.

— Parece, já estão por aí.

— Não só irão caça — Menw o olhou de soslaio. — Querem nos fazer sair, esperam que esta noite estejamos ali.

— Falarei com Ás para que prepare os seus. Daanna, você…

— Eu o que? — repetiu Daanna levantando uma sobrancelha e esperando que seu irmão acabasse a frase.

— Daanna virá comigo, Caleb — Menw pôs uma mão sobre o ombro de Cal e o apertou amigavelmente, — primeiro iremos ver Laila, e depois apoiaremos no concerto.

— Bem — Caleb ficou satisfeito. — Necessitamos a todos os efetivos ali. E Menw — o rosto do keltoi era agora conclusivo. — Não sei em que tipo de condições estão você e minha irmã, mas espero que cuide dela como desejou fazer nestes dois milênios atrás. Espero que a trate bem.

Menw apertou a mandíbula e assentiu ligeiramente. Deu a volta e olhou Daanna por cima do ombro.

— Vem ou não? — disse impaciente.

— É óbvio, alguém terá que te proteger.

Aileen, Ruth e Maria esconderam as caras para não rir do comentário de Daanna. Brave correu a se despedir de Menw e este acariciou o focinho com muito carinho. — Adeus, amigo — arranhou atrás das orelhas.

Só por um momento, Daanna desejou ser como esse huskie. Ele não fez nada para ganhar o carinho de Menw, só ser como era. Pequeno, peludo e precioso. Todos o aceitavam e o adoravam imediatamente. Ela, em troca, tinha problemas por ser quem era. Sempre os teve. Antes de nascer, antes de converter em uma mulher e ser excelente guerreira, antes de tudo isso, já era a Escolhida. Todos queriam protegê-la, quando o que sempre desejou era expressar sua frustração e suas inquietações lutando. Menw a protegeu em vez de querê-la, e quando se supunha que chegava o tempo de amá-la para sempre, fez tanto dano que nunca o perdoou. Fizeram mal um ao outro.

Agora ela necessitava seu perdão e seu amor como o ar para respirar, e em vez de receber isso, só recebia sua ira e seu despeito. Sim, é óbvio que desejava ser como Brave. Que ninguém a julgasse, que a amassem apenas por ser Daanna McKenna. Não obstante, sim, tinha algo em

comum com esse animal. Daanna era tão valente como seu nome indicava. E nem sequer a raiva de Menw faria que ela deixasse de lutar por ele.

Decidida, passou rapidamente para não ver como ela mesma se recreava em sua dor e sua pena. Sentia-se ridícula e decepcionada consigo mesma por ter tantas debilidades. Na recepção pegou a espada de chokuto que Miya lhe deu e entrou no elevador que a deixaria na cabine do Jubilee Park. Antes que fechassem as portas, Menw colocou a mão e as comportas se abriram de novo para que ele pudesse entrar. Ele a olhou por debaixo de seus cílios negros. Tão seguro, tão monopolizador.

— Fixei em algo — o curador roçou o comando das costas com um dedo e ela a afastou.

— De verdade?

— Sim. Já que em sua mente me oculta coisas e há lugares nos quais não posso nem quero me aproximar, terei que usar meus dotes mentais. — Se apoiou com um ombro na parede enquanto o elevador subia a superfície. — Sabe que sou bom em adivinhações.

— E o que descobriu, Sherlock? — perguntou, enquanto mordia o interior de uma bochecha. Não importava o que fizesse, ele sempre a deixaria nervosa.

— Sente inveja de Beatha, Ione e Shenna. Inclusive de Ruth, Maria e Aileen.

Daanna o olhou como se não fosse com ela. Saiu de seu corpo, se abandonou numa parede, como sempre fazia quando algo a atacaria ou a feriria. Algo como as lembranças. Lembranças da perda e desesperança. Às vezes, um só comentário podia afundá-la. Mas ele não sabia nada. Não podia saber…

— Se sente mal por sentir assim? Elas têm algo que não pôde manter ao seu lado, algo que se perdeu. Elas têm a seu casal. Dei-me conta. — Inclinou a cabeça e sorriu misteriosamente. — Acredito que se sente envergonhada.

Plac! A hipótese de Menw chegou perto, embora não totalmente.

— Nunca saberá. — O olhou com os olhos úmidos e o olhar cheio de pesar, acariciando compulsivamente punho negro e vermelho de sua espada. — Nunca saberá como me sinto, porque apenas eu sofri a minha perda, só eu a senti. Você não tem nem ideia. Você sobreviveu de uma maneira, e eu de outra.

— Conta — Menw cobriu a mão com a sua e parou o movimento. Desta vez, seus olhos se preocupavam com ela, e o faziam de verdade. — Me conte como se sentiu quando eu fui. As imagens que vejo em sua mente, quando bebi que você, as emoções que conecto, falam de solidão, mas de nada mais. Não falam de amor, nem de nenhum coração quebrado. É como — grunhiu desesperado, — como se aí dentro não tivesse muito que dizer. Você viu como me afetou te deixar, viu tudo o que lutei para recuperá-la. Por que não…?

— Sim, vi como afetou. — A tela sensível ao toque do elevador se acendeu para que vissem se havia ou não gente no parque. Os dois olharam o monitor e detiveram o elevador até que as pessoas que estavam dentro saíssem. — Afetou tanto que já não pode me olhar sem me odiar, sem sentir raiva de mim — sussurrou sem deixar de olhar o monitor. — Te afetou tanto que não quer nos dar uma segunda oportunidade de verdade, que vai deixar-me assim que tudo isso acabe. Somos duas caras de uma mesma moeda, Menw. O passado me deixou vazia, e o encheu

de ódio e de dúvidas. E agora que sou eu a que roga, agora que trocaram as coisas, quer encher meu vazio com o que você sente. Mas saiba, Menw — virou para que ficassem cara a cara. Daanna estava segura de que o queria, mas o que ele sentia, porque só um homem que amou muito, podia odiar tanto, — não me importa o quanto negue que somos casal, nem quanto queira me castigar. Quero estar com você. Para sempre, não o tempo em que for bom para você.

— Não mudarei de opinião até que saiba o que quero saber. — Puxou pelo seu pulso e a aproximou de seu corpo. — Não me demonstrou nada. Sei o mesmo que sabia há dois mil anos: que nos desejamos e que estamos pensando continuamente em nos arrancar a roupa. E que está custando a engolir o orgulho e ceder. Isso eu sei. Mas não é suficiente. Não vejo o que eu quero ver.

— Você tampouco me mostra tudo! — o empurrou e o tirou de cima. O chão da cabine se abriu e os dois saíram à superfície. Daanna precisava sair ao exterior, custava respirar. Pisou na grama amarelada do parque e dirigiu ao Porsche. O ar frio golpeou o rosto. A noite fechada caía sobre a capital inglesa, o outono cortava as árvores e cobria as ruas com suas folhas. Deixou balançar pela brisa gelada e fechou as lembranças e a ansiedade na esquina do esquecimento de sua mente. Tudo estava bem de novo. *Daanna, se controle*, repetia a si mesma.

Menw se imaginou com ela no interior de seu carro, num espaço tão reduzido, com seu aroma por todos os lados. Estava zangado, excitado e faminto. Como se meteria ali com sua comida? Não poderia fazer. Não sem arrancar a roupa e a comer inteira como seu corpo exigia. Daanna apertou a parede com o indicador e o polegar, mais relaxada e serena, e parou em seco.

— Dissemos que tentaríamos nos tratar bem o tempo que durasse o pacto. Não podemos estar saltando a três por quatro. Estou ficando louca. Tem que encontrar um ponto médio comigo, me ajudar a relaxar e não me proteger como uma esquizofrênica. Eu não gosto, Menw — deu meia volta para ver o rosto, — não podemos… — ficou com a boca aberta. Ali não havia ninguém com ela. Olhou para cima e viu uma mancha avermelhada que cruzava o céu. Fantástico. Agora a deixava plantada. É um idiota!

Capítulo 16

Menw se apressava, ansioso por deixá-la para trás. Necessitava deixar de pensar, deixar de sentir, deixar de desejar… Necessitava ar e espaço, um espaço que com sua Daanna desaparecia para converter em vazio, em asfixia. Eram tantas as necessidades, tanto os desejos, que não podia estar perto sem deixar de tremer.

A jovem saiu com a sua. E não podia culpá-la, nem tampouco reprovar nada. Entendia a vanira, supunha que não devia ser agradável estar sob um permanente escrutínio, uma constante supervisão. Uma desesperadora vigilância. Mas entendê-la não relaxava. Entendê-la não faria que deixasse de se afligir cada vez que a visse do seu lado, lutando como mais um. Sim, era a Escolhida. Sim, finalmente sabiam qual era sua função. Mas muitas coisas mudaram em muito

tempo, e Daanna deu um golpe em cima da mesa, diante de todos os membros dos clãs da Black Country. Grunhiu e agitou a cabeça de um lado ao outro.

— Obrigada por me esperar — disse sarcástica. Daanna o alcançou em poucos minutos e ficou ao seu lado.

Menw nem sequer a olhou, mas suas lembranças eram terríveis. *Obrigada por me esperar*, disse.

Quando eram meninos e viviam na aldeia, ele sempre esperava que Daanna o seguisse. Sempre a esperava. Então a via correr, com suas bochechas rosadas e as esmeraldas de seus olhos, brilhantes e luminosos de excitação. Sorria e dizia que era seu príncipe das fadas, seguido de um: *Obrigada por me esperar*. Seu príncipe das fadas. Encolheu o coração ao reviver tão tenra lembrança. A mulher que voava com ele não se encaixava totalmente com a menina que foi, eram muito diferentes e, entretanto, seguia desprendendo a essência de inocência e vulnerabilidade que tanto enternecia a ele.

— Sinto muito que te zangue minha decisão, Menw. — Claro que estava. Odiava tudo o que pudesse afastá-lo mais dela.

— Não estou zangado — grunhiu.

— É óbvio que está. Fecha os punhos, franze o cenho, fala entre dentes e marcam os músculos faciais da mandíbula. Isso é igual a: saco cheio monumental.

— Sabe que eu não gosto de ver você brigar! — em um décimo de segundo já estava quase em cima dela. Seus olhos se escureceram e parecia um céu tempestuoso. As presas também queriam sair e apareciam entre o lábio superior tão definido. — O que esperava? Se olhe, merda! Só olhe! Parece uma mulher tirada do calendário de outono, e eu não posso me concentrar assim. Como se supõe que posso lutar com você a meu lado?

— Minha roupa te incomoda? — perguntou divertida. — Escolheu você. Não é culpa minha se vamos os dois como um casal de argentinos a ponto de dançar um tango. Quero descer — balançou a cabeça de novo, reprovando sua estupidez.

— Sei que luta muito melhor que outros homens, mas…

— É óbvio que sim. Tenho uma pontaria estupenda com as adagas e sou uma especialista nas espadas, isso por não dizer quão boa sou com o arco e as flechas. Meu poder mental é dos melhores no clã e… — ao ver que Menw não levava a sério se frustrou. — Aileen luta e Caleb está encantado com isso!

— Caleb é um controlador e não importa onde esteja enquanto a tenha ao seu lado — murmurou aborrecido.

— Ruth também briga com seu arco e suas flechas e Adam não tem problema com isso. Por que não pode se comportar como eles? Por que eu…?

— Importa uma merda se elas brigarem ou não! Elas não são você — gritou a um palmo de seu rosto. — Elas não são minhas! — Daanna fechou a boca e parou antes de responder o que preparou para ele.

— E eu sim? — seu rosto refletia tranquilidade, mas por dentro, sua alma esperava que Menw gritasse que sim. — Quem sou eu? O que sou para você além de sua fornecedora de

sangue?

Menw elevou a mão e enrolou seu cabelo negro em um punho, ao redor de seu pulso. Puxou e a aproximou até que rodeou sua cintura com o braço. *Como é preparada. No final sempre fico em evidência quando discuto com ela*. Cheirou seu cabelo enquanto olhava sua boca com desejo.

— Diga o que quero ver e pode que ser diga isso, Daanna. Se abra por completo.

— Já o tenho feito — mentiu.

— Não — grunhiu, puxando com prazer o cabelo. — Olhe. No momento só é Daanna, uma deliciosa tortinha de limão, e me preocupo com você, como sempre. — Seus olhos esclareceram e juntou sua testa à dela. — Não vou cair em seu jogo. E isso é mais do que pensei dizer.

— Sei — assentiu, enquanto o olhava afetuosamente. — Mas esquece que eu já não estou jogando. — Acariciou o rosto com a ponta dos dedos e se aproximou para beijá-lo, com as emoções a flor de pele. O passado pesava muito entre eles. E os segredos também. Daana desejava poder dizer tudo o que ela guardava dentro, abrir a maldita caixa de Pandora e ficar vazia. Mas se o fizesse, ficaria vazia, temia que ele não aceitasse encher esse espaço, e se ele não se encarregasse dela, ninguém poderia fazer. *Não sabe nada, amo. Não posso dizer nada. Não sei como fazer… ficará se sigo com isso? Ajude-me.* — Me beije, por favor.

Ofereceu os lábios. Retirou o escudo e ofereceu toda a sua suavidade e seu calor, e ele pensou durante uma eternidade, até que com um grunhido e uma titânica força de vontade a soltou, deixando-a fria e decepcionada, rejeitando sua petição. Mas isso, em uma mulher como Daanna, apenas estimulava ainda mais a sua tenacidade.

Seguiram cruzando o céu noturno e deixaram que o silêncio os envolvesse.

As nuvens brancas pintaram o céu a pinceladas, e as nuvens brancas pairavam como largos filamentos transparentes sem sombras interiores. Ninguém veria as estrelas essa noite. E para que eles dois as vissem, deviam transpassar as nuvens e voar mais alto, onde os obstáculos deixavam de existir e só a calma fazia ato de presença.

— Aonde vamos? — Ainda picava o pequeno rechaço de Menw. Aproximou dissimuladamente dele. Baunilha, afrodisíaca baunilha. Cheirava tão bem que às vezes imaginava olhando no rosto e encontrando em vez disso com seu rosto, com uma bola de sorvete ao invés de sua cabeça. — Ao Soho.

Oh, sim. Fala comigo assim. Eu adoro, príncipe.

— Laila vive ali?

— Sim.

— Quer me dar algumas diretrizes?

— Não — passou uma mão pelo rosto. — Você só me siga.

Centro de Londres. Soho.

Se havia um bairro no que se mesclavam grandes contradições era o Soho. O mais positivo e o mais negativo de Londres terminava nessas ruas cheias de boutiques de grife, cafeterias-lounge e muita vida noturna em que os sex shops e muitas outras curiosidades eram seus principais protagonistas.

Os dois Vaniros desceram do céu até situar sobre o terraço de um sex shop chamado

Harmony, em Peter Street.

Daanna não gostava desse ambiente, recordava o vampiro Menw, cheio de vício e perversão. Com a chegada da noite, esse bairro se tingia de cores vermelhas; era a iluminação que mais combinava com o sexo sujo e seguramente algum ou outro prostíbulo clandestino.

Olhou de esguelha ao vaniro, assegurando que seu sangue o mudou. Sim, mudou-o. Ao menos já não gostava de beber de tudo o que se movia, e seu autocontrole melhorou muito. E no sexo… Bom, seguia sendo bastante duro e exigente. Mas ela, ao contrário do que ele podia pensar, também era. Nos seguintes encontros o demonstraria.

O Soho cheirava a atrevimento, a humanos com os hormônios desatados. Não era Sodoma e Gomorra, nem muito menos, mas a quantidade de sex shops que se encontrava em todas suas ruas desatou a seu redor uma revolução de feromônios, uma capa de luxúria que os humanos nem cheiravam nem detectavam, mas para os Vaniros era mais que evidente.

— Onde vive? — perguntou Daanna, olhando as fachadas das casas que a frente. As de andares baixos dos edifícios eram todas de localidades comerciais.

— A fachada branca que há ao lado — respondeu olhando para baixo.

— Sobre o local de tatuagens?

— Sim. Entraremos pelas escadas do terraço.

Caminharam até o seguinte terraço. Havia uma porta vermelha que conectava com o interior do edifício.

— Cheira a especiarias — Menw forçou a porta e a abriu.

Não, não cheirava a especiarias. Se Menw estava com ela sempre cheiraria a baunilha. Mas não diria.

A escada estava ligeiramente iluminada. O edifício era de dois andares.

— Vamos roubar os fusíveis do edifício. Se Laila está sendo vigiada pelo Newscientists e tem câmeras em sua casa, se desconectarão.

Chegaram à caixa do sistema elétrico, colocada no patamar da entrada. Daanna pôs uma mão sobre ela, e de repente saltaram faíscas. Um fio de fumaça saindo através das frestas da caixa cinza e um piscar intermitente de cor azulada comprovava que os condutores queimaram. O Harmony estava às escuras.

Menw sorriu. A garota fazia tudo com elegância.

Subiram a escada de novo, Laila vivia no primeiro andar. Abriu mentalmente a fechadura da porta branca que dava a casa daquela mulher. Fez com muito tato.

Quando entraram, o andar estava às escuras. Cheirava a incenso. Era um ambiente onde prevaleciam as cores violetas e brancas. Não havia abandono da decoração, ao contrário, a mulher preferia os espaços amplos e nada recarregados. Só um vaso com uma planta estilo Feng-Shui podiam dar um toque feminino a aquele lar.

Menw, a feminilidade não tem que se ver afetada pelo lesbianismo. Não têm mentes de homens.

O loiro a olhou por cima do ombro. Ela sorria com as sobrancelhas arqueadas.

Quando responderia mentalmente, ouviram um ruído que vinha de um quarto que saía

vapor. O banheiro.

Acredito que a pegamos na ducha.

Efetivamente. A porta se abriu e saiu uma garota morena, de cabelo muito curto, cara muito viva e feições infantis. Usava uma toalha de banho ao redor do corpo e resmungava, queixando de sua sorte.

— Merda de fusíveis, sempre igual… — dizia, secando o cabelo com outra toalha menor.

Daanna a olhou de cima abaixo. Laila ainda não os viu, estavam em um canto escuro do salão e ela estava tão zangada por que cortaram no momento do banho que só podia resmungar imprecações como um corsário.

— Boa noite — murmurou Menw, dando um passo à frente e deixando que a luz da rua que penetrava entre as janelas o mostrasse.

Laila parou em seco e o olhou de cima a baixo. Quem era esse cara?

Os olhos do homem ficaram visíveis e abriu a boca, mostrando umas afiadas presas.

— Merda! — saiu correndo, tentando alcançar em vão à porta da rua. Menw se apoiou na porta e cruzou os braços.

— Queria ir?

— É um vampiro! — exclamou aterrorizada.

— Não — negou ele divertido, seguindo seus movimentos com aqueles olhos de depredador. Laila correu desta vez para abrir uma gaveta de uma cômoda branca que havia no salão, mas de repente a mão elegante de uma mulher se colocou sobre a sua e a parou. Laila levantou a cabeça horrorizada, com as pupilas dilatadas de pânico. Em sua frente estava a garota mais formosa que viu. Daanna inclinou a cabeça a um lado e levantou o canto dos lábios.

— Quem é você? — sussurrou Laila, ainda com a mão no bracelete dourado do móvel.

Daanna olhou a Menw. Este controlava cada movimento que fazia.

Quer você? Perguntou com orgulho.

Sentirá mais cômoda com uma mulher. Gosta de mim, não você. Comigo será mais fácil.

Menw sorriu.

A vanira puxou a mão de Laila e esta a seguiu, hipnotizada por seus olhos verdes e aquele cabelo azeviche.

Daanna não disse nada. Laila umedeceu os lábios e Daanna jogou o pescoço para trás. Levantou o rosto e mostrou as presas. Laila nem sequer se assustou. Sabia o que estava pensando a humana. Podia sentir tudo. Seus olhos negros pediam a gritos: Morda-me! Morda-me!

Mas ela não o faria. Só queria entrar em sua mente, e ver quem era ela. As pupilas escuras da Laila expandiram até rodear quase todo o cerco do olho. Entrou com força em sua mente, mas não encontrou nada. Ali havia ancoragens antigas, muito trabalhadas. Os Vaniros podiam encontrar lembranças e vivências na mente humana. O cérebro humano para eles era uma grande cidade cheia de ruas e portas em cada rua, em cada porta havia uma imagem, uma vivência, mas na mente da Laila, todos eram muros erguidos, muros artificiais que nem sequer eram dela.

Daanna?

Quieto. Deixe-me indagar mais. Os muros nem sequer eram de concreto, eram literalmente

blindados. Não os podia abrir.

— Não posso — sentenciou Daanna.

— O que não pode? — perguntou Laila

— Trabalha para o Newscientists?

Laila saltou de seu encantamento. Os olhos da vanira faiscaram e olhou a Menw.

— Ancoraram a uma ajustada chave. Newscientists é o catalisador.

Laila tentou soltar e empurrou com força Daanna, mas a vanira nem sequer se moveu de seu lugar. Puxou o pulso de Laila e retorceu o braço às costas.

— Tentei ser amável, mas terá que colaborar.

Menw entrecerrou os olhos. Daanna em seu papel de mercenária era toda uma exibição. Não usava a força se não era necessário, mas quando a usava… Era aditiva para ele. Afastou da porta e se dirigiu a elas.

— Há quatro semanas levaram meu irmão do Ministry of Sound — grunhiu Menw. — Quero saber onde ele está. — Laila sorriu e negou com a cabeça.

— Nem em sonho vaniro. — Assim Laila sabia o que eram? Daanna retorceu o braço e a humana gemeu do gosto.

— Gosta da dor — murmurou assombrada. Menw rebuscou no escritório. Queria encontrar o arquivo negro com o logotipo da empresa para a qual trabalhava.

— Tem ancoragens mentais e ainda por cima gosta da dor — murmurou Menw abrindo e fechando gavetas, esperando encontrar algo que delatasse a localização de seu irmão ou qualquer informação sobre ele. — Isso é uma boa ancoragem. O que posso fazer para que fale?

Daanna esticou e o olhou por cima do ombro. Seu olhar era resolutivo e parecia não ter nenhum tipo de escrúpulos. — Não vai falar.

— Não? — Menw afastou Laila dos braços de Daana. Puxou o cabelo e a estampou contra a parede.

— Olha macho, você e eu vamos falar muito claro — grunhiu ao ouvido. — Só quero saber onde está meu irmão. Diga-me isso e pode ser que deixe os braços sem mutilar.

— Não.

— É um maldito soldado verdade?

— É muito preparado — disse Laila. — Acha que vou deixar que aberrações como vocês sigam caminhando livremente entre nós? Nem pensar. Já pode me matar se quiser. Eu devo a um amo.

— A um amo? — replicou Daanna.

— Mas não quero te matar — replicou Menw. E então mordeu no ombro com força.

Ouviu um vaio ofendido.

— Menw! Não! Não! — Daanna foi por ele e agarrando pelo cabelo loiro o separou. Olhou as presas e fez uma exclamação afogada, como se focasse sem respiração.

O vaniro mostrou as presas com fúria. A boca manchada de sangue.

— Não bebi! — gritou ele assombrado. — Só queria assustá-la.

— É igual! — Daanna tiritava e seus olhos se encheram de lágrimas. — É igual! — olhou

aquela mulher, só coberta com uma toalha. Menw a mordeu. Estava louco. Não se importava nem um pouco com ela. Morder uma mulher na frente dela… Que idiota! — Não pode fazer o que te dê vontade! Há regras, estúpido! Quebrou-as!

Laila deixou cair ao chão, e tinha uma mão sobre o ombro sangrando. Que merda passava entre esses dois?

Quando o curador percebeu a afronta que fez a Daanna, a vergonha o consumiu. O conhecimento golpeou no estômago. A verdade era que estava perdido. Que na busca de seu irmão Cahal pouco importava o que tivesse que fazer. Sim, superou seu vício graças a Daanna, mas isso não queria dizer que se afastou definitivamente da escuridão. O vício, como nos alcoólicos e drogados, sempre estaria ali. Ele, que era um excelente médico, poderia observá-la mais de perto, mas conhecer e compreender essa enfermidade, às vezes não era suficiente para vencê-la. O pior era haver se deixado levar diante de seu… casal. Morder a uma mulher, beber de uma mulher, diante de sua cáraid… *Merda, que desastre*. Fez mal a Daanna. Não era sua intenção. Não deu nem um pio. *Sou o pior*.

— O que vai fazer? — o tom de Daanna era plano e apático. Tão gélido que parecia que já não tinha alma. Tinha o rosto sem cor e os punhos apertados com tanta força que os nódulos ficaram brancos.

Menw limpou a boca com a palma da mão e deu uma olhada ao sangue, enojado consigo mesmo.

— Não o farei mais — limpou nas calças. — Não o farei…

— Me deixe em paz, Menw — cortou. Queria sair logo dali. — Só me responda. O que vais fazer com ela?

— Por quê? Vai? — não. — Não irá sem mim.

— Não tem direito sobre mim. Depois disso, não tem nenhum — a voz tremia. Tragou saliva e olhou para outro lado.

— É uma merda que não.

— Você pode se encarregar dela. Não me necessita — o atravessou com o olhar, como se ele estivesse vazio. — Vou ao Hyde Park. Necessitará que lhe dê uma mão.

— Daanna me espere. Não demorarei. Deixe-me falar com você para…

— Não. Não te espero. O que fará você?

Menw entendeu que ela não queria estar perto dele.

— Não sairei daqui sem saber o que passou a Cahal — anunciou.

— Não vai falar — assegurou Daanna.

— Falará. — Tenho meu método de pressão aperfeiçoado. Prometo que falará.

— Como quiser.

— Bem — insistiu. — Informarei a Cal de tudo.

— Você é irmão dele? — grunhiu Laila do chão. — Irmão do loiro? Claro, parecem… Especialmente quando ele não está ensanguentado de cima a baixo.

Menw grunhiu e correu para ela, cegado pela cólera.

Daanna deu as costas. O que fizesse com ela, o que fora que à humana esperasse com o

Menw, não importava. O vaniro demonstrou com essa ação que não a valorizava. Não importava quem fosse Laila nem quais inclinações sexuais tivesse. Não importava que fosse uma sadomasoquista do Newscientists, tão puta e promíscua como as galinhas. Para ela, para os ideais que Freyja incutiu nos Vaniros, Menw mordeu uma mulher, não importava se fizesse em meio de um interrogatório. Doía igual. Certamente ele teria seu sabor na boca e ela viu tudo em câmera lenta.

Enquanto Menw tirava o casaco negro e arregaçava os punhos da camisa, mostrando a tatuagem, Daanna subiu na janela e olhou para trás.

— Quando voltar, quero provar o tratamento hemoglobínico para os Vaniros, por favor.

Daanna saltou da janela e desapareceu na noite.

Não viu como afetaram a Menw essas palavras. Não pôde ver como começaram a tremer as mãos, nem como ficava olhando a um ponto fixo na parede. Desolado, decepcionado com ele mesmo.

Capítulo 17

Hyde Park. 21:00 da noite

— Está bem? — Noah estava ao lado de Daanna, braço cruzado e vigiando a todos os expectadores do concerto dessa noite. — Parece um pouco… abatida.

Não Estou abatida. Estou… cansada de lutar.

— Estou bem. Não me passa nada.

Noah a olhou de esguelha. Não. Mentia. Tinha os ombros para frente, um pouco encurvada, como se quisesse cobrir o peito, como se quisesse se proteger de algo. A boca não sorria. Daanna parecia ter um eterno sorriso no rosto, um que nunca chegava aos olhos, mas essa era sua pose e, desta vez, a perdeu. A atitude de suficiência e de *eu estou por cima de todos* que ela estava acostumada a adotar, não a acompanhava. E além de tudo isso, a coragem em seus olhos verdes estava ofuscada e seu corpo em tensão. Noah e sua empatia chegavam à conclusão de que não. Não estava nada bem.

— E Menw? Pensei que foram juntos por Laila.

— Assim, está com ela. — Isso fazia mais de uma hora, *E certamente bebeu dela para averiguar tudo, porque essa mulher tinha umas barreiras muito fortes. E se tiver bebido, além de que o sangue será como um chute no traseiro, nunca mais deixarei que se aproxime de mim. E mais, já não quero que se aproxime.*

— Não se preocupe, Noah. Não aconteceu nada.

— Eu que o diga, Daanna.

Daanna se incomodou com o tom incrédulo do berserker. Será que nada escapava a Noah e seus olhos amarelos?

— Você está bem? — replicou sem olhar. — Tenho a sensação de que dói o ombro. De que

se sente um tanto, como diria... deslocado.

Noah esclareceu a garganta.

— Não é nada, bati em algum lugar e acredito que não curou bem.

Daanna o olhou de cima abaixo.

— Eu que o diga, Noah.

O concerto estava a ponto de começar. A plataforma onde iriam cantar todos os artistas estava em frente do lago Serpentine. Havia mais de sessenta mil pessoas, todas emocionadas, com caras de excitação por ver seus ídolos de tão perto. Daanna adorava a música e entendia a afeição dessas pessoas por ir a eventos de massa, mas o que não compartilhava era a graça de ver seu artista favorito em tamanho de formiga e sem ouvi-lo bem. Diretamente. Especialmente quando está em plataformas tão grandes e há tantas pessoas não estão acostumados a ser bons. Mas era a MTV quem organizava esse concerto, e a MTV fazia as coisas muito bem.

Sem dúvida seria um êxito.

Caleb se aproximou dos dois.

— Teremos todas as câmeras controladas. Nada do que aconteça aqui pode ser emitido para a televisão. Já tenho o Gwyn preparado para arrebentar as mesas de imagens e som das salas móveis. Os lobachos e os vampiros vão aproveitar esta ocasião para fazer das suas, há muita isca aqui. Aileen e você — olhou Daanna com seriedade, — ficarão perto da tenda número um, que é a que mais perto está do palco. Noah servirá de apoio. Dividimos por seções. Adam e Ruth ficarão perto dos pódios. — Havia três pódios enormes que caberiam mais de cem pessoas, que estavam situados fazendo a forma de um triangulo. — Ás e o resto dos berserkers se mesclarão entre a multidão. Lain e Ione estão acima — assinalou o céu, — fazendo um controle panorâmico. Se houver problemas, em seguida nos alertarão. Tomem os comunicadores — entregou uns fones de ouvidos negros e diminutos. — Coloquem isso, temos uma frequência única para nós e que não se confunde com os da polícia inglesa nem os de segurança, de acordo? Abram bem os olhos e não façam nada inconsciente — advertiu a Noah. — E, Daanna — pôs uma mão no ombro, — cuida de minha Aileen.

Que tenro é, irmãozinho. Sempre tão protetor. Seu irmão passou muito mal seguindo com a culpa do que aconteceu com seus pais e a todo o povoado casivelanos. Mas Aileen o liberou.

— Minha irmãzinha Aileen é uma sádica — sorriu para tranquilizar. — Sabe que lhe diverte fatiar cabeças?

— Não duvido.

— Então não se preocupe, Aileen é igualmente protetora com você e quando briga é como Terminator[35]. Com certeza vigia mais a mim do que eu a ela

— Você é mais calculista, *piuthar*. — Caleb apertou o ombro para reconfortá-la. — Ela se

[35] The Terminator (no Brasil: O Exterminador do Futuro / em Portugal: O Exterminador Implacável) é um filme americano de 1984, dirigido por James Cameron. Na obra de ficção científica, um ciborgue (andróide cujo esqueleto é recoberto por tecido vivo) com inteligência artificial, designado Cyberdyne Systems Model 101 - 800 Series Terminator (interpretado por Arnold Schwarzenegger), é transportado no tempo, de 2029 até ao dia 12 de maio de 1984, com o objetivo de alterar o curso da História e consequentemente, o futuro.

deixa levar às vezes, e necessito que cuide dela. Odeio vê-las aqui, já sabe — reconheceu, sacudindo a cabeça.

— Eu sei — apertou a mão com carinho. — Conta comigo — o tranquilizou Daanna.

Kill Bill[36] e Terminator, murmurou Noah dissimulando uma sorrido.

— Pequeno colaborador de mulheres. E fico encarregado delas?

— Sim — sorriu Caleb maliciosamente. — É o cão de guarda.

— Que venham, morcego — respondeu Noah, divertido.

Ambos erraram no passado. O tempo suavizou as asperezas, e agora se respeitavam e quase se consideravam amigos.

As luzes se apagaram de repente e todos ficaram em guarda. As pessoas começaram a aclamar e a aplaudir. Havia tal gritaria que se houvesse um medidor de decibéis certamente o arrebentariam. Muitas pessoas do público levavam as enormes mãos amarelas, e logo, algumas inconscientes, acendiam os típicos acendedores que não se sabia muito bem se eram para queimar o polegar ou para atear fogo ao cabelo.

Aileen apareceu entre a multidão, abrindo caminho com os cotovelos. Ia toda vestida de negro com um casaco de pele de couro marrom e uns sapatos de salto de dez centímetros. Colocou-se ao lado de Daanna.

— Viu, Escolhida? Os Vaniros também sabem se divertir. Vamos ao concerto — explicou, dando uma volta sobre si mesma.

Daanna começou a rir e Noah arranhou a nuca, incômodo com a situação.

A música do Tinic Tempah alagou o Hyde Park. O público extasiou com os primeiros acordes de seu *Writen in the Stars.*

Daanna sentiu uma espetada à altura do coração. Como dizia a canção que estava enlouquecendo as pessoas, sua história, a história de ser a Ungida, foi escrita nas estrelas milhares de anos atrás. E enquanto passavam os anos e as estações, sua vida não mudou. Ela seguiu sendo a mesma, até a noite anterior em que recebeu seu dom.

— Falou com Ruth? — perguntou Aileen elevando a voz.

Daanna negou com a cabeça enquanto tentava fazer uma varredura mental das pessoas em seu campo visual. No momento não detectava aroma de enxofre, muito comum nos vampiros, tampouco aroma de metal, o aroma dos lobachos. Nem chegou nenhuma vibração demoníaca, nem nenhum pensamento psicótico de algum humano.

— Creio que deveria falar com ela. Está muito preocupada com você — continuou a híbrida.

Ruth. Temia Ruth. Pensar nela era como recordar que fez algo errado e que necessitava solucioná-lo. Mas não era só isso. A Caçadora parecia ver mais à frente, e Daanna temia que conhecesse seu segredo. Como a reconheceria? Como? Embora fosse apenas a sua imaginação e

[36] Kill Bill é um filme nipo-americano de 2003 e 2004, o quarto do roteirista e diretor Quentin Tarantino. Originalmente concebido como um único filme foi lançado em dois volumes (nos EUA, Kill Bill: Volume 1 no outono de 2003 e Kill Bill: Volume 2 na primavera de 2004), devido à sua duração de aproximadamente quatro horas. O filme é um drama fictício de vingança, que homenageia antigos gêneros, tais como filmes antigos asiáticos de kung fu, filmes japoneses de samurai, western spaghetti italiano, trash, anime, uma grande referência à música popular e cultura pop; e alta violência deliberada.

na realidade Ruth só queria dizer três ou quatro verdades como, por exemplo, que foi uma egoísta muito pouco considerada com os sentimentos dos outros, especialmente com os de suas amigas.

— Estou bem. — Não queria preocupar ninguém, não queria molestar. — Ligarei para Ruth para pedir perdão por como falei com ela.

— Não acredito que isso seja suficiente. Eu não sei do que quer falar, ou do que tem que falar com ela, mas acredito que tendo em conta que Ruth sofre de verborreia[37] e vômito de palavra, independente do que tenham pendente, será um bate-papo longo e entediante — golpeou as costas amigavelmente, compadecendo dela.

— Está bem — assentiu, sem estar nada satisfeita.

— Caleb me disse que Menw está com Laila.

Daanna olhou de esguelha a Aileen. Se Ruth vomitava as palavras, Aileen padecia diretamente de bulimia verbal. Adorava esse aspecto dela. Era aberta, segura de si mesma, todos a queriam, e se importava muito pouco com o que pensassem dela enquanto tivesse Caleb ao seu lado. *Oxalá pudesse ter a coragem que você tem, Aileen*.

— Não sei o que aconteceu nem como é sua relação, mas se você está aqui sozinha é porque ficou de saco cheio com ele. Não me conte isso se não quiser — pôs a mão no braço e o apertou carinhosamente, — mas Daanna, quero que saiba que pode falar comigo sempre.

Merda. Já estava aí o punho que oprimia a garganta, por que era tão carinhosa, tão solícita?

— Por quê? Por que você e Ruth me querem tanto? Não sou digna, sabe? — a voz tremia e ela mesma se surpreendeu do que disse.

— Daanna… — murmurou com carinho. Independente do que acontecia com sua amiga, a vanira estava passando muito mal. Como podia acreditar que ela não merecia ter amigos? Daanna era toda bondade e serenidade. — Você me ajudou a entender as normas do clã quando Caleb não me explicava nada. Você foi minha amiga e me abriu os olhos com honestidade. E não sabe quanto valorizo nisso. Você entrou quando Caleb saía, quando os Vaniros me davam as costas. Acolheu-me. Isso é o que fazem os verdadeiros amigos, entram quando todos os outros se vão.

Daanna compreendeu o que disse, de que quem tem um amigo tem um tesouro.

— Então obrigada por entrar em minha vida, Aileen — limpou as lágrimas com o dorso da mão e suspirou.

— Só lembra que se dói olhar para trás, ou assusta olhar para frente, olhe a sua esquerda ou a sua direita. Ruth e eu estaremos aí, de acordo? — Aileen passou uma mão pela cintura e juntou seu quadril ao dela, dando um quente abraço. — Bom, Ruth agora está dando espaço, mas não duvide que contra-atacará e não terá piedade com você. As coisas não são tão ruins como parecem, não tão instáveis — deu um beijo na bochecha e se sentiu bem quando Daanna sorriu agradecida.

— Creio que estou enfadada — disse finalmente. — Com tudo. Comigo mesma. Com Menw, com seu avô…

---

[37] *Falar excessivamente sem dizer nada com nada, ou seja, um discurso de político, onde se fala muito e não se diz nada. Ato de falar sem parar e sem pensar.*

— Eu não sabia que meu avô tinha contato com os deuses, Daanna.

— Eu sei. Não a culpo, ninguém sabia.

Aileen olhou Daanna, dando todo seu apoio. Retirou o cabelo dos ombros para ver melhor esse perfil feminino e característico de sua amiga.

— Estás diferente. É o sangue de seu cáraid que a está mudando… faz mais… você. Não tem que rejeitar sua essência, Daanna. Acolhe-a. Durante séculos levava uma armadura, mas agora cai aos pedaços para deixar ir. A única coisa que posso dizer, se aceitar meu conselho, é que saia daí, e seja o que tenha que ser. Que ninguém diga que não deu tudo o que tinha.

Daanna assentiu e abraçou a Aileen com todas suas forças.

— Mas que merda está acontecendo? — gritou Noah pelo fone de ouvido. As duas se afastaram e começaram a rir.

— Isto não é Flores de aço[38]. Estejam atentas, merda!

— Deixa de grunhir, Noah — repôs Aileen.

A multidão acompanhava o cantor levantando as mãos por cima da cabeça e batendo palmas, cantarolando a canção com toda a alma. O evento se desenvolveu com normalidade até que Daanna percebeu algo fedido ao seu redor.

Aileen ficou em guarda.

— Cheira a ovos podres, meninas — disse Noah através do comunicador. — A sua esquerda.

As duas cravaram seus olhares entre as pessoas, e então viram dois pares de olhos quase brancos que as observavam entre a multidão. Os vampiros tinham a íris sem cor, a pupila completamente negra e dilatada, e um montão de veias vermelhas por toda a esclerótica. A pele era translúcida com suas veias azuladas desenhando caminhos através dela. Não eram feios. Mas tinham um aspecto tão escuro como suas almas. Davam medo.

Entretanto, atuavam de forma estranha, era como se o sangue não importasse. Na realidade não olhavam os seres humanos, não prestavam atenção, mas sua vista estava cravada nelas.

— E já nos viu — disse Aileen estudando a situação. Daanna já sabia. O aroma desagradável chegava com força cada vez mais. Daanna pegou o cabo de seu chokuto com força.

— Tenho alguns lobachos às três. — Noah já estava em movimento. — Já está aqui toda a família Adams. Encarrego de meu lado, se encarreguem vocês do seu.

— Daanna? — perguntou Aileen enquanto seus olhos lilás clareavam.

Um dos vampiros, o mais baixinho e de cabelo muito engomado, disse algo à humana loira e de seios grandes que saltava como uma louca, como se tivesse uma mola na sola dos tênis. A garota ficou enfeitiçada imediatamente e enlaçou sua mão com a dele. O nosferatus sorriu e a afastou dali.

— Vamos — ordenou a vanira.

As duas seguiram aos vampiros que levavam a mulher, certamente a um lugar mais

[38] *Flores de Aço (Steel Magnolias, no original) é um filme estadunidense de 1989, do gênero drama. O filme relata a história de seis mulheres muito diferentes entre si, mas ligadas pela amizade e pela lealdade, ao longo de vários períodos das suas vidas, numa pequena cidade da Louisiana.*

resguardado para poder beber.

— Aonde vão? — perguntou Caleb.

— Temos vampiros, Brathair, em nossa seção.

— Eu sei. Chegaram como uma praga. Tentem se afastar das pessoas. Não armem alvoroço. E pelos deuses, Daanna, tomem cuidado.

— Sim, papai — respondeu Aileen de forma jocosa. As duas morenas seguiram aos vampiros que se afastavam do resto.

Dois humanos brincalhões e um pouco nervosos fecharam o passo.

— Wow! — gritou um, que nestes casos, sempre estava acostumado a ser o mais engraçado. — Pequenas tetinhas temos por aqui!

Aileen revirou os olhos e Daanna soprou. A vanira se meteu na cabeça de ambos e os obrigou a que se beijassem entre eles. Era divertido ver o rosto de assombro que punham os dois meninos quando não podiam controlar suas bocas ou suas mãos.

— Assim estarão entretidos.

— Trolls — murmurou Aileen desgostada.

Quando conseguiram sair dentre as pessoas perderam o rastro dos nosferatus, Aileen fechou os olhos e se concentrou no sentido auditivo.

Estavam a leste do Serpentine.

— Atrás da presa — afirmou Aileen.

Daanna dirigiu para lá e a híbrida a seguiu correndo. Quem as visse movendo à velocidade da luz não poderia acreditar.

Chegaram ao Memorial do Holocausto, um jardim com uma pedra enorme no centro. Ambas sabiam que os vampiros estavam atrás da pedra. Por que ficaram lá? Por que não fugir? Ouviu a risada gutural de uma mulher.

— Merda — grunhiu Aileen.

Daanna entendeu imediatamente. Aquilo era uma maldita armadilha. Iriam por ela por ser quem era, por fazer o que fazia. Em um concerto com mais de sessenta mil pessoas não podia desatar uma batalha campal entre seres sobrenaturais. Muitas pessoas para controlar, muitos detalhes.

Assim que concentrariam em espreitá-la e, com um pouco de sorte, inclusive a poderiam levar. Mas Daanna não estava para sorte essa noite; Daanna queria guerra e desafogar. Queria lutar e gritar como uma louca. Assim, se os vampiros vinham por ela, encontrariam.

A humana saiu de trás do monumento. A camisa rasgada, o pescoço ensanguentado, uma dentada no braço e uma expressão completamente louca. Foi. Caminhava a tropicões, perdeu um tênis e estava a ponto de desmaiar. Desabou diante deles, morta.

Os dois vampiros saíram de seu esconderijo e as garotas ficaram em guarda. Escutou-se de novo a risada gutural. Daanna olhou à mulher morta. Não era o corpo que ria. Então?

Brenda subiu com um salto na pedra comemorativa.

A vampira a olhou com soberba. Daanna se arrepiou como uma gata, e a híbrida tirou duas adagas celtas de seu cinturão.

Aileen amava essas adagas. Caleb as deu. O cabo de cor cru era feito de marfim e havia um urso que sustentava um triskel. Na folha de ambas as adagas, estava escrito a mesma frase em gaélico: *A que dá luz à escuridão*.

— Onde está o doutor? — perguntou a vampira.

Daanna nem sequer teve tempo para responder. Os dois vampiros foram para Aileen e Brenda se equilibrou sobre a vanira. Atacavam com unhas e dentes, como uma loba. Através do comunicador, Ruth dizia:

— Estão bem? Onde estão?!

— No Memorial do Holocausto — respondeu Aileen.

Daanna não escutava ninguém.

Brenda não seria rival para ela, nunca. Brenda entrou em sua vida dois mil anos atrás, já não importava se foi acidentalmente ou não. Apoderou-se de seu homem, bebeu dele e logo se foi com Seth e Lucius semear o horror pelo mundo.

— Não sabe lutar — gritou Daanna agarrando as mãos e retorcendo pelas costas.

Brenda sorriu.

— Não me importa. Tenho a outros que lutam por mim.

Mais três vampiros desceram dos céus e se colocaram atrás de Daanna. A vanira os olhou por cima do ombro.

Ao seu lado, Aileen subiu sobre os ombros de um dos nosferatus, fincando os joelhos em seus ombros, e fincou tão profundamente as adagas em sua garganta que conseguiu arrancar a cabeça com um puxão seco e potente. Sua amiga não tinha problema algum e tampouco ela teria.

Não soltaria Brenda, nem pensar. Queria perguntar tantas coisas… Mas então dois dos vampiros recém chegados saltaram sobre ela e a lançaram ao chão.

Daanna caiu com as mãos e se impulsionou para dar uma cambalhota pelos ares com graça e estilo. Desencapou a espada chokuto e os olhou um a um.

— Não vai sair daqui, Daanna — Brenda tirou uma pistola de seu cinto. — Quem quer aprender a lutar quando se tem isto? Vão pegá-la — ordenou Brenda aos nosferatus. — Divirtam-se!

Os dois vampiros pularam sobre ela. Daanna se afastou quando um deles atacou com as garras, mas não se livrou das garras de seu companheiro que alcançaram a coxa. Daanna vaiou, olhou ao vampiro com raiva e seus olhos verdes se escureceram.

Brenda disparou, mas ela se agachou a tempo, antes que o dardo acertasse o pescoço. Pela extremidade do olho viu como dois lobachos rodeavam Aileen enquanto esta acabava de atravessar o coração do outro vampiro com sua adaga.

Aileen a olhou de esguelha e então observou que Brenda tinha uma arma. A híbrida olhou ao chão intensamente, localizando algo para poder lançar.

Encontrou duas pedras do tamanho de um punho. Concentrou, fez levitar, e as lançou com força contra o rosto da vampira. Mas nesse momento, Aileen não se cobriu por trás e um dos lobachos pestilentos rasgou as costas de cima a baixo com suas garras. Gritou e caiu de joelhos. Apesar da dor, seguiu a trajetória das pedras. Bingo! Acertaram Brenda no crânio, desequilibrou e

a caiu ao chão. Abriram uma brecha enorme na testa e agora seu rosto demoníaco estava coberto de sangue.

— Puta! — rugiu Brenda.

— Aileen! — exclamou Daanna. Nesse momento levantou uma pedra e golpeou o peito de um dos vampiros a sua frente, enquanto com o chokuto atravessava o estômago do vampiro. Não, assim não o mataria. Impulsionou para cima e ficou de pé ao tempo que elevava a espada sem tirá-la de seu estômago. Abriu em canal, de cima a baixo, de modo que todos os órgãos putrefatos saíam através da mortal ferida.

Aileen, enquanto isso, se agachou ao chão quando o outro lobacho cortaria a cabeça com suas afiadas unhas. Girou, como se estivesse empanando na grama, e o varreu com o pé. O lobacho caiu ao chão, a seu lado.

Sua companheira se lançou por ela, mas Aileen impulsionou com as mãos e voou para trás, ao tempo que lançou uma adaga que se cravou entre as sobrancelhas do segundo lobacho. Este entortou os olhos e caiu para trás. A jovem correu para ele e com a outra adaga atravessou o tórax.

— Aileen? Estou aí em um minuto! — dizia Caleb através do fone de ouvido.

— Isto é uma emboscada — gritou pelo comunicador. O que estava no chão se abateu sobre ela. Era muito mais alto, mais corpulento, mais forte, mas não tão hábil como a híbrida. Estava manchada de sangue e respirava com dificuldade. As costas doíam horrores.

Por sua parte, Daanna voou para o vampiro e o agarrou pelas lapelas de sua capa negra ao mesmo tempo em que elevava suas costas. Passaram por cima de uma Brenda muito aturdida que se arrastava pelo chão para agarrar a pistola cheia de sonífero. Daanna estampou o vampiro contra a rocha que fazia de monumento. O vampiro lhe rasgou o ombro com os caninos. Mas ela se fez insensível à dor. Elevou a ponta da chokuto e atravessou a garganta com ela, cravando na pedra. Moveu de um lado ao outro até cortar a cabeça. O monumento ficou salpicado de sangre vampiro.

Quando Daanna girou para ir para Brenda, encontrou a vampira com mais três nosferatus apoiando, e que estavam ali por ela.

— Merda, mas de onde saem tantos? — grunhiu Daanna com raiva.

Brenda enviou aos vampiros para que a atacassem e assim distraí-la, dessa forma ela poderia disparar a seu desejo.

Daanna deu um salto e o dardo roçou a casaco ajustado que Menw lhe deu. Não tocou a pele.

— É escorregadia, Daanna. Muito escorregadia. Por isso Menw não a queria. Por isso não faz agora — soltou com malícia.

Daanna se enrijeceu. As palavras afetavam.

Os vampiros foram por ela. Elevou por cima de suas cabeças e, com a ponta de sua bota, golpeou na nuca do primeiro. Em troca, o segundo a abateu com um chute alto no rosto. Sentou sobre ela e a imobilizou no chão.

Aileen correu para socorrê-la como uma guerreira dos infernos. Levava na mão a cabeça do

lobacho que acabava de decapitar. Lançou como se fosse uma bola de beisebol contra o vampiro que estava sobre Daanna, e isso a liberou.

Brenda gritou, farta de ter à híbrida por todos os lados e apontou a Aileen. Disparou e acertou a perna.

— Puta! — gritou a híbrida tirando o dardo com rapidez. Caiu ao chão e levou rapidamente as mãos a seu cinturão. Nele havia uma pequena pochete de pele negra. Colocou os dedos trementes e tirou como pôde a injeção de choque que Menw preparou para todos. Espetou na coxa com rapidez.

O outro vampiro aproveitou para chutar Aileen sem compaixão, antes que o estimulante fizesse efeito.

— Acaba já com ela! — ordenou Brenda, passando uma mão pelo rosto e retirando o sangue dos olhos. — Só fica uma cápsula.

Daanna correu, saltou com os pés pela frente e deu na coluna ao vampiro que estava batendo em sua amiga. Deu tão forte que estava convencida de que o partiu. Colocou-se engatinhando, em cima de Aileen. Protegendo.

— Está bem? — perguntou.

— Necessito uns segundos para reagir e que a droga faça efeito.

Brenda interrompeu sua conversa.

— É muito difícil, Daanna — estava irritada. — Não tem nada que fazer, não entende? Não é nada. Ninguém sabe qual é seu dom. Menw não a quer como casal.

— E você o que sabe?! — gritou, enquanto controlava o vampiro que se aproximava pela esquerda.

— Eu o conheço — sorriu, passando a língua pelos caninos. — É muito fácil, Daanna. Vem comigo e não mataremos Cahal. Vem comigo e certamente será o melhor que tem feito por Menw. Ele agradecerá isso. — Daanna e Aileen fizeram uma exclamação afogada.

— Tem Cahal? Onde está?

— Não sabiam? Está sofrendo muito, pobrezinho — inclinou a cabeça a um lado.

A raiva e a incerteza a consumiam por dentro.

— Cahal é a coisa mais importante na vida de Menw. Você pode salvar a ambos. É você quem sobra, não faz falta, não vê?

Aileen tentou se levantar, mas seguia aturdida. Essa vampira era uma autêntica manipuladora.

— Besteiras, Daanna. Não a escute.

Como não a escutaria? Se o próprio Menw iria abandoná-la, a aguentava e a carregava só para poder encontrar Cahal. Apertou os punhos, faria por Menw?

Brenda sorriu ao ver que comprara virtualmente Daanna.

— Segue apaixonada por ele. Nunca deixou de querê-lo… — entendeu surpreendida. Seu tom era depreciativo. — Que estúpida.

Apertou o gatilho, mas ficou a meio caminho. Abriu os olhos e a boca, e olhou para baixo, à altura do esterno. Uma flecha azul iridescente a atravessou. Repentinamente, Brenda foi vítima de

milhares de convulsões. Caiu ao chão e tentou arrancar a flecha, mas sua luz queimava as palmas das mãos.

Ruth apareceu entre as árvores e olhou enfurecida a Brenda. Prendeu o cabelo mogno em um rabo e seus olhos ambarinos avaliavam os danos físicos de suas amigas. Os vampiros eram uns abusados.

Então a guerra, propriamente dita, começou.

— Já estou aqui! — gritava Noah através do fone de ouvido.

Aileen olhou para trás e encontrou o berserker em plena mutação, todo músculo e potência correndo para socorrê-las. Seu cabelo loiro se movia agitado para trás. Aos berserkers crescia o cabelo nas mutações e o de Noah era tão loiro que parecia branco. Era um espetáculo.

Quatro lobachos o rodearam.

O vampiro que seguia em pé correu por Brenda, queria tirá-la de lá. Daanna os parou e o puxou ao chão. Ruth disparou a um dos lobachos que voltavam para cima de Aileen. Sua amiga não coordenava muito bem e Ruth não era tão boa lutando no corpo a corpo. Mas possuía uma excelente pontaria.

Daanna afundou os dedos no peito do vampiro e arrancou o coração. Um dos lobachos a agarrou pelos cabelos e a levantou de repente, jogando o pescoço para trás. Ela gritou ao sentir as presas. Não deixavam de chegar vampiros e lobachos. Foram todos por elas. Olhou para cima. Ione e Gwyn repartiam entre si nos céus, Lain desceu para ajudar. O maldito lobacho que puxava o cabelo de Daanna rasgaria seu pescoço, e ele não chegaria a tempo para salvá-la. Aileen estava desprotegida. Ruth fazia o que podia com as flechas. A situação era crítica.

— Merda! Venham aqui! — gritou pelo comunicador.

Caleb apareceu como um anjo vingador e protegeu Aileen com seu corpo, que começava a sentir como o estimulante percorria seu sangue e insuflava vida a seus músculos.

— Daanna! — exclamou Ruth armando uma flecha contra um lobacho que mordia sua amiga.

Mas antes que ela pudesse disparar, um homem loiro vestido de negro e vermelho, muito, muito de saco cheio, desceu dos céus. Seus olhos azulados destilavam ódio e seu olhar só se centrou em Daanna.

— Menw… — murmurou a vanira olhando-o nos olhos. Vê-lo ali com ela a encheu de sorte.

O lobacho mostrou os dentes antes de morder a vanira, mas Menw o agarrou pelo maxilar superior e inferior e abriu a boca com um grunhido cheio de raiva. A abriu até que partiu. Afundou os dedos com elegância dentro de seu peito, pinçou entre peles, músculos, tendões e ossos, e esmagou seu coração. Adeus lobacho. O curador girou e agarrou Daanna pelos antebraços. Aproximou-a ele. Parecia que os tiraram de um filme de Tarantino. Seus rostos salpicados de sangue, especialmente ela, com suas feridas muitos vistosas.

— Venha comigo, pantera — pediu com humildade. Beijando-a com ardor, na testa.

Seus olhos verdes faiscaram emocionados. Os azuis diziam tantas coisas… Daanna assentiu emocionada.

Ione e Gwyn apontaram à festa e desceram para ajudar.

Todos lutavam. Todos brigavam. Todos sangravam por protegê-los uns aos outros. Enquanto o concerto continuava e as pessoas dançavam alheias a tudo o que acontecia perto deles, a música acompanhava cada golpe, cada navalhada, cada coração extirpado ou cada dentada. Rihanna cantava agora com toda sua força e ritmo *Only girl (In the World).*

Daanna e Menw ficaram costas com costas. Daanna empunhava seu chokuto e Menw simplesmente se amoldava a ela. Todos foram pela Escolhida. Era algo muito óbvio. Daanna movia a folha cortante com grande maestria, e os dois se misturaram, como se estivessem dançando. Se Menw se agachava, ela fazia. Se ela se movia a um lado, ele copiava seus movimentos. Seguiam um ritmo e uma coordenação única e íntima, como se sempre o fizessem. Sim, outras vezes lutaram um ao lado do outro, mas desta vez, faziam juntos. Não era Menw quem a protegia. Eram os dois que cuidavam um do outro, como se fossem um.

Capítulo 18

Uma hora mais tarde. Hyde Park

Caleb carregou uma tremente Aileen nos braços. Olhou e sorriu, entregue a essa mulher. A híbrida era uma autêntica máquina de matar. No momento em que o estimulante fez efeito, decidiu fazer uma competição com todos para ver quem era o que mais jotuns carregava. Agora, não podia descarregar a adrenalina a golpes, e seu corpo se revelava de outro modo. De um modo que Caleb conhecia perfeitamente.

— Me leve… me Leve para casa, Cal — murmurou sobre sua garganta.

Caleb sentiu que todo o sangue se concentrava em uma parte bastante varonil de sua pessoa.

— Vá. — Ordenou Menw escondendo um sorriso. — Já recolhemos os corpos. Já não há nem rastro do que aconteceu aqui, vão e descansem.

Ás se aproximou e acariciou a cabeça de sua neta. Olhou a Caleb: — Os… Ficaremos até que o concerto acabe. — Ordenou o líder berserkers. — Ainda há muitas pessoas aqui.

— E o que faremos com Brenda? — perguntou Caleb.

— A prendam e amanhã me encarregarei dela — respondeu Menw com segurança.

Caleb assentiu enquanto embalava Aileen com todo seu corpo. — Laila disse algo importante?

Menw olhou Daanna de soslaio, só para ver sua reação, e negou com a cabeça.

— Estiveram bloqueando diariamente, tem uns muros mentais muito potentes. Ancoragens muita definidas. Não sei onde têm Cahal, mas sei que ele está com eles. Conhece. Torturaram. — Falou entre dentes e apertou os punhos. — Ela, mais uma garota chamada Glory, e Mizar o levaram do Ministry e drogaram. Não sei onde o têm, mas não demorarei em averiguar, Caleb.

Daanna não queria escutar nada sobre Laila.

— A matou? — perguntou diante de todos.

— Não — respondeu Menw. — A droguei.

— O que deu? — pergunto Ás interessado.

— Uma dose modificada do Zolpidem[39]. Fazem uma lavagem mental em Laila todo dia ao deixar o trabalho. Apagam o trajeto de ida e de volta.

— O fazem para que não aconteçam coisas como esta, suponho. Se a sequestrarem, que nunca os delate. — Comentou Adam muito sério, sem olhar Ruth.

Daanna viu a discussão que tiveram Adam e Ruth quando acabou a briga. O berserker parecia um molho de nervos e aproveitava de sua altura para intimidá-la. Em troca, Ruth negava com a cabeça a tudo o que soltava, e a tia tinha a coragem de rir na cara dele.

— A droguei, e a manipulei mentalmente — continuou Menw. — Como se nada nunca tivesse acontecido, como se ela não me visse na vida. Quando despertar, recordará que ficou sem sono e por isso precisava dormir. Revistei suas coisas, sua bolsa, suas gavetas. Só encontrei uma agenda. Amanhã é seu aniversario, mas no seguinte, terá que ir trabalhar. Então, alguém terá que ir procurá-la e levá-la ao Newscientists porque ela não tem nem ideia de como chegar. De resto, não pude ver nada.

— A vigiaremos, Menw, tem certeza que não pôde ver nenhuma lembrança dela? — Caleb perguntou entrecerrando os olhos.

— Não bebi dessa puta, se isso é o que quer saber, Cal. — Respondeu com acidez.

Menw sabia muito bem que sua condição de viciado pesaria sempre.

Daanna apertou os dentes e olhou para outro lado. Não sabia se acreditava, ela o viu mordendo. E agora tampouco gostava do que via, Brenda se retorcia e chorava de dor no chão, como se fosse um verme, com uma das flechas de sua amiga Caçadora queimando as vísceras, Brenda recordou que o curador a alimentou uma vez com seu sangue, e tudo o que a vampira dizia eram golpes certeiros em sua confiança e autoestima. Um golpe atrás do outro, pensou, Menw, era imbecil. Ele queria se encarregar de Brenda, e Daanna só gostaria de arrancar um a um os cabelos da cabeça e ver quantos tipos de tortura podia aguentar um nosferatus. Mas Daanna era uma dama, não uma mulher desumana e cruel não? Nem sequer já estava segura de sua afirmação.

— Então não há mais que falar. Todos aos seus postos. — Indicou Ás. — Menw, leve a escolhida, e cure-a — ordenou.

O Vaniro olhou Daanna, preocupado. Notava a léguas que se sentia ofendida pelo tom.

— Estou bem.

— Não, não está. Sempre diz o mesmo, mas não é verdade — replicou Noah. — Leve-a daqui. Ione e Gwyn confinarão a Brenda. Ficaremos até o final do concerto.

Daanna não disse nada mais. Ficou muito quieta esperando que Menw fizesse algo. Já estava tudo dito, e a verdade era que doía todo o corpo. Caleb caminhou até eles, com a híbrida em seus

[39] *Zolpidem (Tartarato de Zolpidem ou Bi-tartarato de Zolpidem) é um fármaco hipnótico (indutor do sono), do grupo das imidazopiridinas, não-benzodiazepínico, de rápida ação e de curta meia-vida. É utilizado para tratamento da insônia.*

braços, sendo vítima de múltiplos espasmos. O líder do clã keltoi disse ao ouvido de Menw: — Daanna é seu cáraid, deixa de negá-lo, é seu dever é alimentá-la. Faça. — Elevou com Aileen em seus braços e desapareceu no céu.

Menw assentiu. Não gostaria de nada mais. Alimentar Daanna não era um dever, era um orgulho e um prazer, não um dever. A Escolhida estava envergonhada por ser o centro desses comentários, retraída e humilhada por estar tão exposta. E ele era o culpado de sua reação. Culpa sua por reconhecer abertamente no Ragnarök que trocavam sangue e não admitir que ela fosse seu casal. Agora precisava aguentar estoicamente as palavras imperativas de Cal. Como se ele não fosse fazer sem uma ordem.

No concerto tocava uma canção linda, deixaram à multidão emudecida. As luzes se apagaram e todas as pessoas levantaram seus celulares, seus acendedores e barras fosforescentes, Menw se colocou diante de Daanna e esperou que o olhasse nos olhos.

— Vamos — elevou uma mão para inspecionar as contusões e os cortes no rosto, mas ela se afastou. Deixou cair à mão, pesaroso.

— Estou be…

— Claro. — A pegou nos braços rapidamente, e elevou o voo com lentidão, deixando atrás os rastros de sangue e violência, e desfrutando do espetáculo que deixavam a seus pés. As pessoas se calaram, e agora agitavam as luzes de suas mãos de um lado a outro, como se fossem ondas.

Menw não voou rápido, ficou suspenso no céu e girou Daanna para que visse o que ele via.

— Depois da violência, não perca isso, princesa — murmurou Menw sobre sua cabeça. — É minha canção favorita. Deixa que a escute?

Daanna tremeu. *E agora o que quer?* Sentiu como Menw estremeceu quando o olhou nos olhos. Só eram seus olhares cravados um no outro, nada mais. E, entretanto, ali havia algo diferente. Menw parecia diferente.

— Olha para baixo.

Daanna tragou saliva e obedeceu. Ficou maravilhada. Era como um baile de vaga-lumes de todas as cores. Moviam de um lado ao outro, perfeitamente coordenadas.

— Os humanos precisam apenas encontrar aquilo que os une para ficar de acordo e agir. — Disse em voz baixa, assombrado pela fantasia daquela imagem. — Aqui embaixo há sessenta mil pessoas, e todas, sem exceção, estão fazendo o mesmo. É o inconsciente coletivo. Uma pessoa acende um acendedor, logo dez mais seguem seu exemplo, cem copiam a ideia, mil dão o mesmo passo e a onda expansiva chega aos sessenta mil em décimos de segundos. É incrível. Se ficassem de acordo para coisas mais importantes, o mundo não estaria em crise.

A voz doce e penetrante de um dos cantores voou até onde eles estavam, abraçando com uma melodia.

— Os fazem porque dá prazer. A música dá e eles devolvem o que recebem — continuou Menw com os olhos fechados.

Estava falando em código?

— Sua canção favorita é *Can´t breatbe easy de Blue?* — Daanna observou aos quatro meninos do cenário.

— Sim. — Menw aproximou o corpo dela do seu e cheirou seu cabelo com descaramento. Sorriu envergonhado, embalado pelo aroma cítrico e adocicado daquela mulher. — Sonhava que você e eu dançávamos juntos. Dei conta de que nunca dançamos juntos. — Balançou de um lado ao outro, com ela nos braços.

— Sim, fizemos. — Gaguejou, nervosa. — Dançávamos com as canções do velho MacAllister, as que falavam das highlands, ao redor das fogueiras.

— Isso não era dançar, Daanna. Chutávamos o solo — respondeu ele. — Sabe o quê? Às vezes imaginava que averiguava a verdade do que aconteceu no passado e vinha para me buscar e me pedir perdão — parou quando Daanna levantou a cabeça e ficou olhando fixamente, com os olhos brilhantes. — E outras vezes, via nosso desenlace como se fosse um vídeo musical: nele você se dava conta de tudo o que sofreu, do dano que me fazia sua rejeição, e então vinha por mim… Porque eu já estava cansado de ir a sua busca.

Ela entendia muito bem o que queria dizer. Via muito bem esse vídeo musical, mas era ao contrário. Menw se arrastava como um cão até rogar seu perdão, dava conta de tudo o que perdeu… Mas quando acabava a música e sua imaginação deixava de fazer com que se sentisse bem, ela terminava chorando de novo. Vazia.

— Ultimamente a escutava muito. Quase todas as horas. Era obsessivo. *Crushed me inside, for every Word that caused you to cry…*[40] — cantou com voz quebrada. — Via você com Gabriel e… — seu corpo se tencionou diante das lembranças.

O medo e o desamparo percorreram o corpo da vanira. Agora vinha com essas?

— Basta, quero ouvir mais, por que está me explicando tudo isso? O que, Menw? Passa de ser o príncipe das fadas a um vampiro desalmado em tempo recorde. Dá-me um tempo. — Daanna o cortou sem olhares. O que queria? Suavizá-la?

Menw estava arrependido. Tentava explicar a Daanna que ele também tinha problemas para expressar o que ela significava em sua vida, o que sentia. Deu a volta e voou sem dizer uma palavra mais, irritado e impotente diante de sua falta de tato e sua estupidez emocional. Voaram em silêncio.

Quando chegaram ao Piccadilly e Menw desceu até o terraço de seu apartamento de cobertura, Daanna se mexeu até que a deixou no chão.

— Tem fome? — perguntou ele com voz afligida. Queria que ela bebesse dele, que entendesse que contava, que tudo que compartilhavam agora importava, embora ele se fizesse de forte para não sofrer muito.

— Sim — respondeu mal-humorada. Entrou no salão, tirou a jaqueta e a puxou em cima do sofá. Desabotoou uma bota e logo a outra, e as deixou no parqué, tirou de qualquer jeito, enquanto murmurava algo em voz baixa. — Uma ducha. Preciso me lavar.

Menw a seguia, nervoso e intranquilo. Se Daanna propunha outra vez seu sangue tratado, daria um tiro, ou certamente começaria a chorar. Não queria isso para eles. Aquela solução seria uma rejeição final para os dois, um fim em letras maiúsculas, que não estava preparado para

[40] *Esmagou-me por dentro, toda palavra leva ao choro...*

aceitar, que nenhum dos dois merecia. Ela não merecia. Sim, ele sugeriu só para demonstrar que havia outras opções, que ela não era o centro de sua existência, que não ia nem persegui-la, nem rogar nada. Mas isso era justamente o que estava fazendo, isso, nem mais nem menos era o que devia fazer.

— Não bebi de Laila. — Disse sem saber muito bem por que. Olhou a todos os lados com inquietação. Merda, estava muito inseguro. Com medo.

Daanna parou abruptamente. Seus preciosos ombros, um deles ferido gravemente, onde estava o nó perene, subiram e baixaram, sinais de que estava respirando ou tentava controlar sua respiração. Se cabelo negro cobria parte das costas, chegava até as omoplatas. De repente ficou a tremer, e algo pouco parecido a um soluço saiu de seus lábios.

Menw não queria sentir que se rompia por dentro. Não era agradável ser um guerreiro e um curador e se converter, com a mulher que amava, em um covarde e em um agressor emocional. Ele não era assim. O ressentimento, o rancor e o medo faziam atuar dessa maneira. Medo por não poder estar com ela, medo por estar. Medo por perdê-la de novo. Daanna o reduzia e de uma vez o ressarcia. Era desesperador. Não podia ouvi-la chorar, cada lágrima que essa mulher derramava era uma adaga que cortava cruelmente seu coração. Desejava cravar algo ele mesmo.

Quando estava no Soho, tentando manipular Laila, sentia-se totalmente incompleto, Daanna se foi dali, pedindo seu tratamento hemoglobínico. Foi chorando. E ele não a seguiu. Ficou ali, fazendo seu trabalho, com um mal-estar esmagador. Quando chamou Caleb, porque Daanna nem falava mentalmente nem atendia ao telefone, e o líder vaniro disse que Daanna estava no monumento do Holocausto assediada pelos jotuns, merda, todo seu corpo se revelou diante da possibilidade de que a ferissem, ou de que a levassem. Ficou doente, pelo medo de perdê-la definitivamente.

Logo veio a aflição, o arrependimento corroia. Sentiu-se muito estúpido diante das tentativas de dias atrás por afastar, por manter as distâncias. Por que isso se ele a queria, se sempre o fez? Fácil. Porque estava triste. Porque uma eternidade de dois mil anos deixa feridas eternas e lágrimas muito amargas. Não queria passar por isso de novo. E agora, estando com ela, com o aroma de limão filtrando por sua pele e atando em sua alma, era incapaz de se afastar dela. Queria que sua Daanna retornasse e, sobretudo queria ser ele mesmo com ela. Deixar as máscaras, os escudos e os coletes a prova de balas na gaveta das lembranças.

— Daanna, me ouviu? — tragou saliva e se aproximou. — Daanna, não… não chore, *mo leanabh.*

Ela girou, com as bochechas úmidas pelas lágrimas. Sem os saltos e com a maquiagem deslocada parecia uma menina travessa a que quebraram o coração.

— Ouvi, maldito! Mas a mordeu na minha frente! — empurrou com todas suas forças e imediatamente vaiou de dor, entretanto, isso não a parou.

— Não bebi.

— Isso — é como dizer que não transou com ela, mas gozou — tremeu o lábio e o golpeou novamente com os punhos. — Reconheceu diante de todos que sou uma espécie de remendo em vez de seu casal! Menosprezou a troca entre nós. Por quê?! Odeia-me tanto? E logo vai e morde

outra mulher diante de mim.

— Daanna. — Lamentou sem mover do lugar, encarando cada tapa e cada empurrão que seu casal dava. Seu casal. Seu cáraid, dela. Seus olhos azuis clarearam e todo seu corpo vaniro se esticou diante do reconhecimento. Deixaria que desafogasse.

E passou um momento até que ela deixou de golpear o peitoral. Passou uma eternidade de fúria feminina até que Daanna ficou com a cabeça apoiada em seu quente peito, com as mãos relaxadas a cada lado de seu corpo. Ela era uma soma de contrastes: calma externa e tormenta interior.

Menw aceitou tudo. Elevou os braços para abraçá-la, para que ambos se tranquilizassem, porque precisava tocá-la, mas ela se enrijeceu quando notou suas mãos na cintura.

— Me dê essa merda que prepara para substituir o sangue do casal! Dê! — exigiu, empurrando pela última vez e dando meia volta para procurar por todas as gavetas da casa como uma mulher histérica.

Abriu uma gaveta do salão e interrompeu a busca, forçando a não perder os nervos. Tentou recordar onde Menw guardava esse prezado líquido, mas não via nada em suas lembranças, custava se concentrar. Ao ver o pouco autocontrole que ficava, deixou cair à cabeça e disse. — Prova comigo, Menw. Prova se vai funcionar, não quero beber de você.

O ar escapou entre os dentes. Menw reagiu como nunca imaginou que faria. Levitou, mais que correu, e fechou a gaveta que ela abriu de repente com tanta força que o deixou desencaixada.

Daanna cravou os dedos na madeira da cômoda até que os nódulos ficaram brancos.

— Não — gemeu, aproximando mais a ela.

— Então deixa de castigar-me — tampou o rosto com as mãos e começou a chorar. Era muito. Ele era o único que sempre quis, o único pelo qual ela suspirava. E agora, ele a torturava.

O curador se rendeu. A última vez que a viu chorar assim, foi quando ainda era pequena. A noite em que Gall o feriu no peito, a noite que os romanos levaram seus pais e deixaram a um povoado de meninos celtas órfãos. Daanna sofreu o corte da lança como se o fizessem nela. A pequena dormiu com ele e se aconchegou ao seu lado, cuidando dele, vigiando a ferida para que não se infectasse.

Agora era ele quem a feriu. Sempre foi ele. Ele e seu destino. Os enganos cometidos no passado foram pagos no final pela pessoa que mais amava, a que mais queria proteger.

— Deixa de me condenar. Não aguento um dia mais assim. Sou débil. — Reconheceu quebrando por dentro. — Sei que passou dois mil anos sofrendo meus desplantes, mas eu não tenho o sangue-frio para suportá-lo. Não penso ficar aqui com você se quer usar a vinculação para me punir continuamente. Você já não é o homem que eu acreditava que era.

Uma punhalada não faria mais mal. Sua Vanira estava tremendo. Tremia por sua culpa.

— Daanna… não me castigue. Não me rejeite, minha menina. — Suplicou afundando o rosto em sua nuca. Levantou as mãos e a rodeou, abraçando, deixando-a presa e imóvel, mimada por seu corpo. Apertou seu rosto contra suas costas e a manteve pega a ele até que ela deixou de tremer pelo pranto.

Ainda seguia com o rosto tampado por suas mãos cheias de arranhões, quando a girou para olhar aos olhos: — Olhe, neném, sou eu, Menw.

— Brenda me disse… disse que não lhe importo, que está me utilizando, até que encontre seu irmão. Você me disse o mesmo estes dias. Eu só estou dando a oportunidade de não seguir com isso — mordeu o lábio e limpou as lágrimas com as pontas dos dedos, com desespero. — Dê o pré… preparado, esse que tem feito e poderá ir. Não temos que forçar isso mais… Você já não me quer e eu não quero lhe aborrecer. Não quero…

— Nunca me aborrece — puxou o rosto. — Brenda é uma puta que merece morrer. Amanhã nos carregaremos isso.

Em outro momento, Daanna começaria a dar risada diante do tom doce que Menw empregou para essas palavras tão mordazes e definitivas. De todos os modos, tampouco passou o fato de que Menw não negou que já não a queria.

— Não, Brenda não me importa… Eu sabia que isso não seria uma associação… fácil. — Disse Daanna entre soluços. Merda, nunca chorou assim, de uma maneira tão lamentável, à exceção de quando era uma menina. — Mas pensei que se… se eu lutasse… você deixaria de me ter ra… rancor. Não… não tem… sido assim. Suponho que dois mil anos é muito tempo para arrumar em uns dias, Não?

— Quieta, *mo leannan* — pediu, abraçando-a com ternura. Queria chutar ele mesmo seu estúpido traseiro. — Está me humilhando. Deixe-me te alimentar, por favor.

— E se disser que isso para mim não é suficiente? Quero coisas…

— Que coisas? — juntou sua testa à dela. — Quer o mesmo que eu?

— Não quero que se vá. Não quero que me deixe. Quero que tente.

— O que mais?

— Não quero que morda a nenhuma mulher diante de mim. Embora não beba, é duro vê-lo e senti-lo…

— Me senti assim quando deu de beber a Gab. Sabe?

Daanna baixou a vista e assentiu com humildade. Touché.

— Você demonstrou ser igualmente mau como eu — replicou, admitindo sua culpabilidade, mas também acusando a ele de fazer o mesmo.

— Já te perdoei por isso, princesa. Continua, o que mais quer de mim?

— Tudo, Menw.

— Se dou tudo, eu exijo em troca apenas e sempre a verdade. Nada de segredos entre nós. Obrigaram a permanecer separados, obrigaram assentir para nos manter afastados um do outro. Quero erradicar isso da minha vida. Entre você e eu só pode haver verdade, de acordo?

Daanna assentiu lentamente. Significava isso que dariam uma oportunidade de verdade?

— Eu gosto de compartilhar meu sangue com você, para mim é algo sagrado — reconheceu. — Não o rebaixe mais. Dê valor — falou. — Ainda que seja um pouco.

— Merda — grunhiu, agarrando seu rosto com desespero. — Está fazendo de novo, Daanna. Se cale, por favor.

— O que fiz agora?

— Me converter em seu escravo — sacudiu levemente e logo depois que respirou fundo, beijou-a.

***

Daanna abriu a boca e soltou um gemido vitorioso, *Sim. Sim!* Não importava se à manhã seguinte Menw voltasse a esfriar com ela, mas essa noite aproveitaria, era deles, e no mínimo, foi mais sincera com ele que em toda sua vida imortal. Elevou as mãos enredou os dedos em seu cabelo loiro. A língua de Menw suave, quente e exigente atacou e provocou para que saísse para brincar com ele. Daanna aceitou o desafio. Abriu mais os lábios, e enredou a língua com a sua. O sabor de Menw era tão aditivo… tão doce…

Menw colocou as mãos debaixo da saia do vestido de Daanna e rasgou as meias por atrás. Ao mesmo tempo, Daanna desabotoava a camisa e beijava com ânsia, faminta dele, de seus beijos. Ele a fez retroceder até que se chocou contra a cômoda da parede. Era a guerra mais doce em que entraram. Menw a acariciava por todos os lados, seu corpo era como uma droga.

— Menw… — gemeu em sua boca.

Sentiu que o Vaniro a elevava e a sentava sobre o funcional móvel branco.

— Daanna — murmurou, imobilizando seu rosto com ambas as mãos. Os olhos azuis brilharam cheios de desejo, suas brancas presas o faziam pela necessidade. — Não posso esperar. — Sem pedir permissão baixou a calcinha pelas esbeltas e musculosas pernas, e as puxou, ficando estas em cima de um abajur de pé. Tirou o vestido pela cabeça e levou as mãos ao sutiã negro com transparências. Passou a língua pelos lábios. — Vamos tirar isso, céu. — Levou as mãos ao fechamento frontal e o desabotoou. Os seios brancos e cheios de sua garota se liberaram. — Olhe, toda nua para mim. — Sorriu, apoiando as mãos a cada lado de seus quadris.

— E você por que usa roupa? — perguntou, reclinando na parede e levando as mãos a seus ombros.

— Me quer nu? — a desafiou, embevecido com seus seios. Cobriu um com sua mão e o acariciou. Observou com petulância como o mamilo se endurecia e o peito se inchava. O sangue ia diretamente a esse lugar que reclamava atenção. *Meu.*

Teu? Perguntou a ponto de voltar a chorar de novo.

Você é toda minha, Daanna. Respondeu com sinceridade. Levou a mão livre ao botão da calça e o desabotoou.

Daanna olhou para baixo, seus olhos verdes eram uma linha cheia de jade e esmeralda. A ereção de Menw era muito grande e se marcava com poderio através de sua cueca vermelha de seda. Não fazia ideia de como aquele tronco de carne e veias podia entrar nela, mas dava fé de que entrava. O corpo da mulher era muito flexível. Era incômodo senti-lo movendo em seu interior, mas dava tanto prazer que a dor não importava nem um pouco.

— Abre as pernas — ordenou, enquanto puxava as nádegas e a aproximava do limite da cômoda.

Daanna obedeceu e se agarrou com força a sua camisa.

— Tira as calças.

— A camisa?

Menw grunhiu.

Ela sorriu.

— Segue sendo um mandão.

Um brilho de malícia e atrevimento se vislumbrou em sua íris verde. Levou uma mão ao interior da cueca e o rodeou com a mão. Não podia abraçá-lo por completo, as pontas de seus dedos estavam a alguns centímetros de distância. Ele tremeu, e a olhou com olhos entrecerrados.

— Agora tocarei você.

Ela se sentiu excitada.

— Não se feche. — Dirigiu os dedos a sua virilha e a abriu pouco a pouco, acariciando-a com as pontas dos dedos, brandamente, para logo, medir sua entrada com mais ímpeto. Colocou um dedo profundamente até os nódulos. — Sim, já está chorando por mim. — Assegurou movendo de frente para trás, — me toque, Daanna. — Acaricie-me.

— Como? — apoiou a testa em seu ombro.

— Como quiser. Eu gosto de tudo. Tudo.

Daanna o acariciou, mediu com seus dedos, estudou e o segurou. Logo o conheceu, até averiguar o que era o que mais gostava pelas expressões que fazia. Gostava de cima a baixo, e que o apertasse forte.

— Assim? — perguntou, olhando hipnotizada como aumentava em sua palma e como a cabeça de seu membro engrossava. — É formoso aí, Menw — ficava vermelha ao falar assim. Eles sempre falaram de tudo. Por que não podiam falar agora também?

Ele colocou dois dedos em seu interior e ela se voltou para trás, impressionada pela invasão.

— Não se afaste — a agarrou pelo traseiro com a outra mão e a cravou no lugar. — Está tão apertada… você gosta aí, assim. — Moveu os dedos e os curvou, muito dentro, em um lugar que fez que ela visse as estrelas e estremecesse. — Só eu sei o que necessita, pantera. — Grunhiu movendo com mais força em sua mão e em seu interior, — vamos fazer que beba logo, Daanna. — Olhou suas feridas com preocupação, em particular as do músculo. — Minha princesa do céu. — Lamentou, aproximando seus lábios aos dela. — Pegou aos maus que fizeram mal?

— Sim — choramingou sobre a boca quando Menw afastou os dedos e retirou a mão. — Não se atreva a me deixar pela metade outra vez, por favor. — Suplicou desconfiada.

Menw acariciou o membro e sorriu.

— Não, bebê. — Tomou e a fez descer sobre seu membro. Ele entrou pouco a pouco. — Oh, sim, amor…, assim. Assim. — A deixou cair de repente, ela gritou e ele ficou quieto até que esteve descansado por completo em seu interior. Daanna se aguentava com as mãos na cômoda e rodeava sua cintura com as pernas. Com o pescoço jogado para trás, sua garganta descoberta e toda nua sobre a branca superfície era a clara encenação de um sacrifício aos deuses. — Me monte. Se mova.

Daanna começou a rodar os quadris torpemente e a deixar cair sobre seu membro. Fechou os olhos com força e se mordeu o lábio inferior, morta de prazer.

— Isso — Menw olhava como todo seu pênis desaparecia na intimidade de Daanna, — dói?

Ela assentiu freneticamente com a cabeça. Menw, amaldiçoando, puxou pela cintura para controlar a força com a que ela mesma se trespassava.

— Dói e eu gosto — gemeu ela, retificando.

— Sim. Também gosto — inclinou para frente e ofereceu o pescoço a seu par. — Morda-me. Morda-me, Daanna.

Daanna enredou uma mão em seu cabelo e inclinou o pescoço a um lado, aproximando de sua boca. Lambeu e o beijou com carinho e perícia.

— Cheira a baunilha. Deixa-me louca.

— E você a mim, limãozinho. Morda-me.

— Mais rápido… — brincou com sua paciência.

— Deixa de brincar, Daanna.

— Como se tornou um *Grumpy*[41], quer que te morda?

— Sim — gemeu enquanto ela o montava.

— Sim? Por quê? — perguntou puxando o cabelo, beijando para buscar ar e não gozar antes. Queria deixar as coisas claras.

— Porque tem que sarar…

Daanna o puxou com força pelo cabelo e mostrou as presas.

— Diz. Só quero ouvir dizer isso. Por que quer que te morda?

— Porque sou seu casal.

— É meu casal de verdade?

— Sim — gritou, agarrando a nádega, cravando os dedos.

— Bem. Vou morder, Menw. Já vai recordar a quem pertence — sussurrou em seu ouvido. — Atreva-se a ir, se atreva a se afastar de mim, e te matarei.

Mordeu, cravando os incisivos profundamente, bebendo; necessitada de seu sangue, seu alimento, seu calor e seu amor. Necessitada de tudo o que ele era. Menw se internou até o fundo de sua cavidade, e ela explodiu em meio de um redemoinho de gemidos e gritos de liberação.

Capítulo 19

— Se segue me fazendo isso, morrerei.

Menw se movia em seu interior, possuído por uma luxúria descomunal. Pelas horas que estava entre suas pernas. Ambos sararam suas feridas, ambos compartilharam sangue e havia se alimentado como casal vaniro que eram. Mas Menw estava completamente liberado. Era como se quisesse demonstrar algo, a ela ou a si mesmo. *Menw, pelos deuses, tem que parar ou amanhã caminharei como uma vaqueira. Não… não posso seguir…*

[41] *Resmungão em inglês.*

Sim, pode. Uma vez mais.

Levava duas horas dizendo, *uma vez mais*. Gozou tantas vezes que estava convencida de que estava desidratando. Menw saiu dela e deu a volta sem dificuldade. Daanna tinha o corpo de gelatina e podia fazer com ela o que quisesse.

— Isto não é normal — disse maravilhado, centrando seu olhar no nó perene de seu ombro. — Necessito mais. Quero mais, todas as horas. — Abriu as pernas e se internou por atrás. Estava tão úmida e tão dilatada. — Oh, merda, pelo Odin, neném… — levantou uma perna e balançou com lentidão.

Daanna grunhiu com o rosto enterrado no travesseiro. Menw entrelaçou as mãos com ela e as elevou por cima de sua cabeça.

— Quantas vezes me mordeu, pantera?

— Perdi a conta — respondeu sem fôlego.

— Imaginava que o sexo com imortais seria assim?

— Hum? — se impulsionou com força e montou de novo nesse ponto que a fazia enlouquecer.

— Nunca — com as mãos entrelaçadas, guiou uma delas até sua virilha. — Me acaricie — pediu.

— Aqui? — tocou seu clitóris que estava tão inchado que parecia uma cereja. Beijou seu pescoço, sua nuca e apertou com força ao tempo que a penetrava.

— Sim? — choramingou.

Daanna quebrou pela enésima vez, e sentiu como Menw a enchia e a alagava com sua essência. Ele caiu como peso morto em cima dela.

— Te esmago? — perguntou agarrando ar.

Ela não tinha nem forças para dizer que não.

— Agora entendo muitas coisas… — sussurrou, beijando a palma da mão de Menw.

— O quê? — O rosto de pôquer das garotas quando falavam do sexo com seus casais.

Menw sorriu e saiu dela pouco a pouco. A colocou de barriga para cima novamente e ficou de quatro sobre ela.

— Não. Nem pensar. Não posso mais. Estou dolorida e cansada e… — deu uma palmada no peito. — Não me olhe assim. Alimente-me.

— Mais? — olhou o corpo; havia incisões nos antebraços, no pescoço e nos ombros. — Tenha piedade, princesa, pareço um coador.

Daanna tremeu pela risada e penteou seu cabelo loiro com os dedos. Menw apresentava um aspecto demolidor. Aí, em cima dela, com seu cabelo loiro por todos os lados, seus olhos azuis cheios de alegria e suas presas que por horas que não escondia. Estava louca por ele. As tatuagens a fascinavam, e seu corpo era uma ode à beleza masculina. Aprendeu muito um do outro na cama. Quando for tenro, quando for agressivo e exigente. Menw dizia que ela era muito selvagem, muito dominante. E em troca, para ela, o forte e o dominante era ele. Às vezes nem sequer a deixava se mover. Ancorava à cama, e nem sequer deixava que o acariciasse, só podia receber.

— Quieta. Tome. Abra. Morda-me — dizia uma e outra vez.

E ela se limitava a receber seus beijos, suas dentadas, suas estocadas, suas carícias… Claro, não se queixaria. Embora agora doessem todos os músculos do corpo, e alguns que nem sequer sabia que tinha. E nessa maratona sensual, onde ficavam as palavras de amor? A aceitação do amor viria. O sexo serviria para expressar aquilo que seus corações não podiam reconhecer ainda. Estava convencida.

— Não. Tenho fome de comida. Quero mastigar.

— Mais cenoura?

— É um porco.

— Disse o coelho.

— Basta! — explodiu em gargalhadas. Olhou a coisa enorme que Menw tinha entre as pernas. A pobre tentava relaxar, mas suas tentativas eram em vão. — O que se passa? Está assim sempre?

— Não. Só com você. — A olhava como se ela fosse um milagre e ao mesmo tempo, um quebra-cabeça sem completar.

— Como tem que ser — estirou como uma gata satisfeita. — Afaste, vou saquear sua geladeira. Roubar uma camiseta antes. Curiosamente, não comprou nenhum pijama para mim, sabe? Esqueceu?

— Não os necessitamos. Dormiremos nus.

— Fantástico. Assim quando voltar a fazer uma bilocação, todos me verão nua — piscou um olho e ele grunhiu.

— Nem pensar — a beijou com força. Marcando como dele.

— Solucionemos, então.

Daanna se levantou da cama e pegou uma camiseta de Menw, uma enorme e vermelha, do Arsenal. Olhou a camiseta e levantou uma sobrancelha depreciativa.

— Do Arsenal[42]? Não tem gosto.

— Ah, não? — apoiou a cabeça em sua mão e se estirou como o rei MIDAS, observando-a com regozijo, admirando suas curvas. — De que equipe é?

— Eu gosto do esporte. Eu gosto do bom futebol, assim adoro o Barcelona. Como Ruth e Aileen. Como Gab… — se calou imediatamente, para não falar dele com Menw.

— Já sei que não passou nada entre vocês. Pode falar dele tranquilamente. Não vou ficar zangado. Ele era seu amigo e sinto o que o passou.

Daanna o olhou de soslaio enquanto colocava a camiseta que, para variar, era grande.

— Sente de verdade?

— Sim. Era um bom cara — a comia com os olhos. — Ele estava apaixonado por você sabia?

— Sim.

— E lhe dava esperanças?

---

[42] *O Arsenal Football Club é um clube de futebol inglês baseado em Holloway, no Norte de Londres. O clube disputa a Premier League e é um dos melhores clubes do futebol inglês, ganharam 13 vezes o título da Premier League e 10 vezes a FA Cup. O clube detém o recorde de maior período invicto no campeonato inglês e também o de ser o único a ganhar a Premier League sem perder nenhuma partida.*

— Não. Não dava. Fui com muito cuidado de não iludi-lo. Ele aceitou minha amizade e eu a dele.

— Pois em sua mente não li isso. — Cruzou os braços atrás de sua cabeça e olhou ao teto de cristal. A noite era uma voyeur espetacular e cheia de mistério. Com certeza as estrelas se ruborizaram com tudo o que eles compartilharam nesse dormitório. — Você queria me tirar um espinho com outro e por isso decidiu sair naquela noite com o Gabriel.

— Não — respondeu com suavidade. — A verdade era que eu somente queria deixar de pensar em você. — Cruzou os braços e levantou uma sobrancelha. — Está com ciúmes, doutor?

Menw inclinou a cabeça e a olhou. A luz da lua estava em seu rosto, e a savana cor Borgonha só cobria a perna que estava estirada. Parecia um pequeno Adônis.

— Não posso ter ciúmes dele. Você sempre me pertenceu, e no final fui eu que comi o iogurte que estava debaixo de seu corpo, gritando e suplicando por mais.

— Menw — atirou uma almofada que bateu em seu rosto, indignada. — Às vezes me esqueço que já não é um cavalheiro.

Deixou o quarto, com as bochechas vermelhas e os olhos brilhantes.

— E você gosta! — exclamou com um sorriso malvado. Estirou de novo na cama e apertou a almofada contra seu rosto. Era ridículo ser tão possessivo, era vergonhoso sentir assim, mas não podia evitá-lo. Ficou um bom momento olhando as estrelas.

Queria fazê-lo bem. Queria estar com ela.

Seu olhar se escureceu e passou as mãos pelo rosto. Prometeram que não haveria segredos, que não ocultariam nada. Ele já não o fazia. Mas não podia dizer o mesmo de Daanna. Ao beber dela, a Escolhida se abria como uma flor, mas não por completo. Ela media quando queria que desse o sol e quando não. Como se houvesse algo, algo inclusive mais forte e incontrolável que ela, algo que por nada do mundo queria mostrar. Não queria pressioná-la nem empurrá-la, fosse o que fosse cedo ou tarde o descobriria, mas a verdade era que incomodava.

Por outro lado, estava convencido que Daanna necessitava e desejava tanto ou mais que ele a ela. Não, mais impossível. Seus desejos a respeito estavam igualados. Entretanto, não disseram nem uma vez que se queriam. A jovem não era tímida na intimidade, e isso porque confiava nele, porque os anos de amizade como humanos pesaram muito entre eles. Porque o amor passado, poderia seguir ali, latente, em segundo plano. Mas não foi sincera com ele, não abriu seu coração. Então, se queriam estar juntos, ele só pedia a verdade, O que sua pantera não dizia? O que fazia Daanna não cumprir sua parte do trato?

***

Estou fazendo tortas às duas da manhã. Incrível. Lambeu um dedo cheio de açúcar enquanto passava a massa pela frigideira antiaderente. Abriu o pote de geleia e o deixou junto à fruta, os lácteos e o manjar que preparou e serviu sobre a mesa da cozinha. A cozinha de Menw não estava nada mal equipada, havia de tudo, embora a imensa geladeira mostrasse um aspecto bastante austero. Menw não cozinhava ali, era dos que comia sempre fora, preferia manter tudo limpo e

sem uso. Mas isso mudaria. Eles iriam tentar juntos, não? Ele não deixaria, não permitiria. Agora precisavam conviver e aprender a compartilhar todos os momentos de suas vidas.

Sem mentiras.

Sem rancor.

Sem segredos. Pôs a pele arrepiada e cortou uma laranja com brio. Segredos.

Com o tempo, talvez ela pudesse dizer a Menw toda a verdade. Não nesse momento, porque a revelação poderia destruí-los, a ela seguramente, que não podia esquecer nada do aconteceu, e conduzia com isso cada dia de sua vida, e a ele… ele nunca a perdoaria. Afastou todos os maus pensamentos e decidiu que a melhor opção era centrar no presente. Sorriu enquanto dava uma volta à quarta torta de aveia que preparou.

— É toda uma visão — murmurou Menw apoiado na porta.

O cabelo de Daana estava recolhido em um coque mau feito, ia descalça, com as unhas dos pés pintadas de vermelho. Sua camiseta do Arsenal chegava abaixo das nádegas e estava mordendo uma parte da maçã enquanto preparava a comida para os dois.

— Me deixa sem palavras.

Daana sorriu enquanto mastigava a fruta e levava os dedos à boca. Ela é uma visão? Menw levava somente uma calça folgada negra que escorregava por seus quadris. Estava sem camiseta, com essa barriga tanquinho tão definida, o cabelo recolhido com uma de suas fitas, todo jogado para trás, e um rosto de satisfação que não lhe tirariam embora estivessem lhe apunhalando.

— Já preparei tudo isso — balbuciou insegura, — eu gosto de cozinhar quando estou de bom humor e, além disso, tenho uma fome de mil demônios.

Menw descruzou os braços e caminhou para se colocar atrás dela, rodeando pela cintura e apoiando seu queixo em seu ombro.

— Por que está tão contente, neném? Conta — acariciou a reta barriga com as palmas de suas mãos e teve vontade de golpear o peito como Tarzan quando ela se reclinou contra ele, com total confiança. Seu pescoço todo marcado com suas presas, cheirava tão bem.

— Tenho uma deusa em minha cozinha com uma de minhas camisetas, sem calcinha, e ainda por cima está cozinhando para mim. Se isso é estar contente, eu devo ser o rei dos sortudos.

Olhou o prato de tortas, e salivou diante da boa vista que tinham.

— Isso já está pronto?

— Sim — Daanna colocou na bandeja junto com as demais e as pôs na mesa.

— Genial, vem aqui — a puxou pela mão, retirou a poltrona, sentou e a sentou sobre suas pernas. — Qual é o cardápio?

— Você é meu, Menw. — Deixou escapar uma risada. — Isso foi muito mau, sinto — mas não podia parar de rir.

Ele sorriu, fascinado pelo brilho dos olhos de Daanna e de como era formosa quando sorria. Queria mais, mais sorrisos como esse.

— O que gosta? — perguntou. — Me deixe ver... Sei que você gosta de fruta — pegou os pratos e as frutas. — E é muito gulosa — pegou uma torta e um pote de creme. — Não há nada salgado?

— Essas tortas ali — mostrou outra terrina cheia de tortas enquanto dava outra suculenta dentada na maçã. — E tem verduras e ovos mexidos na frigideira — assinalou o fogão, — e também… — Se foram as ideias quando Menw introduziu uma mão pela camiseta e acariciou a parte inferior da barriga, — tem mãos.

— E pés — acrescentou ele, fingindo assombro por sua observação. — É toda uma eminência.

— Obrigada, custou muito chegar a este nível. Milênio de aulas e de corridas noturnas — brincou, centrando só nele, em seus olhos, e nas rugas que formavam quando sorria, como agora. Entrelaçou os dedos sobre seu colo e mordeu os lábios, — sinto-me muito estranha.

— Por quê?

— Não posso acreditar que estejamos assim. Você e eu.

— Não? — tomou um morango e ofereceu. — Come pantera, necessita forças. — Daanna colocou a mecha de cabelo rebelde atrás da orelha e abriu a boca. Deuses, os morangos estavam deliciosos.

Menw gemeu quando viu desaparecer a fruta silvestre nos sensuais lábios de Daanna.

— Daanna.

— Sim?

— Nunca mais volte a cortar a tatuagem. É minha, é meu nó perene. Foi horrível vê-lo em suas lembranças. Doeu.

Daanna deixou cair seus olhos a suas pernas. Agora, as mãos de Menw estavam em suas coxas. Sua pele morena destacava sobre a sua mais branca. Uma mão enorme de guerreiro e de curandeiro.

— Não podia aguentar. Queimava. Senti que era uma mentira — disse, levantando o queixo com a dignidade de uma princesa.

Menw a entendeu, mas doía igualmente. Ele a fez depois da noite que passaram juntos. Era seu sinal de amor eterno e inquebrável. E ela esteve a ponto de arrancar, mais de uma vez, mas ao dia seguinte, ao cicatrizar a pele, a tatuagem seguia estando ali, rindo dela.

— Seu nó perene é sagrado para mim — levantou o queixo. — O primeiro eu mesmo fiz. Você foi minha primeira e única mulher. Daanna, sempre esperei. Sempre. A tatuagem me dava forças para continuar, demonstrava-me que não estava louco, que entre nós houve algo formoso e puro. Que foi real.

— Mas chegou um momento que não foi suficiente.

— Sim. O que denotou minha rendição a Loki foi a chegada desse humano e suas reiteradas negativas a me dar outra oportunidade. Cegou-me.

A Daanna fez um nó na garganta.

— Acha que… acha que esse algo formoso e puro pode voltar? Acha que…?

— Pode ser. No momento já conseguiu que eu aceite ficar com você. E logo, está tão bom, tão gostoso, que... — tentava fazer cócegas no pescoço.

Entre risadas. Daanna o afastou. Sentia muitas cócegas.

— De verdade que não irá? — seus olhos verdes e grandes o olhavam com esperança.

— Não. Sou egoísta, Daanna. Tem que saber. Lutei muito por você. Tanto faz que me odeie ou que se zangue comigo ou que não me aguente ou… — se obrigou a parar. Estava à defensiva. — Dei uma oportunidade para escolher, e você aceitou o lote completo. Pois aqui me tem. Não sou o mesmo de antes, Daanna. Você, tampouco. Cheguemos a um acordo, cederemos os dois, mas por muito que o deseje, não penso deixá-la.

— Me parece bem — disse conformada. Pensou que ela se zangaria diante de seu tom e sua declaração de intenções, ia preparado. Era o melhor que Menw podia dizer. Sentia se eufórica.

— Me parece estupendo.

Trocaram olhares, o dela sorridente e o dele desafiante, e decidiram que o melhor para dissolver a tensão que chispava ente os dois era fechar a boca e comer. Alimentaram um ao outro. Menw preparou uma torta cheia de creme com partes de fruta em seu interior. Fez outra com verduras, ovo e queijo. Comeram como dois pombinhos, entre beijos, sorrisos e carícias descaradas, cheias de más intenções por debaixo da mesa.

— Me fale do preparado hemoglobínico, Menw. Fale-me de tudo o que tem descoberto, de tudo o que sabe. — Lambeu um dedo cheio de creme, mas quando levaria seu anular que também estava manchado, Menw o tomou e o meteu na sua, chupando-o como se fosse um pirulito. Daanna fixou o olhar em sua boca e em como ele a saboreava, e seus olhos verdes mostraram todo o seu desejo.

— Então… parece-me incrível que tenha encontrado uma solução para a sede eterna.

— É uma solução provisória. Como um emplastro — explicou beijando a palma da mão. — Nem sequer eu estou cem por cento seguro que funcione. Em todo este tempo estudei muito a função do cérebro. Quando os deuses nos mudaram, nossa genética foi mudada, nosso DNA. A mudança de nosso DNA suporta uma alteração cerebral, em que o cérebro goza de uma grande plasticidade. Isto quer dizer que pode unir ao seu desejo. O que para o ser humano eram funções básicas, como a de se alimentar para existir, para nós também o eram — particularizou, — mas com outros circuitos neuronais, em vez de nos proporcionar saciedade com um prato de comida normal, fazem que nossas sinapses[43] particulares nos levem ao desejo de sangue. Um desejo que não podemos saciar até que encontramos nosso casal de vida. Mas esse desejo, a necessidade, segue aí, cada dia, e é duro lutar contra ela.

— Continua — Daanna descascou uma banana e levou a boca, olhando entre seus longos cílios, — pode ver essas diferenças entre o cérebro humano e o nosso? Essas mudanças em que fomos submetidos?

— Sim. Veja, o sistema límbico contém o circuito de gráficos do cérebro. Dê-me — abriu a boca, e Daanna compartilhou sua banana com ele. — Contém e conecta várias estruturas cerebrais, tem essa capacidade. Também é responsável por nossas emoções. Nosso sistema límbico está mais desenvolvido do que o do ser humano. É o dobro do tamanho e apresenta muito mais movimento. Sabe por quê? Porque está em contínua atividade.

---

[43] *Sinapses são as regiões de comunicação entre os neurônios, ou mesmo entre neurônios e células musculares e epiteliais glandulares.*

— É hiperativo.

— Assim é. É hiperativo porque nos pede sangue desde que nos transformaram, pelo simples feito de que quando éramos humanos adorávamos comer, e como nos dava prazer, nosso sistema límbico nos motiva a repetir esse hábito. Tínhamos gravado como uma função básica e prazerosa para nós, portanto repetitiva. A Freyja errou conosco, porque não levou em conta nossa massa cinzenta[44]. Disse que apenas o sangue de nossa companheira tiraria nossa fome eterna, mas não modificou as pautas de nosso cérebro, com o qual, para ele, não importa o tipo de sangue. Ele quer apenas sangue. Não importa se é ou não o sangue de nossa companheira eterna. Por isso os vaniros podem comer e sentir prazer ao fazê-lo, nosso sistema límbico recorda esse hábito de quando éramos humanos. Entretanto, não nos sacia, porque geneticamente fomos programados para que…

— Só o sangue de nosso companheiro nos tire a fome. Entendido.

— Muito bem, certo — deu um beijo na jugular. — Nosso sistema límbico então se estressa. Sofre. Não tem o que quer porque o corpo não recebe sangue. Entra num processo de ansiedade constante. O que eu tenho descoberto? Que há uma maneira de enganar ao cérebro e não nos converter em vampiros por isso.

Daanna estava assombrada por toda aquela informação.

— O cérebro quer sangue. Daremos sangue — sentenciou. — Encontrei um composto artificial indistinguível do sangue normal.

— Como? — acariciou o cabelo loiro e seguiu a carícia de suas mãos como um tigre necessitado de mimos.

— É um composto extraído das células-mãe. Como sabe, estive em todos os partos de nossas irmãs vaniras. — Daanna assentiu e ele prosseguiu. — As células-mãe são extraídas dos cordões umbilicais.

A vanira parou suas carícias e entrecerrou os olhos.

— O que está dizendo exatamente?

— As células sanguíneas que obtive são tiradas das células sanguíneas normais. Eu tomei as células-mãe dos cordões umbilicais e as converti em quantidades de glóbulos vermelhos. O único inconveniente é que não pode beber. A pergunta é, Menw, por que não se pode beber? — imitou a voz doce e ligeiramente rouca de Daanna e ela começou a rir. — Porque a quantidade de glóbulos vermelhos que posso obter de um cordão umbilical é suficiente para apenas vinte unidades de plasma artificial, e cada unidade é de cinco litros.

— Cem litros por cordão umbilical.

— E como compreenderá, não poderia ser suficiente para ajudar a acabar com nossa fome. Acabariam não servindo para nada. Só disponho de nove cordões umbilicais, são muito poucos.

— O que fez então?

— Como nosso sistema límbico está ansioso, observei o que fazem os humanos quando estão em estados de stress e ansiedade. Estão assim porque seu cérebro e seu corpo sofrem uma

[44] *A massa cinzenta é constituída pelo corpo celular dos neurônios que processam a informação no cérebro.*

reação química provocada por um desajuste do sistema nervoso. Unicamente, o que precisam fazer para se sentir melhor é reequilibrar a química de seu corpo. E por isso dão comprimidos com as substâncias químicas que seu cérebro e seu corpo, devido ao stress, já não podem criar. Isso ajuda a que os neurotransmissores[45], os resíduos químicos e os receptores voltem a atuar com normalidade, e em pouco tempo a ansiedade desaparece. Se um comprimido pode conseguir isso, e sua função é dar ao cérebro aquilo que custa fabricar ou aquilo que não pode ter, nós não somos diferentes deles. Temos cérebros humanos. Achei umas pílulas que contêm glóbulos vermelhos de sangue vaniro artificial, e, além disso, doses altas de tirosina, triptófano[46] e aminoácidos essenciais que atuam diretamente em múltiplas cadeias de interações cerebrais. Eles ajudam a regular os níveis de serotonina no cérebro, o principal neurotransmissor sintetizado nos neurônios serotoninérgicos no sistema nervoso central, e que atuam diretamente sobre nosso bem-estar emocional e sobre nossos impulsos.

— É como uma enciclopédia… — murmurou assombrada.

— Nosso sistema límbico deixará de estar estressado e nosso impulso de beber sangue desaparecerá. Duas pílulas ao dia servirão para ajudar os vaniros que começam a valorizar a possibilidade de lançar tudo pelos ares e deixar de passar fome. Será uma coisa excelente.

Daanna estava boquiaberta, e não podia acreditar no que Menw obteu com seus estudos. Mas, como é que ela ia saber alguma coisa sobre isso? Não se falavam, ofendiam um ao outro, sem considerações… Como gostaria de ter estado com ele em cada novo passo que descobria, especialmente no que diz respeito ao sangue. E o que ela fez enquanto Menw se convertia na salvação dos vaniros? Fácil. Se autocompadecia e se fechava em sua tristeza e em seu ódio para ele.

Foi tudo muito destrutivo entre eles.

— Menw — o puxou pelo rosto e apoiou a testa sobre a sua. Olharam um ao outro.

— É incrível o que descobriu. É maravilhoso. Estou muito, muito, orgulhosa de você. — O beijou nos lábios.

— Mmm… que delicia, tem sabor de banana e a creme.

— Beatha, Íris e as demais sabem o que faz com seus cordões umbilicais?

— Sim. Eu disse que os confiscava para estudar as células-mãe. Estavam de acordo. Depois do parto, estavam tão cansadas que poderia dizer que seus filhos nasceram com cara de elefante, e me diriam que não havia problema — sorriu com malícia.

— É preparado, doutor.

— Sim.

— E isso não trará nenhum tipo de vinculação com os vaniros que decidam tomar essas

[45] *Neurotransmissores são substâncias químicas produzidas pelos neurônios, as células nervosas. Por meio delas, podem enviar informações a outras células. Podem também estimular a continuidade de um impulso ou efetuar a reação final no órgão ou músculo alvo.*

[46] *A tirosina e o triptófano são aminoácidos codificados pelo código genético, sendo, portanto componentes das proteínas dos seres vivos.*

pílulas? São células-mãe de vaniras, não?

— Não — negou rotundamente. — É impossível. É sangue artificial. A única coisa que fazemos é enganar quimicamente o cérebro para que acredite que nosso organismo está ingerindo sangue. Sabe o que mais tenho descoberto em relação à vinculação?

Daanna negou com a cabeça e acariciou os ombros tatuados. Prestando atenção ao enorme nó perene sobre o ombro esquerdo. Igual ao dela. Dela.

— Tem a ver com o que somos na realidade. Sabe quando dizem que o amor está no cérebro? Pois no nosso caso pode perfeitamente jogar por terra essa afirmação. Para nos vincular emocionalmente e como casal, temos que nos atar mediante o rito de sangue, mente e sexo. Bebemos de nosso casal, e atamos a sua alma. É algo místico. O cérebro é dotado de plasticidade, cada dia é diferente, dependente do que aprende e como o aprende, só isso. Como se entende então que um ser humano possa estar em coma vegetativo, sem funções cerebrais e sendo ajudado por uma máquina para respirar, e ainda assim possa estar em contato espiritualmente com a pessoa que mais quer no mundo? Como entende que possa falar com ela em sonhos ou mediante aparições? Como entende o que faz Ruth? Ruth fala com os espíritos, almas que deixaram seus corpos e que não perderam a sua essência. Se o cérebro está morto, como pode acontecer isso? É porque a alma dá vida ao cérebro. Não está no cérebro.

— Deuses, está como um trem, e é muito preparado. Menw, está me deixando muito quente falando assim, sabe? — Daanna acariciou com a unha de seu dedo indicador a cicatriz esbranquiçada de seu peito, lembrou da lança de Gall. Era fina e larga. — A cicatriz não saiu.

— Não. Não iria. De todas, é a melhor cicatriz que tenho, porque ganhei te protegendo. O que nos passou como humanos fica em nós para sempre.

Daanna o abraçou com força. Afundando o rosto em seu pescoço. Tremeu ligeiramente diante dessas palavras. *O que nos passou como humanos fica em nós para sempre*. Menw ficou paralisado diante da onda de amor que recebeu, de amor e de... culpa. Abraçou de volta e massageou as costas.

— O que passa, minha menina?

— Nada — murmurou sobre a pele quente do curador. — Estou feliz por você. Por tudo o que conseguiu. Por tudo o que nos ajudará o que tem descoberto.

— Estive a ponto de jogar tudo por terra, Daanna. Tudo. Porque não aceitei a situação, ela me ultrapassou. Ontem teve razão. O que me disse a outra noite na ducha foi muito certo. — Tirou a borracha do cabelo e o deixou solto. Enrolou em suas mãos e o levou a boca para acariciá-lo com seus lábios.

— Você passou pelo mesmo que eu e, entretanto, não cedeu, não se dobrou a loki, eu estive a ponto de fazer.

Daanna fechou os olhos com força. *Não cedi porque não me deixaram. Não me deixou fazer. Sempre esteve comigo, me acompanhando. Não se foi.*

— Eu que tenho orgulho de você. É a mais forte de nós, pantera — sussurrou sobre sua pele, balançando com carinho e ternura. — Os deuses a marcaram por algo, Daanna. E agora, de você depende que os guerreiros de todos os clãs da terra vão à chamada do Ragnarök. Deixa-me muito

mau saber que a Escolhida é minha.

Dele. Ela não afirmou nem negou.

Permitiu que Menw a abraçasse e a reconfortasse dessa maneira, embora soubesse perfeitamente que ele se equivocava. Não era forte; foi débil, e se soubesse a verdade, nunca poderia estar orgulhoso dela. Ela não estava de si mesma. Desejando tirar aquela emoção de fracasso de cima, tomou a cabeça de Menw entre as mãos, afundou os dedos em seu cabelo loiro e o beijou.

Ele aceitou seu ataque, encantado. Rodeou a cintura com as mãos e a sentou sobre ele. Passou suas mãos grandes por suas costas e as sedimentou em seu traseiro.

— Vejamos, foi uma boa aluna, Daanna. Hoje teve uma aula de neurologia e quero saber se prestou atenção — massageando seu traseiro.

— Vai me dar nota? — perguntou coquete.

— É óbvio.

— Então, demos ao sistema límbico — murmurou sobre sua boca.

Capítulo 20

Quanta coisa poderia aprender de uma pessoa em dois dias?

Quanto mais poderia aprender de nós mesmos?

Quando o tempo compartilhado foi tão intenso, certamente havia a possibilidade de perceber e averiguar mais matizes ocultos em dois dias que em dois milênios de distanciamento. Isso era o que se perguntava Menw, quando, ao amanhecer, decidiu deixá-la descansar depois de seu interminável interlúdio sensual.

Podia dizer muitas coisas sobre Daanna; o caráter e a personalidade que desenvolveu nestes dois mil anos eram muito diferentes de como era quando seu sangue era humano. A vanira se fez forte por mero instinto de sobrevivência. Era toda uma fortaleza impenetrável, entregava a ele e não fazia por completo, como se estivesse muito ciumenta de algo que só ela podia saber. Esperava que com o tempo essa muralha que rodeava sua alma, esse reduto atrás do qual se escondia, pudesse desvanecer, desaparecer e deixar que ele ficasse com tudo o que ela representava.

Retirou uma mecha de ébano do rosto e apreciou suas belas feições. Quando dormia, seguia sendo uma menina pequena. E às vezes, era surpreendido e igualmente fascinado, quando ela se zangava e discutindo com ele esquecia a condição de dama e princesa dos vaniros e se convertia em uma mulher, que era um cruzamento entre um caminhoneiro e um corsário. E então, ele caía de joelhos diante dela, ante as sutilezas e grosserias que podia cuspir por essa boca feita para atormentar ao sexo oposto.

Menw se alimentava só de vê-la. Antes de dormir, vestiu-a, porque sabia que não gostaria de aparecer vestida de qualquer maneira diante de alguém. Tampouco ele queria que alguém mais, além dele, a visse em roupa íntima.

Menw passou a mão pelo quadril e a deixou ali. Dormia aconchegada contra ele, de lado. Ele colocou sua poderosa perna por cima dela e a aproximou de seu calor, mas não podia dormir. Temia abrir os olhos mais tarde e descobrir que essa aproximação não foi real. Que ela não estava ao seu lado. Com a cabeça apoiada em sua mão, acariciou seu rosto com os olhos e também esse corpo que os deuses criaram só para ele. Assaltavam muitas perguntas, pergunta sem resposta. Por que, se ele era o que despertaria o dom da Escolhida, os deuses maquinaram esse ardil contra eles? Era do interesse deles que Daanna despertasse para respaldar a todos os guerreiros perdidos, não? Então, por quê?

— Não… não…

Menw franziu o cenho e escutou com atenção a voz suplicante de Daanna. De repente se revolvia inquieta e apertava os punhos que estavam contra o peito de Menw.

— *Mo ghraidh*? O que acontece?

Daanna choramingava e se aproximava mais ao corpo de Menw.

— Daanna? — ele a abraçou e pôs uma mão sobre sua nuca. Roçou com os lábios em sua têmpora. — O que tem, amor? — sussurrou.

A jovem estava tremendo.

— Não… não vá… não me deixe…

Menw sentiu que seu coração se fraturava em mil pedaços.

— Não irei. — A abraçou com mais força. — Você é tudo o que eu sempre quis. — Que fácil era justificar com ela quando seus enormes olhos verdes o olhavam. Quando ela não podia ouvir nem saber como ele se sentia frágil ao seu lado, o poder que tinha sobre ele.

— *Tha mi 'gana h-iarraidh* [47]— sussurrou com um forte lamento. — Por favor, por favor…

***

Menw não se encontrava nada bem. Os olhos de Daanna estavam fechados, estava em meio de um pesadelo, e ele não podia despertá-la… E essas lágrimas que caíam através dos cantos de seus olhos o devastavam.

— Estou aqui, menina — murmurou, tremendo pela pena que desprendia o corpo daquela mulher. — Não vou a lugar nenhum.

— Não me deixe, não me deixe. Comigo… fica comigo. Aguenta. Fica… — gemeu fracamente, sendo presa de pequenos espasmos. — *Thà ghraidh mor agam air… Aodhan*[48].

Gelo. Frio. Dor. Desolação.

---

[47] *Estou procurando por você, em gaélico.*

[48] *Eu o quero Aodhan, em gaélico.*

— *Is caomh lium thu a, Aodhan*[49].

Menw jamais saberia explicar o que sentiu quando escutou Daanna sussurrar o nome de outro homem em seus lábios. Quando ouviu perfeitamente como ela reconhecia abertamente que o amava.

— Que merda é Aodhan? — grunhiu com os dentes apertados.

De repente, o corpo de Daanna deixou de tremer, e entre pequenos tremores, ficou totalmente relaxada, aproximada ao torso musculoso e duro de Menw. Mas Menw não queria ser seu lenço de lágrimas.

Especialmente quando outro homem estava na mente e no coração de Daanna.

Isso era o que Daanna escondia. Aquele era o segredo, o que não deixava ver. E com razão. Se ela esteve apaixonada por outro homem, por que reconheceria o homem que dependia para obter seu dom? Ocultaria como uma cadela, para que ele estivesse contente. Fez acreditar que ele importava. Menw apertou os punhos enquanto deixava que a raiva varresse com tudo. Ocultou tudo o que teria feito com ele. Daanna esteve com outro?

Assim era isso? Esteve rindo de mim, Daanna? Pegou um pouco de cabelo e o enroscou entre seus dedos.

— Mentirosa — murmurou com raiva sobre sua boca. — Mentirosa!

Abraçou-a com força.

Sentiu algo roçando as bochechas, e ficou como pedra ao notar que eram lágrimas. Ele estava chorando. É óbvio que chorava. Daanna amou a outro homem, um homem que, pelo visto, abandonou-a enquanto ele estava ali por ela, dia após dia, ano após ano, século após século. Ele a amava. Era a única verdade entre os dois. E ela não, ou ao menos tinha um coração compartilhado. Mas Menw não compartilhava nada, nunca, se tratasse dela. Nem pensar.

Uma vez mais, pensou na potente arma que era o cérebro. Podia levantar barricadas ao redor de lembranças ou vivências, e se não interessava recordá-lo, se não queria revivê-lo, trancava-se a cal e caía em algum lugar da memória. Isso era o que fez Daanna. Mas ao dormir, quando a mente se relaxava e o inconsciente fluía, as lembranças abandonavam a prisão e retornavam para atormentar ao mais forte, ou ao mais mentiroso, a aquele que queria ocultar suas vergonhas, como ela.

— Aodhan? Chama-se Aodhan? — separou-se dela e rodou sobre a cama. Colocou o antebraço sobre os olhos. Odiava. Odiava a esse cara. Odiava a ela por ser hipócrita e falsa. — Incrível. Teria que desfrutar muito com isso, Daanna.

Daanna procurou o calor de Menw, inconscientemente, como um cachorrinho que busca o abraço protetor de sua mãe, alheia ao que seus sonhos revelaram.

Menw se levantou da cama com todo o corpo em tensão. Não podia estar perto dela. Colocou a cueca, uma calça, um pulôver de pescoço de cor negra e ajustada, suas botas de motoqueiro e seu casaco de pele. Prendeu o cabelo loiro com aquela fita negra que era inseparável. As mãos tremiam.

---

[49] *Te amo muito, Aodhan, em gaélico.*

Aturdido, passou o dorso pelos olhos úmidos das lágrimas, e reconheceu, desta vez sem dor, que Daanna o afetaria sempre. Ela era o amor de sua vida. Um amor não correspondido.

Precisava trabalhar, limpar. Não podia abandoná-la porque prometeu protegê-la. Quando estava estressado, entrava em seu laboratório. Precisava afastar-se dali, dela, desse quarto que cheirava a limão, baunilha e sexo. Necessitava a cabeça fria para preparar as pílulas de tratamento hemoglobínico.

Hoje mesmos as provaria. Ao menos, já sabia como as chamaria.

***

As cores eram cada vez mais brilhantes. O redemoinho intenso no que se via imersa a enjoava e a enchia de euforia simultaneamente. Estava claramente num buraco negro. Podia ouvir vozes do passado e do futuro através desse corredor de ondas eletromagnéticas que a transportavam ao seu novo destino. Era a sua sina. Era a Escolhida, e o sangue de Menw, seu casal eterno, a fez forte e também muito feliz essa noite. Sentiu saudades por não encontrá-lo com ela, já que expressamente se agarrou a ele como um polvo, para que na seguinte viagem a acompanhasse. Mas ele não estava. Bom, quando retornasse lhe daria um bom dia como merecia.

O redemoinho de energia estreitou seu vórtice e ela saiu projetada dele. Maravilhada diante daquela nova experiência que estava vivendo, jogou uma olhada a suas mãos. Era incrível. Não se via como algo sólido, se não como milhões de partículas luminosas que dançavam diante de seus olhos. Não era corpo. Era só alma, energia. Deixou-se levar através desse tubo que viajava através do tempo e do espaço e abriu os olhos para não perder nada. Aquela era sua missão. Ao final do tubo, divisou um lago, um lago enorme rodeado de incríveis montanhas verdes. Ela reconhecia essas montanhas, situadas por cima da Inglaterra.

Estava na Escócia. O final do redemoinho se estreitou ainda mais e divisou um rio, um dos que nascia do mesmo lago. River Ness.

Caiu de joelhos atrás de uma árvore que havia em frente de um pub um tanto exclusivo chamado Johnny Foxes. Ao lado desse pub fazia muitíssimo frio, muito mais que em Londres nessa época. Desta vez estava preparada. Ao menos estada vestida em condições. Calçava uma Panamá Jack alta por cima dos jeans, um pulôver de pescoço alto de algodão e um casaco de pele. Sorriu com doçura. Menw escolhia sua roupa, e ainda por cima a trocava como lhe desse vontade. O que acreditava o vaniro? Que era uma Barbie model?

Percebeu a energia e a vibração do momento. Diante dela, a ponto de entrar no mencionado pub, um homem vestido de negro com um casaco de pele e botas Martins negras com ponteira de prata, chamou toda sua atenção. Era enorme, mediria uns dois metros. Levava luvas de lã brancas, que a seu gosto, não combinavam com nada do que vestia. Era dessas luvas com os dedos cortados. O cabelo era comprido e negro, de um tom muito mais azulado que o dela, mas o prendeu em duas tranças. O desconhecido parou e a olhou por cima do ombro, como se sua presença o incomodasse. Daanna pôde ver a cor de seus olhos, da cor do caramelo, pintados com Kohl. Havia pontos mais amarelos em seu interior, e uma feia cicatriz deformava ligeiramente o

lábio, como se sempre sorrisse em plano demônio. Era um highlander. Um homem das ilhas em toda sua expressão. Atrativo, poderoso, e desafiante. Mas não era um vaniro. O que era?

O desconhecido entrou no pub e a ignorou.

Daanna o seguiu. O local estava todo revestido de madeira, cheirava a lenha. As paredes, feitas de tijolos, estavam pintadas de cor verde. Havia um grande barril de cerveja no centro do salão.

O homem parou quando uma pequena e loira mulher de cabelo encaracolado passou a sua frente com uma bandeja cheia de taças. A garota o olhou de esguelha, com seus olhos castanhos e incrivelmente grandes para aquele rosto ovalado, e o ignorou. Mas ele não a evitou. Seguiu-a até que a apenas cinquenta centímetros de seu pequeno corpo.

— Vai me ignorar para sempre? — perguntou com uma voz rouca que Daanna se arrepiou.

A mulher nem se alterou. Deixou as taças sobre o balcão com toda a parcimônia do mundo.

— Ardan, me deixe tranquila, sim? — sussurrou a garota com uma voz doce e melódica. Deixou a bandeja vazia e deu a volta, se afastando dele.

— Eu fiz por você. Sua cabeça louca e sua insensatez poderiam ter acabado com você…

— Não me foda! — riu dele. — Sabe por que venho, sabe o que tenho que fazer. Deixe-me fazer meu trabalho e deixo você fazer o teu. Eu não me meto em seus assuntos.

Uma ira gelada saiu do corpo daquele homem, a garota se esticou, igual a Daanna. Segurou a jovem com força pelo braço.

— Está muito esquecida, Bryn. Não se mete em meus assuntos, mas pode se meter em minha cama?

A garota o olhou nos olhos durante um momento eterno. Entre eles a comunicação verbal era elétrica. Daanna os olhava entretida, à distância. Matariam antes que interrompesse. O que fariam? Arrancariam os olhos ou arrancariam a roupa um do outro? Bryn tinha a situação muito controlada, mas o tal Ardam perdeu o controle por completo.

A Daanna não deixava de ficar fascinada como eram contraditórios aqueles guerreiros. Tão fortes, tão poderosos… e tão dóceis frente às mulheres.

— Me solta — olhou a mão que a retinha com asco, como se fora uma cagada inoportuna de uma pomba.

Ardam a soltou. Jogou uma trança para trás e recolocou as lapelas da jaqueta. Soberbo.

— Como desejar. Sirva-me o de sempre, bonita — ordenou em tom depreciativo, deixando uma nota das grandes sobre a bandeja de madeira.

Deu meia volta e se internou num dos compartimentos individuais, também de madeira clara, que davam às janelas exteriores. A mulher o seguiu com os olhos, até que ordenou a suas pernas que se movessem. Passou na frente de Daanna, como em câmera lenta, e a olhou de cima a baixo. Um brilho assassino se vislumbrou nas profundidades de seus olhos castanhos, e algo vermelho fúria resplandeceu em sua íris. Não, essa mulher tampouco era humana. Estava convencida.

A garota baixou os olhos e cobriu o rosto com a bandeja vazia. Daanna a seguiu com o olhar enquanto se afastava e desaparecia por outra porta.

Merda. O que acontecia nesse pub?

A vanira seguiu a Ardam e se colocou na frente dele.

— Há tempo que não via mulheres como você — disse ele sem saldá-la. — Leva muito pouca roupa para aguentar o clima em Inverness[50]. O inverno está apenas no virar da esquina.

Daanna franziu o cenho.

— Inverno? Que dia é hoje?

Ardam levantou as sobrancelhas e levantou o canto do lábio que não tinha cicatriz. — Dois de dezembro. O que quer, Escolhida? — A jovem se sentou em frente e entrelaçou os dedos de suas mãos. Assim que a conhecia… *Dois de dezembro? Dei um salto no tempo? Projetei ao futuro?* Daanna não podia assimilar essa informação agora, o que precisava era dar a informação necessária antes que a bilocação finalizasse.

— Então, sabe quem sou?

— Claro. Ele nos disse que esperássemos o seu chamado. Não nos disse quando, nem onde, nem como… só disse: *Ela virá a vocês*. Suponho que é você, não? Além disso, aqui não há mulheres de sua condição, só homens vaniros.

— Ele? Quem é ele?

— O conhecemos pelo nome de Aingeal.

— Quem é? Onde está?

— Ninguém sabe. É silencioso. É sigiloso. Tem temperamento muito ruim e é um bode. Só sabemos isso. Conheci há dois meses mais ou menos.

O anjo. Teria que informar aos clãs sobre este personagem.

— Você não é um de nós. Quero dizer que não é vaniro — assinalou Daanna.

— Não. — Olhou através da janela. Começava a nevar. — Sou um einhrejar.

— Um guerreiro de Odin, imortal como eu.

— Sim.

— Quantos vaniros há aqui?

— Não muitos. Há muitas valkyrias, chegaram todas com esse tipo, Aingeal. E também berserkers, mas estão mais no centro. Bom, vai dar essas instruções, sim ou não?

É óbvio que sim.

— Escuta bem — inclinou para frente e falou em voz baixa. — Sou Daanna McKenna, do clã keltoi dos vaniros da Black Country, e trago uma mensagem.

***

Menw tomou Daanna entre seus braços, outra vez. No momento em que seu ouvido detectou o toc da testa de Daanna dando contra o cristal do teto deslocou a tirá-la dali e colocá-la sob seu corpo. Estava em plena bilocação. Notava nos movimentos dos olhos sob suas pálpebras,

[50] *Inverness é uma cidade da Escócia, capital da região de Highland. Possui mercado agro-pecuário e indústria têxtil. É centro comercial de lã. A sua catedral data do século XIX. No local afirma-se ter visto o Monstro do Lago Ness, localizado ao sul da cidade.*

e também em como a pele estava fria. Sua Daana mentirosa.

O que passaria quando abrisse os olhos? O que diria? Seu instinto e sua necessidade não permitiam fazer mal, ela era Daanna, era dele, e ele… Bom, ele era egoísta e, embora não quisesse, a queria do seu lado e a manteria perto dele. Mas, antes de aceitar essa tortura definitiva, precisava pensar, não podia ficar com ela nesse momento. Estava morto da raiva e de ciúmes. O curioso é que, de algum modo, podia chegar a entender que Daanna se fixou em outro nesse tempo que estiveram afastados. Mais ainda, acreditando que ele a traiu de um modo tão vil. Mas, embora pudesse entender, cortava igual por dentro. Necessitava tempo para pensar, espaço. Precisava averiguar quem era esse cara que Daanna mencionava em sonhos e a quem dizia que amava. Palavras que ele não ouvia há mais de dois mil anos. E se alguma vez as ouvisse de novo, e em caso de fazê-lo, seriam verdadeiras?

Os olhos de Daanna bateram os cílios e sua pele começou a esquentar. Estava retornando.

Abriu os olhos verdes, aturdida pela viagem, e centrou o olhar no que estava diante dela. O rosto de Menw a hipnotizou. Ela sorriu e elevou uma mão para tocar a bochecha áspera pela incipiente barba. Ele a olhava com seriedade e Daanna se sentiu bem, é óbvio que estava preocupado por ela.

— Olá, príncipe — murmurou com voz áspera.

— Como foi à viagem?

— Falei com um einhrejar chamado Ardam. Está na Escócia, em Inverness — esclareceu garganta e elevou a cabeça para receber um beijo que não chegou de Menw.

— Continua.

Enrugou as sobrancelhas, olhando entre seus densos cílios.

— Há um clã de highlander transformados pelos deuses, não vaniros. Não há mulheres entre suas filas, e muitos deles estão cedendo a Loki. Cada vez menos. Ardam está ao comando do clã einhrejar e tem contato com os vaniros e os berserkers dessa zona. Mencionei que fique em contato com Caleb. Mas há um problema.

— Qual? — perguntou secamente, cheirando o pescoço. Queria assegurar de que não cheirava a outro homem.

— Ardan não entrará em contato com Caleb até princípios de dezembro. Dei um salto no tempo, Menw — explicou emocionada. — Um salto quântico. Não sei por que me desloquei ao futuro, mas assim aconteceu.

— Bom, podemos procurar Ardam no presente e já colocá-lo a nossas ordens.

Daanna negou com a cabeça e sentiu como Menw se esticava diante de sua negação.

— Creio que se aconteceu assim é porque assim que tem que ser, Menw. Não podemos forçar as coisas. Simplesmente, sei. Sinto que deve ser assim.

— Do que serve esperar até dezembro quando tudo está acontecendo agora, neste momento? Falta um mês e meio para chegar a essas datas, merda.

— Não sei. Eu… somente sinto assim — respondeu inquieta. — Pode se saber por que me olha desse modo?

— Assim como?

— Como se você fosse meu inimigo. Como se não confiasse em mim.

Chegou o momento de pôr as cartas sobre a mesa, pensou o curador.

— Deveria confiar em você Daanna? — perguntou com um sorriso duro e frio nos lábios. Como se ela não merecesse essa confiança.

Daanna sentiu que um punho oprimia o coração.

— Acredito que sim.

Menw levantou de cima dela e agarrou um vidro de pílulas vermelhas do tamanho de uma bala que estavam na mesinha de noite. Havia uma etiqueta com um nome em letras muito pequenas. As pôs à altura do rosto.

— Sabia que fala em sonhos? — perguntou meneando o vidro.

Daanna se incorporou e apoiou as costas na cabeceira da cama. Um suor frio cobriu sua pele, e algo revolveu o estômago. A vergonha. A culpa. Apertou a colcha com os punhos e a levou ao peito.

— De verdade? — tentou que sua voz soasse o mais limpa possível.

— Sim, neném. Fala em sonhos. — Se aproximou da janela que dava à Praça Piccadilly. As pessoas iam e vinham. Uns iam para sempre e logo voltavam novamente. Procurando um lar, uma família da qual formar parte, uma vida que pudesse controlar. O controle não existia, isso era algo que Menw sabia. Ele nunca poderia controlar Daanna. Nunca estaria seguro dela. Colocou as mãos nos bolsos e apertou o vidro de pílulas com força. — Veja, não sei como faz.

Não sei como pode me esconder a informação, mas tem feito muito bem. Não li em seu sangue, não vi em sua mente, embora houvesse momentos nos quais podia tocar o muro que não deixava derrubar. Sabia que me escondia algo, mas não imaginava isso.

— De que fala? — estava muito assustada. Isso não podia estar passando.

— Falo de você e suas mentiras. Quem é Aodhan?

Daanna se viu imersa em um pesadelo no mesmo momento que Menw pronunciou esse nome. Por todos os deuses, como se deixou levar assim? O sangue de Menw a relaxou, isso era o que aconteceu.

— Não sei quem é Aodhan — mentiu. Pronunciar o nome em voz alta fazia tudo mais doloroso. Era como a frase: eu acredito nas fadas; que ao pronunciar, uma fada revivia. Pois murmurando esse nome em voz alta acontecia o mesmo. Fazia tudo mais real.

Menw se lançou em cima dela e pressionou contra a parede.

— Não minta! Estou farto de mentira! Não minta mais! Você não! Quem é Aodhan?!

— Me solte! — *Não. Não. Escapar. Preciso escapar,* — me solte!

Menw a sacudiu e golpeou a parede com um punho, fazendo uma feia brecha na parede.

— Mentirosa!

— Não! — empurrou com tanta raiva que Menw caiu da cama e ela correu para abrir a porta do quarto. Fugir. Precisava fugir.

Menw a agarrou pela cintura e fechou a porta com tanta força que os quadros pendurados na parede caíram ao chão e se quebraram.

— Daanna, acabou minha paciência!

— Não é ninguém!

— Quando o fodeu?! Estava com ele quando não estava comigo?

Daanna se removeu, liberando de seus braços como uma cobra. Deu um bofetão em todo o rosto. — Nunca. Nunca volte a dizer algo assim — mostrou as presas e vaiou como uma gata.

— Merda, puta, Daanna! — a elevou e a obrigou a ficar de pé. — É uma maldita hipócrita!

— Não! — gritou. Não podia conter a histeria. Não podia segurar as lágrimas. Era demais. — Você não entende!

— O que não entendo? O quê?!

— Nada! Não entende nada!

— Como me enganou assim?! Todo este tempo… Quem é? — seus olhos lançavam raios furiosos contra ela. — Pulou com ele? Todos estes anos em que eu ia atrás… Estava com ele?

— Para Menw, por favor… — soluçou ela, tremendo.

— E logo o quê?! A abandonou?! Não foi boa para ele. Te deixou, verdade? — estava a levando ao limite, mas que o pendurassem se nesse momento não chegava ao fundo da questão e esclarecia o maldito mistério.

Daanna ficou dura como uma pedra entre seus braços. Era a verdade que Menw jogava como punhos na cara. E ela já não podia negar. Mas não sabia como explicar, não sabia por onde começar...

Aquilo aconteceu e ela não pôde entender não.

— Sim! — empurrou abatida, dobrada. Buscou ar de um modo doente. — Sim! Sim! Menw Me abandonou! Se foi e me deixou sozinha! Como você!

Menw a soltou como se tivesse se queimado. Estava reconhecendo.

Daanna teve um amante.

— Quem era? — sua voz monótona.

— Não conheço. — As pernas não a sustentavam. Deixou cair de joelhos sobre o chão de parqué — Você… não o conhece. Silêncio.

— Me diga onde vive?

Ela negou com a cabeça. Sentia tanta angústia em seu interior que não sabia como liberá-la, nem sequer tinha forças para falar.

— Como quiser. — Lançou o vidro de pílulas vermelhas. Ela não o agarrou. O vidro se abriu e as pílulas se esparramaram pelo chão, diante dela.

— O que... o que é isso? — sussurrou, pegando uma pílula com mãos trementes.

— Não quero que me toque, Daanna. Não quero que me morda.

— O que quer que faça, Menw?! Não é o que você pensa!

— Então me diga isso, explique isso — urgiu, desesperado.

Tremeu o lábio inferior, mas ao notar que não saíam palavras se deu por vencida. — Não posso, Menw — sussurrou. — Sinto-o… não posso. — Seu cabelo negro cobriu o rosto alagado de lágrimas.

— Bem. Toma uma pela manhã e outra de noite. Têm essência de baunilha, assim poderá enganar melhor o cérebro. Mas não interessa, porque é uma mentirosa de primeira. Não?

— Menw, não faça isso… — suplicou pegando o vidro com as mãos. — Não me afaste de você. Assim não.

— Assim não? — perguntou rindo. — O que esperava? Quando pensava dizer? Quando pensava em me dizer que estava apaixonada por outro? Durante quanto mais tempo teria me enganado? Tem o que merece, Daanna.

Soou o timbre da porta.

— É Aileen — disse indiferente. — Chamei-a para que venha lhe pegar. Passará uns dias em sua casa, até que possa pensar com mais calma. Logo já decidirei o que fazer com você. — Foi uma decisão dura. Queria ela fora de sua casa.

Daanna abriu a boca e se levantou como uma mola.

— Não é meu amo.

— Não o duvide nem um segundo. É meu par, meu *adúltero* casal. Vinculamos. A terei controlada, Daanna. Só que agora, ao saber que esteve abrindo as pernas com outro nas minhas costas, dá um pouco de asco. Não posso nem ver.

— Pode estar zangado Menw — apertou os dentes, — mas não me diga essas coisas porque logo podem se voltar contra você. Não vou deixar que me afaste assim. Eu também quero interrogar Brenda. Irei com você.

— Você não — a cortou. — Não quero que me acompanhe. Não te quero aqui. — A olhou sem pestanejar e a ela encheram os olhos de lágrimas. — Não quero mentirosas ao meu lado.

— Menw — choramingou dando um passo para ele.

— Não se aproxime! — gritou. — Pega as pílulas, não acredito que passe as noites sem elas. Quando for, se assegure de fechar bem a porta.

Esperou que Daanna recolhesse as pílulas uma a uma. Quando as teve recolhido, olhou pela última vez com raiva.

— Colocou o nome *Aodhan* às pilulas? Assim é como vai chamar seu tratamento milagroso?

— Você gosta? Pensei que como a fome faz passar um inferno a quem o sofre, já sabe, faz que nos queimemos em suas chamas, as pílulas poderiam chamar assim. Aodhan não significa *Nascido do fogo*?

Daanna negou com a cabeça, como se estivesse decepcionada com ele. Quando passou do seu lado ele nem sequer a olhou, mas ela teve o sangue quente de dizer:

— Eu estranho é que Menw não signifique *O imbecil mais estúpido do mundo.*

— Sim, e o estranho é que Daanna não queira dizer, *A puta mais mentirosa do universo*.

Essas foram as últimas e duras palavras que trocaram entre eles.

Daanna pegou a mala e tomou o elevador. Em Piccadilly a esperava o Porsche Cayenne de Caleb, conduzido por sua amiga, Aileen. Daanna cobriu a cabeça com o capuz e colocou as mãos nos bolsos do casaco. A híbrida a olhou, e o único que atinou a dizer ao ver o estado catatônico no que se encontrava, foi:

— Daanna, tranquila, tudo se arrumará.

Capítulo 21

O dia depois.

As pílulas funcionavam. Mas não afastavam a dor do coração nem tampouco a necessidade de que alguém a abraçasse. Alguém não. Ele. Menw. Jogou-a de sua casa e afastou de sua vida sem contemplações, e embora compreendesse sua irracionalidade e seu despeito, não concordava com seus métodos. Sentiu-se tratada pior que uma cadela. O Vaniro não se pôs em contato com ela nem sequer para perguntar se fazia ou não efeito o tratamento. Mas, para que perguntaria se Caleb estava ali para informar sobre tudo. Seu irmão se pôs do lado de Menw.

— Não sei quem é Aodhan, Daanna. Não tenho nem ideia se ele é ou não do clã, mas espero que não o veja nunca mais. Espero que já não esteja em sua vida — disse Caleb, desaprovando com o olhar. — Todos nós sabíamos quem era seu casal, por que fez isso?

Daanna não queria falar com ninguém. Estava chateada com Menw porque fez o pior que se podia fazer entre um casal: lavou a roupa suja. Aileen era a única que não a julgava, e também Maria, que numa visita esporádica com Ás, emprestou todo seu apoio. Merda. Todos sabiam? De todos os modos, ela seguia sem pronunciar a respeito. Embora doesse.

O pior foi não poder ver o rosto de Brenda enquanto Menw a torturava. Não, isso não foi o pior. O pior foi que ninguém contasse com ela para fazer. Ela foi a mais danificada pelas mutretas de Brenda. E em nenhum momento se importaram com ela para tirar o espinho do seu coração.

Parece que durante o interrogatório seu cáraid descobriu algo incrível. Enquanto Brenda tivesse a flecha da caçadora em seu corpo não poderia se comunicar mentalmente com outros vampiros. Assim desfrutou muito com ela.

— Têm Cahal. — Disse Caleb enquanto tomavam o café da manhã juntos no salão da casa de Aileen.

— Já sabemos disso. — Respondeu Daanna olhando seu irmão de soslaio enquanto levava a boca um aspargo grelhado. Não estava com fome, mas Cal insistia em que comesse com eles.

— Seu plano era retê-lo até que Menw se entregasse a Loki — explicou Aileen, falando carinhosamente com sua cunhada. — Mas apareceu você e o salvou das sombras, desmancha-prazeres. Eles esperavam que Menw o trouxesse para seu bando, porque sabem que é a Escolhida e querem seu dom para eles.

Daanna sorriu a contra gosto.

— Não sabem qual é o meu dom.

— Não — acrescentou Caleb. — Mas sei que já não importa te ter ou não com eles, igualmente já não importa que Menw se volte vampiro, nem que Cahal siga vivo. Agora só querem nos eliminar. Acabou o tempo. É uma corrida contra o relógio.

Daanna jogou com a comida de seu prato.

— O que fizeram com Brenda?

— Menw cortou o pescoço e queimou seu corpo. Eliminou-a da equação.

Assentiu com tristeza. Ela queria estar ali. Queria ver com seus próprios olhos como uma

parte de seu doloroso passado por fim se apagava de sua realidade.

Hoje esperariam para ver os movimentos de Laila e a seguiriam. E ela queria estar ali, precisava sair. Estava murchando, precisava vê-lo. Seu irmão seguia prendendo-a no castelo, como se fosse alguém intocável. E já estava farta.

— Brathair, hoje vou sair.

— Nem fal…

— E não me importa o que me diga. Estarei bem.

— Por que não dá o tempo que pediu? — puxou o guardanapo sobre o prato. — Deixa que se tranquilize para que você possa se aproximar dele com mais segurança.

— Menw não vai me matar. — Disse horrorizada.

— É um predador. Um predador que está de saco cheio com você, irmãzinha. Eu, se fosse você não tentaria a sorte.

— É minha vida, Cal. E ele é meu casal.

— De verdade? — murmurou seu irmão com ironia.

— Não faça como se soubesse a verdade quando não sabe nada, Cal! — se levantou da mesa e deixou cair os talheres sobre o prato. — É injusto! Não tem nem ideia pelo que passou Menw e eu!

Caleb sorriu. Pequeno caráter tinha sua irmã.

— Sei algo e não soube de você, e sim através de Menw, porque você nunca me disse nada. — Replicou ele sem perder a compostura.

— Ele acredita que sabe… — sussurrou. — Mas não é assim. — Negou categoricamente.

Caleb exalou cansado e passou uma mão pelo cabelo. Olhou Aileen que seguia comendo em silêncio como se estivesse sozinha na mesa.

— Não vai me ajudar, neném?

— Daanna é maior de idade, Caleb. Deixa que faça o que queira, isso não é uma prisão — limpou a boca de maneira refinada.

— Menw me pediu que cuidasse dela.

— Cuidar, não prender. — Especificou Aileen com clareza. — E Menw é um imbecil. É um homem das cavernas e não se inteira de nada, como você. Relacionam tudo com o sexo, estão loucos. — Aileen levantou da mesa e levou a mão ao bolso traseiro de sua calça. Tirou as chaves de seu BMW, — toma. — Agarrou a mão de Daanna, abriu os dedos e as deu. — Menw está no Soho. Você já sabe onde. Às oito da manhã parece passar uma cientista louca e ele quer segui-la e ver onde a deixam.

Daanna olhou a Aileen e se sentiu agradecida pelo gesto de sua amiga.

— Obrigada. — Dava a volta quando a híbrida agarrou seu pulso.

— Repetirei isso mais uma vez porque acredito que há dois dias não ficou claro no Hyde Park. Tem amigas, Daanna. — Seus olhos lilás a olhavam com uma sábia e horripilante compreensão, como se soubesse o que na realidade ocorreu no passado. — Ruth ainda espera que vá falar com ela. E, sinceramente, acredito que você também necessita.

Daanna saiu correndo da casa.

Caleb olhou a Aileen com uma sobrancelha levantada.

— Vai contra mim com muita facilidade, Aileen.

— E você está louco se acha que sua irmã não vai escapar à primeira oportunidade para ir em busca de Menw. Você não escutou como chorava ontem no quarto. Foi horrível. Não penso voltar a ouvi-la, não quero ver Daanna assim.

Caleb se sentiu mal.

— Eu tampouco! Mas ela se equivocou!

— Você o que sabe? Meses atrás acreditava que eu me deitava com Victor e logo resultou ser meu doutor.

— Um traidor.

— Sim, um asqueroso traidor. Depois achou que eu me enlacei com Bob, o cara que me ajudou no Wolverhamptom.

Caleb jogava fumaça pelas orelhas.

— Aonde quer chegar?

Aileen cruzou os braços.

— Que há alguma deficiência genética que faz serem uns caras ciumentos e possessivos e acham que qualquer homem que olhamos, é um homem com quem nos deitamos. Homem que nomeamos, é homem com o que nos deitamos ou com o que nós gostaríamos de fazer. Estão doentes.

— Ui, eu não gosto nada do seu tom, pequena. — Se levantou e foi para ela.

— Daanna está sofrendo muito. E você se colocou do lado dos machos. Eu me ponho do seu lado. E tampouco sei quem é Aodhan, Cal.

— Disse que o amava, e o disse em sonhos.

— E eu digo a Brave que o amo, adoro, o quero, e é um cão — clamou ao céu. — Ruth diz a Liam e a Nora que os ama e são crianças. Digo a meu avô que o amo, e como compreenderá Cal, meu querido paranoico, eu não transo com meu avô.

— Segue falando. — Dirigiu suas mãos à camisa branca que usava e desabotoou o primeiro botão.

— Ao que me refiro, *mo duine*[51], é que é Daanna quem tem que explicar a Menw quem é o tal Aodhan, não Menw quem tem que dar por feito sua relação com ela. Não te coloque entre eles. Deixa que solucionem suas coisas.

— Eu pensarei. — E sorriu como um leão enquanto a abandonava contra a cômoda do salão.

Ruth ainda espera que vá falar com ela, Aileen dissera a ela. Levou o pirulito de baunilha à boca e fechou os olhos enquanto salivava de felicidade. Deixou estacionado o BMW azul em uma das ruas do Soho Square. Chovia muito, o céu estava nublado, e isso era genial. Usava botas de borracha negras com estampados muito chamativos. Uns jeans muito ajustados e um casaco acolchoado negro e comprido. Prendeu o cabelo com um diadema fino prata.

Onde estava Menw? Há essas horas havia poucas pessoas pela rua. Olhou os telhados um a

[51] *Meu homem, em gaélico.*

um, as portarias, as cafeterias que já estavam abertas… cheirou o ar, e não detectou nem um pingo de baunilha, à exceção do pirulito que lambia com avareza. Abraçou a si mesma enquanto percorria um calafrio. O ambiente era muito frio. Ou talvez fosse ela que levava dois dias com a alma gelada. A questão era que, desde que Menw a deixou, não deixava de sentir frio.

Um carro negro parou frente à portaria de Laila. A morena com aspecto de menino ao Lisbeth Salander, saiu pela porta e entrou no carro enquanto se cobria a cabeça com a jaqueta.

Daanna ficou em guarda e se ocultou quando o Mercedes negro passou por seu lado. Procurou Menw pelos arredores, esperou vê-lo aparecer em seu alpendre de cor marrom, mas por ali ninguém seguia Laila.

Daanna correu com a BMW azul elétrico, correu como o vento. Subiu e decidiu seguir a Mercedes por sua conta. Quando seguiu a esteira dos Newcientist percebeu de que uma Ducati 848 EVO de cor negra, seguia ao veículo que ela mesma estava perseguindo. O motoqueiro usava uma jaqueta azul escura com as siglas AMG nas costas. Abriu ligeiramente a janela e inalou o ar. O coração parou. Baunilha.

— Menw — sussurrou nervosa e contente de voltar a vê-lo.

A moto corria como o diabo, mas o carro de Aileen também era muito rápido. De repente, o Mercedes saltou um semáforo em vermelho, as rodas chiaram sobre o úmido asfalto e começou uma verdadeira perseguição. Perceberam que os seguiam.

Menw acelerou a moto.

Daana também apertou o acelerador e manteve o mesmo ritmo que eles.

O que faz aqui?

Oh, como era bom ouvir sua voz, embora fosse estivesse tão azeda.

Não te alegra de me ver? Não pode me afastar disto. Respondeu desafiante.

Vem por mais pílulas?

— Venho te dar uma mão, tonto — murmurou em voz alta.

Os radares de velocidade de Londres deviam jogar fumaça. Era espetacular ver um Mercedes derrapando pelas esquinas, uma Ducati esquivando dois carros a uma velocidade vertiginosa, e um BMW que tomava as curvas como se fossem retas. Daanna adorava as corridas de fórmula 1. E sempre quis ter uma razão para pisar no acelerador até o fundo. Agora tinha.

Está louca? Vai daqui, maldição. Havia um tom premente e preocupado em sua voz.

— Não vou.

Sem dar conta já estavam nos subúrbios de Londres dirigindo ao Ipswich. Menw estava a ponto de alcançar ao carro quando um Rodius prateado se colocou ao lado de sua moto e o investiu, lançando o corpo de Menw sobre o capô do Mercedes. A moto ficou destruída e deu várias voltas pela borda.

— Menw! — Daanna acelerou e se colocou próximo do Rodius, o suficiente para acertar com a roda dianteira a parte traseira do carro. O Rodius deu várias voltas sobre si mesmo, até que foi investido por um Ford Kuga branco.

Pelas janelas do destruído Rodius saíram três lobachos a quatro patas que corriam atrás do BMW de Daanna. Daanna olhou através do retrovisor e justo quando um dos lobachos saltaria

para encarapitar ao teto do carro conversível, Daanna freou de repente, machucando os joelhos imediatamente. O tronco superior do lobacho saiu voando pelos ares.

Daanna acelerou para ajudar Menw. Os dois lobachos foram por ele enquanto o condutor do Mercedes disparava através do vidro.

Menw se segurou com uma mão, elevou o punho e atravessou o vidro dianteiro até tirar o condutor pela gravata negra que levava. Lançou fora da estrada e entrou no carro para conduzir o veículo.

Uma vez dentro. Menw olhou ao lado esquerdo e viu que não havia ninguém de copiloto. Olhou pelo retrovisor e se encontrou com um vidro completamente negro. Embora não via, sabia que dentro estava Laila. Não sabia aonde iriam, nem sequer havia navegador para seguir a direção. E Laila não servia, já vira todos os circuitos mentais fechados da garota, e era uma maldita tumba.

Atrás de você, outro Rodius.

Aquilo foi uma emboscada. Pelo visto esperavam seus movimentos.

Um Rodius prateado se juntou à corrida e golpeou a parte traseira do BMW.

— Aileen, comprarei outro, prometo — grunhiu, enquanto esquivava os golpes.

Daana sentiu um forte apertão mental à altura das têmporas e gritou com dor.

Daanna?O que acontece?

Daanna nem sequer podia abrir os olhos pela dor que sentia. Algo estava espremendo o cérebro e queria arrebentar os ouvidos.

Menw freou, deu a volta e ficou em direção contrária, passou por cima de um lobacho e investiu de cara contra o Rodius que incomodava Daanna; este ficou em equilíbrio sobre suas rodas laterais e acabou de barriga para baixo, fora da autoestrada.

Daanna descarrilou enquanto o último lobacho empurrava o carro com seu corpo, tirando também de circulação.

Menw parou o carro e saiu disparado a socorrer a Daanna. Tirou o capacete e jogou no chão.

O lobacho a tirou do interior e estava a ponto de morder a garganta. Desesperado por chegar a ela a tempo, voou ao nível do chão e investiu na parte baixa das suas costas, impactando em sua coluna e fazendo que ambos caíssem.

O monstro mordeu a coxa de Daanna enquanto estava no chão, e ela gritou como uma louca, mostrando as presas e agarrando o cabelo da cabeça. Menw o agarrou pela garganta, cravou as pontas dos dedos na traqueia, e a tirou rápido.

Menw e Daanna ficaram envoltos no aroma de gasolina, o fogo das explosões dos carros e a fumaça negra da combustão. Chovia muito.

Quando a viu no BMW não podia acreditar; quando deslocou atrás deles queria matá-la com suas próprias mãos; e quando investiu contra o Rodius com um golpe mestre, esteve a ponto de sofrer uma embolia cerebral. E agora, não sabia o que fazer com aquela mulher. A mentirosa tinha guelra.

— Disse que não queria lhe ver.

Daanna se encolheu diante de seu tom, mas não se intimidou.

— Esperava ouvir algo como: *Obrigado, Daanna, por me salvar a vida.* Ao qual eu responderia: *De nada, Menw. Por você faria qualquer coisa.* Mas você riria deste último e o jogaria por terra, assim suponho que não vale a pena.

— Segue com suas mentiras?

— Não menti — respondeu com sinceridade. Aproximou-se dele com passos cautelosos. Sabia que Menw estava prestando atenção à dentada da coxa. Ardia horrores, o veneno do lobacho era muito tóxico. — Acha que as pílulas servem para cicatrizar este tipo de ferida? — perguntou, coxeando para ele. — Servem ou me dará sua veia, Menw?

Menw quis abraçá-la, perdoá-la por tudo. Queria oferecer o pescoço e dizer que bebesse tanto como quisesse, mas fazê-lo seria ceder novamente a ela. Queria gritar que Aodhan era seu passado, e que ele seria seu presente e seu futuro, mas a Aodhan disse que o amava, e a ele não. Pode ser que não mentiu, mas ocultou essa informação, e ele se sentia horrivelmente traído por isso.

— Não tem fome? Gostaria de me fincar o dente agora, Menw? — tremia a voz, louca por recuperar. — Eu estou desejando. Desejo com loucura. As pílulas funcionam, mas têm um problema. Abraços.

— Abraços?

— Não têm. Não me abraçam, sabe? Quero que…

— Não. — Retrocedeu detendo suas palavras. — Não tenho fome, minhas pílulas vão melhor que as tuas. E não, tenho descoberto que não necessito. Posso viver sem você, Daanna.

Daanna parou e seu rosto empalideceu.

— Eu gostaria de poder explicar tudo isso — disse, se atropelando com as palavras. — Contarei isso, por muito mal que me deixe está confissão. Eu. Você contará. — Afastou o cabelo do rosto e o olhou, rogando que desse essa oportunidade.

Menw deu um passo atrás, e a olhou de cima a baixo, menosprezando cada polegada do corpo da Vanira.

— Não me interessa, Daanna. Não quero saber nada.

— Por que não? — gritou ela afligida. — Dois dias atrás me pediu isso, pediu que fosse sincera com você. O que mudou agora?

— Muitas coisas. Agora sei que não é tão importante como eu acreditava. Sei que sigo respirando sem seu sangue, e que meu coração segue pulsando sem você, e agora é somente isso que me interessa. Vai para casa, Daanna. Não precisa se humilhar mais, sei quanto tem valor sua dignidade. E não tente conversar comigo mentalmente.

Daanna apertou os punhos e seguiu caminhando para ele. Menw deu a volta, dirigindo decidido a Mercedes. Podia ouvir como a Vanira coxeava e lutava por seguir a pernada. Cada passo desigual era uma estocada aos seus sentimentos e a sua moralidade. Aquilo não estava bem. Mas necessitava tirá-la da cabeça de qualquer maneira.

— Menw! Não me dê às costas! — gemeu.

Menw girou de repente e Daanna caiu de traseiro sobre o barro. Olhou para ele do chão, com o cabelo negro empapado e pego à cara, seus olhos verdes implorantes. Suas lágrimas se

mesclavam com a água pura que caía do céu cinza.

— Não me importa o orgulho, Menw. Acolhi a ele durante muito tempo, mas estou farta. — Começou a chorar. — Estou me arrastando pelo chão, literalmente. Não vê? — agarrou um pouco de barro e o lançou à cara. Ficou um emplastro de betume na bochecha e outro na testa. — Me olhe, toda indigna aqui atirada. A princesa de gelo desfeita em lágrimas por você. Por você! — tragou um nó. — Pedindo que dê uma oportunidade. Só uma. — Repetiu elevando o dedo.

— Obrigado por me ajudar, Daanna — cuspiu as palavras, desgostoso. — Obrigado por foder a vida desta maneira. Vai e volta daqui a dois mil anos, então pode ser que dê essa oportunidade. — Foi o conselho mais maligno e venenoso que disse em sua vida, e se sentiu realmente indigno ao dirigi-lo a Daanna.

Os ombros de Daanna tremeram. Em um arrebatamento de ira e impotência, levantou chiando como uma fera e foi direto a Menw a golpear, a arranhar, a puxar pelo cabelo por ser tão cego e tão cruel.

Então, a porta traseira do Mercedes se abriu e uma Laila ferida gravemente e com dificuldade saiu a tropicões. Caiu de quatro. Havia um corte enorme na testa, que brotava muito sangue, e dois plugues de cera nos ouvidos. Que estranho. Mas a surpresa estava por chegar já que o que nenhum dos dois podia imaginar era que ao seu lado, inconsciente, e com um corte na sobrancelha, estava a loira do Ministry, Mizar.

O comunicador do Mercedes começou a falar.

— Merda… o que passou? Tem?... Olá? Mizar? Está aí? Merda… Comunicador… Merda…

O casal de Vaniros conhecia perfeitamente essa voz. Era de Seth.

Menw falou através do comunicador.

— Má sorte, Vampiro — soltou Menw. — Temos Mizar Cerril, é bom que Cahal siga com vida quando formos buscá-lo!

A linha cortou depois de um duro grito de Seth.

Menw agarrou Laila e pressionou dois pontos de acupuntura por cima das pálpebras que a deixaram inconsciente. Daanna tirou Mizar do carro pegando por debaixo das axilas e a deixou deitada sobre a borda. Havia um corte sobre a sobrancelha e a maçã do rosto estava inchando; não estava consciente. Em seu pescoço, um apito prateado muito fino de frequência muito alta.

— Desconecta o comunicador, Menw.

Menw o fez.

— Isto é o que me aturdiu — murmurou Daanna, sem tom na voz. — Você levava capacete e parou as ondas. — Comentou, acariciando o instrumento sem olhar. — Afetou a mim.

— Vem a polícia. — Tirou seu Iphone e chamou Caleb. — Cal, sim, sim… Escuta. Sim, está aqui. — Controlou Daanna pela extremidade do olho. — Escuta, procure as câmeras de segurança da rua que possa haver de Londres ao Ipswich. Apaga tudo o que gravaram. Sim, necessitamos. — Desligou o telefone.

— Eu me encarrego do corpo dos lobachos, você luta com a polícia e os paramédicos. — Ordenou a Daanna.

Chegou a polícia e Menw se encarregou de manipular suas mentes e a percepção do

acidente. Daanna aproveitou para incinerar os restos dos lobachos com o fogo dos carros e a gasolina.

No final, se afastaram com Laila e Mizar nos braços. Elevaram pelos céus, cada um transportando um corpo humano.

— Caleb me explicou que matou Brenda.

— Sim — respondeu ele imediatamente. — Não pude tirar nada. Mas disse muitas coisas sobre você. — Assegurou em voz baixa.

— Não posso imaginar o que disse. — Comentou com ironia.

— Disse que me enganava. Que você não me queria. Que esteve rindo de mim. Que todos no clã sabiam que era uma vadia e que deitava com…

Daanna apertou a mandíbula e olhou para outro lado.

— Não siga, por favor, ficarei emocionada.

Menw olhou a seus pés. Entre as nuvens, o mundo era insignificante, tão insignificante como ele se sentia agora.

— Sabe o que disse?

— Gostaria que dissesse uma coisa: que se foda. Mas acredito que não seguiu por esse caminho.

— Desde quando é tão sarcástica? Ela disse que tinha razão.

Daanna sorveu pelo nariz. Agradecia o ar frio do céu, insensibilizava o rosto e graças a isso a bofetada não doeu tanto.

— Ela também me disse que você não me amava — apontou Daanna. — Que nunca o fez, que era apenas um estorvo para você.

Menw prestou atenção a suas palavras. Assim Brenda fez o mesmo jogo nos dois lados. Pequeno descobrimento. Brenda era uma vampira, uma manipuladora.

— O que você disse?

— Não disse nada — sorriu sem vontade. — Mas havia uma grande amiga ao lado que falou por mim e disse: *Tolices, Daanna. Não dê atenção.*

Então Daanna entendeu. Entendeu o que queria dizer Aileen, entendeu a atitude protetora de Ruth e também o carinho aberto da Maria. Recordou cada gesto cúmplice com elas, e cada sorriso compartilhado, e soube que embora não tivesse Menw, embora ele não quisesse escutar, haveria três pessoas maravilhosas que fariam. E com certeza seria terapêutico falar com elas, porque elas não a julgavam nem a mediam sob nenhum padrão. Porque elas eram suas amigas.

O Vaniro não soube por que se sentiu envergonhado ao escutar o relato de Daanna, mas sentiu que a certeza a respeito dela, rachava. Fantástico.

Seu iPhone voltou a soar. Com um braço agarrou Laila e com o outro tomou seu telefone.

— Me diga, Lain.

— É Shenna — disse a voz de seu amigo ao outro lado. Parecia assustado. — Shenna está sangrando, mas ainda é cedo e… não pode estar de parto ainda.

— Um momento, Lain. Se tranquilize. Onde estão?

— No Segdley. Em nossa casa.

— Não se movam daí. Agora mesmo vou para lá.

Daanna o olhou alarmada.

— É Shenna?

— Sim. Vamos rápido, temos que chegar o quanto antes.

— Para de falar. Dê-me Laila. Eu me encarrego delas. Vai e atende Shenna.

— Está certa? — perguntou, observando como Daanna carregava às duas mulheres sem nenhum esforço aparente.

— Muito segura. Cuida de seu bebê, Menw. Não permita que aconteça nada.

— O olhou com plena confiança em suas aptidões, e com um sentimento que até agora não viu nos olhos verdes da Escolhida. Empatia absoluta com Shenna. Menw assentiu e se dirigiu a Segdley, deixando Daanna sozinha entre as nuvens, com medo pela Shenna, as lembranças de seu passado e suas amigas do presente, em quem decidiu apoiar-se.

Começou a chorar no céu, sabendo que ninguém a ouviria, sabendo que seus gritos e sua pena seriam levados pelo vento. Esperou que a chuva a limpasse e a fizesse renascer a um novo dia; um dia no qual Menw não queria participar, e desejou ser forte para acatar sua decisão.

Estava bem. Não poderia fazê-lo, embora seu sangue quente e seu coração gritassem o contrário.

Capítulo 22

Segdley

Menw tentava manter o feto de Shenna. Estavam em um quarto cheio de velas perfumadas, adequada para o relaxamento de uma mãe antes de dar a luz. As cores eram cândidas e nada chamativas. O som da chuva repicava contra as janelas. Shenna estava deitada com as pernas em alto, em uma cama enorme. Os celtas ganhavam seus filhos em suas casas, e Shenna e Lain não queriam perder o costume. Tudo estava disposto corretamente, mas nada disso foi suficiente.

O bebê nasceu muito precoce, ainda não estava completamente formado. Os pulmões necessitavam mais dias e seu coração também.

Menw colocou à menina no que seria o trocador de fraldas. Um trocador cor de rosa. Os pais compraram de tudo para que sua filha chegasse ao mundo com todas as comodidades. Enquanto fazia massagens cardiorrespiratórias com os dedos à pequena menina, Menw se perguntava o que fazia que uns meninos sobrevivessem e outros não. O que dava a faísca vital a uns e a outros a apagava? Não era justo.

Por outra parte descobriu que o estresse e a ansiedade, tão típica nos vaniros, segregavam muitos hormônios como: cortisol, adrenalina, noradrenalina e glucanol e, além disso, fazia perder muitos nutrientes básicos para a evolução do feto. Estudou que o esperma dos homens vaniros era mais fraco que o dos seres humanos normais. Entretanto, quando um vaniro encontrava seu casal e começava a alimentar dela, a ansiedade da fome desaparecia, e com isso a capacidade de

procriar do vaniro aumentava. O mesmo passava com a mulher, dependendo da fome sofrida podia manter melhor ao feto ou, como neste caso, expulsá-lo antes de tempo. As mulheres vaniras grávidas realmente passavam mal, a gravidez não era um processo agradável. Sentiam fome todo o dia, e bebiam de seus casais continuamente. Se pudessem reter o alimento, a gravidez chegaria a se concretizar, mas sentiam as mesmas náuseas que as mulheres humanas, piores inclusive, e vomitavam muito. E a fome era tão grande, a ansiedade tão forte que elevava a pressão, resultando em contínuos enjoos, enjoos que a deixavam nocauteadas.

Olhou Shenna, que estava pálida entre os braços de Lain. A mulher não podia deixar de olhar o que Menw fazia a seu bebê. Lain tentava tranquilizá-la.

— Shenna, amor, tem feito muito bem — dizia carinhosamente.

— Está bem? Está bem meu bebê, Menw?

Como poderia dizer? Como poderia comunicar que sua filha estava morta? Ela mesma devia sentir que nesse pequeno corpo não havia uma faísca de vida, nada de alma. Cinco meses não eram suficientes para sair ao mundo; embora fosse um vaniro ou um ser imortal, a dureza da vida e sua iniquidade eram a mesma para todos. Assim eram as leis da terra.

Em uma última atropelada tentativa, Menw tentou alimentar à pequena com sangue paterno, nesse caso o mais forte dos dois, mas a menina não respondia. Sentiu um desgosto tão poderoso que os olhos encheram de lágrimas.

Os vaniros não tinham facilidades para ter filhos. A sede de sangue e todas as reações químicas provocadas em seus corpos cobravam o preço. Faria o possível por solucionar esse problema. Talvez com o tratamento de sangue artificial de células-mãe, as mulheres pudessem aguentar melhor esses meses de incubação do bebê. Inclusive o bebê poderia estar agradecido por isso, mas temia que fosse agressivo. Não deixava de conter drogas ansiolíticas e sedativas.

Jurou fazer algo a respeito. Limpou suas mãos cheias de sangue inocente com um trapo umedecido e se virou.

Com os olhos úmidos e o rosto quebrado. Dava tanta pena perder um bebê, tanta… Compelido a superar esse passo, aproximou de Shenna e ficou agachado ao lado deles enquanto tomava a mão de sua amiga.

— Era muito cedo para ela — sussurrou triste.

Lain abraçou com força a sua mulher e a beijou na cabeça enquanto acariciava com a bochecha. Shenna o escutava com atenção, com o rosto aturdido, cheio de lágrimas e avermelhado pelo esforço. A menina nasceu morta.

— O feto…

— Deirdre — interrompeu Shenna, — chamava-se Deirdre.

Menw assentiu, envergonhado por sua falta de tato.

— Deirdre estava morta há vários dias. Seu corpo deixou de reconhecê-la como dele e a tentou expulsar.

Shenna tampou as mãos com o rosto e começou a soluçar.

— Sabia que algo não ia bem. Sentia dores e espetadas — negou com a cabeça. — Não podia dormir e me sentia muito pesada… Perdi a conexão com ela, como se ela já não estivesse aí. Mas a

tinha dentro! Estava aí! — gritou, levando a mão à inflamada barriga.

Lain a acalmou, embalando-a com força. O homem parecia desolado, ferido mortalmente pela má notícia. Menw se sentiu como um intruso, em uma casa que não era a sua, com uma família que não era a sua, e em um momento tão íntimo que ele, sinceramente, sobrava.

— Eu sinto — e sabia que nem sequer essas palavras podiam chegar a sarar a dor daqueles pais que perderam seu bebê. Incorporou.

Seu corpo pesava como nunca. Agarrou seu casaco azul, o colocou e olhou para trás, à imagem quebrada de seus amigos. Shenna e Lain se reporiam, a eternidade dava muitas oportunidades e eles não deixariam de tentá-lo, mas nesse momento de perda e de decepção precisariam ser fortes para superá-lo. Ao menos estavam juntos, e sua união era sua fortaleza. Fechou a porta com um clique silencioso e se foi.

***

Caleb e Daanna estavam na Sala da Fome. Deixaram Mizar e Laila ali. Ainda não as interrogariam. Foi uma loteria ver que no mesmo carro que ia procurar Laila também se encontrava Mizar Cerril. Agora tinham as duas: a suposta sobrinha de Patrick e uma das torturadoras de Cahal. Passariam muito bem, pensou Daanna enquanto injetava mais sedativo nas duas mulheres.

O mais importante era mantê-las drogadas, já que se tivessem algum contato telepático com o Seth ou com Lucius ou com quem fosse do Newscientists, não poderiam mantê-lo devido à quantidade de sedativo que havia em seu sangue.

Caleb explicou que quando Brenda foi interrogada por Menw, assegurou que não podiam fazer nada contra eles. Que Lucius e Hummus estavam a um passo na frente dos vaniros e os bersekers, que tudo estava mais que preparado. A vampira dizia que no momento que percebessem a sua falta, ficariam em marcha para ir procurá-la.

— São uns estúpidos — disse a vampira. — Acham que podem parar isso? São muitos anos trabalhando para obter nosso objetivo. Muitas organizações e empresas privadas estão do nosso lado. Todos querem o poder, todos querem a imortalidade. Vendem sua alma para conseguir. Vocês são como a resistência, mas estão perdendo muitas pessoas pelo caminho. Não só aqui.

— Já sabemos que estão por todos os lados. A merda é o que tem — respondeu Menw. — Está por toda parte.

— Você é um covarde, Menw. Eu direi tudo. Você me converteu.

— Foi um engano.

— Me obrigou a ir com Seth e com Lucius.

— Você não era meu par e você gosta de ménages.

— Tampouco é a Escolhida. Ou ainda acha que pode estar com você? Nunca te quererá. Manipulava e fazia dançar ao som que mais convinha. Ela caía e se deitava com todos. Se em dois mil anos não o perdoou, por que acreditar que ainda pode fazer?

Caleb escutou tudo o que Brenda cuspia por essa boca venenosa. E sabia que mentia. Sabia

que Brenda mentia, porque ele, melhor que ninguém, conhecia a tortura interior de sua irmã. A solidão e o distanciamento que optou por manter com todos, para que ninguém sentisse pena dela.

Agora, com sua irmã ao lado, com essa eterna atitude de impassibilidade e indiferença, compreendia muitas coisas. Ele deveria ter cortado suas injúrias e matado Brenda com suas próprias mãos, mas era Menw quem queria fazê-lo acima de todas as coisas. E Caleb o permitiu. As últimas palavras de Brenda foram:

— Cahal será um dos nossos. Lucius o obrigará a isso. Levaremos Daanna, e Seth fará com ela o que dê vontade. Abriremos a porta e Loki e seus jotuns acabarão com todos vocês. Um novo dia se elevará e um novo rei dominará o mundo. E com o mundo aos nossos pés e os portais controlados, os deuses que tanto jogaram conosco verão chegar seu ocaso.

Daanna sabia que a única verdade de todas as coisas estúpidas ditas por Brenda era que assim que vissem que perdiam o contato com ela ficariam em marcha. E assim foi. A perseguição ao puro estilo, *a todo gás,* que viviam nas estradas londrinas, confirmava que os Newscientists estavam mais que alertas e que foram por eles. Se Menw fosse sozinho, estava convencida de que o pegariam. Assim que sua intervenção foi determinante. Salvou-o.

Por outro lado, não esperavam que Menw os perseguisse de moto. Conheciam seus carros, isso estava claro. Por isso, foi uma surpresa a aparição de Menw sobre duas rodas. Levava capacete, e de algum modo era imune às ondas sonoras do apito de Mizar. Entretanto, Daanna que ia de carro, foi afetada pela vibração. Ainda doía a cabeça, por pouco não fritou o cérebro. Isso sem mencionar que queimava a coxa como se mordessem mandíbulas de fogo.

— Se encontra bem? — perguntou Caleb, preocupado.

O olhar de Daanna estava cravado em Mizar.

— Essa garota esteve com Cahal — disse, atravessando-a com os olhos. — Cheiro nela. No porta-malas do Mercedes havia quatro malas, como se fossem viajar ou passar uma longa temporada fora de Londres. Os do Newscientists estavam retirando suas fichas, e de passagem, nessa retirada pretendiam levar um de nós.

— Me dei conta. Agora é nosso refém, assim vamos fazer uma troca. Mizar por Cahal. É a sobrinha de Patrick, não podem deixá-la de lado. Não é só um número.

— Sinceramente, Caleb, acredito que para eles, todos são números. — Levou a mão ao bolso e tomou uma das pílulas vermelhas. — Espero que Cahal esteja vivo quando formos buscá-lo. Não temos nem ideia de onde o têm, e estas mulheres estão seladas mentalmente para que não possamos averiguar. Tenho a sensação de que estão jogando conosco. — Abriu a boca e engoliu a pílula.

— Hoje está destruída — deu uma olhada à coxa esmigalhada de sua irmã. Deveria dizer a Menw que…

— Eu disse. Não quis. Com as pílulas sarará, só que com mais lentidão. — Encolheu os ombros como se já nada disso importasse. — Sabe o que mais? Acrescentou um potente sabor de baunilha o muito cretino. Para que recorde seu sabor — disse com amargura.

— Temos muito que agradecer ao curador. Estas pílulas ajudam muito os vaniros. — Caleb

se aproximou dela e pôs uma mão no ombro. — E também temos que agradecer a você. Brenda não fazia ideia do que colocou em funcionamento. De que seu dom despertou. Você é o vínculo com todos os guerreiros, Daanna. Você unirá a todos.

— Não é nada. Sinto que tiveram que esperar dois milênios para averiguar que truque de magia sabia fazer. Se soubesse que era Menw, que com seu sangue obteria o dom, teria bebido isso muito antes. Mas não podia imaginar porque estava marcada desde meu nascimento como humana, e então toda esta loucura dos casais vaniras não existia. E, além disso, eu não sabia… Não podia… perdoar.

— E agora sim? Agora sabe perdoar, irmãzinha?

Exalou cansada.

— Só posso perdoar. Agora é só o que fica.

— Então me perdoe. Perdoa por me deixar levar, Daanna. Não tinha direito a opinar nem de me colocar entre vocês. E muito menos de julgar, como fiz antes. É minha irmã e acredito. Acredito no que me disse, não sei quem é esse homem, e não me importa. Só me importa que esteja bem, é o único que quero.

Daanna sorveu pelo nariz. Estando de costas a Caleb, ele não veria a emoção que a embargava diante de tão gratas palavras. Seu irmão sempre a nocauteava quando ficava doce.

Caleb sorriu.

— Não. Eu sou o afortunado, irmãzinha. Tudo se arrumará, Daanna — assegurou, acariciando a bochecha.

— Não acredito. Estou quebrada há dois mil anos, Cal. E nada, nem ninguém me arrumou. Sou defeituosa.

Com essas declarações finais saíram da Sala da Fome. Caleb ordenou aos dois vaniros que faziam de sentinelas que vigiassem a entrada e se assegurassem de manter sedadas as mulheres todo o tempo.

Os dois irmãos continuaram pelos corredores subterrâneos que terminavam nas casas vaniras de Black Country. Eram passagens secretas, pavimentadas, iluminadas com tochas, construídas há séculos. Ninguém na Black Country sabia que sob seus pés havia uma rede de túneis pelos quais seres imortais e débeis à luz solar, caminhavam todos os dias.

— Sente falta de sua casa? — perguntou Caleb.

— Uma barbaridade. Vou construir outra, Cal. Vou construir em cima da anterior. Uma mais segura, e que me dê o calor que necessito. O calor de um lar.

Subiram as escadas de pedra e chegaram até uma porta que dava à casa de Caleb.

Aileen estava sentada no sofá branco de pele, com uma almofada vermelha abraçada ao peito e o iPhone pego à orelha. Parecia triste. A híbrida desligou o telefone e o deixou em cima da mesinha do salão.

— O que passou? É Shenna? Foi tudo bem? — perguntou Daanna coxeando para ela.

— Não. O bebê morreu — disse Aileen, desolada.

— Não pode ser. Não pode ser — respondeu Daanna com um nó na garganta.

— Menw, está a caminho e…

— Vem aqui? A sua casa? — Daanna olhou a Caleb, aterrada.

Cal e Aileen se olharam um ao outro, compungidos.

— Sim, vem para cá. — Aileen se aproximou de Daanna, ia tocar, mas a vanira afastou a mão.

Estava em choque. As pupilas dos olhos dilatadas, perdida em suas lembranças, em algo doloroso que viveu. E ninguém sabia o que era. Só ela.

De repente, a vergonha e a culpa que já conhecia como se fosse sua própria pele voltaram a abraçá-la de novo, sem compaixão, sem misericórdia. Começou a tremer e abraçou a si mesma.

— Vou. Eu… vou — disse gaguejando.

— Aonde? — Caleb quis tranquilizar a sua irmã, mas Aileen o parou. Sua cunhada estava assustada.

— Não, Cal. Deixa. — Olhou Daanna, compreendendo completamente sua amiga. — Vá para casa e tranquilize, querida — disse docemente.

Daanna se afastou, com suas botas de água negras e seus desenhos de flores e pássaros tão chamativos. Fechou a jaqueta e coxeou até chegar à porta. A Caleb quebrou a alma ao vê-la tão perdida, ao senti-la tão desolada. De repente assaltou um pensamento, um que fez com que tivesse vontade de chorar por ela. O que passou a sua irmã? E onde ele esteve que não sabia nada disso?

Poucos minutos depois, Menw pisou à porta de sua casa. Quando entrou, o curador se via tão desorientado quanto sua irmã. Estava molhado da cabeça aos pés, veio voando. As nuvens permitiam aguentar a claridade do dia, embora os debilitasse o bastante. Uma vez dentro, explicou detalhadamente como foi o parto.

— Não aguento sentir que uma vida me escapa dos dedos — confessou, levando as mãos a cabeça. — Tenho que encontrar um modo de ajudar a nossos bebês, Caleb. É desesperador não poder ajudar os nossos.

— Menw, não pode se culpar por isso. Você já está fazendo muito.

— Não é suficiente.

— Nunca é para você. É muito exigente.

Menw assentiu, reconhecendo a verdade implícita nessas palavras. Era exigente com tudo e com todos. Foi exigente com seu irmão, e foi exigente com Daanna. Daanna esteve dois mil anos sozinha, aguentando uma traição sobre suas costas, e teve que lutar com ele cada dia. Poderia culpá-la por ter procurado calor nos braços de outro homem? Não, mas podia culpá-la por ocultar esse fato. Por isso a condenava.

— Ela esteve aqui, verdade?

— Sim — disse Aileen, servindo um chá verde com hortelã e uma rodela de limão. Caleb a olhou de esguelha e sorriu, sabendo que colocou essa rodela de propósito, — esteve aqui. Estava ferida, Menw — recriminou, sentando no braço do sofá.

Um músculo palpitou em sua mandíbula. Daanna. Deveria curá-la. Não podia permitir que ela sentisse dor por sua culpa.

— Quando me inteirei de Aodhan — disse Menw olhando ao chão com o copo de chá entre

as mãos, — propus que não a deixaria. De fato não quero deixá-la. — Queria esclarecer. Morria de vontade de tocá-la e de vê-la, mas estava muito ferido e esperava que com o passar dos dias o tranquilizasse. — Só necessito tempo para tirar a estaca do peito, entendem?

— Menw — Caleb levantou do sofá e olhou através das janelas de sua casa. Olhou o amplo jardim verde que se estendia diante de seus olhos, — está seguro de que Aodhan é quem você acha que é?

Menw franziu a testa e olhou sem compreender.

— Claro que sim. Por que Daanna me ocultaria isso em sua mente? Aodhan é um homem, e embora doa, e garanto que dói muito mais em mim do que em você, esse cara tocou Daanna mais de uma vez, e ela se apaixonou por ele.

— Mas ninguém sabe nada disso, Menw. Todos nos conhecíamos nos clãs. Todos.

— E quem diz que não é um humano? Ninguém conhecia Brenda e naquela noite apareci com ela como meu casal. Não havia por que Aodhan ser um vaniro. Quem sabe? Daanna se divertia com Gabriel, e era humano também.

— Gabriel, querido Menw — disse Aileen, perdendo a paciência, — alegrava a todas as mulheres porque era um cavalheiro que matava os dragões, compreende? Você foi uma espécie de dragão para ele, e acredito que começa a ser para Daanna. Por que não pensa sobre isso?

O curador sorriu e meneou a cabeça.

— Aileen é muito perigosa, Cal. Tem uma língua muito grande, já dissemos isso em seu momento.

O líder vaniro girou com um sorriso de adoração por sua mulher.

— Sim. Estou trabalhando nisso — respondeu Caleb. — Nada do que me diz se encaixa, Menw. Minha irmã não é assim, não faria nada disso.

— Você não conhece sua irmã.

— Tampouco você conhece Daanna, ceguinho — murmurou Aileen. — Olha, loiro, vai ter que resolver isso logo porque não penso recolher os pedacinhos de Daanna nenhuma vez mais. Quantas vezes acredita que pode quebrar um brinquedo até que se torne imprestável? Tire a atadura dos olhos e olha bem. Sou sua amiga, sua cunhada, sua irmã. Não preciso me deitar com ela para perceber o que está acontecendo, e espero curador — andou ferventemente, lançando adagas com seus olhos lilás, — que honre ao seu título. E que o faça logo, antes que seja muito tarde, ouviu? Está completamente equivocado. — Caleb estava a ponto de tirar pompons e um pôster para animar seu casal como se fosse uma cheerleader[52].

— Se sabe algo, por que não me diz isso? — perguntou Menw, ansioso.

— Ah, não. Isso sim que não. Luta por isso bonito. Não estou segura, mas necessito que ela se abra, que o admita, e que confie em nós para nos contar o que seja. E logo, seguro que vou desfrutar vendo como se arrasta como um verme para pedir perdão. Não vou fazer seu trabalho, Menw.

Dito isso. A vanira os deixou sozinhos.

---

[52] *Animadora de torcida.*

— Espero em casa, Cal — disse por cima do ombro.

— Por certo híbrida — Menw sorriu com malícia, desejando devolver o golpe.

— O quê? — girou com a mão na maçaneta da porta. — Daanna deixou seu carro para o desmanche.

Aileen grunhiu zangada.

— Eu sei. Isso é o que acontece quando salva o traseiro de alguém, verdade, curador? — Devolveu o sorriso. — E agradeceu? — estalou a língua e piscou o olho.

— Sua garota é meu herói — disse Menw quando Aileen já não estava presente. Passou as mãos pelo rosto: cansado, esgotado mentalmente e desgastado emocionalmente.

— E o meu — reconheceu sinceramente.

— Caleb, temos muitos problemas. Shenna perdeu o bebê, um bebê nascido. A profecia do noaiti fala de uma alma nonata. Não temos mais mulheres grávidas, que conheçamos — disse. — Cahal está nas mãos de Seth e de Lucius. Temo por ele, não posso contatar com sua mente. Não sei quando vão se abrir os portais, e Daanna começou a convocar aos guerreiros há dois dias. Se o portal se abrisse agora, estaríamos todos mortos, sabe, não?

— Mas não abriu. — O moreno de olhos verdes se apoiou no vidro da janela, as pernas cruzadas e com as mãos nos bolsos. — Estamos a mercê dos acontecimentos, a mercê do destino. Só podemos resistir. Nisso, Brenda tinha razão. Somos a resistência.

— Tampouco entendo por que os deuses esperaram tanto em pegar a sua irmã e mostrar o que aconteceu entre Brenda e eu. Eu não podia dizer nada, embora morresse de vontade, mas me disseram que a matariam se explicasse. Pegaram-me pelos ovos. Freyja me disse claramente que era Daanna quem deveria se aproximar e me perguntar tudo o que queria saber. Disse que era ela quem devia dar o passo e me perdoar para que eu pudesse explicar tudo. Mas nunca deu esse passo.

— E se surpreende? Estamos falando de minha irmã. Foi forjada de outra maneira. Tem mentalidade de guerreira, é teimosa, e em sua cabeça a honra e o orgulho sempre foram o mais importante. Embora acredite que a levou ao limite.

— Aguentei muito, Caleb — assegurou Menw, bebendo o chá de repente.

— Eu sei. Mas ela também.

— Não acredito que aguentasse um infidelidade de Aileen — disse secamente.

Caleb esticou diante da ideia, mas tentou ser o mais razoável possível.

— Conheci meu casal virgem. Eu mesmo arrebatei a virgindade em um ato que dificilmente poderia ser perdoado, mas ela fez. Se Aileen teve o coração de me perdoar, eu deveria encontrar as forças para perdoar uma traição. Entretanto, você e minha irmã não eram casal.

— Caleb, deitei com sua irmã na noite anterior a nossa transformação. Juramos amor eterno. Temos o nó perene em nossos corpos. Ela era meu casal, minha mulher. Não ao estilo vaniro, mas sim ao mais puro modo celta — explicou com honestidade. — Para mim ela sempre foi minha — se emocionou ao admitir diante de seu amigo.

— E no final de três dias, o viu chegar com Brenda — lamentou Caleb. — Não posso imaginar o que sentiu ao vê-lo. Os vaniros têm as emoções à flor de pele, muito mais amplificadas que os

humanos.

— A mim também me doía vê-la triste. Quando Brenda se foi, acreditei que ela me perdoaria. Fiz o possível para me aproximar, mas Daanna se negou terminantemente. Passaram os séculos — sorriu, como se tratasse de horas, — e o perdão nunca chegou. Um mês atrás, roguei a sua irmã outra oportunidade, que era absurdo negar o que sentíamos um pelo outro, mas me pediu que a deixasse tranquila, que a deixasse em paz. Essa noite ela veria Gabriel.

— E então se rendeu. Entregou a Loki.

— Dei o passo definitivo quando encontrei Daanna na casa de Adam, alimentando o humano. Voltei-me louco, louco de ciúmes.

— E quando deu o passo à escuridão, os deuses iluminaram a minha irmã e ela foi procurá-lo — entendeu, triste pelo destino de duas pessoas que ele queria e respeitava com todo o coração.

— Sim. Custou dois dias para perdoar o que a sua irmã levou dois mil anos. Porque a amava. E quando já estava decidido a viver a eternidade com ela, escutei de seus próprios lábios o nome de outro homem. Um homem que ela amou.

— Não posso chegar a imaginar pelo que você e ela passaram, mas acredito que tem que falar com ela. Há uma razão para tudo, Menw. Esses filhos de puta que há acima e movem os fios sabem muito bem quando têm que aparecer e por que, e desgraçadamente, fomos vítimas de suas manipulações. Estou de saco cheio com Ás quando me disse que mantinha contato com eles. Odiei e me senti traído. Dei uma boa surra e ele a mim também. Mas, de algum modo, e olhando friamente, acredito que entendo sua postura e também me tranquiliza. Agora sei que não abandonaram a nossa sorte. — Tomou ar e exalou, abatido. — Não sei que conselho dar, meu amigo. — Caminhou para Menw e puxou sua nuca com carinho, num gesto de fortaleza e apoio. — Mas acredito que minha heroína mostrou o caminho, assim, aí vai: eu também digo a Brave que o amo — sorriu incrédulo ante o que estava acontecendo, — e não me deito com ele. É um cão.

Capítulo 23

22h da noite. Bosque do Sherwood.
Edwinstonwe

Tratava de ser valente. De apoiar-se naquelas pessoas que confiavam nela e a queriam. Das mulheres que com altruísmo absoluto entregaram seu coração. Era momento de aceitar sem receio. Era a hora de aceitar seu passado e abraçá-lo, em vez de deixá-lo e aprisioná-lo em um canto de sua memória. Daanna prendeu as pernas e apoiou o queixo em seus joelhos enquanto esperava suas amigas chegarem, sentada sobre uma das raízes de um imenso carvalho do bosque do Sherwood.

Adorava esse lugar. Era o bosque do famoso Robin Hood, e quando estava em silêncio e fechava os olhos, podia ouvir o som das flechas cortarem o vento e o estrondo dos carros, cheios de ouro e cerveja, descarrilarem. Estava nervosa, mas a lavanda que plantou ao redor a

tranquilizava com seu aroma. Os raios da lua penetravam através dos ramos do carvalho e a iluminavam como se não quisessem enfocá-la totalmente, como se a noite acompanhasse seu estado de ânimo.

Não era fácil falar daquilo, mas ou fazia agora ou se calava para sempre. Sua felicidade dependia de liberar e procurar ajuda. Ela a pedia agora humildemente e, nem Aileen, nem Maria, nem Ruth, falhariam. Chamou-as nesse bosque porque precisava se afastar de Black Country. Uma Black Country que chorava a perda de um novo bebê vaniro. Lain e Shenna se despediram da pequena Deirdre. Shenna se recuperou com o sangue de Lain, mas não estava bem de tudo. Entretanto, a mulher desfigurada e pálida que se apresentou ao enterro, levou consigo as cinzas de seu bebê e as deixou cair na terra. Se um bebê vaniro morria não o queimavam em piras nem o enterravam. Incineravam, e com suas cinzas fermentavam a terra com novas sementes. Lain plantou sementes de magnólias em seu jardim, a flor favorita de Shenna, e misturou o adubo com os restos de sua filha. Os celtas, como eles, acreditavam que não havia terra mais pura do que aquela em que vivia uma criança. Ter às cinzas de Deirdre no jardim de sua casa e ver as magnólias crescer, faria bem à alma da mãe e do pai. Era uma maneira de acreditar que sua filha não só seguia viva em seus corações, Deirdre também criava vida. A menina sorria através das flores.

Menw esteve presente na cerimônia. Todos, tanto vaniros como berserkers deram os pêsames ao casal. Daanna se manteve afastada, embora acompanhasse Shenna em mente e coração. Por um lado, mantinha distância porque não gostava de como a olhavam alguns vaniros, após Menw falar que esteve com o tal Aodhan. Mas, acima de tudo, o fazia porque ela sabia o que era perder aquilo que mais se amava, e estava muito sintonizada com a dor de Shenna.

Menw a buscou entre a multidão até que a viu, reclinada em uma árvore, observando tudo a distância. Inclusive então, a baunilha flutuava no ar e o fazia dar voltas à cabeça. O curador, todo vestido de negro, a olhou muito fixamente, e conseguiu deixá-la nervosa. Repassou com seus olhos azuis: o poncho negro que vestia, suas calças bege e suas botas negras e altas. Demorou em sua coxa, que estava convenientemente enfaixada porque ainda não sarou. E logo voltou para seu rosto, olhando com arrependimento, ou era apenas a imaginação de Daanna. Uma vez acabada a cerimônia, todos foram para suas casas. A cerimônia e a perda de Deirdre foi o detonante para que Daanna tomasse aquela decisão de convocar suas três amigas em Sherwood.

Os focos dianteiros de um carro a cegaram. Um Mini Countryman de cor verde escura com o teto branco estacionou a uns dez metros de onde ela estava. Daanna sorriu. Era o carro novo de Ruth. Adam o deu ao cumprir um mês juntos e Ruth sabia por que. Sabia perfeitamente o que seu lobinho pensava de seu Smart Roadstar, e o pobre não sabia como tirar da cabeça. Assim que deu o Countryman de quatro portas e resistente para poder levar Liam e Nora para todos os lados. Ruth aceitou de presente encantada porque, simplesmente, a Caçadora adorava os Mini.

Saíram as três do carro, caminhando a ritmos diferentes. Ruth deixou a música ligada, porque preferia que o ambiente se relaxasse. Deixou um CD de New Age que Maria adorava.

E ali estavam as três, dispostas a escutá-la, dirigindo-se a ela. Maria, a mulher de Ás, líder do clã berserker, fazia com elegância e olhando o que a rodeava com olhos negros cheios de experiência.

Aileen, com sua graça habitual, sua força e sua empatia. Ela era sua irmã, sua cunhada de olhos lilás e, além disso, uma mescla potente de duas raças imortais. E Ruth, com a energia e o brio que a caracterizavam, como seus olhos dourados de gata. Estava zangada com ela, e também estava cheia de amor e unidade para ela. Carregava um pacote de papel com o pescoço sobressalente de quatro garrafas de cristal. Aileen carregava quatro taças na mão. Embora o bosque de Sherwood fosse agora uma reserva natural e estava muito vigiado. Daanna entrou sem problemas graças a suas habilidades telepáticas. Os guardas não colocaram nenhum impedimento. Maria levava umas velas vermelhas em forma de terrina com aroma de cereja. Em silêncio, sentaram na frente de Daanna, deixaram as terrinas para que iluminassem o cerco onde estavam e ficaram olhando a vanira.

— Toma isso com calma, não? — disse Ruth, ressentida.

A vanira encolheu os ombros, aceitando a recriminação.

— A eternidade não é preparação suficiente para retirar os escudos — comentou com dureza. — O que leva aí? Vamos nos embebedar?

— Depende do que sairá desta sessão, assim, se a ocasião merecer, entraremos em uma autêntica briga.

— Daquelas que fazem história — assegurou Aileen. — Antes tarde do que nunca, não dizem isso? — disse Maria, presa de um calafrio, fechando o zíper de sua jaqueta acolchoada até o pescoço. — Nunca me embebedei.

— Remediaremos isso, querida — murmurou Ruth com um sorriso diabólico. — Maria disse que devíamos fazer uma roda da verdade. Diz que se você estiver disposta a falar de algo que não contou a ninguém, nós deveríamos fazer o mesmo.

Uma roda da verdade? A mera palavra dava respeito. Aileen sorriu e animou mentalmente a Daanna para que desse o primeiro passo. A vanira tragou saliva e assentiu nervosa.

— Vou direta ao ponto, não quero perder mais tempo. Custa horrores falar disto. Não faria se não estivesse segura que está no momento de me liberar… de deixá-lo ir. Porque eu não posso aguentar… não posso seguir levando comigo, não sei… não sei. — Umedeceu os lábios com a língua e as olhou desesperada.

— Temos toda a noite — disse Ruth, angustiada como se soubesse do que falava a vanira.

A brisa noturna secou as lágrimas dos olhos de Daanna, e a devolveu à realidade. A letra era da canção *My Skin* do Natalie Merchant, soava no momento adequado, como se as fadas escolhessem os versos feitos para a Daanna. Um lamento melódico rasgou o ar e Daanna decidiu que era o momento de soltar tudo: — Sim… Claro. Está bem. — Se removeu inquieta. — Necessito que me ajudem. Necessito ajuda. — Caramba, era uma guerreira da cabeça aos pés, e sentia medo despir diante delas. — À noite antes que me transformassem, Menw e eu nos deitamos. Eu sempre estive apaixonada por ele, e pelo visto, ele também esteve.

Daanna explicou tudo detalhadamente. Disse o que passou depois da transformação, falou da chegada de Brenda e da deserção de Seth e Lucius.

— Quando Menw chegou ao acampamento de mão dada com Brenda, eu não podia acreditar nisso. Sofri muito, ele me disse que foi um deslize e que agora aquela desconhecida era

seu casal.

— Eu me encarrego disso! — gritou Ruth com raiva. — Maria tranquilizou à Caçadora, e pediu a Daanna que continuasse.

Because I'vê been treated sou wrong!
I'vê been treated sou long!
Ás if I'm becoming untouchable[53]

— O que você fez? Como aguentou? — perguntou a sacerdotisa.

Lamentando a atitude do vaniro.

— Eu peguei o melhor que tinha — Daanna olhou a Ruth que inclinou a cabeça para outro lado e deixou que as lágrimas caíssem por suas bochechas. — Você sabe o que é, verdade? Também sabe? — a jovem de cabelo mogno assentiu enquanto seu corpo tremia do pranto. — Quando me transformaram como vanira, pude notar muitas outras mudanças em meu corpo. Não apenas os olhos clarearam, e os incisivos cresceram, que pudesse voar ou não, que pudesse mover as coisas sem tocar, e manipular as pessoas com minha mente… nada disso era importante. A mudança mais impactante foi que podia notar o crescimento de outra vida lentamente em mim. Algo dentro de mim, justo aqui. Olhou para baixo e colocou a mão sobre o ventre.

Aileen se emocionou e tragou o nó que tinha na garganta.

Maria levou as mãos à boca enquanto negava com a cabeça e avermelhavam os olhos.

— Era um milagre — continuou Daanna com o rosto cheio de melancolia. — Algo nascido do amor puro e incondicional, ou acreditei que era isso. Eu podia falar com meu filho no primeiro dia. Estava em contato com sua alma. Era incrível. Desejava ver Menw e contar o que estava acontecendo, queria que participasse de cada hora, cada dia. Queria que ele também se comunicasse mentalmente com seu filho como eu fazia. Mas não éramos casal, não fomos, segundo o rito da troca do sangue, e eu não podia fazer nada. Menw não podia falar mentalmente nem comigo, nem com meu bebê. Ele escolheu a outra mulher. Ele não sabia — negou com tristeza. — Não soube e… não sabe. Os homens do clã se retiraram três dias para controlar seus dons e seus poderes, assim devíamos esperar que eles chegassem. O resto do que passou quando chegou acompanhado com outra mulher, podem imaginar isso. — Maria entregou um lenço de papel com uma mão tremente e ela o aceitou. — Era um menino, sabem? Meu menino nascido do fogo: Aodhan. — Escapou um soluço e fechou os olhos com força, enquanto sorvia pelo nariz e tragava compulsivamente. — Podia falar mentalmente com ele. Podia explicar tudo o que viam meus olhos. Ele estava desejoso de se fazer forte e nascer para a vida. — Sorriu com tristeza. — Ele me perguntava quando me notava triste — limpou as lágrimas de um tapa: — *Está chorando, Mamaidh? Não chore, eu estou aqui*. Passaram os dias, as semanas, e graças a Aodhan, pude aguentar a traição de Menw, mas me sentia tão mal… tão ferida, tão traída… — Fez um gesto de dor, como se ainda pudesse sentir a decepção de então. — Por Aodhan lutei cada dia dessas três

[53] *Porque me trataram tão mal. Durante tanto tempo. Como se me estivesse convertendo em algo intocável.*

semanas que Brenda esteve em nosso acampamento. Odiei Menw pelo que me fez, e odiei profundamente Brenda por ser ela quem levasse o coração do homem que amava. Quando aquela mulher se foi, Menw tentou se aproximar de mim de novo, mas era incapaz de estar ao seu lado. Não suportava que me tocasse, não aguentava ouvir sua voz… Eu… carreguei-me de ódio, e o único que me dava amor e que falava comigo era meu menino, meu brilhante Aodhan — acariciou o ventre como se seu filho ainda estivesse ali. — Tão puro, ainda misericordioso, tão cheio de amor e aceitação. Aodhan me dizia com sua vozinha que precisava perdoar, que devia fazê-lo… Eu tentava, Tentei! — gritou, levando uma mão ao coração e enrugando o poncho Burberrys negro de pescoço alto que a cobria e a mantinha quente. — E não soube fazer. Logo estava a maldita fome que me saqueava — grunhiu com raiva, — e fazia que tivesse as presas fora da boca todo o dia. Estar perto de Menw não melhorava, porque cheirava. Ouvia sim, ouvia também. Ouvia meu filho sorrir quando eu inalava o aroma de seu pai. Ele sabia quem era. Quando olhava Menw, meu pequeno sempre me dizia: — *Allaidh é seu príncipe*. Sim, era meu príncipe, e tinha razão. Mas meu príncipe me descartou e eu queria castigá-lo com meu distanciamento e também com meu segredo. Menw nunca conheceria Aodhan. Jamais. Eu cuidaria de meu filho, fosse como fosse.

Daanna tomou ar para seguir com sua narração, para acalmar e suportar a avalanche emocional que se abatia sobre ela.

Oh, I need the darkness, the sweetness, The sadness, the weakness Oh I need this I need a lullaby, a kiss goodnight, Angel, sweet love of my life Oh I need this.[54]

— Mas então — continuou, — dia após dia, senti que Aodhan se debilitava… parou de falar comigo, e não fazer quase nada. Uma noite me levantei com dores horríveis nos rins e com muitas náuseas. Internei-me no bosque porque não queria que ninguém me visse nesse estado. Quase caí de joelhos ao sentir uma dor no ventre e senti a umidade entre minhas pernas. Vomitei sangue, e quanto mais vomitava, mais tentava fechar as pernas para que meu filho não se fosse. — Daanna não deixava de chorar e soluçar entre soluços desesperados. — Pedi que não me abandonasse… que não se fosse. *Fica comigo, Aodhan. Não me abandone. Is caoumh lium the, Aodhan* — sussurrou, soluçando. — Mas abortei. Tive um aborto espontâneo. Deixei-o ir, fracassei. — Narrou, atormentada, tampando o rosto com as mãos. — Não fui suficientemente boa para ele. Eu o queria com todo meu coração, com toda minha alma. Mas não fui o suficientemente forte para mantê-lo com vida.

— Daanna! — Ruth correu a abraçá-la, dar o apoio, a ternura e o afeto que aquela mulher necessitava. — Daanna… e ainda segue aqui — murmurou sobre o ombro da Caçadora. — Segue aqui — golpeou o peito.

— Culpei Menw por tudo. Por ser uma desgraçada, por ser a Escolhida, por me fazer mal, por perder meu filho… Nunca pude perdoar. E odeio os deuses! — gritou rasgando a garganta. — Os odeio por me marcar, por nos enganar… Menw foi vítima de Freyja… e depois de tudo, depois

[54] *Oh, necessito a escuridão, A doçura, A tristeza, A debilidade, Oh, necessito isso, Necessito uma canção de berço, Um beijo de boa noite, Um Anjo, o doce amor de minha vida, Oh, necessito isso.*

de tudo o que passamos, resulta que ele era inocente e o único que fazia com seu comportamento era me proteger.

As quatro ficaram em silêncio.

Ruth balançava a um ritmo pausado Daanna enquanto acariciava o cabelo com suavidade. A vanira precisava se acalmar e se sentir querida e apoiada. Aileen se sentou a seu lado e entrelaçou os dedos com ela. Maria estava secando as lágrimas, olhando ao céu como se pedisse explicações às estrelas por aquela grande injustiça, como se esses luzeiros, testemunhas de tudo o que acontecia na Terra, fossem os culpados.

— Daanna — sussurrou Aileen. — Não pode se culpar pela morte de seu filho. Tem que deixar de sentir assim… É muito tempo se torturando.

Daanna negou em silêncio. — Não posso esquecê-lo. Ele não me deixa. Ainda o sinto comigo.

— Quem não deixa? — perguntou Maria.

— Aodhan — sussurrou Ruth contra o cabelo de Daanna.

— O ouve? Você é a Caçadora. Veio a você? Eu sonho com ele — a vanira levantou a cabeça e a olhou com os olhos verdes mais brilhantes do que qualquer outra vez e os cílios úmidos de lágrimas. — O viu alguma vez?

— Não — respondeu Ruth, secando as lágrimas com os lenços. — Mas o sinto em você. Faz uns dias, quando fui procurá-la em sua casa e você não me abriu, queria falar sobre isso. Veja, no casamento de Maria, Ás me disse que eu devia ajudar com seu problema. Explicou-me que não sabia o que era o que passava, mas que você foi a velge. Precisava te ajudar de algum modo a despertar. Não sabia como fazê-lo, essa é a verdade. — Duas lágrimas enormes caíram pelos cantos dos olhos âmbar de Ruth. — Mas, algumas noites atrás escutei a voz de um menino.

Daanna mordeu o lábio inferior, escutando com plena atenção à caçadora de almas.

— O que dizia? — perguntou Aileen mordendo as unhas.

— Me dizia: *Ajuda minha mãe a derramar todas as lágrimas e abandone a amargura. Ajuda a ser quem é* — explicou com voz neutra. — Não podia ver, era como uma centelha de luz que revoava em meu redor. Não quer dizer que sua alma esteja ao redor, não é isso, é algo mais complexo. Boa parte de sua alma, de você, é um nó indivisível. Então entendi o que te acontecia. Eu esperava que falasse comigo, estava farta que me rejeitasse, cabeça dura — agarrou o rosto com as mãos e beijou sua testa. — Sabia que precisava dar espaço, mas me dava tanta raiva, Daanna… Não queria lhe ver sofrer. Quero ajudar, que deixe de sofrer por ele.

— E eu sabia que você estava percebendo as coisas — reconheceu Daanna, — mas me dava medo aceitar e reconhecer que Aodhan seguia comigo. Dava medo pronunciá-lo em voz alta e deixar de sentir meu filho junto a mim, liberá-lo. Eu… Não o deixei partir.

— A isso é ao que me refiro. Acredito que não tem que deixá-lo ir — confessou Ruth. — Deixa de negá-lo, Daanna. Permite que Aodhan siga aí, onde quer que esteja, não deixe que se converta em um fantasma, como se nunca existisse. Não deve esquecê-lo. A alma de Aodhan é tua. Pertence. Há almas que se atam a outras até que chega o momento de reencarnar, de retornar. Há uma teoria que afirma que estamos em grupos de almas e compartilhamos nossas

vidas terrestres sempre com as mesmas, a diferença é que quem foi seu pai nesta vida, na passada foi seu primo, ou seu namorado ou o que seja… Convivemos com as mesmas almas em cada reencarnação e adotamos diferentes formas. Você pode reter uma alma com o simples desejo de que não se vá, mas neste caso é Aodhan quem ficou aqui, quem decidiu estar com você — disse sua apaixonada amiga. — Aodhan ficou em você porque quer voltar a ser seu filho. Esse é seu lugar. Não entende? Quer reencarnar.

Daanna umedeceu os lábios e olhou às mulheres.

— Reencarnar? Como?

— Não sei — exclamou Aileen, meio indecisa. — A puritana? Não, que ordinário — revirou os olhos. — Me deixe adivinhar: a cegonha o traria?

Maria olhou a Aileen de soslaio, surpreendida pelas saídas da híbrida. — Quando penso que só Ruth é capaz de soltar esse tipo de comentários, vem você e me surpreende — murmurou, segurando a risada.

— O que esperava? Somos de Barça — replicou Ruth, passando a língua pelos dentes.

— Comentários a parte. Estou de acordo com tudo o que disseram — assentiu Maria, muito interessada na conclusão de Ruth, — mas depois disso, tenho um ponto muito claro. Não te liberará de tudo até que diga a Menw a verdade.

Já não há razão para ocultar-se. Não se esconda mais.

— Maria, não quero que me olhe e veja que fui incapaz de manter seu filho com vida. Não suportaria decepcioná-lo de novo. Ele me odeia.

— Perdoa, Daanna — interrompeu Aileen, — mas acredito que se houver algo bom que você e Menw poderão fazer depois destes dois mil anos, é dizer a verdade na cara, para variar. E acabou. Menw não julgaria depois de tudo o que passou. Em todo caso, acredito que será você quem recolhe seus pedaços, neném.

— Estou morta… — admitiu desconsolada. — Acha que não quero? Quero explicar tudo, quero que me aceite, mas estou em território desconhecido e não sei como ele vai atuar depois de confessar quem é Aodhan.

— Eu sei como vai atuar o doutorzinho — assentiu Ruth com um sorriso enigmático. — Viu como te olhava no enterro?

— Está pensando em guerras — sussurrou Daanna com um deixe divertido. Olhou suas amigas, e se emocionou. Era assim tão fácil se abrir aos outros?

— Obrigada. Obrigada por me escutar. Sei que nenhuma de vocês passou por algo assim, mas…

— Não faz falta passar por algo assim para estar com você — disse Ruth. — Quando meu pai me cravou a adaga no ventre, tocou algo em meu interior que me deixou estéril — confessou a jovem, ainda assustada com a lembrança.

— O quê? — Aileen levantou de repente com os punhos apertados, e se colocou frente à Ruth, com o rosto assustado. — O que disse Ruth?

— O que ouve, Aileen. Ao me encontrar cara a cara com Freyja me disse que se prometia ajudar os clãs e ficar de seu lado, ela me devolveria a fertilidade.

— Deus meu — sussurrou Maria incrédula ante o que ouvia.

— Como eu prometi que a ajudaria, deu uma maçã para que a mordesse e me deu novamente o dom de ter filhos.

Aileen soltou o ar, mais tranquila ao saber que sua amiga da alma não ficou com sequelas daquele incidente.

— Com isto quero dizer que não perdi nenhum filho, Daanna. Mas senti o que era não poder tê-los. Há mulheres que não se importam se terão ou não filhos, há mulheres que os têm e os abandonam, e há outras que os têm sem querer os… Nem todas têm instinto maternal, já disse uma vez: ser mulher não implica que tenha que ser mãe nem que será a melhor, em caso de que os tenha. Mas eu adoro os meninos, eu sim queria filhos em um futuro. Quero-os com Adam. Se ficasse estéril, seria um grande golpe em mim, embora a vida me trouxesse Liam e Nora, e merda, não podem imaginar o que quero a esses girinos. Quero-os como se fossem meus. — Seus olhos âmbar se encheram de calor. — Enfim, posso entender a dor que pôde sentir por sua perda, Escolhida.

Daanna assentiu e deixou que a abraçasse com força.

— Estão me matando — murmurou Maria, surpreendida por todas as confissões que estavam tendo lugar debaixo esse carvalho.

— Eu morri quando meu avô contou que mantinha contato com os deuses — assegurou Aileen, ainda incrédula. — Sabia? Você é seu *kone*[55], ele não disse nada? — Maria negou rotundamente.

— Não, minha menina. Em nenhum momento mencionou seu contato com Odin e Freyja. Mas estou muito segura que valia a pena ocultar, independente do motivo. Ás nunca faz algo por nada. Tampouco acredito que os deuses desfrutem permitindo que passemos por maus momentos só por diversão. Há razão atrás de tudo isso, e estou convencida que quando o averiguarmos não nos sentiremos tão ressentidos como agora. Não serve de nada se zangar com Ás por isso. Enfim, sei que quando me explicar por que o fez, entenderei.

— Deu uma palmada e agitou às mãos. — Abram essas garrafas e me deixem inconsciente.

Daanna arqueou as sobrancelhas e ainda com lágrimas nos olhos deixou cair a cabeça para trás e começou a rir. Deuses, sentia muito melhor. Depois de justificar, depois de descarregar toda a ira e a pena, as águas voltavam para seu leito, limpas, transparentes e puras. Daanna foi proprietária de seu silêncio, proprietária de seu segredo, mas a partir de agora seria escrava de suas palavras, e de suas revelações. Agora deveria ser coerente com tudo o que disse, e tal e como aconselharam as três mulheres; devia esclarecer as coisas com Menw e revelar o maior segredo de todos, que ainda o amava com todo seu coração.

Maria colocou a mão no pacote de papelão e tirou uma garrafa com uma etiqueta negra pendurada no gargalo como se fosse um livrinho. Na capa havia um escudo negro e vermelho com uma boca aberta mostrando a língua, como o mais puro Rolling Stone, a diferença de que essa boca tinha presas.

---

[55] *Mulher em gaélico.*

— O que é isso? — perguntou Maria, sorrindo ao ver o logotipo.

— É hidromel e se chama Vanir D'Melis — respondeu Ruth. — Se tiver que esperar até que liberemos Cahal para que volte a preparar um barril inteiro de hidromel, acredito que nos darão as uvas. Assim decidi comprá-lo e encarregá-lo eu mesma. Não me olhem assim — entreabriu os olhos diante do rosto de dúvida de suas amigas, — Cahal segue vivo, não o duvidem, ele não veio a mim e aposto o que for preciso que esse homem está longe de se converter em um vampiro desalmado. Ele estará bem quando o encontremos. — Ruth gostava muito Cahal, e esperava de coração que suas palavras fossem certas. — Seguindo; procurando pela internet, saiu este hidromel como um dos mais deliciosos do mundo. Entrei num site espanhol que se chama Tastaris e faz envios internacionais, pedi duas caixas inteiras para tê-las em minha casa. Adam se encantou — piscou um olho e desarrolhou uma garrafa, — me passem as taças.

— Vanir? Que curioso? — murmurou Daanna. — Mmm…, cheira muito bem, cheira como o que faz Cahal.

— Sabe o que descobri, Aileen? — disse Ruth enquanto enchia as taças até em cima.

— Não — levantou e foi aumentar o volume do rádio. — Adoro esta canção — murmurou, rebolando e recolhendo o cabelo por cima de sua cabeça. — When she was ao Young girl… — cantarolou desafinando, — Cry Cry da Oceana, bebê!

— Sim, o que você disser — Ruth ignorou seu comentário. — Sabe até onde chegou o Vanir D'Melis?

— Me ilumine.

— Até *A Rainha de Corações* de Barcelona. Vi um link que falava disso.

— De verdade? — agarrou uma garrafa e jogou uma olhada enquanto dava um gole generoso ao copo. — Deus… Que bom! — deu outro.

— O que é a *Rainha de Corações*? — perguntou Daanna, bebendo a taça inteira de uma vez. — Vá, é igual ao que prepara Cahal… — Daanna leu a história escrita na etiqueta. — Prazer adulto? Sim, definitivamente, parece muito a Cahal.

— A *Rainha de corações* é um restaurante impressionante que há em nossa cidade. A comida é viciante e está tudo ambientado e relacionado com *Alice no País das Maravilhas*. Tem dois andares e os donos são excelentes pessoas, nós adorávamos comer ali.

Maria elevou a taça e ofereceu um brinde. — A sacerdotisa não está acostumada fechar pactos nem rodas da verdade com uma bebida alcoólica, mas suponho que como é a bebida dos deuses, pode passar por cima, hoje é uma noite de confissões e promessas — disse em voz alta. — Os deuses nos veem e nos escutam, e sabem o que estamos sofrendo com tudo o que nos acontece na Terra. Eu prometo seguir lutando com os clãs, se eles prometerem também — elevou a taça e brindou com as estrelas, — cuidar de nós e nos apoiar. Mas enquanto eles não façam, só temos umas às outras. Eu em vocês e vocês em mim, e ninguém mais. — Por Gabriel, que sei que nos vigia ali de cima — Ruth mandou um beijo ao céu. — Eu em vocês e vocês em mim, e ninguém mais.

— Amém, irmã! — exclamou Aileen, fazendo chocar as taças. — Eu em vocês e vocês em mim, e ninguém mais.

— Uma vez li que os amigos eram sutiãs — assegurou Daanna com cara de pôquer, — porque se encarregam de sustentar para que nunca caia. Obrigada por me sustentar. Eu em vocês e vocês em mim, e ninguém mais.

Todas brindaram entre lágrimas e segredos, risadas e cumplicidades.

Ruth encheu a taça de novo e preencheu a de suas amigas.

— Nem Aileen, nem Maria, fizeram nenhuma confissão, verdade, Daanna? — resmungou Ruth atiçando suas companheiras.

— Isso é porque não têm nenhuma roupa suja para lavar — comentou a vanira, sentindo cômoda com elas como nunca se sentiu antes. Foram umas santas.

Aileen levantou uma sobrancelha incrédula e Maria bebeu a taça de repente.

— Não quer confessar nada, amiga? — Ruth deu um cutucão à híbrida e começou a rir.

— Eu adoro que me atem — confessou a híbrida como se informasse a hora.

Daanna franziu o cenho.

— Pois vá confissão mais besta! Eu também gosto de ser atada — exclamou Ruth. — Nós falando de meninos perdidos e ovários destroçados e você e vem com marinheiros. Poderia dizer algo como: sou uma desgraçada porque meu avô me deixa com tesão!

Maria se dobrou sobre si mesma, morrendo de rir e disse:

— A mim ele deixa com tesão!

— Pois me parece muito sórdido — Aileen bebeu da taça sem dar importância ao tom indignado da Caçadora, nem ao comentário jocoso de Maria. — Além do mais, minha vida é muito chata: matam meus pais quando tenho cinco anos, começo a ser sedada a partir dos seis anos e me convertem em vítima do Alzheimer precoce até os vinte e um. Meu avô é uma cópia exata do Gerard Butler, e meu casal eterno, que é muito agressivo sexualmente falando, cheira a manga e virtualmente o utilizo de mordedor, como se fosse um bebê que está com os dentes nascendo. Ah, e bebo sangue, não esqueça!

Ruth entrecerrou os olhos e disse: — Olha que coisa — a abraçou e deu um beijo na bochecha, — e eu gosto de você, é o único que deve te importar.

— Está bem meninas. Eu farei uma confissão. — Maria, que já estava em fagulhas e os olhos soltando faíscas, levantou a mão como se estivesse na escola. — Na realidade, mantive este segredo durante muito, muito tempo. — Seu rosto se escureceu e as olhou com solenidade. — Me chamo Mário e tenho rabo. O que parece? É uma boa confissão?

As três jovens abriram os olhos exagerados. Daanna se engasgou com hidromel, Aileen ficou boquiaberta e Ruth começou a piscar sem parar. Ficaram paradas e em silêncio.

— Estou brincando! Pelo amor de Deus! — desinibida, Maria girava e ria a gargalhadas.

As quatro começaram a rir e deixaram que a noite, as estrelas, o aroma de bosque e o hidromel apagassem as más lembranças. E permitiram que a música e a amizade renovassem suas almas com novas experiências que só as amigas de verdade poderiam compartilhar.

Capítulo 24

No dia seguinte.
Dudley, quarto do homem.

As pílulas eram uma merda. A conclusão estava clara para Menw, sim, acalmavam a fome, e sim, faziam sentir minimamente melhor, mas jamais poderiam se comparar ao gostoso e suculento sabor de Daanna.

Um pensamento relacionado com aquela mulher e todo seu corpo já estava agitado, esperando encontrá-la em qualquer lugar, como um homem dependente de seu casal. Merda, tremiam lhe as mãos, e precisava estar sereno para o que ia fazer.

Mizar e Laila estavam sentadas numas cadeiras, costas com costas, amarradas pelos pés e mãos. A loira tentava se acostumar à escuridão daquele buraco, onde estavam? Clandestinamente? E a morena de cabelo curto, ainda aturdida pelas drogas, tentava manter a cabeça reta, mas caía primeiro a um lado, e logo ao outro.

Caleb caminhava em círculo ao redor. Estava as intimidando, deixando-as nervosas. Menw olhou para a porta. Onde estava Daanna? Acaso não queria participar do interrogatório? Pelos deuses, quanto desejava vê-la…

Na noite anterior, foi vê-la sem que ela percebesse. Queria assegurar de que estava bem, de que podia se manter com as pílulas e de que… Mas a quem enganava? A noite anterior quis comprovar se a Vanira estava sofrendo como ele. Se sentia a sua falta, se estava com fome, se doíam as presas e a pele estava tão sensibilizada quanto a dele. Estava preparado para entrar em seu quarto, meter em sua cama e em seu corpo e não deixá-la até que confessasse que ou quem era Aodhan. Caleb abriu os seus olhos a respeito e isso o deixou nervoso, fazendo que sua a impaciência chegasse ao limite. Ao menos Aodhan não era um homem… Mas duvidava que fosse um cão. Assim, com toda sua decisão subiu a sacada que dava ao quarto que ocupava na casa de Aileen, disposto a fazer uma visita. Mas ali não havia ninguém.

Zangado consigo mesmo, irritado com ela por não encontrá-la chorando na cama sentindo saudades, decidiu esperá-la, se escondeu entre as sombras que projetava a lua. Daanna retornou às quatro da manhã, com as bochechas rosadas, os olhos verdes brilhantes e sonolentos e o rosto relaxado como nunca. Menw não podia acreditar no que seus olhos estavam vendo. A mulher se deixou cair na cama, de barriga para baixo, cansada de aguentar seu próprio peso. Levou a mão à parte dianteira da calça texana e a começou a mover. Ele entrou em catarse. Abriu os olhos e tragou saliva… *Se está tocando*. Mas não, nada disso. Sua Vanira tirou um vidro com as pílulas do demônio e as deixou em cima da mesinha de noite, ao lado de uma tigela com cinquenta pirulitos de baunilha.

Menw inalou com força e deixou que o limão e algo mais o alagassem…

Hidromel doce. Como o de Cahal. Sorriu com pesar.

Daanna estava bêbada, a muito descarada foi a uma festa e, enquanto ele estava numa sacada como um cão abandonado e desejoso de que sua proprietária o tirasse da rua. Estudou seus gestos, seus movimentos, o suave subir e descer de suas costas ao respirar. Os longos cílios

negros que se fechavam pouco a pouco, e a boca apetitosa que, relaxada, ficava entreaberta. Apoiou a palma de sua mão no vidro da porta da sacada e desejou poder atravessá-lo só para acariciá-la e abraçá-la. *Daanna, quer que durma com você?*

Morria de vontade de falar com ela mentalmente, mas aceitou não fazê-lo; bom, na realidade, ele ordenou e tampouco queria deixá-la louca com suas mudanças de ideia. Além disso, a pobrezinha tem uma responsabilidade muito importante sobre ela, assim o melhor seria deixar que descansasse, já que ela podia, e esperar até o dia seguinte.

E o dia seguinte chegou, e ali estava ele, a ponto de atormentar a duas assassinas torturadoras que tinham seu irmão escondido em algum lugar, esperando a chegada da Vanira, como chuva de maio.

— Entre, Menw — ordenou Caleb, cruzando os braços diante delas.

Menw apertou os nódulos e moveu os dedos como se fossem serpentes. Pegou uma cadeira e a colocou em frente das duas reféns.

— Mizar — se dirigiu à loira vestida toda de negro, — é seu nome, verdade?

A garota seguia olhando à frente, sem responder.

— Laila me contou que é a sobrinha desse desfeito chamado Cerril. Isso está certo?

— Eu não disse nada… — sussurrou Laila fracamente.

— Cala, Laila, não fale. — Disse a loira movendo os pulsos, tentando liberar.

Escutou passos pausados descer pelas escadas, Menw esticou e olhou por cima do ombro. Os guardas abriram a porta, saudaram Daanna com educação. Atrás dela, a híbrida e a Caçadora a seguiam.

Daanna entrou naquele buraco escuro e cravou a vista nas duas humanas, ignorando Menw por completo. Aproximou-se. Seu conflitivo rosto levava um pirulito na boca, e seu glorioso cabelo negro solto e selvagem. Uma gabardina negra cobria seu corpo até as coxas, o resto eram pernas intermináveis de seda e pele cremosa. Uns sapatos negros de salto cobriam seus pés. Seu rosto brilhava limpo, à exceção da suave linha do Kohl negro de seus olhos. Pelo resto, era o rosto mais bonito do mundo.

— Não se trata de falar ou de não falar — disse Caleb, — vamos conseguir a informação de qualquer maneira.

Daanna se agachou diante de Mizar. Sua pele era clara, os olhos de cor esverdeada, mas não tão claros como os dela.

— Vem aqui, Ruth — ordenou, Daanna.

— O que faz? — perguntou Menw. Não compreendia sua atitude nem o fato de que estivessem as três juntas ali.

Ruth piscou um olho a Menw e se colocou ao lado de Daanna. Aileen pegou uma cadeira e ficou em frente de Laila.

— E você quem é? — balbuciou Laila, contemplando a híbrida. — Um anjo?

— O que deu a ela? — sussurrou Aileen, entretida.

— Nada — respondeu Caleb secamente. — Gosta de você.

— Nós as interrogaremos — afirmou Daanna. — Laila responde melhor às mulheres e pode

ser que Mizar também. Além disso, Menw — o olhou pela primeira vez, tirando o pirulito da boca, — você já interrogou Laila três dias atrás e não conseguiu nada. Certo?

O curador não encontrou uma resposta adequada. Fez de tudo, e Laila não podia revelar nada em sua mente. Sim, contou algumas coisas que fizeram, mas não revelou nada sobre a localização de seu irmão.

— O que pensa?

— Os pontos de pressão Sipalki que emprega são bons, mas acredito que com elas necessita algo mais radical. Poderíamos fazer um tratamento combinado, o que parece?

Ruth estendeu a mão à frente, e sobre ela se materializou uma flecha azul elétrica iridescente. Todos conheciam a força e o poder das flechas da Caçadora. Não só doíam fisicamente, tocavam a alma das pessoas e removia a consciência. Atuavam como um soro da verdade.

— O que é você? — perguntou Mizar assombrada. Ruth sorriu.

— Seu pior pesadelo, bonita. Onde quer?

— Onde quero o que? Soltem-me, escória!

— Escória? — repetiu Aileen, arqueando as sobrancelhas.

— São vampiros, não merecem viver. São aberrações genéticas que…

— Beeep — Ruth imitou o som de uma buzina. — Resposta incorreta.

— Na coxa — indicou Daanna. Ruth assentiu, elevou o braço e cravou a flecha na perna. Mizar gritou, presa da aflição mais dolorosa que seu corpo expeliu.

— Comecemos — Daanna olhou a Menw. — Se coloque em sua cabeça e varre com tudo o que encontre em seu caminho.

Menw assentiu. Merda. Daanna dando ordens era sexy até dizer basta.

— Onde está Cahal? — Mizar apertou os dentes e grunhiu enquanto a pele cobria de suor. Ruth se aproximou e removeu a flecha com sua mão.

— Puta! — exclamou Mizar dirigindo um olhar assassino. — Morto. — Menw agarrou Mizar pelos braços e a levantou, mostrando as presas.

— Me olhe. Parece comigo. É verdade que está morto?

Mizar estudou as feições daquele homem loiro. Seus olhos azuis claros, sua covinha no queixo, aquela boca… Sim, parecia com o loiro que a mandaram torturar.

— Se não beber sangue logo, morrerá. — Explicou ela com voz ártica. — É um vampiro e suas feridas não cicatrizaram até que se alimente de sangue humano.

— Meu irmão não é um vampiro!

Menw sentiu uma mão quente e forte sobre o braço. Caleb tentava tranquilizar.

— Abaixe — ordenou.

Laila e Mizar estavam suspensas no ar e só os braços de Menw as sustentavam. Deixou-as no chão de repente.

— O que é isso que sinto? — Mizar olhava a flecha e começou a chorar como uma louca, como se estivesse recordando cada uma das coisas horríveis vividas em seus vinte e seis anos. — Me tirem isso.

— Não até que responda, Mizar. Desata Laila — pediu Menw a Aileen.

Aileen tirou as cordas dos pulsos e os tornozelos da humana e a colocou na frente de Mizar. Ambas se olharam nos olhos, como se aquilo não passasse na realidade.

— Mizar, vai falar ou mataremos sua amiga diante de você — assegurou Daanna. — Para mim é uma assassina que torturou meu amigo, não merece nenhuma consideração da minha parte. Diga-me onde está. Apenas isso, e a dor desaparecerá.

— Os vampiros não têm empatia, nem estabelecem vínculos emocionais… — dizia Mizar, negando com a cabeça. — São vampiros.

— E logo me chamam obstinados — Ruth revirou os olhos.

— Não somos vampiros — Daanna elevou o queixo. — Cheira a Cahal, deve conhecê-lo, deve ter encontrado com ele.

Daanna retorceu a flecha no interior de sua coxa. Mizar tentou encher seus pulmões de ar.

— Eu não gosto disto, entende? — assegurou Daanna. — Sei que é do Newscientists, sei o que fazem com os seres que são como eu, como nós. O que é de Patrick?

Mizar era apenas uma física obcecada com os quarks. Não a prepararam para a tortura. Menw pressionou um ponto atrás do lóbulo da orelha de Laila, e a garota ficou imóvel, sem piscar, de joelhos diante dela.

— Não sei onde está Cahal! — gritou Mizar, assustada ao ver Laila assim. — Nos recolhem e nos levam a esse lugar. Os carros têm os vidros escuros e não podemos ver aonde nos levam. Fazem por segurança… — gemeu, deslizando para frente.

— Em Laila, fazem uma limpeza mental. Apagam suas lembranças — explicou Menw, — por que acha que fazem isso, Mizar?

— Do que fala? Laila sabe o mesmo que eu — defendeu sua amiga.

— Está certa?

Mizar olhou Laila. Nem sequer piscava, estava quieta como uma estátua.

— Que relação tem você e Patrick Cerril? — perguntou Menw.

— É meu… meu p-ai adotivo. Por favor… por favor… — repetiu, olhando a morena. — A deixem. Ela é…

— Quer saber o que ela é? — Menw apertou com o indicador e o polegar a mandíbula de Laila. A garota revirou os olhos. Laila estava sofrendo uma redefinição em seu sistema cerebral. O efeito durava uns minutos, assim deviam aproveitar o tempo.

— Vai matá-la? — choramingou Mizar.

Laila abriu os olhos novamente e os focalizou no curador.

— Se faço mais duas vezes o que acabo de te fazer, morrerá — advertiu Menw, para que soubesse o que esperava se não colaborasse. — Agora, explique a Mizar a verdade do que fazem ali. Conte o que me contou.

— Nunca contei nada. Nunca disse nada — jurou Laila.

Menw apagou a lembrança para que não pudesse explicar nada, por isso Laila não reconhecia nem Daanna, nem ele.

— Diga que esteve mentindo todo este tempo — continuou o curador. — Diga que ali não

tratam com vampiros, que não estão trabalhando para liberar o mundo da praga de presas que assola as ruas. Diga. — Mizar franziu o cenho sem perder o contato visual com Laila.

— Laila? De que fala? — perguntou assustada.

— Mostre o que tem debaixo da axila. — Ordenou Menw, puxando o pulôver branco pelo pescoço e deixando-a de sutiã.

Laila, ainda aturdida, elevou o braço pouco a pouco, até que mostrou sua axila. Debaixo, havia dois pontos vermelhos abertos. Duas incisões.

— Diga, Laila. A quem alimenta?

— A Lucius e Brenda — sussurrou tremulamente.

Mizar ficou sem ar. Dois pontos vermelhos. Duas incisões. Dois buracos na pele. Sucção. Vampiro. Seu cérebro relacionou todas essas palavras e ficou branca.

— Não é verdade. — Negou categoricamente. — Estão manipulando, Laila. Eles sabem como entrar em nossa cabeça, isso… Defenda, maldição! Ensinaram-nos a fazê-lo!

Laila elevou o olhar e o cravou em Mizar. Parecia desolada e muito desorientada.

— Diz tudo ou juro que cravo isso — Menw mostrou o indicador e o polegar juntos. — Entre as sobrancelhas.

Laila assentiu temerosa por sua própria vida. Restava pouco para que Brenda a transformasse, a vampira prometeu, não podia morrer antes do tempo. E embora gostasse de Mizar e estivesse apaixonada por ela, preferia a imortalidade. Brenda a tiraria daquele buraco.

— Trabalhamos para Newscientists, querida. Não caçamos vampiros, Mizar. Trabalhamos com eles.

A loira ficou imóvel diante da revelação tão simples e direta de sua amiga Laila.

— Não.

— Sim.

— Continua — Menw a empurrou ligeiramente.

— Lucius, Seth, Brenda… são vampiros.

— Não! — gritou Mizar, com os olhos cheios de lágrimas.

— Samael era um vampiro, também. Strike e Hummus são lobachos. Homens lobo — falou. — Lucius a manipulou. Usou um dos feitiços de Strike para que de… alguma forma não visse seus verdadeiros aspectos. Fez isso desde que era pequena. Mas não tem que se preocupar, estamos a salvo com eles. Brenda e os outros virão por nós e nos libertarão.

— Brenda está morta. — Confessou Daanna, repassando a Laila com cara de asco.

Laila abriu os olhos e ficou em choque, olhando à frente.

— Eles virão. — Sussurrou Laila, sentindo-se desamparada. — Virão. Você está aqui e a necessitam. Virão nos buscar. Sabia que acontecia algo estranho. Ontem esperava a visita de Brenda, sempre me visitava no meu aniversário. — Estava melancólica. — Deveria alimentá-la. Mas não veio. Perguntei a Lucius se por acaso ele sabia onde estava, e não soube me responder. Disse que enviariam reforços para nos acompanhar na próxima vez, e que preparássemos a mala porque íamos passar um tempo com eles. Que trouxéssemos os apitos, em todo caso. Mas me incomodava o som e…

— Por isso levava tampões. — Entendeu Daanna. — Eles bebiam de você, mas trocou sangue com eles? Com a Brenda também?

— Só uma vez, e muito pouco. — Olhou com desdém a Mizar, esperando uma reação ferida por parte da loira, que nunca chegou.

— Suficiente para sentir mudanças em seu corpo — assegurou a Vanira.

— Tampões? Mentirosa! Disse que era porque seus ouvidos doíam!

— Apenas isso importa? Não importa que me deitei com Brenda, verdade? — olhava Mizar fixamente. — Nunca importou nada. Nunca importou? — gritou, mostrando mais emoção do que a refletida até agora.

— Me esqueça, Laila — sussurrou Mizar sem olhar. — Acreditei que era minha amiga.

— Sempre quis algo mais! — Daanna levou o pirulito de baunilha à boca e as olhou com interesse.

— Noah desfrutaria como um louco vendo isso — assegurou Aileen.

— Continua — insistiu Menw.

— Mizar carregou o apito, mas não contavam que um de vocês cobrisse a cabeça com um capacete de titânio. Isso o salvou. — Dirigiu um olhar altivo a Menw. — Saiu errado. Esperávamos capturar algum de vocês e no final…

Os ombros do Mizar tremeram fazendo contrações, enquanto isso chorava incrédula ao que ouvia.

— Por que necessitam de Mizar? — perguntou Caleb, aproximando de Laila.

— Não sei exatamente — Laila negou com a cabeça, desdenhosamente. — Eu só me encarrego de controlar os sinais vitais dos Vaniros e os Berserkers que torturamos. Mas acredito que é pelo que ela faz, o fato de estudar os quarks e outros cilindros de dimensões na terra. Quando Lucius a prendeu, sabia que era um gênio. — Explicava sem nenhum tipo de remorso, centrando em Mizar. — Fez que Patrick a adotasse e desse uma boa educação para que desenvolvesse seu dom e ajudasse no futuro. Assinalou que viu em suas adivinhações. Via como alguém importante para eles, uma pessoa chave.

— Lucius tem algo a ver com o que me fizeram? Com os sequestros de minha mãe e de meu irmão?

Laila lambeu os lábios e olhou para outro lado.

— Responda. — Daanna deu um cascudo em Laila.

— Sim. Ele formou parte em… tudo.

— Patrick… Patrick também sabe de tudo? — não saía a voz, algo estava inundando-a. A decepção.

— Sim, Mizar — Laila estava perdendo a paciência. — Todos ali sabem o que fazem. Todos, menos você, tola.

— Por que nunca me disse isso? Enganou-me!

— Me pergunta por quê? — Laila não compreendia a pergunta. — A vida eterna, Mizar. Todos que trabalham para eles desejam a longevidade, a força, os poderes. Tudo! Não sou a única disposta a alimentá-los, necessitam, não entende?

— Mataram a minha família, Laila! Vi o que fizeram! — exclamou. — Lucius nunca apagou essa lembrança, deixou isso presente para alimentar o ódio para os vampiros. De verdade, quer se converter nisso? Minhas mãos... — se angustiou inevitavelmente, —... fizeram mal a…

— Somos Vaniros — respondeu Daanna tirando a flecha da coxa com ajuda de Ruth, e ignorando aos soluços da humana. Jogou em um canto e se desmaterializou. — Os bons. Não matamos os humanos, ao contrário, tentamos protegê-los. Não precisamos beber sangue para sobreviver, e somos imortais. Mas, também temos presas porque nós gostamos de beber, só — remarcou, olhando de esguelha a Menw, — de nosso casal. O problema é que nos custa muito encontrá-lo.

Menw se mexeu, agitado por essas palavras tão claras. Daanna era compassiva, era misericordiosa. Se Mizar também fosse inocente, não estava bem castigá-la, por isso a Escolhida a liberou da flecha. Laila, entretanto, foi talhada por outro padrão. Não merecia compaixão.

— Se Laila trocou sangue com Lucius e Brenda… Lucius não poderia contatar com ela mentalmente? — perguntou Ruth.

— Não enquanto tenha droga em seu sistema sanguíneo, tampouco enquanto tenha os pontos de pressão controlados. O sangue deixa de irrigar o cérebro e os circuitos se rompem. Não há modo de contatar com ela. Assegurei-me disso outra vez Caçadora, não sou tolo.

— Não, é óbvio. Que bobagem? — replicou olhando as unhas.

— Quantos prenderam nesses laboratórios que simulam campos de concentração? — Menw levantou Laila, agarrando pelos antebraços.

Mizar apertou os dentes porque não queria escutar a resposta. Nesse momento não se sentia orgulhosa de si mesma, nem de sua inteligência.

— Nunca descobrirão.

Menw grunhiu e voltou a pressionar o ponto por cima de seu queixo. A mulher desvaneceu e seu corpo fibroso e de linhas retas ficou tenso. As pernas de Laila cederam e não caiu no chão porque ele a segurava.

— Me responda, só fica uma oportunidade — disse ao ouvido.

— Muitos. Muitos… homens, mulheres e crianças… Ali fazem de tudo. Manipulam geneticamente, criam cadeias novas de DNA, fazem clones, híbridos de todo tipo.

— A loira deixou cair a cabeça para frente e começou a chorar. — Não — gemeu.

Ruth e Aileen se olharam e imediatamente sentiram compaixão por Mizar. Daanna se agachou em sua frente.

— Cahal segue vivo? — perguntou em voz baixa. — É alto, loiro, e…

— Sim. O deixei com vida. Eu… eu o torturei. Não sabia…

— Como ficamos, puta? — Caleb se inclinou e a olhou à cara, com os olhos verdes obscurecidos pela raiva. — Ou é inocente ou um maldito carrasco! Decide agora.

— Eu odeio os vampiros. — Sussurrou sem perder o olhar de Caleb. — Os odeio. Pensava que ele era um deles. O que acha que fiz, imbecil? — Não só a ele, mas a todos os homens que passaram por suas mãos e que ela fez gritar de dor.

As garotas abriram a boca, surpreendidas pelo desafio aberto da loira.

— Então, quando liberarmos Cahal, deixaremos que ele diga o que fazer com você, não? — Caleb tremia, indignado.

— Não o podem liberar. E se o recolhem com vida, já não será o mesmo. — Comentou Laila com um sorriso perturbado. — Darão sangue e o converterão.

— Não se fizermos uma troca rápida — Menw puxou Laila ao chão. Vai chamar seu papai adotivo, Mizar, e vai dizer o que eu mandar. Se for importante para eles, como diz Laila, não quererão perder, não?

— Está segura de que não localizou o lugar exato onde os têm? — insistiu Daanna.

— Não… só sei que o trajeto durava uns quarenta e cinco minutos. Menw e Caleb se olharam um ao outro, o curador sorriu.

— Estreitemos o cerco, então.

— E o que fazemos com Laila? — Aileen desatou os tornozelos de Mizar. Caleb a olhou de cima a baixo.

— É cúmplice dos vampiros — cuspiu Menw. — A eliminemos.

— Mizar, não permita! — gritou Laila, presa do pânico. Mizar virou a cabeça e não viu a execução. Com apenas dois dedos, Menw acabou com a vida daquela simpatizante dos jotuns.

***

Seth estava sentado em frente à Lucius, em uma das salas contíguas às de tortura. A sala era espartana, pintada de branco. Uma sala de hospital. Seth usava seu cabelo encaracolado penteado em um rabo alto. O rosto branco e com veias azuladas que davam um aspecto sinistro. Brincava com duas bolas chinesas e as movia entre os dedos. Seus olhos brancos com um pequeno círculo negro em volta não tinham vida alguma. Seus lábios finos estavam curvados para baixo como se sua boca tivesse um gosto amargo. Perderam o contato com Brenda e com Laila. Os Vaniros capturaram Mizar, e a única ficha que servia agora era Cahal. Entretanto, o druida era imune a tudo o que faziam. Inclusive deram sangue para convertê-lo, quantidades enormes. Alimentaram com funis e introduziram no corpo litros e litros de líquido. E o Vaniro nem se alterou. O que acontecia a ele? O que o fazia tão insensível? A única pessoa que o afetava, agora estava em mãos de Caleb e seu clã.

Patrick entrou como um fôlego, com o celular na mão, suando e muito nervoso.

— Falei com Mizar. Pedem uma troca. Temos que fazê-lo.

— Não penso soltar Cahal — respondeu Lucius. — Estamos procurando uma reação em cadeia, Patrick. Mizar fez um bom trabalho para nós, mas deixou tudo preparado para que possamos seguir sem ela.

— O que insinua? — perguntou o homem aturdido.

— Que Mizar não é a Escolhida! — Lucius se levantou e deu um golpe em cima da mesa. Seu cabelo branco e murcho cobria o rosto e o queixo obstinado. — Que ainda não tenho a essa puta aqui. Que o maldito druida é indiferente a tudo o que fazemos, que não há maneira de que eu possa obter seu dom, e que o curador já não está de parte com Loki. Pensei que tendo Cahal, com

Menw bebendo sangue e Daanna sem intenção de vincular com ele, no final Menw se voltaria nosferatus. Sua transformação afundaria Cahal, e com os dois do nosso lado poderíamos acabar com os clãs de Black Country e levar os gêmeos e à Escolhida. Mas parece que Odin e Freyja estão brincando conosco, e no momento, não aconteceu nada disso. Provamos matando Daanna, e isso provocou uma cadeia de acontecimentos contra nós. A Escolhida não morreu e foi Menw o que ressurgiu das cinzas para salvá-la. Agora só tenho ao druida, e no momento me conformo com isso, é a única arma que tenho.

— Não vamos vender Mizar — assegurou Patrick com solenidade.

— Não é sua filha, imbecil — espetou, Seth, — dissemos que não mantivesse vínculos emocionais.

— E não fiz, Seth. Mas não acabou o trabalho. Resta pouco e não podemos nos permitir enganos de cálculos, poderia sair tudo mal. O que diz Hummus de tudo isso?

— Hummus precisará de tempo. Está preparando — replicou Seth misteriosamente.

— Não penso devolver Cahal, ele é meu. — Grunhiu Lucius apertando o punho.

— Então façamos um plano, algo que deixe todos contentes. — Pediu Patrick. — Tragam para mim a cientista e fique com Cahal.

— Se quiserem um encontro conosco, tentem. — Assegurou Seth com um sorriso demoníaco. — Veremos se seus instintos estão afinados. Prepara o Memory.

Capítulo 25

Menw ia procurá-la essa mesma noite. Porque se não fizesse, perderia seu prudência e sua sanidade. Tantos anos sendo precavido, tantos séculos mantendo o controle e aprendendo a ter paciência, e sua garota de olhos grandes e verde elétrico, estragou. Para ele foi muito duro estar todo o dia com ela e não poder dizer nada. À exceção de um *Olá* mental comunicado após sair da Sala da Fome. A resposta de Daanna foi colegial, acompanhada de um tom doce e um meio sorriso: olá.

E não disseram mais nada, à exceção das cinco ou seis vezes que cruzaram os olhares, feito que surpreendeu a ambos.

Poderia o fogo ser de cor verde? Menw estava convencido de que sim.

E ele estava convencido de morrer em suas chamas esmeraldas. Saiu da ducha e olhou no espelho. Ainda não arrumou a barra metálica da parede, a que arrancou Daanna depois do louco sexo sob o jorro de água. Não a arrumaria a não ser que ela pedisse, e para isso, Daanna precisaria estar com ele, ao seu lado.

Estava decidido a escutá-la, a dar essa oportunidade. Daanna parecia sincera quando negava sobre Aodhan, mas nesse momento sua garota poderia dizer que era morena e tinha um nó perene na parte traseira do homem, e tampouco teria acreditado. O ciúme surge da vaidade e ele foi vaidoso com Daanna. Mas não seria mais. Escutaria, e aceitaria o que fosse que dissesse, e depois disso os dois decidiriam como confrontar seus problemas, mas fariam os dois juntos.

Penteou o cabelo e o jogou para trás até que o pente travou em uma trança sob a nuca, onde nascia o cabelo. Era uma trança muito fina, mas era especial e poderosa. Sempre pensou que se cortasse essa trança, todas as forças iriam embora, como o mito Sansão.

Saiu do banho com uma toalha na cintura e entrou em seu quarto. Escolheu uma camisa branca ajustada e umas calças negras de pregas. Queria estar bonito para ela. Colocou cueca Gucci negra e calças. Queria adicionar todos os pontos possíveis para que seu reencontro e a resolução de seus problemas chegassem a um bom porto. Diziam que os ciúmes se alimentam de dúvidas e que a verdade os desfaz ou os preenche.

Esperava que Daanna desfizesse todas suas dúvidas.

Levantou para vestir a camisa, até que escutou os acordes do piano de seu salão.

***

Daanna entrou no apartamento de cobertura de Menw pelas portas da sacada. E fez silenciosamente, nas pontas dos pés, como um ladrão. O vaniro tinha o hábito de deixar o terraço aberto. Escutava o constante som da água caindo. Menw devia estar na ducha e ao pensar nisso lembrou-se da barra metálica. A arrumou? Seguramente que o fez se queria esquecer-se dela. Estava em sua casa, em seu território, e fazia sem permissão, sem ter sido convidada, mas também sem vergonha e sem remorsos. Passou um dedo pela chaminé de pedra branca calcária que ressaltava no salão. Estava ali com medo, isso sim. Com medo de ser rejeitada, e com a dúvida de como reagiria Menw ao saber a verdade de tudo. Ela já não se sentia culpada. A culpa por perder seu filho a afundou na escuridão todos esses anos, mas falar com suas amigas e liberar o segredo também havia dado liberdade. Em um canto do salão havia um piano Schimel modelo Pégaso, de forma oval, sem cantos, situado estrategicamente em frente a uma cristaleira de Vertigo em que podia ver Anteros, a estátua Guardiã de Piccadilly. Aquele piano era incrível, mas Menw o mudou. Antes possuía um negro de corte clássico, e agora esse, mais moderno. Era igual ao que possuía em sua casa, em sua sala de relaxamente, como ela chamava.

Ali desafogava, embalada com o manto da música, e desafogava com as letras e as melodias, que para ela eram uma forma de expressão tão válida com as palavras. Seus pés adquiriram vida própria e caminharam até o Pégaso. Sentou na poltrona branca junto a sua estrutura e levantou a tampa para descobrir as teclas. E então, por arte de mágica, relaxou, como se ao lado do piano pudesse ser ela mesma. Menw jamais a escutou tocar o piano, nem nenhum instrumento. *Quantas coisas nós perdemos, príncipe*, lamentou. Entretanto, os lamentos já não tinham lugar em seu coração. No dia seguinte iriam todos lutar. Ninguém acreditava que Seth e Lucius jogassem limpo, nem que ali não haveria uma armadilha por parte de vampiros e lobachos. O encontro foi marcado, e ninguém evitava esse detalhe. No dia seguinte poderiam acontecer muitas coisas, só ficava o hoje, o agora. Diziam que o passado se foi, o futuro não existe e que o hoje é uma dádiva, por isso se chama *presente*. Isso era o que devia dar valor, a única coisa que Menw e ela tinham agora, assim decidiu aproveitá-lo.

Seus dedos começaram a tocar uns acordes, lembrou uma canção que escutou pela primeira

vez e a tocou. Adorava Beyoncé, e seu *Broken Hearted Girl* converteu em sua bandeira, parecia escrita para ela. Assim decidiu cantá-la porque era uma expressão do amor para o filho que não nasceu e para o homem que amava e que nunca pôde ter.

You're everything I thought you never werel
And nothing like I thought you could've been
Bust still you lleve inside of me/So tell me how is that
You're the only one I wish I could forget/The only one I love to not forgive
And though you break my heart/ You're the only one

Você é tudo que eu pensei que nunca seria
E nada que eu pensei que eu poderia ser
Mas você ainda está vivendo em mim / Então me diga como é isso?
Você é o único que queria esquecer / O único que eu amei para não perdoar
E embora você quebrou meu coração / Você é o único.

Menw estava absorto na beleza que desprendia a alma de Daanna enquanto cantava a capela, sentada em seu piano. Um piano que comprou e recuperou para ela. Usava um vestido escuro de manga longa com os ombros descobertos, um cinturão largo negro rodeava sua cintura. Era elegante. Era uma deusa para ele. Seu cabelo preso de um lado, caía como cascata por cima do ombro esquerdo, deixando a garganta ao ar livre. A voz de Daanna era muito pessoal, um pouco rouca e ao mesmo tempo tão sexy, tão doce, que fazia que duvidasse de que se algum homem além dele a escutasse, ficaria louco. Como as sereias aos marinheiros, levaria contra as rochas. Para ele, não o levava contra as rochas, o levava até ela. Do que falava aquela canção? De que não queria ser a garota do coração quebrado? Menw se emocionou e esforçou para tragar o nó na garganta. Estava a um metro dela e sem poder evitar seus joelhos cederam e se encontrou ajoelhado diante daquela esplêndida mulher.

Ad thought there are time when I hate you cause I can't erase
The times that you hurt me/ And put tears on my face
And even now while I you/ it pains me to say
I know I'll be there at the end of the day

Embora haja momentos em que eu o odeie por ser incapaz de esquecer
Às vezes me machucou e colocou lágrimas no meu rosto
E mesmo agora enquanto eu... / me machuca dizer
Eu sei que estarei lá no final do dia.

Ele também queria estar ao final no dia, ali, para ela. E se lhe fez mal, e fez que chorasse

tantas vezes, ele ficaria de joelhos para pedir perdão. Merda, queria apenas saber a verdade.

I don't wanna be without you babe/ I don't want a broken heart
Don't wanna take breath without you babe/ I don't want to play that part
I know what I love you, but let me just say
I don't wanna love you in no kind a way,
No no
I don't want a broken heart
I don't wanna be the broken hearted girl

Eu não quero ficar sem você, baby / Eu não quero um coração partido / Eu não quero respirar sem você, baby / eu não quero atuar desse jeito / Eu sei que eu te amo, mas deixe-me dizer
Eu não quero te amar de forma alguma / Não, não
Eu não quero um coração partido / Eu não quero ser a garota de coração partido.

Daanna o olhou nos olhos e não pôde seguir cantando porque vê-lo ali, tão formoso à luz da noite, com o cabelo molhado como um bom menino, e ajoelhado diante dela, angustiou-a. Menw possuía um rosto belo e doce. Tragou saliva e olhou as teclas do piano.

— Segue cantando, por favor — pediu.

Ela negou com a cabeça, o punho que espremia suas cordas vocais não permitia, e mesmo assim, seguia tocando os acordes daquela bela canção, como se tratasse da senha secreta de um caixa forte que guardava os segredos de seu coração. Ela a abriria para ele, e se ele não entendesse ou a rejeitasse, então, pelo menos teria tentado.

— De que fala essa canção, *mo leanabh*? — perguntou emocionado. — Fala de você? — Menw agarrou a poltrona em que ela estava sentada e a girou para ele, para ficar cara a cara, para que Daanna não escapasse nunca mais. Aproximou tanto seu corpo que só separavam uns centímetros e muitos segredos por revelar, e a prendeu entre seus braços.

— Do meu coração quebrado, mo Menw — elevou o rosto para ele e sorriu com tristeza, como se não houvesse mais escolha. — Fala do meu coração quebrado.

Menw sentiu uma pontada de frio e terror no estômago. O que Daanna não contava?

— Daanna, preciso saber, e preciso saber a verdade: quem é Aodhan?

Os ombros de Daanna se estremeceram e olhou para todos os lados, nervosa, como tentando escapar, mas os olhos azuis escuros de Menw não a deixavam.

— Estou aqui. Olhe para mim. — Segurou seu queixo.

— Aodhan era… — apertou os punhos contra o vestido e mordeu o lábio para manter a raia o soluço quebrado que pugnava em sua garganta. — Aodhan era seu… seu filho.

Menw cravou os dedos na pele do selim e mudou a expressão. Uma mecha de cabelo loiro úmido caiu sobre sou olho direito. Daanna não se atrevia a tocá-lo para que ele não visse como tremiam as mãos.

— À noite em que estivemos juntos como humanos… deixou-me grávida. No dia seguinte

nos transformaram, lembra?

— Sim — murmurou sem vida.

— Na noite depois da transformação, Aodhan começou a falar comigo. Não era nada, era só um grão de areia em meu ventre, mas sua alma era grande e pura, e ele podia… Se comunicava comigo. Era um bebê… especial.

— Continua — sussurrou.

Daanna não podia ver bem a expressão dos olhos, escuros, pareciam dois poços negros que a olhavam com um brilho resistente.

— Eu gostaria de estar em contato mental com você, e explicar tudo, mas você e eu não éramos casal segundo o rito vaniro e não tínhamos esse vínculo. Separaram-nos imediatamente depois de nos dar os dons e não pudemos…

— Segue — a apressou.

Daanna se sobressaltou, nervosa.

— Chegou com Brenda depois dos três dias; senti-me traída, como se me cravasse uma adaga no peito… Já sabe o quanto sofri a respeito. Decidi nunca falar dele, Menw. O único que me manteve com vida esses dias você compartilhava seu tempo com Brenda foi Aodhan, ele me salvou de ficar completamente louca.

— Brenda partiu depois de três semanas — esclareceu Menw. — E depois?

— Mas sua traição viveria em mim para sempre — respondeu ela. — Meu rancor não desapareceu com ela. Você estava ali, cada dia… Eu não podia estar perto de você, o odiava tanto… — recordou envergonhada. — Com quatro semanas sofri um aborto espontâneo, Menw. Perdi o bebê. Eu o perdi, roguei que não me abandonasse, que era o único que me restava, que o queria…

— *Is caoumh lium the, Aodhan* — Menw repetiu as palavras do sonho de Daanna, como se estivesse a quilômetros de distância daquele salão, como se afastasse dela.

— Isso foi o que escutou enquanto sonhava. Não se trata de outro homem, não poderia tratar nunca de outro homem, Menw. Trata de uma parte de mim e de você, que eu… que eu amava com loucura. Uma parte que perdi. Que… — olhou suas mãos como se ainda as tivesse manchadas de sangue, — me escapou das mãos.

Depois dessa confissão, tudo ao seu redor sumiu numa calma absoluta. A calma que precede à tormenta.

Menw levantou. As mechas de cabelo loiro, que na escuridão pareciam brancos, cobriam o rosto. Ficou na frente dela, estudando-a das alturas. Os punhos apertados a ambos os lados dos quadris, o musculoso torso em tensão, e respirava como se tivesse feito um grande esforço.

— E todo este tempo, Daanna não pôde me contar que fizemos um filho chamado Aodhan?

Daanna levantou a cabeça assustada diante da postura agressiva de Menw.

Ficou de pé como ele e alargou as mãos para tocar o rosto. Menw se afastou e deu as costas.

— Menw, por favor… — acontecerá o que mais temia? Ele a repudiará por seu segredo, por ter perdido a seu filho? — Não podia fazer. Não queria dizer a ninguém, por que…

— Eu não sou nada! — gritou e seus olhos azuis se esquentaram. — Eu era seu pai!

Daanna tampou o rosto com as mãos, sem dissimular quão inquieta e nervosa se sentia. Não queria perder Menw por essa revelação, queria recuperá-lo.

— Eu não sou nada! — repetiu novamente, gritando mais alto.

— Eu sei! — afastou as mãos do rosto e não ocultou as lágrimas nem o desespero. — Acha que não sei?! Sempre foi alguém para mim. Sempre. Inclusive quando o odiava, eu… porque inclusive me sentindo tão machucada com você, o amava. Eu te amava. Mas estava com medo. Menw. Tinha medo!

— Do quê?! De mim?!

— Temia que se contasse isso para você, então, jamais iria me querer. Temia que me culpasse pela morte de Aodhan! Porque eu sempre me senti culpada! Se houvesse me concentrado no muito que o amava, se cedesse e tivesse perdoado para ao menos me alimentar, se ele crescesse bem, se eu fosse mais forte, mais sã! — As lágrimas caíam como gotas de chuva sobre o parqué, pesavam tanto que nem se deslizavam pelas bochechas. — Se simplesmente decidisse acreditar quando me procurava e me pedia perdão! Não foi fácil viver assim, com a culpa, com meu coração quebrado. Não entende?! Assustava-me dizer isso em voz alta, assustava-me não dizer! Temia que se explicasse isso, com o tempo poderia esquecê-lo. E não queria esquecer Aodhan, porque esquecer a ele supunha esquecer tudo o que você e eu compartilhamos. E não queria te esquecer Menw — soluçou. — Sim — elevou o queixo, desafiando-o que olhasse para ela, — sou a garota do maldito coração quebrado. Perdi o homem que amava, e perdi o filho do homem que amava. Não fui boa para nenhum dos dois. Mas quero uma segunda oportunidade, quero que me dê isso e se for tão idiota para não fazê-lo, então os deuses e o caprichoso Cupido levaram um bom pedal quando nos acertaram com suas flechas. Se for tão idiota para me rejeitar, então não me merece. Mas não me diga não — rogou cheia de humildade, — não me diga isso ou… Não me rejeite ou ficarei em pedaços.

Daanna limpou as lágrimas com o antebraço. Menw seguia olhando para ela através de suas mechas loiras e douradas como a palha, com aqueles olhos de predador inteligente e excitado pela caça. Ela não suportava que a julgassem, não aguentava estar diante dele. Já disse o que necessitava dizer, e o homem não reagia.

— Não vai dizer nada? — sussurrou, cheia de vulnerabilidade.

Menw seguia sem responder. Desalentada como estava, não confiava que ele a aceitasse, que a quisesse. Envergonhada. Passou novamente o dorso da mão pela bochecha e afastou o olhar.

— Eu sinto… — murmurou, dando-se por vencida. — A vida não foi justa com nenhum dos dois… Desde o começo foi difícil. — Intumescida e insensível, com a alma fundida como uma lâmpada, virou para pegar sua jaqueta e lamber a ferida em um lugar onde ele não a visse.

Mas de repente, Menw a agarrou pelo cabelo negro sobre seu ombro e fechou seus dedos sobre ele.

Daanna ficou com a cabeça inclinada a um lado, olhando através de seus cílios. Aquela proximidade deu pânico.

Seus olhos de mulher eram uma linha verde desafiadora, *O que vais fazer?* se perguntava. Se

ele a tocasse para logo desprezá-la, ou apenas para castigá-la, cairia. Cairia pelo precipício e não veria nunca mais a luz, nunca mais.

Menw a atraiu para si com um puxão, com dureza, e jogou a cabeça para trás. Explodiram as presas na boca quando pôs as palmas das mãos sobre o peito nu.

— Você não vai daqui — sussurrou com raiva. — Nunca voltarei a deixá-la partir! Acabou o fugir como uma menina, ouviu? É minha e quero uma mulher do meu lado, uma como a qual acabo de ver, que se plantou diante de mim e me colocou em meu lugar. Temos problemas? Pois se os temos ficamos, não fugimos. Grite, me bata, me faça o que quiser, mas não vá nunca mais. Jamais volte a se afastar de mim.

Daanna não sabia o que dizer, não sabia o que fazer. Menw parecia um gigante nesse momento. Tão alto, tão grande, e largo… Com tanta pele por todos os lados.

— Isso escapa a meu controle, Menw… — sacudiu a cabeça violentamente. — Sinto que arruinei sua vida, e também a minha e a de nosso…

— Não se culpe jamais por perder meu filho, Daanna. Estou zangado por me ocultar isso, por isso sim. Odeio que não tenha me contado nada. Odeio não ter estado ali quando o sentia em seu interior, não ter acariciado e abraçado, não os ter protegido. Odeio que não veja o muito que a necessito. Tanto, Daanna, que até dói.

— Menw — gemeu pondo a mão na bochecha, — Menw…

— Quieta, *mo garrid* — disse com brutalidade, inclinando para olhá-la nos olhos, à mesma altura. — Odeio ter lhe quebrado o coração tantas vezes, e não suporto que tenha sofrido em silêncio a perda de Aodhan. Mas sabe o que mais odeio?

— O quê? — perguntou entre lágrimas, suas pernas fraquejaram.

— Odeio que não lute por mim um pouco mais — a sacudiu ligeiramente.

— Estou cansada! Dá medo seguir sentindo esta dor…

— Te esperei por toda a vida! Sempre! Não vê? Por muitas loucuras que tenha feito nunca deixei de te amar, por isso me arrebenta que queira ir e me deixar aqui sozinho, de novo. Não renuncie a mim, Daanna! Não renuncie a nós!

— Quer… quer ficar comigo? Não minta, por favor. Não brinque comigo — pediu, sem poder acreditar. Era muito bom para acreditar.

— Você o que acha, pantera? Mata-me ter passado dois mil anos sem a ouvir cantar. — A aproximou contra seu peito. Daanna pôs os braços no pescoço e afundou seu rosto em seu peitoral, chorando com uma desconsolada, com soluços rasgados, com palavras atropeladas de desculpas e de perdão.

— Perdoa-me, Menw. Perdoe-me, por favor… por tudo — pediu, afundando os dedos em seu cabelo e acariciando sua nuca até que enredaram em uma mecha um pouco mais grossa.

Como não a perdoaria? Ela era sua única verdade, a única que dava sentido a sua existência. Era a proprietária de seu coração.

— Tudo perdoado. Perdoe-me você — se inclinou sobre sua boca e roçou seus lábios com os seus.

— Sim. Perdoo, *mo priumsa.* — Jogou o pescoço para trás e deixou que Menw beijasse sua

garganta. — Espera… o que tem… o que é isso? — tomou a trança com a mão e a aproximou para inspecioná-la.

Menw sorriu e as bochechas avermelharam.

— O que? — sussurrou, surpreendida ao ver que seu vaniro se ruborizava como um bebê.

— Quando era pequena, dizia que queria que usasse algo teu — Daanna o escutava com atenção, — cortou uma mecha de cabelo e fez uma trança, recorda?

Daanna olhou a trança de Menw. Tinha mechas negras e loiras entrelaçadas. Nunca se deu conta dela. Estava tão oculta que jamais a viu. Os olhos encheram de lágrimas, para variar.

— A usou todo este tempo?

— Te amei todo este tempo, Daanna.

Oh, sim. Lutaria por ele até seu último dia de fôlego.

Lançou-se por sua boca, para beijá-la, mordê-la, lambê-la e sugá-la. Esmagou seus lábios contra os dele, procurando o calor e o refúgio do amor verdadeiro, do perdão. Recreou com os lábios do vaniro e com sua língua. Menw a apoiou no piano, desesperado por sentir sua pele e por demonstrar com seu corpo tudo o que as palavras não conseguiam alcançar, mas, por ser uma superfície tão lisa e tão redonda, o corpo de Daanna escorregava para baixo.

Algo explodiu nela diante dessa declaração. Seu coração dava saltos de alegria, sua pele começou a brilhar como se nascesse para uma nova vida. Os seios doíam e não suportava a sensação de vazio entre as pernas. Ardia.

— Menw… — levou as mãos a sua virilha e deixou a palma aí, esperando a que cedesse a dor.

— Oh, merda, Daanna… — ele não deixava de olhar como ela cobria o sexo com a mão. Tirou as calças e ficou de cueca negra. — Isso, se toque.

Daanna negou com a cabeça e mordeu o lábio.

— Não… é que… não aguento. Arde.

Menw a olhou de cima a baixo. Seria possível? Poderia ser que depois de liberar os segredos e declarações, depois de perdoar, os deuses fizessem da sua? Sorriu vitorioso, entendendo tudo. O *combarradh*, o nó, a marca dos deuses. Foram marcados, para vincular definitivamente como casal. Ao entender, o curador sentiu algo na parte baixa de seu ventre. Como uma queimadura. Menw desviou a vista para baixo. Incrível.

— Você é minha, neném. Prepare-se para acalmar os dois mil anos de ansiedade que me fez passar.

Agarrou seus braços e deixou que Daanna se apoiasse nele e apertasse as pernas com força. A garota deu uma lambida naquela garganta tão varonil, e antes que ele chegasse ao quarto já lhe enfiava as presas e bebia sensualmente, sorvendo com delicadeza, como drogada de desejo. Menw se apoiou na parede até que ela deixou de beber. Morria de gosto ao sentir as presas de Daanna penetrando em sua pele.

Deixou-a sobre a cama. Tirou o vestido, enquanto ela choramingava desesperada por ter ele bem dentro.

— Menw, *Ghon e meu gu dona*[56] — murmurou contra a colcha, dando voltas sobre si mesma.

— Eu sei, pantera. Relaxe, farei que você goste muito. — Tirou os sapatos e as meias. Apalpou a vendagem que ainda estava sobre a coxa e a tirou com delicadeza. As incisões das garras ainda eram profundas, embora cicatrizassem pouco a pouco. Com cara de arrependimento se inclinou sobre ela e começou a beijar cada corte e cada contusão daquela pele maltratada.

— Menw… — os olhos de Daanna se encheram de lágrimas diante daquele momento tão comovedor. Sentia sua boca ardente, beijando e lambendo cada incisão.

— Deveria ter te curado… — passou a língua no corte mais profundo, esperando que a saliva cicatrizasse e desinfetasse a ferida.

— Estou bem.

— Calma, neném, me deixe te curar — depois de prestar atenção à coxa, incorporou um pouco para desatar o sutiã e a pôs de barriga para cima, de cara para ele. — Nua, amor. Assim eu gosto. De quem são estes? — perguntou enquanto cobria seus seios com suas mãos e os massageava. — De quem?

— Teus, Menw, não posso mais…

— Não, não. Vai aguentar, guerreira — se colocou sobre ela. — Vou comê-los.

O loiro, que estava faminto, rodeou um mamilo com a língua e o torturou durante minutos até que esteve duro e muito inchado. Logo, abriu a boca sobre o outro mamilo e começou a mamá-lo com força. Mordia-o, lambia-o, sugava-o e logo começava novamente, até que esteve tão inchado como o outro. A jovem tremia e se roçava contra a virilha do vaniro, excitada e tão estimulada que o simples toque da pele a lançaria ao orgasmo.

— Teu corpo, Daanna. Cada centímetro... — desceu com a boca aberta por todo seu estômago, sem deixar de olhá-la, —... de pele, de curvas — lambeu os ossos dos quadris e os beijou com adoração, —... cada canto... — afundou a língua no umbigo e sorriu quando ela soltou um grito, —... escuro e tenro... — penetrou os polegares em sua calcinha e as deslizou até tirá-las pelos pés, deixando-a tão nua como uma Vênus, —... é para mim. Abre as pernas e mostra isso que tem aí.

Daanna assentiu, hipnotizada pela voz de seu cáraid. Abriu as pernas para ele, e mostrou todos os segredos. Menw se encheu de amor por ela e ela não sentiu nenhuma vergonha ao mostrar-se para ele. O vaniro colocou os ombros entre suas pernas, obrigando-a a abrir por completo. Daanna arqueou as costas ao sentir o fôlego de seu homem naquela parte tão íntima.

— É linda…

Baixou a cabeça e se banqueteou com ela. Abriu-a mais com os polegares e começou a lambê-la por todos os lados. De cima a baixo, de dentro para fora. Sentia seus estremecimentos e como seu ventre ficava em tensão; as pernas em seu interior e pegou tudo o que Daanna tinha para dar. Logo passou a língua de cima a baixo e torturou o botão do prazer, inchado e vermelho que levantava para ele. Menw tomou entre os lábios.

---

[56] *Me doi muito em gaélico.*

— Menw, morro! — gritou Daanna agarrando seu cabelo loiro.

Ele começou a rir entre suas pernas e elevou a mão para colocá-la sobre seu ventre.

— Minha, Daanna.

— Sim, sim…

Menw levantou o olhar para ela. Seus olhos azuis clarearam e brilharam maliciosos. Daanna o olhou por sua vez. Seu curador de largos ombros parecia um guerreiro conquistador, ali, entre suas pernas. Deu uma lambida lenta e pecaminosa de cima a baixo, sorriu e as presas apareceram entre seus lábios.

— O que vai fazer? — sussurrou Daanna sem forças.

Menw abriu a boca; com os braços a aproximou mais a ele e pôs as pernas sobre os ombros, e então, lançando pela comida, mordeu-a.

A Daanna faltou o ar e se esqueceu de falar e respirar, esqueceu de pensar e de tudo o que não relacionasse com o que Menw estava fazendo. Doía e ao mesmo tempo… Por todos os deuses! Era o melhor que fez! Mordeu o lábio e elevou os quadris para ele, se entregando por completo. Agarrou seu cabelo e permitiu que ele bebesse tudo o que quisesse. Quando parou, deu uma última lambida para fechar as incisões, e a beijou docemente enquanto ela era vítima de múltiplos espasmos orgásticos que percorriam seu corpo sem compaixão.

Menw se colocou em cima e… Zás! Daanna o tombou sobre a cama e se sentou escarranchada sobre ele. Se acreditava que ela permaneceria para sempre passiva, estava muito enganado. Inclinou lentamente, excitada até o extremo, e lambeu os lábios, para logo beijá-lo e colocar a língua, saboreando a si mesma em sua boca.

— O que me fez, príncipe? — sussurrou maravilhada sobre sua boca. Mordeu com as presas e sorveu a gota de sangue que saía do lábio inferior. Seus olhos verdes pareciam fosforescentes e seu cabelo negro caía como uma cortina de ébano em cima dos dois, cobrindo em um manto de intimidade.

— Me mata, Daanna. É como um animal selvagem que ainda está por domar. — Levantou uma mão e retirou o cabelo do rosto. Ela entrelaçou os dedos com ele e colocou suas mãos por cima da cabeça. — Minha pantera. Dói o ventre?

— Dói muito… aqui… dentro — assentiu, ronronando como uma gata.

— A mim também. Freyja vai marcá-la. Vai-nos marcar.

— Freyja pode meter um pau pelo traseiro, se quiser. Você é meu agora. — O agarrou pelo cabelo e virou a cabeça para expor a carótida. — Meu. Você gosta disso? — beijou e lambeu sua pele. Fez cócegas com as presas e o marcou com sucção.

— Mmm…

— E isso? — desceu com a boca aberta, acariciando com os lábios e lambeu um mamilo. Mordeu brandamente e também o beijou.

— Sim!

Daanna fez o mesmo com o outro mamilo diminuto e escuro. E desceu para o sul. Beijou seus abdominais, duros e definidos, enquanto roçava todo seu corpo com os seios. Estava ficando louca de dor e necessidade. Colocou os dedos pela cintura da cueca.

O toque das unhas de Daanna contra sua pele lhe arrepiou.

— Que sensível — murmurou ela, beijando cada parte de pele que revelava o calção.

Menw olhava para baixo, hipnotizado pelos movimentos de sua Escolhida. Liberou o membro ereto e duro como uma pedra. O segurou com as duas mãos e levantou uma sobrancelha, pedindo permissão:

— Faço o que você me fez?

— Faz o que quiser, pantera — grunhiu ele pegando seu cabelo.

Daanna lambeu a cabeça do pênis e provou a pérola de líquido na ponta.

— Melhor — assentiu para si mesma, — melhor que o pirulito.

Abriu a boca e o chupou como se fosse um sorvete. Estava saboreando como um doce e Menw estava desenquadrado. As carícias inexperientes de Daanna eram mais excitantes que nenhuma outra. Ela era a primeira que o saboreava. Acariciava com a língua e as presas, que às vezes roçavam sua pele com insistência, punham-no em guarda. Se Daanna o mordia aí, ele se descontrolaria. Não podia permitir. Não na primeira vez, mas ela parecia encantada. Não. Nem pensar.

Puxou-a pelos ombros e a afastou.

— Ouça!

— Logo. Estou no ponto, amor — grunhiu sem fôlego.

Girou e a deixou de quatro sobre a cama. Acoplou seu peito a suas costas e sussurrou todo tipo de doçuras ao ouvido.

Daanna assentia e dizia que sim a todas, enquanto acariciava a virilha e introduzia os dedos, para amassá-la e prepará-la.

— A mulher mais bonita do mundo. Minha Daanna.

Agarrou o membro e brincou com ela, esfregando contra ela como se fora uma língua.

— Não me faça esperar mais, *mo duine* — rogou ela impaciente, rebolando os quadris.

Rodeou o ventre com uma mão e a penetrou por trás como um pistão. Daanna lançou um grito e se rendeu a ele. A sua força, a sua doçura, a sua paixão e a sua raiva. Duas almas desesperadas que se entrelaçavam em uma, uma explosão de cores, uma batalha de vontade. Isso era fazer amor com Menw. As estocadas eram tão fortes que Daanna se encontrou engatinhando pela cama, com o vaniro investindo como um louco. Se seguissem assim, cairia do chão.

— Por todos os deuses, Menw! Não pare!

— Não. Não paro. — Levou uma mão a seus clitóris, para acariciá-la ali com um dedo, fazendo círculos rápidos, como um vibrador.

Ele estava a ponto de morrer subjugado pela aceitação daquela mulher. Daanna era vulnerável e atrevida. Doce, mas também agressiva. Era todo um coquetel de feminilidade e fortaleza que sorvia o cérebro e liquidificava o coração. Daanna era sua mulher, sua cáraid, era dele. Retirou o cabelo da nuca com a bochecha e a mordeu profundamente no pescoço, tão profundo como a dominava abaixo. Com esse pensamento gozou em seu interior, desejando que se dessa vez criassem uma vida, ele pudesse ser parte disso.

— Menw, vou a… — jogou o pescoço para trás e chorou quando começou a gozar. Algo em

seu ventre estava sendo marcado a fogo e queimava horrores, até que sentiu a palma da mão de Menw em cima desse ponto.

Estava com meio corpo fora da cama. Com a parte inferior do corpo em cima do colchão, mas apoiada pelos ombros e mãos no parqué já que foram engatinhando pela força das penetrações. Menw seguia sobre ela, embora se aguentava sobre uma mão apoiada no chão, por cima de sua cabeça, para não esmagá-la.

Havia lágrimas nos olhos de sua garota. Ainda seguia dentro dela, igualmente grande como antes. Não tinha suficiente. Massageou o ventre e deixou que ela sentisse até onde estava metido.

— Está bem? Fiz mal?

Daanna negou com a cabeça e sorveu pelo nariz.

— Não posso me mover — murmurou envergonhada. — Mais. Quero mais.

Capítulo 26

Daanna estava apoiada sobre o peito de Menw. Acariciava o nó perene que foi tatuado na pele, debaixo do umbigo, no ventre. No centro do nó brilhava uma pedra de cor verde clara. A cor de seus olhos. Em troca, em seu nó perene havia uma pedra azul escuro, como os olhos de Menw.

Os deuses os marcaram. Agora eram casal eterno. Suas almas se ataram e o fizeram por amor. O nó perene não saía se não houvesse amor verdadeiro, se não estavam realmente predestinados.

Acariciou o peito de Menw com sua bochecha e o beijou.

— O *combarradh* saiu em nosso ventre. — Menw acariciou seu cabelo, cheirando com fascinação.

Sim. O nó perene saía em uma parte do corpo que tivesse um significado especial para os envolvidos. Menw e Daanna foram pais falidos, e esse segredo era o que mais pesou entre eles. E, entretanto, era nesse segredo onde radicava a fortaleza do casal. A lembrança os faria fortes, por isso o nó estava em uma zona tão maternal.

— Para que recordemos Aodhan — murmurou a vanira.

Menw parou suas carícias e a abraçou com força, dando o carinho e o amor que nunca pôde expressar.

— É verdade que Aodhan falava com você? Conte-me o que dizia nosso filho.

Daanna se apoiou sobre seu torso musculoso, e o observou, com o rosto avermelhado e satisfeito de paixão.

— Aodhan. — Evocou a lembrança de sua voz. — Quando ele me falava, parecia que sorria. Era muito curioso, e perguntava —sorriu enternecida.

— Sabia quem era eu? — o brilho da ilusão se refletia em seus olhos.

— Sim. Ele via através de meus olhos e, quando eu te olhava, dizia-me: *Allaidh*[57] *é seu príncipe*. Assim que ele percebia o que eu sentia por você.

— Teria gostado de falar com ele — murmurou com tristeza.

— Por que não podia? Menw, por que meu corpo o rejeitou?

Menw passou a mão pela bochecha e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— É a ansiedade vanira. Uma mulher grávida está sobrecarregada e, se couber, tem muito mais fome que um vaniro em estado normal. A fome não saciada se converte em estresse, e o estresse provoca uma série de reações químicas em nosso corpo que liberam substâncias tóxicas para o feto. Quando a vanira tem seu casal alimentando-a, pode combater a ansiedade, mas você não tinha. Seu corpo se envenena e como dano colateral, envenena o feto, e então o organismo deixa de reconhecê-lo como algo dele, assim que o expulsa. Essa poderia ser uma razão. Às mulheres vaniras custam engravidar e esse é o motivo principal.

— É tão triste…

— Não se preocupe, na próxima vez tudo irá muito melhor. Outro motivo do aborto espontâneo poderia ser que quando seu corpo foi transformado nesta linda e pequena vasilha cheia de boa geleia — acariciou os quadris nus e se inclinou para beijar o lóbulo da orelha, — sofreu mutação dos cromossomos. Aodhan pode ter sido afetado pela mutação, e não sobreviveu à mudança nem às condições que o rodeavam.

Daanna assentiu com pena. Aodhan foi vítima dos deuses, igual aos dois. Acariciou o cabelo de Menw e disse:

— Às vezes o sinto comigo. Como se ainda estivesse em mim.

Ele levantou a cabeça e a olhou com olhos cheios de adoração.

— Daanna, sei que não é fácil entender, mas não quero que volte a se culpar pela morte de Aodhan. Não quero que faça. As vaniras têm muita responsabilidade com os bebês, e precisam estar muito controladas para não liberar muita adrenalina devido à tensão e à fome. Quero ajudar com esta causa. As pílulas são boas paliativas para a fome e controle da sede de sangue enquanto adultos não forem emparelhados, mas acredito… acredito — acrescentou com convicção, — que posso fazer o mesmo para tratar nossas mulheres grávidas. Dedicarei-me a isso imediatamente.

— É fantástico, Menw. Alegra-me tanto que seja um homem de ciência…

— Se excita?

— Venha já! É um pervertido!

Menw começou a rir, e quando se acalmou a olhava com tanta adoração que Daanna teve vontade de chorar.

— Ontem falei com Ruth e Aileen e...

— Eu vi princesa. Vi em sua cabeça. Está aberta a mim como um leque, Daanna. Sem reservas, sem medo e sem restrições. Foi incrível. Vi tudo e senti tudo. Seus dois mil anos não foram melhores que os meus, verdade, céu?

— Não. Não foram, mas tenha certeza que nunca me fecharei a você, Menw. Nunca mais.

---

[57] *Papai em gaélico.*

— Sei — apoiou sua cabeça loira sobre os seios de Daanna e ela o embalou com seus braços.

— Então... acha que Aodhan pode voltar?

— Não sei o que te dizer, neném. Acredito que seria injusto ter um bebê e esperar que seja Aodhan de novo quem ocupa seu corpo, não acha? Eu não gostaria que pressionássemos.

— Suponho que tem razão, mas não posso negar que eu gostaria muito de voltar a escutá-lo e senti-lo em meu interior de novo. É uma sensação que tenho. Não posso me desvencilhar dele.

— Tudo pode acontecer, mas no momento temos que ser realistas. É difícil para nós termos filhos.

— Menw, querido, deixou-me grávida de primeira — sussurrou sobre seu cocuruto com um sorriso incrédulo.

— Quando era humano — recordou. — Agora não sei como ficaram as joias da coroa depois de tanta ansiedade e tanto estresse. Posso ter a meus amiguinhos em estado letárgico ou catatônico, ou o que seja. Teremos que praticar muitas vezes — comentou em tom desenvolto.

— Muitas vezes? — a pergunta estava cheia de sorrisos.

— Sim. Já sabe, pela manhã, ao meio dia, durante a noite... Terá que despertar meus amiguinhos.

— Isso — pode ser muito duro, — seu tom estava cheio de diversão.

Menw era muito cara de pau e muito sem vergonha, e ela estava completa e loucamente apaixonada por ele. Quando não esteve? Nem sequer na pior de suas supostas traições deixou de amar, e tudo, porque os dois se pertenciam.

— Quer submeter seus amiguinhos a jornadas intensivas de sexo? — se inclinou e o beijou nos lábios.

— Não só sexo. Sexo animal, com uma pantera que arranha e grita, e faz que todo meu mundo se desmorone.

— Adulador — mordeu o queixo com carinho. — Me dará de comer algo que não seja vermelho? Estou faminta.

Menw sorriu como o príncipe das fadas que era, e assentiu. Pegou-a nos braços e a tirou da cama cobrindo-a com a colcha granada. Daanna se via muito bela, feliz e muito segura entre seus braços. Chegaram a sacada e saíram ao amplo terraço. O chão do terraço estava coberto por largas faixas de madeira tropical. A sua direita havia um pequeno compartimento privado sob um gazebo cheio de mimosas e jasmim. Sob o toldo, uma mesa com quatro poltronas de madeira acolchoadas em cor branca e cômodos sofás tipo chill out, cheios de almofadas e iluminados por velas. Pulverizadas por todo o terraço havia pequenas espreguiçadeiras com almofadões bastante macios. Em outro canto, uma sauna, e ao lado uma jacuzzi toda de madeira. Daanna não se fixou no canto cheio de conforto que Menw criou em seu lar.

— Eu gosto de sua casa, doutor.

Ele se ergueu como um pavão. Que a sua mulher dissesse que agradava o que ele construiu com suas próprias mãos o enchia de orgulho. Daanna e ele viveriam juntos se tudo saísse bem e ele desejava que se sentisse cômoda onde ele vivia.

— Me alegra que você goste. Mas se você gosta de meu estilo de decoração, quando

saborear minha arte culinária ficará sem palavras.

Piscou um olho enquanto a deixava sentada sobre uma das poltronas. E quando foi todo nu ao interior da casa para cozinhar exclusivamente para ela, Daanna entendeu o que era ser fã. Na realidade, sempre pareceu estranho esse comportamento nas pessoas, quando no início dos anos cinquenta as mulheres desmaiavam pelo movimento de quadris desse homem chamado Elvis Presley. Mas agora, ela podia dizer abertamente e sem nenhum tipo de vergonha que era uma autêntica fã de Menw, porque adorava como movia a pélvis, e com certeza o fazia muito melhor que o Rei do Rock. Sorriu pela lembrança e se acomodou na poltrona enquanto se tampava os ombros para não ter frio.

Ali estavam.

Selados.

Unidos depois de tantos anos.

Por fim, casal.

Em umas horas trocariam Mizar por Cahal, e pressentia que a troca não seria fácil. Como estaria Cahal? Em que condições? E por outro lado também pensava em Mizar. A humana seria devolvida a essas pessoas em quem já não confiava. O que fariam com ela? O que faria Mizar? Cumpriria o trato que fez com Caleb?

Menw se vestiu com uma calça negra folgada, ainda descalço e com um prato fumegante em cada mão. Deixou-os em cima da mesa. Abriu a geladeira que tinha em uma pequena despensa do mesmo terraço e tirou um vinho tinto Cabernet Sauvignon. Serviu a mesa com presteza e muito gosto diante dos olhos entrecerrados de Daanna, que vigiava cada um de seus movimentos.

Ficou diante dela e elevou um dedo, advertindo de que faltava ainda uma coisa:

— Fogo — disse em voz alta, como se estivesse chamando o ar.

Todas as tochas de gás que estavam estrategicamente repartidas pelo terraço se acenderam, e esquentaram o terraço em poucos minutos. Ele estava diante dela, de pé, e sorrindo com cara de *fica alucinada, né?*

— Tenho um potente programa de reconhecimento de voz em toda a casa e tenho também...

— O que mais tem? — sorriu, levantando uma sobrancelha.

— Tenho muito frio — disse, — compartilha a manta comigo? — perguntou como um bom menino.

Daanna levantou como se tivesse uma mola sob o traseiro e abriu a colcha para que ele se unisse ao seu casaco. Menw apreciou o corpo da vanira, nu e suave onde ele era duro, cheio de curvas e sabores, e o aceitou sem duvidar, ficando os dois embalados pelo calor de suas peles. Elevou-a e a sentou sobre seus joelhos para que pudessem comer na máxima intimidade.

— O que é isso? — perguntou, assinalando o prato de verduras.

— São verduras passadas pelo Wok[58] com molho de mostarda, geleia de pêssego e gergelim.

[58] *Utensílio básico da culinária asiática. Tem a forma de uma meia esfera metálica ou cerâmica, munida de duas alças ou de um cabo. Alguns woks têm o fundo plano, dando-lhe uma forma semelhante à de uma frigideira.*

Fez água na boca e passou a língua pelos lábios ressecados. Os vaniros eram vegetarianos, porque os deuses Vanir, seus criadores, adoravam os animais, consideravam-nos sagrados, assim que eles foram mudados também com essas particularidades.

— E isso? — assinalou o bolo que ainda fumegava.

— É bolo de baunilha e de limão, com chocolate negro fundido por cima.

— Mmm... uma explosão de sabores.

— Como você — beijou o nariz e espetou várias verduras com o garfo para oferecer.

Comeram entre sorrisos e novas confissões, olhando com adoração um ao outro, alimentando-se como casais vaniros. O passado ficou para trás, e juntos, de mãos dadas, decidiriam o que queriam fazer no futuro. Entre bocado e bocado se converteram em confidentes.

Falaram dos séculos passados, de tudo o que gostavam de experimentar juntos.

— Me diga algo que nunca fez e que você adoraria experimentar.

— Muitas das coisas que nunca fiz e que eu gostaria de experimentar já as fiz com você esta noite — respondeu com um cintilante brilho em seus olhos verdes.

— Mmm... — acariciou a coxa de acima a baixo. — Daanna, estou me esforçando para não levá-la outra vez à cama, assim, me distraia. Ela se meneou sobre ele e sentiu que estava duro. — O que passa? Não dorme nunca?

— Se você estiver perto, não — respondeu sinceramente.

— Bom, nesse caso, distrairei e aprenderemos autocontrole, de acordo? — passou a mão pelo queixo e pela covinha tão sexy e marcada que o dividia em dois. — Algo que nunca experimentei... — ficou pensativa. — Sim, já sei.

— Sou todo pênis. Digo, ouvidos!

Daanna morria de rir com ele, como quando eram humanos. Menw tinha um humor especial e a encantava.

— Bom algo que nunca fiz: *um baile de máscaras*.

— Um baile de máscaras? — perguntou atônito.

— Sim — sussurrou sonhadora. — Sim, desses de compridos vestidos de época, e espartilhos atrevidos, cinturas de vespa e muita, muita sensualidade. — Passou o dedo pelo prato da sobremesa e pegou os restos de chocolate desfeito.

— Neném, naquela época me matava — Menw seguiu seu dedo com isso. — Era incrível te ver aparecer entre as pessoas, Daanna. As saias se moviam de um lado ao outro, e logo estavam todos esses babados e os seios que mostravam muito, que subiam e...

— E eu que ficava sem respiração, desmaiando pelos cantos — esclareceu, levando o dedo cheio de chocolate à boca e lambendo. — O espartilho era uma aberração, Menw. Cortava a circulação e nos oprimia os pulmões.

— Sim, mas como ficava bem, condenada. Então, isso é o que você gostaria? Um baile de máscaras?

— Jamais fui a um — encolheu os ombros. — Daanna não podia sair de casa, recorda?

— Sei — confessou a contra gosto. Anotação mental: *Um baile de máscaras para a Daanna.*

— E o que mais você gostaria, linda?

— A verdade é que nada mais Menw. — Juntou sua testa à dele e beijou a bochecha que começava a cravar um pouco. — Só estar com você. Só estar juntos. Ser uma família.

— E fazer uma família?

Ela se afastou ligeiramente e mordeu o lábio inferior.

— Embora seja impossível com o Ragnarök às portas e todo o estresse que há ao nosso redor, se tiver oportunidade de ficar grávida, você gostaria, Daanna? Você gostaria de ter outro filho comigo?

***

Os olhos umedeceram.

Menw se levantou com ela nos braços e elevou o voo, repentinamente Daanna se agarrou com força a seu pescoço e apoiou a cabeça em seu peito, enquanto olhava maravilhada o espetáculo de luzes e cores que era a Terra durante a noite.

— Aonde vamos? — perguntou, desfrutando do contraste entre o calor da pele de Menw e o ar gelado que havia entre as nuvens.

— Olhar a Terra. Olhar os humanos, Daanna. Este é o mundo para o qual traríamos nosso bebê, se fosse o caso.

Ali nas alturas, tudo era silêncio. Os sons da cidade eram leves cacofonias mescladas com o vento. O rosto de Menw estava sério e suas palavras carregadas de responsabilidade.

— É o mundo em que nosso filho viveria ou tentaria sobreviver. Nossas condições não são fáceis e nem sequer o motivo pelo qual estamos aqui é justo. Na Terra nascem milhares de crianças humanas todo dia, como se fosse uma máquina reprodutora com vida própria. Os humanos não pensam no mundo para o qual trazem seus filhos, não se importam. Eles querem apenas o presente, seu filho, aquilo que faça sentir bem quando já nada pode fazer. Têm filhos porque acreditam que precisam ter, acaso não é o que rege a sociedade? São egoístas. Trazem para um planeta caótico em que nem sequer vivem, apenas sobrevivem. — Menw estava decidido a enumerar a quantidade de defeitos que a raça humana possuía. — Se matam entre eles, Daanna. E de um modo tão pouco honrado que me dá nojo. Fazem a distância, de onde podem proteger e fugir como covardes, fazem através de suas armas, suas bombas, seu vírus... O humano é carniceiro, ambicioso, gosta do poder. E nós vamos aqui os protegemos dos jotuns — riu de si mesmo. — O que aconteceria se deixássemos que acabassem com eles? O que aconteceria se permitíssemos que Loki implantasse sua lei a vontade? Se entre eles vidas são roubadas com suas armas, e seus problemas políticos arbitrários fazem que se odeiem os uns aos outros; se estão submetidos a um pedaço de papel no qual apoia sua frágil economia e se, inclusive, nem sequer respeitam a terra que pisam, o planeta que acolhe como sua casa, e o destroem pouco a pouco, mesmo sabendo o que estão fazendo com ele, o que há para salvar do ser humano? Que merda fazemos aqui, Daanna? A quem estamos dando nosso amparo? Quem nos protegerá deles?

A Escolhida se apertou contra seu corpo, enquanto observava o ir e vir dos carros e as luzes brilhantes da cidade. O que faziam ali? Menw estava certo em tudo o que dizia.

— Não acredito neles, Daanna. Não acredito no ser humano nem no mundo que criaram. E mais, até mesmo eles deixaram de acreditar em si mesmos, portanto, como se supõe que temos que defendê-los?

— Não acha que mereçam a salvação, Menw? — elevou seus olhos verdes e cravou seu olhar nele.

— O que você acha? — perguntou, olhando-a com atenção. Queria saber o que sua cáraid pensava a respeito, qual era sua opinião naquele tema tão controvertido entre os vaniros e os berserkers. Ninguém mais acreditava no ser humano, e sua missão carecia de valor quando não se acreditava naquilo pelo que se lutava.

— Acredito que há algo neles, algo que os tornam especiais. O ser humano é uma criação única, e os deuses estão aguardando a sua evolução. É verdade que são capazes de fazer coisas horríveis: são uns ignorantes daquilo que os rodeia, a maioria não vê além de seus narizes, e Loki os tem em suas redes. — Não sentia pena pela humanidade, nem sequer compaixão, porque eles mesmos lavraram a realidade que têm agora. — E nem sequer pode culpar Loki pela atitude humana. Está em sua natureza, está com eles, assim não foi difícil convencê-los para que entrassem no jogo. Loki criou uma sociedade em que prima a sobrevivência e em que se valoriza mais a segurança: o trabalho é o mais importante. Isso possibilita ter um lar, e ter um teto anima a criar uma família. Quando tem tudo isso, deixam de ter desejos e se limitam a fazer o mesmo todos os dias, e o medo de perder essa segurança os converte em mortos vivos. Cada hora, cada minuto de suas vidas, fazem movimentos repetitivos, como se fossem robôs. E não se dão conta de que a vida não se trata disso. Não sabem sair do sistema e, presos como estão, cheios de dívidas e de hipotecas, como vão se interessar pelo próximo? Sobreviver é o que mais importa para eles, porque o que têm não pode chamar de vida. Assim, fracassados como estão em conflitos de todos os tipos, como esperas sequer que se perguntem se nós existirmos ou se podem fazer algo mais para mudar as coisas, se eles nem sequer entenderem qual é o motivo de sua existência?

— Está os desculpando? — disse assombrado. — Daanna, o ser humano leva milhares de anos cometendo um engano atrás de outro, e agora seu planeta está a ponto de sofrer uma mudança radical por culpa de sua inconsciência. Está falando de uma sociedade em que metade da população é obesa e a outra morre de fome. A qual prefere seguir criando armas para ferir uns aos outros, só porque é um grande negócio, dá dinheiro e mantém aos governos. Fala de um ser humano onde poucos têm o poder e nunca lutam unidos por nada em comum, a não ser que seja algo que o incomode e que acerte seu próprio telhado. Não são empáticos, não são assertivos e não são solidários. O que vendem pela caixa tola que os tem hipnotizado não é solidário.

— Você é muito reacionário.

— E eles têm que aprender a ser — assegurou apaixonado. — Somente isso pode salvá-los. Não posso entender por que Odin e os seus confiam tanto neles — negou com a cabeça e olhou o movimento da vida que havia sob seus pés.

— A flor de lótus.

Menw ficou como pedra, e olhou aos olhos verdes brilhantes da mulher que estava entre

seus braços, como se a visse pela primeira vez. Quando falava com Cahal sobre o ser humano, seu irmão mais velho sempre dizia o mesmo: *Eles são à flor de lótus, Brathair*.

— Como disse?

— Por que Odin e os deuses confiam tanto neles? E eu te respondo: pela flor de lótus. A humanidade pode ser como essa flor que nasce em condições adversas dentre o barro. É uma flor de formosas pétalas rosadas que se abre ao amanhecer e se fecha quando chega a escuridão. Os humanos estão em condições adversas a cada dia, e não podem despertar da vida em que se veem inundados. E os poucos que conseguiram foram chamados de iluminados. — Daanna pôs ambas as mãos no rosto de Menw e obrigou a olhá-la. — Eu acredito neles, embora te pareça uma louca. Acredito neles.

— Por quê? Não há motivos para acreditar neles, Daanna. Estão muito longe de iluminar.

— Porque eu vi luz em alguns deles. Vi luz em Gabriel. Vejo luz em Ruth. E o que diz do resplendor de Maria ou das quatro humanas do Ragnarök. Elas não têm poderes, e são conscientes que podem morrer em qualquer ataque e, entretanto, estão ao pé do canhão. São vulneráveis e estão ali. São pequenas gotas no mar e parecem insignificantes, acreditam que não contam, mas inclusive o mar seria menor sem essas gotas, não parece? Acredito que o ser humano é valente, Menw. Acredito que não é fácil viver a realidade que eles têm, e estão aí. E mesmo sem ter a imortalidade como nós, seguem dando crianças ao mundo, sabendo que no dia seguinte podem não estar a seu lado.

— E isso não é um ato de irresponsabilidade?

— É um ato de amor criar vida e deixar que outra alma chegue à Terra com seu livre-arbítrio. Embora eles mesmos nem sequer entendam a responsabilidade que suporta trazer uma vida ao mundo. Sabendo que cada dia na terra é uma prova de fogo para eles, sabendo que são frágeis fisicamente e que muitas coisas poderiam arrebatar a vida. Mas fazem, Menw. Pode ser que não lutem pelo que têm ao lado, já perderam esses instintos e já não estão na época das espadas, escudos e flechas, quando saíam de casa e talvez não voltassem; mas são mortais, Menw, e o perigo está aí a cada dia. Agora se limitam a lutar só para poder sobreviver. Isso não é admirável?

— Continua — murmurou, enchendo-se da energia misericordiosa e compassiva de Daanna. Como se atreveu a dizer uma vez que não era nada disso? Daanna era sua luz, seu amanhecer.

— São lutadores. Alguns lutam para que suas famílias cheguem à frente, outros lutam contra a enfermidade, uma grande maioria luta para não morrer de fome, alguns outros lutam para salvar sua vida em guerras que, sim, também tem razão, foram pactuadas e preparadas por eles mesmos; mas os que estão ali brigando, não deixam de estar arriscando sua vida. Assim, qual problema se não saberem que existimos? E qual problema se acreditar em seres como nós, ou em deuses, ou no destino, seja para eles indícios de uma enfermidade psicológica? E daí se estão perdidos? Seguimos sendo mais fortes que eles, e apenas por isso devemos protegê-los. Porque eles são os mais débeis. O que nos diferencia dos jotuns é justamente que não nos aproveitamos de nossa superioridade para submetê-los. Para mim, os humanos são valentes porque mesmo conhecendo o mal e como estão perdidos, seguem adiante. A flor de lótus precisa ser forte para transpassar o barro, precisa ser pura para se abrir ao universo.

— Não dá medo trazer um filho nestas condições, Daanna? Ninguém sabe o que acontecerá ao Ragnarök. Viveremos? Morreremos? Morrerão? A terra será destruída?

— Tampouco sabemos o que pode acontecer amanhã. Somos imortais a nossa maneira porque, inclusive a nós, podem nos matar. E se amanhã sofremos uma emboscada? Mas também somos valentes, não? Não me dá medo, Menw. Beatha, Inis, Shenna… eles têm feito, ou ao mínimo, tentaram. E acredito sinceramente que nunca estaremos seguros. É nosso destino estar ali e lutar, o perigo sempre estará ao nosso redor. Só temos que nos amoldar à situação.

— Esperaremos até que tudo esteja mais tranquilo, Daanna. Já sabe que sou um pouco ansioso com tudo ao seu respeito, se eu souber que esperas um filho meu e está sozinha em algum lugar… — a beijou na têmpora e sussurrou. — Daremos um tempo, de acordo? Há muitas coisas que ainda não sabemos um do outro. O tempo nos mudou, temos nos feito mais forte e menos permeáveis, assim quero esse tempo para averiguar tudo o que não sei de você, mas eu quero aprender através de cada segundo, cada hora e cada dia de companhia a seu lado.

Daanna ruborizou e assentiu. Ela queria o mesmo. Sabia que queria ter filhos, mas também sabia que não os queria ter ainda pelos motivos exatos que enumerou Menw. Tempo era o único que sempre teriam.

— E se vier? Não usamos camisinha, Menw.

— Então, será bem-vindo.

— Bem — sorriu e beijou o queixo, balançando seus pés para frente e para trás. — Não se preocupe, Menw. Não temos que nos preocupar agora com isso, você também disse como é difícil para concebermos.

— Ou para nosso esperma ser fértil — a corrigiu ele.

— O que seja, amor. — Elevou o rosto para ele e esperou que beijasse seus lábios. — Então qual é seu veredicto?

Menw franziu as sobrancelhas, sem compreender.

— Sobre?

— Sobre eles — assinalou à Terra com um meio sorriso.

— Só tenho claro uma coisa, pantera. — Com uma mão riscou a linha das sobrancelhas e o nariz até acariciar o suculento lábio inferior. — Na luta contra os jotuns, no dia a dia de batalhas e brigas contra eles, nunca lutei em nome da humanidade. Quando estou no meio de uma briga, só me vem à mente o rosto de uma mulher picta de beleza entristecedora e coração de ouro. Uma mulher que uma vez foi humana e a quem os deuses transformaram só para fazer minha vida impossível e me provocar um TOC[59]. Eu só luto por você, em seu nome, cáraid.

O cabelo de Menw se revolvia pelo vento, seus ombros tatuados eram iluminados pela lua e as estrelas, e seus olhos azuis, ligeiramente mais escuros que os do céu ao amanhecer, refletiam uma devoção e uma paixão que nem sequer ela se atrevia a catalogar.

— Os humanos me importam uma merda, neném. Eu só cuido de você.

Daanna ficou sem palavras. Queria dizer nesse momento tudo o que sentia por ele, o muito

[59] Transtorno Obsessivo Compulsivo.

que o amava, como necessitava seu amor e seus cuidados, mas as palavras não eram suficientes para expressar o que na realidade sentia nesse momento. A plenitude e a hiperatividade em seu coração encheram os olhos de lágrimas.

— Vem aqui, cáraid — sussurrou, entrelaçando os dedos em seu pescoço e sussurrando sobre seus lábios. — Não chore, amor — brincou, sabendo que ela era a única que chorava. Beijou nos lábios e deixou que ele a colocasse em posição.

Menw grunhiu, o casaco bem como a colcha, que brilhava sob as luzes das estrelas da noite, e a obrigou a colocar suas pernas torneadas em volta de seu quadril. Agarrou as nádegas com luxúria e deixou que ela se esfregasse em sua ereção.

— O quer? Quer isto, pantera? — perguntou, lambendo o pescoço e balançando seus quadris contra seu sexo.

— Sim — sussurrou, afundando os dedos em seu cabelo, roçando seus lábios. — Tudo. Quero tudo.

— Tudo para você? — penetrou-a pouco a pouco, até que ela deixou que entrasse mais, até o fundo. — Tão bela, neném. Tão doce — a penetrou com suavidade, voando entre as nuvens e permitindo que estas roçassem suas peles excitadas.

Observou os olhos entrecerrados da vanira e sua alma gritou de alegria diante de tanta pureza e tanta entrega.

— Tudo para mim, guerreiro. Só para mim — respondeu ela apertando seus seios nus contra seu torso e marcando o ritmo em todo momento.

E ali, entre o céu noturno, com a lua como testemunha, os sons de uma terra cheia de atividade e ignorância do ser humano. Daanna e Menw fizeram amor, se entregando um ao outro, como se o manhã não existisse.

Capítulo 27

Dormia sobre ele. Dormia tão placidamente e tão segura como sentia um canguru na macia e tranquila bolsa de sua mãe. Menw penteava o longo cabelo azeviche da Escolhida, deleitando com sua suavidade e seu aroma. Sempre seu aroma. Tomaram banho com sabão perfumado de limão enquanto Menw arrancava gritos de prazer e a submetia a ele uma e outra vez. E agora, depois da ducha, os dois tinham o cabelo um pouco úmido. Não dormiram nada, e Daanna tentava enquanto ele estava submerso profundamente em seu corpo, agasalhado pela estreiteza de seu sexo. Aquela indomável mulher cobria seu corpo como se fosse uma manta.

Ela era toda pele e seda, delicada por fora quando ele sabia de primeira mão que em seu interior se achava uma guerreira valente, que sempre se pôs contra os ideais dos homens do clã. Uma mulher dura e valente. Menw sempre a imaginou como uma das personalidades do período

sufragista[60], encabeçando as manifestações de todas essas damas que reclamavam a liberdade sobre todos seus direitos.

E nesse momento, nem ela nem ele queriam mais liberdade que a de poder estar juntos e recuperar todo o tempo que as mentiras, o ódio, o orgulho e a dor os roubaram.

Beijou seu cocuruto e sorriu.

— Não dorme, amor? — perguntou Daanna com voz cantada.

— Se dormir não posso desfrutar de você, princesa.

Ele sentiu que ela se estremecia de risada.

— Ainda quer mais? — rebolou os quadris, surpreendida ao notar que ele estava semi ereto em seu interior e a enchia até o limite. Não pode ser…

Menw acariciou as nádegas e a acoplou a ele.

— Menw… — disse se queixando. — De verdade, estou cansada, não acredito que possa fazer outra vez. — Se incorporou sobre ele, pondo uma mão a cada lado de seu rosto e colocando todo o seu cabelo sobre um ombro. — Quando as garotas me verem, a primeira coisa que vão perguntar é onde deixei o cavalo.

Ele riu ao mesmo tempo em que negava com a cabeça.

— Não se preocupe, bebê. Vou deixá-la descansar e cuidar de você. Em algumas horas vamos fazer a troca entre Mizar e Cahal, é melhor estarmos em plena forma quando entrarmos ali.

— É todo um cavalheiro, que considerado — exclamou, fazendo teatro. Inclinou sobre ele e o beijou no queixo e logo na boca, — me levante, quase não posso me mover.

Menw a pegou pelos quadris e a levantou até que ele saiu de seu interior, todo úmido e escorregadio.

— Oh, merda, já sinto falta… — disse ele, fechando os olhos com pena.

Ela ficou estirada na cama de qualquer forma, enfraquecida como uma boneca de trapo. Olhou para o teto de cristal, e observou o céu. Já amanheceu. Em umas horas iriam à guerra. Pensar que seria uma troca pacífica de reféns era estúpido.

— Vou preparar um bom café da manhã — disse ele, levantando gloriosamente nu, — se cubra, pelos deuses, ou não respondo por mim. — Piscou um olho e sentiu bem ao arrancar um sorriso dela. — Não se mova daí. — Deu um beijo na bochecha e andou. — Descansa, princesa, e que não ocorra sair nua.

Que não ocorresse sair nua? Como se ela pudesse controlar quando se vestia. Nas noites anteriores não fez porque não se alimentou do sangue de Menw, que era o verdadeiro catalisador de seu dom.

Agora seu corpo estava cheio de seu sangue e se sentia agradavelmente saciada em todos os aspectos. Também sonolenta, porque, a quem queria enganar? Menw era um homem muito sexual e muito dominante. O que fez durante toda a noite estava proibido em pelo menos vinte países diferentes e estava deliciosamente agradecida por tudo o que despertou nela. Levantou,

[60] *O movimento pelo sufrágio feminino é um movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o sufrágio (o direito de votar) às mulheres. Participam do sufrágio feminino, mulheres ou homens, denominados sufragistas.*

doendo os músculos que jamais utilizou.

Enquanto bocejava, procurou no armário do quarto. Menw colocou ali toda a roupa que comprou dias antes, como se ela e ele já vivessem juntos. Deus, desejava estar com ele. Viver com ele. Supunha que essa noite que passaram juntos já dava por certo sua convivência? Teria que estar satisfeita tendo o nó perene como símbolo de sua união? As vezes que declarou seu amor falavam do passado, não do presente. Queria escutar de sua boca tudo o que sentia por ela. Disse que a necessitava e que não podia respirar se ela não estivesse por perto, mas, nessas palavras estava a autêntica declaração de amor que ela procurava? Nessa semana aconteceu de tudo e viveram todo tipo de experiências, sobretudo a maravilhosa experiência da reconciliação e o perdão. A redenção mais liberadora. Para ela era suficiente. Ela o amava com toda sua alma. Assim que entrasse no quarto, sem mais o puxaria pelo rosto e diria. Deuses, morria de vontade de ver sua reação.

Pegou roupa íntima de cor branca, calças jeans da marca Armani de cintura baixa, e um pulôver de pescoço de cisne de cor negra da mesma grife. Calçou Converse de pele de cor negra.

Queria estar cômoda. Estava cansada das botas de salto e a roupa ultra sexy. Agora que Menw e ela estavam bem, podia reconhecer abertamente que gostava de vestir assim para atormentá-lo, para que ele não pudesse afastar os olhos dela. E agora que se sentia formosa e que o curador a tocou de forma que a fazia ruborizar, não necessitava decotes, vestidos apertados nem sequer saias que pareciam cinturões. Além disso, iriam lutar, e ela preferia ter a liberdade de movimentos que a roupa casual dava.

Estirou na cama, com a vista cravada nas nuvens que cruzavam o céu. Adorava essa casa. Podia ter o dia sobre ela sem que fizesse nenhum dano, e a noite para seu total desfrute. Suspirou e fechou os olhos, relaxando e descansando nesse momento em que as mãos de seu guerreiro não estavam a enlouquecendo.

***

Toc Toc Toc.

Menw preparava as tortas de aveia e as verduras quando escutou o som da testa de Daanna golpeando o vidro. Sorriu, apagou o fogo e correu para procurá-la e tirá-la do teto. Que notícias sua vanira traria desta vez quando despertasse? Já contactou dois guerreiros: um vaniro e um einherjars. Um vivia em Chicago e se chamava Miya. O outro residia na Escócia, e seu nome era Ardam. Além disso, havia o tal Aingeal que ninguém sabia quem era e que pelo visto avisava aos clãs de sua chegada.

Quando chegou ao quarto, Daanna estava pendurada do teto, seu cabelo negro caía como uma cascata e seus braços também estavam lânguidos ao lado de seu corpo. Menw voou até chegar a ela. E rodeou a cintura com o braço e a nuca com a mão, para sustentá-la e baixá-la pouco a pouco até a cama.

— Teve um sonho, amor? — sussurrou ao ouvido. — Venha, volta logo porque já quero te ver.

Sorriu ao ver a sombra de seus cílios e a doçura de seus lábios.

— Abre os olhos, minha vida, e me deixe dizer o muito que te amo — murmurou, colocando-se sobre ela, em cima da cama.

Elevou as mãos a seu rosto e retirou o cabelo, mas ficou como pedra e o rosto empalideceu. Sua mão esquerda, a que rodeou sua cintura, estava manchada de sangue. Seu coração disparou, e olhou Daanna para ver se ela reagia ou sofria. Seu rosto não expressava nenhuma emoção. A virou com urgência para ver de onde saía o sangue e levantou sua camiseta negra até ver que, à altura do rim, Daanna tinha um buraco feito com algum instrumento pontiagudo.

— Merda, Daanna! Acorda! — começou a zangar-se. — Acorda, maldição!

Mas Daanna não despertava, não abria os olhos. Menw pôs seus dedos indicadores e anular na altura da aorta, em seu pescoço. O coração de Daanna bombeava exaltado. Estava muito nervosa. O que fosse que estava vivendo a deixou frenética, e ainda por cima a feriu.

— Vamos, neném, abre os olhos e me deixe curar. Por favor… — murmurou, ficando de lado para não machucá-la. — Daanna, não me faça sofrer agora. Venha, volta para mim, ao lugar que pertence.

Daanna explicou as particularidades de seu dom. Se a feriam no lugar no qual se encontrava caía, ficava ali. Precisava despertá-la. Devia se recuperar.

Daanna não só não reagia, mas, além disso, sua pele parecia gelo ao tato, de tão fria que estava. De repente, várias faíscas brancas emergiram da superfície de sua pálida pele. Levitavam ao seu redor e iluminavam seu corpo.

Menw podia sentir a energia. O que estava acontecendo?

Ficou sobre ela novamente ao ver que Daanna voltava a levitar como se fosse energia pura, iluminando o quarto.

— Ah, não! — Menw agarrou o rosto e a beijou com força. — Você não vai! Daqui não sai! — mas Daanna seguia levitando a dois metros por cima do colchão. — Daanna! Está-me ouvindo! Volta! Não vá!

De repente o corpo de Daanna impulsionou, e desapareceu de seus braços. O curador caiu de costas contra o colchão e ficou olhando o teto, um teto onde já não havia nada. Nem rastro de Daanna.

***

Partículas e explosões de cores. Um tubo luminoso que a transportava a outro lugar, outro momento, outro tempo. Aonde iria esta vez? Onde? Seu corpo se dividia em milhões de átomos e se juntavam ou se separavam dependendo da velocidade que adquiria aquele tobogã ou ponte entre dimensões.

Por favor. Por favor… Que alguém nos tire daqui. Não aguento mais.

Seu coração ficou oprimido ao ouvir aquela voz rasgada pela dor, uma voz rouca que era metade adolescente e de um homem. A dor que sentiu nesse rogo, também a feriu.

Por favor, por favor… Vem outra vez. Por favor… vai nos ajudar?

Ela não sabia se podia ajudar, mas tentaria a fim de não escutar nunca mais uma alma tão submissa e tão rendida como aquela.

O túnel de luz desapareceu e se viu prostrada de joelhos em um buraco escuro com aroma de ferrugem, sangue, suor e excrementos. Aqueles aromas foram o primeiro que seu olfato detectou e logo, inerente a esses aromas, o perfume do desespero e da violência. Apertou os olhos já que a luz daquele lugar era fluorescente e piscava continuamente, se balançando no teto torcido. Sua pele ficou arrepiada. Se ali vivia alguém, deveria estar louco, porque era impossível suportar essas condições sem perder a prudência.

— Olá? — perguntou em um sussurro enquanto se levantava.

Ninguém respondeu. Entretanto naquela ratoeira havia mais de uma pessoa. Ela podia escutar o som de suas respirações e inclusive o bombear de seus corações, todos acelerados. Estavam morrendo de medo.

— Olá? Há alguém aí?

— Não nos farão mais isso. Não nos farão mais isso… — repetia uma voz mais fina, como de menina, desesperada e morrendo de raiva.

Daanna olhou para trás para detectar a origem daquela voz, mas ao dar meia volta, sentiu uma estocada à altura dos rins. Alguém espetou algo pelas costas, como um áspero traidor carniceiro. Merda! Afogou o grito, e ficou de joelhos no chão.

Levou a mão à ferida e notou algo duro e metálico que atravessava a carne. Com um alarido o arrancou. Levantou de novo e focalizou sua visão noturna para descobrir finalmente os que viviam naquele buraco.

— Maldição! — exclamou a voz que se pôs em contato com ela. — Não é um deles!

— Como sabe, Brathair? — disse a suas costas a voz de menina. — Como sabe se é ou não é um dos caçadores? Os homens de bata branca virão, sempre vêm — choramingou histérica. — Ela é um deles.

Daanna ficou como pedra para ouvir a palavra em gaélica. Quem eram? Seu cabelo se arrepiou e um calafrio percorreu sua espinha dorsal. Os homens de bata branca? Mas onde estava?

— Me chamo Daanna — apressou a responder, olhando ao redor. Apertou os olhos para centrar melhor a vista, e vislumbrou muitas silhuetas, algumas agachadas protegendo-os uns aos outros. Outras só estavam ali, de pé, observando. As cabeças pareciam completamente lisas, sem cabelo. Alguns outros pareciam que foram tosquiados. Queria ver o rosto, mas não podia. Não pareciam guerreiros, ao contrário. Eram muito jovens, e estavam muito magros. Merda, eram crianças.

— Daanna? Daanna, o que mais? — perguntou o menino, surpreso.

— Daanna McKenna. Sou do clã keltoi da Black Country. — Se aproximou da luz, e se colocou sob o fluorescente para que todos os que estivessem ali pudessem vê-la. — Sou uma vanira.

Houve um silêncio tão largo e profundo que a estremeceu. Não ousou se mover. O ar estava carregado de medo e de desconfiança e se fazia qualquer gesto brusco poderiam atacá-la ou pior, poderiam fugir, e ela nunca saberia quem eram. Por alguma razão foi parar naquele buraco em

sua bilocação e ia descobrir o motivo.

— Daanna? — perguntou a menina com esperança. — A irmã de Caleb?

A Escolhida ficou sem respiração. Conheciam-na? Tragou saliva e assentiu.

— Quem são? Deixe-me ver. Vim ajudar. — Rogou. Mudou seu discurso substancialmente. Nessa situação não estava para dar mensagens a ninguém e menos a aqueles meninos inofensivos e desarmados de todo amparo; eles necessitavam que mostrassem como sair dali. Assim, se estava naquele buraco cheio de desesperança era para ajudar, não para dar um bate-papo e logo ir. Além disso, estava ferida e, portanto não poderia retornar a casa de Menw. Se a feriam nesse momento, nessa bilocação, seu outro corpo desapareceria. Era algo que entendeu na primeira viagem, quando recebeu, no túnel, todas as diretrizes que devia seguir em relação a seu dom. Menw daria conta de que estava bilocando?

Escutou o passo miserável de uns pés hesitantes. A cinco metros de onde ela estava, apareceu a silhueta de uma garota. Levava um ferro um pouco torcido na mão. Ela a feriu. Quantos anos teria? Quinze? Quatorze?

— Daanna? Daanna a Escolhida? — repetiu a menina com tom incrédulo. — Sim… — sussurrou. — Sim. Daanna a bela, sim… é você.

A vanira não sabia o que fazer, desejava que essa garota desse um passo à frente e se mostrasse.

— E quem é você? — perguntou docemente.

— Agora não me reconhecerá — disse a jovem, afetada por aquela notícia. Levou a mão esquálida à cabeça rapada e puxou o ferro olhando com confusão e asco. — Não… não sou bonita. Já não.

— Não é verdade — replicou a voz de menino que a chamou. Fez com tanta energia que Daanna pensou, confundida, que na realidade se tratava de um homem, de um guerreiro, não de um menino. — Todas, todas as que estão aqui — grunhiu com lágrimas na voz, — são bonitas, por fora e por dentro. Não deixe*, piuthar*, que façam acreditar o contrário.

O corpo da garota começou a tremer pela resposta de seu irmão, como se aquela afirmação entrasse em conflito com o que nesse momento sabia dela mesma.

— Por favor. Não me aproximarei, de acordo? — Daanna levantou a palma das mãos.

— Não me tocará — ordenou a garota com segurança.

— Não. Não a tocarei. A não ser que você me peça isso.

— Não acredito nas palavras dos adultos, sabe?

— Já vejo. Mas estou aqui para libertar. Têm que colaborar. Não sei quantos são, nem o que são, nem…

— Somos muitos, muitos. E não conhece a maioria.

Daanna assentiu e esperou que a jovem se aproximasse dela e se mostrasse.

Um pé descalço cheio de imundície apareceu no cerco iluminado do chão, e logo seguiu um joelho esquelético. Abaixou a cabeça rapada, mas era loira. Não podia ver o rosto. Vestia uma bata de laboratório rasgada por todos os lados e tão suja que há anos deixou de ser branca. Era uma garota alta e com as clavículas muito marcadas, estava muito magra. Seus punhos estavam

apertados a cada lado e várias cicatrizes cruzavam o crânio de um lado ao outro, como se fosse um diadema tatuado; nos antebraços havia um montão de espetadas; os joelhos esfolados, e feridas profundas no pescoço e nos nódulos, como se lutasse cada dia ou como se golpeasse os punhos contra a parede. Daanna teve vontade de gritar pela dor daquela garota.

— Estamos todos iguais. — A assegurou.

— Olhe, me olhe no rosto — disse Daanna. — Estão todos iguais, mas só você foi valente para se aproximar. Seja valente agora e levanta o queixo, menina. Mostre-me quem é na realidade — a incitou.

A jovem levantou a cabeça de repente e dirigiu um olhar afiado desde seus olhos marrons claros, tão grandes naquele rosto pálido e esquelético que parecia ter apenas olhos. Não perdeu as feições femininas. Possuía um rosto bonito que ressurgia entre a imundície, o sangue e o barro.

— É uma flor de lótus. Bonita, forte e pura.

— De que fala? Não me reconhece? — perguntou a garota com os olhos úmidos das lágrimas sem derramar. — Não se lembra de mim, Daanna? Uma vez me sentou sobre seus joelhos e cantou uma canção de ninar gaélica… Vê como não sou bonita? Já não me reconhece! Sou um monstro!

Daanna sentiu um golpe tão forte no peito que por um momento ficou sem respiração. Aquela flor de lótus possuía espinhos, como as rosas. Aquela flor de lótus esteve entre seus braços quando era pequena. Olhou-a bem, de cima a baixo, e de repente imaginou seu cabelo comprido, loiro e encaracolado. Sua boca em forma de coração, sorrindo permanentemente, e seus olhos marrons claros, rasgados para cima, como os de… como os de…

— Não pode ser. — Daanna levou uma mão à boca e a outra a fechou em um punho sobre seu coração. Os olhos encheram de lágrimas e seus olhos verdes se abriram impressionados.

— Diga, Daanna. Quem sou? — a desafiou a jovem.

Daanna tragou saliva, e deixou que as lágrimas se derramassem por suas bochechas.

— Daimhin?

A jovem apertou os lábios e virou o rosto para que Daanna não a visse chorar, para que nenhum dos meninos presos ali, a vissem naquele estado de debilidade. Mas por muito que não mostrasse suas lágrimas, Daanna sabia que estava chorando, porque seu corpo pequeno e magro não deixava de tremer.

— Daimhin? — repetiu a vanira dando um passo para ela, com pena e alegria ao mesmo tempo. Pena por ver o que fez com aqueles meninos, e alegria por encontrá-los e por saber que seguiam vivos. — Pode me abraçar, Daimhin? Necessito. De verdade que o necessito. — Daanna sabia que o orgulho não podia ceder tão facilmente, mas quando alguém se considerava forte como aquela menina cheia de dignidade considerava a si mesmo, preferia dar consolo a que a consolassem, porque Daimhin não queria agora nenhum tipo de compaixão.

A jovem vacilou ao vê-la soluçar daquela maneira. A Escolhida descobriu o rosto com suas mãos e não deixava de gemer e choramingar. Necessitava um abraço, ela o daria, porque odiava ver as pessoas chorarem. E aquela era Daanna, e a canção de ninar que cantou naquele dia impediu que enlouquecessem mais de uma vez, não permitiu que fossem levados pelo desespero,

mas seguissem vivos, nunca se rendendo. Cantava sempre.

Daimhin rodeou a cintura de Daanna e a abraçou. E Daanna já não aguentou mais. Baixou seus braços para ela e rodeou os frágeis ombros e sua cabecinha rapada, enquanto chorava com um lamento dilacerador.

— Está Carrick aí? — perguntou sobre a cabeça da menina.

Um menino, quase mais magro que a menina que agora se abraçava a ela como se fosse seu salva-vidas, chegou ao cerco que iluminava aquela cena, entre piscadas do fluorescente avariado. O menino era mais alto que ela, mancava e arrastava seu tornozelo esquerdo quebrado. Era loiro como seus pais, como sua irmã, mas os olhos eram completamente negros e com um brilho que prometia vingança. Era Carrick.

— A abrace você também, Brathair. A Escolhida precisa. — Daimhin olhava a seu irmão, esperando que ele reagisse.

Carrick abraçou as duas, e cheio de humildade, como só os homens valentes faziam, chorou com elas.

Daanna rodeou a ambos com força e beijou as cabeças raspadas. Que filhos da puta os que fizeram isso. Quanta vontade tinha de arrancar a cabeça e meter pelo traseiro.

— Mamaidh e Allaidh seguem vivos? — perguntou Carrick.

— Sim, guerreiro — respondeu Daanna olhando fixamente nos olhos unidos, — Beatha e Gwyn estão bem e nunca deixaram de procurá-los.

***

Menw estava desesperado. Daanna não entrara em contato com ele ainda. Mas como se atrevia a fazer isso? O laço empático dos casais vaniras dizia que estava bem, podia sentir. Mas por muito que tentasse comunicar mentalmente com ela, seu cáraid não respondia, não dava sinal. Onde podia estar?

Quando explicou o acontecido a Caleb, o vaniro se assustou tanto quanto ele. O que passou com sua irmã?

Menw explicou como o corpo de Daanna desapareceu em milhares de partículas de luz e como Daanna não respondia a seu contato telepático. Caleb disse que tentaria ficar em contato com ela para ver se entre os dois conseguiam algo. Agora, de caminho para o lugar da troca, sem Daanna ao seu lado, o medo e o temor de que ela pudesse estar sofrendo o comia.

Nem ocorra, Daanna. Nem ocorra perder agora. Nem sequer pense em me abandonar, ouviu? Não descansarei até te encontrar.

Seu iPhone soou e o tirou de sua conversa mental.

— Diga, Cal.

— Eu tentei, Menw. Mas as ondas telepáticas não fazem o trabalho que deviam fazer.

— E se estiver inconsciente em algum lugar? E se estiver…?

— Não. Você notaria. Se Daanna se desconectasse por qualquer motivo o notaria no nó perene, Menw. Começaria a desaparecer, e não é o caso, verdade? Menw levantou a justa

camiseta cinza escura. O nó seguia ali, precioso e único como Daanna.

— Segue aqui.

— Então, seja o que for, ou Daanna está aturdida…

— Quer dizer que a drogaram? — sua voz soava dura e cortante.

— Poderia ser, merda! Sim, poderia ser. Ou, a outra opção é que há algo embaralhando as ondas e impedindo que cheguem a ela.

— Algo que impede? Como o que?

— Um sistema de frequência que anula qualquer onda ao redor. Ideal para anular aos telepatas. Mizar nos explicou que o Newscientists tem todo o perímetro cercado com antenas que emitem ondas de frequências tão altas que anulam qualquer tipo de comunicação. Eles explicaram para convencer de que na realidade o utilizavam para confundir os vampiros e que ninguém soubesse nunca onde estavam.

— Essa mulher maltratou meu irmão, Cal. Não faça amizade com ela porque ou Seth a mata e os malditos vampiros, ou eu mesmo me encarregarei disso. — Caleb não respondeu.

— Não pode fazer nada que ponha em perigo a vida de seu irmão.

— Me importa um ovo, Cal. À loira estará ao meu cargo assim que tenha Cahal comigo, e se eu não a matar, não se preocupe, meu irmão o fará.

Menw pensou imediatamente em Cahal. Tampouco, podia se comunicar com Cahal há semanas, era como se algo o empurrasse para trás cada vez que tentava falar com ele. *Ideal para anular aos telepatas*. Se Cahal estava nas mãos do Newscientists, poderia Daanna estar ali com eles? Por que a feriram? Merda, pequena merda! Daanna poderia estar em qualquer lugar. Se bilocar era um prazer e viajava a velocidade supersônica, mas então, por que não fala com ele para tranquilizá-lo?

— Não penso ficar de braços cruzados, Cal. Isso não cheira bem e estou com muito medo por Daanna. Seguirei, ouve-me? Penso seguir. Por que não põe um localizador em Mizar e assim não perdemos o rastro?

— Já o fiz. Tem sob a pele do pulso. Não acredito que o notem.

— A bloqueou mentalmente?

— Mizar não vai esquecer nada. Em todo caso só bloqueei a lembrança da interrogação. E, além disso, está muito bem adestrada. Seu treinamento servirá de ajuda contra os ataques mentais que possa receber. É muito boa.

— É uma puta.

— Menw, se centre. Pode nos ajudar a partir agora.

— Pode me dizer como.

— Para começar, tentará anular a frequência de onda que se emite em todo o perímetro onde estão os outros sequestrados. Tem que entrar com eles nesse lugar.

— Não confio, Caleb.

— É a única mão que temos. Se descobrirem que nos ajudou, a matarão. É ela que coloca a vida nisso. Olha, seguiremos assim que tenhamos Cahal. Não vão fugir tão facilmente, mas antes, teremos que nos liberar da emboscada que vão nos preparar, entendido? Se você escapar antes,

vai por eles, de acordo?

— O que você disser, Caleb — afirmou. — Entendido.

— E por seus ovos, Menw, encontra minha irmã. Se acontecer algo não me perdoarei jamais.

— Está falando de minha cáraid, cara. Se acontecer algo, juro que eu mesmo acabo com a humanidade e levo Loki e a todo deus pela frente.

— Bem — o tom despreocupado de Caleb indicou que estava sorrindo. — Vejo as sete em ponto no Tun bridge Wells.

Capítulo 28

Mas quantos meninos havia ali? Eram todos vaniros, e provinham de outros clãs que Daanna não conhecia; de clãs de outras partes do mundo. Os Newscientists estavam por todos os lados? Certamente. Se o mal estava em todos, eles, que eram a personificação da maldade, com certeza estavam por toda parte também.

— Sabem onde estamos? — perguntou Daanna, tomando o rosto de Daimhin.

A garota negou com a cabeça.

— Viram algum logotipo ou algo escrito Newscientists?

— Sim. Os homens de bata branca levam algo em suas pastas com essa palavra.

Não posso acreditar isso, estou bem no olho do furacão, pensou Daanna, nervosa.

— Sei que estamos no subsolo. Quando nos expõem ao sol para ver como cicatrizamos rápido nos sobem ao exterior e nos descem em elevadores. Estamos no subsolo, com certeza.

— São levados à luz do dia? — Daanna apertou os dentes para não soltar nenhum palavrão. Ali havia crianças que não deviam ter mais de cinco anos. Eram tão pequenos.

Menw, Menw não pode me ouvir? Tento contatar com você e não me diz nada. Vou ficar de saco cheio.

— Isso é o mínimo que fazem — assegurou Carrick apertando os punhos.

— Os alimentaram?

— Não há semanas. Alguns de nós mordemos para beber, embora seja nosso próprio sangue — explicou Carrick sem nenhum tipo de vergonha.

Era seu modo de sobreviver, assim não havia nada pelo que ruborizar-se.

— Deram sangue humano? — perguntou Daanna, temendo.

— Não querem nos converter, querem testar conosco — disse o jovem. — Não servimos como vampiros, para isso já convertem os humanos. Querem nosso sangue, e o mesclam em provetas. Há outros buracos como este. Há bersekers, meninos bersekers a uns metros daqui. Há outro buraco com híbridos, pode acreditar nisso? São uma mistura de vaniros e bersekers.

— Posso acreditar — sorriu Daanna, consternada por tudo o que escutava. — A mulher de meu irmão é uma híbrida.

— De verdade? — perguntou Carrick.

— E co…? Como é? — Daimhin aumentou os olhos.

— É… linda — disse Daanna, recordando com carinho a Aileen. — Uma mulher excepcional.

— Sim, mas esses híbridos não nasceram naturalmente — explicou Daimhin com dor. — Obrigam garotos e garotas a ter…

— A ter relações? — perguntou Daanna com suavidade.

Daimhin assentiu com a cabeça.

— Vaniros e bersekers?

— Sim.

— Onde estão?

— Por todas as partes. Neste corredor estão os autênticos, os de verdade — contou Carrick. — Acima têm algo que chamam Memory… Fazem cópias de nós.

— Réplicas? — Daanna pegou Carrick pelos magros bíceps. — Clones? — Carrick não sabia o que queria dizer isso, mas explicou:

— Podem parecer comigo, mas não são como eu. Não têm alma. Lá em cima tem uma fábrica em que nascem todos esses clones, e pode haver muitos. São como um exército.

— Há pouco pegaram Cahal — sussurrou Daimhin. — Vimos, Daanna. Tentamos falar com ele, mas não nos deixaram.

Daanna olhou à garota com os olhos abertos. Muita informação. Tudo isso era muito perigoso. Cahal estava aí?

Menw, estou onde está seu irmão, ouve, querido?

— Onde o viu, exatamente?

— Nas salas contíguas, onde fazem todas essas coisas. Havia umas garotas que ficavam com ele e lhe faziam mal — gemeu, recordando o que viram seus inocentes olhos. — Mas ele não chorava. Ele… ria delas.

— Quando foi isso?

— Não sei… — fez negações com a cabeça. — Aqui não controlamos como passam os dias. Não podemos averiguar se foi de dia ou de noite. Não sabemos nada. Só sabemos dos homens de branco que vêm por nós. Nós podemos adivinhar quanto estão por chegar.

— Como o controlam?

— Contamos — disse simplesmente. — Contamos os segundos.

Odiava aos Newscientists. Odiava a cada humano que cedeu ao poder e a escuridão. Odiava a cada vampiro e a cada lobacho que causou dano e maltratou a um dos seus, mas, sobretudo, odiava os originários: Seth e Lucius, os vaniros que cederam na primeira mudança. E se estivesse em sua mão, prometia eliminar um dos dois, e se fosse Seth, seria muito melhor.

— Quem se encarrega de contar?

Daimhin assinalou uma esquina daquele buraco. Os olhos de Daanna se adaptaram à escuridão e agora podia ver todos os perfis desfocados ali. Vultos. Pessoas. Meninos. Havia dois gêmeos, de uns doze anos, de olhos cinza e cabelo negro, que iam e vinham, com o olhar perdido, ambos apresentando fortes convulsões.

— Os gêmeos contam.

— Quanto? Quanto contam?

— Em torno de um milhão trezentos e oitenta e dois mil segundos.

— Dez… dez… seis dias — murmurou um dos gêmeos enquanto arranhava nervosamente o nariz.

— Que… ficam… cento-to… oitenta… segundos…

Os meninos ficaram em guarda e ficaram todos em um canto. Daanna tentou acalmá-los e foi para eles. Pelo menos havia cinquenta meninos vaniros e nenhum era maior de idade. De onde os tiraram?

— Escutem — levantou as mãos para acalmá-los. — Quantos homens vêm para vocês?

— Cinco homens — contou Carrick. — Antes vinham vampiros com eles, mas agora, já não temos força nem sequer para caminhar, assim que os que vêm por nós são humanos.

— Há câmeras nesse buraco? — olhou para cima.

— Eles não as põem porque sempre as arrancávamos — contestou Daimhin.

— E dizem que são humanos? — repetiu Daanna incrédula. — Os cinco homens vestidos de médicos que vêm a fazer mal?

— Sim — disse uma criança, aterrorizada, com as maçãs do rosto esqueléticas.

Daanna compreendeu que maltrataram aos meninos de muitas maneiras, mas a mais dolorosa era o mau trato psicológico. Eram vaniros. Meninos fortes, de grandes dons e habilidades, mas estar submetidos durante tanto tempo pelos membros do Newscientists os debilitaram e fez acreditar que valiam menos.

— Bem. Este é meu plano. Não tenho ideia de como sairemos daqui. Mas vou mostrar o que eu faço com os ratos, de acordo? Vamos deixá-los entrar, vocês não se moverão deste canto em que estão. São como uma parte grande de queijo, quando eles se aproximarem para comer, eu os esmagarei. — Seus olhos verdes clarearam e seus dentes se alargaram. — Não olhem em nenhum momento para onde eu estou. Eles não deverão saber que há mais alguém com vocês.

— Daanna, nos tirará daqui você sozinha? Sabe lutar? — perguntou Daimhin com um brilho esperançoso em seus olhos marrons.

— Farei todo o possível para defendê-los. Sei lutar, sou como Uma Thurman em *Kill Bill* — disse. — Sim, já sei que não sabem quem é, mas fiquem tranquilos, quando sairmos daqui veremos juntos o filme e darei de presente algumas katanas, certo? Quem se mete com os meus, mete comigo — piscou um olho e se escondeu entre as sombras.

Não demorou nada em escutar o passo pesado daqueles homens. Não sabia por onde iriam entrar já que não via onde estava a porta de entrada. Escutou risadas e comentários jocosos sobre os detentos e então, uma raiva descontrolada percorreu seu corpo.

— Vamos pelas mucosas — disse um. — Primeiro as meninas. Tenho vontade de colocá-las sobre meus joelhos. Ouviu como choravam no outro dia?

— Está doente, Matt — contestou o outro.

— Já, claro, James, ao menos eu não gosto dos meninos — contra-atacou o outro.

Aqueles homens abusaram desses meninos de todas as maneiras possíveis, obrigaram a cometer atos depravados entre eles e contra si mesmos. Havia perdão para eles? Havia redenção

quando se tratava de meninos inocentes e indefesos? O ser humano também era capaz do pior e segundo ela, esse tipo de ato, repetido e sempre contra o mais inocente, não tinha perdão. Não. O homem que tem alma de demônio, terá alma de demônio sempre, não se pode reciclar, jamais.

Viu tudo vermelho: pintado de sangue, vermelho ira, vermelho vingança. Respirou profundamente e fechou os olhos. Tentou se tranquilizar, ao menos, até que entrassem no buraco. Nesse buraco onde estavam várias almas que foram quebradas à força e dobradas contra sua vontade. Ela as vingaria e estava orgulhosa de ser a Escolhida para isso.

Uma comporta metálica se abriu de par em par, justo no centro daquela cela. Daanna podia ver o rosto de pânico dos meninos quando viram entrar o primeiro homem, vestido com um traje branco e botas negras. Era um homem obeso e calvo, e levava na mão um porrete elétrico.

— Onde estão os meninos? — perguntou com voz asquerosamente cantada.

Quatro homens entraram atrás dele. Dois deles eram magros e muito altos, o cabelo de cor negra penteado para trás, e passavam a língua pelos dentes amarelados. E os outros dois eram de estatura média, um loiro e outro de cabelo castanho com umas entradas que quase chegavam ao cocuruto. Todos foram carregados de Tásers, armas que ao entrar em contato com o corpo provocavam descargas elétricas.

— Onde está, guri? — perguntou o obeso. — Carrick? Vem com papai. — Uma faísca elétrica azul surgiu do extremo do porrete.

James, pensou Daanna horrorizada e com o estômago cheio de acidez.

Os dois mais altos acenderam as lanternas, e Daanna voou, não sem dificuldade, até ficar escondida no teto, justo onde a luz não a iluminasse. Ali havia umas aranhas do tamanho de seus punhos. O que acontecia nesse buraco? Parecia que tinha uma gravidade muito mais pesada do que o normal, daí que era difícil voar. Certamente era para que os meninos não desenvolvessem seus poderes, para tê-los sempre cansados e sem energia.

A lanterna enfocou os jovens vaniros. E os meninos vaiaram e se encostaram uns contra os outros, para se esconder da luz e da maldade daqueles homens. O cara de cabelo com entradas girou e pôs a mão em uma pequena tela de plasma que espetou na parede, no interior da rocha. As comportas se fecharam.

— Vamos à caça. As meninas são minhas — disse este.

Matt, grunhiu mentalmente Daanna. *Agora são meus, filhos da puta*. Aqueles humanos desfrutavam do jogo de caçar. Sabiam que os meninos eram inofensivos, que seus poderes nem sequer estavam de tudo desenvolvidos e que suas forças minguaram devido à falta de alimentação. Esses homens gozavam abusando dos mais débeis, dos pequenos, dos indefesos. O que se supunha que devia fazer com eles? O único que queria era arrancar a pele a tiras e vingar a inocência roubada dos seus.

As meninas começaram a gritar, inclusive antes que os homens se aproximassem. Mas Daanna não permitiria que sentissem medo nunca mais. Correu pelo teto, e arrancou o fluorescente.

O buraco ficou às escuras por completo. Os homens iluminaram para cima com as lanternas e advertiram que o fluorescente já não estava.

— Que merda…? — murmurou Matt.

Daanna tinha aos cinco homens controlados. Eles não a viam; movia como uma gazela de um lado ao outro, mais veloz que o próprio vento. Menw mostrou os pontos de pressão Sipalki e esses homens iriam experimentá-los em seu próprio corpo.

Foi pelos mais altos, que eram os que iluminavam os pequenos para que os outros pudessem fazer cachorradas. A um deles jogou a lanterna e agarrou pelo pescoço. Continuando, pressionou com força um ponto dentro da orelha. O tipo ficou imóvel, sem poder gritar, sem poder mover. Os outros quatro ficaram nervosos.

— O que faz, cara? Ilumina, merda. Não vemos nada!

— Ei cara já não responde — disse Daanna com frieza, enquanto agarrava ao outro possuidor da outra lanterna, e pressionou um ponto entre o pescoço e o ombro. O homem entreabriu os olhos para cima e começou a jogar espuma da boca. Daanna tomou os dois porretes elétricos que caíram ao chão.

Os três corriam pelo buraco ao ver que havia uma mulher com eles e que estava disposta a arrancar a cabeça, mas não viam na escuridão e tropeçavam ou se chocavam contra as paredes, o loiro arrebentou o nariz em uma delas e ficou meio nocauteado no chão.

— Vou por você, Matt — murmurou Daanna.

Lançou-se contra aquele homem pestilento e seboso, e dedicou a atormentá-lo. Primeiro pressionou o ponto Sipalki que o deixava imóvel e o agarrou sem esforço até colocá-lo diante dos outros dois que Daanna deixou petrificados e ajoelhados em um ponto fixo. Os olhos verdes de Daanna cintilavam na escuridão.

Bloqueou a James e o imobilizou também, colocando diante dos outros três, fazendo um quadro perfeito. Quando os teve situado como queria, girou para falar com os meninos.

— São estes os homens que dão medo? Os que têm feito mal?

— Sim — disse Daimhin com seus olhos marrons brilhantes na escuridão.

Daanna olhou os quatro enquanto controlava pela extremidade do olho ao loiro que seguia inconsciente no chão. Agarrou as duas lanternas e as cravou no teto, de maneira que os quatro despojos humanos ficassem iluminados.

— Assim verão o que vou fazer a cada um de vocês — sussurrou Daanna. — Comecemos. — Ficou atrás do mais alto e, sem pensar duas vezes, agarrou um braço e o torceu para trás fazendo alavanca até quebrar.

O homem não podia gritar de dor. Nenhum dos quatro podia articular palavra. Daanna pressionou os pontos certos para que não pudessem pensar nem mover, só sentir. Assim que o rosto do homem se voltou escarlate e ficou vesgo.

— Dói, verdade? — Daanna agachou para recolher a metade quebrada do fluorescente, — isto doerá mais. — Enfiou no homem pelas costas e Matt e James puderam ver como o extremo do cristal saía pela parte dianteira de seu peito. — Morto. Assim fácil. Vê quão rápido se vão daqui, humanos? — Daanna agarrou o outro extremo do fluorescente e se dirigiu para o outro moreno do cabelo penteado para trás. — Fizeram esses meninos acreditarem que são mais poderosos que eles, quando eles aguentaram coisas piores das que eu estou fazendo. Quem é o

frágil aqui? Quem é o fraco aqui? — agachou e introduziu a mão no corpo, à altura do rim, até tirar os órgãos. — Um vaniro é o ser mais predador que há no mundo. O único que fazemos é defender, defender sua raça. E assim nos agradecem isso? — bateu em Matt e James com os órgãos do homem morto, — me façam acreditar que são mais fortes do que eu, vamos! Covardes! — mostrou os dentes, furiosa com aqueles indivíduos. Furiosa com aquela realidade que permitia tanta injustiça e crueldade para os menores. O pior era que os culpados nem sequer eram vampiros ou lobachos, eram seres humanos. Teria razão Menw ao perder a esperança neles? — Torturou e os sodomizou, sobretudo você — apontou a James, o obeso. — Com você falarei logo. A questão é que — Daanna baixou as calças brancas de Matt e o tombou no chão, de boca para baixo, — quero dar de seu próprio remédio. — Deixou o homem de cueca. — Quando um homem como você abusa de uma menina pequena, grande filho da puta — grunhiu Daanna, — a dor que se sente é esta. — Levantou o pé e pisou com força entre as pernas. Repetiu o movimento vinte vezes seguidas, sem fôlego, sem remissão... o homem tremia e estava em choque quando Daanna deixou de chutar as partes ignóbeis.

Daanna jamais sentiu a dor e a cólera da indignação. Chorava por todos esses meninos enquanto chutava os corpos desses fetos do diabo. Converteu em sua vingadora. Era a vez de James: o colocou de quatro no chão. Os homens eram manequins, bonecos de trapo nas mãos da vanira. Baixou as calças e deixou o traseiro granuloso exposto. Empunhou o porrete elétrico e disse: — Agora vai saber o que se sente, pervertido. Verá como vai gostar. — Com um forte empurrão, colocou o porrete no ânus. Seguro que o esmigalhou. O homem avermelhou e lágrimas de dor caíram dos cantos de seus gordinhos olhos de viado. — E agora, o final. — Com a outra parte dentada do fluorescente que levava na mão, abriu a boca de James e o trespassou.

Os três homens estavam mortos, o quarto, Matt, que tinha os testículos amassados como se fossem mingau, respirava com dificuldade e estava pálido. O quinto que se deu contra a parede, seguia nocauteado no chão.

Tiveram mortes desonrosas, pouco dignas, mas era o mínimo que mereciam aqueles que trataram com indignidade a outros. Sobretudo as crianças. Os que desfrutavam humilhando os mais indefesos mereciam uma humilhação maior. Naquela vida não aprenderiam a lição se não fosse daquela maneira, indo ao outro lado com a dor e a vergonha do que ela fez. Para Daanna inclusive, sofreram muito pouco, menos do que ela desejou. Sentia-se melhor por ter vingado os meninos? Por um lado, é óbvio que sim. Embora o que a faria sentir melhor de verdade seria a recuperação total, tanto física e emocional daquelas crianças que eram como ela, que eram dos seus.

— Daanna? — disse Daimhin com voz tremente.

— Sim? — respondeu Daanna, ainda cheia de cólera.

Daimhin se aproximou dela até que a luz das lanternas a iluminou. O olhar cravado em Matt. — Segue vivo? — perguntou a jovem, sem afastar a vista de sua virilha.

Havia um atoleiro de sangue debaixo dele. Daanna assentiu. Daimhin levantou o pé, e pisou ao homem tal e como fez sua heroína.

Enquanto gritava como uma possessa, com toda a raiva e frustração que sentiu todos esses

anos. A jovem agarrou um dos porretes do chão e começou a golpear a cabeça com ela. Matou no quinto golpe, mas a menina seguia golpeando, cega de dor.

Daanna a separou dele, pegou o porrete e a abraçou com força.

— Quieta, querida — beijou sua cabeça raspada. — Já está, céu. Já está. — Daimhin afundou o rosto em seu peito e chorou com desespero. Mas não podiam seguir ali, precisavam sair. Daanna retirou o cabelo do rosto, e afastando dos homens à filha da Beatha, perguntou.

— Aonde levavam?

— Ao andar superior — Daimhin secou as lágrimas do rosto com o antebraço, com toda a dignidade que foi capaz. — Espetavam com as agulhas e tiravam sangue. E também nos cravavam coisas na coluna vertebral e nos tiravam um líquido.

Medula espinhal, pensou Daanna.

— Sabem me levar até onde se encontra Cahal? — Daimhin assentiu com a cabeça.

— É no primeiro andar.

— Bem. Em marcha.

Os meninos vaniros rodearam os cadáveres dos quatro humanos, e os olhavam sorridentes, com tanto desdém e tanto ódio que era incrível que os corpos não incendiassem.

— Vamos com você? Nos tirará daqui? — perguntou Carrick, assombrado pelo desdobramento de força vanira que viu na Escolhida.

— Eu disse que tiraria daqui, não? Confiem em mim, não quebro minhas promessas — falou.

Para eles foi fácil segui-la. Daanna matou em poucos minutos seus cinco principais carrascos. Dessa forma, os meninos assentiram e se colocaram atrás dela.

Parou diante do loiro que se golpeou tão estupidamente contra a parede. Pressionou um ponto que o deixava insensível à dor. Levantou o braço e partiu o pulso, para logo, com um movimento mestre, arrancar a mão do corpo.

— Empresta. Vou necessitar — disse.

— Também os olhos — sussurrou Carrick. — Nas salas de cima põem o olho em uma máquina onde sai um feixe de luz e então deixam entrar em todos os lugares.

— Reconhecimento de retina. Bem. — Daanna pegou o loiro pela lapela de sua camiseta branca. — Onde estamos? O que é este lugar? — perguntou, hipnotizando com os olhos verdes fosforescentes. — Diga isso, agora.

— Abaixo de West End, perto do FolkEstone.

— Onde, exatamente? — rugiu Daanna.

— É Ca… Capel Battery.

No Capel Battery? Que filhos da puta!

Durante a segunda guerra mundial, nas costas inglesas do Canal da Mancha se utilizou uma rede secreta de túneis a modo de hospitais e zonas de vigilância, que avisavam da chegada de navios e aviões inimigos que se aproximassem dos escarpados do Capel-le-Ferne. Então utilizaram aquela rede de túneis para se esconderem? Desde quando estavam ali? Se verdadeiramente se encontravam ali, estariam sepultados a uns vinte ou trinta metros debaixo da terra. Aquilo era incrível.

— Quantas câmeras há lá fora? — perguntou.

— Duas, ao fi… final do corredor — falou o loiro.

— Como saímos daqui? Há alguma saída de emergência? — Daanna rodeou sua garganta com a mão.

— No an-andar de baixo. Há uma passa… passa-gem que de-deixa… nos escarpados. Não me mate!

— Como chegamos até ali?

— O elevador vermelho da planta superior... leva até o túnel.

— Quantos guardas de segurança há lá em cima?

— Dez.

— Vampiros? Lobachos?

— Não sei… não sei quantos ficam agora. Não há ninguém ali.

— Seth e Lucius estão aqui?

— Eu… Não-não sei. Acima só vi o senhor Sebastián, em seu escritório. Glory e o senhor Hummus estão com o loiro, o vaniro que ri de todo o mundo. Querem dar um trato especial. — Daanna negou com a cabeça, assustada por seu amigo Cahal, pelo irmão de seu cáraid. — O que queria fazer Hummus com ele? — Daanna levou sua mão à garganta daquele homem e a partiu, provocando a morte. Logo afundou um dedo em seu olho e o extraiu. Tudo o que estava fazendo era asqueroso, mas ao mesmo tempo, não sentia nenhum remorso por seus atos.

Pôs a mão sobre a tela de plasma. Esta se iluminou e disse uma voz eletrônica:

— Acesso direto.

A porta se abriu. Daanna colocou a cabeça para ver onde se encontrava exatamente. O chão do corredor era cimentado e as paredes cobertas de tijolos. Três elevadores muito amplos permaneciam com as portas abertas esperando que alguém os utilizasse. Cinco abajures fluorescentes estavam pendurados nas paredes. Ao fundo do corredor se divisavam as duas câmeras negras que se moviam de um lado a outro, vigiando o perímetro.

Precisava atuar rápido.

— Fiquem aqui um momento — ordenou.

Correu à velocidade da luz até saltar sobre as câmeras do final do corredor e as desconectar, arrancando-as do teto. Os guardas não demorariam muito em comprovar que deixaram de funcionar. O primeiro que devia fazer ao ter as câmeras fora de funcionamento era abrir os outros buracos. Daanna pôs a mão nas seis comportas que havia nesse corredor.

— Saiam, saiam todos! — exclamou Daanna insuflando coragem. — Vim libertá-los. Sou Daanna McKenna, do clã vaniro da Black Country. Saiam! Não temos muito tempo!

Pouco a pouco, cabeças raspadas de todas as idades e sexos saíram dos buracos em que viveram todo tipo de atrocidades. Daanna podia diferenciar a todos pelo aroma: uns eram vaniros, outros bersekers, e um grupo mais reduzido eram híbridos, como Aileen. Olhavam-na como se fosse uma espécie de aparição, um anjo. Sussurravam e murmuravam assombrados. As mulheres e os homens a estudavam com admiração, os meninos de todas as raças a observavam com adoração. Seu anjo vingador. Sua heroína. Escolhida.

— Será a última batalha antes de sairmos daqui — disse. — Não sei quão forte estão… Necessito aos que sintam mais fortes, na frente, cobrindo aos mais débeis — falou aos homens mais musculosos e com espírito guerreiro. — Quando subirmos ao primeiro andar, quero que se encarreguem de colocar a todos no elevador vermelho. Levará ao andar inferior, e deixará no túnel que dá ao exterior. Uma vez abaixo, e quando se encontrarem todos no túnel, tranquem o elevador. Isso fará que ninguém possa seguir e deixem o caminho livre. Farei o possível para que os encontrem.

— E você, o que fará? — perguntou um dos bersekers mais altos e largos de costas.

Que curioso, ali não havia diferenças entre uma raça e outra. Todos eram iguais, a dor que os uniu e converteu em guerreiros não por ser bersekers nem vaniros, mas sim por resistir e não submeter jamais. Seguiam ali, e não havia maior prova de valor que essa.

— Necessito resgatar um amigo — afirmou. — Eu subirei com o primeiro grupo e ficarei defendendo enquanto os meninos e as mulheres descem no elevador.

Capítulo 29

Kent.
Tun bridge Wells. Sete da tarde.

A noite caía sobre eles. As cores do entardecer obscureciam e as copas altas das árvores do bosque encantado de Tun bridge não deixavam que visse o céu, ocultando-os em meio da natureza. A brisa era fria e a terra cheirava a umidade.

Nesse lugar, onde os ingleses afirmavam que havia fantasmas, daria lugar a troca entre uma humana e um Vaniro.

Caleb sentia que estava fazendo algo que ia contra seu código moral. A humana ia com os maus, e em troca, ele recebiam de novo seu druida. E em que lugar isso os deixava quando se supunha que estavam ali para proteger os humanos? O que isso dizia sobre seus valores quando deixavam que aquela jovem loira e séria se metesse de novo na boca do lobo? Sentia contrariado a respeito de Mizar.

Aileen, ao seu lado, controlava Menw para que não arrancasse a cabeça da física loira e imperturbável.

E ali estava o curador, tão nervoso e tão inquieto como um tigre enjaulado. Tentava contatar com Daanna, e a cada tentativa frustrada, seu desespero pela vanira se acentuava. Por outra parte, sentia que se não se encarregasse de Mizar estaria traindo seu irmão, mas não deixavam pôr uma mão em cima. Ah, sim, as mãos… as mãos começavam a tremer e um suor frio percorria seu corpo. Era a ansiedade e o medo. A reação química que produzia seu cérebro diante da impossibilidade de falar com seu casal. Olhou Mizar de soslaio, a aquela humana que castigou Cahal, e ela, por sua vez, o olhou, sem confiar um fio de cabelo nele, como se a qualquer momento fosse rasgar seu pescoço.

À humana não gostava nem um pouco de como a controlava. Era um estúpido. Um estúpido por acreditar que depois de averiguar o que agora sabia sobre eles, sobre ela mesma, sobre o Newscientists, pudesse ficar do lado de Lucius e Patrick. Como se pudesse seguir com eles depois de saber a verdade.

Mizar não queria seguir com eles, nem com ninguém. Não desejava saber nada daquilo. Queria ir para longe e esquecer tudo o que viveu até agora. Queria esquecer que seu pai adotivo a enganou. Deixar de pensar em Laila e suas mentiras. Desejava centrar em seus campos eletromagnéticos e em seus quarks. Não queria pensar de novo naquele loiro que esteve torturando no Newscientists, o qual não podia tirar da cabeça por muito que tentasse. Não queria retornar a aquela empresa cheia de demônios e mentirosos. Quando entrasse ali novamente, faria o possível por encontrar a aqueles seres que estavam sofrendo nas mãos de Lucius, Seth, Hummus e outros, os libertaria… e iria embora. Decidiu. Iria tão longe onde ninguém nunca pudesse encontrá-la.

— É muito forte, emocionalmente. — Disse Noah, de pé atrás dela.

O berserkers loiro de cabelo branco ia vestido como um desses bailarinos de capoeira, e controlava tudo e a todos com aquele modo pausado e sereno de observar ao seu redor.

— Na realidade, não é *forte* a palavra. — Murmurou, olhando-a nos olhos quando ela girou para encará-lo. — Tem as emoções congeladas, é uma inepta emocional. — Justamente o contrário que era ele, um homem tão empático que às vezes preferia não tocar às pessoas para não sobrecarregar com suas emoções.

— Sou racional — respondeu Mizar, sem alterar.

— Isso é ao que me refiro. Em vez de te ofender quando digo à cara que nunca foi capaz de conectar com seus sentimentos, você vai, aceita, e me dá uma resposta pragmática. É das que dois mais dois são quatro. Quadriculada ao máximo.

— E você em troca é dos de três mais dois são nove, porque digo eu. Equivoco-me?

— Essa frieza serve para não sofrer. Mas não durará muito. — Os olhos amarelos de Noah brilharam como se fossem testemunhas de um prelúdio. — Se os do Newscientists descobrem que está a nosso favor, a eliminarão, sabe?

Sim, claro que sabia. Mas, assustava morrer? Não, absolutamente. Além disso, que outra opção lhe deram? O que dava medo era seguir rodeada dessa realidade que não entendia. Vampiros, mentiras, Vaniros, berserkers… Deuses. A física era muito mais fácil de entender, porque não dependia da magia. Aqueles seres eram imprevisíveis, e Mizar odiava as surpresas.

— Não me eliminarão enquanto eu não disser o que necessitam saber. — Para salvar sua pele precisava guardar um ás sob a manga. No momento, nem Caleb, o líder do clã vaniro, nem sequer Lucius nem Hummus, averiguaram o que ela tinha na mente. Sim, os experimentos, os resultados e os relatórios estavam ali, poderiam seguir com o que conseguiu até agora, mas sem ela nunca saberiam a verdade, os quarks eram caprichosos, e não se revelavam facilmente. Sua necessidade de autoproteção era tão forte, seu receio tão grande, que ninguém podia entrar em sua cabeça a não ser que ela mesma o convidasse.

— Não precisa falar para que eles o averiguem, sabe? Lucius beberá de você e destroçará a

sua mente. Matará.

— E por que não me matou até agora? Poderia ter feito. Por que não me converteu em vampiro?

— Essa é uma boa pergunta. — Noah encolheu os ombros e levantou uma sobrancelha quase branca.

— É por seu cérebro. — Respondeu o curador olhando a frente. — O vampiro se converte em um animal com uma única necessidade, com um único instinto, e perde um montão de dons e habilidades pelo caminho. Deixa a inteligência em um segundo plano para convertê-lo em impulsividade. Só quer matar. Só quer beber. Seu cérebro muda, e há mudanças físicas importantes nele. A parte criativa e a racional míngua, diminuem. Se você for sua melhor cientista, não interessa que converta em uma estúpida. Ele esperava resultados. Se já os tiver, não duvide em que hoje mesmo a aniquile. Gênios há em qualquer parte.

— Gênios como eu? Não — respondeu ela soberba.

— Quem disse que a inteligência era sexy? — perguntou Noah meio sorrindo. Mizar era uma sabichona.

Adam e Ruth estavam sentados em um dos ramos das árvores, a uns quinze metros de altura. Escutavam com atenção a conversa, até que ambos receberam uma mensagem ao mesmo tempo em seu iPhone. Era um e-mail que procedia do computador das humanas do Ragnarök.

Franziu o cenho.

Para: Adam Njörd.

De: Sacerdotisas Team

Mandamos escanear o último desenho que nossa Nora fez. Por favor, deem uma olhada porque a garota que está no precipício se parece muito a Daanna. Há muitos calvos ao redor e não sabemos se são Hare Krishna. Tenham em conta que, às vezes, Nora é muito figurativa. Estamos bem aqui embaixo. Vocês recuperem Cahal.

A pequena Nora detectava os praticantes do seidr e aqueles que mantinham contato com Loki. Podia ver em seus sonhos tudo o que faziam e o que tramavam e logo os desenhava em uma caderneta, como se fossem fotos instantâneas. Graças a ela, Adam pôde salvar Ruth quando Strike e Lillian a raptaram para realizar um ritual de morte com ela no New Forest. As visões de Nora foram muito relevantes então. Esperou que desta vez também fossem.

Com esses precedentes, Adam abriu a imagem anexa. No desenho representava uma espécie de escarpado. Sim, a garota era Daanna. Era incrível como Nora encenava bem as coisas. No desenho, Daanna estava olhando à frente, e todas essas pessoas calvas assinalavam em sua direção. Mas atrás dela havia uma sombra alargada, muito alta, em forma de homem com o cabelo muito comprido e negro. Os olhos eram vermelhos e alargados, e com dentes diabólicos na mandíbula. Era um lobacho?

— Onde é isso? — perguntou Ruth. — É Daanna. Está em perigo verdade? — apertou o arco élfico entre seus dedos.

— Onde se supõe que está? — murmurou Adam. — Fique aqui, Katt[61]. — Beijou Ruth nos lábios e de um salto baixou ao chão.

No momento em que Adam se aproximava para mostrar o desenho a Caleb, uma fileira de seis Rodius negros estacionaram em frente deles.

Caleb ficou na frente de Aileen, sempre a protegendo, e todos os ali reunidos ficaram em guarda.

Do primeiro carro saiu Lucius, vestido com camisa branca, calças e jaqueta negra, com seu cabelo grisalho recolhido em um coque alto. Como tivessem se visto ontem, como se aquilo fosse só uma simples transação.

Caleb ficou tenso e mostrou as presas e Lucius fez o mesmo, desafiando que se aproximasse dele, com os olhos brancos e avermelhados. Olhou-os com asco e abriu a porta traseira para ajudar a sair Cahal. O Vaniro tinha feridas e contusões por todos os lados. E, além disso, os olhos enfaixados.

— Brathair… — sussurrou Menw, pegando à adaga presa às costas.

— Espera — advertiu Noah entre dentes. — Primeiro Cahal. Logo, os anfitriões.

Mizar não sentiu nada ao vê-lo. Era a primeira vez que seu corpo não sentia nada com sua presença. A reação que teve nas vezes que esteve com ele, foi muito diferente, e todas as vezes a deixavam com vontade de mais. Mais contato. Aquela reação a assustou muito porque ela odiava os homens, davam asco. E sobre tudo os vampiros. Acreditou que tudo era um truque mental, mas pelo visto, não era assim. Com Cahal, esse homem em especial, algo nela, um pouco desconhecido, despertava. Agora se sentia bem ao voltar a ser impassível diante dele.

Cahal farejou o ar, tentando perceber os aromas dos guerreiros que estavam ali.

— Passou muito tempo, Caleb — murmurou Lucius.

— E segue sendo feio, Lucius. — Respondeu Caleb, observando Cahal com atenção. — Deixe que Cahal se aproxime. Tire a atadura dos olhos.

Lucius sorriu com suficiência.

— Traga Mizar aqui.

Mizar sentiu asco ao ouvir seu nome na boca daquele… Vampiro. Lucius era um vampiro e ela não soube até no dia anterior, quando Laila cuspiu todas as verdades à cara. Graças às sacerdotisas e a aquela mulher chamada Maria, o feitiço foi arrancado e Caleb varreu os padrões mentais que Lucius inculcou à força desde pequena. E também vincularam um reflexo, um pensamento mental para enganar Lucius, para que seguisse acreditando que ela seguia sob seu controle. Um pensamento que revelava outro tipo de experiência, diferente da que viveu na Sala da fome.

Sentia algo pouco parecido à raiva ou pode ser que à ira, não sabia diferenciá-lo muito bem, pois todas as suas emoções estavam sob controle, já que a mesma implicava debilidade. Não se permitia ser débil. Jamais.

— Estou bem, Lucius. — Disse ela.

---

[61] *Gatinha em gaélico.*

— Não duvido, querida. — Comentou com voz enganosamente doce. — Seu pai está no carro, esperando. Está rodeada destes animais e podem ferir facilmente. Vem aqui.

— Ao mesmo tempo em que Cahal — ordenou Caleb, detendo Mizar com o braço.

Entre os Rodius e os Vaniros havia uma distância de dez metros.

Ruth estava no tronco da árvore. Com suas flechas preparadas para atacar, se fosse o caso.

Aileen se colocou em posição de defesa.

A mão de Menw estava nas costas, agarrando a adaga distinta de dupla folha serrada que prendeu às costas.

Noah e Adam se colocaram a cada lado de Caleb, deixando claro que aquela troca não tinha nada de amistoso e que se quisessem briga a encontrariam.

Lucius encolheu os ombros e desatou a atadura negra dos olhos do Vaniro, que começou a caminhar para frente, com cara de estupefação quando se viu liberado, olhando tudo a seu redor como se fosse a primeira vez que visse um bosque.

Mizar caminhou também para seu bando, onde a esperavam os malditos vampiros. Observou Cahal, tão loiro, tão forte, tão alto, tão necessitado… Não queria olhar nos olhos; ela o torturou quando nem sequer fez algo para que o odiasse. Era um Vaniro.

Cahal a ignorou, como se não existisse. Os olhos escuros cravados em Caleb e Aileen… Um momento seus olhos eram escuros? Quando seus braços quase se roçaram, Mizar o sentiu frio, diferente. Nada daquele comichão inquietante que sentiu na boca do estômago quando o sentia perto. Olhou-o no rosto, uma olhada de campo rápido e eficaz. Sim, eram as feições do homem mais formoso e sexy que viu na vida. Mas naquele olhar faltava algo. Não era azul claro. E, entretanto, não era a cor o que o fazia diferente. O que realmente faltava na profundidade de seus olhos era… alma. Cahal falava com os olhos. E ali não havia nenhuma só palavra. Então soube. Levou a mão às costas, como se arranhasse e começou a mover o dedo indicador de um lado ao outro, fazendo uma negação gestual.

— Não é Cahal — sussurrou Aileen.

Mizar os olhou por cima do ombro e piscou um olho dissimuladamente a Menw como dizendo: *Estou fazendo um favor, sabichão*.

Aquela expressão foi como um grito de guerra, uma invocação, e então, a guerra desatou.

O homem que se parecia com Cahal correu mostrando os dentes a Caleb. Menw deu um salto entre os dois, e parou esse ser que tanto se parecia com seu irmão. Não, claro que não era Cahal. Era igual a ele. Mas não era ele. Um maldito clone.

— Merda! — o clone golpeou em seu estômago com o joelho e o deixou dobrado, mas Menw agarrou a rótula e reagiu rápido. O puxou ao chão varrendo a perna que o fazia de suporte.

Lucius, por sua parte, tomou Mizar pelo antebraço e a meteu no carro à força. Mizar não queria estar ali com eles, mas Lucius e Patrick não se davam conta disso.

Dois dos Rodius, incluído o de Mizar, afastaram e fugiram a toda velocidade, e os outros quatro ficaram ali. Os Rodius explodiram um atrás do outro, deixando uma esteira de fogo e destruição ao seu redor.

Ruth caiu da árvore pelo estrondo, mas Adam a agarrou antes que batesse contra o chão. O

berserkers tinha milhares de cortes nos braços e rosto.

— Meu neném — sussurrou Ruth tossindo. — Parece um mapa…

Adam sorriu e a deixou no chão.

— Se cubra, *kone*.

Enquanto isso, Menw rodou pelos chãos depois da explosão. Mas não soltou o clone em nenhum momento. Colocou os joelhos sobre os braços e os imobilizou, elevou o punho e atravessou o peito, até arrancar o coração. Aquele corpo possuía vida, mas não sabia falar, seus pensamentos não eram coerentes, não havia alma. Era como uma parte de carne com olhos, um robô programado só para matar.

Caleb cobriu Aileen com seu corpo e agora se levantavam os dois, negros pela fumaça e cheios de restos de grama queimada.

Noah, em troca, foi jogado a uns trinta metros para trás. Agora chegava caminhando, coxeando, um pouco aturdido e com um zumbido no ouvido. Enquanto reagiam e se dispunham a ir atrás de Lucius e Mizar, vislumbraram a um grupo de vinte anões que corriam para eles, com os olhos tão negros como os de Cahal. Uns tinham garras e outros, presas largas e amareladas.

— Que merda é isso? — grunhiu Caleb. — Ruth!

Duas flechas azuis elétricas cheias de energia passaram por cima de sua cabeça morena. As duas fizeram alvo e se inseriram naqueles corpos diminutos que corriam para eles.

Menw levantou e limpou o sangue do rosto.

— Não fazem nada! — gritou Ruth do ramo em que estava suspensa de novo.

— Segue disparando! — ordenou Adam.

Aileen abriu os olhos e se assustou diante do que estava vendo.

— São meninos! Não disparem! São crianças! — rogou, detendo Caleb que já se lançava a exterminá-los.

— Não são — replicou Menw. — São clones. Têm os olhos completamente negros, sem vida. Como o deste aqui. — Chutou o corpo do clone de Cahal.

— Está…? Está seguro? — perguntou Aileen com os olhos implorantes. — Não vão lutar contra crianças.

— Olha. São carapaças vazias com instruções muito simples, completamente anárquicos. Por que acha que as flechas da caçadora não os afetam? Não tem alma. — Repetiu, chutando ao primeiro mini clone que pulou em cima. Wow, os pequenos eram fortes. Dotados de presas e garras, tudo de uma vez, eram misturas perfeitas de hibridação. — Não sabem falar, nasceram a pouco. — Grunhiu ao sentir as presas afiadas de outro que mordia o músculo. — Só gritam como animais, merda!

— Maldito hobbit! — exclamou Noah, arrancando a cabeça de um de cabelo loiro. Tirou seu oks e se preparou para cortar como deveria. — Há muitos!

— Segue Mizar! — gritou Caleb a Menw. — Se Daanna estiver com eles, ela te levará a minha irmã e também ao teu. Rápido! Pegue! — lançou uma espécie de micro móvel negro com um localizador, tipo GPS. — Mizar tem um chip no pulso, sob a pele.

Menw assentiu e correu com o localizador GPS na mão. Lucius e os seus ganharam tempo

com as explosões e aqueles pequenos que queriam amassar, estavam somando minutos de vantagem. Antes de dar o primeiro passo dois pularam em cima, um que mordia as costas e a rasgava e outra menina de cabelo negro, muito vermelha, dando murros em seu rosto como fosse um saco de boxe. O de atrás agarrou a adaga presa nas costas e cravou nos rins. Menw lançou um grito e caiu de joelhos. Eram clones com uma força extrema. Eram demoníacos. A que golpeava o rosto abriu a mandíbula como se fosse um alien e cravou os dentes no pescoço, rasgando a carne.

— Arg! Carniceira! — gritou Menw.

Noah se agachou, esquivando uma patada voadora de uma, mas sem poder evitar o tapa que deram na cabeça com uma tora de madeira. Agora sangrava pela sobrancelha.

— Isso é um exército! Atacam em manadas!

Seis clones estavam com Aileen e Caleb, literalmente, os comendo. Mais dois subiam o tronco da árvore onde Ruth disparava suas flechas. Um dos pirralhos mordeu sua perna, e com a outra livre, Ruth golpeou no nariz, rompendo o muro.

Adam cortou a cabeça do outro que tentava puxar seu kone da árvore.

Menw segurou pelo cabelo ao que estava atrás retorcendo a adaga na carne e cravou os dedos nos olhos. O clone começou a gritar, então o soltou, correndo desorientado por todo o bosque até queimar com as chamas dos Rodius que seguiam ardendo. Menw arrancou a adaga dos rins, e atravessou ao outro que não deixava de bater a cabeça, desta vez, com uma pedra. Cortou a cabeça com a adaga.

Pensou em escrever um manual: *Manual prático para eliminar um vaniro ou a um berserkers, ou nestes casos, híbridos possuídos clonados: cortar a cabeça, arrancar o coração ou queimá-lo. Esses três tipos de morte são as únicas que acabam com a vida de um imortal.*

Olhou para trás e viu seus amigos brigando contra aquela horda de híbridos clonados. Adam lançou seu iPhone.

— Olha o desenho! — ordenou, enquanto se agachava para esquivar a outro clone. — É Daanna… está em uns escarpados.

Em uns escarpados? Onde? O que ela fazia ali?

Seus amigos demorariam um pouco em se livrar deles, mas se livrariam.

— Necessita reforços, Cal? — perguntou levitando. — Chamo a Ás?

— Não! Vá por Daanna — ordenou furioso. — Maldito anão! — chutou a cabeça de outro clone.

Menw assentiu e atravessou as copas amareladas das árvores, se afastando daquela nuvem espessa de fumaça e sabendo que não podia atrasar mais, que desta vez o tempo corria contra ele. Cahal, e também Daanna, poderiam seguir com vida, mas por quanto tempo?

Enquanto cruzava o céu, não deixava de estudar os detalhes daquele desenho. Quem era aquele homem que estava atrás de Daanna? O que era aquele lugar? E o mais estranho, quais eram aqueles seres de cabeças raspadas?

Daanna, por favor, me diga algo. Fale-me.

Seguia a luz intermitente do GPS; Mizar seguia em movimento e segundo o localizador, internava-se na zona do Folkestone. Franziu o cenho. Ali não havia nada à exceção das colinas

brancas do Capel-le-Ferne. Olhou com atenção o desenho que fez Nora e a mão que sustentava o iPhone começou a tremer.

— Os escarpados do Capel-le-Ferne — murmurou impressionado. — O que há em…? — aumentou os olhos azuis e tomou mais velocidade no ar. — Capel Battery!

Adquirindo uma velocidade endiabrada, escreveu uma mensagem para enviar a todo mundo.

Para: Todos

Estão no Capel Battery. Ali há uns túneis subterrâneos, é provável que Cahal e Daanna se encontrem nesse lugar.

Tenham pressa e mandem reforços.

No carro. Lucius não deixava de meter na mente de Mizar. Ali não havia nada, tentaram manipular, mas não obtiveram nada. Mizar não se lembrava de nada, pelo visto. O vampiro grunhiu frustrado e disse:

— Sabia que não era Cahal? Deu conta de algum jeito?

— Não. É igual a ele. O que era.

Lucius sorriu.

— Um clone. — A trataram bem, Mizar? — perguntou seu pai adotivo, olhando-a de soslaio.

A loira de olhos esverdeados encolheu os ombros. Nunca diria a verdade.

— O que sabe de Laila?

— Não sei nada dela — mentiu. Esperava que o reflexo de Caleb a cobrisse. Eles deviam acreditar ela não foi interrogada, tampouco torturada. — Só recordo que nos fecharam em um carro. Não recordo nada mais.

Lucius inclinou para frente e acariciou uma mecha de cabelo loiro. Levou ao nariz e o cheirou, revirando os olhos.

— Me alegra que esteja conosco novamente. Será conveniente para acabar o trabalho com Cahal. Abre a boca.

Mizar cravou o olhar naqueles olhos brancos, rodeados de uma íris negra carbonizada. Que abrisse a boca? Não titubeou. Não tinha medo dele. Odiava. Separou os lábios, abriu a boca e tirou a língua.

Lucius apertou suas bochechas com força e olhou em seu interior, procurando possíveis chips ou qualquer micro que pudesse apagar.

— Não tem nada. — Mizar massageou o rosto para que o sangue voltasse para circular.

— É óbvio que não.

— Entretanto, não podemos confiar, verdade, Patrick?

O homem vestido de terno olhava pela janela, distraído, com uma frieza que Mizar soube em todo momento que ia se desfazer nela, sendo ou não inocente. Enfiou a mão no bolso e deu um scanner.

— Me deixe passar isso pelo corpo. Vamos ver se colocaram algo em algum lugar sem que

você soubesse.

Ah, mas ela sabia. Caleb inseriu um localizador sob a pele do pulso esquerdo. Merda, se o detectavam, seguro que fariam mal. Aprendeu a resistir a dor, mas esse fato não queria dizer que gostasse de sentir.

Lucius passou o exploratório por seu pescoço, e logo por seus seios, descendendo pelo estômago e logo subindo pelo braço direito. A seguir descendeu pelo esquerdo, até que chegou ao pulso e então a máquina começou a apitar.

Lucius e Patrick se olharam um ao outro. Patrick apertou os punhos e Lucius sorriu friamente a Mizar.

— E agora o que?

— Agora o que? — repetiu Mizar. — Se tiver algo metido aí, Lucius, tira isso, não quero ter nada a ver com esses vampiros.

O vampiro sorriu, e Mizar pôde ver as presas amareladas que ele acreditava que não podia ver.

— Assim que eu gosto. É muito valente.

— Faz — Mizar entregou o pulso sem piscar.

Lucius tirou uma navalha de sua calça e a abriu a um centímetro do rosto da jovem.

— Doerá um pouco — apunhalou o pulso sem olhar, agarrando com força e cravando as garras da outra mão no antebraço para que ela não retirasse o braço.

Mizar gritou e esperneou, mas Patrick a agarrava para que não escapasse. Lucius fez descer a folha uns cinco centímetros, cortando as veias.

— Vai sangrar! — gritou Patrick. — Necessitamos dela.

Lucius ignorou a advertência do humano e introduziu os dedos na ferida, até pinçar entre tendões, músculos e ossos e tocar o localizador, algo diminuto, de dois milímetros de grossura. Extraiu e o jogou pela janela.

Mizar tremia, tapando a ferida com a outra mão.

— Já ninguém nos seguirá. Os híbridos certamente terão acabado com eles, e se não o têm feito, estarão entretido o suficiente para que nós fujamos e não sigam nosso rastro.

Patrick o olhou de cima a baixo.

O sangue de Mizar manchava a tapeçaria do carro.

— Quando chegarmos ao Newscientists, necessito que me dê todas as chaves e as senhas de seus computadores, Mizar — pediu Patrick. — Tem toda a informação restringida e a precisamos atualizar.

E uma merda, pensou. *É o único que pode salvar minha pele*.

— Aliás — acrescentou Lucius, — temos que acabar com Cahal. O vampiro já não nos serve, e quando vir o que reservei, acabará afundando.

Jamais. Ela jamais seria nada que tivesse presas e bebesse sangue para alimentar. Antes de chegar a isso, se mataria.

— Sinto lhe fazer mal. — Confessou Lucius sem sentir nem sequer um pouco. — Quando chegarmos a casa, curarei as feridas, de acordo?

Mizar sabia que ninguém curaria suas feridas. Ao contrário, o único que podia fazer para fugir deles era escapar.

Capítulo 30

Os vaniros e berserkers que lutavam cotovelo a cotovelo com Daanna ali, não esqueceram como fazer. Enquanto os grupos desciam de vinte em vinte pelo elevador, Daanna e outros os cobriam para que chegassem direito. Os guardas foram com pistolas Tásers, e com balas de cristal transparentes cheias de luz diurna. Disparavam a esquerda e direita.

Eles tentavam esquivar como podiam. Dois vaniros e três berserkers caíram no chão, gravemente feridos.

— Coloquem no elevador! — pediu Daanna sobre os ombros de um guarda enquanto quebrava o pescoço. Precisavam sair dali de qualquer maneira. Eles deviam liberar e sair dessa prisão.

Carregaram vinte guardas humanos, quatro vampiros esquálidos e oito lobachos. Converteu em uma competição. Quem acabaria com mais jotuns? Daanna ganhava, é óbvio. Mas a luta deixou muitos feridos e ela tampouco estava em melhores condições.

Acertaram dois tiros na coxa, que ardiam como fogo. A luz diurna queimava de dentro para fora. Daanna meteu os dedos nas feridas e as extraiu com um bramido. Deram três descargas elétricas, assim estava um pouco enjoada, e ganhou um corte na maçã do rosto e um roxo enorme no queixo, além da ferida nos rins que a valente Daimhin fez. Quando bebesse de Menw tudo aquilo desapareceria, mas enquanto isso, as feridas queimavam como o demônio.

Como eu gostaria que me visse agora, *mo duine*.

Arrancaram as câmeras das paredes. E parecia que já não ficava ninguém mais ali dentro, que o edifício estava deserto, mas não era certo, cheirava a lobacho e a vampiro, e parece que estavam perto, muito perto.

— Saiam todos. Rápido! — pediu Daanna, prendendo o cabelo em um rabo alto. — Se escondam lá fora, e permaneçam com eles. Necessitam a guerreiros que cubram as costas.

— E você, guerreira?

— Já saio daqui, vou buscá-los — prometeu. Prendeu um porrete Tásers e também adicionou uma pistola.

Quando viu desaparecer o grupo de guerreiros feridos que lutou com tanto dignidade depois de anos sem ter usado os punhos, se emocionou. Ao menos eles estavam fora. E ela sairia com o Cahal. Não o deixaria ali, também era seu irmão.

A sua direita havia um corredor enorme com a luz intermitente. Um dos últimos guardas aos que interrogou disse onde se encontrava o druida. Estava na sala a prova de som, no final do corredor.

Caminhou naquela direção, justo onde indicou que se encontrava o irmão de seu homem. A

porta metalizada estava fechada. Arrastou a um dos guardas pelos chãos e colocou a palma da mão no identificador de plasma.

— Acesso direto — murmurou Daanna.

A porta se abriu e se encontrou com uma garota de cabelo negro muito curto, com bata branca e cara de surpresa. Estava diante de uma maca em que jazia um homem loiro estirado. Com uma seringa entre as mãos.

— Cahal! — gritou Daanna.

Olhou à mulher enquanto se aproximava, coxeando. Mas viu algo no movimento ocular daquela garota, um ligeiro tic nervoso. A seringa estava cheia de líquido fosforescente.

— Joga fora!— ordenou Daanna.

A garota olhou rapidamente a sua esquerda e foi assim que descobriu que não estava sozinha nessa sala. Daanna disparou à seringa e não falhou. O líquido saiu disparado e salpicou o rosto daquela garota.

— A próxima vai entre as sobrancelhas — prometeu Daanna com um brilho assassino nos olhos verdes.

Cahal estava aberto de um lado ao outro. Havia tantas feridas que parecia uma parte de carne esmigalhada.

— O que são isso? — sussurrou Daanna. — Deuses, o que fizeram, druida? — como o levaria dali, aberto como estava? Como podia seguir vivo?

Cahal moveu a cabeça para um lado.

— Sai daqui, Daanna — sussurrou.

— Não, não — não negou uma voz de homem a suas costas.

Daanna se refugiou atrás do corpo daquela garota e pôs a pistola na têmpora. Desviou o olhar para o lugar de onde provinha essa voz. Dentre as sombras, saiu Seth, o vampiro de cabelo encaracolado e negro com rabo-de-cavalo. Atrás dele, havia alguém muito alto e grande. De aspecto estilizado, cabelo muito negro e liso e olhos prateados.

— Seth! — exclamou a Escolhida. Não sabia quem era o outro homem.

— Vá, vá… como entrou aqui? — perguntou, caminhando para ela.

— Não se aproxime ou a mato — Daanna pressionou a cabeça da garota com o canhão da arma.

Seth começou a rir.

— Acha que Glory nos importa? Só é alimento. Hummus, apresento Daanna McKenna, Escolhida. Quer brincar com ela?

Hummus a olhou de cima a baixo e uma careta, que pretendia ser um sorriso, deformou seus lábios.

— Ela era o amor de sua vida? — perguntou Hummus com voz aveludada.

— Sim. Mas é uma maldita frígida e deixou que o curador a pegasse, verdade?

Enquanto Seth destrambelhava a falar, precisava urdir um plano, algo que desse tempo. Daanna lançou à humana pelos ares, como se não pesasse nada, e a fez se chocar contra Seth e Hummus, que caíram ao chão com a força do impacto. Esse intervalo deu tempo para liberar os

pés e mãos do Cahal. Precisava fechar as feridas ou não o poderia levantar, mas, como? Como o tiraria dali? Seth se levantou para atacá-la, saltou pelos ares e ela disparou em sua virilha. O vampiro lançou um uivo e caiu em posição fetal, contra o chão. Devia proteger Cahal. Arrancou os cabos do corpo e colocou a maca atrás. Queriam seu amigo. Teriam que passar por cima de seu corpo. Hummus foi mais rápido que seus reflexos, e quando ia disparar nele também, encontrou-se com o lobacho a sua frente sustentando o pulso. Girou e a partiu até que soltou a pistola. Daanna gritou e bateu a cabeça com o porrete Tásers.

O lobacho jogou a cabeça para trás e uivou como um lobo. Os ossos rangeram, sua pele se estirou, seu rosto e os maxilares se deformaram e saiu cabelo por todos os lados. Aquele lobacho era o maior que ela viu. Suas garras mediam uns quinze centímetros e seus olhos eram vermelhos.

— A Escolhida… — murmurou Hummus. Arranhando no estômago.

Daanna se dobrou sobre si mesma e levou a mão boa aos abdomens. Estava sangrando muito.

Hummus não parou. Agarrou-a pelo cabelo e a lançou contra a parede.

— Escolhida para que? Já sabemos? Ele sabe? — perguntou, lançando o fétido fôlego à cara e recolhendo-a do solo. — Eu direi isso.

Caminhou com ela até uma mesa metálica e a dobrou sobre a superfície fria. Mantinha a nuca segura para que ela não pudesse remover.

De repente escutaram umas vozes ao fundo.

— O que passou? Sebastián? — era a voz de Patrick.

— Hummus? — gritou Lucius.

— Aqui, na sala do Cahal! — grunhiu Seth do chão, levantando a duras penas.

— Merda! — exclamou Lucius ao entrar e ver quem estava ali. — Como você entrou aqui? — olhou Daanna, maravilhado ao encontrar à Escolhida em seu território.

— Não sabemos — respondeu Hummus.

Daanna elevou o olhar e viu Mizar, pálida, com o pulso aberto e jorrando sangue.

Cahal começou a ter espasmos e fez o que nunca fez na presença de Daanna. Gritou de dor, uma dilaceradora dor insuportável. Arqueou as costas e caiu ao chão, que em seguida se tingiu de sangue. O lençol vermelho rodeava a cintura. Mizar fez um gesto de desgosto ao ver como tremia e grunhia pelo sofrimento que causou. Não fecharam as feridas da última vez que esteve com ele, já fazia dois dias.

Hummus sussurrou ao ouvido de Daanna.

— Quer público? — lambeu a orelha e mordeu o lóbulo. — Vou fodê-la, sabe?

— Não! — Daanna lutou contra ele tudo o que pôde.

— Um momento, um momento! — Lucius elevou as mãos e sorriu. — Façamos bem — falou. — Seth, levanta Cahal, por favor.

Seth coxeou até levantar o vaniro, não sem antes dar um murro nas costelas de Daanna, que ficou sem respiração e apoiou a testa na mesa, procurando refúgio.

— Sustenta o druida. — Lucius puxou do pulso ferido de Mizar e a aproximou dele. — O que ela é para você? — perguntou, cheirando a garganta da jovem. — Você gosta? É tua?

Mizar apertou a mandíbula e olhou para outro lado, quando cruzou com os olhos azuis e tristes de Cahal. O vaniro não gostava do que estavam fazendo. Ele baixou os olhos a seu pulso rasgado e grunhiu, *foi ele? Fez isso ele?* perguntava seu olhar.

— Strike nos disse que ela seria sua perdição. Por quê? — retirou o cabelo loiro de seu pescoço e lambeu sua pele. — É porque você gostaria de mordê-la? É porque só reage a ela? Seguro que agora sente toda a dor das feridas e as mutilações que causamos, verdade? Só quando ela está perto. Olha bem, Cahal. — Abriu a boca e cravou as presas profundamente na pele branca da garota. Começou a beber fazendo caso omisso do pranto e dos gritos de Mizar.

— Solte-a! — pediu Cahal.

— Não, não… isso não vai ser assim — cantarolou Lucius passando a língua pelos furos. — Merda, que bem sabe, Cahal. Não a provou? Não, claro que não. Dê-me todos seus poderes. Dê-me o que você tem e talvez eu te deixe um pouco para depois. Você não merece esse conhecimento, não merece o poder. Dê-me isso, diga as palavras.

— Não tenho nada! — exclamou, a ponto de desmaiar.

— Não? — mordeu outra vez Mizar, e a jovem ficou inconsciente entre seus braços.

— Idiota, filho de puta! O matarei! Ouviu?! Eu o matarei! — gritou Cahal, com lágrimas nos olhos.

Daanna negou incrédula com a cabeça. Poderia ser que aquela mulher fria e reservada fosse à cáraid de Cahal? Poderia seu querido amigo ter tanta má sorte? Poderiam acabar com eles nesse lugar frio e desalmado sem poder desfrutar da felicidade que escapava das mãos?

— E muito fácil, Cahal. Diga-me qual é o poder, me diga quais são as palavras e a deixarei livre. Enquanto isso, a levarei daqui. Tenho que despertá-la, necessito informação que só ela pode me dar. Pensa sobre isso enquanto a torturo — piscou um olho branco e o deixou ali, sem poder mover, e sem poder ajudar Mizar.

Hummus estirou sobre Daanna e deu um beijo úmido e baboso na nuca.

— Só a besta pode tomar, Daanna — murmurou o lobacho. — Abre as pernas!

— Coloque isso pelo traseiro, porco! — respondeu a vanira com raiva.

— Quer isso? Coloco isso por atrás? — grunhiu, baixando as calças de um puxão.

— Não! Solte-me! — nunca se renderia, antes teriam que matá-la.

— A deixe bem preparada, Hummus. Logo irei eu — grunhiu Seth, tocando-se. — Não sabe quanto faz que a desejo, princesinha. Vou dar por todos os lados, e não pararei até te ouvir suplicar.

Menw. Menw, amor me ouve? Amo você. Ela disse por que ele devia saber, embora não a ouvisse, ele devia saber. Esses jotuns queriam submetê-la, dobrá-la, mas não poderiam com ela. Seu corpo não era mais que carne, o mais belo que ela possuía era sua alma imortal, mas como, só pertencia a seu curador.

— Daanna… — sussurrou Cahal, arrastando-se pelo chão até agarrar ao Hummus pelo pé. — Não, deixa-a… deixa-a…

Hummus deu um chute no rosto e o vaniro ficou convexo no chão, sem forças para proteger à mulher de seu irmão, sem forças para proteger sua mulher.

— Gosto de te ouvir gritar, Escolhida, quanto mais, melhor. — Hummus golpeou com um ferro metálico a cabeça de Daanna e ela ficou inconsciente sobre a mesa. — Agora ao que vamos. Vai gostar.

Inclinou sobre ela para baixar a calcinha branca, mas então ao tocar a pele, queimou-se.

— Arg! — olhou a mão peluda. Havia uma queimadura enorme, vermelho vivo. — O que é isso? — Hummus observava a queimadura e a pele de Daanna com fascinação.

De repente, o corpo da vanira começou a desprender muitíssimo calor.

— Que acontece? — sussurrou Seth, sem entender nada.

A pele de Daanna iluminou, começou a emitir luz cega. Hummus grunhiu e foi para trás.

— Daanna!

Os dois vampiros elevaram a cabeça ao encontrar o novo visitante.

Menw McCloud olhou como o corpo de sua cáraid explodia em milhões de partícula luminosas diante de seus olhos. Não viu o rosto, não sabia como se encontrava, se estava bem ou estava mau. Levou a mão ao nó perene e sentiu que ainda seguia aí, portanto, Daanna vivia onde fora que estivesse. Sua pantera seguia viva e isso era suficiente para ele. Suficiente para que ele seguisse respirando.

Daanna? Amor, onde foi desta vez? A encontrarei.

No chão, como um cadáver mutilado, estava seu irmão maior. Seu irmão da alma. Encheram os olhos de lágrimas ao encontrá-lo em tão penoso estado.

Hummus grunhiu e mostrou os dentes a Menw. O lobacho foi por uma porta traseira e fugiu dali correndo. Seth esteve a ponto de escapar também, mas Menw voou e estampou contra a parede. Agarrou pelo cangote e o puxou ao chão, para pisar a noz com tanta força como pôde.

Seth lutou por respirar e cravou as garras de vampiro no tornozelo.

Menw o levantou pelas lapelas e o estirou na maca metálica. A força cheia de ira do curador não era rival para o pobre vampiro temeroso que o olhava horrorizado.

— Ganharemos! Ganharemos, Menw! — gritou Seth cuspindo no rosto.

— Já veremos — cravou o bisturi no tórax e o arrastou até o coração. Logo colocou a mão e agarrou o órgão palpitante.

— Não faça, não o tires! — gritou Seth.

— Que não faça isso? — arrancou o coração e o jogou ao chão, para pisá-lo com sua bota de motoqueiro. A seguir o decapitou com suas próprias mãos.

Não havia tempo para torturar a ninguém, não valia a pena. Queria encontrar Daanna, queria ajudar a seu irmão. Tomou Cahal entre seus braços e o abraçou com todo o calor e o carinho do mundo.

— Mizar… Mizar… — sussurrou Cahal ao ouvido de Menw, —... minha.

O curador fez uma exclamação afogada e o olhou surpreso, sem dissimular as lágrimas.

— Mizar?

— Lucius vai levar… fez mal…

— Onde? — Menw elevou a cabeça e carregou seu irmão nos braços. O grito esmigalhado de uma mulher o pôs em alerta.

— Mizar! — gritou Cahal.

Menw o deixou sobre a maca e disse:

— Não se mova daqui, irmãozinho — falou como se fosse seu irmão maior, quando na realidade era o contrário.

— Que se foda — grunhiu Cahal.

Deixaram a porta de acesso arrancada e enviaram uma mensagem a Caleb e ao resto para que rodeassem toda a zona. Esperava que chegassem logo. O curador entrou na porta contígua, e chegou a um salão cheio de computadores e telas onde se requeria um código para entrar no sistema.

— Disse que me diga! — Lucius elevou a mão e bateu novamente no rosto da loira encurralada, enquanto apertava o pulso ferido com força. — Necessito a informação! Necessito!

Menw deslizou sobre o chão e afastou Lucius da jovem, cravando o bisturi na garganta e pressionando um ponto Sipalki do pescoço. O vampiro ficou estirado no chão, sofrendo cãibras e espasmos nas pernas. Sabia que Lucius desbloquearia os pontos de pressão em poucos segundos, segundos que eram de ouro para seu irmão Cahal. Menw tomou Mizar, que não deixava de chorar em silêncio e escorregava com as costas apoiada na parede. Via-se dentadas por toda parte e rasgões musculares muito feios, além das veias do pulso direito cortadas. Não sobreviveria.

Levou Mizar daquela sala dos horrores, e a estirou sobre o druida.

— Eu não julgarei se fizer o que tem que fazer, Brathair. Sim, ela é sua cáraid, se alimente, e se salve. Por você, por mim, por ela e pelos dois. Faz! Não me deixe só — rogou, desesperado. — Luta, irmão! Bebe. Eu vou por Lucius.

Menw o deixou ali, a loira que abriu e fez que a primeira coisa que sentisse em sua vida imortal fosse a tortura física.

Cahal elevou o braço direito como pôde e enredou os dedos no cabelo loiro de Mizar. Ela não deixava de tremer, seu corpo estava em choque.

— Por favor, me mate. Mata-me — sussurrou Mizar. — Sei que não mereço olhares, nem nenhum tipo de compaixão de sua parte. Mas, por favor… se alguém deve me tirar à vida, quero que seja você! Eles não podem saber o que sei…

Cahal cheirou o morango e seu corpo se revolucionou. Suas feridas estavam a ponto de deixá-lo inconsciente; o contato de Mizar dava a sensibilidade física que não sentiu em dois mil anos. Nem pensar, embora ela o fizesse mal, era sua oportunidade de voltar a sentir, de voltar a ser homem. Se comportaria como um egoísta pela primeira vez em sua vida imortal e tomaria o que era dele, o que os deuses roubaram.

Como mataria o demônio que lhe devolveria à vida?

***

Sebastián e Patrick recolheram Lucius do chão e o tiraram por outra das portas traseiras do salão. Arrancaram o bisturi do pescoço, mas o vampiro seguia com os espasmos.

— O que estão fazendo? — perguntou Patrick observando.

— Não pode falar? — disse Sebastián.

Lucius elevou uma mão como se fora um robô e aproximou a garganta de Patrick a sua boca. Mordeu e começou a beber até que os espasmos se detiveram e recuperou a mobilidade de seu corpo. Bebeu até deixar Sebastián sem vida, no chão.

— Maldito incompetente — grunhiu levantando, — esteve aqui todo este tempo e não pôde tirar os Memory para que brigassem? O muito idiota ficou escondido!

— Sebastián sempre foi covarde. — Respondeu Patrick, levando os discos rígidos dos computadores através dos corredores.

— Já vem à cavalaria — disse aborrecido.

— Já tenho aberto as comportas dos Memory. Encontrarão com eles.

— Então saiamos daqui antes que espalhe ainda mais a merda. Onde está Hummus?

— Não sei, embora apareça, como sempre faz.

Fugiram como os ratos covardes que eram, deixando para trás um rastro de morte e destruição. Abriram uma porta de pedra que dava a uma passagem secreta e entraram nela. A porta da parede se fechou.

Menw saiu ao exterior.

Lucius desapareceu.

Os Vaniros e os berserkers lutavam nos túneis contra os clones. Vieram todos: Ás, Noah, Adam, a Caçadora, Caleb. Gwyn, Ione, Lain e outros. Caleb e Aileen tiraram Cahal e Mizar dali e os deixaram no interior de seu Cayenne. Não sabia se Cahal bebeu ou não da humana, mas era melhor que tivesse feito.

Recordou a imagem do escarpado. Daanna estaria ali? Voou até dar com o lugar correto. Por todos os deuses, que pudesse vê-la ali. Se estivesse ferida, ele cuidaria dela, não importava o que aconteceu. Daanna era dele, sempre seria dele. Sempre a quereria por quem era e pelo que significava para ele. Amando-a com loucura quando era humano, odiando-a e desejando com fúria dois mil anos atrás, mas agora que sabia a verdade, que o destino e os deuses davam essa oportunidade, agora, amava-a com devota adoração. Passou a mão pelos olhos e retirou as lágrimas com os dedos. Parecia um sentimental. Chorava por sua amada, e chorava por seu irmão. E por cima de todas as coisas, chorava por ele, porque se Daanna desaparecia de sua vida. Quem devolveria o sol?

A ghiall, na toir shollas bhuam, mo Daanna[62].

***

Daanna estava imersa em seu quarto túnel de luz. Deuses, como o corpo doía. A mão, os rins, a coxa, o rosto, o abdômen… Havia algum lugar do corpo que não a ferissem? Apareceu de joelhos, sobre a grama úmida da montanha. Em frente, uma vista espetacular do mar. Podia cheirar o sal. A noite era estrelada e silenciosa.

[62] *Por favor, não me deixe sem luz, meu Daanna.*

O rabo desfez. Levantou vaiando pela dor e olhou à frente. Carrick saiu de uma pequena gruta oculta atrás de uma enorme rocha que estava a uns cem metros dela. Seguia no Capel-le-Ferne, mas agora saiu ao exterior. Quando Hummus a deixou inconsciente se bilocou. Era isso?

Carrick assinalou para onde ela estava e a saudou com a mão. Atrás dele, todos os guerreiros que foram presos pelos sádicos do Newscientists começaram a sair. Era um milagre que escapassem.

Carrick encenava algo com as mãos e correu para ela, como se estivesse ansioso de dizer algo. O vento golpeou o rosto de Daanna e levou com ele as palavras que aquele jovem guerreiro estava gritando.

— Daanna, atrás de você!

Menw sobrevoava as montanhas brancas quando viu uns meninos com as cabeças raspadas e vestidos com roupa cinza, que apontavam para o lugar das grutas nos escarpados.

O desenho, pensou

Ali estava Daanna. Olhou para o lugar que eles assinalavam e encontrou a sua guerreira, com aspecto de não poder se aguentar direito e de necessitar uma ducha, uma massagem e horas de cama.

O coração parou quando viu o homem atrás dela e que se aproximava com sigilo. Levava algo entre as mãos. Era um tubo fluorescente.

Daanna se agachou bem a tempo de que cortasse a cabeça com uma de suas garras. Era um lobacho, que filho de puta! Chegou até eles como uma bala.

No momento que Daanna se agachou, Menw o investiu com o ombro, como se fosse enfrentar ao estilo do futebol americano. Hummus caiu para trás e a adaga caiu. O vaniro elevou os punhos e o golpeou no rosto repetidas vezes. Mas Hummus fez algo impensável, algo fora do comum. Abriu a palma da mão e materializou uma adaga nela. Uma adaga estranha, cheia de pedras negras brilhantes, com umas inscrições rúnicas estranhas e deformada na folha serrada. A adaga se materializou em sua mão como por arte de magia e em um movimento tão rápido como invisível, o cravou no peito de Menw. Justo no coração.

Menw abriu os olhos e caiu como um peso morto.

— Não! Menw! — gritou Daanna, correndo para ele.

O enorme corpo do curador ia cair de costas, mas Daanna aguentou o peso e ficou de joelhos com a cabeça de Menw sobre suas coxas. Tentou tirar a adaga, mas ao fazer, a punho jogou uma descarga elétrica que por pouco não a deixa inconsciente.

Hummus se levantou e os olhou desde sua respectiva vantagem.

— Sua vez, Escolhida. Já sabe o que quero. Vem comigo. Quero engendrar meu filho em você.

Daanna fechou os olhos e negou com a cabeça, enquanto rezava e desesperava para que Menw abrisse seus preciosos olhos, os mesmos que encheram de calor o coração.

— Se entregue a mim e devolverei a vida a Menw — seus olhos agora eram prateados e a olhavam com misericórdia. — Necessito você.

Daanna abraçou a cabeça de Menw e a apertou contra si. Armou de coragem e pôs a mão de novo na adaga, mas a eletricidade a debilitou.

— Se segue fazendo isso, mais vida roubará. Só eu posso tirar a adaga.

— Então, tira!

A sobrancelha negra do Hummus se elevou com insolência.

— Então, tire a calcinha e faça o que peço.

— E por que não me chupa?

Noah apareceu atrás de Daanna e Menw. Adam mostrou o desenho, e enquanto ele estava fatiando cabeças de clones assassinos nos túneis, Noah decidiu ir ajudar a Daanna e Menw. Não imaginava que estavam tão mal.

Hummus olhou Noah com interesse.

— Olá, menino perdido — disse.

Noah franziu a testa e transpassou Hummus com seus olhos amarelos. Lançou por ele e deu tempo a Daanna para que se resguardasse.

Mas Daanna não tinha forças para mover. O nó perene ardia e picava, e isso só significava uma coisa. Menw morria entre seus braços e Hummus não arrancaria a adaga. Jogou a cabeça para trás e lanço um grito de desesperança ao céu.

— Menw, *mo Priumsa*. Não me deixe, não vá, por favor, Menw — acariciou o rosto tão doce de seu curador — rogo isso, — suas lágrimas caíram sobre as pálpebras de Menw. — Menw… Não, vai me ouvir dizer isso... Eu… te amo.

Nesse momento, o corpo de Daanna e do curador, explodiram em mil pedaços, como se fossem estrelas, e desapareceram, deixando milhares de faíscas luminosas ao seu redor, sobre as brancas montanhas inglesas do Canal da Mancha.

— Onde? Que…? — Hummus estava farto de ver como aquela mulher desaparecia quando agradava fazê-lo.

Noah bateu com a cabeça e arrebentou o nariz.

— Que tal esta, traidor?

— Traidor? Não tem nem ideia — cuspiu Hummus, cobrindo o nariz com as mãos. — O traidor maior que existe está entre vocês e se chama Ás. — Se esquivou de um direito de Noah. — Não sabia? Sabe coisas sobre você, Noah. Não perguntou? Não contou?

Ás apareceu transformado em berserker. Com seu cabelo negro comprido e grisalho e os olhos amarelos.

— Ás cuidou de mim. Ás me teve quando era um bebê — respondeu Noah.

— E você acha isso? Pergunta a seu querido Ás quem são seus pais.

— Claro, o que diga… — Noah tirou a adaga que Nanna deu para ele tão amavelmente, e fazendo uma finta com a cintura, socou os quadris do Hummus, cravou e feriu com a adaga na coxa.

O lobacho gritou e levou as mãos à ferida.

— Uma adaga Gudinne (dos deuses)? — disse com surpresa, — por que a tem?

— Um presente de uma amiga.

— Uma deusa?

— Não — negou divertido. — Não, de nenhuma.

Noah se transformou. O cabelo loiro cresceu até as omoplatas e seus músculos se desenvolveram alcançando o dobro do tamanho natural. Os olhos amarelos brilharam e mostrou as presas brancas que pareceram entre o lábio superior.

— Agora, lutemos. Tenho vontade de chutar um traseiro.

Hummus negou com a cabeça e sorriu como se fosse um bufão.

— Agora não. Mas, logo. Voltaremos a nos ver. Saudações, Ás.

Fez uma reverência e desapareceu. Noah o procurou pelos arredores e farejou o vento para detectar o aroma tão pessoal de putrefação de Hummus. Nem rastro de lobacho. Quando virou, Ás estava ali.

— A que se referia, Hummus? — perguntou Noah, retornando ao seu estado normal.

Ás encolheu os ombros, aproximou e passou a mão pelo ombro.

Capítulo 31

Daanna estreitava Menw entre seus braços, embalando como um menino pequeno. Se transportou de novo a outro lugar, um lugar que ela guardou zelosamente em sua memória e que recordava com melancolia. Ali, junto a Menw, passou os melhores anos de sua vida. Estavam no povoado cruithni. Secou as lágrimas dos olhos, aturdida e confusa. Que fazia ali? Podia cheirar a lenha queimada e também o aroma de hortelã e cárdamo das plantas medicinais de Menw. Olhou por cima de seu ombro e viu a cabana, o chakra de seu curador, o chakra onde ela perdeu a virgindade e o coração.

— E ele também — disse uma voz feminina de dentro do chakra. Freyja apareceu pelo marco da porta de madeira e saudou com a mão. — Também foi sua primeira vez em tudo.

A deusa vestia um traje azul comprido, de ombros descobertos, com um decote que chegava justo por debaixo do umbigo, no qual havia uma pedra negra incrustada. Usava o cabelo recolhido em duas tranças loiras que caíam por debaixo dos seios e seus olhos, cinza como a névoa, cintilavam alegres.

Que demônios fazia a deusa Vanir ali? Ela poderia ajudá-la? Se fosse assim, estaria disposta a assinar uma trégua com ela para que salvasse a seu macho e em troca fazer o que desejasse.

— Freyja — sussurrou Daanna, — feriram Menw — gemeu, acariciando o rosto de seu companheiro. — Não... Ele não... não respira! Não, não posso arrancar a adaga porque me... queima. Hummus, esse lobacho, a cravou no coração.

— Normal. É a adaga de um deus, e não pode tocar sem que fira — murmurou abaixada diante deles.

Daanna a olhou fixamente, esperando alguma solução, um remédio, algo, por todos os deuses! Freyja inclinou a cabeça e estalou com a língua.

— Não está bom o aspecto, atravessou o coração e é uma adaga muito poderosa. Só os deuses podem tocá-lo.

Daanna apertou a mandíbula E explodiu: — Maldição, deusa puta! Ajude-me! Faz algo por nós uma vez em sua miserável vida! Olha como estou! — as lágrimas deslizavam por suas bochechas sem controle. O rosto cheio de sangue e seus olhos verdes irradiavam ódio e desespero. — Engoli todo o orgulho de repente e estou rogando isso!

Freyja negou com a cabeça.

— Ignorarei que me insultou, cadela. Se ajudar, o que você fará por mim?

— Qualquer coisa — assegurou a vanira, veemente. — Qualquer coisa, prometo.

A deusa elevou uma sobrancelha e arranhou a lateral do pescoço, como se estivesse meditando em sua resposta.

— Qualquer coisa?

— Qualquer coisa por ele, Freyja — repetiu sem medo, mantendo sua decisão. — Me diga o que quer.

Freyja deu uma palmada e um salto de alegria.

— Trato feito.

A Escolhida não podia acreditar. Fácil assim? Secou as lágrimas com o antebraço e retirou um pouco para que Freyja procedesse com o corpo de seu Vaniro. O homem que arriscou a vida por ela. O homem que queria ao seu lado para sempre.

A deusa tomou o punho da adaga com as duas mãos e vaiou ao tocar as pedras negras que havia nela. Com um grunhido, desencravou a arma do peito de Menw, puxou a adaga ao chão e imediatamente pôs a mão sobre a ferida. Fechou os olhos e sussurrou em voz baixa

— Devolve ao guerreiro aquilo que roubaram — recitou em voz baixa. A palma da mão irradiou luz dourada e fechou a ferida mortal. — Já está. Salvo! — exclamou triunfal.

— Tem certeza? — Olhou o loiro que ainda permanecia com os olhos fechados, como se estivesse no meio de um plácido sono. — Tem certeza que está bem?

Freyja polvilhou o vestido com as mãos e assentiu enquanto levantava, estudando tudo o que havia ao seu redor.

— Só precisa dormir.

— O que pede em troca? — perguntou Daanna, elevando o queixo.

— Quero que o abandone e que nunca mais volte a vê-lo.

Daanna empalideceu e os olhos encheram de novas lágrimas. Então Freyja soltou uma gargalhada e disse:

— Tranquila, mulher, só estou brincando — revelou com orgulho. — Estou aprendendo a fazer.

— Sádica — sussurrou Daanna, desejando esmagar o rosto contra o chão. Podia fazer brincadeiras em qualquer momento. — O que quer de mim, Freyja?

— Na realidade, quero apenas um pouco do seu tempo — assegurou a Deusa da fertilidade, cruzando os braços e apoiando em um arbusto. — Tempo para explicar por que fiz o que fiz. Por que os separei.

— Isto era uma armadilha? De verdade, tinha uma razão? — Daanna deixou Menw brandamente sobre o chão, apoiando a cabeça sobre a grama. Levantou, incrédula diante daquela confissão. — Havia mais alguma razão, além de jogar conosco?

— Sempre há uma razão, Escolhida — assegurou Freyja olhando de cima a baixo. — Doem as feridas?

— Ui, não... — respondeu sarcástica.

A deusa estalou os dedos, e todas as feridas da vanira, cicatrizaram e fecharam por arte de magia.

— Não fiz por você. Eu não gosto do sangue e, além disso... estava asquerosa — assegurou.

Daanna agradeceu o gesto, mas nunca o reconheceria. Que estranho era que aquela deusa superficial se preocupasse com seu bem-estar.

— Não precisa me agradecer isso, leio a mente. — Encolheu os ombros. — E não sou superficial. Está em meu mundo, Daanna, tudo o que vê é meu. É tudo uma ilusão. — Arranhou uma parte de casca da árvore com uma de suas unhas pintadas de cor branca pérola, e ao fazê-lo, saíram partículas brancas que elevaram até o céu. Daanna as seguiu até que pôde ver o verdadeiro lugar em que se encontravam. O céu não era azul claro, nem azul escuro.

Estava cheio de planetas e constelações que não se viam da terra. Estrelas fugazes cruzavam o firmamento de ponta a ponta e as cores se mesclavam pintando o teto estelar de tonalidades que ainda não foram nomeadas.

— E por que nos trouxe até aqui? — perguntou Daanna, confundida, — por que fingir que estamos no povoado?

— Porque aqui começou tudo. Queria falar com você em um lugar em que se sentisse cômoda.

— Quanta consideração de sua parte — disse. — Me dê uma boa razão. Só uma — Daanna levantou o dedo indicador, — para que possa chegar a entender por que nos fizeram isso.

— Seu corpo é especial, Daanna. Sua alma é diferente dos outros. É a Escolhida.

— Não me diga! — gritou.

— Você foi uma das razões principais pelas qual convertemos seu clã picto, e não a outro. Você e Menw eram especiais.

Daanna calou de repente enquanto negava com a cabeça, com o rosto desolado.

— Ficou grávida de Menw quando era humana, mas então não era o momento, Daanna. Seu filho não podia nascer naqueles tempos porque Loki e seus lobachos teriam caçado e o matariam sem demora. Não podíamos correr esse risco e, além disso, as portas não estavam abertas ainda.

Do que falava Freyja?

— Seu corpo, alardeia, tem a capacidade de albergar muita energia. É um recipiente muito poderoso, um que pode caminhar entre as dimensões: por isso seu dom é a bilocação. Seu bebê humano seria especial, produto de duas almas cheias de luz como eram seus pais, mas se não fossem transformados, teriam morrido nas mãos dos romanos em poucos dias. As normas previram — explicou. — Por isso entramos em contato com o druida, com Cahal, e citamos o dia seguinte de que você e Menw deitaram juntos, no Stonehenge. Perdeu ao bebê e fiquei mal.

— Perdi o bebê e ficou mal? — repetiu, ofendida com seu tom. — Perdi ao bebê porque era o melhor para vocês? Isso que está insinuando?

— A alma de seu filho, que Menw e você atraem, Daanna, só se reencarna a cada ciclo de dois mil anos. Você entende? Não podia reencarnar para que morresse antes do tempo. É fundamental para o Ragnarök. Então, não estava preparado para nascer — justificou com tranquilidade.

A vanira grunhiu, deu um salto para frente e se jogou em cima de Freyja.

— Me peça perdão! — Daanna agarrou à deusa pela trança e dobrou a cabeça para um lado. — Embora chegue dois mil anos tarde, me peça perdão! — exclamou sem poder acreditar, — me peça isso.

Freyja sorriu. Seus olhos cinza se escureceram e ficaram negros, e poucas veias verdes rodearam as pálpebras. Mostrou as presas e, com um vaio, deixou paralisada Daanna, que nem sequer podia piscar, só estremecer pela raiva reprimida.

— Tem muito caráter — sussurrou Freyja, colocando as trança sobre o ombro enquanto caminhava ao seu redor. Observou suas roupas: seus jeans rasgados; a camiseta negra rasgada, e aquele calçado esportivo de pele... pouco sexy para Daanna. Com um movimento de sua mão a vestiu com um vestido como o seu, mas de cor negra e de seda brilhante como a alma daquela mulher. — Assim está mais bonita.

— Não quero estar bonita! Quero lhe arrancar a pele! — incharam as veias do pescoço e ficou vermelha por causa da ira e a tensão. Nem sequer olhou o esplêndido desenho que cobria seu corpo.

— Garra — sorriu com admiração. — É pura garra. Como uma... Pantera. Isso é o que manteve em pé todo este tempo, assim não vou reprovar isso. Deixe-me explicar: depois da transformação, Loki colocou a mão em Seth e Lucius e descontrolou as coisas. Eles foram tentados e caíram no primeiro dia, mas arrastaram Menw e Cahal com eles. Os quatro desobedeceram nossas ordens, e mereciam um castigo. Lucius e Seth não o aceitaram, por isso desertaram. Mas Cahal e Menw acataram sua penitência com dignidade. Menw o fez por você, porque eu mostrei o que aconteceria se tentasse estar com você. Mostrei tua imagem abortando, mas ele nunca soube que aquela imagem se cumpriria, que seria uma realidade. Os deuses não podem criar miragens, só Loki, porque é um vigarista e um transformista, assim que eu recorri ao futuro imediato e mostrei esse momento.

Daanna fez um gesto de dor com o rosto. Menw a viu enquanto perdia seu filho nos bosques? O Vaniro pensou que isso não passou, que ele evitaria aquela cena afastando-se de sua vida e, entretanto, aquilo aconteceu na realidade.

— Por quê? Por que o afastou de mim? — perguntou. — Se ele e eu fomos capazes de atrair essa alma poderosa e encarná-la em nosso filho. Por que nos separaram logo?

— Porque a alma de seu filho não podia retornar ainda. Ele devia estar presente no Dia da Porta, no Ragnarök. Daanna. Não antes. E ainda mais com Loki sendo mais forte que vocês. Por isso criamos a brecha entre Menw e você. E logo... Seu corpo Vaniro rejeitou o bebê, não suportou a transformação de humano a Vaniro.

— Mas você poderia ter protegido!

— Não quis — respondeu serenamente. — Entretanto, ele ficou com você todo este tempo. Sua alma viveu em você. E ele sentiu e compreendeu muitas coisas através de seus olhos e de suas emoções. É sábio.

— Aodhan. Chama-se Aodhan. Chama-o por seu nome, Freyja — cuspiu a vanira.

— Aodhan — a satisfez. — É uma alma incrível e pode fazer muito bem no Midgard, por isso o protegemos. Você e Menw não deviam ter relações de novo porque são muito... férteis — disse lentamente. — Quando seus corpos se unem, se encaixam — juntou os dedos como um quebra-cabeça, — criam vida. Se deitassem de novo, trariam Aodhan com vocês, e não podiam fazer, ainda não. Era um problema de tempo. Necessitávamos tempo para crescer, para lutar, para que os vaniros se fizessem fortes. Assim insisti com Menw para que rompesse seu coração. Sabia quão orgulhosa era, e os deuses entendiam que nunca iria perdoá-lo, e isso servia para nosso encargo, porque, como iria se deitar de novo com um homem que odiava e que a traiu? E estivemos certos. Nunca o perdoou.

Não. Jamais o perdoou. Como faria, tendo tanta dor em seu coração?

— Menw poderia ter deitado com outras mulheres. Mas nunca trazer vida em outro corpo — assegurou Freyja. — Vocês dois só são férteis entre vocês mesmos. Porque ele é o doador, entende? Ele também é um Eleito como você. Você é o recipiente para que ele plante sua semente. Juntos criarão Aodhan. A profecia recaiu toda em você, mas nunca se revelou que era uma profecia dupla. Valia tanto para você como para ele. Odin decidiu apagar a revelação das estrelas em que se falava dele; ocultou-a nas runas e obrigou às normas a eliminar de seus arquivos para que não houvesse conspirações de nenhum tipo contra Menw. Por isso, nem sequer o noaiti fala do curador na última profecia que recebeu do Skuld. Menw devia passar despercebido, até que chegasse o momento.

Menw era um Eleito? Ela era um recipiente?

— Acha que tenho cara de tupperware?

Freyja elevou as sobrancelhas e enrugou o nariz.

— Que ideia...

— E o momento chegou quando te deu vontade, Freyja?

— Não. Eu não escolho os momentos. Os acontecimentos na Terra acontecem sem que possamos parar, nós somente pomos as fichas nos lugares adequados. Não podemos interceder de qualquer jeito. Frey, meu pai e eu, intercedemos há dois mil anos porque Cahal e Menw quebraram o pacto, nos ofenderam e nos desafiaram. Nunca, jamais — enfatizou levantando o queixo, — desafie a um deus. Nós castigaremos, e vendo que Menw era um dos implicados, aproveitamos disso.

— E por que implicaram no outro dia comigo? Por que intercederam me mostrando o passado? O que provocou essa reação?

— Chegou um humano no meu templo. Um com muitos cachos loiros e que me agradou porque estava apaixonado por meu palácio e minha história. Conhecia-me! — exclamou emocionada. — Como eu gosto disso… depois de ter aqui à Caçadora estive a ponto de desistir,

porque essa garota é burra e relacionou a minha mãe com umas vacas e nem sequer sabia quem eu era! — exclamou irritada, e em décimos de segundo relaxou de novo. — Mas o loiro com cara de nunca ter quebrado um prato — mordeu o lábio e sorriu. — Esse sim sabia muito… É muito esperto não? E estava tão apaixonado por você!

Daanna retrocedeu, como se recebesse uma bofetada no rosto. Levou a mão à boca e seus olhos verdes se encheram de lágrimas.

— Gabriel?

— É óbvio que é Gabriel. Lutou em nome dos humanos e cuidou da caçadora; defendeu a ela, mesmo não tendo nenhuma possibilidade de sobreviver contra aquela berserker de tetas enormes. — continuou, sem perceber o quanto afetou Daanna com sua revelação. — O trouxeram para minha casa, Sessrúmnir, e o reclamei como um guerreiro morto na batalha. Quando os guerreiros ingressam aqui podem pedir algo para aqueles que deixaram na terra.

— Adivinha qual foi o desejo de Gabriel?

Podia adivinhar? Nem sequer se atrevia a acreditar.

— Gabriel disse textualmente: *Quero que Daanna seja feliz. Quero que ela e Menw arrumem suas diferenças.* E… Bingo! Aí estava a oportunidade que procurávamos para poder interceder entre vocês, por que a verdade, querida — revirou os olhos, — você não tinha nenhuma intenção de escutar as desculpas de Menw, e ele não podia dizer a verdade até que realmente estivesse interessada em conhecê-la, e isso nunca aconteceu, era um desastre… Iam dar as peras[63]!

— Uvas.

O rosto da Freyja mostrava que não entendeu aquele comentário seu. — Criou essa situação! Você e suas mentiras! — exclamou Daanna indignada.

— Sim, sim, pense o que quiser. Odin visitou Ás e disse que era o momento de preparar os exércitos, que era o momento da Escolhida despertar.

— E então Ás e Caleb me buscaram, e você e Odin me mostraram as imagens do passado. E eu... Tive que atuar.

— Sim. Tragou o orgulho muito bem. — Freyja olhou Menw, o qual seguia dormindo, com o rosto entre sombras. A deusa levantou uma sobrancelha. — E também tragou outras coisas?

— Puta! — Daanna tentou dar um murro, mas não podia se mover.

— Alto aí, vanira, não vou permitir outro ataque, assim fique tranquila. — Seus olhos cinza brilharam divertidos, sabendo que era a mais poderosa daquele lugar. — E, além disso, se machucar, aqui só temos um doutor e ele está inconsciente.

Daanna tentou girar a cabeça, mas suas tentativas resultaram inúteis. Estava tão paralisada como Menw.

— Como ia dizendo — acariciou a trança direita, — Daanna foi à busca de Menw, e então boom! Dois titãs colidiram. No Valhahall. — Sussurrou em modo de confidência, cobrindo a boca. — As Valkyrias chegaram a pedir pizzas e pipocas para ver seus encontros no salão do Vingúlf… Era

[63] *É uma expressão do espanhol, significa que estava ficando tarde, ou que estavam demorando muito para resolver a situação. Ficou no original por causa do trocadilho presente. Onde a deusa diz "peras", enquanto o correto é "uvas".*

impressionante! Quanta tensão!

Um músculo na mandíbula de Daanna começou a palpitar.

— Me espiavam? — perguntou horrorizada. Não se importava que a vissem, mas não queria que vissem ele.

— O que esperava? Minhas Valkyrias são virgens, mas muitas querem deixar de ser antes que chegue o Ragnarök, dizem que não querem morrer sem antes ter estado com um homem, e, além disso, estão fartas de manusear entre elas. São meus filhos, todos os vaniros são, assim posso vigiar e ver o que fazem em cada momento. Elas me pediram que mostrasse coisas e eu abri um portal visual para que pudesse instruí-las com vocês. No momento adoram Caleb. — Confessou com malícia. — Mas dizem que o momento da ducha entre você e Menw subiu muitos pontos. Acredito que foi Bryn quem disse que deveria ser tomada em cima do piano, ou algo assim, já não o recordo... mas, enfim, isso é o de menos... por aonde íamos? — bateu no queixo com o indicador, — ah, sim. Você — assinalou Daanna, — entregou a Menw seu dom, que não era outro senão o de escapar da escuridão, do vampirismo. Fugir de Loki para sempre. E ele — apontou Menw, — outorgou a você o dom da bilocação, que a Escolhida necessitava para contatar com os guerreiros perdidos. Mas nada disto teria sido possível se não estivessem dispostos a perdoar. Moral: todos nós cometemos enganos, ninguém se salva do crivo, sabem? Alguns equívocos parecem imperdoáveis, mas inclusive, o pior de todos, pode e deve se desculpar, porque se não o fizermos, quem nos perdoará? Só o verdadeiro amor tem essa capacidade de redenção, uma que os humanos e os deuses começam a esquecer, e não podemos permitir. Se os humanos esquecerem para sempre sua capacidade de perdoar, não haverá salvação para ninguém. Eu... — baixou o olhar, —... queria recordar como perdoar, mas para isso preciso recordar o que é o amor, porque já não me lembro.

Freyja falava de Od. Seu marido, de quem estava profundamente apaixonada, e desapareceu. Ela, que era a deusa mais formosa do panteão, a deusa da criatividade, do sexo, da paixão e da fertilidade, sofreu o pior dos desplantes: não ser amada pelo único homem que ela amava. Ninguém sabia onde se encontrava Od, mas se dizia no Asgard e no Vanenheim que foi visto em companhia de outras deusas, algumas ninfas, e também anãs... Anãs! Era o cúmulo da humilhação. Assim que ela, em vingança, deitou-se com quarto anões de uma vez. Quando soube que Od não voltaria, chorou lágrimas de ouro vermelhas em sangue, por isso teve a brilhante ideia de que entre casais vaniros, o sangue fosse um elemento indispensável para a sobrevivência.

Daanna controlava todas as suas expressões e também a linguagem de seu corpo. Freyja era uma deusa com poderes ilimitados, mas não conseguiu manter aquilo que pelo visto, mais desejava. A diferença entre as duas era que Freyja adotou outra postura a respeito, concretamente a de *um prego tira a outro prego*, e se deitou com qualquer deus que desse um pouco de carinho, e em troca, ela se manteve celibatária, como uma monja enclausurada. Odiando e amando Menw como uma psicótica. Entretanto, tinham algo em comum, ambas terminaram feridas. A deusa admitia que não lembrava o que era o amor e que por isso não sabia perdoar, era um reconhecimento humilde para uma deusa cheia de vaidade, não?

Os olhos cinza azulados de Freyja brilharam com lágrimas vermelhas. Vermelhas de sangue.

Distraída, passou um dedo pelo canal lagrimal e olhou assombrada aquele rubi líquido.

— Assombroso. Ainda sinto coisas — murmurou. Agitou a cabeça e as lágrimas desapareceram como se nunca tivessem emergido do interior daquela mulher. — A questão é que estou dando a segunda oportunidade e também a última. Não dou mais de duas — esclareceu. — Aceita?

Daanna disse:

— É óbvio.

— O que me dará em troca?

— Em troca do que?

— Da segunda oportunidade — respondeu cruzando os braços.

— Te dei meu tempo e disse que faria qualquer coisa se salvasse a vida de Menw, E agora quer me pedir algo mais? Você não tem fim!

— Não, não tenho fim. Sou uma deusa — piscou um olho.

— Te darei o que quiser.

— Ainda tenho que cobrar o outro favor — recordou.

Daanna encolheu os ombros. Nada importava enquanto ela e Menw pudessem estar juntos.

— Bem. Ambos têm o dom mais formoso de todos: o de atrair Aodhan de novo. Justo agora quando se aproxima o tempo de que se abram as portas e se origine o Ragnarök. Fica muito pouco… menos do que pensam.

— E o que esperas de Aodhan?

— Só espero que exista, nada mais. Será alguém tão puro que nem sequer Loki poderá resistir a ele, entende?

— Não quero que Aodhan nasça marcado como eu! — exclamou com ferocidade.

— É muito tarde para isso, Escolhida.

— É uma merda! — respondeu. — Ele é livre para escolher.

— É óbvio que é, todo mundo é livre para escolher. — Declarou Freyja, olhando Daanna com doçura. — Aodhan terá sua responsabilidade no Ragnarök, mas no final ele quem dirá o que tem que fazer. Nós não podemos obrigar a que atue não. Está aqui há dois mil anos, esteve em sua alma, você o levou com você. — Elevou o queixo de Daanna e cravou seus olhos cinza nos verdes fosforescentes de saco cheio da vanira. — Viu o mesmo que você, e teve tempo para entender à raça humana. Ele saberá o que quer fazer. Tudo isso; o Ragnarök, os deuses, os humanos e o livre-arbítrio são coisas tão volúveis e tão inconstantes que ninguém sabe como acabará. O manto que tecem as normas é diferente a cada momento. Todas suas ações contam lá embaixo, e a cada movimento que fazem, um novo desenho se reflete no tecido do destino. É muito complexo. Muito. Mais inclusive do que podem chegar a imaginar. A alma de Aodhan é o que é, mas serão suas ações as que realmente confirmarão sua natureza. O que peço em troca de sua segunda oportunidade é que se sairmos vitoriosos do Ragnarök, permita a seu filho visitar Vanenheim. Nós gostaríamos muito de escutá-lo e talvez pudesse conhecer minha filha Gnoss e ao Gersemi.

— Só isso? — perguntou Daanna.

Freyja assentiu.

— Mas... — Daanna levou as mãos ao ventre e as apertou com força, dando calor. Ainda não estava grávida. — Não o ouço. Não sei se...

— Você deixa que ocorra. Deixem que ele volte quando quiser. E... se dediquem ao tema como se fossem coelhos — estalou os dedos e devolveu a mobilidade. — Disseram que você gosta de cenouras.

Daanna avermelhou e negou com a cabeça.

— Seria pedir muito um pouco de intimidade, por favor? — grunhiu Daanna, com as costas muito retas, girando para ver Menw. — Por que não despertou ainda?

— Não se preocupe. Recuperará.

— Por que Hummus possuía a adaga de um deus?

— Porque é o que está mais em contato com Loki.

— É um xamã Seidr? — Daanna não conseguia entender o papel de Hummus em tudo aquilo.

— Não — respondeu a voz de um homem. — Não é um xamã.

Odin, com seus dois metros de altura e vestido com uma túnica cinza, apareceu apoiado nas raízes do tronco do carvalho ao lado enquanto acariciava a lâmina da adaga que foi extraída do corpo do curador. Levava um emplastro negro em seu olho direito. O deus nórdico, pai de todos, elevou a vista à adaga, e escrutinou com seu único olho azul a Freyja, e o fez com curiosidade. A deusa o olhou de soslaio, com receio.

— O que olha?

— Esteve chorando? — perguntou, esticando-se ao máximo e caminhando para ela, todo seguro e ameaçador. — Por quê?

Freyja franziu o cenho e deu um passo atrás.

— Porque... ouça, o que te importa, Aesir?

— Nada — soprou, embora não deixasse de olhar para ela. — Direi a vanira — a encarou e esperou que ela o olhasse. — Seguirá reclamando os guerreiros em seus lugares; tem que dar as premissas que estiveste dando até agora, de acordo? Que fiquem em contato com Ás e com Caleb, e que eles reagrupem os exércitos berserkers, vaniros e einherjars.

— E Valkyrias — recordou Freyja, recuperando a compostura perdida frente a Ás. — Lembre-se que minhas garotas também as perseguem e algumas estão em contato direto com seus einherjars. Todos devem se unir.

— *Frígida* tem razão — sorriu Odin.

— Me chamo Freyja, mamão — grunhiu a deusa, caminhando para Daanna e pondo a mão no ombro desnudo. — Vou cobrar o outro favor.

Daanna levantou insegura e tomou ar.

— Me diga — disse fazendo beicinho.

Freyja elevou uma mão e pousou no outro ombro.

— Quero recordar como é — sussurrou a deusa aproximando mais a ela. Sem perder o contato visual com seus olhos verdes. Deslizou uma mão pelo ombro, até seu peito, e a deixou em cima de seu coração.

— O que quer recordar? — Daanna se sentia forte e poderosa ao ser tocada com tanta reverência pela deusa do amor. Era uma mulher muito magnética e tão atraente como o mel às abelhas.

— Só... deixe-me ver — sussurrou, juntando sua testa à dela.

A vanira tragou saliva e desviou a vista da mão elegante da deusa que desprendia calor e luz.

— Quero recordar como se sente o perdão absoluto. Como é o amor mais autêntico — disse Freyja fechando os olhos com prazer. — Por meu pai, isso é... Maravilhoso.

Daanna sentiu que tremiam as pernas ao sentir o desejo de Freyja. Aquela deusa sofria por coisas que não podia ter, por esse homem chamado Od que a abandonou. Fechou os olhos, e deixou que Freyja se alimentasse de seus sentimentos. Seria preciso seguir lutando. Não sabia nada daquela deusa, à exceção de tudo o que fez por um bem maior, se assim pudesse dizer. Tomava decisões e se responsabilizava apenas o suficiente delas, e não importava a quem feria. Mas depois te surpreendia quando deixava que visse sua vulnerabilidade.

E então, soube que nunca mais poderia odiar Freyja. Também perdoou a ela. Quando pensou nisso e o integrou como verdadeiro em seu coração, sentiu que a deusa se sobressaltou e abria os olhos com surpresa, como se ela também soubesse. Daanna assentiu com humildade ao tempo que Freyja a beijava na boca.

— Obrigada — sussurrou sobre seus lábios. — Tentarei sobreviver com isso.

Freyja retirou a mão de seu peito e deu um passo atrás, sorrindo a Daanna e olhando a Odin com uma sobrancelha altiva levantada.

— Gostou, viking?

Odin pigarreou e olhou para outro lado.

— Devolve-os ao Midgard, Freyja.

Freyja jogou a trança para a parte dianteira e murmurou: — Vai dar machadadas por aí, desmancha-prazeres. — A deusa levantou as mãos e jogou a cabeça para trás.

Daanna cobriu o corpo de Menw com o seu, olhou-o no rosto e disse: — Voltemos para casa, amor.

— Daanna — chamou Freyja.

A vanira a olhou. — Sim?

— O vestido negro é um presente. Usa amanhã na cerimônia de despedida

Daanna tencionou e o coração deixou de pulsar. Cerimônia de despedida? De quem?

— Dois dos seus morreram.

Tudo se iluminou.

Capítulo 32

Menw estava acordado. Abriu os olhos há apenas duas horas, depois de dormir durante um dia inteiro. Agora era de noite, estava sentado na janela de sua casa, esperando que Daanna

retornasse das cerimônias de enterro de dois guerreiros que perderam a vida no Newscientists: um vaniro e um berserker. Fracos como estavam, não puderam sobreviver ao ataque de três clones que chegaram até os escarpados, justo onde eles se resguardavam. Ás e Noah conseguiram detê-los e acabaram com eles, mas não conseguiram evitar as duas sentidas mortes daqueles dois imortais que viveram presos todos esses anos nas vísceras daqueles despenhadeiros.

Menw sabia isso porque, desde que recuperou a consciência, Daanna não parou de falar com ele. Sua voz, tão melosa e ao mesmo tempo com esse toque sexy, o agasalhou e encheu de amor desde que se recuperou. Prendeu suas pernas para apoiar o queixo sobre os joelhos.

Lembrava-se de tudo o que Freyja e Daanna falaram, embora ele não pudesse abrir os olhos enquanto estava estirado na grama do Sessrúmnir. Lembrava-se de todas as revelações e de todos os segredos revelados entre a deusa e sua mulher. A história era complexa e, entretanto, surpreendente. Inclusive uma parte dele poderia chegar a entender a atitude dos deuses para eles. Mas sua parte egoísta os odiava por isso. Entretanto, eles não eram culpados das decisões que ele tomara. Em sua longa vida cometeu muitos enganos, deixar-se levar pela vingança e o ódio, ferir a pessoa que mais amava e logo não saber perdoar até o ponto de estar a um passo de se entregar a Loki. Seus enganos não permitiram conhecer seu filho, seus enganos estiveram a ponto de afastar Daanna para sempre de sua vida, e colocaram-na a sério perigo. Mas, acima de tudo, seu maior engano foi diminuir o valor de Daanna como guerreira. Por todos os deuses, graças a seu dom, aquela fêmea entrou sozinha no Newscientists e liberou centenas de vaniros e berserkers que foram submetidos por humanos, vampiros e lobachos. Ela deu uma segunda oportunidade a eles ao liberá-los. Ela sozinha. E, além disso, lutou por Cahal, por seu irmão.

E de todas essas coisas maravilhosas que Daanna fizera e pelas quais lutou, a melhor, sem dúvida: brigar por ele e não se render. Porque sem essa determinação de mulher vanira, ele teria se submetido à Loki, com toda a vergonha e perda da alma que aquilo supunha. *Deixa de pensar nisso, mo Priumsa.*

Menw levou a mão ao nó perene e o acariciou. Estava louco por vê-la e tocá-la, de cima a baixo. Só para comprovar que realmente estava bem. A última imagem dela era a de estar assediada por Hummus até que ele se interpôs para salvá-la. Passou o polegar pelo sinal e esfregou brandamente. *E deixa de me acariciar assim*. Grunhiu.

O curador sorriu.

Sinto falta de você. Pareço um estúpido aqui sozinho, desejando te ver.

Então somos dois estúpidos.

Menw sorriu. Sua Daanna.

Como foi?

Foi muito triste, Menw. O vínculo desses guerreiros era muito forte. Fechados ali durante tantos anos… Eram uma família e foi doloroso ver como se despediam. E o pior foi ver que os rapazes, os menores, estavam tão endurecidos que nem sequer podiam chorar. Deuses, Menw… sofreram o inexprimível. Tão pequenos. Homem e mulheres, submetidos, dobrados contra sua vontade… Como podem se recuperar?

Com tempo e paciência.

Aileen está decidida a se encontrar com todos os pequenos e a falar com os adultos. Estão traumatizados e será difícil lutar com eles, mas a híbrida adora os desafios. Não sei se pode ajudar… são muito reservados. É como se eles mesmos fossem de um clã distinto. Um clã torturado. Entre eles não fazem diferenças entre berserkers e vaniros, sabe? São todos iguais porque passaram pelo mesmo inferno. Hoje, na cerimônia de despedida, eram dois homens com as cabeças raspadas, rodeados por sua gente enquanto as piras ardiam. Foi algo tão íntimo que parecia, inclusive, que éramos nós os que sobravam ali.

É normal. O que define a um clã não são as crenças, a não ser as experiências que sobrevivem juntos. Eles criaram sua própria lenda, sua própria história e são um clã distinto. Sobreviventes. Ajudaremos, mas não sei até que ponto podemos animá-los a que se relacionem conosco. Não temos seus estigmas, assim não somos dos seus. No momento, acredito que só aceitarão você.

Menw se incorporou ao notar que o vento transportava o aroma de limão doce, o cítrico açucarado de sua formosa mulher. Uma princesa. Uma guerreira. Sua Escolhida.

Daanna apareceu entre as nuvens, com a vista à frente, cravada nele. Ele podia ver como sorria ao sentir sua essência de baunilha. A vanira desceu elegantemente até tocar com os pés as faixas de madeira do terraço. Caminhou para ele, com o vestido negro que Freyja lhe deu. Seu cabelo meio preso estava salpicado de flores vermelhas.

— Aceitariam só a mim? — perguntou Daanna enquanto comia literalmente o corpo daquele homem rude. — Por quê?

— Porque você é sua salvadora. Sua Escolhida. — Tirou a camiseta cinza de algodão pela cabeça e deixou seu torso descoberto. A calça negra de cintura baixa deixava à vista seus quadris venosos e cheias de músculos, e seu nó perene sob o umbigo.

Daanna baixou a vista e a cravou no sinal que o atava a ela por vida.

— O que aconteceu no Capel Battery?

— Caleb e Ás voaram os túneis subterrâneos dos níveis inferiores. Trouxeram amostra do que havia nos laboratórios, deixaram em seu escritório enquanto dormia. Foram ousados, Menw. Lucius, Seth… esses humanos que trabalham para eles… têm feito coisas horríveis.

— Eu sei. Vi meu irmão clonado, recorda? Além desses mini-híbridos que nos deram mais de um problema nos bosques.

— Cahal entrou em contato com você? — Daanna o olhou aos olhos. — Ninguém sabe onde está.

— Sei, assim que despertou entrou em contato comigo. Tenho que ir visitá-lo, vive em um lugar novo e está disposto a voltar quando se encontrar melhor. Ele… ele precisa estar um tempo afastado. Tem Mizar, sabe? Ela é sua cáraid.

Daanna imaginou enquanto estava nas mãos do Hummus.

Pobre Cahal.

Pobre humana, não fazia ideia do que aconteceria.

— Acha que a transformará?

— Está nisso. Eu apoio em tudo. E você? — desejou saber o vaniro. Não queria ter conflitos

com seu irmão.

Daanna mordeu o interior da bochecha.

— Creio que, independente do que faça, Cahal precisa ser consciente de que vai passar a eternidade com ela, assim deverá tratá-la bem e fazer com que veja nosso mundo através de seus olhos. — E Daanna sabia perfeitamente que não seria fácil para a jovem, ainda mais sabendo por tudo o que passou em sua infância. — Entrará em uma boa confusão se não conseguir que Mizar fique do seu lado. Poderia odiá-lo para sempre.

Menw se aproximou um pouco mais a ela e pegou uma das flores que decoravam seu cabelo. A levou ao nariz e cheirou com gosto.

— Tenho que agradecer a Noah por salvar a pele.

— Já agradeci, embora espere que você faça o mesmo.

— Sim.

— E Gabriel?

Menw resmungou como um cavalo. O humano fez muito por ele, indiretamente, já que seu desejo ao entrar no Asgard devolveu a felicidade a Menw. Estaria eternamente em dívida com ele.

— Também estou agradecido.

— Ele fará com que acredite nos humanos novamente — assegurou Daanna sorrindo e retirando do rosto uma mecha de cabelo vermelho. — É ao que me agarro agora.

Menw fez uma careta, mas ronronou ao sentir a carícia de Daanna.

— Sabe algo de Hummus e Lucius?

Daanna negou com a cabeça, tão frustrada quanto Menw a respeito. O melhor era saber que eliminavam um por um. Pegaram Strike, Samuel, Mikhail, Seth, Lillian, Margött, Brenda e Sebastián Smith. Entretanto, era frustrante saber que havia mais lugares como Capel Battery desdobrados por todo mundo: que em algum lugar, vaniros, berserkers e outros tipos de raças sofriam aquela perseguição e destruição, e o pior era que Lucius, Hummus e Patrick seguiam com vida, ocultos e maquinando contra eles. Esperava que os clãs com os quais Daanna se encontrou também ficassem em marcha, e com toda a informação agora disponível na Black Country, pudessem lutar contra eles de igual para igual. Ele colaboraria com eles com o que fora necessário. Se tivesse que distribuir pílulas contra a fome, ele faria. Mas ninguém mais poderia cair na escuridão. Ninguém mais.

— O que fez Beatha ao ver seus filhos? — perguntou.

Daanna apertou a mandíbula e chorou ao recordar com emoção aquele encontro. Permitiu que o curador visse o encontro em sua cabeça já que as palavras obstruíam na garganta ao recordá-lo.

Carrick e Daimhin, juntos com o resto de guerreiros, entraram no Ragnarök. Esse seria seu lar por agora, havia andares e quartos de sobra para poder acolher a todos. Os irmãos, entretanto, tinham seus pais, Gwyn e Beatha, em frente, como duas estátuas de pedra, olhando-os de cima a baixo como se tratasse de uma visão. Daimhin puxou do vestido negro de Daanna e a olhou com insegurança e pena.

— Não quero que me vejam assim — disse a menina.

Carrick permanecia com o olhar baixo, e o corpo tremendo. De vez em quando dava um olhar receoso e tímido para seu pai, Gwyn, que parecia um pudim. Daanna chorou interiormente por eles, por todos aqueles guerreiros, homens, mulheres e meninos que agora tinham a alma quebrada pelo abuso e o mau trato. Daanna segurou a mão dos dois irmãos e saiu com eles para que falassem com ela daquilo que mais temiam.

— Me dá vergonha — sussurrou Daimhin com os olhos vermelhos, resultado da vontade de chorar. — Não quero que me vejam.

A seu lado, Carrick tampouco estava predisposto a encontrar com seus pais. Neles nascia uma corrente que era como um peixe que mordia a sua cauda. Morriam de vontade de abraçar seus pais, de que eles devolvessem o amparo que perderam, mas por outro lado, sentiam-se sujos por dentro, desprezíveis.

— Daimhin — Daanna apertou a mão com carinho. — Quando seus pais olham para você, veem a menina mais valente do mundo. Não importa que seu cabelo esteja cortado, crescerá.

— Estou magra e feia… — choramingou ela, — e… quebrada.

— Não está quebrada. Está aqui, agora. As pessoas quebradas não caminham e jogam os ombros para trás como você, guerreira.

— Não quero que saibam o que me fizeram — murmurou aproximando de seu irmão, procurando a proteção de alguém que a compreendia perfeitamente.

— Eles não pressionarão, Daimhin. Só amarão. Querem tanto e respeitam tanto que embora doa tudo o que têm feito, a alegria de ver e ter vocês com eles novamente anula todo o resto.

— Quero ser forte como você — grunhiu a menina, limpando as lágrimas com raiva.

— Eu a ensinarei, querida. Ensinarei todos a lutar, a se defender. Ocuparemos-nos juntos de acordo? Mas quero que tenham claro uma coisa: o amor os manterá fortes, e seus pais têm muito disso para vocês.

— Quero ir, não é que não queira ir… — se justificou a menina, sem deixar de olhar seus dois pais loiros e belos. Ela já não era bela.

— Não se ama as pessoas porque são belas — disse Daanna com doçura, acariciando a linda carinha de Daimhin. — São belas porque as amam. Você é bonita. Daimhin, seja qual for o seu aspecto.

Daanna olhou para trás e viu Beatha preocupada, dando um passo à frente para ir e abraçar seus dois filhos perdidos. Ela acreditava que estavam mortos, como não ia se alegrar de ver o presente que a vida trouxera? Não importava o aspecto que tivessem, ela os queria ainda mais devido a isso.

Aileen estava olhando com atenção, enquanto recebia a todos os guerreiros recuperados. Queria controlar todos os estados de ânimo, os encontros e desencontros que viviam esses meninos. Mas Daimhin e Carrick eram de Daanna, só ela podia convencer.

— Um guerreiro não chora — murmurou o jovem Carrick, apartando o rosto.

Envergonhado por sua debilidade, por seu comportamento.

— Teu pai é um guerreiro temido e imortal, e juraria que o que brilha em suas bochechas e em suas pálpebras são lágrimas. Deixa de ser um guerreiro por elas?

Carrick tremia o queixo, seus olhos jovens e maltratados eram rios de dor.

Daanna puxou pelo queixo e obrigou a que a olhasse.

— Jamais obrigarei a nada, Carrick, só obrigarei que nunca abaixe o olhar. Quero que me olhe e me escute agora: é um guerreiro, Carrick. Você manteve a salvo a todos esses meninos que, como sua irmã, permaneciam presos hoje. Deu o rosto por eles, em mais de uma ocasião. — Daanna tomou as bochechas e aproximou seu rosto. — É um guerreiro porque nunca se preocupou com seu medo para defender os outros. Temos que aprender com vocês em muitos sentidos. Você e Daimhin são mais valentes do que todos que estão aqui. Sabem por quê?

Os irmãos choravam desesperadamente, com soluços dilaceradores que não podiam reprimir. Negaram com a cabeça. Como duas almas maltratadas poderiam saber que na realidade seu valor era incalculável?

— Por que os valentes são aqueles que levantam a cabeça e choram com o rosto descoberto, como vocês estão fazendo agora. Como faço eu. Como fazem seus pais. É próprio dos valentes demonstrar quem são e expressar sua dor. Vão com eles, por favor. Deixem que demonstrem o muito que amam e respeitam, não por ser quem são, senão por aquilo em que se converteram: guerreiros até o final.

Os irmãos se olharam e assentiram, decididos a confrontar a prova mais dura de todas: retomar suas vidas e caminhar para frente. Agarraram pela mão e se dirigiram para onde esperavam seus pais. Daimhin parou e girou para olhar Daanna e dizer:

— Me dará de presente uma katana? Quero uma das tuas.

Daanna assentiu enquanto retirava as lágrimas dos olhos.

— Quer uma das minhas?

— Quero uma das tuas, sim — respondeu a menina com convicção.

— E por quê?

— Porque quando for maior e sustente a espada em minhas mãos, saberei que é da mulher a quem quero parecer e recordarei que a Escolhida se encarregou de um exército de homens sozinha, porque escolheu, acima de tudo, a um grupo de meninos maltratados que acreditavam que já não serviam para nada. Você nos escolheu, Daanna. Eu escolho você como o reflexo que quero ver em meu espelho.

Carrick meio sorriu ante aquele comentário e foi então quando Daanna pôde ver, maravilhada, a idade real desse menino.

— Obrigado, Daanna — disse o jovem guerreiro.

Agradecida, levou as mãos à cara e começou a chorar enquanto os abraçava com força. E Gwyn rodeou a sua família, beijou Daimhin e acariciou com carinho a cabeça raspada de seu filho maior.

Depois de deixar às pessoas no Ragnarök, fizeram os preparativos para a cerimônia de despedida, e por fim, depois de tudo, podia voltar para casa e estar com seu cáraid para dizer como ele era importante para ela. Não queria mais despedidas tristes, queria desfrutar do tempo que ficavam antes da batalha final, e precisava assegurar que Menw compreendesse que ele era essencial para sua felicidade.

Caminhou para seu cáraid, movendo os quadris com sensualidade e parou a um metro de seu corpo.

— Está emocionada, amor? Ganhou um lugar no coração dessas pessoas. — Menw viu tudo em sua mente. Os membros perdidos dos clãs a adoravam e a admiravam como se fosse uma deusa, e não se importavam, Daanna era uma deusa para ele. Alargou os braços até ela e a agarrou pelos quadris, para aproximá-la a seu torso nu e deixar que suas peles se tocassem e reconhecessem seu verdadeiro lar.

— Sim — confessou ela com os olhos brilhantes. — Seu sangue e meu dom me levaram até eles, Menw. Obrigada.

— Me agradece? — juntou sua testa à dela. — Você me devolve à vida, me puxa pela mão antes que vá com Loki, e você agradece a mim? Faz com que me envergonhe, Daanna.

— Do que? — com o dedo indicador acariciou a covinha do queixo.

— De tudo em que me converti por minha própria vontade, por minha estupidez.

— Não é verdade. — Elevou o dedo e o posou sobre seus lábios. — Sua vontade foi de ferro. — Ficou nas pontas dos pés e acariciou os lábios com os seus.

Com aquele vestido elegante e descarado, com o cabelo meio preso e mechas de ébano que caíam pelas costas, aqueles olhos verdes que falavam e seu sorriso cheio de ternura e entrega. Menw abriu a boca e deixou que colocasse a língua pouco a pouco, quase em câmera lenta, ao tempo que aprofundava o beijo e se acoplava ao seu corpo como uma gata com vontade de carícias.

— Não quero mais fealdade, Menw. Não quero mais horror — disse solene, — faça amor comigo. Demonstre-me que há luz na escuridão, *Priumsa. An de ana tú sin air mo shon? A ghiall, na toir não sholas rhuam*[64].

— Por você daria minha vida, Daanna. Jamais te deixarei às escuras.

Ele rodeou sua cintura com os braços e a carregou até entrar na casa.

Caminhou com ela até sentar em uma poltrona engraçada sob um abajur de cor branca, e sentou com ela escarranchada sobre sua pélvis. Acariciou as nádegas.

Daanna gemeu em sua boca e rodeou o pescoço com os braços até enredar os dedos em seu cabelo loiro. Mordeu o lábio e seus olhos azuis clarearam.

Daanna sentiu que as presas formigavam e jogou a cabeça para trás, abrindo a boca para que pudessem sair totalmente. Menw viu a ponta afiada de suas presas e sentiu que explodiria.

— Me deixa sem fôlego, neném, — estendeu as mãos e abaixou as alças do vestido. Faminto, abriu a boca e meteu um mamilo na boca, para chupá-lo e mordê-lo com ânsia.

Daanna procurou seu pescoço, atirando a cabeça para trás e apartando-o de seu peito para expor a carótida, palpitante, cheia de vida e suculenta. Abriu a boca e mordeu, bebendo de sua luz, de sua alma, de seu sangue. Ele gritou e acariciou as costas enquanto movia sua pélvis contra o calor de Daanna, imitando o baile mais antigo de todos os tempos.

— Toca-me — ordenou, agarrando sua mão e colocando dentro de sua calça folgada. Não

[64] *Príncipe, não faria isso por mim? Por favor, não de deixe sem luz.*

usava cueca, assim que ela o encontrou rápido. Quente, suave, duro e grosso, — me acaricie.

Daanna o massageou enquanto seguia bebendo e desfrutou sentindo como crescia em sua mão.

— Nota como me alimenta suas mãos? Cada vez sou maior… — sussurrou, guiando sua mão e fazendo que o acariciasse lentamente.

Daanna retirou e lambeu as duas incisões das presas.

— Dá-me, *mo ghraidh* — pediu desejosa de senti-lo dentro, — dê-me isso.

Menw colocou as mãos sob seu vestido, rasgou a calcinha que pouco interessava se era lilás, verde, ou vermelha, ela não necessitava dela naquele momento e ele morreria sem ela. Com um grunhido, levantou um pouco e a colocou sobre a cabeça de sua ereção.

— Coloca dentro de você, pantera — sussurrou Menw sobre um de seus seios, lambendo com desespero.

Daanna se apoiou no respaldo da poltrona, com a outra mão aferrou seu pênis venoso e pouco a pouco se empalou. Ela mordeu o lábio inferior e explodiram as presas na boca. Menw mordeu a Daanna no peito e começou a beber, e isso fez que se cravasse, de repente.

Os dois ficaram imóveis, trementes, desfrutando daquele nível de união e intimidade. Daanna respirava agitada com o rosto oculto em seu pescoço. Menw bebia de seu sangue enquanto estava metido até o fundo.

— Menw — sussurrou Daanna em seu ouvido, acariciando seu cabelo loiro enquanto abraçava a ele com força e alimentava. Notou que ficava muito quieto. — Nunca mais me afaste de você. Nunca mais me quebre o coração. Nunca mais diga que você não gosta de meu aroma ou que não sou sua cáraid. Olhe-me, estou entregue a você por completo, com minha alma, com meu corpo, com meu sangue e meu coração. Nunca mais diga que não o amo ou que nunca o quis. *Byth eto*. Nunca mais. — A última vez que disseram isso, o contexto era muito diferente. Agora queria criar um novo, cheio de verdade e de carinho. — Se alguma vez senti que estava viva é porque você estava perto. E se alguma vez entreguei meu coração a alguém, essa única e última vez foi a você. É teu. Não importa que o tempo tenha nos mudado, acredito que a cada dia somos uma pessoa diferente, levantamos sendo de uma maneira e nos deitamos de outra, mas isso daqui — tomou a mão de Menw, levou-a ao nó perene de seu ventre e a deixou ali, enquanto ela colocava a sua sobre o coração, — é de verdade. O que há aqui é para sempre. Meu amor é teu. Para sempre. Prometi há dois mil anos. Amei, amo e amarei para sempre, *mo duine*, meu homem. Te amo, Menw — beijou seus lábios e sorriu ao ver que os olhos dele estavam cheios de lágrimas. — E prometo dizer isso todos os dias. Você curou meu coração, curador. Meu Eleito.

Menw tragou saliva, incorporou com as costas muito reta e, abraçando Daanna pela cintura, beijou-a. Beijou-a com todo o amor que sentia por ela. E começou a movê-la acima e abaixo, como se dançasse uma lambada. Daanna deixou que ele fizesse com ela o que quisesse. Quando o orgasmo arrasou tudo o que eram e podiam chegar a ser, Menw apoiou as costas de Daanna sobre suas coxas e se inclinou sobre ela, sustentando-a com as mãos em sua nuca.

— O tempo em que vivemos separados foi tão lento para mim, não deixava de esperar… — disse ele sobre seu sinal. — Quando comecei a temer que nunca me perdoaria, os dias adquiriram

outra velocidade, passavam mais rápidos. Sei que esta noite, em que celebramos o fato de poder estar juntos assim, será curta para nós, mas asseguro, meu amor, que o amor que sinto por você será eterno. Quero que seja a mãe de meus filhos, pantera. Que os defenda e que lute por eles como lutou por mim, por nós. Mas quero deixar claro algo: você é a mais importante e a mais especial em mim, assim que te amarei acima de tudo e de todos. Poderemos ter filhos, mas minha fidelidade e minha prioridade sempre será você. Se vier Aodhan, o quererei com toda minha alma, mas você é e será a proprietária de meu coração. Amo você, Daanna, não por ser como é, mas sim pelo homem no qual me converto quando estou com você, pelo homem que quer ser merecedor de cada sorriso e cada segundo que passe ao seu lado. *Is caoumh lium the, Daanna.*[65]— Apoiou sua testa em sua garganta e disse com voz quebrada. — Por ser a Escolhida de meu coração.

Capítulo 33

Dois dias mais tarde
Mascarada. Wiltshire.

A situação na Black Country mudou. Toda ajuda é necessária.

Beatha e Gwny recuperaram seus filhos, Daimhin e Carrick.

Ás e Caleb conseguiram arrumar suas diferenças, e mesmo assim, Caleb McKenna sabia perfeitamente que Ás Landín seguia guardando um segredo muito poderoso, algo que só ele sabia.

Cahal McCloud se retirou da zona só para se recuperar física e psicologicamente de tudo o que fizeram, e para isso levou Mizar Cerril, a filha adotiva de Patrick, membro fundador do Newscientists. O que acontecia entre eles, ninguém sabia, mas todos estavam seguros de que Cahal não trataria especialmente bem Mizar, sobre tudo depois de torturá-lo durante um interminável mês.

Por outro lado, Menw McCloud estudava todo o material que Ás e Caleb encontraram, além de trabalhar com suas pílulas suplementares e tentando encontrar o remédio para que as vaniras pudessem ter seus filhos com segurança. Menw se converteu em um autêntico salvador para o clã.

Daana, por sua parte ajudava Aileen, Ruth e Rise na escola e no Ragnarök, ao que também se uniu Maria. Daana, além disso, como Escolhida, estava encarregada de convocar os guerreiros espalhados pelo Midgard.

O lugar que Adam construiu para Ruth se erigia agora como um lugar de sanção e ajuda para aqueles que foram derrotados pela maldade do ser humano e os jotuns. Mas estavam derrotados, não mortos.

E todos foram ajudá-los e prepará-los para que pudessem seguir com suas vidas e dar uma mão, na esperada por todos, batalha final. As quatro humanas e as sacerdotisas estavam ali quase

[65] *Amo você Daanna.*

todo o dia, e tentavam dar uma mão no que fosse preciso. As sacerdotisas por sua parte disseram que novos humanos com dons e poderes queriam incorporar a sua equipe, e Caleb e Ás, sabiamente, estavam de acordo em que fizessem novas inscrições, sempre que passassem pelos exames prévios. Toda ajuda é necessária.

Os ânimos estavam muito esquentados. A guerra era iminente, e ninguém sabia como, nem quando se daria, mas o desejo era o mesmo em todos: acabar com Newscientists, os jotuns e Loki. No momento conseguiram destruir Newscientists da Inglaterra, Espanha, e também a central subterrânea onde estavam todos os membros sequestrados dos clãs.

Mas havia muitas mais e precisavam acabar com elas.

O que Newscientists fariam agora? Como funcionariam? O que era Hummus? Por que Nora o via em seus sonhos? Praticava o Seidr? Loki contatava com ele? Onde estava Lucius? O que pretendia fazer?

Pouco a pouco as fichas daquela complexa partida de xadrez foram tomando seu lugar na tabela. Mas quem era o Rei e quem era a Rainha?

Todas essas perguntas passavam pela mente de Noah enquanto bebia um pouco de hidromel bem frio, e observava, apoiado na parede, aquele baile de máscaras que Menw preparou para Daana. A razão? Seguiam vivos e recuperaram a sua gente, mas acima de tudo, o curador recuperou sua fé no amor. Por que não celebrar? A vida estava cheia de destruição, assim que um pouco de alegria não viria mau.

Fazia muito calor ali dentro, não gostava dos trajes tão ajustados e decidiu sair para o exterior. Tirou a máscara e colocou sobre a cabeça. Queria passear pelos jardins daquela linda casa de campo que Ás possuía em Wiltshire, com mais de quarenta hectares de campos e bosques, oito banheiros, um ginásio e vinte quartos com suítes, entre outros excessos.

No jardim frontal havia uma linda fonte onde Odin estava sentado em seu trono, com o Hugin e Munin. Lembrança e Pensamento, seus dois corvos. A boca dos corvos jogava água, e a fonte mudava de cor, do verde ao laranja, passando pelo vermelho e amarelo.

Noah se sentou na fonte e afrouxou a roupa. Tirou a adaga dada por Nanna. Uma adaga Gudinne, disse Hummus. Estudou com seus olhos amarelos. Havia umas inscrições na lâmina prateada, mas não as podia ler, eram letras caprichosas que desapareciam quando tentava as traduzir.

O ar crepitou e um trovão se ouviu ao longe. Do outro lado da fonte apareceu Nanna. Seu cabelo castanho encaracolado e comprido, com reflexos loiros mais claros, emoldurava o rosto. Estava vestida como se ela também fosse convidada do baile. Usava um precioso vestido vermelho e negro com um espartilho. Ao redor de seu elegante pescoço havia um colar de pérolas brancas e deslumbrantes. Estava com os ombros descobertos e uma singela máscara prateada. Noah levantou e, sem querer, a máscara que usava sobre a cabeça como diadema, abaixou de repente sobre seus olhos.

Nanna sorriu e o admirou, *Que homem de terno mais bonito,* pensou.

Noah recolocou a máscara branca sobre a cabeça.

— O que faz aqui? — perguntou arisco. — Não me diga que ganhou outra aposta.

— Entre outras coisas — respondeu Nanna. — Mas vim para ver como se encontra e me assegurar de que a ferida do…

— A ferida não cicatrizou, entende?

Nanna empalideceu e se sobressaltou. Seus olhos castanhos avermelhados completamente abertos.

— Como que não?

— Como que não! — gritou Noah com aborrecimento. — Pode explicar por quê?

Nanna negou com a cabeça e caminhou ao redor da fonte ao ver que Noah voltava a persegui-la.

— Não vá ratinho. Estou farto de jogar gato e rato com você. Vem aqui e me explique isso.

— Não! Não sei o que te dizer… Não há nada que tenha que me dizer você?

— A que se refere? — parou e franziu as sobrancelhas loiras sobre seus olhos amarelos.

— Algo… — moveu as mãos nervosamente. — Algo sobre você.

— Meu nome é Noah Thöryn e estou de muito saco cheio com você. É o único que precisa saber agora — a perseguiu pela fonte.

Nanna acelerou o passo até que se colocou sobre a cabeça de Odin.

— Se Ás vê-la subindo aí cortará suas pernas…

— Ás? O chefe do Comitatus — levantou uma sobrancelha marrom escura e sorriu.

— O amigo de Odin? Odin, meu procurador? — Nanna deixou claro que ninguém a castigaria por fazer o que estava fazendo. Ela estava protegida pelos deuses.

— Acha muito esperta, valkyria? — Noah deu um passo e entrou no poço.

— Noah, não comece com suas perseguições, não pode me tocar.

— Por que não?

— Porque não — respondeu ela terminante.

— Não me serve.

Antes que desse um salto e saísse da água para pular em cima dela, Nanna elevou uma mão, e subitamente um raio caiu sobre a água. Noah foi cruelmente eletrocutado, mas ainda assim seguia caminhando para ela enquanto os raios atravessavam a pele e percorriam seu sangue.

— Não é que não queira que me toque… — sussurrou Nanna, olhando com tristeza, sabendo que ele não ouviria muito do que ela dissesse nesse momento, enquanto estava escondida sobre a cabeça de Odin. — É que não pode fazer… Asynjur!

Um raio branco aterrissou sobre a cabeça de Hugin, ela o prendeu com as duas mãos, e subiu ao céu para retornar ao Vingólf, o lugar do qual procedia.

Noah caiu de bunda dentro da fonte e ficou olhando as estrelas, com o rosto elevado, os olhos mais amarelos do que nunca, a pele um pouco chamuscada, e extremamente aborrecido.

— Um dia te agarrarei, valkyria, e veremos se você não gosta.

***

Daanna movia os quadris e dançava no centro daquele círculo de humanos, vaniros e

berserkers que se converteram em seus amigos. Agora empurrava Menw para que o loiro dançasse com ela ao ritmo de *If I had you* de Adam Lambert. A vanira estava agitada, animada com o futuro, e cheia de esperança.

Quando o curador entrou no círculo e foi por ela, Daanna levantou o dedo indicador e ordenou que se aproximasse. Seu príncipe das fadas ia todo vestido de branco, com uma máscara dourada e um laço negro. Prendeu o cabelo em um rabo alto e deixou que sua trança bicolor caísse por cima de seu ombro, livre, como o amor que Daanna e ele se professavam.

Quem não vai se aproximar de você neném? Grunhiu Menw.

Daanna levava o cabelo preso em um modo baixo, com vários cachos soltos por todo o rosto. Usava um vestido vermelho escuro, com um espartilho cheio de pedraria da mesma cor, e uma máscara negra. Seus olhos verdes sorriam maliciosamente atrás do tecido negro, e seus lábios também sorriam.

Aileen e Caleb também dançavam e balançavam ao ritmo da música cheia de ritmo e energia. Aproveitando qualquer oportunidade para dar de presente mimos e beijos.

Adam optou por levantar Ruth e movê-la entre seus braços. Ruth já aprendeu que seu xamã não era homem de salsa, mas em troca se movia com o rock e o hip hop com prazer.

Em troca, Ás e Maria não paravam de se abraçar e balançar com uma sincronização deliciosa, provando que a elegância e a dança não eram incompatíveis.

Enquanto todos os membros dos clãs bebiam hidromel e batiam palmas, dançando como melhor sabiam, Daanna só tinha olhos para Menw.

— Obrigada por esta festa de máscaras, príncipe das fadas — o pegou pelas lapelas da camisa e o aproximou.

Menw levou as mãos a seu quadril e os dois começaram a oscilar com movimentos cheios de sensualidade.

— O que desejar minha princesa — respondeu, piscando um olho.

— Você gosta de como me vesti para você?

— Prefiro tirar a roupa, pantera — murmurou entre dentes.

Ela começou a rir.

Menw compreendeu que estava totalmente preso e apaixonado por essa mulher. O que não faria por ela? Tragou saliva e ficou nervoso como não ficava há séculos.

There's a thin between the dark side and the light side/baby tonight/
It's a struggle got rumble tryin' to find it

Há uma linha muito fina entre a luz e a escuridão
Esta noite, neném, tem que fazer tudo para cruzá-la.
Também se deteve.

but if had you, that would b the only thing I'd ever need Yeah if I had you, the money fame and fortune never could compete If I had you, life would b a party it'd b ecstasy Yeah if I had you

Mas se tivesse, seria a única coisa necessária
Se, se tivesse, o dinheiro, a fama e a fortuna nunca poderiam competir contra você
Se tivesse, a vida seria uma festa, seria o êxtase
Se, te tivesse

— Não sinto falta do sol, Daanna, nem sequer um pouco.

— Ah, não? — levantou uma sobrancelha coquete.

— Você é meu mais ansiado amanhecer.

Menw deixou de dançar enquanto os outros se moviam como loucos ao seu redor. Daanna franziu o cenho. Não queria dançar com ela?

— Quero você ao meu lado, Daanna. Sempre.

— E eu — sussurrou Daanna com voz tremente.

— Acredito que você e eu deveríamos ter feito isso dois mil anos atrás, e sei que não tem muito mais valor do que você e eu sabemos que sentimos um pelo outro, mas quero… Daanna, eu quero… Se casaria comigo?

Os olhos verdes de Daanna se encheram de lágrimas e escutou um, *Oh, meu Deus!* que exclamaram Aileen e Ruth de uma vez.

— Faria a honra de ser minha esposa? Casaria com o homem que arrancou das trevas, Daanna?

O queixo de Daanna tremeu e levou a mão ao coração. Era absurdo se emocionar por isso, já que não havia nada mais vinculante que o nó perene, mas ela sempre sonhou com um casamento de união de mãos celta. Como o que tiveram suas amigas Beatha, Inis e Shenna.

Menw entregou um saquinho de veludo vermelho. Daanna o abriu com mãos trementes e se encontrou com um lindo anel de pedras que simbolizavam o símbolo do infinito, representando o sol e a lua, um símbolo utilizado na cerimônia de união de mãos.

— O que me diz, preciosa? — olhava com seus olhos azuis, como se ainda pensasse que diria que não ou que pensaria.

Esse homem estava louco e ela estava louca por ele.

Daanna deu um salto sobre Menw e o beijou em toda a boca. Ele a abraçou e com ela atada a ele começou a dar voltas sobre si mesmo. Todos ali aplaudiram e dançaram ao ritmo da música, fazendo um círculo ainda maior ao redor do casal.

— Sim, é óbvio que digo que sim! — e o beijou de novo, fundindo seus lábios com os dele.

Juntos esperavam construir um futuro cheio de esperança para todos. Sua relação não foi fácil, eram duas pessoas marcadas pelos deuses e, entretanto, superaram os obstáculos. Menw e Daanna eram a clara demonstração de que o amor verdadeiro, o mais incondicional, era um ato eterno de perdão. E se havia algo que eles tinham era eternidade pela frente. E quando o perdão era dado, os milagres mais incríveis aconteciam.

Cha bhiodh doa, Allaidh[66].

Daanna e Menw arregalaram os olhos e ambos baixaram a vista ao ventre de Daanna. Ele passou à mão sobre seu nó perene debaixo do umbigo de Daanna, e ela o sustentou ali, ambos incrédulos pela vozinha que ouviram. A vanira mordeu o lábio e sorriu, enquanto Menw a beijava apaixonadamente e a elevava no ar.

Nas segundas oportunidades, é quando acontecem os milagres.

Epílogo

Suas feridas estavam sarando graças ao sangue daquela mulher que teve entre seus braços. Nada era mais importante que ela, nada importava mais que depender dela. Ele, que foi um homem a quem os deuses arrebataram a capacidade de sentir; ele, que teve seus poderes anulados, teve a má sorte de ser raptado por sua cáraid, à única que podia devolver a sensibilidade, as sensações e as emoções. Sua cáraid, uma mulher que dedicou a abri-lo em canais e fazer com ele tudo o que desejasse, provocando uma dor insuportável, uma dor que jamais experimentou nem como mortal, nem como imortal. E agora, aquela mulher estava em sua cama, cheia de dentadas por todos os lados, e o mais asqueroso era que a maioria não era dele.

A garota estava muito débil, já fez uma troca e foi à força, com ela consciente em todo momento. Se não desse seu sangue, a humana teria morrido. Esperava que seu sangue vaniro a ajudasse a suportar as feridas e a dor. E se sentia dor, que se fodesse, estaria bem que provasse de seu próprio remédio.

Cahal MacCloud estava cheio de ódio e acumulou muita raiva por ela, para o trabalho que aquela jovem desempenhava no Newscientists. Estando um mês fechado ali captou a dor dos outros e compartilhou com eles seus medos e seu sofrimento. Crianças, homens e mulheres… Merda, teria pesadelos durante todos os dias de sua vida escutando seus gritos e seus prantos descontrolados. E aquela canção, aquela canção de ninar gaélica, era o único que o manteve com forças.

Cahal se sentia um deles, mais uma vítima do Newscientists, de Lucius e Hummus, e estava em sintonia com os *cabeças raspadas*. Jurou acabar com esse sádico de merda. Assim que pudesse, depois de vincular Mizar a ele, iriam os dois em sua busca. Juntos. E Lucius morreria de ciúmes ao ver que ele encontrou sua cáraid e ainda por cima era Mizar, a mulher que ele queria para si. Mataria Lucius e o outro lobacho, Hummus.

Cahal se sentou frente ao espelho e olhou seu reflexo fixamente. Era ele de verdade? A tortura cobrou preço? Ou o pior foi saber que a mulher que a infringiu era seu par eterno? Como ela podia ser dele? Detestava a maldita?

Ele era um druida. Um druida que teve seus poderes roubados por um engano do passado.

[66] *Já era hora papai.*

Um homem a quem roubaram a sensibilidade e que, como imortal, nunca desfrutou do que era sequer um beijo. Quando beijava ou quando abraçava, o fazia porque acreditava que devia fazê-lo, mas não sentia nada com isso. Todos acreditavam que era um paquerador, que cada noite se deitava com uma mulher diferente… E o fez, porque precisava encontrar urgentemente aquela que devolveria à vida. Mas estavam equivocados se acreditavam que desfrutou estando com as mulheres com que deitou! Não sentia nada. Zero.

Entretanto, Mizar, a bruxa loira, o deslocou e devolveu tudo isso ao tocá-lo pela primeira vez. Um toque maldito.

Horas atrás, enquanto bebia dela, jogado naquela maldita maca metálica dos túneis do Capel-le-Ferne, gritou e suplicou que não fizesse. E, é óbvio, não fez nenhum caso. Mordeu-a sem nenhum tipo de remorso. A mulher merecia estar presa a ele. E ele, certamente merecia estar com ela. Ela não era uma santa e, tampouco, ele.

Cahal pegou o barbeador e o ligou.

Mizar devolveria a ele o dom arzaid. E com o dom, o mesmo que Lucius queria que concedesse, ele poderia ajudar os Vaniros e os berserkers no Ragnarök. Sua magia deveria servir. Apertou a mandíbula e olhou o espelho, e logo olhou aborrecido a Mizar, que tremia e voltava a ter pesadelos. O que devia fazer?

O primeiro era o primeiro. Raspou o cabelo comprido, loiro e manchado de sangue. E passou as mãos pela cabeça. Ele era mais um que foi torturado naqueles túneis. Ele adorava seu cabelo, seu gesto de identidade, mas Mizar arrancou mechas algumas vezes enquanto a forçava a beber seu sangue, e se aquela mulher o fazia sentir dor de novo, simplesmente, a mataria, já teve suficiente de seus jogos sádicos.

Jogou o cabelo no chão e o colocou no lixo. Deu meia volta e observou como o cabelo dourado e liso de Mizar cobria todo o travesseiro como um manto.

Aproximou da cama e se sentou nu diante dela. Estava certo que ela nem sequer recordava que se banharam nus, que limpou o sangue seco do corpo e desinfetou suas feridas. Acariciou até não poder mais e ela lutou por não reagir todas e cada uma das vezes, e fracassou todas e cada uma das vezes. Pobre garota perdida.

Afastou o lençol e deixou seu corpo nu descoberto. Mizar era espantosa. As pernas eram longas e finas, e possuía curvas muito definidas e esbeltas. O vaniro estirou ao seu lado e os cobriu aos dois para manter quentes.

— Por que, Mizar? Esperei todo este tempo só para que me castigue? — sussurrou, inalando seu aroma de morango. — O que fazia com as mulheres? Se na realidade não gosta. — murmurou sobre seu cabelo.

Viu as lembranças e as experiências da jovem. Entretanto, algo estava claro: sua cáraid não era lésbica. Nem pensar. Só se protegia daquilo que dava medo. Os homens. Pequena piada, ele não era o mais indicado para que ela deixasse de temer o sexo oposto.

Queria estar com ela, não se enganaria, mas não com toda a raiva e impotência que sentia para aquela mulher. Não com a ira à frente. Era um coquetel cheio de sentimentos contraditórios. Sabia apenas que ainda faltavam mais duas trocas de sangue para transformá-la em vanira. E faria.

Pensava convertê-la naquilo que ela maltratou e odiou.

E se ela cedesse e apreciasse o dom que ele ofertava como imortal, talvez pudesse mostrar a magia da noite e amá-la como ele a amava.

Estava amanhecendo.

— Luz. Persianas. — Disse com voz rouca. Depois de tanto gritar suas cordas vocais ainda estavam doloridas. Todas as luzes, exceto a da mesinha de noite, apagaram, e as persianas desceram de maneira automática, protegendo-os do sol.

Apoiou em uma mão e ficou olhando como dormia sua maldita cáraid.

— Fodido destino. — Murmurou abatido, passando o indicador pelo nariz da jovem. — Está preparada para a noite, neném? — sorriu malicioso…

Fim



**** Essa tradução foi feita apenas para leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.
Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.
Respeite o grupo e as revisoras.

Nota da Revisora Cris Reinbold

Este e um livro com muitas situações de trechos de músicas que diz e expressa o sentimento no momento dos personagens, só que elas não aparecem na íntegra. Então coloquei as letras e as traduções para quem quiser.

Cry

I'm not the type to get my heart broken
I'm not the type to get upset and cry
Cause I never leave my heart open
Never hurts me to say goodbye
Relationships don't get deep to me
Never got the whole in love thing
And someone can say they love me truly
But at the time it don't mean a thing
My mind is gone
I'm spinning round
And deep inside
My tears I'll drown
I'm loosing grip
What's happening?
I stray from love
This is how I feel

This time was different
Felt like I was just a victim
And it cut me like a knife
When you walked out of my life
Now I'm in this condition
And I've got all the symptoms
Of a girl with a broken heart
But no matter what
You'll never see me cry

Did it happened when we first kiss?
Cuz it's hurting me let it go
Maybe cuz we spent so much time
And I know that is no more
I should have never let you hold me baby
Maybe why I'm sad to see us apart
I didn't give it to you on purpose
Can't figure out how you stole my heart

My mind is gone
I'm spinning round

And deep inside
My tears i'll drown
I'm loosing grip
What's happening?
I stray from love
This is how I feel

This time was different
Felt like I was just a victim
And it cut me like a knife
When you walked out of my life
Now I'm in this condition
And I've got all the symptoms
Of a girl with a broken heart
But no matter what
You'll never see me cry

How did I get here with you?
I'll never know
I never meant to let it get so personal
And after all I tried to do
To stay away from love with you
I'm broken-hearted
I can't let you know
And I won't let it show
You won't see me cry

This time was different
Felt like I was just a victim
And it cut me like a knife
When you walked out of my life
Now I'm in this condition
And I've got all the symptoms
Of a girl with a broken heart
But no matter what
You'll never see me cry

This time was different
Felt like I was just a victim
And it cut me like a knife

When you walked out of my life
Now I'm in this condition
And I've got all the symptoms
Of a girl with a broken heart
But no matter what
You'll never see me cry
All my life

Chorar

Eu não sou do tipo que fica com o coração partido
Eu não sou do tipo que fica irritada e chora
Porque eu nunca deixo meu coração aberto
Dizer adeus nunca me machuca
Relacionamentos não se tornam profundos para mim
Nunca entendi direito essa coisa de amor
E alguém pode dizer que me amou de verdade
Mas nesse momento, não significa nada

Minha mente se foi
Estou girando
E bem aqui dentro
Afogarei minhas lágrimas
Estou perdendo a cabeça
O que está acontecendo?
Eu me afasto do amor
É assim que me sinto

Dessa vez foi diferente
Me senti como se eu fosse só uma vítima
E me cortou como uma faca
Quando você saiu da minha vida
Agora estou nessa condição
E eu tenho todos os sintomas
De uma garota com o coração partido
Mas não importa o que aconteça,
Você nunca me verá chorar

Aconteceu quando nos beijamos pela primeira vez?
Porque esquecer tudo está me machucando

Talvez porque passamos muito tempo juntos
E eu sei que não acontecerá mais
Eu nunca deveria ter te deixado me abraçar, querido
Talvez por que eu estou triste de nos ver separados?
Eu não me dei a você de propósito
Tenho que descobrir como você roubou meu coração

Minha mente se foi
Estou girando
E bem aqui dentro
Afogarei minhas lágrimas
Estou perdendo a cabeça
O que está acontecendo?
Eu me afasto do amor
É assim que me sinto

Dessa vez foi diferente
Me senti como se eu fosse só uma vítima
E me cortou como uma faca
Quando você saiu da minha vida
Agora estou nessa condição
E eu tenho todos os sintomas
De uma garota com o coração partido
Mas não importa o que aconteça,
Você nunca me verá chorar

Como cheguei até aqui com você?
eu nunca saberei
Eu nunca quis deixar isso ficar tão pessoal
Depois de tudo que tentei fazer
ficar longe de te amar
Estou com o coração partido
Eu não posso deixar você saber disso
E eu não deixarei transparecer
Você nunca me verá chorar

Dessa vez foi diferente
Me senti como se eu fosse só uma vítima
E me cortou como uma faca
Quando você saiu da minha vida

Agora estou nessa condição
E eu tenho todos os sintomas
De uma garota com o coração partido
Mas não importa o que aconteça,
Você nunca me verá chorar

Dessa vez foi diferente
Me senti como se eu fosse só uma vítima
E me cortou como uma faca
Quando você saiu da minha vida
Agora estou nessa condição
E eu tenho todos os sintomas
De uma garota com o coração partido
Mas não importa o que aconteça,
Você nunca me verá chorar
Toda minha vida

My Skin (Natalie Merchant)

Take a look at my body
Look at my hands
There's so much here that I don't understand
Your face-saving promises
Whispered like prayers
I don't need them
'cause I've been treated so wrong,
I've been treated so long
As if I'm becoming untouchable
Well, contempt loves the silence, it thrives in the dark
With fine winding tendrils that strangle the heart
They say that promises sweeten the blow
but I don't need them, no I don't need them
I've been treated so wrong,
I've been treated so long
As if I'm becoming untouchable
I'm a slow-dying flower
In the frost-killing hour
Sweet turning sour and untouchable
I need the darkness, the sweetness, the sadness, the weakness

Oh I need this
I need a lullaby, a kiss goodnight, angel, sweet love of my life
Oh I need this
I'm a slow-dying flower
Frost-killing hour
The sweet turning sour and untouchable
Do you remember the way that you touched me before
All the trembling sweetness I loved and adored
Your face-saving promises
Whispered liked prayers
I don't need them
I need the darkness, the sweetness, the sadness, the weakness
Oh, I need this
I need a lullaby, a kiss goodnight, angel, sweet love of my life
Oh, I need this
Well is it dark enough
Can you see me
Do you want me
Can you reach me
Oh, I'm leaving
Better shut your mouth, and hold your breath
You kiss me now, you catch your death
Oh, I mean this
Oh, I mean this

Minha Pele

Olhe para o meu corpo
Olhe para minhas mãos
Há muita coisa neles que eu não entendo
Seu rosto que guarda promessas sussurradas como reza
Eu não preciso delas
Porque eu tinha sido tratada tão mal
Eu fui tratada assim durante tanto tempo
Como se eu estivesse me tornando intocável
Bem, desprezo amar o silêncio, ele prospera na escuridão
Com finos rebentos que estrangulam o coração
Eles dizem que promessas adoçam a desgraça

Mas eu não preciso delas, não eu não preciso delas
Eu fui tratada tão mal
Eu fui tratada assim durante muito tempo
Como se estivesse me tornando intocável
Eu sou uma flor que morre lentamente
No temporal da geada assassina
Doce virada amarga e intocável
Preciso da escuridão, da doçura, da tristeza, das fraquezas
Ah eu preciso disso
Preciso de uma canção de ninar, de um beijo de boa noite, anjo, doce amor da minha vida
Ah eu preciso disso
Sou uma flor que morre lentamente
Temporal da geada assassina
A doce virada amarga e intocável
Você se lembra da maneira que você me tocou antes?
Toda a tremedora doçura eu amei e adorei
Seu rosto que guarda promessas sussurradas como reza
Eu não preciso delas
Preciso da escuridão, da doçura, da tristeza, das fraquezas
Ah eu preciso disso
Preciso de uma canção de ninar, de um beijo de boa noite, anjo, doce amor da minha vida
Ah eu preciso disso
Bem, está muito escuro
Você pode me ver?
Você me quer?
Você pode me alcançar?
Ah, estou indo
Melhor fechar sua boca e prender sua respiração
Você me beija agora, você guarda sua morte
Ah, eu falo sério
Ah, eu falo sério

Broken-hearted Girl (Beyoncé)

You're everything I thought you never were

And nothing like I thought you could've been
But still, you live inside of me, so tell me how is that?
You're the only one I wish I could forget
The only one I love to not forgive
And though you break my heart, you're the only one
And though there are times when I hate you
'Cause I can't erase
The times that you hurt me and put tears on my face
And even now, while I hate you, it pains me to say
I know I'll be there at the end of the day

I don't wanna be without you, babe
I don't want a broken heart
Don't wanna take a breath without you, babe
I don't wanna play that part
I know that I love you, but let me just say
I don't wanna love you in no kind of way, no no
I don't want a broken heart
I don't wanna play the broken-hearted girl
No, no, I'm no broken-hearted girl

There's something that I feel I need to say
But up til' now I've always been afraid that you would never come around
And still I wanna put this out

You say you've got the most respect for me
But, sometimes I feel you're not deserving of me
And still, you're in my heart
But you're the only one
And yes, there are times when I hate you, but I don't complain
'Cause I've been afraid that you would walk away
Oh, but now I don't hate you
I'm happy to say
That I will be there at the end of the day

I don't wanna be without you, babe
I don't want a broken heart
Don't wanna take a breath without you, babe
I don't wanna play that part
I know that I love you, but let me just say

I don't wanna love you in no kind of way, no no
I don't want a broken heart
I don't wanna play the broken-hearted girl
No, no, no broken-hearted girl

Now I'm at a place I thought I'd never be, ooh
I'm living in a world that's all about you and me, yeah
Ain't gotta be afraid, my broken heart is free to spread my wings and fly away, away with you....

I don't wanna be without my baby
I don't want a broken heart
Don't wanna take a breath without my baby
I don't wanna play that part
I know that I love you, but let me just say
I don't wanna love you in no kind of way, no no
I don't want a broken heart
I don't wanna play the broken-hearted girl
No, no, no broken-hearted girl
Broken-hearted girl
No, no, no broken-hearted girl

Garota de Coração Partido

Você é tudo o que eu achava que nunca seria
E nada como eu pensei que poderia ter sido
Mesmo assim, você vive dentro de mim, então me diga como é isso?
Você é o único que eu desejo poder esquecer
O único que eu amo para não perdoar
E apesar de você quebrar meu coração, você é o único.
E apesar de existir momentos que eu odeio você
Porque eu não posso apagar
Os momentos que você me machucou, e pôs lágrimas no meu rosto
E até agora, enquanto eu odeio você, me dói dizer
Eu sei que estarei lá no final do dia

Eu não quero ficar sem você, amor
Eu não quero um coração partido
Não quero respirar sem você, amor
Eu não quero ter esse papel

Eu sei que amo você, mas me deixe dizer
Eu não quero amar você de nenhuma maneira, não não
Eu não quero um coração partido
Eu não quero ser a garota de coração partido
Não, não, nenhuma garota de coração partido

Há uma coisa que eu sinto que preciso dizer
Mas até agora eu sempre tive medo
Que você nunca chegasse perto
E eu ainda quero botar isso pra fora

Você diz que tem o maior respeito por mim
Mas as vezes eu sinto que você não me merece
E ainda assim você está no meu coração
Mas você é o único
E sim, há momentos em que eu odeio você, mas eu não reclamo
Porque eu tive medo de que você fosse embora
Oh, mas agora eu não odeio você
Eu estou feliz em dizer
Que eu estarei lá no final do dia

Eu não quero ficar sem você, amor
Eu não quero um coração partido
Não quero respirar sem você, amor
Eu não quero ter esse papel
Eu sei que amo você, mas me deixe dizer
Eu não quero amar você de nenhuma maneira, não não
Eu não quero um coração partido
Eu não quero ser a garota de coração partido
Não, não, nenhuma garota de coração partido

Agora eu estou em um lugar que eu nunca pensei que estaria, ohh
Eu estou vivendo em um mundo que é tudo sobre você e eu, yeah
E eu não terei medo, meu coração partido está livre
Para abrir minhas asas e voar para longe, para longe com você

Eu não quero ficar sem você, amor
Eu não quero um coração partido
Eu não quero respirar sem meu amor
Eu não quero ter esse papel

Eu sei que amo você Mas me deixe dizer
Eu não quero amar você de nenhuma maneira, não não
Eu não quero um coração partido
Eu não quero ser a garota de coração partido
Não, não, nenhuma garota de coração partido
Garota de coração partido
Não, não, nenhuma garota de coração partido

www.vagalume.com.br